UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE - FURG
INSTITUTO DE LETRAS E ARTES – ILA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS
DOUTORADO EM LETRAS

JULIANA GARCIA RODRIGUES SWOBODA

"INOCENTES EPÍSTOLAS": AS CARTAS DE SIMPLÍCIO CARAPUCEIRO (1862), JOÃO DAS MENTIRAS (1863) E VISITA DAS PRIMINHAS (1864-1866) COMO TEXTO LITERÁRIO NO JORNAL *DIÁRIO DO RIO GRANDE*

RIO GRANDE
2026

JULIANA GARCIA RODRIGUES SWOBODA

"INOCENTES EPÍSTOLAS": AS CARTAS DE SIMPLÍCIO CARAPUCEIRO (1862), JOÃO DAS MENTIRAS (1863) E VISITA DAS PRIMINHAS (1864-1866) COMO TEXTO LITERÁRIO NO JORNAL *DIÁRIO DO RIO GRANDE*

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande – FURG, como requisito parcial para a obtenção do título de Doutor em Letras.

Orientador: Dr. Francisco das Neves Alves

RIO GRANDE
2026

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE - FURG
INSTITUTO DE LETRAS E ARTES - ILA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS – PPGLETRAS

ATA DE DEFESA DE TESE nº 13/2026

No dia sete de outubro de dois mil e vinte e seis, através de reunião híbrida, realizou-se a defesa de tese no PPGL – FURG, da doutoranda Juliana Garcia Rodrigues Swoboda, intitulada: "**"Inocentes epístolas": as cartas de Simplício Carapuceiro (1862), João das Mentiras (1863) e Visita das priminhas (1864-1866) como texto literário no Jornal Diário do Rio Grande**". A sessão foi aberta às catorze horas pelo Dr. Francisco das Neves Alves (FURG), orientador da tese e presidente da Comissão de Avaliação que também foi composta por Dra. Derocina Alves Campos Sosa (FURG), Dr. Mauro Nicola Póvoas (FURG), Dr. Alvaro Santos Simões Junior (UNESP/Assis) e Dra. Isabel Maria da Cruz Lousada (Universidade Nova de Lisboa). Depois da apresentação, arguição e respostas, a Comissão decidiu que APROVA a doutoranda neste requisito parcial e último para a obtenção do grau de Doutor em Letras, na área de concentração em História da Literatura. Após, o presidente publicou o resultado e encerrou a sessão, da qual foi lavrada a presente ata.

gov.br Documento assinado digitalmente
FRANCISCO DAS NEVES ALVES
Data: 14/10/2026 20:44:44-0300
Verifique em https://validar.iti.gov.br

Dr. Francisco das Neves Alves (Orientador - FURG)

gov.br Documento assinado digitalmente
DEROCINA ALVES CAMPOS SOSA
Data: 23/10/2026 22:22:24-0300
Verifique em https://validar.iti.gov.br

Dra. Derocina Alves Campos Sosa (FURG)

gov.br Documento assinado digitalmente
MAURO NICOLA POVOAS
Data: 16/10/2026 11:16:26-0300
Verifique em https://validar.iti.gov.br

Dr. Mauro Nicola Póvoas (FURG)

gov.br Documento assinado digitalmente
ALVARO SANTOS SIMOES JUNIOR
Data: 19/10/2026 18:05:12-0300
Verifique em https://validar.iti.gov.br

Dr. Alvaro Santos Simões Junior (UNESP/Assis)

Assinado por: Isabel Maria da Cruz Lousada
Num. de Identificação: BI06070907
Data: 27-10-2026 13:59:49 +00:00
CHAVE MÓVEL

Dra. Isabel Maria da Cruz Lousada (Universidade Nova de Lisboa)

S979i Swoboda, Juliana Garcia Rodrigues
"Inocentes epístolas": as cartas de Simplício Carapuceiro (1862), João das Mentiras (1863) e visita das priminhas (1864-1866) como texto literário no jornal diário do Rio Grande / Juliana Garcia Rodrigues Swoboda. – 2026.
498f.

Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Rio Grande – Programa de Pós-Graduação em Letras, 2026.

Orientadora: Dr. Francisco das Neves Alves

1. Gênero epistolar. 2. Diário do Rio Grande. 3. Imprensa oitocentista. I. Alves, Francisco das Neves II. Título

CDU 81/82

Catalogação na fonte: Bibliotecária Doris Santana CRB10/1806

RESUMO

A pesquisa intitulada “Inocentes epístolas”: as cartas de Simplício Carapuceiro, João das Mentiras e Visita das Priminhas examina a relevância do gênero epistolar publicado no *Diário do Rio Grande* (1848-1910), um corpus ainda pouco explorado pela historiografia literária. O estudo sustenta a hipótese de que o jornal operou como um espaço de experimentação literária, no qual autores puderam desenvolver e testar formas narrativas ficcionalizadas, especialmente por meio da linguagem e da estrutura próprias da escrita epistolar.

Palavras-chave: Gênero epistolar; Diário do Rio Grande; imprensa oitocentista.

ABSTRACT

The research titled “Innocent Epistles: The Letters of Simplício Carapuceiro, João das Mentiras, and Visita das Priminhas” examines the relevance of the epistolary genre published in *Diário do Rio Grande* (1848–1910), a corpus still scarcely explored by literary historiography. The study supports the hypothesis that the newspaper functioned as a space for literary experimentation, in which authors were able to develop and test fictionalized narrative forms, particularly through the language and structure characteristic of epistolary writing.

Keywords: Epistolary genre; *Diário do Rio Grande*; nineteenth-century press.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Primeira edição do Diário do Rio Grande 33
Figura 2 - Primeira Carta do Simplicio 85
Figura 3 - Primeira Carta de João das Mentira 103
Figura 4 - Primeira Carta de Visita das Priminhas 116

SUMÁRIO

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS 7
2 IMPRENSA PERIÓDICA BRASILEIRA E SUA RELAÇÃO COM A LITERATURA 13
2.1 O BRASIL COLONIAL E OS PRIMÓRDIOS DE UM ENLACE 15
2.2 A EMANCIPAÇÃO BRASILEIRA – LITERATURA E IMPRENSA, UMA UNIÃO CONSUMADA 18
2.3 A PALAVRA IMPRESSA NO RIO GRANDE DO SUL – BREVES APONTAMENTOS 23
2.4 IMPRENSA E LITERATURA NA CIDADE DO RIO GRANDE 28
3 O JORNAL *DIÁRIO DO RIO GRANDE* E SUA RELAÇÃO COM A LITERATURA 33
3.1 FOLHETIM 39
3.2 POESIA 59
4 CARTAS COMO GÊNERO LITERÁRIO 81
4.1 SIMPLÍCIO CARAPUCEIRO 85
4.2 JOÃO DAS MENTIRAS 103
4.3 VISITA DAS PRIMINHAS 116
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS 130
FONTES DE PESQUISA 140
REFERÊNCIAS 141
ANEXOS 147

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O presente trabalho se insere no âmbito da História da Literatura, contemplando duas linhas de pesquisa do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande (FURG) – *Literatura, História e Memória Literária*, que visa ao estudo das relações entre Literatura e História; e *Literatura Sul-Rio-Grandense,* que tem por objetivo o estudo do sistema literário regional a partir de perspectivas fornecidas pela História da Literatura.

Meu percurso como pesquisadora iniciou-se na graduação em Jornalismo na Universidade Católica de Pelotas (UCPel), com uma bolsa de iniciação científica, na qual desenvolvi a pesquisa sobre o Movimento dos Sem-Terra (MST) e o jornal *Zero Hora*, sob orientação do professor Fabio Cruz. Antes de concluir o curso de Jornalismo, ingressei na Universidade Federal de Pelotas (UFPel) no curso de Letras/Português. Sou uma jornalista formada em Letras.

Ao ingressar no Programa de Mestrado em História da Literatura na Universidade Federal do Rio Grande (2015), tinha planejado trabalhar com o acervo da Biblioteca do Clube Caixeiral de Pelotas. No entanto, na disciplina “Imprensa e História”, ministrada pelo professor Francisco Alves, conheci o jornal *Violeta* e sua redatora Julieta de Melo Monteiro, não tendo receio em mudar meu objeto de pesquisa, por considerar o resgate do jornal *Violeta* mais significativo que a minha proposta anterior.

Concluí o mestrado no ano de 2017 e minha dissertação teve como objetivo uma análise dos textos literários publicados – voltados exclusivamente para o público feminino – no impresso *Violeta,* que circulou em Rio Grande (RS) de 1878 a 1879 e que teve Julieta de Mello Monteiro como proprietária e redatora. Cabe destacar que a dissertação estava vinculada à linha de pesquisa "Literatura sul-rio-grandense" e “Escrita Feminina” e também ao projeto “Dicionários de autores de Rio Grande no século XIX”, coordenado pelo professor Artur Emílio Alarcon Vaz. Meu trabalho buscou analisar como o periódico *Violeta* contribuiu para a formação e a consolidação do sistema literário sul-rio-grandense, de acordo com os pressupostos teóricos abordados por Itamar Even Zohar em sua Teoria dos Polissistemas. O foco da dissertação foi a análise dos textos literários publicados no *Violeta,* considerando o contexto de produção no qual o jornal estava inserido, contribuindo para a reconstrução de uma historiografia literária em que as produções femininas do século XIX obtenham visibilidade.

No ano de 2017 ingressei como servidora na Universidade Federal do Rio Grande, cargo de jornalista, atuando na Secretaria de Comunicação (SECOM) e trabalhando em produtos para rádio e TV da universidade.

Em 2019, juntamente com a minha colega jornalista Tammie Sandri, com o Professor Artur Vaz e com a Professora Núbia Hanciau, desenvolvemos o projeto "Escritoras Rio-grandinas", que foi pensado para ser uma série de 30 program etes de literatura sobre mulheres rio-grandinas pioneiras e destaques na área, a serem veiculados na FURGFM, com possibilidade de produção de audiovisual, em outra etapa, para exibição no canal da universidade no Youtube. A primeira temporada deste projeto está em fase de edição e selecionamos para esta etapa as escritoras Maria Clemência da Silveira Sampaio, Delfina Benigna da Cunha, Revocata Figueroa de Melo, Julieta de Melo Monteiro, Revocata Heloisa de Melo e Carmen da Silva. Ao retomar este trabalho de seleção e gravação dos textos dessas escritoras, que coincidiu com o término do meu estágio probatório, foi que retornei às pesquisas na Biblioteca Rio-Grandense e surgiu a ideia da proposta de pesquisa com o jornal *Diário do Rio Grande*.

O intuito do presente estudo é mostrar a relevância do gênero epistolar que circulou no jornal *Diário do Rio Grande* (1848-1910) e que ainda é pouco conhecido ou levado em consideração pela historiografia literária. O *Diário do Rio Grande* constituiu-se em uma das mais significativas publicações gaúchas, figurando entre as primeiras folhas sul-rio-grandenses de periodicidade diária a assegurar uma circulação por mais de seis décadas de existência. "Sua longevidade chegou a permitir-lhe que se autoproclamasse como decano da imprensa do Rio Grande" (Alves, 2002, p. 157). A imprensa neste período foi fundamental como suporte principal das manifestações literárias que tiveram início na década de 1830 e marcaram o surgimento da literatura sulina, cujo desenvolvimento se processou de forma lenta em razão de diversas circunstâncias. A década de 1860 marcou o fortalecimento da imprensa e as iniciativas mais bem sucedidas em relação às publicações literárias.

A década de 1860 constituiu um período de reconfiguração significativa para a imprensa no Rio Grande do Sul, marcada tanto pela ampliação do número de periódicos quanto pela diversificação de seus perfis editoriais. Inserida em um contexto nacional de consolidação do Estado imperial, de expansão das redes de sociabilidade letrada e de intensificação dos debates políticos, a imprensa gaúcha passou a desempenhar papel central na mediação das disputas ideológicas e na formação da opinião pública.

Em termos estruturais, a década é caracterizada pela progressiva modernização dos meios tipográficos, o que possibilitou maior regularidade na circulação e ampliou a capacidade de produção textual. Os jornais, antes restritos a tiragens modestas e funcionamento irregular, tornaram-se mais estáveis e começaram a constituir uma esfera pública regional mais articulada. Nesse período, observa-se também a consolidação de periódicos vinculados a grupos políticos

e intelectuais, que utilizavam a imprensa como instrumento de afirmação identitária e de intervenção no debate público.

Do ponto de vista temático, os jornais da década de 1860 passaram a refletir discussões sobre o pós-Revolução Farroupilha, a reorganização das elites provinciais, a questão escravista, o federalismo e as tensões partidárias entre liberais e conservadores. Além disso, cresce a presença de textos literários, crônicas e folhetins, acompanhando uma tendência nacional em direção à hibridização dos gêneros e à formação de um público leitor mais amplo.

Para o desenvolvimento da pesquisa, *Inocentes epístolas: as cartas de Simplício Carapuceiro, João das Mentiras e Visita das Priminhas*, nos guiamos pela hipótese de que o jornal *Diário do Rio Grande* funcionou como uma espécie de "experimento" para divulgação de pequenas narrativas ficcionais, em que escritores testaram a linguagem e o gênero epistolar. Entendemos também que a utilização desse gênero não foi específica da imprensa rio-grandina, mas sim integra as manifestações literárias da imprensa brasileira do século XIX. *Carapuças aéreas* são um conjunto de 15 cartas publicadas no rodapé do *Diário do Rio Grande* que tiveram início em maio de 1862 e terminam em novembro do mesmo ano. Os textos, escritos em verso, são assinados por Simplício Carapuceiro e destinados à sua filha Conegundes com o intuito de informar as novidades que se passavam no cotidiano pelotense. Em abril de 1863, na editoria de correspondência, conhecemos o João das Mentiras que escreve para seu compadre Juca Chalaça, um conjunto de sete cartas, que foram divulgadas até julho de 1863 com objetivo de "entreter ao compadre". *Visita das Priminhas* foi o mais longo conjunto de textos analisados no presente trabalho, foram 30 cartas, publicadas de junho de 1864 até novembro de 1866, intitulada *Palestra Pelotense – Visita das Priminhas,* os textos, assim como João das Mentiras, foram divulgados na editoria de correspondência e narram encontros entre duas primas, que como nos outros textos analisados, discutem a vida pelotense. As cartas durante o século XIX estavam incluídas entre os gêneros da literatura nacional, assim como a biografia, a oratória e as viagens. "No século XX, critérios anacrônicos e alheios ao passado começaram a determinar os objetos que deveriam ser incluídos sob o epíteto da literatura, processo responsável pelo apagamento de alguns desses gêneros, entre eles o epistolar e suas infinitas possibilidades de composição" (Barbosa, 2007). É necessário pensarmos na inserção da carta no âmbito dos objetos literários, que englobava todos os elementos da retórica, da poética e das composições escritas reconhecidas como literatura, cujo conceito estético favorecia determinados gêneros, foi anacronicamente estendida a todos os objetos do século XIX.

O presente trabalho visa a analisar a relevância do gênero epistolar veiculado no jornal *Diário do Rio Grande* (1848-1910), especialmente na década de 1860, compreendendo-o como

manifestação literária inserida no sistema da literatura sul-rio-grandense do século XIX e problematizando seu apagamento pela historiografia literária posterior. Além disso, procura-se: contextualizar o desenvolvimento da imprensa brasileira e sul-rio-grandense no século XIX, com ênfase no papel do jornalismo como território das manifestações literárias no Rio Grande do Sul; apresentar a trajetória histórica e editorial do jornal *Diário do Rio Grande*, destacando sua importância na formação da esfera pública e da vida literária regional; investigar as transformações estruturais e temáticas da imprensa gaúcha na década de 1860, relacionando-as aos debates políticos, sociais e culturais do período; analisar os conjuntos epistolares *Carapuças aéreas, João das Mentiras* e *Visita das Priminhas*, considerando suas características formais, temáticas e retóricas; examinar o uso do gênero epistolar como estratégia literária e experimental no *Diário do Rio Grande*, compreendendo o jornal, não só como suporte mas também como espaço de experimentação de linguagens e gêneros ficcionais; discutir a inserção da carta no âmbito dos gêneros literários do século XIX, problematizando critérios anacrônicos que contribuíram para sua marginalização nas histórias literárias do século XX; e contribuir para a revisão da historiografia da literatura sul-rio-grandense por meio do retorno às fontes primárias, recuperando textos, autores e gêneros excluídos do cânone literário.

O trabalho com fontes primárias, neste caso, o jornal *Diário do Rio Grande*, permite a reconstituição da vida literária do século XIX e início do século XX no extremo sul do estado. Pesquisas como esta têm por finalidade proceder a uma revisão da produção de um autor, de um movimento, de autores ou de gêneros que foram excluídos das histórias literárias. Para Regina Zilberman (2003), o retorno às fontes primárias permite um novo ângulo acerca das histórias literárias já cristalizadas:

> Com efeito, o retorno às fontes primárias – e há muitas delas aguardando nossa atenção em periódicos brasileiros e hispano-americanos (vertente muito pouco investigada por nossos pesquisadores) – tem sentido enquanto representa uma retomada da história da literatura desde um ângulo menos viciado. A história da literatura, no modo como se apresenta no ensino e nas obras que a narram, é um prato feito, que nos cabe consumir ou rejeitar. Se, coerentes com o posicionamento sugerido pelas recentes linhas de investigação no campo das ciências humanas, rechaçamos ideias prontas e fatos consumados, cabe começar, por exemplo, pelo questionamento da história da literatura.
> É nesse sentido que pesquisar fontes corresponde não apenas a uma atitude, mas a um programa que supõe um posicionamento perante a teoria e a história da literatura. Corresponde igualmente à tomada de posição perante o canônico e o marginal, já que, quando se trata de recuperar elos perdidos de nosso passado literário e cultural, passam a ocupar o proscênio coadjuvantes que, seguidamente, ainda não suscitaram interesse, foram reprimidos ou ocultados, ficaram de fora da corrente dominante, as *main streams* das escolas e tendências (Zilberman, 2003, p. 7).

Para isso, após esta introdução, o segundo capítulo analisa a formação e o desenvolvimento da imprensa periódica brasileira, enfatizando sua profunda articulação com a literatura desde o início do século XIX até a consolidação do jornalismo na virada para o século XX. No Brasil, com o processo de Independência, intensificou-se a circulação de impressos nas províncias. A imprensa tornou-se arena de disputas ideológicas, surgindo periódicos de orientação liberal, conservadora e moderada. Destacam-se os pasquins, publicações satíricas e combativas que expressavam tensões políticas do período. O *Diário do Rio de Janeiro* (1821) inaugurou o modelo informativo, aproximando-se do jornal moderno. Ao longo do Segundo Reinado, a imprensa consolidou-se como mediadora entre poder e sociedade, profissionalizando-se e ampliando sua circulação graças a inovações técnicas, como a prensa rotativa e o telégrafo. A partir da década de 1850, consolida-se a interdependência entre imprensa e literatura. O capítulo dedica breves apontamentos sobre a imprensa no Rio Grande do Sul.

Os jornais sulinos assumiram caráter doutrinário e partidário, funcionando como bastidores intelectuais do movimento revolucionário. Na cidade de Rio Grande, o desenvolvimento econômico e portuário favoreceu a proliferação de periódicos desde a década de 1830. Publicações como *O Noticiador*, *O Observador* e o *Rio-Grandense* evidenciam a presença constante de textos literários, poemas encomiásticos, fábulas, anedotas e folhetins, frequentemente articulados a projetos políticos. Ao longo da segunda metade do século XIX, observa-se maior regularidade editorial, ampliação de anúncios e consolidação de jornais de longa duração, como O *Eco do Sul* e *O Artista*, prenunciando a imprensa industrial.

Em síntese, o segundo capítulo demonstra que a imprensa brasileira não apenas acompanhou os processos políticos do país, mas foi agente ativo na construção da esfera pública, na formação de identidades regionais e nacionais e na constituição do campo literário. Entre 1808 e o final do século XIX, jornalismo e literatura estabeleceram uma relação estrutural de interdependência, na qual os periódicos funcionaram simultaneamente como instrumento político, veículo pedagógico e principal suporte de circulação das letras no Brasil.

O segundo capítulo apresenta o jornal *Diário do Rio Grande* e como se deu suas relações com os textos literários. O capítulo analisa o jornal *Diário do Rio Grande* como um agente fundamental na articulação entre imprensa e literatura no sul do Brasil, evidenciando sua trajetória desde a fundação, em 1848, até o encerramento de suas atividades, em 1910. Inicialmente concebido como um periódico de caráter informativo, comercial e político, o jornal buscou equilibrar interesses econômicos e posicionamentos ideológicos, oscilando entre alinhamentos partidários e a defesa de uma suposta neutralidade editorial. Ao longo de sua

existência, acompanhou as transformações da imprensa, passando de um modelo vinculado à imprensa partidária para uma lógica mais próxima da empresa jornalística, voltada ao atendimento das demandas do público leitor. Nesse processo, destacou-se pela organização tipográfica, ampliação da circulação regional e pela consolidação de seções fixas, ao mesmo tempo em que enfrentou impactos diretos de eventos históricos, como a Revolução Federalista, que influenciaram sua postura discursiva e sua relação com a política. No que se refere à relação entre imprensa e literatura, o capítulo demonstra que o *Diário do Rio Grande* desempenhou papel central na difusão do romance-folhetim, inserindo-se em um movimento mais amplo de modernização da cultura impressa no século XIX.

O terceiro capítulo visa a entender como as epístolas, cartas de Simplício Carapuceiro, em verso, e as cartas de João das Mentiras e visita das Priminhas, em prosa, se constituíram como gênero literário. O capítulo analisa a carta como gênero literário no contexto da imprensa oitocentista, partindo do pressuposto de que a escrita epistolar, ao ser incorporada ao jornal, ultrapassa sua função tradicional de comunicação privada e se transforma em uma forma híbrida, capaz de articular procedimentos retóricos e ficcionais. A partir das contribuições teóricas de Alcir Pécora, Christopher Conway, Otto Groth, Socorro Barbosa e Márcia Abreu, o estudo propõe compreender os periódicos não apenas como repositórios documentais, mas como espaços de criação, circulação, experimentação e legitimação de práticas literárias, recuperando um conceito historicamente situado de literatura e tornando visíveis textos, autores e "leitores-escritores" posteriormente marginalizados pela historiografia literária.

Essa perspectiva orienta a análise de três conjuntos publicados no *Diário do Rio Grande*: as *Carapuças Aéreas*, de Simplício Carapuceiro; as *Cartas Noticiosas* de João das Mentiras ao seu compadre Juca Chalaça; e a *Visita das Priminhas*. Desse modo, o capítulo demonstra que esses textos não devem ser compreendidos como simples correspondências ou registros circunstanciais, mas como pequenas narrativas literárias produzidas no interior do jornal, nas quais pseudônimos, personas ficcionais, destinatários imaginários, diálogos, rumores, humor, sátira e efeitos de oralidade constroem uma relação de proximidade com o leitor e fazem do *Diário do Rio Grande* um espaço privilegiado de experimentação literária. Ao recuperar essas produções fora dos limites estabelecidos posteriormente pelo cânone, a análise procura, portanto, não estabelecer uma definição universal da carta, mas reconstruir historicamente seu horizonte de possibilidades e demonstrar a importância da imprensa para uma compreensão mais ampla da literatura e das práticas de leitura no século XIX.

2 IMPRENSA PERIÓDICA BRASILEIRA E SUA RELAÇÃO COM A LITERATURA

A palavra escrita impressa desempenhou um importante papel no desenvolvimento das sociedades. Na independência dos Estados Unidos, conforme destacam os historiadores Asa Briggs e Peter Burke (2004), em 1776, a imprensa já estava em funcionamento e contava com aproximadamente 42 periódicos distribuídos nas colônias americanas. Alguns desses jornais ajudaram a construir a estrutura de uma cultura política nacional e uma identidade claramente estabelecida, em contraste com os britânicos. Por volta de 1800, nos Estados Unidos, já existiam 178 periódicos semanais e 24 diários. De acordo com os historiadores britânicos, durante o ano de 1792, estima-se que cerca de um milhão de pessoas residiam na Grã-Bretanha e foram comercializados 15 milhões de jornais, tanto diários quanto semanais ou bissemanais, complementados por publicações mensais ou trimestrais.

Na Europa, durante a Revolução Francesa, ocorrida no final do século XVIII, a imprensa teve destaque na formação de uma nova cultura política. Uma comunidade de cidadãos, incluindo advogados, comerciantes, artesãos e agricultores, começou a se estabelecer e vimos florescer uma imprensa independente, capaz de acompanhar a rapidez dos acontecimentos que ocorriam. Na França, nos seis meses finais do ano de 1798, 250 jornais foram estabelecidos, destinados aos mais diversos públicos. Durante o reinado de Napoleão (1799-1815), a França vivenciou uma forma de nacionalismo. Briggs e Burke (2004) recordam uma frase célebre atribuída a Napoleão: "quatro jornais inimigos devem ser mais temidos do que 1.000 baionetas".

Segundo o pesquisador José Marques de Melo (2003), nas colônias espanholas na América, as tarefas de impressão eram essenciais, pois foram estabelecidas com um propósito primordialmente apostólico, por iniciativa dos bispos e das igrejas, assim ocorreu no Peru, México e Costa Rica.

Otto Groth, em *O poder cultural desconhecido* (2011), ao apresentar sua teoria da *Ciência dos Jornais,* define que o surgimento e a consolidação da imprensa periódica estão intrinsecamente ligados às transformações da modernidade:

> Quanto mais o mundo diante de si se estendeu e se enriqueceu, quanto mais ele se complicou e se intensificou, quanto mais animada e ativa se tornou a participação do indivíduo nele, tanto mais regulares, seguros e complexos, tanto mais urgentes e consequentemente rápidos os meios se tornaram, que deveriam ajudar as pessoas a tomar posição com relação ao mundo diante de si, a se adaptar a ele e a dominá-lo, a manter as ligações com os outros e a trocar experiências com eles, a satisfazer a si próprio e a fortalecer o que há em comum. Entre esses meios, hoje o jornal e a revista estão em primeiro lugar. A Idade Moderna os criou. A burguesia, que ligada ao mundo, quer obter conhecimento rápido e confiável contínua e ininterruptamente sobre os mundos diante de si, está ligada ao mundo nos dois sentidos da expressão: o seu

> sentido está voltado ao “mundo” como a realidade terrestre e o seu sentido está voltado ao “mundo” enquanto *mundus*, enquanto conjunto da realidade terrestre a qual ela se entende como dependente, com relação ao qual ela tem que constantemente tomar posição, sobre a qual ela quer atuar. A burguesia é universal e precisa de meios de orientação e informação universal para profissão e para instrução em medidas e extensões muito maiores, mais intensiva e extensiva do que qualquer outra classe. Por isso a imprensa pode alcançar um desenvolvimento grandioso na era da burguesia, começando nas camadas sociais mais altas e de lá infiltrando-se em camadas cada vez mais baixas e amplas. Com a ampliação, fortalecimento e crescimento da burguesia, os jornais e as revistas também se expandiram, cresceram e se fortaleceram, tornando-se um poder na sociedade e nos seus Estados modernos, assim como a burguesia se tornou um poder na sua sociedade e no seu Estado. Assim, os jornais e as revistas, com a massa desmedida de material acumulado por eles e a constância e frequência, a velocidade e a precisão da sua retransmissão, tornam-se a ferramenta mais fantástica que a sociedade moderna tem à sua exposição para informar os indivíduos sobre os seus mundos, sobre o ser e o acontecer natural, social e cultural destes (Groth, 2011, p. 171).

Para o autor, os jornais e as revistas não podem ser compreendidos apenas como suportes de divulgação de notícias, mas como instituições sociais criadas para responder às novas demandas de uma sociedade cada vez mais complexa, dinâmica e interdependente. À medida que o mundo se expande econômica, política e culturalmente, cresce também a necessidade de mecanismos capazes de organizar, interpretar e transmitir informações de forma contínua, rápida e confiável. Nesse sentido, Groth estabelece uma relação direta entre o desenvolvimento da burguesia e a expansão da imprensa. A ascensão dessa classe social, marcada pela intensificação das atividades comerciais, pelo crescimento das cidades e pela ampliação das relações econômicas e políticas, exigia um fluxo permanente de informações que permitisse compreender os acontecimentos e orientar decisões. O jornal passa, então, a desempenhar uma função estratégica: não apenas informar, mas oferecer instrumentos para que os indivíduos "tomem posição" diante da realidade, adaptem-se às mudanças e atuem sobre elas. A informação deixa de ser um bem ocasional para tornar-se uma necessidade cotidiana da vida moderna.

No âmbito da história da imprensa e da história da literatura, essa concepção amplia significativamente o papel dos periódicos. Se os jornais organizavam a experiência cotidiana da sociedade moderna, eles também constituíam espaços privilegiados de produção cultural e literária. No século XIX, especialmente, os periódicos reuniam notícias, artigos políticos, folhetins, poemas, crônicas, cartas ficcionais e textos humorísticos, tornando-se verdadeiros laboratórios de experimentação. Assim, sua importância ultrapassa a dimensão informativa para alcançar a constituição do campo literário, da circulação de autores e da formação de públicos leitores. A imprensa periódica emerge como uma resposta às exigências de um mundo marcado pela aceleração do tempo, pela ampliação das relações sociais e pela necessidade constante de

produzir sentidos para a realidade.

2.1 O BRASIL COLONIAL E OS PRIMÓRDIOS DE UM ENLACE

Durante o período colonial, o Brasil, ao contrário de diversas nações vizinhas da América Latina, não contava com instituições de ensino superior e, além disso, era um dos lugares no mundo a não possuir imprensa. Em 1808, a transferência da Corte Portuguesa para o Rio de Janeiro, fugindo das forças napoleônicas que invadiam Portugal, transformou a cidade no núcleo do Império Português e esse processo não só modificou a configuração política e econômica do Brasil, como também incentivou o surgimento de novas entidades culturais e sociais. Nesse contexto, a criação da *Gazeta do Rio de Janeiro* (1808-1821), que foi ordenada pelo príncipe regente Dom João VI, tinha por finalidade oferecer à população uma fonte oficial de informações sobre as ações governamentais e divulgar notícias de interesse da coroa.

Por iniciativa oficial, Antônio Araújo, o futuro Conde da Barca, durante a confusão da fuga, ordenou que o material gráfico comprado para a Secretaria de Estrangeiros e Guerra, da qual era o titular, fosse colocado no porão da fragata Medusa. Assim que chegou ao Brasil, ele tratou de instalar a impressão em sua casa, localizada na Rua dos Borbonos. Foi dessa oficina que surgiu o primeiro número da *Gazeta do Rio de Janeiro*, no dia 10 de setembro de 1808. Tinha quatro páginas, era distribuída aos sábados e, depois do segundo número, também às quartas-feiras. Conhecida como imprensa áulica, foi válida apenas do ponto de vista cronológico por ser o marco do fim da intransigência cultural. Sodré (1999) esclarece qual foi o papel da *Gazeta do Rio de Janeiro*:

> Jornal oficial, feito na imprensa oficial, nada nele constituía atrativo para o público, nem essa era a preocupação dos que o faziam, como a dos que o haviam criado. Armitage situou bem o que era a Gazeta do Rio de Janeiro: "Por meio dela só se informava o público, com toda a fidelidade, do estado de saúde de todos os príncipes da Europa e, de quando em quando, as suas páginas eram ilustradas com alguns documentos de ofício, notícias dos dias, natalícios, odes e panegíricos da família reinante. Não se manchavam essas páginas com as efervescências da democracia, nem com a exposição de agravos. A julgar-se do Brasil pelo seu único periódico, devia ser considerado um paraíso terrestre, onde nunca se tinha expressado um só queixume (Sodré, 1999, p. 23).

Publicado no mesmo ano, o projeto de Hipólito José da Costa, o *Correio Braziliense* ou *Armazém Literário,* nasceu em Londres, a partir de 1 de junho, porém, com um mote editorial oposto ao trabalho realizado pela *Gazeta do Rio de Janeiro*, pois foi um jornal bem elaborado e de grande força política. Muito além do seu papel de noticiário, o *Correio Braziliense* exerceu

forte influência, veiculando ideias e valores que viriam a impactar decisivamente no processo de independência brasileira. O *Correio* era impresso em Londres e enviado para o Brasil, sua publicação era mensal e cada edição possuía, em média, mais de cem páginas divididas em seções: política, comércio e artes, literatura e ciências, miscelânea e, em algumas edições, correspondência. Nesse sentido, é importante ressaltar que a inclinação literária dessa publicação está evidenciada até mesmo no título do periódico, *Armazém Literário*, ou seja, a intenção da publicação não era a de equiparar-se a um jornal que abrange notícias diárias e voltadas ao cotidiano, como *A Gazeta do Rio*, mas sim adotar a estrutura de um livro, cujas edições foram planejadas para serem colecionadas em formato de Enciclopédia.

Segundo Lustosa (2004), o nome *Braziliense* deu-se devido ao fato de que, naquele período, chamavam-se brasileiros os comerciantes que negociavam com o Brasil, brasilianos os índios e *brasilienses* os portugueses nascidos ou estabelecidos no Brasil e que sentiam o Brasil como sua verdadeira pátria.

O foco principal dos jornais que marcaram o nascimento da palavra impressa no Brasil era a discussão do cenário político-econômico europeu. Pouco se falava da vida na colônia. Em seus primeiros anos de existência, o mote editorial era informar à elite portuguesa sobre os conflitos que aconteciam na Europa. Se pensarmos na contribuição com relação a formato, preço e circulação, podemos afirmar que a *Gazeta do Rio de Janeiro* foi o embrião da imprensa brasileira. No que diz respeito à relação literatura e imprensa diária, foco do presente trabalho, a *Gazeta* não teve uma história expressiva na divulgação de textos literários, contudo, vale salientar o trabalho de Silva (1973) sobre os anúncios de livros nas páginas do periódico. A referida pesquisadora mapeou os avisos de livros na *Gazeta do Rio de Janeiro* de 1808, criação da Real Oficina Tipográfica, até 1821, regresso da Corte a Portugal, e no estudo são apresentados os mecanismos utilizados para a edição das obras, como, por exemplo, a importância do prospecto, meio utilizado para, através de uma argumentação a favor do interesse e da utilidade da obra, garantir as assinaturas suficientes para avalizar a edição. Com relação ao conteúdo das obras, a autora afirma:

> Entre os livros publicados pela tipografia régia do Rio incluem-se muitas obras que já tinham sido editadas em Lisboa alguns anos antes, quer originais portugueses quer traduções. Os inéditos publicados pertenciam na sua maioria às classes de Ciências e Artes e de Belas Letras. Contudo os primeiros anos de atividade da Impressão Régia foram marcados pela publicação de textos políticos (reimpressões ou originais) que poderiam ser agrupados sob a designação de "ciclo napoleônico" e que se ligavam, de uma maneira polêmica e por vezes satírica, à situação política europeia (Silva, 1973, p. 449).

O estudo apresenta também uma classificação entre títulos que eram impressos no Rio de Janeiro, as obras vindas da Bahia e as obras que vinham de Lisboa e do Porto, e salienta que se compararmos os anúncios da *Gazeta do Rio* e da *Gazeta de Lisboa*, encontraremos quase as mesmas obras.

A *Gazeta do Rio de Janeiro* pouco tem a oferecer para os estudos literários, já o seu companheiro de estreia, o *Correio Braziliense* ou *Armazém Literário*, é considerado pelos historiadores como um importante veículo de divulgação da cultura e da arte no início do século XIX. Antônio Candido (2007) afirmou que Hipólito da Costa foi o pioneiro do jornalismo de ensaio no Brasil, um traço que perdurou por grande parte do século XIX. Isabel Lustosa (2000, 2004) também salienta a vocação brasileira para o gênero ensaístico e que, por intermédio da imprensa, assumiu uma função predominantemente educativa. Ainda sobre o ensaio, Candido afirmou que uma marca predominante dos pensadores brasileiros foi a utilização do ensaio como forma de interpretar o país.

No contexto de emergência e de formação de um público brasileiro consumidor e produtor de artes e literatura, além dos estímulos proporcionados pelo governo para a ilustração dos "cidadãos de virtude", observou-se um aumento significativo na circulação, produção e consumo de documento impresso, cujo objetivo final era fomentar progressos em múltiplos setores, como agricultura, mineralogia, climatologia, medicina, direito, economia, política e diversas outras. O *Correio Braziliense* desempenhou um papel singular nesse contexto. Apresentou, em suas páginas, inovações e reflexões de Hipólito José da Costa a respeito da literatura e das ciências e também sobre a forma como esses as beres deveriam ser empregados para fomentar o progresso da civilização brasileira. Conforme salienta Candido (2007, p. 241):

> Houve, pois, um ciclo literário de preito ao Rei, onde se espelha o entusiasmo ante a reviravolta desencadeada pela transferência da Família Real, que foi efetivamente, sob vários aspectos o acontecimento mais importante da nossa história intelectual e política. E se os brasileiros daqui, menos experientes do mundo, tendiam a engrossar a caudal de adulação – deslumbrados por tanta novidade – os homens de maior trato com a Europa escaravam os fatos com realismo, Ao longo dos volumes do Correio Brasiliense, Hipólito da Costa não cessa de mostrar que as medidas decorriam da necessidades de funcionamento administrativo; que em muitos casos sancionavam situações de fato; que as condições do meio propiciavam; e sobretudo que o Governo real estava muito aquém das medidas necessárias e completas. Há mesmo um diálogo Hipólito – Silva Lisboa, em que, a propósito das sobras deste, ia aquele denunciando a pseudo beneficência joanina procurando despertar nos brasileiros a noção de reformas que corresponderiam de fato as exigências do momento e do Brasil.

Portanto, um dos instrumentos mais relevantes utilizados para difundir as “luzes” aos que se encontravam nas “sombras da ignorância” foi a imprensa, que no início do século XIX, aqui no Brasil, teve um papel mais formativo do que informativo. Para Hipólito da Costa, como observou Isabel Lustosa (2000, p. 58), “a instrução seria a chave de uma conduta racional e asseguraria o bom funcionamento dos governos”. Essa instrução tão valorizada entende-se hoje como uma estima pelas letras, literatura e pela organização do conhecimento de maneira racional.

A seção de literatura e ciências esteve presente em algumas edições do *Correio Braziliense*. O redator dedicava-se a fazer ensaios sobre livros literários com viés político, portanto, a literatura era percebida como um dos componentes do processo pedagógico que auxiliaria no crescimento da civilização. Durante seus 14 anos de circulação, percebe-se que o projeto civilizacional de Hipólito não se distanciava consideravelmente daquele que pertencia à D. João VI, em especial no que diz respeito à adoção de métodos destinados a promover a civilização ou, ainda, o estímulo ao progresso das "artes e da indústria" no Brasil com o intuito de desenvolver a nação, explorando as vastas potencialidades naturais do país.

2.2 A EMANCIPAÇÃO BRASILEIRA – LITERATURA E IMPRENSA, UMA UNIÃO CONSUMADA

O processo que resultou na Independência da nação provocou um significativo incentivo à criação local de impressos, tanto de obras literárias quanto de publicações periódicas. As províncias, de forma gradual, aumentaram a sua produção, o que ao longo do tempo resultou tanto no desenvolvimento da imprensa local quanto na utilização de sua força política. Das discussões políticas que precederam a Independência, as elites provinciais compreendiam a influência que os periódicos exerciam sobre a sociedade. Dessa forma, começaram a empregar os jornais como um instrumento de propagação ideológica junto à sociedade. Vale salientar que no período entre 1811 e 1830 tiveram grande circulação nas províncias os p asquins, um tipo de impresso caracterizado como sendo representante da pequena imprensa, trabalhavam com uma linguagem atrevida, excessos de adjetivação, natureza panfletária e circulação efêmera. Os pasquins do século XIX no Brasil foram instrumentos essenciais de crítica social e política, utilizando-se de linguagem satírica e provocativa para questionar o *status quo* e promover debates sobre questões relevantes da época, conforme comenta Sodré (1999, p. 98):

> Esse ambiente agitado, e de cujo desenvolvimento, em regra, só a agitação nos tem sido transmitida pela historiografia oficial, esquecida de seus motivos, deu lugar a um tipo de imprensa, o pasquim, de características específicas. As razões do aparecimento e do desenvolvimento desse tipo de imprensa residiram na realidade, entretanto. Não surgiram de desejos, de deficiências dos jornalistas do tempo: brotaram da vida.

Os pasquins se estabeleceram como uma das primeiras modalidades de uma imprensa sem o controle do Estado no conteúdo das publicações. A imprensa também espelhou o tumultuado período em que o Brasil se encontrava, especialmente entre a abdicação de Dom Pedro I e a conclusão do período regencial, época que evidenciou diversos conflitos provinciais. A conturbada etapa em que ocorre a independência decorre de um extenso processo, inicialmente marcado pela ruptura com a metrópole, seguido pela organização do Estado. Toda essa agitação política e intelectual contribuiu para o crescimento do jornalismo brasileiro.

O movimento de 1820 trouxe repercussões benéficas para a evolução da imprensa no Brasil. Sodré (1999) elenca alguns jornais que circulavam no Brasil a partir de 1821. No Rio de Janeiro: a *Gazeta do Rio de Janeiro,* o *Jornal de anúncios* e *O Amigo do rei e da Nação*. Na Bahia: a *Idade do Ouro do Brasil* e o *Semanário Cívico*. E em Recife: *a Aurora Pernambucana.* Para o autor, o primeiro jornal informativo a circular no Brasil foi o *Diário do Rio de Janeiro,* em 1821:

> Foi realmente, o primeiro jornal informativo a circular no Brasil. Diário ocupava-se quase tão somente das questões locais, procurando fornecer aos leitores o máximo de informação. Inseria informação particulares e anúncios: aquelas tratavam de furtos, assassínios, demandas, reclamações divertimentos, espetáculos, observações meteorológicas, marés, correios; estes tratavam de escravos fugidos, leilões, compras vendas, achados, aluguéis e, desde novembro de 1821, preços e gêneros (Sodré, 1999, p. 58).

O *Diário do Rio de Janeiro* serviu de inspiração para diversos jornais em diferentes províncias, estando mais perto do que caracterizamos, na segunda metade do século XIX e ao longo do século XX, como jornal de informação. Ficou popularmente conhecido como *Diário do Vintém*, pelo preço do impresso, e *Diário da Manteiga*, porque trazia o valor da manteiga que chegava à Corte para o consumo da população. Como se mantinha afastado das questões políticas, não noticiou nem mesmo a Independência, o acontecimento mais relevante de seus anos iniciais. Publicou, no entanto, Cinco minutos (1856), Diva (1856), O guarani (1857) e A viuvinha (1857), de José de Alencar, e circulou até 1878.

Diferente do *Diário do Rio de Janeiro,* os demais jornais que surgiram neste período, tanto dentre os opositores quanto os governistas, usavam, de modo geral, uma linguagem excessivamente combativa e hostil, caracterizada pela intensa paixão por discussões e pelas controvérsias. A hostilidade da mídia – seja ela crítica ou favorável ao governo, liberal ou

conservadora – refletia o ambiente de fervor e conflito que caracterizou o processo da Independência e do Primeiro Reinado. A instabilidade e a transitoriedade da imprensa nesse período referem-se ao seu papel social próprio. Os jornais acompanhavam de perto as batalhas de sua época, estando diretamente conectados a elas. Assim, eram orientados por uma lógica circunstancial. Eles surgiam e sumiam à medida que os conflitos nos quais estavam inseridos se desenrolavam.

Com a censura aliviada, a imprensa esteve envolvida de forma intensa nos desdobramentos políticos que resultariam na Independência, ocorrida em setembro de 1822. Os periódicos que circulavam na Corte apresentavam em suas páginas o pensamento liberal, como o *Revérbero Constitucional Fluminense* e *A Malagueta*. Por outro lado, o *Correio do Rio de Janeiro* apresentava uma postura mais comedida e propunha uma assembleia constituinte para promover a transição. Até mesmo as folhas mais conservadoras e próximas ao soberano, tais como *O Despertador Brasiliense*, *O Espelho* e *O Conciliador do Reino Unido,* sustentavam a defesa da autonomia. "Foi uma época de grandes disputas verbais, e pode-se dizer que a Independência foi sendo conquistada *pari passu* através das campanhas jornalísticas" (Lustosa, 2003, p. 93). Segundos os estudos de Sodré (1999) no Brasil, em 1827 havia nove jornais no Rio de Janeiro e 22 nas províncias brasileiras.

Em 1º de outubro de 1827, Pierre Plancher, um dos diversos franceses envolvidos no setor gráfico e editorial do Rio de Janeiro, publicou o *Jornal do Comércio*, um dos poucos periódicos do século XIX que perdurou até os tempos atuais (2016). O impresso inaugurou em território nacional a publicação dos romances-folhetins com a obra *O capitão Paulo.* O *Jornal do Comércio* também fez história por trazer para o Brasil o modelo europeu da divulgação de matérias literárias no rodapé das páginas. Durante o século XIX, os romances-folhetins ocupavam um espaço significativo na imprensa diária brasileira. Ao rodapé eram destinados textos que discutissem assuntos literários, eram divulgadas crônicas, críticas, incluindo peças teatrais, obras literárias, além de piadas, charadas e até receitas culinárias. Sendo o jornal o veículo de comunicação mais acessível na sociedade dos oitocentos, o rodapé foi o caminho para inúmeros escritores alcançarem a notoriedade.

Para Marialva Barbosa (2022), a imprensa neste período era composta por três correntes editoriais, que eram as gazetas, os jornais e os jornais diários:

> Os que faziam da opinião virulenta, da tomada de posição política explícita, o sentido das próprias publicações, além de divulgar outras informações (diríamos hoje notícias) nacionais e estrangeiras, eram as gazetas. Já os que tomavam para si a missão de esclarecer, tendo como objetivo levar as luzes aos leitores, dividindo os assuntos entre temáticas científicas, literárias, artísticas, entre outras, com a clara tendência de

> difundir conhecimentos científicos, eram os jornais. Mas havia ainda os que se ocupavam prioritariamente de questões do cotidiano, publicando avisos, informações as mais variadas, sob demanda dos próprios leitores. Esse conteúdo diferenciado era veiculado, sobretudo, nos jornais diários, que passaram a circular na Corte em 1821. Portanto, mesmo no momento inicial da imprensa no Brasil, observamos pelo menos três modelos de difusão das letras impressas sob a forma periódica, sendo os mais correntes as gazetas e os jornais (Barbosa, 2022, p. 78).

O jornalismo diário no Brasil vai dar seus primeiros passos com o *Diário do Rio de Janeiro* (1821) e a partir desse momento ocorrerá uma expansão exponencial, coordenada, em sua maioria, por grupos políticos que foram ganhando espaço durante os diferentes momentos históricos que o país percorreu ao longo da segunda metade do século XIX. Rizzini (1988) aponta que as atividades de impressão no Brasil podem ser pensadas em três períodos: primeiro, Bahia e Rio de Janeiro; segundo, Pernambuco, Maranhão, Pará e Minas Gerais; e terceiro, Ceará, Paraíba, Rio Grande do Sul, São Paulo, Santa Catarina, Alagoas, Rio Grande do Norte, Piauí, Sergipe, Mato Grosso, Espírito Santo e Amazonas.

Após a Independência do Brasil em 1822 e, mais diretamente, a partir da década de 1850, a imprensa brasileira passou a se consolidar como um instrumento de mediação entre o poder e a sociedade. O aumento da circulação de jornais, a maior urbanização de cidades, como Rio de Janeiro, São Paulo e Recife, e o crescimento das camadas letradas da população contribuíram significativamente para o florescimento de uma cultura jornalística mais diversificada. Nesse período, observa-se o surgimento de periódicos com maior regularidade, estrutura editorial mais sólida e uma crescente profissionalização da atividade jornalística.

A obra "História da Imprensa do Século XIX" (Barbosa; Ribeiro; Hohlfeldt, 2024) realiza um profundo levantamento sobre a imprensa em diferentes regiões do país, reafirmando que a segunda metade do século XIX foi de profundas transformações para o periodismo nacional. Conforme destaca Seixas *et al.* (2024), a imprensa paraense registrou uma atividade expressiva entre as décadas de 1860 e 1890, quando foram publicados 478 periódicos, conforme levantamento do catálogo de jornais paraenses. O estudo sobre o Maranhão aponta que a descentralização das relações econômicas do grande centro, São Luiz, ocorrida na década de 1870, foi fundamental para a imprensa chegar a um expressivo número de jornais circulando no território maranhense no final do referido século. Na Bahia, os *Anais da Imprensa na Bahia 1811-1911* listam 1760 impressos nesse período, sendo 1147 na capital. O material foi reeditado recentemente por iniciativa do pesquisador Luiz Guilherme Pontes Tavares. O trabalho salienta que a segunda metade do século XIX contribui para a diversificação das folhas impressas, divulgando conteúdos específicos para determinados grupos com objetivo instrutivo/pedagógico para crianças, jovens e mulheres. Minas Gerais registrou a publicação de

440 títulos durante o século XIX. Em função da "corrida do ouro", Minas Gerais conheceu a palavra impressa mais cedo do que a maioria do território brasileiro. Assim destaca Spannenberg *et al*. (2024, p. 249):

> As aglomerações urbanas e as transformações político-sociais impulsionadas pela extração mineral fizeram algumas regiões rapidamente se transformarem. Diante disso, desde esse período, iniciou-se a circulação de papéis que implementavam o controle da Coroa, cuja presença se fazia lado a lado às ordens religiosas. Tal controle político e burocrático que havia sido marcado pelo desleixo até então, se estendeu para as principais cidades da área mineradora como Vila Rica, Mariana, Sabará, Diamantina e São João Del-Rei. Nestas mesmas cidades começou a se estabelecer toda uma estrutura que permitiu o desenvolvimento de impressos e manuscritos, como escolas (Eclesiásticas), bibliotecas (particulares) etc. Dois anos antes da chegada das prensas tipográficas na corte do Rio de Janeiro, por exemplo, o ilustrado padre José Joaquim Viega de Menezes, que havia conhecido as artes da impressão com o frei José Mariano da Conceição Veloso na Oficina Tipográfica Calcografica e Literária do Arco do Cego em Lisboa, gravou e imprimiu na cidade de Vila Rica o folheto o "Canto encomiástico de Diogo Pereira Vasconcelos (1806).

Em Santa Catarina, foi a partir de 1870, na capital da província, que tiveram início os projetos editoriais que, no final do século XIX, dariam início à imprensa ilustrada catarinense. O primeiro jornal ilustrado foi *O Moleque*, lançado em 10 de novembro de 1884, coordenado por Virgílio Varzea, que tratava de temas noticiosos com leveza e humor. Já no centro-oeste do país, Goiás e Cuiabá tiveram suas estreias nas lides tipográficas na mesma década: a *Matutina Meiapontense* (Meia Ponte - 1830) e *Temis Mattogrossense* (Cuiabá - 1839). O Mato Grosso do Sul distanciou-se dos demais estados da região centro-oeste com relação ao início das atividades impressas, pois seu primeiro jornal foi *O Iniciador* (Corumbá - 1870).

Durante o Segundo Reinado (1840-1889), a imprensa tornou-se uma arena privilegiada de disputas políticas entre liberais e conservadores, bem como um espaço fundamental para o debate de questões sociais candentes, como a escravidão, o federalismo e, posteriormente, o republicanismo. Os jornais assumiram papéis centrais nesse processo, ora atuando como porta-vozes de vertentes políticas, ora como veículos de crítica e denúncia.

Um aspecto relevante da imprensa nesse período foi sua função como instrumento de mobilização política e ideológica. A campanha abolicionista, por exemplo, encontrou nos jornais um espaço fundamental para a difusão de ideias antiescravistas, bem como para a articulação de movimentos sociais e políticos. Figuras como Joaquim Nabuco, José do Patrocínio e André Rebouças utilizaram intensamente a imprensa para difundir argumentos jurídicos, morais e econômicos contra a escravidão.

Do ponto de vista técnico, a segunda metade do século XIX também testemunhou importantes avanços no processo de produção jornalística, como a introdução da prensa

rotativa, o uso de tipografia mais moderna e a ampliação do uso do telégrafo, que possibilitou maior agilidade na circulação das informações. Esses fatores contribuíram para a consolidação de uma imprensa diária, com tiragens mais amplas e maior alcance social.

A partir de 1850, a relação entre imprensa e literatura no Brasil foi marcada por uma intensa interdependência, que desempenhou papel central na constituição do campo literário nacional e na formação de um público leitor. O jornal tornou-se, nesse período, não apenas um veículo de difusão de notícias e de opiniões políticas, mas também um espaço privilegiado para a circulação de textos literários, contribuindo decisivamente para a legitimação social da literatura e de seus autores. Até meados do século XIX, a imprensa brasileira vivia sua fase artesanal e foi só a partir das últimas décadas daquele século que teve início sua fase industrial e de modernização, conforme classificação de Bahia (1999).

A consolidação da imprensa como meio de comunicação de massa coincidiu com o amadurecimento do romantismo e a emergência do realismo-naturalismo na literatura brasileira. Escritores, como José de Alencar, Machado de Assis, Aluísio Azevedo, Raul Pompeia e outros, publicaram grande parte de suas obras inicialmente em folhetins, gênero de grande popularidade nos periódicos da época. A tendência do romance folhetinesco solidificou-se e o espaço do rodapé viu nascer uma diversidade de gêneros e uma complexidade de nomenclaturas: *Variedades, Miscellânea*, *Literatura* ou *Folhetim* foram as designações mais utilizadas nessas seções, frequentemente organizadas em quatro colunas na parte inferior da página inicial. Esse foi o território das produções literárias nos periódicos nacionais noticiosos.

2.3 A PALAVRA IMPRESSA NO RIO GRANDE DO SUL – BREVES APONTAMENTOS

No Rio Grande do Sul, o surgimento da imprensa também foi tardio, acompanhando, assim, outras províncias brasileiras, como São Paulo (1827) e Ceará (1824). Baumgarten (1982, p. 13) caracteriza o Rio Grande do Sul dos séculos XVIII e XIX como um verdadeiro acampamento militar. O estado permanente de guerra, somado à atividade campeira, contribuiu para a caracterização do gaúcho, mas também para o pequeno desenvolvimento cultural que a região sulina apresentava até então.

Mesmo cada província tendo suas características particulares, a imprensa gaúcha também teve três fases, conforme descrevem Jandira M. M. da Silva, Elvo Clemente e Eni Barbosa:

> No Rio Grande do Sul, considera-se na fase inicial, os jornais do período farroupilha, abrangendo os que antecedem o movimento revolucionário. A partir daí, a delimitação dos períodos se volta para os grandes marcos da nossa imprensa; o surgimento de *A Reforma* e *A Federação* correspondem a nossa fase de consolidação que, portanto, inicia bem antes da adotada por Bahia. *A Reforma* é de 1869 e *A Federação* é de 1884. Com a fundação do *Correio do Povo,* se inicia a fase moderna do jornalismo no Rio Grande do Sul, consolidada em moldes capitalistas (Silva; Clemente; Barbosa, 1986, p. 15).

A imprensa gaúcha, na primeira metade do século XIX, tinha como mote editorial os textos doutrinários de cunho político: o *Diário de Porto Alegre* (1827), por exemplo, era uma publicação do governo, patrocinada pelo presidente da Província, Salvador José Maciel. O *Diário* seguiu o modelo de folha oficial que servia à publicação de atos administrativos e à publicidade governamental. Circulava diariamente em Porto Alegre, Rio Grande e Rio Pardo, com exceção de domingos e feriados.

A segunda década do século XIX marcou a Província de São Pedro do Rio Grande do Sul, pois a economia pastoril enfrentou uma certa estagnação, com a pecuária sendo considerada uma atividade econômica periférica, e a elite pastoril não exercia controle político, uma vez que os presidentes eram indicados pela Corte. A agitação política estava aumentando e funcionou, neste período, como mola propulsora para a criação de diversas tipografias operando em Porto Alegre e em Rio Grande:

> Os partidos em liça realizavam subscrições entre seus simpatizantes e encarregavam um comerciante ou artesão de montar as oficinas, de onde saíam, em seguida, uma série de pequenas publicações. Para se ter noção disso, basta notar que, somente no período de oito anos, desde o surgimento da imprensa, foram lançados 32 jornais. Entre eles, mencionaremos O Constitucional Rio-Grandense, Sentinela da Liberdade, O Noticiador, O Recompilador Liberal e o Mercantil do Rio Grande. Esses periódicos tinham pequeno formato (28 cm x 18 cm) em suas tiragens giravam em torno de 400 exemplares. A circulação era, em grande maioria, duas ou três vezes por semana. Os jornais diários eram poucos e não sobreviviam por muito tempo. A venda era feita só por assinatura ou direto no escritório da tipografia. O conceito que guiava esses jornais era tão somente político (Rudiger, 2003, p. 21).

A imprensa configurou-se como o alicerce intelectual da Revolução Farroupilha. Conforme Rüdiger (2003, p. 15), "Não se constitui exagero afirmar que a imprensa foi o bastidor intelectual da Revolução Farroupilha. Nas páginas dos jornais se gestaram as ideias que radicalizaram o processo político e levaram ao movimento".

Neste período, os textos de cunho literário serviam para reforçar a ideologia política do jornal, conforme apresenta Pereira (2018), no artigo intitulado "Representantes da imprensa rio-grandense no período regencial: *O Continentino* e o *Recompilador Liberal*". O primeiro

tinha tendências moderadas e o segundo era um órgão dos Farroupilhas, servindo de veículo de disseminação dos ideais que justificariam a luta armada que se aproximava.

> A estrutura de ambos os periódicos era muito parecida, desde o número de páginas até a organização das matérias. Nos dois podemos observar a primeira sessão intitulada "Interior", onde os redatores expunham notícias importantes do governo central, reproduzindo ofícios vindos do Rio de Janeiro, e também questões de interesse geral, esclarecendo assuntos relacionados à política nacional. Esta primeira sessão podia ocupar metade do jornal. Em seguida, uma sessão sobre assuntos locais intitulada "Porto Alegre", mas que não aparece em todos os números dos dois jornais. Outra sessão comum é a intitulada "Variedades", em que ambos expõem em versos ou textos suas tendências políticas, as bases de seus pensamentos, suas matrizes filosóficas. Nesta sessão do *Continentino*, os redatores transcreveram matérias do *Carapuceiro*, do *Nacional*, mas também citaram escritos de filósofos corroborando seu projeto político (Pereira, 2018, p. 160).

A década de trinta do século XIX viu florescer a imprensa em terras sulinas. Guilhermino Cesar (1971), em sua *História da Literatura do Rio Grande do Sul*, cita que na cidade de Porto Alegre havia 34 jornais publicados na década de 1830.

Em 1838 veio a público o órgão oficial dos farroupilhas. *O Povo* trazia no seu título a inscrição: jornal político, literário e ministerial da República Rio-Grandense, além da informação de que se constituía como um impresso de "propriedade do Governo". Assim como os jornais do seu tempo, os textos de cunho político-partidário vinham carregados de adjetivos e de exaltação da revolta, colocando os farroupilhas como heróis perante as injustiças da Corte. Foi o periódico de maior longevidade durante a Revolução (1838-1840), e, conforme afirmado por Sodré (1999), as páginas desse jornal reportavam as agruras da revolução, informando sobre os eventos que transcorriam do litoral à campanha, abrangendo também Porto Alegre e Piratini, município em que a publicação teve início, e a última edição foi em de 23 de maio de 1840, no município de Caçapava, somando 160 números, atuando como um importante instrumento de colaboração histórica, tanto quanto diversas outras publicações:

> Sem a leitura de *O Povo*, que circulou de 1838 a 1840, de O mensageiro, que circulou de 1835 a 1836, de *O Americano*, que circulou de 1842 a 1843 e uns poucos mais, a história farroupilha é incompleta. Nessas folhas, impressas quase sempre sob condições extremamente difíceis, o movimento ficou espelhado, em todos os seus traços, os gerais e os particulares (Sodré, 1999, p. 131).

Bisol, Porto e Lisboa Filho (2015) estudam as relações entre a representação da Revolução Farroupilha nas páginas do jornal *O Povo* e sua contribuição para a construção da identidade de um povo baseada na sua cultura. No trabalho é mencionado o tom literário de alguns textos, como o que trata da morte de Francisco Xavier Ferreira, publicado na sua

primeira edição, em 1º de setembro de 1838. Segundo o estudo e como já mencionamos anteriormente, os textos veiculados neste período eram, em sua maioria, de cunho político e doutrinário. Um aspecto relevante para o presente trabalho é a seção *variedades* veiculada no jornal a partir de 1840:

> Predominantemente, o que se publicava em O Povo, neste período, eram artigos tendenciosos, sempre com viés político e revolucionário. Contudo, na década de 40 começam surgir outras matérias, como artigos econômicos e dicas sobre agricultura informando, por exemplo, como preparar o trigo antes de semear. Neste período surge também a coluna "Variedades" seção sempre bastante sucinta, com assuntos diversos, muitas vezes sobre religiosidade. Há ainda, espaço para rir, como uma espécie de piada, intitulada "Anedocta interessante" que conta a história de uma jovem republicana que para se divertir com as amigas que a visitavam abriu um livro e começou a ler alguns trechos, ouvidos também por uma idosa, que era hóspede na residência (Bisol; Porto; Lisboa Filho, 2015, p. 11).

Mesmo em textos que não foram usados para esta publicação, como o caso da anedota acima citada, o tema da revolução se insere, como se todos os sul-rio-grandenses estivessem, a todo o momento, refletindo sobre a revolução, configurando-se como o assunto central de todos os diálogos e interações.

Conforme Francisco das Neves Alves (2009), durante a Revolução Farroupilha, a difusão dos jornais sofreu consideráveis impactos, especialmente a partir de 1840, e foi após a Revolução Farroupilha que os pasquins ocuparam os espaços públicos e, gradualmente, a imprensa passou a se diversificar.

Com a conclusão do conflito, estabelece-se uma imprensa partidária, que se estende de 1850 a 1900, período em que os proprietários e editores de publicações se veem obrigados a se alinhar a algum partido político existente, uma vez que, sem tal vinculação, a sobrevivência financeira tornava-se praticamente inviável. Strelow *et al*. (2024) observam que a história da imprensa gaúcha percorreu três distintos momentos. Primeiro, uma imprensa pasquineira; segundo, uma imprensa revolucionária que mescla notícias da nova república e artigos de fundo pedagógico e propagandista; e, em terceiro, uma imprensa mais moderna, marcada talvez pela influência do liberalismo, que se preocupa e disputa a opinião pública. A demarcação desses períodos facilita a compreensão não só da imprensa, mas de todo o contexto social, histórico e político do referido período. A noção de "pasquinagem" geralmente se aproxima da imprensa crítica, satírica, caricata e efêmera, muitas vezes sem periodicidade regular, com humor, caricaturas ou crítica de costumes/política. Segundo Rudiger (1993), o Rio Grande do Sul possui célebres representantes da "pasquinagem":

> Pedro Bernardino de Moura começou sua carreira com uma folha em Rio Grande, 1854. Mais tarde introduziu a imprensa em Jaguarão, ali colocou-se a serviço das facções oposicionistas, passando a sofrer violenta perseguição e mesmo um atentado a bala, no centro da cidade em 1857. O *Eco do Sul* que lançou nesse mesmo ano e permaneceria em circulação até a década de 30, ganhou na época o título de "nojento guardanapo", em função dos artigos virulentos e carregados de acusações pessoais que continha. Os seus excessos levaram a suspensão judicial do jornal em 1858. O *Carijó* transferiu-se, então, para Rio Grande, porém acabou processado e preso vários meses durante 1860 (Rüdiger, 1993, p. 30).

O princípio liberal da liberdade de imprensa representava o panorama preponderante do jornalismo naquele período, porém, se apresentava em conflito com o estágio de evolução dos periódicos e com a exploração da imprensa realizada pela classe política. Em decorrência disso, os jornalistas levavam uma vida arriscada. A consolidação do regime monárquico constitucional, juntamente com o sistema parlamentarista de governo, normalizou a forma de ascensão das elites ao poder, o que favoreceu a gradual transformação das facções políticas em precursoras de partidos. Os políticos passaram a estabelecer vínculos orgânicos com a imprensa, dando início ao conceito de jornalismo partidário, o qual perduraria até o século XX. "Os partidos encarregaram-se de montar suas próprias empresas e lançar periódicos pelos quais assumiam inteira responsabilidade" (Rüdiger, 1993, p. 35).

A imprensa e a literatura manifestam-se de maneira significativa, especialmente no período que abrange os anos de 1850 a 1880, quando ocorre a proliferação de periódicos literários e de associações voltadas para a produção e o estudo da literatura. A historiografia ressalta que cerca de dezenas de periódicos literários circularam no período, evidenciando uma imprensa orientada tanto para a leitura culta quanto para práticas públicas de sociabilidade intelectual. Paralelamente à imprensa literária, surgiram jornais com intensa ligação a projetos políticos e a grupos regionais, publicações que funcionavam como veículos de partidos, facções e interesses econômicos. Ao longo das últimas décadas do século XIX, a imprensa do Rio Grande do Sul passou a ser arena das contendas entre oligarquias locais, coronéis e novos movimentos, como as manifestações republicanas e federalistas, um fenômeno que se acentuou com a Proclamação da República em 1889. Essas publicações desempenharam um papel fundamental na constituição da opinião pública provincial e na difusão de discursos referentes à reforma, clientelismo e modernidade.

No final do século XIX é possível identificar sinais claros de profissionalização: jornais com redações estáveis, pressão à especialização (reportagem, redação literária, crônica), maior periodicidade e busca de tiragens maiores. Surgem também periódicos com maior capacidade de concorrer por anunciantes e leitores urbanos, prenunciando o jornalismo moderno do século XX.

2.4 IMPRENSA E LITERATURA NA CIDADE DO RIO GRANDE

A cidade de Rio Grande, pioneira da ocupação portuguesa nas terras sul-rio-grandenses, teve seu progresso ao longo do século XIX diretamente ligado à sua estratégica posição geográfica, que permitiu o escoamento da produção pecuária que se desenvolvia de modo crescente no Rio Grande do Sul. O porto de Rio Grande desempenhou papel fundamental no desenvolvimento econômico da Província, o crescimento urbano e o progresso cultural da cidade geraram o ambiente propício para as práticas jornalísticas e o desenvolvimento da imprensa. Segundo Francisco Alves (1999a, 1999b), a imprensa rio-grandina foi uma das mais destacadas do Rio Grande do Sul e mesmo do Brasil, tanto pela quantidade quanto pela qualidade de seus periódicos. Segundo Alves, ocorreram três fases dos periódicos da imprensa rio-grandina:

> A primeira fase assinala o surgimento da imprensa na cidade, desenvolvendo-se durante a década de 30 e a primeira metade dos anos 40 e sendo demarcada pelo processo de afirmação do Estado Nacional Brasileiro e pela deflagração e desenvolvimento da Revolução Farroupilha. A segunda etapa identifica um primeiro momento o crescimento e diversificação dos jornais rio-grandinos, ocorrendo da segunda metade da década de 40 até o final dos anos 60 e coincidindo com a época da estabilização político-econômica nacional e provincial. Finalmente, a terceira fase refere-se ao período de desenvolvimento máximo da pequena imprensa, durante a três últimas décadas do século XIX, até o seu declínio e, praticamente desaparecimento, ocorrido na virada do século XX, identificando-se com o processo de transição Monarquia – República e de consolidação da nova forma de governo (Alves, 1999a, p. 23).

Produzido pela tipografia de Francisco Xavier Ferreira, *O Noticiador* foi o primeiro jornal da Vila do Rio Grande. Nesse periódico, são documentadas as primeiras publicações literárias disseminadas na região entre 1831 e 1836. Ana Cristina Pinto Matias, em sua dissertação "Francisco Xavier Ferreira: primórdios da imprensa rio-grandina", realizou um levantamento de toda a produção literária do periódico e salienta que os textos veiculados são poemas encomiásticos, poesias em homenagem ao Teatro Sete de Setembro e à Sociedade de Beneficência Portuguesa e sonetos que prestam homenagem às personalidades consideradas ilustres à época:

> Dentre os cem poemas encontrados no periódico *O Noticiador*, pode-se dividir, em sua maioria, de acordo com a intenção do tema abordado: de homenagens encomiásticos a pessoas e entidades (há, inclusive, a personificação do hospital Beneficência Portuguesa, em Rio Grande, e do Pão de Açúcar, no Rio de Janeiro), assim como de elogio ou sátira a políticos e fatos históricos (nacionalista ou

> regionalista). Rara é a presença de poemas com finalidades puramente estéticas, com temáticas em torno do amor, por exemplo. Em relação à forma dos poemas, pode-se destacar o uso constante do soneto (normalmente com a tentativa de alcançar o padrão decassílabo) e de poemas mais longos, geralmente, composto por quadras ou um número irregular de versos em cada estrofe. A maioria dos poemas apresentam rimas externas bem marcadas e escassez de rimas ricas, bem como a ausência de regularidade silábica (Matias, 2014, p. 57).

O Noticiador foi fundado em um momento anterior à Revolução Farroupilha. Xavier Ferreira participou da articulação da revolução por meio da disseminação de ideias nas edições do jornal e seu posicionamento resultou em sua detenção e, por fim, em seu falecimento na prisão, como já foi citado anteriormente ao tratarmos do jornal *O Povo*.

Fundado em maio de 1831 na Corte, *O Observador* congrega um representante das primeiras manifestações impressas na Vila do Rio Grande a partir de 1832, tendo como redator Guilherme José Corrêa, e o jornal circulou de 1831 a 1835. Alves (1999b) recupera a origem do periódico:

> Surgido em 13 de agosto de 1832, O Observador considerava-se um "jornal político, literário e comercial" que saia duas vezes por semana, às segundas e quintas (depois quartas e sábados), tendo quatro páginas e sendo publicado na tipografia do seu editor, Guilherme José Corrêa, que se retirara de O Noticiador por desencontros quanto à orientação editorial com os demais redatores. Corrêa "resolveu continuar as lides da imprensa, fazendo vir do Rio de Janeiro a tipografia em que publicara trinta números de O Observador, jornal político e literário que tinha aparecido na Corte, desde 1 de maio de 1831 até o nº 30, essa continuidade ficou demarcada inclusive pela numeração que recebeu o primeiro exemplar a circular no Rio Grande – número 31 (Alves, 1999b, p. 27).

O Observador se nomeava "político, literário e comercial", porém, não se dedicou efetivamente a essas áreas, adotou a reprodução de textos de jornais do Rio de Janeiro. Veiculou na sua seção de variedades muitas anedotas, composição de narrativa curta, que expõe questões do cotidiano e que, a partir do deslocamento de sentido, ao final tem a intenção de surpreender o leitor e gerar uma reflexão, como no exemplo publicado em janeiro de 1833, que narra a conversa de um clérigo moço se gabando por ter estudado em duas universidades e o ancião o compara a um burro que mamava em duas burras: "E qual foi a consequência? Perguntou-lhe o outro: a consequência replica gravemente o velho, foi que ele vem a ser um grande burro" (*O Observador*, 1833, p. 4).

Uma forma de analisar o potencial ou a intenção educativa de um jornal é abordar os conteúdos que são veiculados nele. É importante lembrar que, durante o período analisado, era uma prática frequente a transcrição de textos provenientes de livros, de outros jornais e de correspondências pessoais. Os periódicos do século XIX tiveram, em alguns momentos, função

instrutiva na sociedade, e os textos literários contribuíram para tal função. Um exemplo foram as fábulas veiculadas em *O Observador* em janeiro de 1833. A fábula contava a história de um burro velho na estrabaria observando a filha do patrão tratar um canário com carinho e pensa em praticar o mesmo ato para agradar a menina, a moça se assusta e desmaia e o burro toma uma surra, na sequência do relato vem a moral da história:

> Tu escritor que és burro, inda que velho,
> Que azurrado algum tempo tens o povo;
> Esta fábula sirva-te de espelho:
> Não tenteis igualar canário novo
> (*O Observador*, 1833, p. 3).

Textos como esse foram recorrentes na imprensa oitocentista, as fábulas eram predominantemente esópicas, que se caracterizam por narrativas que utilizam metáforas com animais, sempre seguidas de uma reflexão moral para conduzir a interpretação do leitor.

Com a proximidade da segunda metade do século XIX, o jornalismo rio-grandino foi adquirindo as características que o consolidariam como imprensa no final do século. Os jornais passariam a ter uma periodicidade mais regular, caminhando para tornarem-se diários, seções bem definidas e maior veiculação de anúncios. Um representante desse período foi *o Rio-Grandense* (1845-1858), que teve como proprietários Pomatelli & Cia. (1845), depois Antônio Bonone Martins Viana (1849), e encerrou suas atividades com Bernardino Berlink (1850).

As manifestações literárias no *Rio-Grandense* foram recorrentes e diversificadas, encontramos poesia, crônica e folhetim. O primeiro folhetim publicado no jornal foi o *Moço Louro*, de Joaquim Manoel de Macedo (1847), foram publicados também hinos e poemas, em grande maioria, homenagens encomiásticas a pessoas e a fatos históricos. A morte de D. Afonso inspirou um poema de Maria Clemência Sampaio, publicado em julho de 1847:

> [...]
> Do trono Bragantino, a grata sombra;
> Dias de paz, de união e glória;
> Dias que mostrem claramente ao mundo
> Que e amado de Deus, Pedro Segundo.
> Entre tanto que geme a humanidade
> Com pranto aliviai justa saudade:
> Mas com conforme reflexão pensai
> Em resignar-vos ao decreto eterno,
> Que dá e tira as vidas e poderes.
> Tome a razão no coração paterno
> E a sã filosofia;
> O espaço que ocupou dor e agonia.
> Vossos povos senhor
> De voz precisão sois de paz penhor,
> E os desta Província Rio-Grandense

> Lamentam, sentem, vossa justa dor
> Pois vos tributam mui fiel amor.
> (Sampaio, 1847, p. 2).

A morte prematura de Afonso de Bragança em 11 de junho de 1847, filho primogênito do Imperador Pedro II, gerou forte comoção na imprensa nacional e, além de Maria Clemência, outros poemas foram publicados no *Rio-Grandense* sob a mesma temática.

Neste período, funcionaram na cidade do Rio Grande vários teatros, livrarias e gabinetes de leitura, com destaque para a Biblioteca Rio-Grandense, fundada em 1846, que se tornou uma das mais importantes instituições culturais gaúchas. Durante o século XIX, a imprensa escrita, além de disseminar informações, difundiu a leitura e construiu hábitos, costumes, opiniões e ideologias. Além das folhas político-partidárias e literárias, circulavam pasquins, jornais caricatos e a grande imprensa constituída dos jornais noticiosos, os quais foram evoluindo de pequenas tipografias até chegarem à imprensa industrial na virada do século.

A cidade do Rio Grande seguiu as tendências jornalísticas do resto da província e do país, destacou-se na pasquinagem. Tais produções pertencem ao que a historiografia denomina "pequena imprensa": impressos periféricos, muitas vezes anônimos, com forte teor ideológico e humor crítico (Alves, 2010). Nesse contexto, e também como representantes da pequena imprensa, surgiram as folhas literárias. Esses jornais promoviam a disseminação da leitura de clássicos da literatura, além de oferecerem espaço para textos em prosa e poesia de autores locais. Em uma época em que a publicação de um livro era complexa e extremamente dispendiosa, os periódicos literários funcionavam como meio de divulgação das obras de escritores sul-rio-grandenses, alguns dos quais se tornariam verdadeiros cânones da literatura gaúcha.

O mais importante centro portuário da província forneceu as condições favoráveis para a proliferação da imprensa: crescimento urbano, aumento da alfabetização, presença de tipografias e uma cultura política intensa, marcada por tensões partidárias, disputas locais e efervescência literária. Nesse momento, apareceram também os jornais mais perenes de circulação diária, como o *Diário do Rio Grande*, *O Comercial*, o *Eco do Sul* e o *Artista,* que se consolidaram na fase seguinte e vieram a representar a grande imprensa rio-grandina da época.

O *Artista* foi fundado em 15 de setembro de 1862 e manteve-se em funcionamento até o ano de 1912, era uma folha de gênero político, comercial e noticioso, de estilo informativo e crítico-opinativo. Não possuía tipografia própria, no seu início podemos afirmar que se caracterizava como representante da pequena imprensa, no entanto, nos anos seguintes, o

periódico passou por várias mudanças tipográficas e editoriais, tornando-se um dos mais importantes jornais rio-grandinos (Alves, 2002).

O *Eco do Sul*, um dos jornais de maior duração no estado do Rio Grande do Sul, iniciou suas atividades no município de Jaguarão na década de 1850 e foi deslocado para o Rio Grande em 1858, onde foi mantido em circulação até o ano de 1934 (Alves, 2002). De gênero político, comercial e noticioso, e estilo informativo e crítico-opinativo, o jornal possuía tipografia própria, sendo publicado como um caderno de quatro páginas. Ao final do século XIX, adaptou-se à nova fase do jornalismo, lutando para ter sua imagem desassociada de vínculos partidários.

O Comercial, fundado em 1858, permaneceu em atividade até 1882, era um jornal diário, comercial, político e noticioso no estilo formativo e crítico-opinativo, fornecia informações detalhadas sobre o setor mercantil do Rio Grande. Juntando-se as essas três publicações diárias, o *Diário do Rio Grande*, fundado em 1848, também se tornou, ao longo da segunda metade do século XIX, um importante representante da imprensa diária sul-rio-grandense, e, tratando-se da fonte escolhida para o desenvolvimento do presente trabalho, abordaremos a sua história e o seu desenvolvimento no capítulo seguinte.

Um levantamento detalhado dos jornais que circularam em Rio Grande durante o século XIX está documentado no trabalho *A imprensa rio-grandina do século XIX no acervo da Biblioteca Rio-Grandense* (Alves, 2006), que apresenta um "horizonte informativo" das publicações preservadas na instituição. Esse acervo revela a pluralidade de funções atribuídas ao jornalismo local: desde informativos gerais, passando por periódicos literários, até folhas com orientação social ou voltadas a grupos específicos (artífices, trabalhadores, leitores letrados).

3 O JORNAL *DIÁRIO DO RIO GRANDE* E SUA RELAÇÃO COM A LITERATURA

Figura 1 - Primeira edição do Diário do Rio Grande



ANNO I. SEGUNDA FEIRA, 16 DE OUTUBRO DE 1848. NUM. 1.

DE LEITURA NO RIO GRANDE

DIARIO DO RIO-GRANDE

Esta folha é propriedade da *typographia do Diario* de A. J. C. da Silva & C.ª A ASSIGNATURA é de 15$000 rs. por anno, 8$000 por seis mezes, e 4$000 por trimestre. Recebem-se ANNUNCIOS á razão de 40 rs. por linha para os Srs. assignantes, e 80 rs. para os que o não fôrem. VENDEM-SE os numeros avulsos a 80 rs. na typographia, rua Direita n. 146. As correspondencias pagarão o que se convencionar.

O DIARIO.

PROSPECTO.

Uma das primeiras provincias do *imperio em illustração*, industria, commercio e riqueza, o Rio Grande soffria entretanto a falta de uma folha que fôsse na imprensa a representante, senão d'essa mesma illustração e riqueza, ao menos dos altos interesses da sua industria e commercio.

Essa falta porém comprehende preencher o *Diario*, cujas columnas se consagrão á defesa da causa, tão injustamente desvalida, dos mais poderosos elementos da nossa prosperidade e grandeza, — o commercio e a industria.

Assim pois seremos francos em *apontar e combater os* entraves que *se oppuzerem ao desenvolvimento* de uma e de outro, e sem consideração alguma a quaesquer conveniencias particulares, mostrar-nos-emos inflexivel no desempenho do nosso mandato.

Em politica, o *Diario* respeitará todas as opiniões; mas pugnará tambem constantemente pelo triumpho e propagação das idéas de ordem, que symbolisa a bandeira debaixo da qual milita. De suas columnas portanto serão banidas as mesquinhas questões pessoaes; — *que os principios são tudo, os homens pouco.*

Os negocios do Rio da Prata fazem parte igualmente do programma do *Diario*: a elles dedicaremos amiudadas reflexões, suggeridas pelo amor que votamos a nosso paiz, e pela commiseração que nos merecem esses milhares de victimas da mais brutal tyrannia.

O *Diario* franquêa suas paginas á discussão dos magnos interesses do commercio, industria, artes, sciencias, lettras e politica, comtanto que ahi se guardem as condições que a si proprio impõe o *Diario*, e que se cifrão n'estas palavras de um dos nossos mais illustrados contemporaneos: — *Tudo entra em nosso plano, menos o homem dentro do seu lar domestico.*

Por derradeiro, o *Diario* porá a maior sollicitude em tornar-se digno da benevolencia e [illegible] do respeitavel publico.

A questão do Prata.

Quanto mais se medita nos designios de Rosas, designios revelados em cada um dos actos de sua administração, tanto mais cresce o nosso reparo e sorpresa diante d'essa politica imprevidente e anti-nacional, que tem adoptado o nosso gabinete, contra os mais immediatos interesses do imperio, e contra a segurança, vida e fortuna dos Brasileiros.

A França e Inglaterra, a quem tanto não importa, como a nós, a independencia do Estado Oriental, tem feito entretanto os mais custosos e aturados sacrificios por mantel-a; e o Brasil, cuja paz e prosperidade dependem da manutenção d'essa mesma independencia, encara de braços cruzados os planos gigantescos do dictador argentino, e como que se compraz em admirar o *heroismo* com que, a despeito dos esforços combinados de duas nações mais poderosas do mundo, vai elle camulhando a seus fins, de *degolla* e *devastação*.

Que cegueira, meu Deus, a de nosso governo!... Mas tambem, que outra cousa deveriamos esperar d'essa gente que hoje infelizmente dispõe da sorte do imperio? Não fosse ella, que o Brasil tomaria na questão do Prata a posição que lhe compete; não fosse ella, que Rosas e Oribe já não assolarião as campinas do Uruguay, nem canonisarião por mais tempo a immortal guarnição montevideana, baluarte inexpugnavel da liberdade e da honra oriental; e sobretudo o imperio ficaria desassombrado d'esses bandos de salteadores que quotidianamente ameação a tranquillidade do nosso territorio, bem como tem devastado a fazenda e a vida de innumeraveis patricios nossos estabelecidos na campanha cisplatina.

Queira a Providencia illuminar o Imperador, e afastando de derredor do throno esse grupo de phariseus, chamar para junto d'elle os verdadeiros amigos do paiz e da monarchia; que só d'est'arte esperamos ver salva a nossa dignidade e soberania.

Sim; rasgo cruel e dilatado tem sido já o martyrio da humanidade nas regiões do Prata; e mais que aviltante ha sido tambem o indifferentismo do imperio aos gemidos d'essas victimas generosas, e ás conveniencias da sua propria segurança e tranquillidade. Cumpre portanto purificarmo-nos, aos olhos do mundo que nos observa, da mancha vergonhosa que nos ennegrece as paginas da historia; cumpre que secundemos a Inglaterra, e intervindo com ella nos negocios do Rio da Prata, firmemos em bases solidas e perduraveis a independencia e a liberdade, a civilisação e a humanidade da Banda Oriental.

As aguas santas.

Tamanhas virtudes se tem contado por ahi das aguas que em Santa Maria da Boca do Monte descobrira um padre da Companhia de Jesus, que força é occuparmo-nos tambem d'esse assumpto, aliás de importantissima transcendencia para a sociedade.

Effeitos tão assombrosos attribuirão-se desde o principio a essas aguas, que fomos nós tambem um d'aquelles que duvidárão da sua efficacia, e com elles chegamos a crer que tudo não passava de uma fabula ou superstição.

Embora soubessemos da veneração com que em diversos povoações era acolhido o reverendissimo *Monge*; embora nos assegurassem que até em Pelotas o povo lhe saira ao encontro para beijar-lhe as vestes e o cajado; tudo pensavamos nós que era um excesso de religiosidade.

Hoje porém taes testemunhos temos das miraculosas virtudes das *aguas santas*, que consideramos um dever proclamar com todo o affinco a sua indisputavel bondade e efficacia para todas as molestias nervosas, syphiliticas, &c.

Ha poucos dias, lemos a respeito d'ellas o seguinte, n'uma carta datada de Alegrete a 30 de agosto, e escripta por pessoa competente:

« Por aqui nada ha de notavel, além das prodigiosas curas operadas pelas aguas denominadas do Monge, em Santa Maria da Boca do Monte, simplesmente bebidas ou em banhos.

« Já não precisamos portanto do assacú do Pará, tão recommendado pelo governo: a agua pura do Rio Grande apresenta maiores e mais completos resultados na cura do mal de S. Lasaro. Nico Nery Subtil (Paulista) foi para as aguas em figura monstruosa, eu o vi; e está bom apenas com umas pequenas feridas [illegible] dos joelhos.

O jornal *Diário do Rio Grande* teve seu primeiro exemplar editado em 16 de outubro de 1848. O impresso era composto por quatro páginas e o gênero do jornal se caracterizava como noticioso, comercial e político, estilo informativo e crítico-opinativo. Seu primeiro proprietário

foi Antônio José Caetano da Silva. Sua assinatura era vendida 15$000 por ano, 8$000 por semestre, 4$000 por trimestre, sua venda também se dava de forma avulsa, 80 réis o exemplar, possuindo tipografia própria, localizada na rua Direita 146. As intenções do jornal ficaram evidenciadas no seu "Prospecto" apresentado em seu primeiro número:

> Uma das primeiras províncias do império em ilustração, indústria, comércio e riqueza, o Rio Grande, sofria, entretanto, da falta de uma folha que fosse na imprensa a representante, senão dessa mesma ilustração e riqueza ao menor dos altos interesses da sua indústria e comércio.
> Essa falta, porém, compreende preencher o *Diário*, cujas colunas se consagram a defesa da causa, tão injustamente desvalida, dos mais poderosos elementos da nossa prosperidade e grandeza, o comércio e a indústria.
> Assim pois seremos francos em apontar e combater os entraves que se opuserem ao desenvolvimento de uma e de outra e sem consideração alguma a quaisquer conveniências particulares, mostrar-nos-emos inflexível no desempenho do nosso mandato.
> Em política, o *Diário* respeitará todas as opiniões, mas pugnará também constantemente pelo triunfo e propagação das ideias de ordem que simboliza a bandeira debaixo da qual milita. De suas colunas, portanto, serão banidas as mesquinhas questões pessoais.
> Os negócios do Rio da Prata fazem parte igualmente do programa do *Diário*, a eles dedicaremos amiúdas reflexões, sugeridas pelo amor que votamos a nosso país e pela consideração que merecem essas milhares de vítimas da mais brutal titânia.
> O *Diário* franquia suas páginas a discussão dos magnos interesses do comércio, indústria, artes, ciências, letras e política, contando que a si próprio impõem o *Diário*, e que se cifrão nessas palavras de um dos nossos mais ilustres contemporâneos. Tudo entra em nosso plano, menos o homem dentro do seu lar doméstico.
> Por derradeiro, o *Diário* porá a maior solitude em tornar-se digno a benevolência do respeitável público (Diário do Rio Grande, 16 out. 1848, p. 1).

A postura política do jornal se alterou ao longo da sua existência, conforme aponta Francisco Alves (2002, p. 85): o "*Diário do Rio Grande*, mesmo que ligado primeiro aos conservadores e, posteriormente, aos liberais, buscou sustentar sua condição de órgão essencialmente informativo". As manifestações de natureza político-partidária adquiriam destaque nas páginas do jornal em períodos específicos, especialmente durante as inversões partidárias ou campanhas eleitorais; acalmado os ânimos, o periódico retornava à sua função primordial de noticiador, focando em seus interesses comerciais. Neste primeiro momento, o jornal não possuía uma regularidade editorial, as matérias e anúncios eram distribuídos de acordo com a disponibilidade de espaço.

No primeiro ano, as primeiras edições tinham quatro páginas, cada página era dividida em três colunas, no editorial intitulado "Exterior" eram vinculadas notícias da Europa (Londres, Paris, Alemanha, Espanha e Áustria) e na editoria de "Interior" eram veiculadas notícias da Corte (Rio de Janeiro), comércio, exportação e a movimentação da barra do Rio Grande. Os anúncios ocupavam a última página. O formato que a folha estreou foi o denominado "In-

quarto", dimensões aproximadas 30 x 22 cm, folha dobrada duas vezes. Em 1849, o jornal aumenta de tamanho, passando a medir 40 x 24 cm, formato "In-fólio", termo técnico herdado da tradição tipográfica europeia, que se refere ao tipo de dobra do papel na composição da forma tipográfica, permanecendo com as notícias distribuídas em três colunas.

O fundador do impresso, Antônio José Caetano da Silva, nasceu no Rio Grande em 12 de dezembro de 1817, entre as décadas de quarenta e cinquenta do século XIX, desenvolveu intensa atividade jornalística, redigindo o *Rio-Grandense, Revista Imparcial, Correio de Anúncios, Nova Época, Mentiroso, Noticiador* e a *Guarda Avançada,* todos impressos de curta duração, até fundar o *Diário do Rio Grande,* com a proposta de circulação diária e com um nível de organização tipográfica avançado para época. Caetano da Silva encontrou neste empreendimento o ápice da sua carreira jornalística (Bellomo; Ertzogue; Araújo, 2006). "Com referência à política a folha argumentava que aceitaria múltiplas visões, mas destacava a necessidade da 'ordem', lembrando o discurso dos conservadores, grupo ao qual estava vinculado seu fundador" (Alves, 2002, p. 159). Desde os primórdios, o jornal buscava preservar um certo equilíbrio entre suas metas comerciais e as explícitas manifestação de suas convicções políticas.

Em 1 de outubro de 1854, o *Diário do Rio Grande* passou a ser propriedade de Antônio Estevam de Bitancourt e Silva, conforme apresenta Alves (2002). Ele era militar, proprietário fundiário rio-grandino e sobrinho de Caetano da Silva.

Distanciando-se da pequena imprensa, o *Diário do Rio Grande* celebra seus doze anos de existência fazendo declarações sobre sua linha editorial primar pela notícia:

> Doze anos deslizaram desde aquele em que o Diário do Rio Grande encetou sua carreira. Doze anos! ...
> O cumprimento das promessas feitas ao público, a escolha de matérias de interesse, a atividade na transmissão das notícias de maior e menor vulto, o esmero em todos os ramos de um bom desempenho tipográfico, os conselhos dos inteligentes e, em fim os manifestos esforços para satisfazer os desejos de um povo que, querendo e precisando ler, não quer contudo que abusem da sua boa fé, ou que o engane, de um povo que não quer que manchem os objetos mais ricos, publicando coisas sem verdade, sem peso, sem intenção moral, sem religião e sem lei! (Diário do Rio Grande, 1 jan. 1960, p. 1).

Na década de 1860, o Diário promove avanços organizacionais que o tornarão nas décadas seguintes um dos mais importantes jornais sul-rio-grandenses. Neste período, o jornal passou por diversos aumentos em seu formato e os espaços editoriais já estavam mais definidos. Sua circulação foi regional, e além de Rio Grande e Pelotas, circulou nas cidades de Bagé, Piratini, Alegrete, Dom Pedrito, São Gabriel, Uruguaiana, Santa Vitória do Palmar e Santana

do Livramento. As notícias eram distribuídas em cinco colunas e o formato do jornal era o denominado "fólio", de aproximadamente 45 x 35 cm, derivado da dobra da folha impressa.

> A partir da década de sessenta, quando passou a contar com a concorrência de outros jornais diários, que buscavam afirmar-se junto a imprensa rio-grandina, o *Diário do Rio Grande* objetivou demonstrar que continuava a ser o único representante da imprensa "séria" na cidade, além do que, de acordo com o princípio da primazia da notícia, seria aquele que melhor informava o público leitor. Tendo em vista, o *Diário* procurava desvalorizar as demais publicações, chegando a publicar uma seção denominada "Revista dos jornais da Terra", na qual analisava, página a página, cada um dos jornais diários rio-grandinos, criticando e apontando falhas ou atrasos na divulgação das informações (Alves, 2002, p. 202).

Em janeiro de 1866, Antônio Estevam Bitancourt e Silva, mesmo permanecendo como proprietário, por motivos de doença, afasta-se da redação do jornal e assume como diretor da redação Henrique Bernardino Marques Canarim, bacharel em direito e delegado de polícia do Rio Grande. Neste período, o jornal tem na publicidade sua mais importante base de sustentação. A associação entre Canarim e Bitancourt foi desfeita em julho de 1873, quando Bitancourt reassume a direção e a redação do *Diário*. Um ano depois, Francisco Maurício Gonçalves associa-se a Antônio Estevam Bitancourt na administração e redação do jornal e, no ano de 1876, Francisco arrenda o *Diário* e permanece por um ano como único responsável. Em 1877, o jornal retorna a ter como único proprietário Bitancourt, conforme salienta Alves (2002, p. 170), "a proposta de uma postura apolítica ligada da 'neutralidade' foi reforçada naquela data". As mudanças na orientação política do seu proprietário culminaram com a virada liberal do periódico:

> Antônio Estevam Bitancourt da Silva passou a militar na agremiação liberal, chegando a candidatar-se a cargos eletivos por este partido. Além disso, o jornal começou a receber forte influência de Zacarias de Salcedo, promotor da causa liberal, primeiro como correspondente, e depois como um dos responsáveis pela edição da folha. A estratégia discursiva adotada pela folha diária diante do novo vínculo partidário foi a de encarar a mudança como algo natural, evitando chamar atenção para o fato, sem pronunciar-se sobre o mesmo, não entabulando justificativas e nem sequer respondendo às provocações dos demais representantes da imprensa (Alves, 2002, p. 170).

Dois anos depois, Zacarias de Salcedo associa-se a Bitancourt na direção do *Diário do Rio Grande,* comprovando a influência que já vinha exercendo no periódico e tornando explícita sua relação com o partido liberal. A década de oitenta marcou o ápice do número de anúncios veiculados no jornal. Em 1880, Bitancourt desliga-se do jornal e vende a empresa tipográfica e o *Diário* para Salcedo. O novo proprietário vai para o Rio de Janeiro e deixa o jornal a cargo dos funcionários, por quatro anos. É só em agosto de 1885 que Manoel José de Andrade torna-

se sócio de Salcedo, adotando uma linha editorial que busca ser "apartidária", conforme destaca Alves (2002, p. 178):

> Proponha-se a folha executar o seu programa, apreciando "os fatos conforme os seus deveres de órgãos do interesse público [...], sem preocupações partidárias, com abstração completa de personalidades e sem cogitar dos interesses políticos de quem quer que fosse"; garantia que sua conduta não seria outra senão a que vinha sendo "desde que entrou em sua nova fase", visando "as conveniências gerais do país, o bem estar e a tranquilidade da família brasileira, a oposição a tudo que tivesse por fim satisfazer vinganças pessoais e de baixa política".

Com a morte de Zacarias Salcedo, em 18 de abril de 1891, Manoel de Andrade manteve a sociedade com os herdeiros de Zacarias até 1892. A Revolução de 1893 foi um conflito armado que teve início em fevereiro de 1893, quando forças federalistas, conhecidas como maragatos, lideradas por Gaspar da Silveira Martins, insurgiram-se contra o governo estadual, apoiado pelos pica-paus (republicanos castilhistas). O conflito rapidamente assumiu caráter violento, espalhando-se pelo território sul-rio-grandense e atingindo também Santa Catarina e Paraná. O conflito foi encerrado em 1895, com a derrota militar dos maragatos e a assinatura de acordos de pacificação durante o governo do presidente Prudente de Morais. Uma das consequências desse conflito foi uma grande crise econômica que resultou na diminuição dos anúncios veiculados no jornal. Neste período, o *Diário do Rio Grande* buscou uma postura de neutralidade, conforme destaca Alves (2002, p. 199):

> As sequelas deixadas pela Revolução Rio-Grandense de 1893 também promoveriam efeitos na conduta do *Diário do Rio Grande* que a partir de então optou por um silêncio absoluto quanto aos assuntos de cunho político partidário como norte da sua construção discursiva. Diferentemente do período imperial, quando a postura apolítica serviu muito mais para legitimar uma linha editorial, embora o jornal possuísse suas vinculações partidárias bem delineadas, a partir do primeiros anos da República e até praticamente o encerramento da sua sobrevivência, tendo em vista a permanência das disputas políticas e os sempre constantes riscos de perseguição à imprensa, o periódico adotou uma posição de neutralidade, agora na prática e não mais com um argumento discursivo, eximindo-se assim, de analisar os eventos de natureza partidária e/ou política que marcaram a conjuntura sul-rio-grandense da fase pós-revolucionária.

Manoel de Andrade faleceu em 1899 e o jornal manteve-se sobre a propriedade dos seus herdeiros até 1908, quando foi vendido para Frediano Trebbi e Boaventura Lopes. Sob novo comando, o periódico conseguiu manter uma postura apolítica até o ano de 1910, quando tomou partido e aderiu à Campanha Civilista de Rui Barbosa e passou a atacar o marechal Hermes. Ao longo daquele ano, o jornal esteve fechado, entre 2 abril e 15 de maio, por determinação de autoridades locais. No dia 19 de outubro de 1910, encerrou suas atividades.

O jornal acompanhou a evolução da imprensa gaúcha da segunda metade do século XIX, primeiramente mais veiculado a uma imprensa partidária, característica do período histórico do nascimento do impresso, quando os proprietários e editores de periódicos se alinham obrigatoriamente a algum dos partidos políticos existentes e, posteriormente, mais para o final do século, introduzem o conceito de empresa jornalística. Mesmo que alguns deles ainda estejam vinculados a partidos políticos, os seus diretores e editores perceberam que precisavam atender às demandas de seu público.

Ao longo dos seus sessenta e dois anos de história (1848-1910), o *Diário do Rio Grande* passou por diversos proprietários, alterou seu formato e as suas seções, porém, em alguns quesitos, se manteve fiel ao que se propôs no seu primeiro exemplar e dedicou espaço às artes e às letras.

3.1 FOLHETIM

O aperfeiçoamento da prensa mecânica realizado por Augustus Applegath, em 1828, representou um marco decisivo na história da imprensa moderna, ao possibilitar a ampliação exponencial das tiragens dos periódicos. Inicialmente, a nova tecnologia permitiu a impressão de aproximadamente quatro mil exemplares por hora, número que, em um curto intervalo de tempo, elevou-se para cerca de vinte mil exemplares. Como consequência desse processo de mecanização e racionalização da produção jornalística, ao final do século XIX, Paris já abrigava ao menos quatro jornais cuja circulação diária ultrapassava a marca de um milhão de exemplares.

Entretanto, a expansão quantitativa da produção impressa não se mostrava suficiente por si só. Tornava-se necessário reduzir os custos de produção e comercialização dos jornais, de modo a torná-los acessíveis a uma massa ampliada de leitores em potencial. Nesse contexto, Émile de Girardin, em associação com Armand Dutacq, concebeu o projeto de *La Presse*, considerado o primeiro jornal estruturado a partir do modelo de comercialização por assinaturas e sustentação financeira via publicidade. Com a dissolução da sociedade, Girardin deu continuidade ao empreendimento de *La Presse*, enquanto Dutacq optou por desenvolver uma iniciativa concorrente, culminando na fundação do jornal *Le Siècle*.

Em 6 de agosto de 1836, Dutacq inaugurou uma prática editorial inovadora ao publicar, no espaço físico do jornal conhecido como *feuilleton*, um texto de ficção: o romance anônimo *El Lazarillo de Tormes*, que ocupou posição de destaque na primeira página da publicação. Tal

iniciativa consolidou a articulação entre imprensa periódica e literatura, ampliando o alcance social da narrativa ficcional e redefinindo as formas de consumo cultural no século XIX.

Conforme analisa Marlyse Meyer (1996), o romance-folhetim constitui-se como uma forma literária diretamente vinculada às transformações da cultura impressa e à consolidação da imprensa periódica no século XIX. Sua emergência deve ser compreendida no contexto da modernidade oitocentista, marcada pela urbanização, pela ampliação do público leitor e pela progressiva mercantilização da produção cultural. A autora situa a origem do folhetim na França da década de 1830, quando os jornais passaram a reservar um espaço específico, geralmente localizado no rodapé das páginas, denominado *feuilleton*, para textos de caráter recreativo, como críticas teatrais, crônicas e comentários literários que ocupavam, geralmente, as primeiras páginas. Eram separados do restante dos textos por um fio horizontal e sua distribuição não correspondia com as colunas que eram organizadas as demais notícias, pois possuía uma diagramação diferente, por vezes, os textos eram dispostos em duas colunas e os poemas em um número mais variado de colunas. Gradualmente, esse espaço passou a acolher narrativas ficcionais publicadas de forma seriada, dando origem ao romance-folhetim propriamente dito. Tal deslocamento representa, segundo Meyer (1996), uma inflexão decisiva na relação entre literatura, imprensa e mercado editorial.

Do ponto de vista formal, o romance-folhetim caracteriza-se por uma estrutura narrativa adaptada às exigências da publicação seriada. Meyer destaca o predomínio de capítulos breves, a construção de suspenses recorrentes, o uso sistemático de cortes estratégicos e a multiplicação de enredos paralelos, recursos destinados a manter o interesse do leitor e assegurar a continuidade da leitura. Dessa forma, a temporalidade narrativa passa a ser condicionada pelo ritmo da imprensa, instaurando uma nova experiência de leitura, fragmentada e periódica.

No plano sociocultural, a pesquisadora enfatiza o papel do folhetim na ampliação e diversificação do público leitor. Ao ser veiculado em jornais de grande circulação e custo relativamente baixo, o romance-folhetim contribuiu para a democratização do acesso à ficção, alcançando setores sociais que tradicionalmente não integravam o circuito do livro. Esse processo favoreceu a constituição de um público leitor urbano, heterogêneo e massificado, alterando profundamente as práticas de leitura e consumo literário. A autora também ressalta o caráter transnacional do romance-folhetim. Escritores como Eugène Sue, Alexandre Dumas e Honoré de Balzac tiveram suas obras amplamente difundidas por meio da imprensa europeia, sendo rapidamente traduzidas e apropriadas em diferentes contextos nacionais, como veremos nas páginas do jornal *Diário do Rio Grande*.

Marlyse Meyer problematiza a desvalorização crítica historicamente atribuída ao romance-folhetim, frequentemente classificado como literatura menor ou puramente comercial. Para a autora, essa forma narrativa deve ser compreendida como um espaço privilegiado de observação das tensões entre cultura erudita e cultura de massa, revelando os mecanismos de produção simbólica da sociedade burguesa do século XIX. Assim, o folhetim assume relevância não apenas literária, mas também histórica e cultural, ao antecipar práticas narrativas e midiáticas que se estenderiam ao longo do século XX. O modelo importado da França recebeu caloroso acolhimento em solo brasileiro e em pouco tempo virou sucesso numa sociedade burguesa que estava começando a se massificar. Antonio Hohlfeldt (2003) também esclarece as características e os motivos que levaram os romances-folhetins ao sucesso:

> Suas características logo seriam reconhecidas pelo leitor: enredos complexos, grande número de personagens, ações eletrizantes, detalhes em torno do passado cuidadosamente omitidos pelo narrador até determinado momento da ação, uma estrutura montada de maneira a fazer coincidir um efeito de suspense com o final do espaço destinado à narrativa.
> O sucesso de tais publicações é tão grande que, logo em seguida, as mesmas gráficas que imprimem os jornais diários passam a produzir em volumes adensados aqueles textos consagrados pelos leitores. Aumenta, assim, o público capaz de ler e consumir literatura, num momento em que não se distingue, em hipótese alguma, a produção do que mais tarde viria a ser consagrado pela história literária e aquele conjunto de obras que, na virada do século, já estaria relegado ao esquecimento, considerado produção esteticamente inferior (Hohlfeldt, 2003, p. 19).

A imprensa brasileira passou a repercutir o gênero do romance-folhetim, em expansão na Europa, a partir da década de 1830. Segundo Nadaf (2002), o primeiro romance-folhetim publicado no Rio de Janeiro foi *Edmund e sua prima*, de Paul de Kock, cuja estreia ocorreu no *Jornal do Comércio,* em 4 de janeiro de 1839. A autora destaca que um dos principais responsáveis pela introdução desse novo gênero no Brasil foi Justino José da Rocha, que, além de traduzir diversas obras francesas, atuou também como escritor. Nesse contexto, Rocha publicou, no *Jornal do Comércio*, em 1839, a novela histórica intitulada *Os assassinos misteriosos* ou a *Paixão dos diamantes*, contribuindo para a difusão e adaptação do modelo folhetinesco no país.

Nelson Werneck Sodré, ao discutir a produção e a circulação da literatura no Brasil, considera o folhetim como uma fase do avanço do romance brasileiro, que era praticamente ausente antes de sua introdução:

> É com o folhetim, realmente, que o romance entre nós, ganha grupos numerosos de leitores e define, pela aceitação, a presença de uma atividade literária ainda balbuciante que, antes disso não conseguiria afirmar-se e muito menos definir-se. O

> fato pode ser aferido da simples comparação, entre o que era o romance antes de encontrar a porta de divulgação do folhetim, e o que foi, depois que encontrou correspondência entre os leitores (Sodré, 1999, p. 322).

Na mesma linha argumentativa que Sodré, Antonio Candido (2007) destaca a relevância dos romances para a formação da narrativa romanesca no Brasil, além de abordar o vínculo entre o folhetim e o público leitor:

> Além dos fatores individuais, que se resumem geralmente com o nome de vocação, e da influência estrangeira, sempre decisiva, houve certamente por parte do público apreciável solicitação, ou pelo menos reciprocidade, a influir no aparecimento do romance entre nós. Provam-no a quantidade de traduções e abundante publicação de folhetins seriados nos jornais, não apenas no Rio, mas em todo país (Candido, 2007, p. 439).

Segundo o autor, a intensidade dos folhetins diminui na medida em que intensifica a produção local. Entretanto, a circulação do folhetim foi circunstancial até a virada do século XIX e eles coexistiram com a produção local, inclusive expandindo-se para o século XX.

No contexto rio-grandense, o folhetim integrou-se de modo orgânico à estrutura dos jornais, evidenciando a estreita relação entre jornalismo e literatura no século XIX. A narrativa seriada passou a ocupar um espaço regular nas edições, consolidando-se como elemento constitutivo da experiência cotidiana de leitura.

Hohlfeldt (2003) identifica, a partir da década de 1850, um crescimento significativo da publicação de romances-folhetins nos jornais de Porto Alegre, concomitante à expansão da imprensa local e ao aumento das taxas de alfabetização urbana. Nesse período, periódicos como o *Jornal do Comércio* e *A Federação* tornaram-se veículos privilegiados para a circulação de narrativas ficcionais seriadas, contribuindo para a formação de um público leitor regular e para a consolidação de hábitos de leitura contínua.

A imprensa sul-rio-grandense não se limitou à reprodução de modelos europeus ou nacionais, mas adaptou o romance-folhetim às condições locais, tanto no que diz respeito aos temas quanto às estratégias narrativas. Assim, observa-se a coexistência de traduções de romances estrangeiros com produções originais de autores vinculados ao jornalismo regional. De acordo com Hohlfeldt (2003), o romance-folhetim exerceu papel fundamental na democratização do acesso à literatura, ao inserir a ficção no espaço do jornal, meio de ampla circulação e custo relativamente baixo. Essa prática contribuiu para ampliar o alcance social da leitura, atingindo camadas da população que dificilmente teriam acesso ao livro impresso.

Além disso, o autor destaca que o folhetim funcionou como espaço de experimentação literária e de afirmação de escritores locais, permitindo a emergência de uma produção ficcional

vinculada à realidade regional. Temas como a vida urbana, os conflitos sociais, os costumes e as transformações políticas do Rio Grande do Sul oitocentista passaram a integrar o universo narrativo dessas obras, aproximando o texto ficcional da experiência cotidiana dos leitores. Segundo o pesquisador, a análise do romance-folhetim deve ultrapassar os limites estritamente literários, incorporando uma perspectiva histórica e comunicacional. O folhetim é compreendido como produto de um sistema de mídia em formação, no qual o jornal assume a função de mediador cultural e de organizador do espaço público letrado. Nesse sentido, o romance-folhetim revela-se indissociável do processo de modernização urbana, da consolidação da imprensa periódica e da constituição de uma esfera pública no Rio Grande do Sul do século XIX.

A pesquisadora Juliane Cardozo de Mello dedicou-se ao estudo do folhetim, primeiramente, na sua dissertação intitulada *Carlos de Koseritz: reiluminando sua biografia e suas obras românticas esquecidas* (2013), e, posteriormente, na sua tese de doutorado "*Ser ou não ser literatura? Eis a questão", a leitura de folhetins em Rio Grande no século XIX* (2017), ambos trabalhos contribuíram muito para a presente pesquisa no que tange à genealogia do romance-folhetim sul-rio-grandense. Um dos primeiros aspectos importantes salientados pela autora é que a cidade do Rio Grande acompanhou a tendência nacional no século XIX:

> Em pesquisas nos periódicos da Biblioteca Rio-Grandense, Andrea da Silveira Estima e Rosana Tejada, então bolsistas do projeto “O sistema literário rio-grandino no século XIX: estudo sobre a sua formação e consolidação”, disponível no *site* www.fontes.furg.br, localizaram 162 folhetins publicados nas folhas locais, num período que compreende o primeiro folhetim, publicado no jornal *O Rio-Grandense*, em 1845, até o final do período republicano, em 1889 (Mello, 2013, p. 18).

A investigação demonstra que a ficção publicada nos jornais rio-grandinos era majoritariamente composta por traduções ou adaptações de romances europeus, com destaque para autores franceses consagrados no circuito folhetinesco oitocentista. Essa constatação reforça a ideia de que o sistema literário local se estruturava em diálogo direto com o mercado editorial internacional, particularmente com o modelo francês:

> A nacionalidade dos autores é em maior número francesa, mas há obras não identificadas ou com autoria equivocada; o que aponta para a negligência dos aspectos autorais, comum no período, e para a problemática da tradução, já que muitos autores faziam as suas versões de romances de folhetinistas famosos, sem indicar a autoria, assinando os folhetins, publicados nos jornais, ou por pseudônimo ou sem identificar-se. Além disso, muitos dos autores e das obras não são reconhecidos atualmente, uma vez que não foram canonizados e, por seu caráter "popular" foram relegados ao esquecimento pelos historiadores da literatura (Mello, 2017, p. 103).

A autora evidencia que a circulação desses textos não se restringia aos grandes centros do Império, como o Rio de Janeiro, mas alcançava também centros regionais economicamente dinâmicos, como Rio Grande. Isso contraria a noção historiográfica de que o interior brasileiro estaria culturalmente isolado. Segundo ela, a tradução não deve ser compreendida como mera reprodução, mas como prática ativa dentro do polissistema literário, conforme a teoria de Itamar Even-Zohar, na qual a literatura traduzida ocupa papel estruturante em sistemas emergentes.

Os romances publicados apresentam elementos típicos do folhetim europeu: narrativas extensas e seriadas; estrutura episódica com ganchos ao final de cada capítulo; forte apelo melodramático; polarização moral (virtude *versus* vício); e ênfase em conflitos familiares, heranças, injustiças sociais e redenção moral.

Ao contrário de alguns periódicos que começaram publicando, no rodapé da primeira página, textos diversos e depois passaram a publicar romances-folhetins, o jornal *Diário do Rio Grande* estreou o espaço literário no dia 1 de fevereiro de 1849 com a obra intitulada *Piquillo Alliaga* ou *Os Mouros no Reinado de Felipe III*, de autoria de Eugène Scribe. O romance ambienta-se na região de Navarra, no século XVI, durante o reinado de Felipe III. A narrativa insere-se em um contexto de tensões políticas entre a Coroa espanhola e as províncias bascas, marcadas por forte tradição local e resistências ao centralismo castelhano.

A obra retrata o momento em que o monarca tenta realizar uma entrada pública solene na cidade de Pamplona, impondo a legislação castelhana à região. Tal gesto simboliza o esforço de centralização do poder real e provoca reações adversas por parte de diferentes segmentos sociais, incluindo separatistas bascos, membros da nobreza conservadora e parcelas da população urbana. O romance, portanto, constrói um pano de fundo histórico caracterizado por instabilidade política e conflitos entre tradição local e autoridade monárquica. No Brasil, a tradução foi realizada por Justiniano José da Rocha e publicada no Rio de Janeiro em 1847. Outro aspecto relevante é que o texto ocupava, de fevereiro a julho de 1849, a última página do jornal, foi a partir de 23 de julho que ele passou a ocupar o rodapé das primeiras páginas. No decorrer dos sessenta e dois anos de duração, os romances-folhetins e os textos literários consolidaram o rodapé do *Diário do Rio Grande* como espaço de divulgação literária.

O segundo folhetim publicado no jornal foi de um brasileiro, Antônio Joaquim da Rosa, conhecido como Barão de Piratininga, nascido em 1820, em São Roque, cidade do interior de São Paulo. Além de sua ampla circulação nos jornais brasileiros, o texto foi editado pela livraria José Hypólito da Silva, em 1919, e reeditado em 2019 pela editora carioca Vermelho Marinho. O enredo gira em torno do triângulo formado por Cora Mendes, Anacleta Gonçalves e Astolfo. Anacleta, perseguida pelo amante enciumado após a descoberta de um adultério e da

paternidade ilegítima de seu filho, busca auxílio na cabana da feiticeira. Cora, conhecida por elaborar filtros amorosos e realizar sortilégios, aceita ajudá-la mediante a exigência de um sacrifício: o bebê deverá ser oferecido aos "espíritos" da Caverna dos Infantes. Movida pelo desespero, Anacleta consente, culminando no assassinato ritual da criança. O choque do ato conduz à loucura da mãe e, posteriormente, à sua morte. Astolfo, ao deparar-se com os cadáveres da amada e do filho, suicida-se. Após o crime, Cora Mendes é atacada por uma serpente, sofre mutilações e passa a experimentar visões. A personagem, depois do ataque, padece de uma existência de miséria, solidão e degradação física.

Pereira e Marçal (2023) analisam o texto *A feiticeira* (1849), destacando as reminiscências da heresia e da Inquisição na construção da personagem Cora Mendes. As autoras afirmam que a narrativa "dialoga tanto com a tradição clássica literária como com histórias orais de matrizes populares", inserindo-se no chamado "tecido fáustico", calcado principalmente "nos pactos diabólicos" (Pereira; Marçal, 2023, p. 1).

Segundo as pesquisadoras, os castigos impostos à personagem podem ser interpretados como "alegorias da Inquisição portuguesa, cujos mecanismos mais cruéis para controlar ou eliminar suas vítimas eram a tortura e o terror" (Pereira; Marçal, 2023, p. 1). A construção da feiticeira são-roquense articula referências intertextuais a Fausto, de Johann Wolfgang von Goethe, especialmente no que se refere ao pacto demoníaco, bem como a Macbeth, de William Shakespeare, no que tange à caracterização grotesca das bruxas e à arte da adivinhação.

As autoras observam que a literatura do Barão pode ser classificada como pertencente à "cultura das bordas", isto é, uma produção "longe dos centros acadêmicos, e não legitimada pela alta cultura" (Pereira; Marçal, 2023, p. 4). Nessa perspectiva, o folhetim mescla cultura erudita e popular, num "relacionamento circular feito de influências recíprocas" entre ambas as esferas (Pereira; Marçal, 2023, p. 6).

No plano temático, destacam-se elementos como o infanticídio, prática frequentemente atribuída às bruxas nos processos inquisitoriais. As autoras recordam que "o pânico do infanticídio perdurou na mentalidade popular" (Pereira; Marçal, 2023, p. 13), sendo muitas mulheres punidas com base em acusações infundadas. A punição sofrida por Cora Mendes, marcada por visões aterradoras, degradação física e isolamento, configura, assim, metáfora das práticas do Santo Ofício, incluindo torturas e fogueiras. O estudo amplia a discussão ao estabelecer paralelos com a contemporaneidade, demonstrando que a perseguição simbólica às supostas "bruxas" não se restringe ao passado histórico. Conclui-se que o texto de Antônio Joaquim da Rosa revisita criticamente o imaginário inquisitorial, evidenciando como a literatura romântica brasileira reelabora heranças culturais europeias e as reinscreve no contexto

social e histórico do Brasil oitocentista.

Na década de cinquenta, os romances-folhetins franceses dominaram as páginas do *Diário do Rio Grande*. Os sete pecados Mortais ou Frederico Bastien (1850), Os Mistérios do Povo (1851), Miss Mary ou A Maestra (1852), A Buena Dicha (1853), de Eugène Sue; Bela Rosa (1852), de Amedíe Archard; Olimpia de Cleves (1853), A Mão do Finado (1853), de Alexandre Dumas; Branca D'orbe (1853), de Hipplolyte Castille; A dama das pérolas (1854), de Alexandre Dumas Filho; e Recordações de Viagem (1855), de George Bisse. Os escritores brasileiros que publicaram neste período foram: Candido Batista, com Lucia de Miranda (1851); Joaquim Manoel Macedo, com Rosa (1853), Vicentina (1855) e O Forasteiro (1885); e Adadus Calpe, pseudônimo de Antônio Deodoro de Pascual, com a obra A Mulher (1855). Foram publicados neste período também textos sem autoria: Pensa e Ama (1855) e Uma vítima da felicidade (1856). Entre os romances de autores brasileiros, destacamos o Lucia de Miranda como o primeiro folhetim sul-rio-grandense publicado no *Diário*. Voltamos mais uma vez para o trabalho de Mello (2017), que analisa o texto, interrogando sua condição de folhetim propriamente "sul-rio-grandense". A análise evidencia que, embora produzido localmente, o texto dialoga fortemente com modelos narrativos europeus. A narrativa ambienta-se no espaço platino, evocando episódios ligados à presença espanhola no sul da América, o que sugere uma tentativa de inserção regional.

> Creio que a publicação, primeiramente na revista *Guanabara,* tem um intuito formativo ao leitor brasileiro, para que o mesmo conhecesse um momento crucial na história de uma colonização vizinha. Dessa forma, *Lucia de Miranda*, mescla a narrativa historiográfica, ao tom épico, sem o apelo sentimental e o melodrama caracteristico do folhetim. Ademais, os "cortes" realizados entre um número e outro do periódico se dão de acordo com a numeração dos capítulos, visto que o texto não foi escrito para ser publicado em formato de folhetim (Mello, 2017, p. 156).

Os franceses continuaram representando o maior volume de folhetins divulgados no *Diário* ao longo da segunda metade do século XIX. Os Miseráveis (1862), de Victor Hugo; Armandina (1869), de Charles Deslys; O Tesouro Fatal (1870), de Ernest Daudet; A Mulher Imortal (1870), de Ponson du Terrail; O Conde de Mansfeldt (1871), de Alexandre de Lavergne; Vida Infernal (1874), de Émile Gaboriau; A Mulher do Joalheiro (1880), de Paul Saunière; A padeira (1885), de Xavier de Montépin; e Os selvagens de Paris (1890), de Gustave Aimard.

Foi só no século XX que o *Diário* publicou, sem a utilização de pseudônimos, o primeiro e único folhetim de autoria feminina, a escritora foi a italiana Carolina Invernizio, com o romance intitulado *Cadeia Eterna* (1907). O folhetim narra a trajetória trágica e complexa de Juliana, jovem de grande beleza e origem humilde que, após uma infância marcada por maus-

tratos, foge e é adotada pelo casal Franschino. Já nas primeiras linhas temos a descrição de Juliana:

> A moça era agora, de uma beleza fascinante. Pálida, dessa palidez sadia, que aumenta o fulgor dos olhos e denota constituição nervosa e sensível.
> Cabelos negros como asas de corvo, e que, quando soltos lhe iam aos pés, alta e esbelta, tinha ela uma extraordinária flexibilidade (*Diário do Rio Grande*, 23 jan. 1907, p. 1).

Nesse tipo de narrativa, a caracterização das personagens frequentemente utiliza descrições detalhadas, comparações e elementos simbólicos que reforçam a dimensão emocional e dramática da história. Primeiramente, observa-se a idealização da beleza feminina, típica da literatura folhetinesca. A personagem é apresentada como "de uma beleza fascinante", expressão que indica não apenas a aparência física, mas também um poder de atração quase hipnótico. Esse tipo de descrição aproxima a personagem de um ideal estético romântico, no qual a beleza é associada à sensibilidade e à intensidade emocional. A referência à "palidez sadia" revela um recurso comum na literatura do século XIX e início do XX. A palidez, longe de representar fragilidade negativa, aparece como um traço valorizado, associado à delicadeza e à sensibilidade. Ao afirmar que essa palidez "aumenta o fulgor dos olhos", o narrador estabelece um contraste visual que intensifica a expressividade da personagem. Tal estratégia reforça o caráter dramático da descrição e evidencia a importância da aparência na construção simbólica da personagem.

E apesar de sua aparência fascinante, Juliana mantém distância dos pretendentes até conhecer Reinaldo Coppola, jovem de caráter nobre e sensível, que se apaixona profundamente por ela. "Moço de vinte anos ou pouco mais, de nobre fisionomia, dulcificada por dois olhos ingênuos e cintilantes e por um sorriso ainda infantil" (Diário do Rio Grande, 23 jan. 1907, p. 1).

Na noite de núpcias, acontece uma tragédia que só vai ser explicada no transcorrer da história. Juliana, na noite de núpcias, é encontrada pela dona da pensão, onde o casal estava hospedado, caída e ensanguentada, e o noivo não está no local. Chamada para depor, ela diz que não amava o marido, pois estava apaixonada por outro homem, e, desesperada e dominada por conflitos internos, ela tenta ferir a si mesma com uma faca. Reinaldo tenta impedir a tragédia, mas, abalado pela situação, abandona a esposa. O episódio gera escândalo e leva muitos a acreditarem que ele tentou assassiná-la.

Anos depois, Juliana vive atormentada pelo remorso e pelo passado. Descobre-se que ela mantivera uma relação proibida com seu pai adotivo, Franschino, de quem engravidou. A

tragédia resultou na morte da esposa dele e no abandono do bebê. Ao longo dos anos, Juliana busca notícias de Reinaldo, acreditando que ele ainda esteja vivo.

> Juliana vai ao quarto do pai adotivo e os dois começam a discutir:
> "Não quero falar! Também eu preciso desabafar! Estou cansado dos teus suspiros, das tuas lágrimas por um outro, que não pudeste fazer tua vítima.
> - Piedade!
> - Lembra-te eu era feliz antes que o acaso te lançasse no meu caminho, e que tu exercesses sobre mim essa influência fatal, satânica! Adorava minha mulher, A minha Margarida, aquele anjo que te recolheu e que criou uma serpente em seu seio, recordas das seduções que empregastes, mal saias da adolescência para que eu , até então honesto e fiel a minha esposa me tornasse culpado e infame?
> Crês que quando se chega a idade em que eu estava se tenha força a fugir da fascinação de uma jovem e apaixonada criatura enamorada que se espontaneamente se nos lança nos braços? (*Diário do Rio Grande*, 29 jan. 1907, p. 1).

O pai adotivo atribui a Juliana a responsabilidade pela destruição de sua vida conjugal ao afirmar que ela exerceu sobre ele uma "influência fatal, satânica", sugerindo que a personagem feminina teria desempenhado um papel sedutor e destrutivo, a mulher associada à tentação e à desordem moral. A metáfora na expressão "criou uma serpente em seu seio" intensifica esse aspecto simbólico remetendo a referências bíblicas e culturais que associam a serpente à traição, à sedução e ao pecado. Dessa forma, Juliana é representada como alguém que trai a confiança da mulher que a acolheu, reforçando o tom moralizante do discurso do personagem.

O trecho também evidencia uma tentativa do pai adotivo de justificar sua própria culpa. Ao afirmar que Juliana utilizou "seduções" e que ele não teve força para resistir à "fascinação de uma jovem e apaixonada criatura", o personagem se coloca como vítima, se eximindo da responsabilidade de suas ações para com a jovem.

Nesse contexto, surge na história a personagem Tilde, uma jovem trabalhadora e honesta que passa a trabalhar na loja de modas que o pai adotivo comprou para Juliana após a tragédia da noite de núpcias. Paralelamente, Reinaldo vive sob o nome de Mário Romero e adota um menino órfão, Silvio. As razões que levaram Juliana a ser encontrada caída, ensanguentada e Reinaldo a fugir e trocar de nome são reveladas. Reinaldo encontrou na bagagem de Juliana um bilhete de seu pai adotivo questionando sobre a filha deles que ela carregava quando fugiu de Turim.

Os destinos dos personagens voltam a se cruzar em meio a revelações, conflitos familiares e segredos do passado. No decorrer da história, Tilde descobre ser herdeira de uma fortuna, filha de Juliana e Franschino, e enfrenta a obsessão do pai, que deseja possuí-la.

Ao final, após uma série de acontecimentos trágicos que culminam na morte de Juliana e de Franschino, a história encontra certa redenção. Tilde fica entre a vida e a morte, rompe um noivado arranjado, enquanto Reinaldo retoma sua vida e acaba unindo-se a ela. Juntos, passam a criar o menino Silvio, encerrando a narrativa com a perspectiva de reconstrução após tantos sofrimentos:

> Tilde abriu os olhos, cheios de lampejos quentes e apaixonados.
> Estava a sós com ele.
> - Não é um sonho! Não é um sonho! Disse inebriada e feliz.
> -Não, anjo meu é a realidade, respondeu Reinaldo, que a custo continha sua exaltação. Agora serás minha! Minha para sempre! Ah! Quanto sofri em renunciar a ti!
> - Eu morreria respondeu a jovem. Pedi a Deus que me desse a morte antes que eu pertencesse a outro...
> - Eu te seguiria, disse ele.
> - Reinaldo!...
> E focaram silenciosos, inebriantes dessa felicidade que não nos é dado exprimir em palavras!
> Se Juliana, a desgraçada, tivesse podido ver, da sua tumba, esse quadro formoso, abençoaria a ventura que ela tanto dificultou (*Diário do Rio Grande*, 15 jun. 1907, p. 1).

Invernizio mantém a tradição folhetinesca com o estilo romanesco e melodramático dos romances-folhetins, com seus personagens tipificados, vingativos, violentos, ciumentos e loucamente apaixonados, que divididos entre o bem e o mal combinavam com o público leitor em formação, como destaca Meyer (1996, p. 383):

> Não é de espantar, portanto a fácil aclimatação nesses países, onde a "desgraça pouca é bobagem", de um gênero romanesco que, além de cativar auditórios e leitores pelas engenhosas tramas, tematizava subcondições de vida e exacerbadas relações pessoais e familiares. Desenvolvia um paroxismo de situações e sentimentos mal e mal canalizados por uma mensagem conservadora que se desejava conciliadora, mas não apagava totalmente seu valor de denúncia e cultivava uma forma de sobressalto narrativo a mimetizar o sobressalto do vivido, amenizando-o pela magia da ficção.

Em meados do século XIX, não era uma prática comum da imprensa divulgar o responsável pela tradução do folhetim, mas com o passar dos anos e na virada para o século XX, essa prática começou a ser adotada, e o tradutor foi incluído junto ao título do romance. O folhetim *Cadeia Eterna* teve uma mulher como tradutora, inédito até então no *Diário do Rio Grande,* e que mereceu uma nota no dia que finalizou o romance:

> Terminamos hoje a publicação em folhetim do emocionante romance – Cadeia Eterna – original da notável escritora Carolina Invernizio e tradução da distinta literata e patrícia Exma. D. Marinha Noronha, residente na capital do estado (*Diário do Rio Grande*, 15 jun. 1907, p. 4).

Quarenta e seis anos depois de Eugéne Sue publicar *Os mistérios de Paris,* temos a publicação no *Diário* do romance *Mistérios do Rio Grande* (1908), de autoria de Tyco Brahe. Foi o único folhetim ambientado na cidade do Rio Grande em sessenta e dois anos de jornal. A história é narrada em terceira pessoa e dividida em três partes. Na primeira parte, intitulada *Crime da Geribanda*, a narrativa tem o início marcado por um clima de comoção popular diante do transporte do corpo de um homem, carregado por três civis e um soldado do 13º Regimento de Infantaria. O episódio desperta a curiosidade coletiva e inaugura o tom investigativo da trama. Paralelamente, é apresentada Praxedes, uma viúva de cerca de quarenta anos, trabalhadora do mercado local, onde comercializa ovos e vive numa modesta casa com seu filho Fifi. Sua rotina é subitamente alterada quando uma criança loira, de aproximadamente três anos, é deixada à sua porta. A senhora Praxedes abriga o menino e a noite é surpreendida com uma batida e um bilhete deixado embaixo da sua porta:

> Senhora
> - Não entregue esse menino a pessoa alguma, chama-se Raul. Nada comunique a policia e defenda-o como se sua mão fosse.
> Caso eu posso contar com a sua descrição irei procurá-la se amarrar um lenço na aldabra da porta.
> Uma infeliz mãe (*Diário do Rio Grande*, 18 jun. 1908, p. 1).

Nesse contexto, surge Clarice, uma mulher de posição social elevada, que vive em uma casa luxuosa na rua Conde de Porto Alegre. Ela é vítima de um crime: seu filho foi sequestrado e sua residência revirada. A conexão entre o menino deixado com Praxedes e o filho de Clarice torna-se evidente. A partir da conversa de Clarice com o caixeiro, descobrimos que ela sabe quem foi o responsável pelo sequestro do seu filho:

> O Rio Grande não é uma aldeia de índios. Queixarme-ei aos jornais, as autoridades, a polícia...
> Ah! A polícia...Bem ele sabe que eu não recorreria a polícia, apesar de que desde que ele é vivo o crime de morto não existe... (*Diário do Rio Grande*, 23 jul. 1908, p. 1).

Segundo a pesquisadora Meyer (1996), os folhetins, publicados em capítulos nos jornais, tinham uma estrutura narrativa marcada por grande flexibilidade temporal. As histórias frequentemente "iam e vinham no tempo", utilizando recursos que hoje reconhecemos como *flashbacks*, antecipações e cortes abruptos para manter o suspense e fidelizar o leitor. No decorrer da narrativa, voltamos para o início da história, onde o trabalho de investigação do caso mobiliza a imprensa, especialmente um repórter do *Diário do Rio Grande,* e as autoridades policiais. Novos elementos surgem: um anel com a inscrição "Picucha-1895" junto ao lugar

onde ocorreu a tentativa de homicídio na Praça da Geribanda. Clarice elabora um plano para resgatar seu filho e pede ajuda ao caixeiro. Observa-se que o folhetim trabalha com tipos sociais reconhecíveis, o que favorece a identificação imediata do leitor. Nesse contexto, personagens das camadas populares aparecem muitas vezes, como "o operário", "a costureira", "o verdureiro", "a criada", funcionando mais como funções sociais do que como individualidades plenamente desenvolvidas. Clarice que vem de uma situação financeira mais abastada e mostra interesse pelo caixeiro quando necessita de sua ajuda:

> - Como te chamas?
> - Meu nome é Roberto, mas chamam-me por *Flor de Ervilha*.
> - Porque assim te chamam?
> - Num dia de festa, não tendo nem rosas nem violetas para usar a lapela do casaco como fazem os moços da moda, pus ao peito um buque de *flor de Ervilha*, de que gosto e acho bonitas.
> - E tens razão, disse Clarice.
> - Trago também os outros jornais da tarde, continuou o rapaz, a quem dora diante chararemos por *Flor de Ervilha* ou Roberto.
> - Sabes ler bem?
> - De certo, D. Clarice, enquanto esta fingia que comia, tocando com o grafo nos alimentos, leu as notícias relativas ao crime e já narrados pelo *Eco do Sul*.
> Os periódicos desfaziam-se em comentários, os jornais do governo elogiavam a ação da polícia comquanto essa ainda nãda houvesse descoberto e os da oposição expandiam-se em editoriais violentos contra a ordem das coisas.
> Um deles, orgão quase monarquista, chegava a acusar a República por causa desse crime e outras calamidades. O redator fizera uma salada onde soubera conciliar o azeite da política com elementos diversos, tais como a falta de policiamento, a variola, a baixa do preço das cebolas e a deficiencia da instrução pública (*Diário do Rio Grande*, 12 ago. 1908, p. 1).

Em primeiro lugar, chama atenção a presença da imprensa como instância mediadora da realidade e a personagem Clarice busca na imprensa acessar o acontecimento. O texto ficcional incorpora o universo da notícia, criando um efeito de atualidade e verossimilhança. O leitor, assim como a personagem, torna-se consumidor de uma narrativa filtrada pela imprensa. Além disso, o trecho explicita a polarização política da época, os jornais são divididos entre "do governo" e "da oposição", cada qual interpretando o crime conforme seus interesses ideológicos. Essa construção reforça a leitura de Roland Barthes (1971) sobre a narrativa como sistema de signos: o crime deixa de ser apenas um evento e passa a funcionar como um significante disputado, apropriado por diferentes discursos. O exagero, elogiar a polícia "ainda que nada houvesse descoberto", revela o caráter retórico e não factual desses textos. Outro ponto relevante está na ironia do narrador, ao descrever o jornal "quase monarquista". A metáfora culinária, "fizera uma salada onde soubera conciliar o azeite da política com elementos diversos", opera como crítica à mistura arbitrária de temas: crime, falta de policiamento,

varíola, preço das cebolas e instrução pública. Aqui, o narrador expõe o procedimento de construção discursiva da imprensa, sugerindo sua falta de rigor e sua tendência à generalização.

A narrativa volta para a noite do crime e descreve uma casa perto da Praça da Geribanda, onde duas mulheres estavam a costurar quando Pedro – O Marítimo, "caíra vitimado pela mão violenta dos óculos verdes desprendera-se lhe dos lábios um grito de dor que ecoará pela praça" (Diário do Rio Grande, 6 set. 1908, p. 1). A mais velha escutou o grito e abriu a janela, e ambas viram um homem caído e pensaram em ir até a praça quando o pai da moça entrou na sala e pediu para que ela lhe contasse sobre suas intenções de casar-se:

> O João de pálido fizera-se lívido. Os lábios tremiam-lhe só ao pensar que a sua filha iria casa.
> No fundo da alma daquele homem forte, cujo passado o leitor conhecerá a tempo, existia um profundo amor paternal.
> Entretanto, João além do que fora, era um falsário, um passador de moedas falsas...
> Dominando-se um pouco e com a voz comovida ele abraçando a filha disse:
> -Podes casar filha, consinto, embora eu saiba que este casamento me prejudicará um dia. És boa e tens a mim um amor que eu não mereço.
> [...]
> - Toma para fazer teu enxoval. Anda de pressa, já que achaste casamento casa-te de uma vez. Estou ficando velho e desejo vê-la feliz.
> E saiu depois de beijar a fronte encantadora de Picucha (*Diário do Rio Grande*, 6 set. 1908, p. 1).

Este capítulo termina com o leitor descobrindo quem é a dona da aliança encontrada na praça, criando o famoso "gancho" que mantinha o público preso à leitura do jornal. Clarice vai até a casa de Praxedes, pois avista o lenço na aldraba da porta e planeja recuperar o filho, e junto com Flor de Ervilha embarcar para o Rio de Janeiro e lá irão se hospedar no Hotel Guanabara, Clarice está com tudo planejado. Na noite que antecede o embarque no Itaipava, ela escreve uma carta ao comissário dizendo que sabe o endereço de quem produz moeda falsa e que está relacionado com o crime da Praça da Geribanda.

A polícia investiga um sítio próximo da cidade, de propriedade do verdureiro indicado por Clarice. Outro núcleo narrativo se desenvolve com Pedro, o Marítimo, e descobre-se que ele foi a vítima da tentativa de assassinato. Ele é encontrado gravemente ferido e levado à Santa Casa, e ao leitor é dada a importante informação de que Pedro era noivo de Picucha, jovem ligada a uma família envolta em mistérios:

> No dia seguinte todos jornais narraram minuciosamente o fato, principalmente o Diário do Rio Grande, que mandara um repórter ao local. Unicamente o comissário de polícia, como se chamava o audacioso verdureiro, guardou segredo acerca do retrato e da sua coragem diante do Faraó (*Diário do Rio Grande*, 12 set. 1908, p. 1).

Durante a investida da polícia, João escapa com a ajuda de Pedro, que saiu do hospital para ajudar na investigação de quem intentou contra sua vida, porém, ao chegar no local e descobrir a foto de Picucha, ele ajuda o sogro, que consegue fugir, contando com a destreza de seu cavalo e de seu cachorro Faraó, que investe contra o comissário e os policiais, assustando a todos. A primeira parte do folhetim encerra com um telegrama de João destinado à sua filha Picucha: "Salvo. Passei fronteira. Casem-se. Adeus. João" (Diário do Rio Grande, 12 set. 1908, p. 1).

Na segunda parte da obra, que tem como subtítulo "Os segredos do Estancieiro", a narrativa recua temporalmente e desloca-se para a região de fronteira, introduzindo a figura de João, sua irmã, sua filha Picucha e outros personagens ligados à vida rural e ao contrabando. João encontra-se em situação de apuros quando tenta atravessar o rio Quaraí, sua carreta naufraga, e a família é salva por um grupo de cavalheiros vestidos como "homens da campanha". O comandante do grupo salva todos, porém, João encontra-se inconsciente e é a irmã que explica para o grupo como eles chegaram naquela situação:

> - Fomos infelizes no Estado Oriental, na última revolução, queimaram nossa pequena estância e a custo nos salvamos dos Colorados.
> - E o João é brasileiro?
> - Todos somos, mas criados em Cerro Largo.
> - E o emprego de João, qual era?
> - Além do que a estância nos dava João passava gado na fronteira.
> - Está bem, disse o capitão, sorrindo. Não me enganou aquela cara. É contrabandista, então? (*Diário do Rio Grande*, 15 set. 1908, p. 1).

A temática do contrabando explorada nesta segunda parte do romance aborda o que podemos chamar de atividade econômica que desempenhou, desde o período colonial, um papel relevante na fronteira sul do Brasil. Na obra *O contrabando no sul do Brasil* (1978), Guilhermino Cesar apresenta um estudo acerca dessas práticas clandestinas. O trabalho analisa o contrabando ocorrido no território do Rio Grande do Sul ao longo dos séculos XVIII, XIX e XX e, a partir deste objeto de estudo, o autor reconstrói o processo de formação histórica tanto do estado do Rio Grande do Sul quanto do Brasil, tendo o contrabando como eixo interpretativo central, desde o período colonial até o Estado Novo. Segundo o historiador, "uma riqueza incalculável jazia quase inexplorada nos campos sulinos" (Cesar, 1978, p. 31). O contrabando pode, inclusive, ser compreendido como um elemento complementar à economia subsidiária sul-rio-grandense, conforme aborda Alves (2003, p. 3):

> A própria formação histórica do Rio Grande do Sul – região de posse duvidosa entre as potências ibéricas, de tardia colonização e de extensa área fronteiriça – originou

> aquele fenômeno. Dentre as zonas gaúchas onde mais intensamente desenvolveu-se o contrabando destacou-se a da Fronteira, principalmente pela identidade histórica entre essas duas regiões. As origens da colonização rio-grandense estiveram intimamente ligadas à tentativa de expansão lusa no Prata, com a formação e constante busca de manutenção da Colônia do Sacramento, possessão portuguesa que serviu em larga escala à prática do comércio ilícito. Mesmo com os movimentos emancipacionistas e a consequente formação dos Estados Nacionais, as ligações históricas persistiram. A posse exercida pelo Brasil sobre a Cisplatina, num primeiro momento, promoveu uma maior fiscalização, incapaz, porém, de deter completamente os contrabandistas, os quais atuariam ainda mais fortemente a partir da independência do Uruguai. Os conflitos nos quais o Brasil envolveu-se durante o Período Imperial, as "questões platinas", tiveram decisiva participação dos rio-grandenses que em muito se aproveitaram das intervenções políticas e militares para promover a manutenção e até intensificação do comércio clandestino.

O folhetim é construído com o narrador em terceira pessoa, fazendo comentários sobre o que narra, principalmente, estabelecendo um diálogo com o leitor, colocando-o como integrante da história e buscando, com isso, ressaltar o caráter verídico da trama:

> Como o leitor já viu, o capitão do bando era homem de ação e destemido. Era alto, magro, trajando fato de campanha com elegância de gaúcho. Tinha junto ao olho esquerdo uma cicatriz e como sofresse uma conjuntivite crônica. Usava uns óculos esverdeados para que a luz do dia não lhe ofendesse. Era bem feito de corpo e tinha músculos de aço. A sua força e a sua valentia haviam o feito capitão de contrabandistas, ave de rapina na fronteira (*Diário do Rio Grande*, 16 set. 1908, p. 1).

A descrição do capitão constrói a representação marcada pela tipificação do sujeito fronteiriço, inserindo-se em uma tradição narrativa que aproxima o contrabandista da figura do herói ambíguo. Observa-se a ênfase em atributos físicos e morais que articulam coragem, virilidade e destreza. A caracterização do capitão como "homem de ação e destemido" associa-se a uma construção idealizada da masculinidade, reforçada pela descrição corporal que remete a um modelo de força e resistência típico das narrativas de aventura dos folhetins do período.

Jorge, o capitão dos contrabandistas, "alista" João ao seu bando para o trabalho na fronteira, mas antes ordena que ele vá até Rio Grande e deixe por lá sua filha e irmã. Os contrabandistas montaram acampamento às margens do Quaraí e acabaram entrando em confronto e assassinaram guardas oficiais. Depois do combate, eles decidem abrigar-se na estância do velho Thomaz:

> É que se fala na aproximação de forças federalistas, que devem invadir o Brasil vindos do Uruguai.
> - Bem o sei redarguiu o capitão. O governo vai ter mais o que cuidar do que vingar aqueles guardas. Tens razão volveu ele, vamos a estância do velho Thomaz. Ele era maragato não é assim?
> - Pelo menos o diz, disse Mário.
> - Pois sejamos Maragatos com ele, com os federalistas sejamos pica-paus e com o governo patriotas (*Diário do Rio Grande*, 17 set. 1908, p. 1).

O trecho destacado mobiliza referências diretas ao contexto histórico da Revolução Federalista, evidenciando a permanência, no imaginário social do início do século XX, das tensões políticas e identitárias que marcaram o conflito no Rio Grande do Sul. A menção à "aproximação de forças federalistas [...] vindas do Uruguai" remete a um dos elementos centrais da Revolução Federalista: a articulação além fronteira dos chamados maragatos, que frequentemente utilizavam o território do Uruguai como base de apoio logístico e estratégico. Conforme destaca Sandra Jatahy Pesavento (1983, p. 112), a fronteira sul configurava-se como um espaço de circulação política e militar, no qual "as identidades e lealdades podiam ultrapassar os limites formais do Estado nacional". A conversa entre Mário e Jorge revela uma lógica pragmática de adaptação às circunstâncias, na qual as filiações políticas, maragatos e pica-paus, são instrumentalizadas conforme interesses imediatos. Essa oscilação sugere que, para determinados agentes sociais, no caso do romance, especialmente aqueles vinculados a práticas marginais, como o contrabando, as identidades políticas não eram fixas, mas negociáveis.

Essa perspectiva encontra respaldo na historiografia, que aponta a complexidade das alianças durante o conflito. O trabalho de Alves (2006), intitulado *8 de novembro de 1891: uma "revolução" esquecida no passado do Rio Grande*, analisa o movimento político ocorrido no Rio Grande do Sul no contexto da transição entre Monarquia e República, destacando seu apagamento na memória histórica regional. Apesar da ampla adesão inicial, a heterogeneidade ideológica dos grupos oposicionistas comprometeu a estabilidade do governo que se formou após a queda de Castilhos. Esse período, denominado pejorativamente de "Governicho", evidenciou a fragilidade das alianças políticas e culminou no retorno dos castilhistas ao poder.

O diálogo revela ainda a incorporação de elementos históricos na estrutura folhetinesca, contribuindo para a construção de um imaginário político que associa a fronteira à instabilidade, à astúcia e à ambiguidade moral. Assim, o texto não apenas rememora a Revolução Federalista, mas ressignifica seus atores e conflitos, projetando-os em uma narrativa que enfatiza a flexibilidade das lealdades e a centralidade das estratégias individuais. O texto tensiona representações consolidadas da identidade regional, ao apresentar um gaúcho menos idealizado e mais vinculado às práticas ilícitas de sobrevivência e negociação.

Quando o bando de contrabandistas chega à estância de Thomaz, descobre-se que o estancieiro foi militar e tem uma filha chamada Clarice, que é o real motivo de Mario querer buscar abrigo naquela propriedade. Thomaz é descrito como:

> Thomaz era um velho soldado, tenente honorário do exército e que fizera todas as campanhas do fim do Império. Assistira o assalto de Paysandú, a rendição de Uruguaiana e regressara da campanha do Paraguai com o posto de Tenente, após o combate do Itororó, onde fora deixado por morto no campo de batalha (*Diário do Rio Grande*, 17 set. 1908, p. 1).

A menção ao "assalto de Paysandú" e à "rendição de Uruguaiana" remete aos episódios da Guerra do Uruguai, fundamentais para a consolidação da presença militar brasileira na região platina. Já a referência à campanha do Paraguai, especialmente ao combate do Itororó, inscreve o personagem na Guerra do Paraguai, um dos eventos mais significativos da história do Brasil imperial. Conforme destaca Boris Fausto (2013), esse conflito teve impacto decisivo na formação do Exército brasileiro e na consolidação de uma identidade nacional vinculada à experiência militar. Nesse sentido, a trajetória de Thomaz exemplifica o papel dos sujeitos sul-rio-grandenses nas campanhas militares do Império, evidenciando a centralidade da guerra na constituição das identidades regionais. Segundo Sandra Jatahy Pesavento (1983), a experiência bélica foi um elemento estruturante da cultura política do Rio Grande do Sul, contribuindo para a valorização de atributos como bravura, resistência e honra. Ao selecionar determinados episódios e enfatizar o heroísmo individual, o texto participa da elaboração de um imaginário que privilegia a dimensão militar da história regional, muitas vezes em detrimento de outras experiências sociais. Como aponta José Murilo de Carvalho, a memória das guerras no Brasil esteve frequentemente associada à exaltação de feitos heroicos e à construção de narrativas legitimadoras do Estado e de suas instituições (Carvalho, 2005).

Depois de deixar a irmã e a filha no Rio Grande, João retorna ao encontro de Jorge, na estância de Thomaz, e o capitão lhe interroga sobre sua vida. João conta que vivia bem em sua pequena estância até um bando de ciganos invadir sua propriedade, ele entrou em confronto com eles e os fez ir embora. Segundo ele, os ciganos o amaldiçoaram e desde então sua vida caiu em completa desgraça, sua esposa faleceu em seguida, ele decidiu desfazer-se das terras e, ao sair do local para efetuar a venda, teve seu filho mais novo roubado pelos ciganos, foi a partir dessa sucessão de desgraças que João virou criminoso. Jorge confessa a João que pretende torná-lo seu braço direito porque não confia mais no seu irmão, Mario, que segundo ele só tem olhos para Clarice. Passado algum tempo, os contrabandistas liderados por Jorge decidem partir rumo ao Uruguai e Thomaz reflete sobre as desventuras da Revolução:

> De fato, a Revolução Federalista dominava o estado do Rio Grande do Sul e raro era o dia em que as forças legais e as tropas revolucionárias deixavam de se bater, atirando-se a luta com esse furor que faz da guerra civil a maior calamidade que pode recair sobre uma nação (Diário do Rio Grande, 26 set. 1908, p. 1).

Mário e Clarice decidem fugir e Jorge finge ir embora e retorna com seus homens e ataca a estância de Thomaz. O estancieiro é morto e Mario entra em luta com o irmão e pensa tê-lo matado, mas não encontra o corpo ao retornar no local em que o deixou caído. O casal decide ir morar no Uruguai, casam-se na catedral de Montevideo, e junto com eles vai um funcionário da estância chamado Desertor.

> Meses depois, o Desertor, sob um nome suposto, barba raspada, abandonando de vez, assim como o jovem Mario, o traje gaúcho, desembarcava com este e Clarice, vindos de Montevideo, no porto do Rio Grande.
> Feita visita a alfandega, revistadas as bagagens, desembarcaram e foram hospedar-se no Hotel Paris.
> A revolução estava terminada e graças ao imortal e venerado, Presidente Prudente de Morais, a paz fora assinada, os emigrados voltavam aos lares (*Diário do Rio Grande*, 7 out. 1908, p. 1).

Este trecho encerra a segunda parte do folhetim *Mistérios do Rio Grande,* e a afirmação de que "a revolução estava terminada" e a atribuição da paz ao governo de Prudente de Morais remetem ao processo de pacificação promovido no final do século XIX. Prudente de Morais, primeiro presidente civil da República, teve papel relevante na consolidação do regime republicano e na estabilização política do país após sucessivas crises. Nesse sentido, o texto reproduz uma visão conciliadora e oficial da história, ao caracterizar o presidente como "imortal e venerado", evidenciando um discurso laudatório típico da imprensa da época*,* lembrando que o jornal Diário *do Rio Grande* durante a Revolução Federalista viu cair seu número de assinaturas, em função da crise econômica, e adotou uma postura mais cautelosa, sobretudo em relação à política estadual e às disputas envolvendo Júlio de Castilhos. Essa cautela deve ser compreendida à luz do contexto de repressão e controle da imprensa, que limitava a liberdade de expressão dos periódicos, levando-os, muitas vezes, ao silenciamento ou à moderação discursiva.

Após a chegada de Clarice e Mario a Rio Grande, tem início a terceira e última parte do folhetim, que tem por subtítulo *Os amores da francesa. "*Ao passo que João fugia, Pedro – o Marítimo e a noiva se internavam pela campanha, deixamos como o leitor se recorda, Clarice e Flor de ervilha hospedados no Hotel Guanabara" (Diário do Rio Grande, 7 out. 1908, p. 1). Segundo Marlyse Meyer (1996), o folhetim, por estar inserido no ritmo da imprensa periódica, exigia estratégias específicas de comunicação com o leitor. Entre elas, destacam-se os mecanismos de retomada, que reconstituíam elementos essenciais da narrativa. Para a autora, o texto folhetinesco "reitera informações e recompõe situações, garantindo a inteligibilidade mesmo diante da leitura descontínua". Essa prática está diretamente relacionada ao que Meyer

denomina de leitura fragmentada, típica do público do século XIX e início do século XX, que acompanhava a história em capítulos espaçados no tempo. Assim, a recapitulação não era apenas um recurso estilístico, mas uma necessidade estrutural do gênero. Na mesma direção, Yasmin Nadaf (2002) aponta que os folhetins utilizavam estratégias de memória textual para assegurar a fidelização do leitor. Entre essas estratégias, destacam-se: a repetição de informações relevantes; a retomada de episódios anteriores; a reintrodução de personagens com breves descrições; o uso de expressões, "como já vimos" ou "o leitor se recordará", como acontece no trecho destacado. Conforme a autora, tais mecanismos funcionavam como "marcadores de continuidade narrativa", fundamentais em um contexto de leitura não linear. Portanto, tanto em Meyer quanto em Nadaf, a recapitulação aparece como um elemento estruturante do folhetim, articulando memória, repetição e continuidade, e evidenciando a estreita relação entre forma narrativa e o suporte de publicação.

No decorrer da história, descobrimos que Mario está vivendo no Rio de Janeiro e Clarice pede para Flor de ervilha encontrar o marido, que ela precisa avisá-lo que seu irmão Jorge está vivo. O caixeiro descobre que Mário leva uma vida de libertinagem na capital e vive um romance com uma dançarina francesa. Neste mesmo período, Clarice descobre que Jorge também está no Rio de Janeiro, ele encontra Mario e o assassina. A viúva desolada volta para a estância do pai, junto com o filho e Flor de ervilha, lá ela encontra Pedro e Picucha pedindo pouso e emprego.

A narrativa volta no tempo e o leitor é informado que Jorge, depois de matar o irmão, volta para a fronteira na companhia de João, pois prometeu a ele ajudá-lo na busca de seu filho raptado pelos ciganos. Um peão da estância avista Jorge e eles entram em confronto, Jorge é morto e João gravemente ferido e levado à fazenda onde, à beira da morte, reencontra sua filha Picucha e lhe conta ter descoberto nas suas andanças que Flor de ervilha é seu irmão. Depois deste desfecho, os protagonistas vivem bem e em perfeita paz:

> O Flor de ervilha abraçara-se a irmã e os dois filhos do moedeiro falso curvaram a fonte ente o peso da desgraça.
> Clarice fitava-os ambos dolorosamente.
> O peão fugira.
> .....
> Um ano e depois, Pedro e Picucha casavam-se.
> No mesmo dia Clarice e Flor de ervilha, vestidos nupcialmente se uniam também indissoluvelmente pelos laços do matrimônio.
> A estância estava em festa e o Desertor servia de mestre sala.
> Todos estavam felizes.
> - E os outros personagens? Perguntará o leitor.
> A Praxedes, a bondosa vendeira, morreu de varíola e se o céu existe, ela está em um recanto entre as nuvens brancas e mansas, como era sua alma.

> A francesa continua a dançar o Calk-Walk nos palcos dos teatros brejeiros incendiando corações e devorando fortunas com os seus dentinhos brancos,
> - E o Fifi?
> O Fifi, órfão, assentou praça na escola de Aprendizes Marinheiros e nas paradas é o porta bandeira da companhia. Usa umas divisas de sargento; é estimado e será um dia valente marujo.
> Clarice o Flor de ervilha vão toma-lo sob sua proteção, mas o Fifi não quer abandonar a marinha e por isso um dia entrara para Escola Naval.
> E, enquanto não vem a baixa que já foi pedida, o Fifi continua vestindo a blusa azul dos marinheiros, sob a qual pulsa seu nobre coração de ouro, entristecido com a lembrança saudosa da mãe Praxedes (*Diário do Rio Grande*, 7 out. 1908, p. 1).

Na conclusão da obra, aos criminosos é dada a morte. Assim como em outros textos do mesmo gênero, o enredo tende a recompensar os "bons" e punir os "maus". Ocorre a restauração da ordem social, pois os conflitos (familiares, amorosos, econômicos) são resolvidos de forma conciliadora e as revelações finais (identidades ocultas, heranças, paternidades) organizam o caos narrativo seguindo o modelo de romance-folhetim do século XIX nos quais o desfecho cumpre a função de resolver os múltiplos conflitos acumulados ao longo da serialização, encerrando uma trama marcada por expansões e interrupções constantes (Nadaf, 2002).

O jornal *Diário do Rio Grande* manteve as publicações dos folhetins até suas últimas edições. O último folhetim publicado foi O capitão Dreyfus (1910), de Eduardo de Bray e Ramon Sampau.

3.2 POESIA

Os versos analisados nesta seção pertencem a autores que não integram o cânone literário e que, por essa razão, permanecem pouco explorados pela historiografia literária. Serão privilegiadas produções de escritores locais e/ou regionais, excluindo-se, portanto, poemas identificados como cópias de outros jornais ou de autores já consagrados no cânone. Ao deslocar o foco para textos não canonizados, busca-se tensionar esses critérios e ampliar o escopo de análise para além das obras legitimadas.

João Pinto da Silva (1924) e Guilhermino Cesar (1971) definem, como um dos marcos importantes do início da História da Literatura no Rio Grande do Sul, a publicação de *Poesias oferecidas às senhoras rio-grandenses* (1834), de Delfina Benigna da Cunha, e começaremos a abordar os textos publicados em verso no *Diário do Rio Grande,* com um soneto da referida autora, publicado em maio de 1849, extraído de uma carta de Benigna ao redator do jornal contando sobre supostas curas milagrosas nas águas dos cerros de Botucaraí e Santo Antão. Ela afirma ter sido curada de uma doença crônica após banhos nas águas e descreve diversos casos semelhantes, como um cego que voltou a enxergar, um doente grave que recuperou a saúde e

uma mulher paralítica que voltou a se mover. Também menciona outros doentes curados de diferentes enfermidades. Além das curas, relata acontecimentos considerados sobrenaturais, como a aparição de pássaros que demonstrariam devoção religiosa, interpretados como sinais divinos, e a essas ações ela fez o seguinte o soneto:

> Que assombro, que prodígio, oh Deus, eu vejo!
> É anjo, ave ou homem que me ensina
> Homenagem render a Quem domina
> O céu, a terra, o mar com só desejo?
>
> Ei-lo ali com solicito festejo
> Como sobre o altar ledo se inclina,
> E aonde pousou hóstia divina
> Reverente parece dar um beijo.
>
> Divinal, inocente passarinho,
> Quão angélica é tua figura!
> Como me estás olhando com carinho!
>
> Ah! Vem ao peito meu, dá-me a ventura
> De contigo acertar esse caminho
> Da Glória imensa que pra sempre dura!
> (*Diário do Rio Grande*, 11 maio 1849, p. 2).

O soneto de Delfina insere-se na tradição da poesia erudita oitocentista, articulando forma clássica e conteúdo religioso para representar uma experiência do sagrado. Estruturado segundo o modelo do soneto petrarquista, o poema mobiliza uma linguagem exclamativa e fortemente adjetivada para expressar o assombro do eu lírico diante de um fenômeno interpretado como manifestação divina. A figura do passarinho assume valor simbólico, funcionando como mediador entre o humano e o transcendente, ao realizar gestos ritualísticos no espaço do altar. A autora defende que esses lugares são sagrados e que as curas acontecem pela ação de Deus, destacando a fé como elemento essencial.

No dia 16 de maio é publicado um soneto, assinado por P. A, “A Ilma Sra. D. Delfina Benigna da Cunha, em razão da sua excelente composição poética, publicada no Diário do corrente mês” (*Diário do Rio Grande*, 16 maio 1849, p. 2):

> Filha de Apolo, que no doce canto
> Mistérios divinais anunciaste
> Que ao som do mago petro que pulsante
> Das camenas fugiu saudoso pranto!
>
> Tu, que a supremas leis adoras tanto,
> Em alpestre morada conquistastes
> Como em lúcida frase nos pintastes
> Esse bem, dos mortais enlevo, encanto.

Do néctar que expandiste sublimado
Uma gota parou sobre o meu peito
Contra o volto talvez iniquo fado.

Desse eterno fluido o branco efeito
E, oh Diva, meu verso mal rimado
A glória do seu estro, a jove aceito.

Os versos mantêm o tom da tradição clássica, funcionando como uma resposta laudatória, em que o eu lírico se coloca como discípulo diante de uma figura inspirada, quase uma musa. O soneto insere-se na tradição lírica de matriz clássico-romântica ao mobilizar referências mitológicas, como a figura de Apolo e das Camenas, para legitimar a inspiração poética como de origem transcendente, articulando, assim, um imaginário erudito à expressão de uma religiosidade sensível.

O último soneto de Benigna Delfina da Cunha publicado no *Diário* foi em abril de 1850, em homenagem à "Sentidíssima morte da minha prima a Senhora D. Maria Delfina da Cunha Silveira" (*Diário do Rio Grande*, 21 e 22 abr. 1850, p. 3):

Como cedo voaste à eternidade,
Alma sublime terna e virtuosa!
Teus encantos o esposo já não goza.
Que dor acerba! Que mortal saudade!

Oh tributo fatal da humanidade!
Que não existe a esposa carinhosa!
E pode num momento a morte irosa
Para sempre extinguir tanta beldade?

Se o corpo já no tumulo encerrado
Ah! Que a humana beleza é mui finita
Murcha qual linda flor murcha no prado.
Vai, Maria, gozar glória infinita!
Alto prêmio a virtude reservado
Exceta junto a Deus, alma bendita.

Os valores estéticos e morais do século XIX são reforçados nos versos, sobretudo no que diz respeito à idealização da mulher, frequentemente representada como pura, sublime e moralmente elevada. A morte, personificada como "irosa", aparece como força súbita e inexorável, capaz de interromper a vida e destruir a beleza, elemento central da lírica romântica. Já na terceira estrofe, intensifica-se o contraste entre corpo e alma: enquanto o corpo se encontra "no túmulo encerrado", a beleza é descrita como efêmera, "murcha qual linda flor", imagem recorrente na tradição poética para indicar a transitoriedade da vida. Delfina mantém a forma fixa do soneto, composição em 14 versos, predominantemente decassílabos, que constituem o metro mais comum nos sonetos clássicos em língua portuguesa.

As escritoras rio-grandinas foram pioneiras no século XIX. Além de Delfina Benigna da Cunha, podemos citar a que segundo a historiografia literária atual é considerada a primeira poeta gaúcha, Maria Clemência da Silveira Sampaio, nascida em Rio Grande, em 1789, falecida na mesma cidade, em 1862. Sua estreia foi com "*Versos heroicos*" (1823), o texto foi reeditado em 2003 pela pesquisadora Maria Eunice Moreira, também autora do artigo "*Os versos (quase) desconhecidos de Maria Clemência da Silveira Sampaio"* (2006). O estudo evidencia que o apagamento da autora na historiografia deve-se à escassez de informações e a erros de críticos do século XIX, que geraram dúvidas sobre sua origem. A recuperação documental, especialmente por meio de registros de batismo, foi fundamental para restituir sua identidade e seu lugar na história literária.

No que diz respeito à análise da obra, *Versos heroicos* é interpretado como um poema de caráter político e encomiástico, vinculado ao contexto da Independência do Brasil. A autora destaca que o texto exalta o Império e expressa o apoio da província ao novo regime, ao mesmo tempo em que articula demandas locais. Assim, o poema funciona como um discurso que combina louvor e reivindicação, evidenciando que o Rio Grande era "fértil em terreno, doce em clima", mas necessitava de investimentos para seu desenvolvimento (Moreira, 2006, p. 32). Em *"As primeiras manifestações literárias no Rio Grande do Sul"* (2024), Mauro Nicola Póvoas comenta a produção da autora:

> O opúsculo de oito páginas traz na sua capa a seguinte inscrição: "Versos heroicos que, pelo motivo da gloriosa aclamação do Primeiro Imperador Constitucional do Brasil, compôs e recitou Maria Clemência da Silveira Sampaio, no baile público, que o comércio do Rio Grande deu a noite do dia da mesma aclamação" (Póvoas, 2024, p. 61).

Os autores que se debruçaram sobre a obra de Maria Clemência são unânimes em afirmar que a autora deve ser recuperada do apagamento historiográfico ao qual foi submetida, tanto por sua precedência histórica quanto pelos temas que introduz na literatura rio-grandense. Póvoas (2024) salienta sua produção:

> Da pequena biografia da autora ainda constam mais três produções, todas publicadas na imprensa gaúcha. Os poemas têm em comum a longa extensão, com os dois primeiros mantendo o elogio a casa imperial e o tom social e ideológico, características já presentes em Versos heroicos, diferente do localismo acentuado no terceiro:
> "Elogio" (82 versos), no jornal A voz da Verdade – Folha Política e Comercial, de Rio Grande, no dia 24 de outubro de 1845, em torno da comemoração pelo fim da Revolução Farroupilha;

> "Saudosa expressão da Pátria" (102 versos), no jornal O Rio-Grandense, de Rio Grande, no dia 17 de julho de 1847, sobre a morte prematura do Príncipe Afonso, filho de Dom Pedro II;
> "Um sítio em Porto Alegre – A uma companheira de moradia" (120 versos), na revista literária O Guaíba, de Porto Alegre, no dia 19 de julho de 1857, que traz a descrição da natureza de um local porto-alegrense, destacando árvores frutíferas, flores e pássaros (Póvoas, 2024, p. 63).

Incluiremos nesta produção um quinto poema, "*Descrição de um passeio*", publicado no *Diário do Rio Grande* de 8 de fevereiro de 1857, composto por 55 quartetos, totalizando, portanto, 220 versos. Com a temática muito semelhante ao poema "*Um sítio de Porto Alegre*" escrito em 1853, os versos descrevem um passeio marcado pela valorização da natureza como espaço de contemplação estética, sociabilidade e experiência sensível. A composição organiza-se como um percurso visual e afetivo, no qual o eu lírico cataloga minuciosamente espécies vegetais, flores e frutos, produzindo um verdadeiro inventário botânico. Os primeiros versos indicam o início da visita:

> Em uma tarde aprazível
> De janeiro caloroso,
> Com duas boas amigas,
> Fui a uma quinta formosa,
>
> Onde fomos de seus donos,
> Generosos e polidos,
> Com atenção e respeito,
> Com agrados recebidos.
>
> O grande portão entramos,
> De verde seco assombrado,
> Que sombrio, alta alameda,
> De seus ramos bem formado.
> (*Diário do Rio Grande*, 8 fev. 1857, p. 1).

Os versos iniciais estruturam-se em quadras de redondilha maior, com predomínio de sete sílabas poéticas e esquema de rimas cruzadas (ABAB) que se mantém ao longo de todo o poema, o que confere musicalidade e regularidade ao ritmo. O poema inaugura uma situação narrativa centrada no deslocamento do eu lírico. A recorrência do verbo "ver" estrutura o poema como experiência empírica e sensorial, aproximando-o de uma escrita de caráter quase documental.

> Ali se notam jasmins,
> De azaléa, e neve cor;
> Que exalam na atmosfera,
> Um perfume encantador.

Vi pés da flor da pureza,
Que este lugar enfeitavam;
Vi alamos, e ciprestes,
Que a paisagem adornavam.

Vi além o grande poço,
Que serve para regar;
Todas as plantas, e flores,
Que contém este pomar.
(*Diário do Rio Grande*, 8 fev. 1857, p. 1).

Paralelamente, observa-se a articulação entre natureza e civilidade, uma vez que o espaço natural é mediado pela hospitalidade dos anfitriões, pela música e pelo convívio social, configurando uma cena de harmonia entre cultura e natureza:

Também vi o milho verde,
Muito tenro e adocicado;
Que oferece no verão,
Um saboroso bocado.

E depois de tudo ver,
E de tudo apreciar,
Fomos à D. Ignezinha,
No piano ouvir tocar.

A qual devendo a seus pais,
Esmerada educação;
Hoje enche de amor e gloria,
Seu paternal coração.
(*Diário do Rio Grande*, 8 fev. 1857, p. 2).

O poema ocupa três colunas do jornal e distribui-se em duas páginas, um dos poemas mais extensos publicados nos 62 anos de jornal. Ao longo do poema, percebe-se que o cultivo da natureza deixa de ser apenas prática material e passa a ser compreendido como exercício ético e espiritual, aproximando o homem do "divino Criador". Dessa forma, os versos finais operam uma síntese, integrando natureza, sociabilidade e religiosidade e transformando a experiência do passeio em uma lição moral:

Feliz o vivente humano,
Que cultiva a planta, a flor!
Emita n'este exercício,
Seu divino Criador!

N'elas se poder admira!
A planta lhe alenta a vida;
Seu sabor sua bondade,
E lhe cura a enfermidade.
(*Diário do Rio Grande*, 8 fev. 1857, p. 2).

O trabalho com fontes primárias permite uma revisão crítica da formação do cânone literário sul-rio-grandense. Vaz (2013) aponta que a historiografia literária regional foi

construída com base em um corpus restrito, uma vez que as primeiras histórias vêm analisando constitui-se em geral dos mesmos autores dos últimos cem anos. “Autores e obras pouco citados ou detalhados nas análises dessas histórias literárias ficaram esquecidos em bibliotecas e arquivos não só gaúchos, mas também em outros estados, principalmente no Rio de Janeiro, no acervo da Biblioteca Nacional” (Vaz, 2013, p. 2).

Muitas autoras do século XIX ainda permanecem desconhecidas da crítica literária, a exemplo disso, podemos citar os poemas de Josephina de Alencar, publicados no *Diário*, em 1860, que revelam a inserção, ainda que marginal, da autoria feminina na imprensa sul-rio-grandense. Em “*Uma tarde*”, observa-se a construção de um eu lírico atravessado pela tensão entre passado idealizado e presente desolado, configurando o que Antônio Candido aponta como característica central da lírica romântica, uma vez que “o Romantismo acentuou a expressão do eu, valorizando a emoção e a experiência individual como forma de apreensão do mundo” (Candido, 2007, p. 281). A invocação inicial estabelece uma apóstrofe à natureza, que funciona como espelho do estado de alma da eu lírica:

> Oh! tarde! tão calmosa!
> Que me vens enlanguescer!
> E recordar-me saudosa
> O que mais não hei de ver!
> Como fico fascinada,
> E com a mente abrasada,
> Cheia de terna emoção!
> Ao lembrar-me desses beijos
> Que ao voar de mil desejos
> Me escaldava o coração!!
> (*Diário do Rio Grande*, 17 ago. 1860, p. 1).

A tarde, tradicionalmente associada ao declínio do dia, atua aqui como metáfora do ocaso existencial, evocando lembranças amorosas que já não podem ser revividas. A construção do poema evidencia um movimento de rememoração afetiva, no qual o passado é idealizado como tempo de plenitude sensorial e emocional, enquanto o presente se configura como espaço de desencanto e esvaziamento existencial:

> E hoje? Hoje o que resta
> Dessa passada ventura
> Que a minha vida molesta?
> Entornando nela amargura!
> Resta descrença e saudade...
> Mais além — a eternidade!
> A me apontar o porvir!
> (*Diário do Rio Grande*, 17 ago. 1860, p. 1).

Já em "*Recordações do Uruguai*", há um deslocamento do eixo introspectivo para uma poética da paisagem e da memória geográfica, em que o espaço uruguaio é elevado à condição de lócus idealizado:

> Uruguai! Uruguai! A ti meus carmes!
> A ti que tanta vez me viu sorrir!...
> Ébria de prazer, em tuas margens,
> A lira que dedilho fiz ouvir!...
>
> Contemplando meu futuro, que risonho
> Envolto em rosas nuvens que cingiam
> O puro céu de minha pátria,
> N'esse vasto horizonte se perdiam!!!
> (*Diário do Rio Grande*, 25 out. 1860, p. 1).

A discussão proposta por Zahidé Lupinacci Muzart (1995), acerca do cânone literário, evidencia seu caráter histórico, ideológico e excludente. A autora parte de uma revisão conceitual para demonstrar que o cânone não é neutro, mas resultado de disputas de poder no campo cultural, não estando diretamente relacionado a debates contemporâneos, como a oposição entre colonizador e colonizado, e às pautas da crítica feminista e pós-moderna. Nesse sentido, Muzart (1995) destaca que a constituição do cânone envolve processos de exclusão sistemática de determinados grupos sociais, como mulheres, negros, judeus e homossexuais, cujas produções foram historicamente marginalizadas. A autora enfatiza que essas exclusões não decorrem de critérios puramente estéticos, mas de relações de poder que determinam quais vozes serão legitimadas como representativas da literatura.

A Guerra do Paraguai, travada entre 1864 e 1870, envolveu quatro países: Brasil, Argentina, Uruguai e Paraguai. O conflito configurou-se como um marco fundamental para essas nações, promovendo transformações internas significativas e, no caso brasileiro, evidenciando suas contradições estruturais, além de contribuir para o desencadeamento de processos históricos, como a abolição da escravidão e a Proclamação da República. As impressões sobre o conflito foram tema da produção poética vinculada no *Diário do Rio Grande,* como podemos observar no poema de Jefferson Mirabeau:

> O SOLDADO BRAZILEIRO.
> (Ao nosso exército de Montevideo, pela notícia do ataque de Paysandú.)
>
> Ei-lo o soldado valente,
> Pedestal da liberdade.
> Conquista — o sangue fervente —
> Louros a posteridade.
> Ei-lo na luta cruenta
> Como o trovão que rebenta

Das goelas da tempestade;
Ou corcel que invade os campos
Ao luzir dos pirilampos
Que voam na imensidade.

Doma-los! quem pode? Deus,
Que tem de tudo os destinos;
Mas hão de parar nos céus
Os ferrenhos desatinos.
Se não, lá vae o trovão
Nas asas do furacão
Cuspindo ódio e vingança;
E o suarento corcel
Sorvendo o pó do tropel
A correr, corre e não cansa.

N'um país desconhecido
Anda, em furor que transluz,
O soldado destemido
Da terra de Santa Cruz.
Que vae fazer? Vae lutar,
Novo marco levantar
D'um direito subtraído.
Vae ufanos vencer,
O estulto orgulho abater
D'esse povo fementido.
(*Diário do Rio Grande*, 4 fev. 1865, p. 2).

Os versos evidenciam traços característicos da estética romântica, como a exaltação da pátria, do heroísmo e do sacrifício individual em nome de um ideal coletivo. A figura do soldado é construída como símbolo máximo da liberdade e da virtude, sendo elevado à condição de herói nacional, cuja bravura e abnegação garantem não apenas a vitória militar, mas também a perpetuação de sua memória na posteridade.

O *Diário* veicula aos domingos, na primeira página, uma seção intitulada "Poesias Brasileiras". Essa seção não é fixa, mas instaura-se na década de 1860 e perdura até as últimas edições, e, no domingo do dia 19 de fevereiro de 1865, publica o poema "Aos bravos voluntários Baianos", com a seguinte nota introdutória: "Poesias distribuídas em papel de cor pelas ruas por onde passaram os Voluntários da Pátria, no ato de embarcarem no Rio de Janeiro para Montevidéu no dia 4 de fevereiro do corrente mês":

AOS BRAVOS VOLUNTÁRIOS BAIANOS

Brava gente brasileira,
Longe vá temor servil.
Ou livre a pátria ficar,
Ou morrer pelo Brasil.
Tremei, inimiga corte!
Que, honrando a brasileira história,
Entoam sempre vitória
Os bravos de Sul e Norte;

E, se das armas a sorte
Não se apresenta favorável,
Abraçada com a bandeira
Da pátria que ama e defende,
Morre sim, mas não se rende
Brava gente brasileira.
(*Diário do Rio Grande*, 19 fev. 1865, p. 1).

O poema insere-se no conjunto de produções de caráter patriótico que circularam amplamente durante os conflitos do Prata, especialmente no contexto da Guerra do Paraguai, funcionando como instrumento de mobilização simbólica e construção de uma identidade nacional em armas. A composição articula elementos recorrentes da lírica romântica, como a exaltação da pátria, o heroísmo e a valorização do sacrifício individual, com uma retórica belicista, na qual o combate é estetizado, como se observa na transformação dos elementos da guerra em harmonia poética. Tal procedimento aproxima-se do que Antônio Candido identifica como traço fundamental da sensibilidade romântica, ao afirmar que "a literatura romântica tende a valorizar a emoção como forma privilegiada de conhecimento e expressão da realidade" (Candido, 2007, p. 328).

Ao mesmo tempo, a referência a episódios históricos, como Pirajá, Paysandú e Caseros, inscreve o poema em uma memória coletiva que legitima o presente pela evocação do passado. Nesse sentido, a imprensa desempenha papel central como mediadora dessas representações, configurando-se como espaço de difusão de discursos políticos e culturais. Como observa Isabel Lustosa (2000, p. 45), "o jornal não era apenas veículo de informação, mas instrumento de intervenção política e formação de opinião", o que evidencia a função pedagógica e persuasiva da circulação desse tipo de poesia. Assim, o poema deve ser compreendido não apenas como expressão estética, mas como parte de um dispositivo discursivo mais amplo, no qual literatura e imprensa se articulam na construção de uma cultura política nacional no século XIX.

Além disso, o poema inicia com os versos do Hino da Independência, cuja letra, composta por Evaristo da Veiga (1822), constitui uma das primeiras manifestações de poesia cívica voltadas à construção simbólica da nação brasileira. A comparação revela que o poema funciona como uma reapropriação e atualização do modelo retórico do Hino da Independência, adaptando-o a um novo contexto histórico (a Guerra do Paraguai). Se o hino consolida simbolicamente a nação nascente, o poema atua como instrumento de manutenção e defesa dessa mesma nação, intensificando o tom belicista e a dimensão sensorial da guerra. Os versos buscam recuperar a memória da Independência para legitimar o presente, ou seja, ele reinscreve o conflito atual como continuidade da luta iniciada em 1822. Dessa forma, tanto o poema quanto o Hino da Independência participam de um mesmo repertório simbólico que associa poesia,

música e imprensa na consolidação de uma cultura política nacional no século XIX, posteriormente ressignificada em momentos como o resgate do hino durante o governo Vargas, quando se buscou reafirmar elementos de identidade e coesão nacional.

Com a mesma temática, o poema "Aos voluntários da pátria – hino de despedida" reforça a exaltação do combate e na construção de um herói brasileiro que vai libertar o Paraguai:

> Valentes voluntários,
> Paraguai libertar,
> Destruindo Assunção
> E arrasando Humaitá.
>
> Ides, ides, valentes heróis,
> O pendão auriverde estendei;
> Ides, ides mostrar ao vil López
> Que o vosso valor ele deve temer.
>
> Valentes voluntários,
> Paraguai libertar,
> Ides, ides mostrar em Assunção
> O que sois aqui do Brasil;
> Ides, ides livrar aquele povo
> Que está sujeito a déspota vil.
>
> Valentes voluntários,
> Paraguai libertar.
>
> Ides, ides cumprir o mandato
> Que a nação vos tem confiado,
> De vingar os manes dos nossos
> Que vilmente foram imolados.
>
> Valentes voluntários,
> Paraguai libertar.
> (*Diário do Rio Grande*, 18 mar. 1865, p. 1).

O poema assinado por A. M. Ajoir trabalha com a repetição do segmento "Valentes voluntários, / Paraguai libertar", que nesta produção funciona como refrão estruturador, sintetizando o objetivo político-militar da composição e operando como eixo de coesão textual. Tal refrão, ao ser reiterado entre as estrofes, produz um efeito de fixação mnemônica e reforça a dimensão coletiva do enunciado, aproximando o texto de práticas de canto cívico e militar. O uso sistemático do imperativo "Ides, ides" configura um discurso de convocação direta, interpelando os sujeitos como agentes ativos do conflito. Essa construção não apenas mobiliza os combatentes, mas também projeta um ideal de ação imediata, em consonância com o contexto de guerra. A duplicação do verbo "Ides, ides" intensifica o ritmo e a cadência do verso, contribuindo para sua oralização e potencial performativo, características fundamentais de

textos destinados à circulação ampliada no espaço público. Além disso, o trecho constrói uma polarização moral nítida: de um lado, os "valentes voluntários", associados à coragem, à honra e à missão nacional; de outro, o inimigo figurado como "vil López" e "déspota", cuja caracterização negativa legitima a violência como ação necessária. Essa oposição é reforçada pela presença de verbos de forte carga semântica – "destruindo", "arrasando", "vingar" – que não apenas descrevem a ação militar, mas a revestem de um sentido moral e justificatório.

A propaganda em circulação no Brasil durante a Guerra do Paraguai caracterizava Solano López como um "tirano", sendo essa perspectiva amplamente predominante na interpretação e na apropriação do conflito. Outro aspecto relevante na construção dessa representação, marcada por um viés maniqueísta, reside na elaboração simbólica dos chamados "Voluntários da Pátria", incorporados ao exército brasileiro e apresentados como patriotas abnegados e heroicos, engajados na defesa da liberdade e no combate à tirania personificada em López. Nesse contexto, observam-se ecos desse discurso, tanto na associação do líder inimigo a figuras historicamente negativas quanto na idealização dos combatentes nacionais.

A referência aos lugares "Assunção" e "Humaitá" insere o poema no horizonte factual da guerra, aproximando-o do noticiário e conferindo-lhe uma dimensão quase documental. No entanto, essa referencialidade é ressignificada poeticamente, uma vez que tais lugares são convertidos em símbolos de conquista e vitória, integrando um imaginário de expansão e afirmação nacional. Outro aspecto relevante é a evocação dos "manes dos nossos / que vilmente foram imolados", que introduz uma dimensão memorial e sacrificial ao discurso, a guerra não é apenas apresentada como necessidade política, mas como dever moral de vingança e honra aos mortos, reforçando a legitimidade do conflito. Tal recurso aproxima o texto de uma tradição épica, na qual a memória dos antepassados atua como elemento mobilizador das ações presentes. O poema constrói uma imagem do Brasil como sujeito coletivo ativo "o que sois aqui do Brasil", reforçando a ideia de representação nacional pelos combatentes e a ação dos voluntários ultrapassa o plano individual, configurando-se como expressão da própria nação, o que intensifica o caráter ideológico dos versos. Assim, o poema não apenas narra ou exalta a guerra, mas atua como instrumento de mobilização simbólica.

Encerrado o conflito, a Guerra do Paraguai permaneceu contribuindo como matéria literária ao longo do século XIX, como podemos observar nos versos iniciais do poema de Damasceno Vieira:

> Exulta, nobre povo rio-grandense,
> Que vês marchar na senda do futuro,
> Desfraldando a bandeira das vitórias

> Às auras festivas deste céu puro!
>
> Quando a pátria se viu ameaçada
> De ser calcada aos pés do despotismo,
> Pressuroso acorreste a seus reclamos,
> Não deixaste-a cair em fundo abismo!
>
> Iluminando a fronte ao sol da guerra,
> Fizeste a pátria se cobrir de glória!
> E como um astro de esplendor fulgente
> Brilhou teu nome nos anais da História!
> (*Diário do Rio Grande*, 5 jan. 1879, p. 2).

A imagem heroica nos versos é uma construção coletiva contribuindo para uma memória idealizada, transformando o "povo rio-grandense" em sujeito heroico, cuja trajetória é marcada pela luta contra o despotismo, pela conquista da glória e pela projeção de um futuro de progresso, articulando um projeto ideológico de construção de identidades regionais e nacionais. Desse modo, o poema não apenas celebra o passado, mas o reorganiza simbolicamente, contribuindo para a consolidação de uma memória histórica heroificada que perdurará ao longo do século XIX.

A partir da segunda metade do século XIX, novas condições favoreceram mudanças significativas, com o surgimento de uma geração mais instruída e o crescimento urbano e cultural da província. Nesse cenário, a fundação da Sociedade Partenon Literário, em 1868, representou um marco, pois buscava criar um espaço autônomo de produção intelectual, tendo como objetivo "estabelecer um espaço de produção de uma literatura genuinamente rio-grandense e de sociabilidade". A entidade articulava atividades, como biblioteca, tribuna de oratória, aulas noturnas e, sobretudo, a publicação de uma revista, e João Damasceno Vieira Fernandes (1853-1910), reconhecido jornalista, historiador, dramaturgo e poeta, foi um dos nomes que mais publicou na *Revista do Partenon*, conforme salienta César (1971, p. 302):

> Damasceno Vieira, em quase sessenta anos de vida, teve mais de quarenta sem pausa dedicado as atividades literárias. Produziu muito: foi dos colaboradores mais assíduos da Revista do Partenon e deu a lume vários volumes de versos; em prosa cultivou o gênero histórico, o teatro, a crônica literária, os estudos críticos, como o que vem no anuário de Graciano A. de Azambuja para 1892, sobre Carlos Von Koseritz.

A Revista Mensal do Partenon Literário desempenhou papel fundamental na difusão cultural, reunindo diferentes gêneros textuais e contribuindo para a formação do público leitor e do gosto literário. Nesse sentido, a crítica literária ocupava lugar de destaque, buscando orientar a recepção das obras, uma vez que pretendia "formar o gosto do público leitor e ensinar-

lhe a discernir entre a boa e a má literatura". Paralelamente, a revista também assumia uma função pedagógica e moral, vinculando literatura e formação cívica.

Segundo Charles Monteiro (2019, p. 8), o Partenon Literário e sua revista foram decisivos para a constituição de um campo literário regional, pois "foram determinantes para a formação de uma nova geração de escritores, de um campo literário autônomo e de uma literatura sul-rio-grandense". Assim, sua atuação contribuiu não apenas para a valorização das especificidades locais, mas também para a inserção da produção literária gaúcha no projeto mais amplo de construção da literatura nacional. Conforme aponta César (1971), Damasceno Vieira inaugurou no Rio Grande do Sul a fase da poesia dita *moderna* ou *científica,* o que para ele foi uma lamentável "concepção teratológica que teve no Brasil a sua época, ao mesmo tempo que o positivismo de Comte" (César, 1971, p. 302).

Damasceno Vieria publica, em 1879, o texto "*Questões Literárias*", que constitui uma reflexão crítica sobre os rumos da ciência, da sociedade e da literatura no século XIX, articulando uma visão ambivalente do progresso. O autor reconhece os avanços científicos e intelectuais de sua época, mas manifesta preocupação com a difusão do materialismo, especialmente a partir das teorias evolucionistas, que, segundo ele, ameaçariam a religião, a moral e os valores espirituais. Ele defende uma concepção de literatura comprometida com a justiça, a moral e a elevação do espírito:

> A verdadeira escola realista, que poucos hão compreendido, não admite a propaganda de absurdos, nem tem por divisa materializar as nossas aspirações: perfeitamente e destacada da escola lírica, advoga a grande causa da justiça e do dever, fazendo ressaltar na face dos opressores o sangue dos oprimidos; é respeitável porque pugna pelo grandioso princípio da igualdade de direitos perante a razão (*Diário do Rio Grande*, 19 jan. 1879, p. 1).

Em um poema dirigido a Damasceno Vieira, Penserosa, pseudônimo de Julieta de Melo Monteiro (1855-1928), que além de jornalista, foi professora, contista, teatróloga e poetisa, problematiza as "novas ideias" propostas pelo literato. O poema materializa, no plano poético, o mesmo movimento que o Partenon Literário promove no plano institucional: a disputa pela definição do que deve ser a literatura, revelando tanto a força das novas correntes quanto as resistências que marcam a constituição de um campo literário. Julieta já defende suas ideias românticas iniciando o poema com versos de Lopes de Mendonça, escritor português representante da escola romântica, e demonstrando uma certa resistência a essas novas ideias:

As novas ideias
(Ao Sr. Damasceno Vieira)

A poesia lírica é a fé, o
entusiasmo, a energia
das convicções revelam-se
nos cantos do coração.
LOPES DE MENDONÇA.

Inspirado poeta, há quinze dias
Recebi vossos versos realistas,
E desde então em cismas, em vigílias,
Correu minha existência.

Muitas vezes
Levanto-me orgulhosa, empunho a pena
Disposta a responder-vos: — Já sou outra,
"Sigo agora outra ideia, vós tivestes
O poder de mudar as minhas crenças;
Pela brilhante estrada do Progresso
(Que chama — errônea — a nossa antiga crença);
(*Diário do Rio Grande*, 28 ago. 1879, p. 1).

O poema, portanto, pode ser lido como um testemunho dessa transição, em que na voz do eu-lírico, a literatura deixa de ser apenas expressão subjetiva para se tornar também objeto de normatização crítica e debate intelectual. Os versos encenam o conflito entre a tradição lírica, marcada pela interioridade, emoção e idealização, características dos poemas românticos, e a emergência de uma poesia de cunho mais racionalista e "moderno", representada por Damasceno Vieira:

Pois é crível
Que eu possa abandonar ideias santas
Que comigo nasceram?

Que eu arroje
Ao frio esquecimento o doce arcanjo
Que tanta, tanta vez me há inspirado?

Não, não quero seguir ideias novas!
Deixo a Pelletan, lá do sepulcro,
A glória de bradar: — o mundo marcha —.
Mais importantes coisas tenho, eu dito,
Sem que por isso o mundo se converta.
(*Diário do Rio Grande*, 28 ago. 1879, p. 1).

O eu-lírico declara ter sido impactado pelas "ideias novas" associadas ao progresso, à racionalidade e ao abandono do lirismo tradicional, o que evidencia a força normativa de uma nova estética, justamente aquela que a crítica literária do período buscava legitimar. E percebe-se, nesse texto, que a transição entre escolas literárias não se dá de forma linear, mas sim por meio de negociações e permanências, aspecto central para compreender a formação da literatura

sul-rio-grandense no século XIX. Julieta encerra os versos pedindo desculpas:

> E... sendo assim, perdoa, caro poeta,
> A cismar decorreram longos dias,
> Em que, sem o querer, a vossos olhos
> Por incivil passei:
>
> Mas desculpai-me.
> Bem vedes que levei a ver se acaso
> Conseguia saber qual o motivo
> Por que mais úteis, mais gentis, mais belas
>
> São tais ideias novas.
> (*Diário do Rio Grande*, 28 ago. 1879, p. 1).

Os versos de Julieta alinham-se a um modelo literário considerado "aceitável" para mulheres, evitando rupturas mais radicais, o que dialoga diretamente com os mecanismos de exclusão do cânone apontados por Muzart (1995), ou seja, a própria conformidade temática contribui para uma visibilidade condicionada, que não se traduz necessariamente em reconhecimento duradouro. Conforme demonstra Lourenço (2011), a produção poética feminina do século XIX organiza-se, predominantemente, em torno de núcleos, como o confessionalismo, o lirismo amoroso, o saudosismo e a reflexão sobre a transitoriedade da vida, evidenciando uma forte valorização da interioridade e da experiência subjetiva. Nesse sentido, o texto analisado insere-se em uma tradição lírica de matriz romântica, marcada pela centralidade da sensibilidade e pela expressão dos afetos, características que definem grande parte da escrita feminina do período, mas que não deixaram de dialogar com as novas correntes literárias e autores canonizados.

Bernardo Taveira Junior (1836-1892) foi professor, cronista, folhetinista, teatrólogo e poeta, outro reconhecido membro do Partenon Literário, que publicou seus escritos no *Diário do Rio Grande*. O poema *Garibaldi* exemplifica, de maneira precisa, o fenômeno que Póvoas (2015) denomina de "exaltação mitificadora de personagens históricas" na imprensa literária sul-rio-grandense do século XIX:

> VII
> Mil perigos e batalhas
> Provaram-lhe a valentia,
> E ninguém mais generoso
> Pelos povos combatia!
> Foi o apóstolo sem rival
> Da unidade italiana;
> Consagrou-lhe em nobre preito
> Quanto amor tinha no peito,
> A vida inteira — afinal!

VIII
Neste canto rio-grandense,
Cuja história é uma odisseia,
Nesta terra onde o civismo
Altivo e nobre campeia; —
Neste esplêndido alcáçar
Onde um Netto, um Canabarro,
Conquistaram nome e glória,
De Garibaldi a memória
Nunca mais se há de apagar!
(*Diário do Rio Grande*, 19 jul. 1882, p. 1).

O poema confirma que a literatura neste período se caracterizou pela tendência à glorificação de figuras históricas, nacionais ou estrangeiras, transformadas em modelos exemplares. Conforme Póvoas (2015), os poemas publicados em periódicos, como *O Guaíba*, *Revista do Partenon Literário*, *Corimbo* e incluímos a esta lista o *Diário do Rio Grande,* apresentam, em geral, elogio das personalidades, evidenciando uma intenção claramente laudatória. "Em geral, observa-se o elogio das personalidades presentes nos poemas, o que evidencia a intenção glorificadora, caminho comumente trilhado pela literatura da época" (Póvoas, 2015, p. 268).

Nesse sentido, a figura de Giuseppe Garibaldi é construída no poema como herói absoluto, sendo descrito como "apóstolo sem rival" e "símbolo da liberdade", em uma linguagem hiperbólica que o eleva à condição de mito. Além disso, a utilização de personagens históricos na poesia do século XIX está frequentemente associada à circunstancialidade dos periódicos, isto é, à publicação motivada por datas comemorativas ou eventos recentes, como mortes ou homenagens. Nesse caso, a morte de Garibaldi, ocorrida em 2 de junho de 1882, o poema insere-se exatamente nessa lógica, funcionando como um texto de memória, vinculado à necessidade de registrar e perpetuar a importância do personagem no imaginário coletivo.

Segundo Póvoas (2015), a literatura não apenas representa figuras históricas, mas as reelabora, atribuindo-lhes significados que atendem a interesses ideológicos e culturais do contexto de produção. Nos versos de Bernardo Taveira Junior, esse processo é evidente na transposição de Garibaldi para o espaço sul-rio-grandense, sobretudo na estrofe final, em que sua memória é vinculada diretamente à história local, ao lado de nomes como Netto e Canabarro. Dessa forma, o herói italiano é reincorporado à tradição regional.

Poemas como *Garibaldi* se caracterizam pelo uso de uma linguagem marcada por exaltação, heroísmo e idealização, mobilizando imagens de grande intensidade simbólica, como "águia", "luz", "tufão" e "estrela", para construir uma representação elevada e quase sagrada do herói. Esse recurso contribui para a chamada monumentalização literária, na qual o personagem histórico é transformado em figura exemplar e incontestável. Póvoas (2015) aponta

que tais textos tendem a reforçar discursos dominantes, exaltando figuras associadas a valores como ordem, heroísmo e patriotismo, sem promover uma problematização crítica dessas narrativas.

A literatura sulina aproximou-se da história e da política e passou a ser muito mais um veículo para a propagação de questões voltadas ao âmbito social e político do que uma manifestação estético-cultural. Essa função se concretiza especialmente na poesia, que assume caráter laudatório e ideológico, com destaque para a exaltação de figuras históricas. Bernardo Taveira também publicou o poema "*O mosquito*", revelando uma faceta distinta do mesmo autor e do mesmo círculo literário, trata-se de uma composição breve, de tom leve e burlesco, que explora o cotidiano e o humor. Nesse sentido, enquanto *"Garibaldi*" se orienta por um projeto literário elevado e nacionalista, "O mosquito" evidencia a dimensão mais imediata e lúdica da produção poética, voltada ao entretenimento do leitor:

> O mosquito infernal! ó vil bichinho!
> Vai bem longe tocar tua trombeta;
> Com esse teu zunir, parece peteca!
> És correto — sim, porém daninho.
>
> Se teimas... ah, maldito! ah diabo!
> E te chega a pilhar, adeus cortesia!
> Nunca mais a vossa ideia n'este planeta
> De novo se ouvirá do gatinho.
>
> Ó biltre! continua zunindo!
> Espera! espera! — mal te acerto agora!
> Já vais do teu triunfo zombando!
>
> Mas não tomas caminho, ó miserando!
> Ainda, incorrigível, impertinente,
> Fim... fim... zas! Pilhei-te — cantagora!
> (*Diário do Rio Grande*, 11 abr. 1886, p. 1).

A circulação de poemas em jornais era intensa e diversificada, reunindo tanto textos de maior ambição estética quanto produções ocasionais. Assim, a coexistência desses registros demonstra que o poeta do século XIX atuava em múltiplas frentes, adaptando sua escrita às exigências do suporte periódico, que, como espaço de sociabilidade e difusão cultural, comportava simultaneamente o projeto literário nacional e a poesia humorística de circulação rápida. O poema "*O Mosquito*" evidencia que Bernardo Taveira Júnior participa de um sistema literário em formação, no qual a imprensa desempenha papel central ao articular diferentes níveis de produção poética, do épico ao satírico, contribuindo para a consolidação de um campo literário heterogêneo que, por muitas vezes, não foi mencionado pela historiografia literária.

Comprovando a heterogeneidade das publicações no *Diário do Rio Grande,* os poemas com temas sociais e políticos também ocuparam as páginas do periódico e Múcio Teixeira (1857-1928) foi descrito por Guilhermino César (1971, p. 241) como um poeta com "características revolucionárias, inquieto, versátil, inspirado, carinhoso e rude a um tempo, seu nome enche de ruído e brilho um largo período da história literária rio-grandense". O poema "*Os socialistas*" exemplifica essa postura de crítico social do poeta:

> E assim passando vão, sombrios, desvairados,
> Os filhos, os irmãos, os pais e os maridos...
> Deixando, na nudez dos lares apagados,
> A prole, sem arrimo, exposta a vis bandidos.
>
> Andando dia e noite a procurar trabalho,
> Nos palácios dos reis, nas quintas dos burgueses;
> Podiam muito bem, com as cartas de um baralho,
> Ter mais sério papel nos nossos entremezes...
>
> Podiam muito bem, à beira de uma estrada,
> As bolsas arrancar aos filhos da opulência,
> Que costumam passar, às três da madrugada,
> De volta dos bordeis, quebrados de indolência...
> (*Diário do Rio Grande*, 28 jun. 1892, p. 1).

O poema apresenta um forte teor de denúncia, ao retratar os operários como figuras sacrificadas e ao expor a miséria, a exploração e a desigualdade social, culminando em um tom combativo que conclama à subversão da ordem vigente. Essa perspectiva dialoga diretamente com o que o texto destaca sobre a produção de Múcio Teixeira, especialmente sua aproximação com uma poesia de cunho social, reconhecida inclusive por críticos como Sílvio Romero, que identificava em sua obra uma atenção à realidade concreta e às tensões sociais, em oposição ao formalismo parnasiano. Vale ressaltar que Múcio também manteve relações com o Partenon Literário, o que ajuda a compreender o caráter ideológico do poema. "Os socialistas", nesse sentido, não é apenas uma peça literária, mas um documento de intervenção no debate público, alinhado a uma tradição de poesia que busca dar voz às classes marginalizadas e criticar as estruturas de poder de reis, clero e burguesia explicitamente mencionados no texto:

> Condena o desvario esplendido e sublime,
> De quem quiz trabalhar para matar a fome,
> E, não vendo trabalho, então pensa no crime,
> Procurando um alívio á magoa que o consome?...
> Fidalgos! padres! reis!... Tremei da ideia nova,
> Que vos reduz a isto: INFAMIA e COBARDIA.
> Socialistas, avante! Abri a grande cova
> Que a de esconder os reis, o clero e a fidalguia!
> (*Diário do Rio Grande*, 28 jun. 1892, p. 1).

O poema expressa a crítica à estrutura social que transforma a miséria em criminalidade, corroborando com o pensamento socialista do período: a de que o crime não é apenas um desvio moral individual, mas um produto das condições sociais. Essa perspectiva dialoga com o contexto intelectual que buscava explicar fenômenos como a pobreza e o crime à luz das condições materiais e históricas. A exaltação dos trabalhadores como vítimas injustiçadas e a condenação das elites como "infâmia e cobardia" reforçam essa dimensão ética e quase profética do discurso, em que a luta social é apresentada como uma causa justa e inevitável.

Na virada do século XIX para o XX, o mundo experimentava profundas transformações que culminariam nas duas grandes guerras que marcaram o século seguinte. Essas mudanças de grande alcance interferiram diretamente nas formas de pensar e agir da humanidade, repercutindo também no campo da produção intelectual. Nesse contexto, consolidava-se o predomínio do cientificismo e a ideia de que o homem havia superado a natureza, passando a dominá-la e a utilizá-la em seu favor, ao mesmo tempo em que emergiam teorias que colocavam em xeque a ordem estabelecida. Paralelamente, o crescimento urbano concentrava grandes contingentes de trabalhadores, formando um exército industrial de reserva que sustentava a rápida industrialização e favorecia a intensificação da exploração do trabalho assalariado, ampliando de modo significativo as desigualdades sociais. O cenário estadual e nacional desse período é descrito por Alves (2011, p. 49):

> No Brasil, tal época seria marcada pela transição da monarquia à república, efetivando-se uma mudança político-institucional apenas no que tange à forma de governo, uma vez que as estruturas socioeconômicas permaneceram imutáveis, com a manutenção do padrão agroexportador calcado na produção cafeeira, ocorrendo apenas um deslocamento do poderio econômico e político da elite fluminense para a paulista. As massas de trabalhadores rurais e urbanas ficaram à parte de tal transformação, que em nada alterou as mazelas e disparidades sociais do país. A república nasceria sob o domínio do autoritarismo, para, mais tarde, fixar-se num modelo oligárquico com bafejos liberais. No Rio Grande do Sul, ao contrário, o regime autoritário predominaria coercitivamente durante toda a República Velha, através de uma ditadura nos moldes conteanos fundada por Júlio de Castilhos, com ampla concentração de poderes e praticando um pleno exclusivismo político-partidário que não dava chances aos opositores de galgarem espaço junto ao aparelho do Estado.

Neste contexto localizamos dois poemas de Mário de Artagão, pseudônimo de Antônio da Costa Corrêa Leite Filho (1866-1937), que corroboram com a multiplicidade de produções deste autor. Em "*Berço em febre*", o eu lírico configura-se como um pai em estado de dor extrema, profundamente marcado pela experiência da doença. Trata-se de uma voz masculina que se constrói na intersecção entre sofrimento íntimo, religiosidade e desespero existência:

E eu via o meu filhinho,
Na quietude monástica da tarde,
Pedir água das fontes do caminho,
|(Jesus! como a febre arde!)
Mas água de dilúvios, água benta,
Para a sede dos lábios, cor dos lírios...
Hora soturnas de agonia lenta,
Descendo pela torre dos martírios!
Mentia a medicina;
E a torturada mãe, lavada em prantos;
Do filho ungindo a boca pequenina,
Em cada beijo punha os óleos santos.
As mães tem mais coragem;
E estonteado, a chorar, varzeado em fora,
Fui ter com Deus... e mais, Nossa Senhora.
Ai que bonita imagem
Ali me estava a olhar!
(*Diário do Rio Grande*, 6 abr. 1902, p. 1).

A produção de Mário de Artagão se constrói na intersecção entre experiência pessoal e contexto histórico-cultural: se, em outros textos, o autor constrói um eu-lírico revoltado contra instituições, como em o *Psaltério* (1894), em "Berço em febre" ele revela um sujeito lírico fragilizado, que encontra na religiosidade não uma doutrina, mas uma experiência emocional e simbólica de enfrentamento da dor. Essa oscilação confirma os apontamentos de Alves (2011) de que sua obra resulta de um "amálgama de influências e tensões", constituindo uma poética singular no cenário sul-rio-grandense do período. Em "Natal", o eu-lírico também se encontra em sofrimento:

Vida é feita assim
No suarento pão de cada dia
Moureja o sonhador em mágoa imerso
Como acontece a mim
Mas também sem a dor, não haveria
Esta musica Sacra do meu verso
Joias, meus filhos, quem me dera tê-las
Somente a fada azul de uma quimera
Nesta noite, o Selika, é quem poderá
Dar-te um colar, mas um colar de estrela
Para a Zuleika, assim tão pequenina,
Falando francamente
Nem mesmo sei que mimo serviria
(*Diário do Rio Grande*, 25 dez. 1902, p. 1).

Os versos apresentam uma condição de trabalho e privação, na qual o cotidiano árduo impede a realização de desejos concretos, como a oferta de "joias" aos filhos. Contudo, essa impossibilidade é transfigurada pela imaginação poética, que substitui o valor material pelo simbólico "um colar de estrela", evidenciando o deslocamento da realidade para o plano da fantasia. Nesse sentido, a dor não é apenas tematizada, mas convertida em princípio estético,

como se explicita no verso “sem a dor, não haveria / Esta música sacra do meu verso”, no qual o sofrimento assume função geradora da expressão lírica.

A virada do século no campo da produção poética veiculada no *Diário do Rio Grande* não alterou de forma significativa o trabalho que já vinha sendo divulgado no século anterior. A repetição de poetas consagrados, a temática variada e a permanência do ideário romântico mantiveram-se ao longo dos dez anos do século XX em que o jornal existiu.

Cabe esclarecer que, para a elaboração dos subcapítulos dedicados ao folhetim e à poesia, adotou-se como procedimento metodológico a análise por amostragem, tendo em vista a extensão temporal do *Diário do Rio Grande* e o elevado número de textos literários publicados em suas páginas ao longo de sua trajetória. Desse modo, não se pretendeu realizar um levantamento quantitativo de todas as ocorrências de folhetins e composições poéticas presentes no periódico. Tal procedimento possibilita observar tendências e características significativas dessas práticas literárias e editoriais sem pressupor que os textos selecionados esgotem a diversidade do material existente. Assim, os folhetins e poemas analisados devem ser compreendidos como recortes de um universo documental mais amplo, capazes de demonstrar a relevância do *Diário do Rio Grande* como espaço de produção e circulação da literatura no século XIX e, ao mesmo tempo, de indicar possibilidades para futuras investigações sobre um *corpus* que permanece aberto a novos levantamentos e análises.

4 CARTAS COMO GÊNERO LITERÁRIO

As cartas são consideradas uma das formas mais antigas de registro da comunicação humana, há indícios de que esse tipo de correspondência existe há cerca de 3.500 anos, sendo inicialmente produzido em suportes como argila, na Mesopotâmia; pedra ou ossos, conforme registros das antigas bibliotecas chinesas; papiro, no Egito; e, posteriormente, em peles de carneiro ou de outros animais.

O conjunto de cartas que analisaremos compreendem uma forma privilegiada de construção narrativa e de circulação do texto literário no século XIX. Nesse contexto, a carta, longe de constituir apenas um meio de comunicação privada, assume, no jornal, uma função híbrida, articulando elementos retóricos, literários e ficcionais, configurando-se como um gênero altamente maleável e adaptável às demandas do público leitor. Neste estudo, a escrita epistolar apresenta-se como um "mundo narrativo regrado", pois é orientada tanto pelas preceptivas retóricas vigentes quanto pelas exigências do suporte jornalístico, o que a torna simultaneamente normativa e experimental.

O estudo aponta que o gênero epistolar se destaca pela sua versatilidade estrutural e discursiva, sendo capaz de incorporar características de outros gêneros, como a anedota, o diálogo e o epigrama, o que reforça seu caráter híbrido. Essa plasticidade permite que a carta transite entre o factual e o ficcional, muitas vezes apresentando-se sob a aparência de relato verdadeiro, ao mesmo tempo em que encobre estratégias narrativas próprias da ficção. Assim, a epístola assume papel fundamental na constituição de pequenas narrativas e na consolidação de práticas literárias no interior da imprensa. Ao integrar práticas retóricas, estratégias editoriais e demandas do público, as missivas contribuíram para a formação de uma cultura escrita dinâmica, na qual o jornal se consolidou como espaço privilegiado de criação, circulação e transformação dos gêneros literários no século XIX.

Embora conservasse a forma de uma correspondência entre remetente e destinatário, a carta publicada no jornal era destinada a uma comunidade de leitores. Portanto, deixava de ser uma comunicação íntima para tornar-se uma prática social e pública, e essa característica modificava profundamente sua função e seus sentidos. Segundo Alcir Pécora, a epístola é um dos gêneros fundadores da escrita em jornais e periódicos e tem sua importância pouco considerada pelos historiadores, quem tendem a ler e se apropriar dos objetos literários do passado sem considerar os efeitos pragmáticos de sua apropriação e recepção, variáveis segundo o momento histórico de sua publicação, bem como os procedimentos retóricos próprios a cada gênero:

> Ao contrário, a tendência histórica básica dos mais diferentes gêneros é a de desenvolver formas "mistas", com dinamicidade relativa nos distintos períodos, que impedem definitivamente a descrição de qualquer objeto como simples coleções de aplicações genéricas (Pécora, 2001, p. 12).

Christopher Conway (2006), ao analisar o gênero epistolar na *Gaceta de Caracas,* conclui que esse gênero ultrapassa sua função de comunicação privada e consolida-se como um importante dispositivo de sociabilidade e de construção de uma comunidade de leitores, ao mesmo tempo em que ocupa uma posição ambígua entre o relato factual e a ficção:

> La carta se convirtió en elemento clave de la sociabilidad, y la publicación de cartas (confiables o apócrifas) funcionaba para construir, recíprocamente, una comunidad de lectores. Por otra parte, con la publicación de las Letras Persas de Montesquieu, las novelas Clarissa (1742) de Richardson y Les liaisons dangereuses (1782) de Laclos, entre otros, vemos que el género epistolar se convierte en un pretexto para jugar con la distinción entre ficción y verdad. Desde el punto de vista del desarrollo de la prensa moderna, entonces, la carta representa una manera bastante inestable de fijar la verdad, y establece la ficción como parte intrínseca del periodismo. Como lo señala Aníbal González, la prensa insiste en el aspecto utilitario del lenguaje, en su transparencia, mientras que, en la práctica, el periodismo siempre ha hecho uso de la palabra como vehículo de la polémica y la propaganda, utilizando, efectivamente, al lenguaje para hacer ficción (Conway, 2006, p. 86).

Nesse processo, a carta passa a desempenhar um papel relevante na constituição de uma comunidade de leitores, promovendo formas específicas de interação entre o jornal e seu público. Ao simular uma comunicação íntima e pessoal, o gênero epistolar produz efeitos de proximidade, autenticidade e verossimilhança, favorecendo a identificação do leitor com o enunciador e conferindo maior credibilidade ao discurso veiculado, mesmo quando ele se inscreve no campo da ficção. Dessa forma, a epístola se caracteriza por sua versatilidade, caráter dialógico e capacidade de adaptação a diferentes temas, atuando como um dos principais instrumentos de experimentação literária e de mediação entre autor e leitor na imprensa oitocentista.

Otto Groth (2011) evidencia, em sua *Ciência dos Jornais,* que o jornal deve ser compreendido como um fenômeno cultural antes de ser visto apenas como um meio de comunicação ou um documento histórico. Essa perspectiva desloca o foco da análise do conteúdo isolado das notícias para a investigação dos valores, das formas de mediação e das funções culturais desempenhadas pelos periódicos. Groth (2011) parte da ideia de que o periódico é simultaneamente produto e produtor da sociedade. Ao afirmar que o estudo dos jornais conduz ao conhecimento da consciência social e cultural de uma época, ele entende que a imprensa materializa os valores, os conflitos, os interesses e as formas de percepção do mundo compartilhadas por determinada coletividade.

"Jornais e revistas são obras culturais. Cultura é entendida aqui como o conjunto das criações mentais e humanas que cresce e muda continuamente" (Groth, 2011, p. 33). O jornal não apenas registra acontecimentos; ele seleciona, organiza, hierarquiza e interpreta a realidade. Por essa razão, estudar um periódico significa investigar as formas pelas quais uma sociedade compreende a si mesma e constrói sentidos para o presente.

Essa concepção da *Ciência dos Jornais* dialoga diretamente com a proposta metodológica de Socorro de Fátima Pacífico Barbosa, em *Jornal e literatura: a imprensa brasileira no século XIX* (2007). A autora critica a tradição historiográfica que utilizava os jornais apenas como arquivos de textos literários, posteriormente consagrados em livro, e, em oposição a essa perspectiva, defende que os periódicos constituem um espaço privilegiado para compreender a circulação da cultura escrita, os modos de leitura, os gêneros literários e as práticas discursivas do século XIX. Segundo Barbosa (2007, p. 16), os jornais eram mais do que depósitos documentais: representam um espaço de "criação de certos gêneros literários" e organizavam formas específicas de produção e recepção da literatura. Em seu estudo, a pesquisadora aponta que a carta, ao ser incorporada ao suporte jornalístico, assume plenamente o estatuto de prosa de ficção, valendo-se de artifícios como o uso de pseudônimos, a encenação de personas, o anonimato e a linguagem alegórica:

> O jornal revela que literatura não teve sempre o mesmo sentido e nem sempre foi semelhante ao que, atualmente, convencionamos classificar como literário. Isso implica trazer ao presente as preferências e referências literárias a partir do presente de sua enunciação e não apenas da perspectiva do cânone, construído *a posteriori* (Barbosa, 2007, p. 17).

Márcia Abreu (2003, p. 64) também afirma que "o termo literatura designou práticas de escrita bastante variadas, cujos critérios para a hierarquização de escritores e obras não estão claros e não foram centrados no exame dos textos". Assim, verifica-se uma discrepância entre aquilo que os escritores do século XIX reconheciam como literatura e o que os historiadores da literatura e os críticos do século XX passaram a definir sob essa denominação. Na realidade, o termo que melhor expressa a indefinição conceitual vigente no período é *Belas-letras*, precisamente por ser a denominação mais recorrente entre os escritores da época (Abreu, 2003), e essa expressão abrangia um conjunto heterogêneo de produções textuais, incluindo cartas, sermões, biografias, narrativas de viagem, entre outros gêneros.

A trajetória de publicação das *Cartas Chilenas* é particularmente significativa para a compreensão das relações entre a forma epistolar e a literatura do século XIX. As cartas constituem um conjunto de poemas satíricos em forma epistolar, nos quais Critilo escreve ao

amigo Doroteu para relatar e censurar os acontecimentos ocorridos no Chile, espaço ficcional que funciona como representação de Minas Gerais no período colonial. Sob esse disfarce, o autor constrói uma crítica ao governo de Fanfarrão Minésio, personagem associado ao governador Luís da Cunha Meneses, denunciando práticas como o autoritarismo, o abuso de poder, os favorecimentos pessoais, a corrupção administrativa e os excessos cometidos pelas autoridades. A sátira, entretanto, não se restringe à figura do governante, alcançando também os costumes e comportamentos da sociedade colonial, de modo que a observação política se articula à crítica social. A escolha da forma epistolar é fundamental para essa construção, pois Critilo assume a posição de observador que relata a Doroteu aquilo que presencia, transformando a correspondência entre dois interlocutores em espaço de denúncia e julgamento dos vícios de seu tempo. Dessa maneira, as *Cartas Chilenas* articulam carta, sátira e representação da realidade social, utilizando a ficcionalização de personagens e lugares como estratégia para produzir uma leitura crítica das relações de poder e dos costumes da sociedade colonial.

A circulação impressa desses escritos ocorreu de maneira gradual e fragmentária: em 1826, o *Jornal Scientifico, Economico e Litterario* publicou a chamada *"Epístola a Critilo"*; posteriormente, em 1845, sete das *Cartas Chilenas* foram divulgadas nas páginas da revista *Minerva Brasiliense,* porém, como ressalta Barbosa (2011), existe um descompasso entre o que os escritores do século XIX concebiam como literatura e o que a partir do século XX passou a ser nomeado como tal:

> Tome-se como exemplo as famosas Cartas Chilenas, atribuídas romanticamente a Tomás Antônio Gonzaga, desde 1845, quando publicadas no periódico Minerva Brasiliens. É correto afirmar que o mesmo critério que incluiu esta obra no campo literário, ou seja, o nacionalismo, não se aplica às outras cartas e títulos da época (Barbosa, 2011, p. 334).

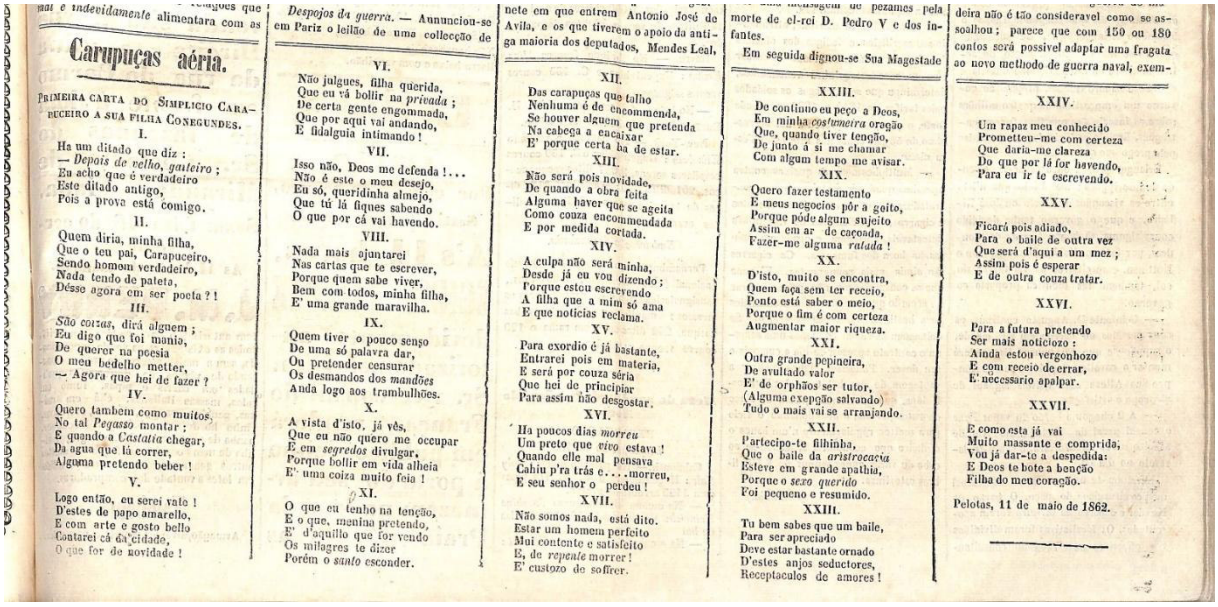
Barbosa (2007), ao investigar os periódicos brasileiros oitocentistas, evidencia que a imprensa organizava o universo cultural da época por meio da publicação de romances-folhetins, cartas, poemas, anúncios de livros, notícias literárias, debates intelectuais e textos de leitores. Os jornais revelam, portanto, não apenas a literatura produzida, mas também as formas pelas quais ela era lida, apropriada e legitimada socialmente. Se, para Groth (2011), conhecer os jornais significa compreender a consciência cultural de uma sociedade, Barbosa (2007) demonstra empiricamente que os periódicos brasileiros do século XIX condensam as práticas de leitura, os valores estéticos, os debates intelectuais e os modos de circulação da literatura de seu tempo.

A pesquisa da imprensa periódica revela-se, portanto, muito mais do que uma investigação sobre comunicação: trata-se de um caminho privilegiado para reconstruir a história social da leitura, da literatura e da cultura, tornando visíveis práticas e sujeitos frequentemente apagados pela historiografia literária. No decorrer das análises não estamos procurando uma definição universal de carta, mas tentando reconstruir o horizonte histórico de possibilidades do gênero.

As primeiras ocorrências identificadas de cartas em verso publicadas no *Diário do Rio Grande* remontam à década de 1850, entre 18 de abril de 1850 e 31 de janeiro de 1860, o jornal rio-grandino publicou, na seção "Variedades", textos intitulados Cartas do Barão de Kikiriki a sua esposa, a Baronesa do mesmo título, não as analisaremos no presente trabalho por se tratarem de transcrições do jornal *Periódico dos Pobres*. Escritas sob a forma epistolar e valendo-se tanto do verso quanto da prosa humorística, essas composições apresentam caráter marcadamente paródico e satírico, mobilizando a figura ficcional do Barão de Kikiriki para ironizar comportamentos e valores associados à sociedade oitocentista, especialmente os hábitos da aristocracia, de determinados segmentos intelectuais e do clero. A própria construção onomástica de "Kikiriki", que remete onomatopaicamente ao canto do galo, contribui para a dimensão caricatural da personagem e para o efeito cômico dos textos. A presença dessas cartas no *Diário do Rio Grande* torna-se particularmente significativa para esta pesquisa, uma vez que permite recuar temporalmente a utilização da forma epistolar como recurso literário no periódico, demonstrando que, já na década de 1850, a carta ultrapassava, em suas páginas, a função estritamente comunicativa para constituir-se como estrutura de composição ficcional, humorística e satírica. Nesse sentido, tais publicações podem ser compreendidas como antecedentes das experiências epistolares apresentadas na presente pesquisa.

4.1 SIMPLÍCIO CARAPUCEIRO

Figura 2 - Primeira Carta do Simplicio



Carapuças aéria.

PRIMEIRA CARTA DO SIMPLICIO CARAPUCEIRO A SUA FILHA CONEGUNDES.

I.
Ha um ditado que diz:
— *Depois de velho, gaiteiro*;
Eu acho que é verdadeiro
Este ditado antigo,
Pois a prova está comigo.

II.
Quem diria, minha filha,
Que o teu pai, Carapuceiro,
Sendo homem verdadeiro,
Nada tendo de pateta,
Désse agora em ser poeta?!

III.
São coizas, dirá alguem;
Eu digo que foi manio,
De querer na poesia
O meu bedelho metter,
— Agora que hei de fazer?

IV.
Quero tambem como muitos,
No tal *Pegasso* montar;
E quando a *Castalia* chegar,
Da agua que lá correr,
Alguma pretendo beber!

V.
Logo então, eu serei vate!
D'estes de papo amarello,
E com arte e gosto bello
Contarei cá da cidade,
O que for de novidade!

VI.
Não julgues, filha querida,
Que eu vá bollir na *privada*;
De certa gente engommada,
Que por aqui vai andando,
E fidalguia intimando!

VII.
Isso não, Deos me defenda!...
Não é este o meu desejo,
Eu só, queridinha almejo,
Que tú lá fiques sabendo
O que por cá vai havendo.

VIII.
Nada mais ajuntarei
Nas cartas que te escrever,
Porque quem sabe viver,
Bem com todos, minha filha,
E' uma grande maravilha.

IX.
Quem tiver o pouco senso
De uma só palavra dar,
Ou pretender censurar
Os desmandos dos *mandões*
Anda logo aos trambulhões.

X.
A vista d'isto, já vês,
Que eu não quero me occupar
E em *segredos* divulgar,
Porque bollir em vida alheia
E' uma coiza muito feia!

XI.
O que eu tenho na tenção,
E o que, menina pretendo,
E' d'aquillo que for vendo
Os milagres te dizer
Porém o *santo* esconder.

XII.
Das carapuças que talho
Nenhuma é de encommenda,
Se houver alguem que pretenda
Na cabeça a encaixar
E' porque certa ha de estar.

XIII.
Não será pois novidade,
De quando a obra feita
Alguma haver que se ageita
Como couza encommendada
E por medida cortada.

XIV.
A culpa não será minha,
Desde já eu vou dizendo;
Porque estou escrevendo
A filha que a mim só ama
E que noticias reclama.

XV.
Para exordio é já bastante,
Entrarei pois em materia,
E será por couza séria
Que hei de principiar
Para assim não desgostar.

XVI.
Ha poucos dias *morreu*
Um preto que *vivo* estava!
Quando elle mal pensava
Cahiu p'ra trás e....morreu,
E seu senhor o perdeu!

XVII.
Não somos nada, está dito.
Estar um homem perfeito
Mui contente e satisfeito
E, de *repente* morrer!
E' custozo de soffrer.

XXIII.
De continuo eu peço a Deos,
Em minha *costumeira* oração
Que, quando tiver tenção,
De junto á si me chamar
Com algum tempo me avisar.

XIX.
Quero fazer testamento
E meus negocios pôr a geito,
Porque póde algum sujeito
Assim em ar de caçoada,
Fazer-me alguma *ratada*!

XX.
D'isto, muito se encontra,
Quem faça sem ter receio,
Ponto está saber o meio,
Porque o fim é com certeza
Augmentar maior riqueza.

XXI.
Outra grande pepineira,
De avultado valor
E' de orphãos ser tutor,
(Alguma exepção salvando)
Tudo o mais vai se arranjando.

XXII.
Partecipo-te filhinha,
Que o baile da *aristrocacia*
Esteve em grande apathia,
Porque o *sexo querido*
Foi pequeno e resumido.

XXIII.
Tu bem sabes que um baile,
Para ser apreciado
Deve estar bastante ornado
D'estes anjos seductores,
Receptaculos de amores!

XXIV.
Um rapaz meu conhecido
Prometteu-me com certeza
Que daria-me clareza
Do que por lá for havendo,
Para eu ir te escrevendo.

XXV.
Ficará pois adiado,
Para o baile de outra vez
Que será d'aqui a um mez;
Assim pois é esperar
E de outra couza tratar.

XXVI.
Para a futura pretendo
Ser mais noticiozo:
Ainda estou vergonhozo
E com receio de errar,
E' necessario apalpar.

XXVII.
E como esta já vai
Muito massante e comprida,
Vou já dar-te a despedida:
E Deos te bote a benção
Filha do meu coração.

Pelotas, 11 de maio de 1862.

Carapuças Aéreas é um conjunto de 15 cartas publicadas no rodapé do *Diário do Rio Grande* que tiveram início em maio de 1862 e terminam em novembro do mesmo ano. Os textos, escritos em verso, são assinados por Simplício Carapuceiro e destinados à sua filha Conegundes, com o intuito de informar as novidades que se passavam no cotidiano pelotense. O espaço geográfico do jornal onde as cartas foram divulgadas já nos sinaliza tratar-se de textos literários, pois na década de sessenta o *Diário do Rio Grande* já tinha configurado o rodapé da primeira página como espaço literário. Durante a semana era publicado no rodapé o folhetim *Os Miseráveis*, de Vitor Hugo e, por vezes quinzenalmente, por vezes semanalmente, e próximo ao encerramento da publicação das cartas, de forma mais espaçada, aos domingos, as *Carapuças Aéreas.*

As cartas de Simplício Carapuceiro, embora encenadas como correspondência íntima dirigida à filha, configuram-se como gênero literário publicado no jornal, assumindo uma função híbrida entre comunicação pessoal, crônica e sátira social:

I

Há um ditado que diz:
- Depois de velho gaiteiro;
Eu acho que é verdadeiro
Este ditado antigo,
Pois a prova está comigo.

II

Quem diria, minha filha,
Que teu pai, carapuceiro,
Sendo homem verdadeiro,
Nada tendo de pateta,
Desse agora em ser poeta?

(*Diário do Rio Grande*, 14 maio 1862, p. 1).

Nas cartas de Simplício, a organização recorrente em estrofes de cinco versos produz uma regularidade visual e sonora que conduz a leitura e favorece a oralização. A correspondência sonora entre “gaiteiro/verdadeiro” e “antigo/comigo” cria uma cadência facilmente reconhecível. Não se trata, portanto, de uma prosa epistolar simplesmente fragmentada em linhas. Há uma construção deliberadamente poética em que rima, ritmo e repetição colaboram para tornar o discurso memorável e próximo das formas de circulação oral. A recorrência das rimas nas cartas de Simplício pode ser entendida, nesse sentido, como componente estrutural de sua poética satírica. A rima produz expectativa e fechamento, fazendo com que muitas vezes justamente a palavra mais incisiva ou jocosa apareça no final do verso. Assim, o efeito cômico não depende apenas do conteúdo semântico, mas da expectativa sonora construída anteriormente.

Nas “Carapuças Aéreas”, percebe-se que o modelo epistolar é mobilizado como estratégia discursiva: o remetente constrói uma voz familiar e afetiva, típica da carta privada, ao mesmo tempo em que vai abordar temas públicos, como política, polícia, costumes urbanos e eventos sociais. O eu-lírico já constrói, de imediato, a identidade do eu enunciador por meio de uma estratégia marcada pela oralidade, pelo humor e pela ironia, elementos fundamentais da tradição epistolar satírica na imprensa oitocentista. Ao recorrer ao provérbio “Depois de velho gaiteiro”, o sujeito insere-se em um universo de saber popular, conferindo verossimilhança e proximidade ao discurso, ao mesmo tempo em que legitima sua própria condição de narrador tardio.

A sequência reforça esse movimento ao apresentar o espanto diante da própria transformação em poeta: “Quem diria, minha filha [...] Desse agora em ser poeta?”, evidenciando uma tensão entre a figura social do “carapuceiro” e a aspiração à escrita literária. Nesse sentido, o eu epistolar assume uma postura de modéstia simulada, ao declarar-se “nada tendo de pateta”, ao mesmo tempo em que ironiza sua incursão no campo da poesia. Sob a máscara do "velho carapuceiro", o narrador obtém liberdade para comentar acontecimentos políticos, administrativos e sociais, utilizando a carta como espaço de crítica dos costumes sem assumir diretamente a voz do periódico. Essa estratégia aproxima-se da tradição da "carapuça", em que a sátira atinge aqueles que "vestem" espontaneamente a crítica. Logo na primeira carta, o próprio narrador esclarece seu procedimento:

XI
O que eu tenho na tensão,

E o que, menina pretendo,
É daquilo que for vendo
Os milagres te dizer
Porém o santo esconder.

XII
Das carapuças que talho
Nenhuma é de encomenda,
Se houver alguém que pretenda
Na cabeça a encaixar
É porque certa há estar.
(*Diário do Rio Grande*, 14 maio 1862, p. 1).

Esses versos explicitam o funcionamento da sátira: o narrador afirma não nomear diretamente os alvos, mas confia que cada leitor reconhecerá aqueles cujos comportamentos correspondem às "carapuças", a crítica é construída por meio da ironia, da alegoria e da generalização tipológica. O lugar de fala de Simplício Carapuceiro é o de um observador privilegiado da cidade, mas não de um membro das elites dirigentes, ele ocupa uma posição intermediária: circula pelos espaços públicos, frequenta bailes, teatros, festas religiosas, acompanha julgamentos, visita a cadeia, conversa com comerciantes, funcionários públicos e autoridades, assumindo o papel de cronista da vida cotidiana. Sua autoridade nasce justamente dessa circulação constante e diversas vezes ele informa ao leitor que sua tarefa consiste em percorrer a cidade em busca de notícias:

V
Logo então, eu serei vate!
Destes de papo amarelo
E com arte e gosto belo
Contarei cá da cidade,
O que for de novidade!
(*Diário do Rio Grande*, 14 maio 1862, p. 1).

A matéria-prima das cartas são o cotidiano urbano de Pelotas. Simplício não apenas escreve uma carta: transforma a correspondência em composição versificada e tematiza ironicamente seu ingresso no universo da poesia. O narrador transforma fatos aparentemente banais em objeto de crítica social, sempre através do humor. Na quinta carta de Simplício Carapuceiro, publicada no *Diário do Rio Grande* em 14 de junho de 1862, ele inicia reforçando a ilusão epistolar ao justificar o atraso da correspondência:

I
Tu deves, filha querida,
Bastante zangada estar,
Porque deixei de contar,

O que por cá se passou,
Na semana que findou.

II
Porém, menina a preguiça,
Foi mais forte que o dever,
Eu bem queria escrever,
Mas a maldita agarrou-me,
E por fim, aniquilou-me!

III
Não te admires, querida,
De ser eu agora atacado,
Pois este mortal pecado,
Dá em muita gente boa,
Que fará cá na pessoa!

IV
Encheria mil brochuras,
E bastante volumosos,
Se eu contasse os preguiçosos,
Que por aqui vão vivendo;
- Isto é, como está vendo.
(*Diário do Rio Grande*, 14 jun. 1862, p. 1).

Esse procedimento aproxima narrador e leitor por meio da intimidade familiar. No início, o que parece uma conversa doméstica, rapidamente desloca-se para questões de interesse coletivo. A justificativa para o atraso "a preguiça" constitui, inicialmente, uma estratégia humorística de autocaricatura, Simplício assume um defeito moral para, em seguida, a preguiça deixar de ser um traço pessoal para converter-se em chave interpretativa da administração pública local:

V
É preguiçoso o fiscal,
E a Ilustríssima também!
Porque cautela não tem,
Em atender com cuidado,
Duas ruas o mau estado.

VI
Era melhor que o fiscal,
Em vez de ser valentão,
Cuidasse com atenção,
No que tem para fazer,
Já que tão reto quer ser.

VII
A não ser alguma multa,
Movida pelo despeito!
Nada a que tenha jeito,
Feita pelo empregado,
Que fiscaliza o mercado!

VIII
As ruas? – é uma lastima!
Causa dó e compaixão!!
Casas a cair no chão!!!
Os terrenos por murar!!!!
E tudo vai neste andar!!!!!...
(*Diário do Rio Grande*, 14 jun. 1862, p. 1).

O humor nasce da inversão lógica, o narrador confessa ser preguiçoso, mas demonstra que a verdadeira preguiça pertence aos administradores públicos, e o efeito satírico intensifica-se porque o discurso abandona a abstração e passa a enumerar problemas concretos da cidade. Diferentemente de uma sátira genérica, Simplício nomeia ruas, descreve construções deterioradas e denuncia situações facilmente reconhecíveis pelos leitores locais.

Na sexta carta, o narrador/personagem, ao definir sua função, aproxima-se do fazer jornalístico, e essa passagem é particularmente importante porque revela que Simplício, além de um pai escrevendo para a filha, assume a figura de um correspondente, figura típica da imprensa oitocentista responsável por registrar acontecimentos locais para publicação:

I
Tu não fazes uma ideia,
Nem podes avaliar,
O quanto é duro de ocupar
O grau de correspondente,
No meio de certa gente.

II
Se um triste escrevinhador
Quer ser reto e verdadeiro,
Chama-o logo de brejeiro,
E dizem que é mal feito
Criticar qualquer defeito!

III
Se não conta com certeza
Aquilo que tem havido,
E passa despercebido.
Ficando mudo e calado,
Dizem logo – é combinado.

IV
Bolindo nalguma chaga,
De qualquer um figurão,
Ai! Jesus! Temos função.
Falam em dar um costeio,
Como quem vai de passeio.

V
Finalmente, minha filha,
Seria um nunca acabar
Se eu fosse a mencionar
O quanto sujeito está

Aquele que notícias dá.
(*Diário do Rio Grande*, 4 jul. 1862, p. 1).

O correspondente afirma que, mesmo buscando ser "reto e verdadeiro", torna-se alvo de acusações. Essa passagem confirma a observação de Alves (2009) de que a imprensa oitocentista vivia sob permanente disputa discursiva, embora os jornais se apresentassem como folhas noticiosas, predominava uma cultura jornalística na qual o conteúdo opinativo frequentemente sobrepunha-se ao caráter meramente informativo. Assim, qualquer posicionamento do jornalista era interpretado politicamente, comprometendo sua credibilidade perante determinados grupos.

A metáfora da "chaga" indica que o correspondente toca em assuntos sensíveis envolvendo personagens influentes "figurões" e a reação imediata é a ameaça: "Falam em dar um costeio", essa passagem encontra forte respaldo nas observações de Alves (2009) sobre o ambiente da imprensa deste período. Segundo o autor, mesmo após o declínio dos conflitos farroupilhas, permaneceram na imprensa os enfrentamentos pessoais e os ataques dirigidos à honra dos adversários. Os jornais continuavam sendo utilizados como instrumentos de combate político e pessoal, até mesmo aqueles que procuravam se afastar da pasquinagem, frequentemente extrapolavam o debate de ideias e atingiam diretamente a reputação dos indivíduos e, neste caso, das epístolas do Carapuceiro, nos mostrando alguns indícios de que nosso narrador/personagem poderia ser um jornalista.

Simplício transforma a correspondência com Conegundes em espaço de fiscalização da administração municipal de Pelotas e responsabiliza diretamente tanto o fiscal quanto a "Ilustríssima", referência à Câmara Municipal, pelo descaso com que são tratados os espaços públicos, em especial a limpeza e o emprego do dinheiro municipal:

Das ruas, pontes, estradas?
Falar disto é escusado,
Porque o seu mau estado,
Há muito que já é sabido.
E por todos conhecido.

IV
Da limpeza da cidade,
O que poderia dizer?
Quem não sabe compreender,
Como deve ser feito,
Este serviço imperfeito?

V
A câmara, paga por ano,
Dinheiral exorbitante,
Ao senhor arrematante,

Da limpeza encarregado,
Que eu acho mal empregado.
(*Diário do Rio Grande*, 12 jul. 1862, p. 1).

As ações da Câmara de Vereadores são criticadas mais uma vez na décima primeira carta, quando o narrador contrapõe embelezamento urbano e necessidades públicas. Depois de cair em um buraco aberto na praça para o plantio de árvores, Simplício afirma:

III
Não foi nada, por um triz,
De ser defunto escapei!
Quando incauto escorreguei,
E o equilíbrio perdi,
No buraco onde cai!

IV
Andava em certa noite
Pela praça passeando,
Novidades buscando,
E... quando menos pensava,
Já pela terra rolava!

V
A câmara mandou fazer,
Muitas covas na tal praça,
E pra maior graça,
De arvoredo vai cercar,
Aquele belo lugar.

VI
Eu que de nada sabia,
Ia andando descuidado,
A recordar no passado,
De repente... tropecei,
E no buraco me achei!

VII
Porém, na horrível queda,
Eu fui bastante infeliz,
Porque meu nobre nariz,
Além de excessiva dor,
Tomou forma de tambor!

VIII
Leve o demo a tal lembrança,
Bradei eu enfurecido,
Achava mais bem cabido,
Que a câmara desse atenção,
Ao que é de mais precisão.
(*Diário do Rio Grande*, 22 ago. 1862, p. 1).

A experiência aparentemente banal de uma queda sofrida pelo narrador converte-se em estratégia narrativa para a construção de uma crítica à administração municipal. Mais uma vez

Simplício assume a posição de observador do espaço urbano, fazendo com que seu próprio corpo experimente as consequências das decisões tomadas pelo poder público: ele tropeça justamente em uma das covas abertas por determinação da Câmara para o plantio de árvores. A descrição hiperbólica do acidente, especialmente quando afirma que seu "nobre nariz" tomou "forma de tambor", introduz um efeito cômico que, entretanto, não esvazia a dimensão política da passagem. Ao contrário, o humor funciona como recurso para tornar mais contundente a censura à atuação dos administradores municipais.

A partir da queda, a narrativa desloca-se progressivamente do episódio individual para uma reflexão sobre as prioridades da Câmara, explicitada na oposição entre o investimento no embelezamento da praça e problemas considerados mais urgentes, como a precariedade das pontes e a falta de calçamento das ruas. Quando afirma que seria "mais bem cabido" que a Câmara prestasse atenção "ao que é de mais precisão" e questiona o emprego de "tanto dinheiro / sem proveito verdadeiro", o narrador assume uma função próxima à de um fiscal da vida pública, avaliando não apenas as condições materiais da cidade, mas também a aplicação dos recursos municipais. A designação irônica da Câmara como "Ilustríssima" reforça esse procedimento satírico, sobretudo porque o tratamento respeitoso contrasta com a acusação de ineficiência administrativa que estrutura o discurso. Dessa forma, sob o pretexto de relatar a Conegundes um acontecimento cotidiano, Simplício expõe aos leitores do jornal problemas concretos da cidade e questiona as escolhas daqueles que a administram, fazendo uso da comicidade, da experiência urbana e da voz ficcional:

IX
Quando as nossas débeis pontes,
Não oferecem segurança,
É que surgiu a lembrança,
De gastar de tanto dinheiro
Sem ´proveito verdadeiro.

X
Era melhor que a Ilustríssima,
Em vez de arvores plantar,
Tratasse antes calçar,
As ruas com prontidão,
Esta é minha opinião.

XI
Porém qual! Ela só quer
Vaidade, luxo ostentar!
Embora o povo a gritar,
Mostre qual é seu dever,
A nada quer atender!
(*Diário do Rio Grande*, 22 ago. 1862, p. 1).

A oposição entre as “débeis pontes”, que “não oferecem segurança”, e o investimento no plantio de árvores, estrutura a crítica a partir do contraste entre aquilo que seria necessário à população e aquilo que a Câmara escolhe realizar. Ao afirmar que se gastava “tanto dinheiro / sem proveito verdadeiro”, Simplício não condena propriamente a melhoria ou o embelezamento da praça, mas questiona a pertinência desse investimento diante de necessidades urbanas que considera mais urgentes, como a segurança das pontes e o calçamento das ruas. A expressão “Era melhor que a Ilustríssima” intensifica o caráter irônico da passagem: o tratamento honorífico dirigido à Câmara contrasta com a representação de uma instituição incapaz de reconhecer aquilo que constitui seu verdadeiro dever. Essa ironia torna-se mais incisiva na estrofe seguinte, quando o narrador atribui à municipalidade o desejo de “Vaidade, luxo ostentar”, estabelecendo uma oposição entre aparência e utilidade pública, isto é, entre uma cidade que procura ornamentar seus espaços e outra vivenciada cotidianamente por seus habitantes, marcada pela precariedade de sua infraestrutura.

Particularmente relevante é a presença do “povo” no argumento, pois ao afirmar que ele estaria “a gritar” e a mostrar à Câmara “qual é seu dever”, Simplício procura deslocar sua crítica do âmbito de uma opinião estritamente individual para apresentá-la como expressão de uma insatisfação coletiva. Desse modo, o narrador constrói para si uma posição de mediador entre a população e o poder municipal: é ele quem observa as deficiências da cidade, interpreta as reclamações populares e as transforma em discurso público por meio do jornal. A afirmação final, “A nada quer atender!”, completa essa representação satírica ao caracterizar a Câmara como indiferente às demandas da população.

O pesquisador Elvis Silveira Simões (2015) nos ajuda a compreender o cenário urbano que aparece nas cartas de Simplício Carapuceiro em 1862, porque, embora o recorte do autor seja 1846 a 1860, ele reconstrói justamente o processo que antecede a década de 1860 e permite perceber que muitos dos problemas ironizados pelo correspondente eram consequência de uma cidade em rápido crescimento, cuja infraestrutura e administração pública não acompanhavam plenamente sua expansão. O estudo parte da retomada de Pelotas depois da Revolução Farroupilha e demonstra que, a partir de meados da década de 1840, a cidade volta a crescer econômica, populacional e espacialmente.

Segundo Simões (2015), esse processo esteve diretamente relacionado à recuperação da atividade charqueadora, ao restabelecimento das relações comerciais e à reorganização da Câmara Municipal, que reassumiu responsabilidades relacionadas às estradas, ao saneamento, à limpeza e à ordenação do espaço urbano. Um dos elementos mais importantes apresentados pelo artigo é o intenso crescimento populacional ocorrido às vésperas da década de 1860.

Simões (2015) recupera dados de Müller (2010), segundo os quais Pelotas possuía 6.248 habitantes em 1846, passando para 10.757 em 1858 e alcançando 12.893 habitantes em 1859. O crescimento teria resultado tanto do retorno de antigos moradores quanto da entrada de imigrantes europeus, uruguaios e argentinos.

> Podemos elencar alguns dos fatores que nos indicam essa retomada do desenvolvimento a partir de 1840, dentre os quais destacamos: a instalação da fábrica de cola, sabão e vela, do alemão Luiz Egges; o Hotel Aliança, em 1843; a retomada das atividades da Câmara Municipal de Pelotas, em 15 de abril de 1844; e a reabertura do teatro Sete de Abril. Na década de 50 haviam cerca de 38 charqueadas e 37 olarias, sendo também neste período que surgem os primeiros jornais da cidade, *O Pelotense*, *O Noticiador* e *O brado do Sul* (Simões, 2015, p. 196).

Esses dados são importantes para interpretarmos as cartas de Simplício Carapuceiro. Quando o narrador reclama, em 1862, das ruas, das pontes, dos buracos, da limpeza, da iluminação ou da circulação pela cidade, essas críticas podem ser entendidas dentro de um processo mais amplo: Pelotas entrava na década de 1860 com uma população significativamente ampliada e, consequentemente, com novas demandas de infraestrutura urbana. Simplício Carapuceiro produz uma cartografia literária da cidade que em vez de mapas oficiais ou relatórios administrativos, temos uma cidade construída literariamente pelo deslocamento do narrador, que passeia pelas ruas, visita estabelecimentos, atravessa praças, observa pontes, frequenta teatros, igrejas, leilões, cadeias e espaços de sociabilidade.

Pode-se pensar que o discurso do Carapuceiro participa, à sua maneira, da produção de expectativas acerca do espaço urbano, ele não apenas descreve Pelotas, estabelece aquilo que Pelotas deveria ser: limpa, iluminada, calçada, segura e administrada com eficiência. A urbanização também produz novas formas de regulamentação dos comportamentos, conforme observamos:

XIII
A polícia cá da terra,
De novo quer estorvar,
De se poder galopar!
Não acho má a medida,
Se ela for bem cumprida!

XIV
Porém se acaso houver,
Um ou outro afilhado,
Está o caldo entornado;
E então logo hão de ver,
O que o povo há de dizer.

XV
Dirá cheio de razão,

Que temos leis de borracha,
E que a justiça só acha,
Que deve ser perseguido,
Quem da sorte é esquecido.

XVI
Para não haver clamores,
E contentar toda agente,
Puna-se o delinquente,
Seja lá ele quem for,
Que terão disto louvor.
(*Diário do Rio Grande*, 28 maio 1862, p. 1).

Simplício transforma uma questão aparentemente banal, a proibição policial de galopar pelas ruas, em uma reflexão mais ampla sobre a desigualdade na aplicação da lei. A expressão "leis de borracha" funciona como metáfora satírica de uma legislação que pode ser flexibilizada conforme a posição social do indivíduo. O problema, portanto, não está necessariamente na existência da norma, pois o narrador afirma não considerar a medida ruim "se ela for bem cumprida", mas na possibilidade de sua aplicação desigual, a figura do "afilhado" remete diretamente às relações de proteção pessoal e patronato, sugerindo uma sociedade em que determinados sujeitos poderiam escapar às sanções graças às suas redes de influência. Em oposição a esse funcionamento, o narrador formula um princípio de igualdade jurídica: "Puna-se o delinquente, / Seja lá ele quem for". A carta ultrapassa, assim, a dimensão anedótica e converte o cotidiano urbano em matéria de crítica política e institucional.

A polícia e a justiça são transformadas por Simplício Carapuceiro em matéria privilegiada da sátira do cotidiano. O narrador acompanha prisões, patrulhas, cadeias, delegados, carcereiros, júris, acusadores e processos judiciais, mas sua atenção recai principalmente sobre a distância entre a norma e sua realização prática. Expressões como "afilhado", "empenho", "patronato" e "impunidade" constroem a imagem de uma ordem institucional atravessada pelas relações pessoais e pelas diferenças de posição social. Ao mesmo tempo, Simplício não assume diretamente a posição de denunciante: recorre ao "dizem", ao "segundo me disseram", ao rumor e à ressalva de que não possui certeza. Essa ambiguidade é fundamental para a construção literária do correspondente, pois lhe permite ocupar simultaneamente os lugares de cronista do cotidiano, transmissor das vozes da cidade e observador satírico das instituições. A forma epistolar potencializa esse procedimento ao apresentar essas denúncias como notícias familiares transmitidas à filha Conegundes, produzindo uma aparente intimidade privada para um discurso que, publicado no *Diário do Rio Grande*, era efetivamente dirigido ao espaço público e à comunidade de leitores.

A leitura das cartas de Simplício Carapuceiro, em diálogo com a tese de Dalila Müller (2010), permite perceber que as festas religiosas realizadas em Pelotas na década de 1860 ultrapassavam a dimensão estritamente devocional e constituíam importantes espaços de sociabilidade, exposição pública e distinção social. Muller (2010) demonstra que, nas décadas de 1840, 1850 e 1860, as ruas centrais e a Praça da Regeneração integravam os espaços informais de sociabilidade da cidade, utilizados para festas religiosas, cívicas e profanas. A autora observa que esses espaços possibilitavam à elite pelotense ostentar riqueza, demonstrar boas maneiras e marcar diferenças em relação aos demais segmentos da população. Essa perspectiva é particularmente produtiva para a análise das cartas, pois Simplício não descreve as festividades apenas como manifestação da fé, mas registra precisamente seu caráter público, social e espetacular, ressaltando a presença de leilões, música, fogos, galanteios, circulação de homens e mulheres e demonstrações de prestígio.

A referida autora afirma que, no século XIX, as sociabilidades públicas estavam estreitamente associadas à frequência às igrejas e às festas religiosas e que essas comemorações combinavam o culto com práticas festivas profanas, misturando "religiosidade e um espírito alegre e lúdico", no qual a convivialidade ocupava posição central (Müller, 2010, p. 228). A autora identifica, entre as principais festividades de Pelotas, a festa de São Francisco de Paula, a Semana Santa, a festa do Divino Espírito Santo e a festa de Nossa Senhora da Conceição. No caso do Divino, registra que a programação compreendia cerimônias religiosas, leilões, música pelas ruas e pela Praça da Regeneração, além da distribuição de esmolas aos pobres, presos e enfermos (Müller, 2010). Essa composição híbrida entre devoção, diversão e sociabilidade está diretamente presente nas cartas de Simplício. Na sexta carta, publicada no *Diário do Rio Grande* em 4 de julho de 1862, o narrador concentra-se justamente nos leilões vinculados à festa do Divino. Simplício escreve:

> XVIII
> Haja festa do Divino
> Porém não com patacoadas,
> De leilões e caçoadas,
> Porque muda a devoção
> Em vil especulação!...
>
> XIX
> A religião vai perdendo
> Muito de seu primor,
> Porque o especulador
> Com a mira no interesse
> De tudo o que é Santo esquece!"
> (*Diário do Rio Grande*, 4 jul. 1862, p. 1).

O trecho revela uma tensão fundamental entre o significado religioso da festividade e as práticas sociais incorporadas à celebração. Simplício não condena a festa do Divino propriamente dita, como evidencia a afirmação “Haja festa do Divino”; aquilo que ele questiona é a transformação da devoção em “vil especulação”. Sua sátira incide, portanto, sobre a apropriação social e econômica do sagrado. Os leilões, concebidos como instrumentos de arrecadação destinados à caridade, passam, na percepção do narrador, a assumir importância suficiente para deslocar o centro da celebração da devoção para a diversão, o consumo e a exibição pública. Müller (2010, p. 236) explica que os leilões e as esmolas realizados “em louvor e glória” do Divino Espírito Santo, eram provenientes de doações em dinheiro ou bens e destinados aos pobres, mendigos e presos. Segundo ela, a participação nessas práticas possibilitava à elite demonstrar publicamente sua caridade e filantropia. Nas cartas, o narrador descreve quem comparecia aos leilões:

> XIX
> Agora vou te contar,
> Que nos leilões que tem havido
> Tem muita gente afluído,
> Ricos e pobretões
> Porém todos figurões!
>
> XX
> Cada qual a porfia,
> Trata de arrematar,
> Para as belas agradar;
> E em troca de uma oferta,
> Ter uma olhadela certa! ...
> (*Diário do Rio Grande*, 14 jun. 1862, p. 1).

Nesse ponto, a festa religiosa aparece claramente como espaço de interação social. A presença de “ricos e pobretões” indica a heterogeneidade do público, enquanto a expressão “todos figurões” ironiza o desejo de assumir publicamente uma posição de destaque. O ato de arrematar um objeto deixa de estar relacionado somente à arrecadação religiosa: converte-se também em estratégia de galanteio, pois os homens disputam ofertas com o intuito de chamar a atenção das mulheres. A festa torna-se espaço de “ver e ser visto”, exatamente a expressão empregada por Müller (2020, p. 207) para explicar a utilização dos espaços públicos pela sociedade pelotense. A autora afirma que as ruas e praças serviam ao entretenimento e ao ato de “ver e ser visto”, constituindo-se em palco da vida coletiva no qual a elite usufruía seu tempo livre e demonstrava sua riqueza.

A própria escolha vocabular de Simplício aproxima a festividade religiosa do universo teatral. Ao mencionar mulheres observadas pelos rapazes, disputas amorosas, ofertas, risos e

eleições para decidir qual seria a mais bela, o narrador representa os participantes simultaneamente como espectadores e personagens de uma cena pública. Na sexta carta, relata que "Grande foi a concorrência / Do belo sexo amado" e que muitos rapazes compareciam porque "das meninas gostavam". A sociabilidade chega ao ponto de produzir uma "renhida e forte eleição" destinada a decidir a superioridade da beleza feminina. A celebração religiosa converte-se, assim, em cenário para relações amorosas, observação dos corpos e demonstrações públicas de distinção.

Na nona carta, a aproximação entre religião e espetáculo atinge sua formulação literária mais radical. Ao recuperar os "leilões da caridade", Simplício afirma que a "casa do Senhor" estaria sendo transformada em um "club de caçoada" e descreve o interior da igreja mediante elementos próprios do teatro e do circo:

> IX
> Que significa um arlequim,
> Mesmo em frente ao altar,
> Pão de lós a pregoar?
> E com o seu pouco sizo,
> Ao povo causando o riso?
>
> X
> Acaso é esta a doutrina,
> Que um Santo Deus nos deixou,
> Quando se sacrificou?
> Ou será nova invenção,
> Pra outra religião?
>
> XI
> Ao som da profana música,
> Apregoam-se manjares,
> Que com ávidos olhares,
> E com ardor disputados,
> São por fim arrematados.
>
> XII
> Nada mais que um espetáculo,
> Aquele lugar apresenta,
> E o ator que representa,
> É o lépido leiloeiro,
> Com seu todo galhofeiro.
> (*Diário do Rio Grande*, 25 jul. 1862, p. 1).

Nessa passagem, o narrador formula explicitamente a categoria de "espetáculo", onde o leiloeiro deixa de ser apenas aquele que conduz a arrecadação e torna-se "ator"; o templo passa a funcionar como espaço de representação; a música é qualificada como "profana"; o público ri, disputa mercadorias e acompanha a performance. Simplício constrói uma verdadeira semântica teatral para descrever a festividade e termos como "arlequim", "ator", "espetáculo",

“riso” e, posteriormente, “circo”, que deslocam a igreja do campo estritamente religioso para o domínio da representação pública. Simplício aponta para uma dissolução de fronteiras entre o sagrado e o profano:

> XVII
> O que dirá, indago pergunto?
> Todo e qualquer estrangeiro,
> Que for católico verdadeiro,
> Vendo o templo sagrado,
> Em um circo transformado?
>
> XVIII
> Talvez que lá no teatro,
> O povo mais sossegado,
> Queira passar por ilustrado,
> E mostre que tem mais sizo,
> Apresentando menos riso.
>
> XIX
> Com tão revoltante abuso,
> É tempo pois de acabar;
> Não deve mais ter lugar,
> Leilões desta qualidade,
> A título de caridade.
> (*Diário do Rio Grande*, 25 jul. 1862, p. 1).

A crítica torna-se ainda mais contundente quando o narrador pergunta o que pensaria um estrangeiro católico ao encontrar “o templo sagrado / Em um circo transformado”. A oposição “templo/circo” sintetiza o conflito estabelecido ao longo da carta. Para Simplício, aquilo que deveria ser espaço de recolhimento e devoção passa a acolher performances, risos, música, comércio e competição, e, ao comparar a igreja ao circo, a carta evidencia a espetacularização da experiência religiosa. O texto literário ultrapassa o humor para assumir tom moralizante, condenando a mercantilização do espaço sagrado. Müller (2010) recupera a formulação da “procissão-espetáculo”, destacando que a cerimônia “invadia a cidade” e se organizava como forma de exibição pública, hierarquização e distinção. Em seguida, conclui que, durante as festas religiosas, “a rua se transformava em um local de espetáculos, local de distinção” (Müller, 2010, p. 237), no qual vestuário, comportamento, posição no préstito e identificação dos participantes revelavam as distâncias sociais.

Ao longo das publicações, o narrador não assume a posição de sábio absoluto; apresenta-se como um homem simples que observa, aprende e comenta. Outro recurso muito utilizado foi antecipar objeções dos leitores:

> Se com essas carapuças,
> Algum mortal se ofender!

Tu logo deves dizer,
Que pode dela dispor
Como seu possuidor.
(*Diário do Rio Grande*, 28 maio 1862, p. 1).

Nesse momento, a interlocução deixa de ser apenas com Conegundes e passa claramente a dialogar com qualquer leitor que se reconheça nas críticas.

Ao longo das quinze cartas, percebe-se que o ritmo constitui um elemento decisivo para a configuração literária da voz do narrador, organizadas em estrofes de cinco versos. Essa regularidade formal não produz monotonia, ao contrário, sobre uma estrutura relativamente constante de estrofes de cinco versos, o narrador introduz pausas, exclamações, perguntas, repetições e mudanças de assunto que alteram continuamente a velocidade da leitura. Na décima terceira carta, por exemplo, o ritmo inicial adquire caráter rápido e sentencioso:

I
Isto vai mal, minha filha,
O negócio está parado,
O comércio aniquilado;
Se isto assim continuar
Não sei onde irá parar.
(*Diário do Rio Grande*, 25 set. 1862, p. 1).

A sucessão de enunciados breves produz uma cadência marcada pela acumulação: “vai mal”, “está parado”, “aniquilado”. A primeira estrofe funciona quase como um diagnóstico econômico condensado e há uma progressão que parte de uma afirmação genérica, “Isto vai mal”, particulariza o problema no comércio e termina com uma projeção negativa sobre o futuro. O ritmo acompanha essa progressão e os três primeiros versos apresentam afirmações curtas, enquanto os dois últimos formam uma construção condicional que prolonga a frase até o desfecho “irá parar”. Dessa maneira, o ritmo não serve apenas à musicalidade, ele organiza de forma argumentativa a crítica.

Também é importante observar a atuação da rima na formação desse ritmo. Os fragmentos “parado/aniquilado” e “continuar/parar” constituem pares sonoros que articulam semanticamente a estagnação econômica. Conforme Nelly Novaes Coelho (1993), a rima estabelece semelhanças sonoras entre palavras e participa da recorrência fônica do poema. Em Simplício, porém, os termos aproximados pela rima frequentemente pertencem ao mesmo núcleo argumentativo, “parado” relaciona-se a “aniquilado”, assim como “continuar” conduz paradoxalmente a “parar”. O ritmo resulta, portanto, da repetição sonora, mas essa repetição reforça simultaneamente a ironia e o significado.

Na décima quarta carta, o assunto principal é a ameaça do cólera e as condições sanitárias da cidade, razão pela qual o ritmo assume, em muitos momentos, caráter mais grave e em tom de advertência:

VII
Enquanto a parca cruel
Nosso irmão vai ceifando,
Vamos nós nos preparando
Para bem a receber
Se ela cá aparecer.

VIII
A tal cólera infernal
É senhora aristocrata,
E quando ela mais mata,
Com denotada braveza,
É não achando limpeza.

IX
Não será, pois, de estranhar
Se maior for a mortandade,
Quando a municipalidade
Não cuida com prontidão
No que é de obrigação.
(*Diário do Rio Grande*, 24 out. 1862, p. 1).

Nos primeiros versos, a repetição das formas verbais no gerúndio, "ceifando/ preparando", prolonga a ação e constrói uma sensação de continuidade e a estrutura parece acompanhar a aproximação progressiva do perigo. Quando a ameaça da epidemia é apresentada, predomina uma cadência de advertência; quando entra em cena a ineficiência administrativa, o andamento torna-se mais rápido, incisivo e satírico:

XIII
É preciso que o fiscal
Fique já disto ciente,
E que mande incontinente
Todas as ruas limpar
Para o ar purificar.

XIV
Não seja, pois, necessário
O flagelo aparecer
Para então isto se fazer;
Depois da casa roubada
Não precisa ser trancada.

XV
Compete também a Câmara
Fazer ver a seu fiscal
Que seja mais pontual,
E que preste mais atenção
Para a sua obrigação.
(*Diário do Rio Grande*, 24 out. 1862, p. 1).

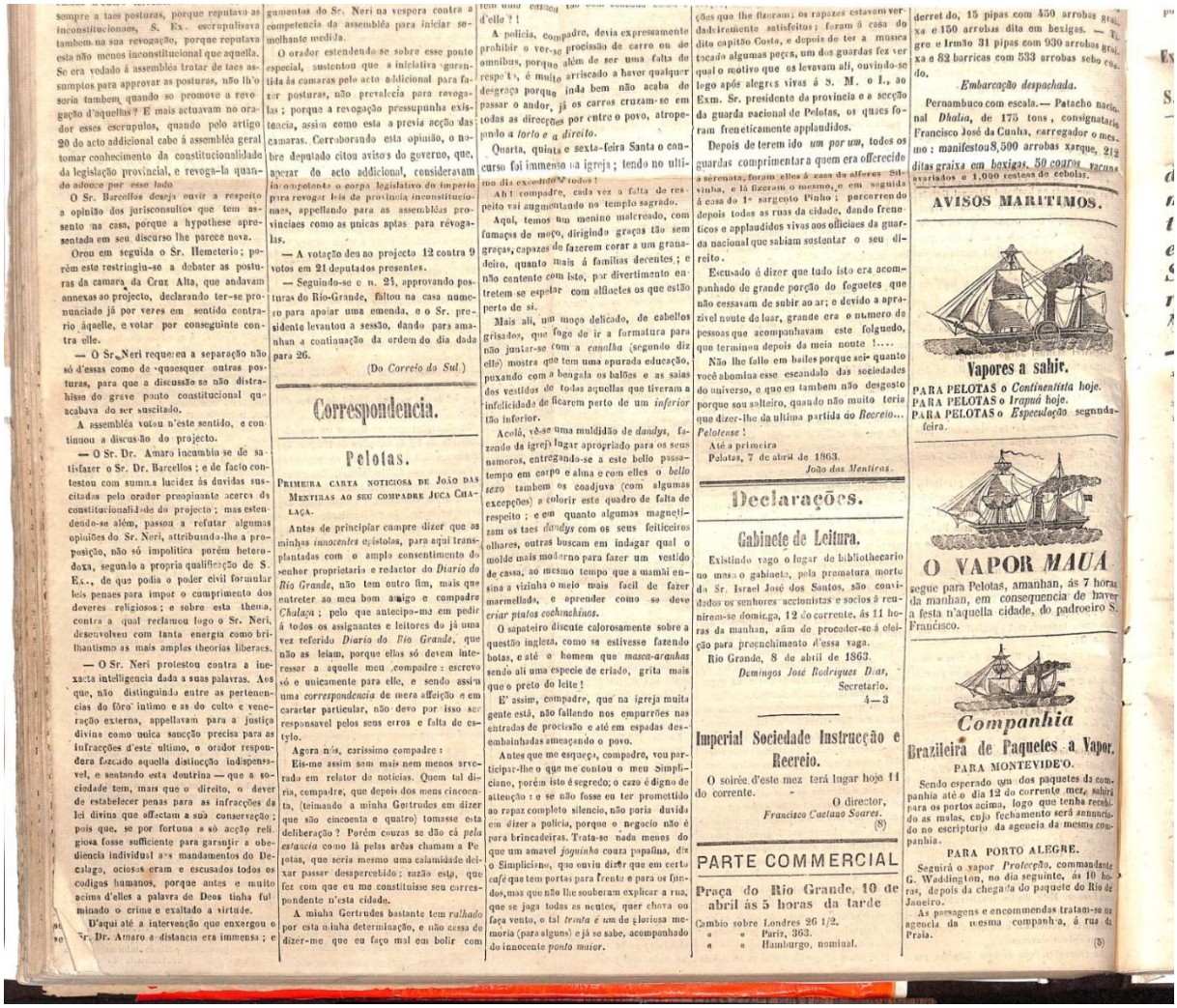
A estrofe se organiza como uma sequência de ordens. “É preciso”, “fique”, “mande”, “limpar”, “purificar” imprimem movimento ao enunciado. O ritmo assume quase uma função imperativa: a organização sintática faz com que cada verso empurre o discurso para o seguinte. A sonoridade, nesse caso, está associada à urgência da intervenção pública. Simplício abandona momentaneamente a postura do mero observador para construir uma voz que prescreve providências.

A estrutura das cartas repete-se, uma situação é narrada nos primeiros versos e o último ou os dois últimos versos condensam a avaliação crítica e a organização rítmica conduz o leitor para essa conclusão. Desse modo, pode-se pensar que muitas estrofes funcionam como pequenas unidades narrativas: exposição, desenvolvimento e golpe final, seguindo essa estrutura, o ritmo não é somente musical, mas também narrativo e argumentativo. É significativo ainda que essas cartas terminem frequentemente com desaceleração, depois de uma sucessão de assuntos, acusações e pequenas narrativas, Simplício retorna à relação epistolar com Conegundes.

Na décima terceira carta declara estar “bastante cansado” e com vontade de dormir; na décima quarta, afirma que já são horas de terminar o discurso e ir para a cama; na décima quinta, conclui: “Adeus até a semana, / Vou convidar a pestana / Para ir comigo ao baile”. Essas fórmulas produzem um movimento de distensão depois da intensidade satírica. O ritmo das cartas possui, portanto, uma espécie de arco: abertura conversacional, aceleração durante a enumeração das novidades e críticas e desaceleração no retorno à intimidade literária entre pai e filha. As cartas convertem o cotidiano em matéria literária, demonstrando que a escrita epistolar, longe de constituir simples correspondência privada, constituíram-se como uma sofisticada estratégia narrativa de crítica social.

4.2 JOÃO DAS MENTIRAS

Figura 3 - Primeira Carta de João das Mentira



Correspondencia.

Pelotas.

PRIMEIRA CARTA NOTICIOSA DE JOÃO DAS MENTIRAS AO SEU COMPADRE JUCA CHALAÇA.

Antes de principiar cumpre dizer que as minhas *innocentes* epistolas, para aqui transplantadas com o amplo consentimento do senhor proprietario e redactor do *Diario do Rio Grande*, não tem outro fim, mais que entreter ao meu bom amigo e compadre *Chalaça* ; pelo que antecipo-me em pedir á todos os assignantes e leitores do já uma vez referido *Diario do Rio Grande*, que não as leiam, porque ellas só devem interessar a aquelle meu compadre : escrevo só e unicamente para elle, e sendo assim uma *correspondencia* de mera affeição e em caracter particular, não devo por isso ser responsavel pelos seus erros e falta de estylo.

Agora nós, carissimo compadre :

Eis-me assim sem mais nem menos arvorado em relator de noticias. Quem tal diria, compadre, que depois dos meus cincoenta, (temando a minha Gertrudes em dizer que são cincoenta e quatro) tomasse esta deliberação ? Porém couzas se dão cá *pela estacia* como lá pelas arêas chamam a Pelotas, que seria mesmo uma calamidade deixar passar despercebido : razão esta, que fez com que eu me constituisse seu correspondente n'esta cidade.

A minha Gertrudes bastante tem *ralhado* por esta minha determinação, e não cessa de dizer-me que eu faço mal em bolir com d'elle ? !

A policia, compadre, devia expressamente prohibir o ver-se procissão de carro ou de omnibus, porque além de ser uma falta de respeito, é muito arriscado a haver qualquer desgraça porque inda bem não acaba de passar o andor, já os carros cruzam-se em todas as direcções por entre o povo, atropelando a *torto e a direito*.

Quarta, quinta e sexta-feira Santa o concurso foi immenso na igreja ; tendo no ultimo dia excedido a todos !

Ah ! compadre, cada vez a falta de respeito vai augmentando no templo sagrado.

Aqui, temos um menino maltratado, com fumaças de moço, dirigindo graças tão sem graças, capazes de fazerem corar a um granadeiro, quanto mais á familias decentes ; e não contente com isto, por divertimento entretem-se espelar com alfaetes os que estão perto de si.

Mais ali, um moço delicado, de cabellos grisados, que foge de ir a formatura para não juntar-se com a *canalha* (segundo diz elle) mostra que tem uma apurada educação, puxando com a bengala os balões e as saias dos vestidos de todas aquellas que tiveram a infelicidade de ficarem perto de um *inferior* tão inferior.

Acolá, vê-se uma multidão de *dandys*, fazendo da igreja lugar apropriado para os seus namoros, entregando-se a este bello passatempo em corpo e alma e com elles o *bello sexo* tambem os coadjuva (com algumas excepções) a colorir este quadro de falta de respeito ; e em quanto algumas magnetizam os taes *dandys* com os seus feiticeiros olhares, outras buscam em indagar qual o molde mais moderno para fazer um vestido de cassa, ao mesmo tempo que a mamãi ensina a vizinha o meio mais facil de fazer marmellada, e aprender como se deve *criar pintos cochinchinos*.

O sapateiro discute calorosamente sobre a questão ingleza, como se estivesse fazendo botas, e até o homem que *masca-aranhas* sendo ali uma especie de criado, grita mais que o preto do leite !

E' assim, compadre, que na igreja muita gente está, não fallando nos empurrões nas entradas de procissão e até em espadas desembainhadas ameaçando o povo.

Antes que me esqueça, compadre, vou participar-lhe o que me contou o meu Simpliciano, porém isto é segredo; o cazo é digno de attenção : e se não fosse eu ter promettido ao rapaz completo silencio, não paria duvida em dizer a policia, porque o negocio não é para brincadeiras. Trata-se nada menos do que um amavel *joguinho* couza papalina, diz o Simpliciano, que ouviu dizer que em certo *café* que tem portas para frente e para os fundos, mas que não lhe souberam explicar a rua, que se joga todas as noutes, quer chova ou faça vento, o tal *trinta e um* de gloriosa memoria (para alguns) e já se sabe, acompanhado do innocente *ponto maior*.

ções que lhe fizeram; os rapazes estavam verdadeiramente satisfeitos ; foram á casa do dito capitão Costa, e depois de ter a musica tocado algumas peças, um dos guardas fez ver qual o motivo que os levavam ali, ouvindo-se logo após alegres vivas á S. M. o I., ao Exm. Sr. presidente da provincia e a secção da guarda nacional de Pelotas, os quaes foram freneticamente applaudidos.

Depois de terem ido *um por um*, todos os guardas comprimentar a quem era offerecido a serenata, foram elles á casa do alferes Silveira, e lá fizeram o mesmo, e em seguida á casa do 1º sargento Pinho ; percorrendo depois todas as ruas da cidade, dando frenéticos e applaudidos vivas aos officiaes da guarda nacional que sabiam sustentar o seu direito.

Escusado é dizer que tudo isto era acompanhado de grande porção de foguetes que não cessavam de subir ao ar; e devido a aprazivel noute de luar, grande era o numero de pessoas que acompanhavam este folguedo, que terminou depois da meia noute !....

Não lhe fallo em bailes porque sei quanto você abomina esse escandalo das sociedades do universo, e que eu tambem não desgosto porque sou solteiro, quando não muito teria que dizer-lhe da ultima partida do *Recreio*... *Pelotense* !

Até a primeira

Pelotas, 7 de abril de 1863.

João das Mentiras.

Declarações.

Gabinete de Leitura.

Existindo vago o lugar de bibliothecario no mesmo gabinete, pela prematura morte do Sr. Israel José dos Santos, são convidados os senhores accionistas e socios á reunirem-se domingo, 12 do corrente, ás 11 horas da manhan, afim de proceder-se á eleição para preenchimento dessa vaga.

Rio Grande, 8 de abril de 1863.

Domingos José Rodrigues Dias,
Secretario.
4—3

Imperial Sociedade Instrucção e Recreio.

O soirée d'este mez terá lugar hoje 11 do corrente.

O director,
Francisco Caetano Soares.
(8)

PARTE COMMERCIAL

Praça do Rio Grande, 10 de abril ás 5 horas da tarde

Cambio sobre Londres 26 1/2.
« « Paris, 363.
« « Hamburgo, nominal.

derret do, 15 pipas com 450 arrobas graxa e 150 arrobas dita em bexigas. — Tigre e Irmão 31 pipas com 930 arrobas graxa e 82 barricas com 533 arrobas sebo cozido.

Embarcação despachada.

Pernambuco com escala.— Patacho nacional *Dhalia*, de 175 tons, consignatario Francisco José da Cunha, carregador o mesmo : manifestou 8,500 arrobas xarque, 212 ditas graixa em bexigas, 50 couros vaccuns avariados e 1,000 cestos de cebolas.

AVISOS MARITIMOS.

Vapores a sahir.

PARA PELOTAS o *Continentista* hoje.
PARA PELOTAS o *Irapuá* hoje.
PARA PELOTAS o *Especulação* segunda-feira.

O VAPOR *MAUÁ*

segue para Pelotas, amanhan, ás 7 horas da manhan, em consequencia de haver a festa n'aquella cidade, do padroeiro S. Francisco.

Companhia
Brazileira de Paquetes a Vapor.

PARA MONTEVIDE'O.

Sendo esperado um dos paquetes da companhia até o dia 12 do corrente mez, sahirá para os portos acima, logo que tenha recebido as malas, cujo fechamento será annunciado no escriptorio da agencia da mesma companhia.

PARA PORTO ALEGRE.

Seguirá o vapor *Protecção*, commandante G. Waddington, no dia seguinte, ás 10 horas, depois da chegada do paquete do Rio de Janeiro.

As passagens e encommendas tratam-se na agencia da mesma companhia, á rua da Praia.

(5)

Cartas Noticiosas de João das Mentiras ao seu compadre Juca Chalaça são um conjunto de sete cartas publicadas no editorial de correspondência, geralmente na página dois, do *Diário do Rio Grande,* que tiveram início em abril de 1863 e terminam em julho do mesmo ano. Sua primeira aparição no *Diário do Rio Grande*, em abril de 1863, já apresenta uma sofisticada encenação do ato epistolar. O texto intitula-se "Primeira carta noticiosa de João das Mentiras ao seu compadre Juca Chalaça" e, antes mesmo de iniciar a correspondência propriamente dita, o narrador afirma que suas "inocentes epístolas" foram "transplantadas" para o jornal com consentimento do proprietário e redator, em seguida, declara paradoxalmente que elas não interessariam aos assinantes do *Diário*, pois seriam destinadas "só e unicamente" ao compadre. Esse preâmbulo é decisivo: a carta reivindica uma natureza privada exatamente no momento em que está sendo transformada em texto público:

> Antes de principiar cumpre dizer que as minhas inocentes epistolas, para aqui transplantadas com o amplo consentimento do senhor proprietário e redator do *Diário do Rio Grande*, não tem outro fim, mais que entreter ao meu bom amigo e compadre

> Chalaça; pelo que antecipo-me em pedir a todos os assinantes e leitores do já uma vez referido *Diário do Rio Grande*, que não as leiam, porque elas só devem interessar aquele meu compadre: escrevo só e unicamente para ele, e sendo assim uma correspondência de mera afeição e em caráter particular, não devo por isso ser responsável pelos seus erros e falta de estilo (Diário do Rio Grande, 11 abr. 1863, p. 2).

Temos, portanto, aquilo que pode ser denominado uma ficção de privacidade. João das Mentiras finge escrever exclusivamente para Juca Chalaça, mas o gesto só funciona porque há um terceiro participante: o leitor do *Diário do Rio Grande*. A negativa "não as leiam" funciona retoricamente de maneira inversa, pois chama atenção para as cartas e instiga a curiosidade e a suposta exclusividade da comunicação privada, converte-se em estratégia de inclusão do público. O destinatário nominal é Juca Chalaça, porém, o destinatário efetivo é a comunidade de leitores do jornal *Diário do Rio Grande*.

O tratamento do destinatário como "compadre" constitui um procedimento de dissimulação e aproximação e pode ser amplificado até alcançar qualquer leitor que aceite ocupar essa posição amistosa, especialmente porque as notícias comunicadas podem interessar a todos os curiosos sobre os acontecimentos da cidade de Pelotas. Essa formulação praticamente descreve o funcionamento narrativo das cartas de João das Mentiras. Juca Chalaça é um destinatário inscrito no interior da narrativa, mas sua função é estruturar uma intimidade discursiva capaz de incorporar o leitor empírico.

O próprio nome dos personagens reforça a dimensão construída dessa interlocução, "João das Mentiras" e "Juca Chalaça" dificilmente podem ser lidos como nomes neutros, o primeiro coloca a questão da veracidade no centro da identidade narrativa; o segundo, por meio de "Chalaça", sugere brincadeira, gracejo e pilhéria. Desse modo, remetente e destinatário já se encontram instalados no terreno da comicidade e da desconfiança. Nesse caso, o pseudônimo, na imprensa oitocentista, não funciona apenas como ocultação da identidade civil do autor, mas pode antecipar uma posição discursiva e produzir sentidos antes mesmo da leitura do texto, e essa perspectiva permite afirmar que "João das Mentiras" constitui uma verdadeira estratégia narrativa, pois o nome suspende antecipadamente qualquer compromisso simples entre enunciado e verdade factual.

Socorro Barbosa (2011) oferece uma formulação particularmente importante para essa relação entre imprensa e literatura, a pesquisadora defende que o jornal não deve ser tomado apenas como testemunho dos acontecimentos, mas como espaço de práticas discursivas, no qual atuam escolhas, silêncios e múltiplas vozes, e afirma que "os periódicos do século XIX eram por excelência lugar onde se encontravam várias vozes, vários auditórios, várias comunidades

de leitores, ampliando, em muito, o repertório de interpretação" (Barbosa, 2011, p. 266).

Nas cartas de João das Mentiras, essa polifonia aparece de maneira evidente. João fala, mas sua voz está constantemente atravessada pelas falas de Gertrudes, Simpliciano, vizinhos, agentes, frequentadores de cafés, autoridades, conhecidos e personagens anônimos da cidade, ele relata aquilo que viu, mas também aquilo que ouviu de terceiros e, muitas vezes, enfatiza justamente a precariedade dessas fontes. Assim, em vez de uma voz narrativa soberana, temos um circuito de vozes que circulam pela cidade e convergem para a carta.

Essa estrutura pode ser relacionada ao conceito de "leitores-escritores" adotado por Barbosa (2011). A pesquisadora enfatiza que os jornais oitocentistas não eram produzidos apenas pelos grandes literatos posteriormente consagrados, eram compostos por pessoas pouco conhecidas ou anônimas que também dominavam estratégias retóricas e participavam ativamente da escrita jornalística. Dessa forma, o *corpus* de João das Mentiras torna-se relevante também por evidenciar uma literatura que pode escapar às histórias tradicionais centradas em grandes autores e obras que posteriormente foram publicadas em livro.

Na primeira carta, temos informações e descrições que aproximam João das Mentiras a Simplício Carapuceiro:

> Eis assim sem mais nem menos arvorado em relator de notícias. Quem tal diria, compadre, que depois dos meus cinquenta (teimando a minha Gertrudes em dizer que são cinquenta e quatro) tomasse essa deliberação? Porém coisas se dão cá pela estância como lá pelas áreas chamam Pelotas, que seria mesmo uma calamidade deixar passar despercebido; razão esta que fez com que eu me constituísse seu correspondente nesta cidade.
> A minha Gertrudes bastante tem ralhado por esta minha determinação não cessa de dizer-me que eu faço mal em bolir com quem está quieto e que a melhor recompensa que poderei ter será alguma escovadela.
> Até já o seu afilhado Simpliciano está completamente proibido de dar-me notícias, e grande seria o meu apuro se não fosse o peticinho das cantigas ter se oferecido para o meu agente; aquisição esta que não podia ser melhor, por que além de ser ele um descobridor de mel de pau tem a vantagem de farejar quase todas as casas. (*Diário do Rio Grande*, 11 abr, 1863, p. 2).

A construção de João das Mentiras como correspondente apresenta significativa proximidade com o narrador Simplício Carapuceiro, sugerindo a permanência, no *Diário do Rio Grande*, de determinados procedimentos narrativos associados à escrita epistolar como gênero literário. Na primeira *Carapuça Aérea*, Simplício indaga ironicamente: "Quem diria, minha filha, / Que teu pai, carapuceiro / Desse agora em ser poeta?", apresentando a entrada tardia no universo da escrita como motivo de comicidade. João das Mentiras retoma estrutura muito semelhante ao afirmar: "Quem tal diria, compadre, que depois dos meus cinquenta [...] tomasse essa deliberação?", constituindo-se, dessa vez, não como poeta, mas como "relator de

notícias". A aproximação ultrapassa a fórmula inicial, pois ambos justificam sua atividade pela necessidade de contar o que ocorre em Pelotas e Simplício anuncia que, convertido em "vate", contará "cá da cidade, / O que for de novidade", enquanto João declara que certos acontecimentos seriam importantes demais para permanecer despercebidos.

Também é comum aos dois a consciência dos riscos inerentes à atividade: Simplício afirma ser difícil ocupar "o grau de correspondente" porque aquele que critica "qualquer defeito" torna-se alvo de represálias, ao passo que Gertrudes adverte João de que "bolir com quem está quieto" poderá render-lhe "alguma escovadela". A recorrência de expressões, situações e mecanismos de obtenção das notícias permite perceber não apenas semelhanças temáticas, mas a manutenção de uma verdadeira poética do correspondente: um narrador envelhecido, aparentemente despretensioso, que reúne informações por meio de agentes, comenta a vida urbana, provoca os "figurões" e, simultaneamente, procura eximir-se das consequências de sua própria crítica. A principal transformação encontra-se na forma: enquanto Simplício realiza esse projeto em quintilhas rimadas, João das Mentiras o transfere para a prosa, conservando, contudo, a estrutura epistolar, a oralidade, a sátira e a ficcionalização da atividade jornalística, induzindo-nos a crer que ambos os textos literários possuem o mesmo autor.

Nas cartas de João das Mentiras, a representação feminina revela uma tensão particularmente significativa entre a reprodução dos modelos femininos dominantes no século XIX e a presença de mulheres que, dentro dos limites desse universo discursivo, intervêm na vida social, opinam, circulam pela cidade, participam da produção das notícias e até manifestam o desejo de escrever. Para analisar esse movimento, o artigo "Retratos de mulheres na literatura brasileira do século XIX", de Silvana Fernandes Lopes (2011), oferece uma perspectiva produtiva quando aponta que a literatura oitocentista funcionou como expressão de uma concepção socialmente determinada da mulher e como instrumento de transmissão de valores, especialmente aqueles relacionados à formação da esposa e da mãe:

> Uma concepção tradicional do papel da mulher, vista especialmente como esposa e mãe, permeia toda a sociedade e a literatura da época. Apesar de novos valores emergirem durante o século XIX, há uma resistência à superação de sua condição subalterna. Os romances do século XIX revelam a extrema submissão da mulher em relação ao grupo familiar e às normas sociais em geral. Como exemplo, a mulher não deveria sair desacompanhada de parentes ou escravos. Quando nisso acontecia, sua moralidade poderia ser colocada sob suspeita (Lopes, 2011, p. 10).

As figuras femininas não surgem de maneira neutra nas cartas de João, elas são constantemente avaliadas a partir de códigos referentes ao casamento, à fidelidade, à moralidade, ao comportamento público, à religiosidade e aos papéis domésticos. A questão da

submissão feminina emerge claramente na quarta carta por meio de uma viúva de mais de sessenta anos que pretende casar-se novamente com um homem de aproximadamente cinquenta. O casamento é impedido pelos familiares da noiva, aparentemente por interesses pecuniários e, segundo João, a viúva inicialmente permanece "renitente" em seu desejo de contrair novas núpcias, mas termina por "se conformando com a vontade dos parentes":

> Há dias esteve para haver aqui um casamento importante; era uma viúva de mais de sessenta anos com um alto e corpulento mancebo de meio século. Dirá o compadre que nada encontra nessa união de extraordinária, porque tendo a noiva gentes que em seu alto saber não concordam com este enlace, talvez por motivos pecuniários; embargaram o casamento e deixaram o futuro par com água na boca. Dizem que ao princípio a velha noiva embirrou e que estava renitente em contrair novos laços matrimoniais, mas agora já se vai conformando com a vontade dos parentes, enquanto que o noivo creio que tornou a ir cuidar da plantação do seu milho e feijão (*Diário do Rio Grande*, 3 jun. 1863, p. 2).

A literatura oitocentista representa uma intensa submissão da mulher ao grupo familiar e às normas sociais, acrescentando que até mesmo a escolha do cônjuge estava condicionada à aprovação da família e às regras de classe, e a viúva das cartas de João das Mentiras parece materializar precisamente essa lógica. Sua condição de mulher madura e viúva não lhe assegura plena autonomia matrimonial, ela deseja casar, resiste à interferência dos parentes, mas finalmente se conforma, o verbo é particularmente expressivo: "conformar-se" sintetiza o processo pelo qual a vontade individual feminina é subordinada à decisão do grupo familiar. O episódio também expõe a tensão entre sexualidade feminina, idade e controle social quando o narrador enfatiza de maneira jocosa que se trata de uma "viúva de mais de sessenta anos" interessada em um "mancebo de meio século", a idade da mulher torna-se parte da comicidade da notícia. O desejo afetivo feminino numa mulher idosa é apresentado como ocorrência digna de comentário público e o próprio fato de o casamento frustrado constituir uma "novidade" a ser narrada demonstra que a vida amorosa da mulher permanece sujeita ao olhar e ao julgamento da comunidade.

Na segunda carta, temos a representação da mulher adúltera. Inicialmente, Gertrudes responsabiliza a mulher do patrão pelos "desvarios do caixeiro", embora também considere o homem um "tratante de grosso calibre". João, por sua vez, descreve a mulher como infiel e coloca no centro da questão a violação da "paz doméstica", da "honra" e da "dignidade" familiar:

> Respeitável compadre: Dou começa a esta participando-lhe que a minha Gertrudes anda bastante impressionada em consequência de uma notícia que lhe transmitiu uma sua vizinha, eis o caso: Fulano de tal, casado, e estabelecido nesta cidade, tomou para

> seu escrituário um desses bonecos adamados, dos que por cá há muitos, ora o bom do tal rapaz que emprega todo o seu gênio habilidoso em conservar os seus frisados cabelos sujeito as leis do pente, entendeu que como era guarda-livros da casa devia também guardar mais alguma coisa e tais jeitos empregou que alcançou seus fins reprovados!
> A minha Gertrudes, compadre, diz que a mulher do patrão é a culpada dos desvarios do caixeiro, porém que o budameco é um tratante de grosso calibre; e na verdade é triste ir um homem aos pés do altar, dar e receber o juramento de mutua fidelidade e quando julga que goza a doce paz junto aquela que escolheu para esposa, ser assim traído tão indignamente. E mais triste e revoltante é quando essa desgraça é motivada por um homem indigno, que abusando da confiança daquele lhe dava dinheiro a ganhar lança a vergonha e o próprio no meio de uma família (*Diário do Rio Grande*, 25 abr. 1863, p. 2).

A mulher aparece submetida ao modelo matrimonial destacado por Lopes (2011), onde o casamento constitui o espaço social considerado próprio ao feminino, e sua sexualidade deve estar controlada por essa estrutura, e a mulher que rompe o juramento de fidelidade coloca em risco essa ordem familiar. Entretanto, a carta altera um pouco o contexto da época quando critica explicitamente a desigualdade entre o julgamento dirigido à mulher e aquele dirigido ao sedutor. João observa que a sociedade condena a mulher que "esqueceu-se por um momento de seus deveres", enquanto permite que o sedutor continue "a vangloriar-se de suas façanhas". A mulher é coberta de "ignomínia" e pode ser lançada à prostituição, ao passo que a sociedade recebe novamente o homem "com os braços abertos". Temos aqui uma passagem particularmente importante porque a carta, ao mesmo tempo que reproduz o código moral oitocentista, denuncia a assimetria desse código:

> Se a lei pune severamente o ladrão que rouba qualquer objeto inda que insignificante, o que deveria fazer para aquele que rouba a paz doméstica, e com ela a honra e a dignidade de uma família?
> Mas já que não há punição para estes delitos, não devemos também o proteger com o indiferentismo: seja desprezado e corrido da sociedade o homem que comete a vileza de seduzir o sexo frágil e irresistível as tentações satânicas, seja ele ao menos apontado com o dedo como o miserável que um só golpe fez duas vítimas, cobrindo uma de ignomínia e lançando a outra a prostituição.
> Outro grande prejuízo existe entre nós, compadre. A opinião pública, esta senhora que não tolera a mínima falta, condena a infeliz que a teve a desgraça de esquecer-se por um momento de seus deveres, e deixa desapercebido o infame sedutor, a vangloriar-se de suas façanhas; e quantos dias depois essa mulher pertence a número das infelizes, a sociedade volta-lhe as costas e recebe com os braços abertos o seu verdugo, oferecendo-lhe novas ocasiões para fazer novas vítimas (*Diário do Rio Grande*, 25 abr. 1863, p. 2).

Ao analisar a representação da sexualidade feminina, Lopes (2011, p. 18) recupera uma personagem de Aluísio Azevedo que lamenta justamente a desigualdade existente entre o julgamento dirigido à mulher seduzida e ao homem sedutor: "ninguém criminará o sedutor e todos amaldiçoarão a vítima". Nos dois casos, a mulher que transgride as normas sexuais recebe sobre si o peso da condenação pública, enquanto o homem tende a escapar da sanção moral

equivalente. Isso não significa, contudo, que João das Mentiras articule uma perspectiva emancipatória em sentido moderno, pois o narrador continua qualificando a mulher como pertencente ao "sexo frágil" e como vulnerável às "tentações satânicas". Assim, sua defesa da mulher baseia-se na própria ideia de fragilidade feminina e ela deve receber maior compreensão porque seria mais suscetível à sedução.

Na mesma carta, o baile constitui um cenário privilegiado para observar outra forma de representação feminina. João chama as mulheres de "damas", "fadas", "moças", "interessante menina" e descreve seus vestidos, seus olhares e sua capacidade de atrair os homens, e ele chega a afirmar que "um baile sem moças, é o mesmo que feijão sem toucinho". Essa comparação reduz jocosa e simbolicamente a mulher a um objeto, pois a presença feminina confere "sabor" ao baile:

> - Já que falei de bailes, aproveito o ensejo para tratar de partida do Recreio Pelotense que teve lugar ontem. A falar a verdade notei bastante desanimação. Poucas foram as fadas que se dignaram a abrilhantar o sagrado templo da Terpsicora (como diz um poeta cá da terra); creio até que não chegaram à dúzia e meia: e você sabe compadre, que um baile sem moças, é o mesmo que feijão sem toucinho.
> Não vá agora achar essa minha comparação esdruxula; bem vê que já sou velho e para mim acabou-se a poesia e demais sou muito amigo do positivismo (*Diário do Rio Grande*, 9 jul. 1863, p. 2).

A única personagem que foge, mesmo que apenas por uns instantes, do papel aceito e reafirmado para as mulheres do século XIX, é Gertrudes. Na primeira carta, por exemplo, percebemos que Gertrudes não está inteiramente confinada ao espaço doméstico, ela circula pela cidade, e João relata que ela estava "apreciando a bela noite" quando se deparou com uma banda de música e com guardas nacionais uniformizados. A personagem assusta-se, interpreta o acontecimento e acaba fornecendo ao narrador um episódio que ele converte em matéria da correspondência.

> No sábado à noite percorreu as ruas da cidade a banda de música do Carlos, acompanhado de mais de cem guardas nacionais todos em uniforme; casualmente andava a minha Gertrudes apreciando a bela noite quando de repente, encontra-se com a música ficou bastante assustada, julgando ser já a fuga dos ingleses, e como ela é muito nervosa vi-me bastante atrapalhado para convence-la do contrário, e como já ia lhe dando o faniquito do costume fiz logo cheirar um cartucho de pimenta que tinha comprado na venda da esquina; felizmente ficou melhor e eu fui ver o que era aquilo. Soube então que os guardas nacionais festejavam a volta do Capitão Costa para a seção, visto ter ficado sem efeitos as acusações que lhe fizeram, os rapazes estavam verdadeiramente satisfeitos, foram a casa do dito Capitão Costa e depois de ter a música tocado algumas peças um dos guardas fez ver qual o motivo que os levavam ali ouvindo-se logo após alegres vivas à S. M. o L. ao Exm. Sr. Presidente da Provincia e a seção da Guarda Nacional de Pelotas, os quais foram freneticamente aplaudidos (*Diário do Rio Grande*, 11 abr. 1863, p. 2).

O episódio foi construído de forma caricatural. Gertrudes é descrita como “muito nervosa”, acometida pelo “faniquito do costume”, chama atenção sua presença no espaço urbano, ela vê, ouve, interpreta e comunica acontecimentos. Em outras palavras, Gertrudes começa a funcionar como uma espécie de observadora auxiliar do correspondente, porém, o narrador imediatamente submete essa participação feminina a um estereótipo tradicional. Ainda na segunda carta, João afirma que Gertrudes costuma escutar determinadas conversas “por trás da cortina da alcova” e, ao repreendê-la, chama essa conduta de “curiosidade própria das mulheres”.

Se, por um lado, reproduz-se o estereótipo da mulher curiosa e bisbilhoteira; por outro, é justamente essa “curiosidade” que aproxima Gertrudes do mecanismo de recolha de informações em que se baseiam as cartas, e aquilo que a voz masculina classifica depreciativamente como característica feminina constitui, ironicamente, uma competência semelhante àquela exercida pelo próprio João das Mentiras como correspondente. É nesse ponto que Gertrudes começa a romper parcialmente com o modelo feminino representado na literatura da época, pois ela gradativamente atravessa a fronteira entre o ambiente doméstico e o universo masculino da escrita pública.

Na quarta carta, João revela que Gertrudes, antes contrária à atividade de correspondente, “já vai gostando da caçoada” e tornou-se “a primeira a pedir ao Simpliciano notícias”:

> Dizia minha avó, que Deus haja: - Dias de nada véspera de muito -; é justamente o que me acontece agora. Pouco a pouco fui retardando esta missiva a espera de mais alguma novidade e acho-me hoje com canhenho cheio. São tantas e são tão boas que não sei por onde ei de principiar; Cá a minha Gertrudes, que ao princípio estava zangada, por eu ter me metido em calças pardas, como diz ela; já vai gostando da caçoada, e até é a primeira a pedir ao Simpliciano notícias; sendo que pela vontade dela estaria eu todos os dias escrevendo. Chega a tal ponto o seu entusiasmo, que se meteu na cabeça o querer rabiscar; e se vai assim breve a teremos escrevendo alguma semana! (*Diário do Rio Grande*, 3 jun. 1863, p. 2).

Sob a perspectiva desenvolvida por Lopes (2011), esse episódio assume relevância especial porque o acesso feminino à escrita não era socialmente neutro. A pesquisadora demonstra que a educação das mulheres se encontrava limitada e orientada principalmente para os papéis domésticos; mesmo entre mulheres das camadas urbanas mais favorecidas, leitura, escrita, música e idiomas eram ensinados como elementos destinados à formação da esposa e da mãe, e não propriamente como instrumentos de atuação intelectual autônoma. A decisão de Gertrudes de “rabiscar”, portanto, mesmo apresentada de maneira jocosa, contém uma pequena

fissura nesse modelo, pois a mulher manifesta interesse em ocupar o mesmo espaço de enunciação pública no qual João se constituiu como correspondente.

Há, entretanto, um limite evidente. Gertrudes deseja escrever, mas a carta não lhe transfere efetivamente a palavra. É João quem conta ao leitor que ela pretende "rabiscar". Portanto, a possível escrita feminina continua mediada e enquadrada pela voz masculina. A personagem aproxima-se do lugar de autora, mas não chega a ocupá-lo diretamente. As obras oitocentistas podem apresentar críticas às limitações impostas às mulheres e mesmo figuras femininas relativamente autônomas, mas essas possibilidades permanecem condicionadas pelos limites do próprio sistema social que as produz.

Lopes (2011, p. 137) observa que, muitas vezes, "ao mesmo tempo em que se criticava a submissão feminina, acabava-se por reforçá-la". Gertrudes constitui uma personagem particularmente relevante porque sua trajetória no interior das cartas vai do espaço doméstico ao limiar da autoria. Na primeira carta, ela tenta impedir João de escrever; na segunda, fornece e comenta notícias; na terceira, participa dos espaços culturais da cidade; na quarta, passa a solicitar informações a Simpliciano e anuncia seu desejo de "rabiscar"; e na sexta, participa autonomamente da sociabilidade do baile. Esse deslocamento não equivale a uma emancipação plena, pois continua sendo João quem controla sua representação e transmite suas palavras. Entretanto, revela uma tensão muito significativa entre o modelo da mulher oitocentista como esposa ligada ao ambiente doméstico e a emergência de uma mulher que deseja participar da circulação pública da palavra. Enquanto o discurso de João das Mentiras reproduz diversos estereótipos femininos do século XIX, a construção narrativa de Gertrudes acaba excedendo parcialmente esses mesmos estereótipos, pois ela se torna fonte, leitora, crítica e potencial escritora das notícias que alimentam o próprio texto literário.

Um aspecto importante nas cartas de João das Mentiras é compreender a série como parte de uma rede discursiva característica da imprensa oitocentista, na qual os jornais não funcionavam isoladamente, mas liam, reproduziam, contestavam e respondiam uns aos outros. Tal dinâmica aproxima-se da proposição de Barbosa (2007, p. 18), para quem o jornal do século XIX constitui, "por excelência", espaço do diálogo, do debate e das polêmicas, caracterizando-se ainda pela participação ativa de leitores e autores na produção de seus conteúdos. Essa configuração torna-se particularmente evidente na terceira carta noticiosa, quando João relata que uma libra de sabão comprada por Gertrudes chegou embrulhada em um exemplar do *Noticiador*:

> - Há dias mandou a minha Gertrudes comprar uma libra de sabão na venda e venho a tal coisa embrulhada em um *Noticiador*, eu nem caso fiz do papel de embrulho, porém o meu Simpliciano como mais curioso pegou nele e através das partículas sebáceas e dos imensos erros tipográficos, viu um artigo debaixo da rubrica Noticiário, dirigiu cá a este seu criado; o rapaz veio logo mostrar-me e despertado pelas linhas, já que temos que encher algumas tiras para jornal, li-o até o cabo.
> Diz o colega (permita-me a expressão) que o correspondente do Diário deu grande importância a serenata oferecida aos dois oficiais da G. N.
> Perdão, colega, eu apenas contei o que se passou, e apesar de você chamar insuspeito (tendo o cuidado de grifar a palavra) não tapei o sol com a peneira.
> Disse mais o colega que fica prejudicado a clareza e lucidez de seu escrito, por querer usar indulgencia para com quem nada merece!
> É pena ficar perdida tão estupenda peça de arquitetura.
> Não pretendo fazer convencer ao colega que a tocada foi oferecida a este ou aquele, porque o pior cego é o que não quer ver; tenho certeza que o nobre colega tem consciência que a serenata foi oferecida a quem eu já disse, embora agora negue, talvez que o colega não seja insuspeito.
> Termina o artiguito, dizendo que este seu ninguém nunca foi, não é e nunca será Guarda Nacional.
> Buff! Isto também é demais colega; é muito positivismo; porque nasci livre, e apesar de estar na reserva, sinjo uma banda de tenente, e ainda estou no gozo de todos os meus direitos políticos e sociais (*Diário do Rio Grande*, 10 maio 1863, p. 2).

Essa pequena cena oferece uma representação particularmente rica das práticas de leitura oitocentistas. Barbosa (2007) chama atenção justamente para a necessidade de reconstruir os modos históricos de circulação e apropriação dos impressos. Segundo ela, o suporte jornal favorecia diferentes maneiras de fazer os textos circularem, incluindo empréstimos e leituras compartilhadas, o que impede que se projete retrospectivamente sobre o século XIX a imagem contemporânea de uma leitura exclusivamente individual e silenciosa. A cena do sabão embrulhado no *Noticiador* também pode ser relacionada a uma das proposições centrais da pesquisa de Barbosa (2007): o jornal precisa ser estudado não apenas como repositório de textos, mas como suporte, modo de expressão, formato e materialidade física. Na apresentação do estudo, Regina Zilberman sintetiza a proposta de Barbosa ao explicar que a autora não considera o jornal simplesmente um lugar no qual textos posteriormente prestigiados apareceram pela primeira vez; interessa compreender como a própria matéria impressa impõe modos de expressão, percepção e leitura que interferem no processo criativo.

O episódio de João das Mentiras é quase uma dramatização dessa materialidade. O *Noticiador* é simultaneamente texto e objeto. Primeiro foi periódico, depois tornou-se papel de embrulho e, finalmente, retorna à condição de texto quando Simpliciano percebe o artigo impresso sob as "partículas sebáceas". Essa passagem mostra que a materialidade do jornal é incorporada à própria ficção, pois não temos apenas uma carta publicada num periódico falando de outro periódico, e sim uma narrativa literária sobre a circulação física desse periódico e sobre sua transformação em objeto cotidiano.

Na quarta carta noticiosa, o *Noticiador* reaparece, agora não como adversário, mas como fonte, quando João reproduz uma informação sobre o valor arrecadado em um benefício e ressalva que o dado provinha do "colega do Noticiador".

> Quisera dar-lhe uma descrição exata do Grande Oceano, olhe que falo do circo que tem esse nome, não vá pensar agora que vou apresentar algum tratado geográfico; mas como ia dizendo a respeito do tal circo, o que poderei eu relatar que já não seja sabido e discutido? Creio que cá por Pelotas não ficou velho nem moço, feio ou bonito, pobre ou rico, nobre ou plebeu que não fosse apreciar tão decantados trabalhos. Muitas são as opiniões; uns conformaram-se com a fama, outros negam-lhe a sublimidade; e outros mais difíceis de contentar, dizem que não é lá essas coisas; todos, porém rendem cultos ao célebre cavalo Hiram. O que a de positivo é que eles lá se foram levando boa quantidade de pecetas; mas antes de retirarem-se ofereceram um benefício para ser dividido entre o Asilo e a Caridade, que rendeu (segundo diz o colega do Noticiador) um conto e seiscentos mil réis, que acho pouco, porém ele que diz, é porque sabe (*Diário do Rio Grande*, 3 jun. 1863, p. 2).

A alternância entre contestação e apropriação demonstra que os periódicos constituíam uma rede de informações e disputas, fenômeno coerente com a constatação de Barbosa (2007) de que existia intenso movimento de troca de jornais e circulação de escritos no século XIX. Desse modo, o *Diário do Rio Grande* não deve ser entendido apenas como suporte material das cartas de João das Mentiras, mas como parte constitutiva de sua elaboração literária, uma vez que a própria narrativa se transforma e adquire continuidade em função das práticas de leitura, resposta e polêmica produzidas pelo circuito jornalístico.

Nas cartas de João das Mentiras existe uma passagem que sugere explicitamente uma possível identidade autoral comum entre João das Mentiras, as "Carapuças Aéreas" e a "Palestra das Priminhas", série literária publicada na editoria de correspondência que veremos a seguir, Na segunda carta noticiosa, datada de 20 de abril de 1863 e publicada no *Diário do Rio Grande* em 25 de abril de 1863, João emprega "carapuça" como mecanismo satírico, depois de contar que foi ao café cantante observar a repercussão provocada por sua primeira carta e afirma que um homem começou a discutir aquilo que havia sido publicado. Em seguida: "Um velho que também e freguês da casa recebeu a carapuça e ei-la travada" (Diário do Rio Grande, 25 abr. 1863, p. 2). A "carapuça", nesse contexto, significa que o indivíduo reconheceu a si próprio ou a alguém próximo na crítica publicada, mesmo que João não tivesse apresentado diretamente seu nome. Esse trecho já aproxima claramente o procedimento de João daquele empregado por Simplício Carapuceiro: não é necessário nomear o indivíduo criticado; apresentam-se características e comportamentos suficientemente reconhecíveis para que o próprio atingido "vista a carapuça".

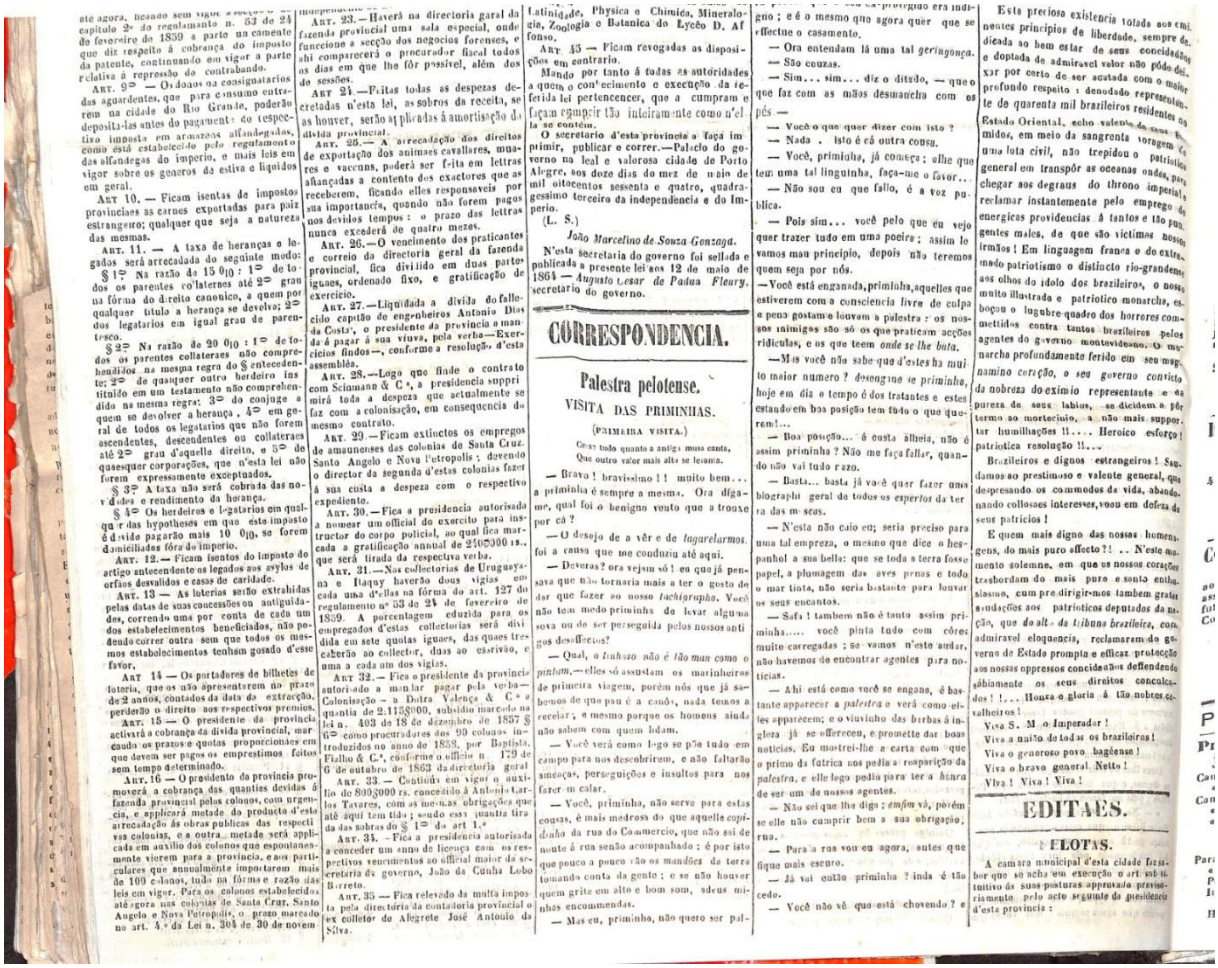
Na quinta carta noticiosa de João das Mentiras, o narrador comenta uma acusação feita pelo redator da "Ilustrada Semana", do jornal *Comércio*:

> Que o homem era das arábias eu já sabia, porém nunca pensei que tivesse tanta penetração, a ponto de conhecer que este seu ninguém é o mesmo que fabrica as carapuças aéreas e mais ainda a diabólica palestra das priminhas de saudosa memória (*Diário do Rio Grande*, 22 e 23 jun. 1863, p. 2).

O redator do *Comércio* aparentemente havia acusado ou insinuado que João das Mentiras era a mesma pessoa responsável pelas "Carapuças Aéreas" e pela "Palestra das Priminhas". João reproduz essa identificação de maneira irônica, dizendo que o colega possuía enorme "penetração" para descobrir que "este seu ninguém" seria "o mesmo" responsável pelas outras duas produções. Em 1863, circulava no ambiente jornalístico pelotense a atribuição de que João das Mentiras seria também o responsável pelas "Carapuças Aéreas" e pela "Palestra das Priminhas". O próprio João reage à tentativa de identificação dizendo que pensava conservar-se "envolvido no denso manto do mistério" (*Diário do Rio Grande*, 22 e 23 jun. 1863, p. 2). Embora a afirmação não seja suficiente para estabelecer, por si só, uma identidade autoral, ela evidencia a percepção de uma assinatura estilística comum, fundada no anonimato, na sátira de costumes, na observação do cotidiano e no emprego da imprensa como espaço de intervenção pública, além disso, a referência às *Priminhas* como sendo "de saudosa memória" demonstra que a *Palestra* já circulava antes de junho de 1863, permitindo compreender sua reaparição posterior não como criação de uma nova série, mas como retomada de uma experiência literária, como veremos a seguir.

4.3 VISITA DAS PRIMINHAS

Figura 4 – Primeira Carta de Visita das Priminhas



CORRESPONDENCIA.

Palestra pelotense.

VISITA DAS PRIMINHAS.

(PRIMEIRA VISITA.)

EDITAES.

Visita das Priminhas é uma série literária de 31 publicações, veiculadas na editoria de correspondência, assim como João das Mentiras, publicadas no *Diário do Rio Grande* entre 2 de junho de 1864 e 1 de novembro de 1866. As dez primeiras aparecem explicitamente numeradas como “Primeira visita”, “Segunda visita” etc., chegando à “Décima visita”; a partir de outubro de 1864, a numeração desaparece, mas permanecem o mesmo título, a mesma rubrica, as mesmas personagens e a mesma estrutura. O conjunto dessas publicações analisado no presente trabalho não parecem constituir necessariamente toda a história da “*Palestra das Priminhas*”, pois já na primeira visita as personagens falam em retomar “nosso antigo programa” e em “continuar a nossa palestra” (*Diário do Rio Grande*, 2 jun. 1864, p. 2), além de mencionarem uma carta solicitando a “reaparição da palestra”. Mais revelador ainda é o texto de novembro de 1866, no qual uma das personagens afirma que:

> É porque a nossa palestra embora seja graciosa... como ele diz já conta quase seis anos de duração e não é para ser chamada de oferecida por qualquer rabiscador das dúzias; a nossa palestra, priminha, tem sido sempre apreciada, porque além de ser decente só fustiga aqueles que não cumprem com seus deveres e aos pedantes que caem no ridículo com seu mau comportamento, e finalmente, priminha, a palestra tem feito mais bem do que mal (*Diário do Rio Grande*, 1 nov. 1866, p. 2).

Portanto, o conjunto de 1864-1866 deve ser tratado como o corpus reunido para a presente pesquisa e não automaticamente como a totalidade histórica da série. Diferentemente das *Carapuças Aéreas* de Simplício e das *Cartas de João das Mentiras*, os textos das *Priminhas* não assumem formalmente a estrutura tradicional da carta remetente-destinatário. O cabeçalho apresenta Correspondência e o texto foi veiculado na editoria de correspondências, mas o corpo textual é construído como um diálogo.

A maior diferença entre os textos literários estudados é as Priminhas se apresentarem como duas mulheres, e são justamente elas que observam a política municipal, criticam autoridades, comentam eleições, julgam espetáculos, acompanham bailes, avaliam literatura, denunciam abusos policiais, discutem preços, falências, imprensa, religião e infraestrutura urbana. Ainda que estejamos diante de personas ficcionais cuja identidade autoral seja masculina, o fato literariamente relevante é que o discurso escolhe vozes femininas para exercer uma função pública de fiscalização, assim, aquilo que poderia ser desqualificado como "fofoca feminina" é convertido em método narrativo de leitura da cidade e esse ponto diferencia profundamente as Priminhas de Simplício e João.

Outro aspecto que diferencia as Priminhas de Simplício e João é que os narradores masculinos têm uma voz narrativa relativamente centralizadora e nas Priminhas, ao contrário, há permanentemente duas posições: uma acusa, a outra relativiza, uma quer falar, a outra aconselha silêncio, uma acredita no boato, a outra questiona, uma condena determinada prática, a outra apresenta objeções.

A primeira visita já estabelece a situação narrativa: uma priminha chega à casa da outra porque deseja vê-la para "tagarelarmos". Portanto, o que o leitor supostamente recebe é uma transcrição de conversa privada e esse procedimento cria um efeito muito semelhante àquele encontrado em João das Mentiras, pois o texto simula uma comunicação íntima ao mesmo tempo em que nasce para a publicação jornalística.

> - Bravo! Bravíssimo!! Muito bem... A priminha é sempre a mesma. Ora diga-me, qual foi o benigno vento que a trouxe para cá?
> - O desejo de a ver e de tagarelarmos foi a causa que me conduziu até aqui.
> - Deveras? Ora vejam só! Eu que já pensava que não tornaria mais a ter o gosto de dar o que fazer ao nosso taquigrafo. Você não tem medo priminha de levar alguma sova

> ou de ser perseguida pelos nossos antigos desafetos? (*Diário do Rio Grande*, 2 jun. 1864, p. 2).

Temos, assim, uma estrutura enunciativa sofisticada: duas personagens conversam; um taquígrafo registra; o *Diário do Rio Grande* publica; e o público lê, reage, fornece notícias e tenta descobrir a identidade das personagens. A primeira visita é quase um manifesto programático da série. As personagens discutem explicitamente qual será a finalidade da Palestra:

> - Você verá como logo se põe tudo em campo para nos descobrirem, e não faltarão ameaças, perseguições e insultos para nos fazer calar.
> - Você priminha não serve para essas coisas, é mais medrosa do que aquele copidinho da rua do Comércio, que não sai à rua de noite senão acompanhado: é por isso que pouco a pouco vão os mandões da terra tomando conta da gente; e se não houver quem grite em alto e bom som, adeus minhas encomendas.
> - Mas eu, priminha, não quero ser palmatoria do mundo, mesmo porque tenho pena que pague o justo pelo pecador.
> - Deixe priminha, quem não deve não teme; e se houver algum vaidoso que se queira dar por pai da criança, lá se avenha.
> - Contudo, é triste que algum pobre diabo acarrete com a culpa e sofra alguns incômodos por nossa causa.
> - O que poderá acontecer? Alguma escovadela de lombo, tanto melhor, porque mais motivos teremos para gritar e quanto maior for o atentado mais razão teremos para o acusar perante a opinião pública.
> -Porém, priminha, você está disposta a seguir o nosso antigo programa, de não se perdoar a pessoa alguma quando ela se tornar merecedora das nossas censuras?
> - Isto é velho e é somente com essa condição que eu tornarei a continuar a nossa palestra, tudo o que estiver no domínio público será por nós averiguado. Os funcionários públicos terão em nós um terrível fantasma que os perseguirá sem cessar e não os deixará pôr o pé em ramo verde (*Diário do Rio Grande*, 2 jun. 1864, p. 2).

Essa passagem permite formular uma hipótese importante: a Palestra cria para si uma espécie de missão de vigilância pública, as Priminhas não se apresentam apenas como duas mulheres interessadas em fofocas, elas reivindicam a posição de observadoras da cidade, principalmente dos atos que consideram abusivos, ridículos, imorais ou incompatíveis com os cargos ocupados pelos indivíduos. Mais tarde essa função é definida de maneira ainda mais clara. Na nona visita, uma delas sustenta que "quanto mais elevada é a posição de qualquer pessoa, mais deve atender as justas observações que faz a imprensa" e afirma que não serão ameaças que farão calar aqueles que assumem a tarefa de mostrar "os erros e desvios dos mandões":

> - E eu entendo que quanto mais elevada é a posição de qualquer pessoa, mais deve atender as justas observações que faz a imprensa; e não é com vis ameaças e nem com fanfarronices que se faz calar aqueles que tomam por tarefa mostrar os erros e desvios dos mandões. Estamos em um país livre, onde podemos apresentar nossos

> pensamentos; e se a autoridade quer ser respeitada em nome da lei, deve só fazer aquilo que a mesma lei lhe faculta, ao contrário, é arbitraria.
> - Porém o que vemos nós todos os dias? Se alguém faz um escrito censurado este ou aquele funcionário público, é logo chamado e insultado; se outro vai ao teatro, é porque não gostou do que viu ou qualquer outro motivo que não é dado averiguar. – é logo chamado e publicamente admoestado! (*Diário do Rio Grande*, 31 ago. 1864, p. 2).

Um dos temas mais persistentes é o estado físico de Pelotas: ruas esburacadas, lama, pontes, estradas, iluminação, limpeza urbana, animais soltos, incêndios e ausência de equipamentos públicos aparecem repetidamente. Já na primeira visita, as personagens reclamam das escavações das ruas e ironizam que certas casas ficariam tão altas em relação ao pavimento que seria necessária uma escada para chegar à porta:

> - Já vai então priminha? Inda é tão cedo.
> - Você não vê que está chovendo? E enquanto não tivermos todas as ruas calçadas pelo novo sistema de ladeira, não se pode andar na rua a noite.
> - Talvez que depois seja ainda pior. A falar a verdade não sei de quem foi a lembrança em fazer escavações tão fundas nas ruas: Hão de haver casas que para se alcançar a porta será preciso uma escada! (*Diário do Rio Grande*, 2 jun. 1864, p. 2).

Na quinta visita, o incêndio na casa de Joaquim Gomes conduz a uma extensa discussão sobre a ausência de bombas para combater incêndios. As Priminhas responsabilizam a Câmara pela falta de equipamentos e contrastam gastos considerados supérfluos com a negligência diante de serviços essenciais:

> - Das participações que tive dos diversos agentes que nos dão notícias, pude apenas colher o seguinte: - Estavam dois caixeiros acertuxando pólvora, por um descuido a vela caiu dentro da bacia onde estava a pólvora e resultou a explosão, que ocasionou o incêndio; o estampido chamou atenção dos vizinhos, e a voz de – fogo -, os transeuntes guiados por um instinto divino precipitaram-se para debelar o terrível inimigo que ameaçava aniquilar vida e propriedade de muitas pessoas. Ninguém lembrou se que de um momento a outro podiam ser vítimas, se por acaso o fogo pegasse na grande quantidade de pólvora e outros materiais inflamáveis que haviam em casa.
> - O primo Gomes deve estar grato a todas as pessoas que prestaram-se naquela ocasião.
> - Ele já agradeceu publicamente.
> - Quais foram os que se distinguiram mais!
> - Seria impossível nomear os seus nomes, porque todos trabalham com dedicação e coragem, e a não ser assim, o primo Gomes teria perdido a sua importante casa de negócio.
> - O primo Frederico de Freitas muito contribuiu com as suas bombas para extinção do incêndio.
> - É verdade, priminha, e já falemos em bombas, aproveito a ocasião para pedir a câmara municipal para de alguma maneira fazer com que Pelotas possua ao menos duas bombas; é triste, priminha, que em um lugar como este, não haja, bombas próprias para apagar incêndios.
> - Talvez a Câmara não as possa comprar por falta de meios.

> - Lá isso não, porque em primeiro lugar está o necessário, depois o luxo. Diga antes que é falta de lembrança; porque quem tem dinheiro para calçamentos supérfluos, onde se gastam alguns contos de réis, não pode deixar de ter também para empregá-lo ao menos duas bombas, que se tornam tão precisas de um momento para outro. Há de haver dois para três anos que o estabelecimento de carros do Sr. Barbier ardeu completamente por falta de recursos e por ter sido o incêndio alta noite; e o mesmo aconteceria agora se por infelicidade pegasse fogo quatro horas mais tarde; porque está completamente provado que se não fossem as rápidas providencias que houveram teríamos hoje que lastimar grandes perdas; e acaso não seria a Câmara responsável por não ter bombas para acudir aos incêndios?!
> - Não é só a Câmara que merece nossa senhora; a Matriz, a Caridade, o Asilo e o Teatro também pecam por tal falta; façam-se subscrições; hajam benefícios ou mesmo os tais nunca assaz louvados leilões, porém de qualquer maneira façam aparecer bombas e mais utensílios próprios para a extinção dos incêndios; hajam estações para estes objetos, que o povo mesmo saberá servir-se deles, enquanto não se pode organizar este serviço em completa ordem como se observa em muitos outros lugares.
> - Roma não se fez em um dia, priminha, não vamos também querer tudo a um tempo. (*Diário do Rio Grande*, 22 jul. 1864, p. 2).

Essa crítica reaparece em outras edições e fiscais são cobrados pelo estado das ruas, pela limpeza e pelos atoleiros. Uma das personagens chega a afirmar ironicamente que o "sol de outubro" atua como fiscal mais eficiente do que os fiscais municipais, pois é ele quem seca a lama e encobre sua negligência. Em 1866, as Priminhas ainda exigem fiscalização dos açougues, limpeza do mercado, retirada de animais mortos e abertura de ruas, demonstrando notável continuidade temática.

A polícia e autoridades são continuamente avaliadas segundo sua capacidade ou incapacidade de manter a ordem. Na sexta visita, uma briga envolvendo um soldado de polícia serve para questionar o paradoxo de uma força encarregada de impedir desordens participar dela. As Priminhas concluem que não podem "ficar caladas" diante de casos semelhantes:

> - É verdade, um moço (creio que sapateiro) apostou com um soldado de polícia a favor de um dos cavalos não ocasião, porém do recebimento do importante aposta, houve desinteligência entre ambos, do que resultou travarem-se algumas palavras ofensivas de parte a parte; um terceiro que não era mais do que expectador, apanhou o peão na unha o zás, dizem que deu uma bofetada no moço sapateiro; houveram facas arrancadas. Alguns relhaços e muita descompostura, porém ninguém foi preso, porque, coo já disse, a rusga foi travada entre um paisano e um polícia, e você bem sabe, priminha, que lobo não como lobo.
> - Com o que então a polícia vai para não consentir desordens, e é a mesma polícia a primeira a provoca-las? Está bem bom andar; depois não digam que as priminhas são faladeiras, elas só pugnam pelo bem estar de todos em geral, e em um caso como este não podem ficar caladas (*Diário do Rio Grande*, 30 jul. 1864, p. 2).

Há aqui uma aproximação direta com Simplício Carapuceiro e João das Mentiras, pois a desigual aplicação da justiça e a proteção dispensada aos socialmente favorecidos constituem motivos persistentes nas três séries de publicações literárias. As Priminhas demonstram especial interesse pelas diferenças entre pobres e poderosos. A crítica não é construída por meio de teoria

política abstrata, mas através de pequenos acontecimentos. Na terceira visita, por exemplo, comentam casos em que indivíduos protegidos escapariam das consequências de suas ações enquanto os pobres sofreriam punições muito mais rapidamente:

> - É com triste verdade: Triste porque obriga muitas vezes o chefe de família que é pobre a abandonar seu trabalho para vir fazer o seu destacamento, em quanto o nobre zomba das ordens que lhe são dirigidas e só lembra se que há G. N. quando quer um galão e quatro divisas para o braço, e o caso está no querer deles, porque são logo servidos e lá vai uma prova: Há poucos dias havendo vaga na 1ª Companhia de dois inferiores deixaram de nomear quem competia e foram buscar dois guardas da 3ª para inferiores da 1ª.
> - Deveras, priminha, muito pode o quinto poder do estado como diz um parlamentar.
> - Qual é priminha?
> - O empenho.
> - Porém há coisas que se tornaram revoltantes; mas como quem as praticou já foi protegido, foi o mesmo.
> - Não entende.
> - Pois você não sabe que ele de simples músico deu três saltos e apareceu de banda a cinta e divisas de tenente?
> - Isto é que são pulos, priminha, o mais é história.
> - É por isso que ele agora faz os guardas de oura companhia pularem por cima de guardas de sua companhia.
> - Olhe priminha, se eu fosse da companhia dele, havia de pedir passagem porque foi uma grande desfeita que ele fez a todos. Diga-me o comandante prestar-se a isto?
> - Lá são brancos, lá se entendem (*Diário do Rio Grande*, 23 jun. 1864, p. 2).

A expressão "quinto poder do Estado" é utilizada ironicamente para nomear "o empenho". Essa ideia atravessa toda a série de cartas, as personagens opõem continuamente o "pobre", o trabalhador e o indivíduo sem proteção ao "figurão", ao sujeito de "gravata limpa", ao "fidalgo" ou ao indivíduo que dispõe de relações.

Questões econômicas ocupam espaço muito significativo na temática das Priminhas, falam de comerciantes, quebras, credores, empréstimos, letras, sociedades, rifas, jogos, cobranças e indivíduos que vivem "à custa alheia". Um dos mecanismos mais recorrentes da sátira consiste em contrastar a aparência de respeitabilidade com a conduta econômica, mostrando que o indivíduo pode usar boa roupa, ostentar posição social ou frequentar determinados ambientes, mas seu comportamento comercial o desmascara. O tema alcança grande desenvolvimento em 1866, quando as personagens narram detalhadamente negócios envolvendo letras, empréstimos, objetos não devolvidos e tentativas de cobrança duvidosas:

> - Basta, priminha, não precisa ficar zangada, você bem sabe que com isso eu não tenho nada, é um negócio como qualquer outro, antes ganhar assim do que fazendo quebras fantásticas somente para amolar os credores e ficar habilitado como uma boa fortuna e a prova está naquele figurão lá de fora que tão placidamente arranjou-se de maneira que já dizem por aí que os credores dar-se-ão por satisfeitos se reverberam quinze por cento! (*Diário do Rio Grande, 5 abr. 1866, p. 2).*

A “quebra”, isto é, a falência, deixa de aparecer apenas como acontecimento econômico e passa a ser interpretada pelas Priminhas como conduta moral e a sátira sugere a possibilidade de que determinados comerciantes utilizassem a quebra como expediente para preservar ou reconstruir patrimônio às custas dos credores. Logo depois, a crítica é construída por meio de uma comparação entre o pequeno e o grande devedor. As Priminhas mencionam “Castanheira”, que teria apresentado uma quebra de “doze contos de réis”, e introduzem o conhecido ditado: “Quem rouba pouco é ladrão/Quem rouba muito é Barão” (Diário do Rio Grande, 5 abr. 1866, p. 2).

A oposição “ladrão/Barão” condensa satiricamente a percepção de uma justiça social desigual, não seria necessariamente a natureza do ato que determinaria a condenação pública, mas a posição ocupada pelo indivíduo e a dimensão econômica de suas operações. O pequeno infrator torna-se criminoso; aquele que movimenta grandes quantias pode conservar respeitabilidade e posição social. A inversão é fundamental, pois aquilo que deveria constituir uma condenação da falência fraudulenta converte-se em crítica à seletividade da punição. O problema não está apenas no comerciante que quebra, mas numa sociedade capaz de punir o pequeno enquanto tolera ou acomoda o grande.

As Priminhas são frequentadoras assíduas do teatro, dos bailes, dos circos e dos concertos, elas comentam atores, companhias dramáticas, músicos, apresentações e até aquilo que consideram má crítica teatral. Na sexta visita, uma delas formula praticamente uma pequena teoria da crítica dramática:

> - Foi ontem ao espetáculo priminha?
> - Fui. Há muito tempo eu ouvia elogiar aquele drama, As joias de família, e por isso aproveitei a ocasião para vela. Do seu desempenho nada direi, porque agora tem um telescópio na terra, quero ver o que ele diz a respeito; e mesmo porque entendo que a nossa palestra não é a mais própria para tratar de crônicas teatrais.
> - A análise de um espetáculo dramático, não é para qualquer um telescópio de vidro de vidraça, quanto mais para as priminhas do Diário; eu entendo que quem toma sobre si este trabalho, deve não só demonstrar o enredo da peça na parte literária como também dizer a razão porque o artista desempenhou bem ou mal o papel; porque o dizer-se fulano esteve bom, sicrano não prestou, não é suficiente; é preciso esclarecer qual a razão porque agradou ou desagradou (*Diário do Rio Grande*, 30 jul. 1866, p. 2).

Não basta afirmar que determinado ator esteve bem ou mal; seria necessário explicar o enredo, a dimensão literária da peça e as razões pelas quais o intérprete agradou ou desagradou. Esse fragmento é particularmente interessante porque demonstra que o corpus da matéria literária é muito variado. As personagens também identificam imitações e possíveis plágios. Em 1865, confrontam versos de um autor local com Bocage e concluem que o poeta seria “uma

imitação completa", afirmando que é necessário "arrancar a máscara a estes literatos de Pelotas":

> - Então, priminha, não leu na quinta-feira outro verso do tal poeta – o sonoro Orfeu?
> - Ora esse homem! Pois ainda continua? De onde foi parodiado ou furtado este último?
> - O Bocage tem um soneto, que o sentido, algumas rimas e mesmo a expressão assemelham-se a essa espécie de Ode; em alguns lugares principalmente como estes:
> No soneto:
> Louca, cega, iludida humanidade.
> Na ode:
> No delírio que vives mutuamente
> No soneto:
> Homem caduco e frágil não ponderas,
> Na ode:
> Homem, ó homem...
> A caso não ponderas:
> Ambos os versos, trovão – que esperas?
> No soneto:
> Miserável de ti
> Na ode:
> .. e tu miserante.
> No soneto:
> Que teus bens, teus brasões, tuas quimeras
> Na ode:
> O que julgas que vale essa nobreza esse ouro...
> No soneto:
> Ah! Volta, volta olhos mais sisudos
> Na ode:
> Olha, prevê teu futuro com clareza.
> - Está bom, basta priminha, vê-se perfeitamente que o jovem cantor é uma imitação completa; é um eco de Bocage entrelaçado com o sibilar do vento.
> - Priminha, é necessário arrancar a máscara a estes literatos de Pelotas, e havemos de faze-lo a todos; com o tempo mais algum cairá na rede.
> - Este agora fica com permissão de publicar quantas vezes quiser, ninguém mais crerá nele (*Diário do Rio Grande*, 2 jun. 1865, p. 2).

A *Visita das Priminhas* evidencia que a imprensa oitocentista não funcionava apenas como suporte de publicação literária, mas também como espaço de vigilância da autoria e de constituição da reputação dos escritores. Ao confrontarem versos de um poeta local, ironicamente designado "sonoro Orfeu", com passagens de Bocage, as personagens realizam uma espécie de exercício comparativo que mobiliza critérios como sentido, rima e expressão, procurando demonstrar ao leitor a dependência do texto recente em relação ao modelo anterior. A conclusão de que o poeta seria "uma imitação completa" e "um eco de Bocage" desloca a discussão da simples semelhança textual para o problema da legitimidade autoral e o uso de expressões como "parodiado ou furtado" revela que a Palestra distingue, ainda que de modo satírico, entre apropriação literária reconhecível e apropriação considerada ilegítima.

Mais do que censurar um caso isolado, as Priminhas assumem para si uma função fiscalizadora ao afirmar que seria necessário "arrancar a máscara a estes literatos de Pelotas",

transformando o jornal em espaço de desmascaramento dos autores que buscavam prestígio sem, segundo elas, possuir originalidade. A sanção proposta é essencialmente pública: o poeta poderia continuar publicando, mas "ninguém mais crerá nele". Desse modo, a passagem mostra que a autoridade literária no século XIX também se construía no interior das disputas jornalísticas, nas quais publicação, leitura, comparação, acusação e resposta participavam diretamente da formação da figura pública do escritor.

Procissões, Semana Santa, festas religiosas, sermões, irmandades, leilões beneficentes e comportamento dentro da igreja constituem um núcleo recorrente nas "visitas". As críticas seguem lógica semelhante àquela observada em João das Mentiras: a religiosidade é valorizada, mas a transformação da igreja em espaço de exibição, conversa, namoro ou comércio é condenada. Em 1866, uma das Priminhas observa mulheres conversando durante uma celebração, discutindo assuntos domésticos, enquanto homens falam de eleições e guerra na sacristia:

> - Basta, basta priminha, se vai assim, não acaba hoje com os seus provérbios, conta-me o que viu na festa do padroeiro.
> - Ora, o que vi, muita coisa que não devia ver na igreja: aqui uma moça benzendo-se de luvas, ali uma outra que nem benzer-se sabia, duas a tagarelarem em toda festa como se estivessem no mercado comprando flores, algumas nas tribunas mais a seu gosto do que quando vão repimpadas nos seus acolchoados carros, até velhas havia que devendo ter mais juízo e respeito ao lugar tratavam dos arranjos da casa como se estivessem na dispensa, uma ouvi eu queixar-se pesarosa porque a escrava quebrou-lhe o vidro de conservas, e tempo depois perguntar a vizinha se já tinha desocupado o tacho, porque ainda queria aproveitar um resto de marmelos. Na sacristia falava-se calorosamente a respeito das eleições (fruta do tempo, apesar de ser temporona); um rapazote que entende tanto de geografia como nós de dizer missa, traçava com a ponta da chibatinha o mapa geral do teatro da guerra, e lá no seu alto entender dizia, que o Tamandaré era um pateta em não ter feito já voar pelos ares Humaita, Assunção e até o próprio Lopez...
> - Safa! Que você não é de caçoadas, então deverás viu tudo isso?
> - De pouco se admira, na procissão então o caso esteve melhor, por todas as esquinas e na praça do teatro, viam-se carros, seges, ônibus e caleches cheios de povo, a verem a procissão passar, tão a seu gosto como se estivessem num circo de cavalinhos, passar o S. S. e não passar ninguém, para certa gente é a mesma coisa; não sei quando acabar-se-ão esses abusos inreligiosos; o povo entrevera-se de tal maneira na procissão, que não deixa ver os que estão nas janelas.
> - Então, priminha, está decifrado o enigma, é por isso que os mais aristocratas procuram os carros e carroças, para verem mais a seu gosto! (*Diário do Rio Grande*, 16 e 17 abr. 1866, p. 2).

É significativo que o alvo não seja a religião em si, mas aquilo que as personagens interpretam como hipocrisia religiosa e desrespeito ao espaço sagrado. A igreja converte-se, assim, numa representação condensada da própria cidade, dentro dela coexistem diferentes dimensões do cotidiano oitocentista: domesticidade, política, guerra, distinção social, moda e sociabilidade. Esse procedimento já havia sido explorado por João das Mentiras, na primeira

Carta Noticiosa, de 11 de abril de 1863, quando João descreve comportamentos observados durante as cerimônias religiosas e constrói pequenos tipos sociais a partir das conversas e atitudes dos frequentadores. Entre eles, aparecem mulheres conversando sobre assuntos domésticos e criação de animais, enquanto outros personagens discutem questões políticas. Portanto, assim como nas Priminhas, o espaço religioso é transformado em cenário para uma espécie de inventário satírico da sociedade. A proximidade torna-se especialmente significativa porque não se trata apenas da repetição do tema "igreja", repete-se uma técnica de composição quando o narrador percorre imaginariamente o espaço, focaliza diferentes grupos e registra fragmentos de comportamento ou conversação. O que se mantém entre as três séries literárias, portanto, é uma mesma operação, a cidade é observada como espetáculo, seus habitantes são convertidos em tipos e os acontecimentos aparentemente banais são reorganizados pela sátira como pequenas narrativas do cotidiano oitocentista.

Os jornais são constantemente mencionados, lidos e contestados. Surgem *Noticiador*, *Comércio*, *Cruzeiro*, *Eco*, *Gazeta* e outras folhas. A imprensa não constitui apenas o suporte externo da série; ela passa a integrar sua narrativa. Em outubro de 1864, por exemplo, as personagens discutem problemas financeiros de diferentes periódicos, custos de redação, tipografias hipotecadas e a dificuldade de sustentar novas folhas em Rio Grande e Pelotas:

> - É verdade, priminha, e o que me diz você da morte da macaca da *Cruzeiro* do priminho Braguinha do Rio Grande?
> - Eu nunca pensei! Quem diria que um moço tão bem aparentado não tivesse recurso para fazer face as despesas com que luta uma folha diária em seu começo.
> - São coisas, como diz carijó de gloriosa memória e que apesar de tratante, falador da vida e honra alheia, aí vai vivendo, vida larga e folgazona, enquanto que o moço como o primo Juca morre mirrado, abandonado pelos seus e pelos homens!
> - Também não é tanto assim, priminha; o Juca tem sido um perdulário; tem gasto muito dinheiro, e o tio Domingos lhe avisou com muita antecedência, quando ele em 1862 andava com furor de ser redator, que uma folha periódica não é para todos, que ele meditasse no que ia fazer; que se lembrasse que no Rio Grande já haviam três Gazetas diárias, e que a criação de mais uma seria demais, por que o povo e o comércio já estavam muito onerados de despesas com jornais.
> - Lá isso é outra coisa. Mas não me diga que lhe faltam habilitações, porque o Nunes do *Comércio* não sabe mais do que o Juca, e, no entanto, que vai indo.
> - Vai indo... mas como vai o Nunes, - endividado até as orelhas, com a tipografia hipotecada e pedindo que todo mundo que lhe escrevam para folha, porque ele não sabe fazer nem um anuncio de três linhas. E o Braguinha, com quanto enxergue mais que o Nunes, já não podia subsistir, porque estava também muito empenhado, e se me não engano tem a tipografia hipotecada.
> - Foi uma lição mestra!
> - Resta que ele aproveite e que isso sirva de exemplo para certos especuladores, poetas da água doce, que gostam de rabiscar, mas que não sabem, ler sem soletrar!
> - Mas, priminha, o que fará agora o Juca da tipografia do *Cruzeiro*?
> - Dizem tanta coisa que eu mesmo nem sei. Ouvi dizer que ele tinha vendido aos liberais puros (farroupilhas) cá do Sul; e que um redator especial, deve vir de porto alegre para fazer aparecer uma folha- pega fogo -, que sustente as ideias do partido;

> mas eu ponho dúvida, porque entendo que isso tudo são patranhas do Juca, porque é coisa que não conheço são partidos na província.
> - Eu também ouvi dizer que um Sr. Eudoro, filho do falecido Berlink, é que viria tomar conta da nova folha, mas que não virá amis porque não aceitaram a sua proposta, que era fazer o que bem quisesse e ganhar dez onças por mês!
> - Apre! ... dez onças já é um ordenão, e tanto dinheiro por mês não apurou o Braguinha em todo o tempo que teve jornal. Por 40$000 se encontra um redator em cada canto; se não, o *Comércio* e o *Times* do Campos, que digam quanto pagam aos seus redatores.
> - Mas então que fará ele dá tipografia?
> - Não sei, mas eu no caso dele levava- a para o Boqueirão e fazia reaparecer o Camponês!!!
> - Não brinque. Mas se ele se mudasse para Canguçu talvez que acertasse.
> - Neste caso, mais antes aqui para Pelotas, que, a falar a verdade não temos um jornal que preste.
> - Mas em que era o *Cruzeiro* melhor que as nossas folhas? Ora Sra. Minha priminha pelo amor de Deus! Pois o Braguinha estar a par em inteligência com o primo Antônio Joaquim do *Noticiador* nunca e nunca. O *Cruzeiro* era pessimamente redigido, alguma coisinha melhor que apresentou no princípio era tudo escrito pelo Dr. Emilio, com quem ele depois brigou por causa da questão do cordeiro com o tio Maia.
> - Mas, prima, você não me entendeu, eu disse que aqui não temos jornais GRANDES e bem IMPRESSOS, não falei da redação apenas me referi ao tamanho.
> - Isto agora é outra coisa, mas assim mesmo ainda voto contra a opinião do Juca se mudar para esta cidade porque terá que morrer como no Rio Grande; primeiro porque o *Cruzeiro* muito pouco maior que o *Comercio*, e segundo porque os jornais grandes aqui não duram – está o *Pelotense* do Melo, *O Diário de Pelotas* do Izidoro; e o *Regenerador* do Silveira, que todos eram grandes e foram de curta vida. Pelotas não oferece material bastante para um jornal grande, porque aqui as folhas do Rio Grande sempre se adiantam nas notícias de barra a fora, se nós também tivéssemos barra franca e estrada de ferro, então sim, as coisas tomariam outra face, e o Rio Grande receberia as notícias de Pelotas (*Diário do Rio Grande*, 12 out. 1864, p. 2).

A *Visita das Priminhas* constitui um testemunho particularmente significativo acerca das condições materiais, profissionais e políticas do periodismo sul-rio-grandense oitocentista, ao comentar o encerramento do *Cruzeiro*, as personagens não atribuem seu fracasso exclusivamente à qualidade editorial, mas às dificuldades econômicas inerentes à manutenção de uma "folha diária", mencionando endividamento, tipografias hipotecadas, remuneração de redatores e um mercado leitor já sobrecarregado pela existência de outros periódicos. Tal representação encontra respaldo na análise de Alves (2009), segundo a qual, em meados do século XIX, os jornais diários gaúchos já apresentavam maior organização estrutural e tipográfica, com oficinas, escritórios e funcionários, constituindo "empreendimentos empresariais e comerciais", sustentados por assinaturas, venda avulsa e, progressivamente, pela publicidade (Alves, 2009, p. 145).

A Palestra, entretanto, permite observar essas estruturas a partir da experiência cotidiana, ao apresentar proprietários "endividados até as orelhas", tipografias hipotecadas e discussões sobre quanto deveria receber um redator. Ao mesmo tempo, a hipótese de venda da tipografia do *Cruzeiro* aos "liberais puros" para criação de uma folha destinada a "sustentar as ideias do partido" evidencia a imbricação entre propriedade dos meios de impressão e atuação

político-partidária, característica histórica destacada por Alves (2009) ao demonstrar que os periódicos gaúchos participaram ativamente dos confrontos políticos e precisavam conciliar posicionamentos editoriais e interesses de sustentação financeira.

Finalmente, quando as Priminhas afirmam que “os jornais grandes aqui não duram” e atribuem a vantagem das folhas rio-grandinas à rapidez com que recebiam as “notícias de barra a fora”, chegando a imaginar que uma “barra franca” e uma “estrada de ferro” modificariam a situação pelotense, o texto explicita que a consolidação da imprensa dependia não apenas de escritores e projetos editoriais, mas também de capital, público, comércio, infraestrutura e redes de circulação. Desse modo, a Palestra converte em matéria literária aquilo que Alves (2009) reconstrói historiograficamente: a imprensa oitocentista constituía simultaneamente atividade intelectual, empreendimento econômico, instrumento político e prática social.

A Guerra do Paraguai também foi ficcionalizada pelas Priminhas, publicada no *Diário do Rio Grande* em 16 e 17 de abril de 1866. O texto descreve a Festa do Padroeiro, uma das personagens relata ter encontrado na sacristia um “rapazote” que, embora entendesse “tanto de geografia como nós de dizer missa”, traçava com a ponta da chibata “o mapa geral do teatro da guerra” e afirmava que Tamandaré seria “um pateta” por ainda não ter feito “voar pelos ares Humaitá, Assunção e até o próprio Lopez”. A passagem desloca a guerra para uma cena cotidiana e utiliza seus principais referentes históricos para construir satiricamente o tipo social do indivíduo que, mesmo desprovido de conhecimento especializado, julga-se capaz de resolver os grandes problemas nacionais.

Nesse sentido, o acontecimento histórico permanece reconhecível, mas é reordenado segundo as necessidades da narrativa. Tal procedimento encontra paralelo no quadro descrito por Alves (2006), segundo o qual a Guerra da Tríplice Aliança se tornou tema recorrente da imprensa sul-rio-grandense, sendo representada pela *Sentinella do Sul* por meio de textos, mapas, retratos, biografias, cenas de batalha e caricaturas. O levantamento do pesquisador demonstra ainda que López era frequentemente submetido à deformação caricatural, aparecendo, entre outras representações, escondido sob a saia de Madame Lynch ou transformado em animal, enquanto os comandantes brasileiros eram apresentados em retratos e narrativas heroicas. Desse modo, tanto a *Sentinella* estudada por Alves (2006) quanto a *Palestra Pelotense*, embora por procedimentos diferentes, revelam que a imprensa oitocentista não se limitava a reproduzir a guerra como fato, ela a convertia em narrativa, imagem, personagem, ironia e comentário social. Nas Priminhas, a ficcionalização permite que a Guerra do Paraguai deixe momentaneamente o campo de batalha e passe a integrar a vida cotidiana e a sociabilidade de uma cidade distante do fronte.

Podemos afirmar semelhança entre João das Mentiras, Simplício Carapuceiro e as Priminhas, também no que tange ao sistema de "agentes" de notícias. Desde a primeira visita, as Priminhas falam em conseguir "agentes para notícias" e mencionam indivíduos dispostos a fornecer informações: "- Safa! Também não é tanto assim, priminha... Você pinta tudo com cores muito carregadas; se vamos neste andar, não havemos de encontrar agentes para notícias" (Diário do Rio Grande, 2 jun. 1864, p. 2). Na sétima visita, esse mecanismo é formalizado: quem possuir "alguma coisa digna de ser apreciada" pode enviá-la por carta ao agente do *Diário*, para que o material chegue às Priminhas e seja incluído na Palestra:

> - Pois quem quiser nos comunicar alguma coisa digna de ser apreciada, não tem mais que dirigir-se em carta fechada ao agente do *Diário*, em Pelotas, que ele fará com que o primo da futrica nos envie qualquer apontamento, para depois nós então o apresentar na palestra (*Diário do Rio Grande*, 7 ago. 1864, p. 2).

E em 1866, depois de um longo hiato, a retomada da Palestra é justificada justamente pelo reaparecimento dos "antigos agentes": "os nossos antigos agentes vão se chegando e por isso hoje temos pano para mangas" (Diário do Rio Grande, 6 out. 1866, p. 2).

Simplício, João e as Priminhas também partilham a posição de fiscal moral, pois ambos proclamam que não desejam atacar pessoas gratuitamente, mas comportamentos que mereçam censura. Nas Priminhas, esse programa é formulado claramente: "não se perdoar a pessoa alguma quando ela se tornar merecedora das nossas censuras", isso corresponde ao funcionamento de Simplício: observar o cotidiano, denunciar irregularidades, ridicularizar pretensões e fazer do riso um instrumento de censura social. A diferença mais importante está na forma: Simplício opera em versos e quintilhas rimadas, e João e as Priminhas trabalham predominantemente em diálogo em prosa, embora incorporem constantemente poemas, quadrinhas, provérbios e citações.

João constitui-se como "relator de notícias" e cria uma rede de informantes, Simpliciano, o "peticinho das cantigas" e outros agentes fornecem matéria para suas cartas. Nas Priminhas, encontramos exatamente a mesma engrenagem, pois os agentes espalhados pela cidade comunicam acontecimentos para alimentar a Palestra. Em ambos os casos, portanto, o processo de produção da notícia entra dentro da ficção e o leitor não recebe apenas o acontecimento, comum às crônicas do mesmo período, ele recebe uma narrativa literária.

Há ainda o mesmo problema da atualização entre as três séries literárias: Simplício reclama não ter notícias e encerra as cartas por falta de repertório, João precisa obter novidades para continuar escrevendo e as Priminhas reclamam repetidamente quando uma visita se atrasa

porque “ficam as notícias velhas e fora do tempo” (*Diário do Rio Grande*, 8 jul. 1864, p. 2). Essa observação é importante porque revela uma temporalidade tipicamente jornalística atuando sobre a construção literária.

Simplício escreve para sua filha, João escreve ao compadre Juca Chalaça e as Priminhas conversam aparentemente na intimidade de uma visita doméstica, mas um taquígrafo registra tudo para o jornal. Esse movimento preserva a estratégia de aproximação com o leitor porque o público recebe a sensação de estar ouvindo uma conversa que não seria, originalmente, dirigida a ele.

A ameaça contra quem escreve é outro elemento presente nos três conjuntos de cartas literárias analisadas: Simplício teme represálias, Gertrudes adverte João das Mentiras de que ele pode receber uma “escovadela” e já na Primeira visita das Priminhas surge praticamente a mesma ameaça: perseguições, insultos e até uma “escovadela de lombo”. A recorrência é muito significativa porque mostra que escrever sobre a cidade é representado como atividade perigosa. Os narradores ocupam uma posição intermediária, observam a comunidade à qual pertencem, mas, ao tornar públicos seus defeitos, convertem-se em potencial inimigo daqueles que se reconhecem na crítica. Nas Priminhas, esse perigo acompanha toda a série. Em outubro de 1866 ainda são mencionadas ameaças de “quebrar as costelas das priminhas”, às quais elas respondem que não serão intimidadas.

Simplício Carapuceiro, João das Mentiras e Visita das Priminhas não são três experiências isoladas, esses textos literários sugerem a existência de uma prática narrativa recorrente dentro do *Diário do Rio Grande*. O núcleo dos textos é o mesmo: um narrador ficcional cria proximidade com um destinatário, recebe notícias por meio de uma rede de agentes, comenta acontecimentos da cidade, preserva parcialmente os nomes mediante apelidos e pseudônimos, critica autoridades e tipos sociais, enfrenta reações do público e transforma a vida cotidiana em pequena narrativa literária.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa desenvolvida ao longo desta tese partiu da necessidade de retornar às páginas do *Diário do Rio Grande* para investigar práticas de escrita que permaneceram à margem das histórias tradicionais da literatura sul-rio-grandense. O exame das séries Simplício Carapuceiro, João das Mentiras e Visita das Priminhas revelou um conjunto de textos cuja importância ultrapassa sua condição de testemunho do cotidiano oitocentista, pois mais do que registros de acontecimentos locais, essas produções permitem reconhecer, no espaço do jornal, formas de experimentação literária construídas pela apropriação da carta, da poesia satírica, do diálogo, da notícia, da crítica de costumes e de pequenas estruturas narrativas. Nesse sentido, o retorno às fontes primárias não constituiu somente uma escolha metodológica, mas condição fundamental para recuperar práticas de escrita que, embora efetivamente tenham circulado entre os leitores do século XIX, foram progressivamente excluídas da historiografia literária.

Essa constatação conduz necessariamente a uma reflexão sobre o próprio conceito de literatura empregado na investigação. Márcia Abreu (2003, p. 29) demonstra que "literatura" não constitui uma categoria fixa ou atemporal, mas um conceito historicamente construído, cujo significado sofreu profundas modificações e ao recuperar definições anteriores à consolidação moderna do termo, a pesquisadora mostra que, no século XVIII, "literatura" estava associada a uma noção ampla de erudição, ciência e conhecimento das boas letras. Ao longo do tempo, entretanto, essa acepção abrangente foi sendo progressivamente restringida, até que literatura passasse a designar um conjunto selecionado de autores e obras aos quais se atribuiu determinado valor estético. No encerramento de seu estudo, Abreu (2003) chama atenção justamente para essa passagem de uma concepção ampla para outra bastante mais restrita e para os mecanismos de eleição e exclusão implicados nesse processo.

A historicização proposta por Abreu (2003) é fundamental para esta tese porque impede que Simplício Carapuceiro, João das Mentiras e Visita das Priminhas sejam avaliados exclusivamente por critérios de literariedade consolidados posteriormente. Se adotássemos como parâmetro apenas categorias modernas, a presença simultânea de notícia, poesia, sátira, correspondência, diálogo, comentário político, crítica social e narrativa poderia ser interpretada como instabilidade ou indefinição genérica. A perspectiva histórica permite inverter a questão: em lugar de perguntar se esses textos correspondem àquilo que posteriormente passou a ser denominado literatura, interessa compreender como funcionavam no interior das práticas letradas de seu próprio tempo e quais procedimentos permitiam que fossem lidos, reconhecidos e compartilhados por uma comunidade de leitores.

Essa perspectiva converge diretamente com as reflexões de Socorro de Fátima Pacífico Barbosa (2011). Ao estudar a escrita epistolar na imprensa oitocentista, a pesquisadora identifica um descompasso entre aquilo que os escritores do século XIX compreendiam como literatura e aquilo que historiadores e críticos posteriores passaram a reconhecer como pertencente ao campo literário. Esse processo teria contribuído para o apagamento de determinados gêneros, entre eles a carta, apesar das amplas possibilidades composicionais que o epistolar possuía naquele período (Barbosa, 2011). A autora demonstra ainda que, entre 1808 e o final do século XIX, a carta ocupou espaço privilegiado nos jornais brasileiros, participando de debates, contendas e disputas literárias (Barbosa, 2011).

A articulação entre Abreu (2003) e Barbosa (2011) permite, portanto, estabelecer uma premissa fundamental para esta pesquisa: a ausência posterior das cartas nas histórias da literatura não comprova sua ausência do universo literário oitocentista, ao contrário, evidencia a necessidade de recuperar os códigos de produção, circulação e leitura próprios daquele período. Não se pretende, assim, aplicar retrospectivamente uma categoria contemporânea de literatura a Simplício Carapuceiro, João das Mentiras e Visita das Priminhas, mas restituir essas produções ao sistema histórico de escrita no qual adquiriram sentido.

A carta assume papel central nesse processo, pois Barbosa (2011) demonstra que o gênero epistolar apresentava grande plasticidade e podia acolher diferentes assuntos e finalidades, e, ao recuperar as preceptivas do período, a pesquisadora observa que a epístola versificada podia servir para “louvar, censurar, recontar, filosofar, dissertar e ensinar” (Barbosa, 2011, p. 278). Tal consideração oferece uma chave particularmente produtiva para a compreensão de Simplício Carapuceiro. A combinação entre carta e verso não representa uma anomalia formal, mas uma possibilidade historicamente reconhecida do gênero. Simplício escreve para sua filha Conegundes, mas essa correspondência ficcional torna-se estrutura capaz de acolher notícias, comentários sobre administração pública, polícia, justiça, comércio, bailes, religião, comportamentos urbanos e relações sociais.

Essa estratégia aproxima-se daquilo que Barbosa (2011) identifica como *dissimulatio*, procedimento retórico presente na imprensa oitocentista e realizado por meio da ironia, da alegoria, da perífrase, da personificação e da simulação de ingenuidade. A pesquisadora relaciona essa prática ao emprego recorrente de pseudônimos e do anonimato, advertindo contra uma interpretação que reduza tais procedimentos ao simples desejo de ocultar uma identidade civil (Barbosa, 2011). Sob essa perspectiva, Simplício Carapuceiro, João das Mentiras e as Priminhas podem ser entendidos como narradores construídos para produzir efeitos específicos no interior do jornal.

O próprio pseudônimo João das Mentiras introduz uma instabilidade fundamental, aquele que se apresenta como “relator de notícias” traz no nome a possibilidade da mentira. Sua correspondência ao compadre Juca Chalaça articula acontecimentos vistos, informações transmitidas por agentes, rumores, diálogos, opiniões e episódios narrativamente organizados. A carta produz um efeito de intimidade e verossimilhança, mas simultaneamente coloca em dúvida a confiabilidade de quem narra e essa tensão entre informação e invenção aproxima-se da reflexão recuperada por Barbosa (2011) sobre a posição privilegiada da carta na relação entre ficção e verdade.

Desse modo, uma das conclusões fundamentais desta tese é que não se deve procurar separar rigidamente, nas séries estudadas, aquilo que seria “verdadeiro” daquilo que seria “ficcional”. A ficcionalização não depende necessariamente da invenção integral do acontecimento, ela ocorre no modo como o fato é selecionado, organizado, exagerado, transformado em diálogo, submetido à ironia e apresentado pela perspectiva de um narrador.

É justamente nesse ponto que as reflexões de Camila Machado Burgardt (2018) se tornam especialmente produtivas. A pesquisadora estuda a prosa de ficção na imprensa paraibana oitocentista e demonstra que as condições materiais e editoriais do periódico interferiam na organização formal e estética dos textos e argumenta que o jornal deve ser compreendido como espaço de experimentação das pequenas narrativas. Sua análise destaca ainda que as práticas jornalísticas possibilitaram processos de mistura, hibridação, transformação e adequação de formas preexistentes, convertendo o periódico em uma espécie de laboratório para novas configurações narrativas (Burgardt, 2018).

Os resultados desta tese permitem reconhecer processo semelhante no *Diário do Rio Grande*, pois o jornal não funciona apenas como recipiente no qual textos previamente constituídos são depositados. Sua periodicidade, sua relação imediata com os acontecimentos, as expectativas dos leitores, a possibilidade de resposta, as polêmicas entre periódicos e a necessidade permanente de produzir novidade interferem diretamente na configuração do conjunto de cartas. Em outras palavras, Simplício Carapuceiro, João das Mentiras e Visita das Priminhas não apenas circulam no jornal, mas suas formas dependem das condições oferecidas pelo jornal.

Em Simplício, o cotidiano transforma-se em correspondência versificada; em João, a carta converte-se em relato noticioso em prosa; e nas Priminhas, a correspondência é deslocada para uma estrutura predominantemente dialogada. Entretanto, permanece entre as três experiências um mesmo princípio, personagens ficcionais observam ou recebem informações

sobre a cidade, selecionam acontecimentos, comentam comportamentos e os devolvem aos leitores sob a forma de sátira.

A falsa privacidade da correspondência é, assim, parte essencial do jogo literário. Barbosa (2011) lembra que a escrita epistolar procura aproximar-se da conversação familiar e produzir efeitos de simplicidade e naturalidade, embora permaneça uma composição construída segundo determinadas convenções. Nas séries estudadas, esse procedimento torna-se ainda mais complexo porque a carta destinada a uma filha ou a um compadre está deliberadamente inserida em um jornal e o leitor sabe que participa de uma intimidade fabricada para ser pública. Em Visita das Priminhas*,* a conversa familiar que deveria pertencer à esfera privada é convertida em texto destinado aos leitores do *Diário do Rio Grande*. As Priminhas assumem funções anteriormente desempenhadas pelos correspondentes masculinos, elas observam a cidade, recolhem notícias, consultam agentes, leem outros jornais, frequentam igrejas, festas e teatros, comentam autoridades, comerciantes, literatos e redatores e transformam aquilo que veem e ouvem em matéria da Palestra. A mudança de gênero do narrador é significativa, a posição de observação e intervenção pública passa a ser ocupada por vozes femininas e inseridas em uma cultura impressa predominantemente masculina.

Os três conjuntos de cartas analisados fazem referência a outros periódicos, redatores e textos, respondem a acusações e participam de polêmicas. Barbosa (2011) observa que as cartas jornalísticas podiam estabelecer um diálogo entre diferentes folhas, leitores e escritores, fazendo com que a palavra se transformasse em instrumento de enfrentamento da palavra do outro. As disputas encontradas no *corpus* confirmam esse funcionamento: a publicação em um periódico provoca resposta em outro, que posteriormente retorna ao *Diário* e produz novo texto.

Essa rede de interlocuções oferece também uma chave para compreender a possível relação entre Simplício Carapuceiro, João das Mentiras e Visita das Priminhas. A quinta *Carta Noticiosa* de João registra uma acusação contemporânea segundo a qual “este seu ninguém” seria o mesmo responsável pelas “carapuças aéreas” e pela “diabólica palestra das priminhas”. Embora esse testemunho não permita estabelecer definitivamente uma autoria comum, ele demonstra que a aproximação entre as séries não constitui apenas hipótese produzida por esta pesquisa, os próprios contemporâneos percebiam semelhanças suficientes para atribuí-las a uma mesma autoria. Tal indício reforça a importância da pseudonímia para o *corpus*.

Simplício Carapuceiro, João das Mentiras e as Priminhas não devem ser reduzidos a máscaras que precisam ser retiradas para que se encontre o “verdadeiro” autor. A eventual identificação da autoria civil seria certamente relevante do ponto de vista histórico, mas não esgotaria o problema literário. Como sugere Barbosa (2011) ao discutir pseudônimos e

dissimulação, essas assinaturas podem expressar posições discursivas e relações específicas com acontecimentos políticos, sociais e com a própria orientação do periódico. Cada persona determina um modo de olhar, falar e relacionar-se com o leitor.

A comunidade leitora torna-se parte constitutiva dessas narrativas, os leitores não aparecem somente como destinatários finais, suas reações interferem na continuidade das séries. As cartas registram pessoas que se reconhecem nos textos, discussões provocadas pelas publicações, tentativas de descobrir a identidade dos autores, ameaças aos correspondentes e respostas publicadas em outras folhas. A escrita epistolar constrói-se, portanto, dentro de um circuito de produção, circulação e recepção. Nesse ponto, as conclusões de Burgardt (2018) voltam a ser fundamentais, porque a pesquisadora observa que a recepção imediata do público interferia no desenvolvimento e na consolidação das formas experimentadas nos periódicos. A periodicidade encontrada no *Diário do Rio Grande* confirma esse princípio, pois cada nova carta ou visita não existe isoladamente, mas pressupõe aquilo que foi publicado anteriormente e, frequentemente, aquilo que aconteceu depois de sua publicação.

Essa constatação permite compreender o jornal como verdadeiro laboratório de pequenas narrativas. A expressão não deve significar que essas formas eram necessariamente etapas rudimentares de gêneros futuros. Simplício não precisa ser considerado precursor da crônica, João não precisa ser transformado em contista e as Priminhas não precisam ser classificadas retrospectivamente como personagens de uma narrativa dramática. O mais produtivo é reconhecer, acompanhando Burgardt (2018), que o jornal oferecia condições específicas para experimentar formas, misturar matrizes e adaptar tradições discursivas às necessidades da publicação periódica.

A contribuição de Artur Emilio Alarcon Vaz (2013) permite situar essa descoberta no âmbito específico da historiografia literária sul-rio-grandense. Quando o pesquisador defende o retorno aos arquivos e às fontes primárias, ele demonstra que a história da literatura do Rio Grande do Sul foi construída pela repetição de um conjunto relativamente estável de autores e obras, enquanto uma quantidade significativa de textos permaneceu esquecida em jornais, revistas, almanaques, primeiras edições e manuscritos. Vaz (2013) chama atenção particularmente para a necessidade de rever o lugar ocupado pela produção anterior à consolidação do Partenon Literário e para a importância das práticas literárias desenvolvidas fora de Porto Alegre.

A presente investigação confirma a produtividade desse retorno às fontes, pois o conjunto de cartas estudados demonstram que Rio Grande e Pelotas possuíam, antes e durante a década de 1860, intensa atividade de produção, circulação e recepção de textos. Os

personagens leem jornais, comentam literatura, discutem poemas, reconhecem citações, acompanham acontecimentos políticos e militares, polemizam com outras folhas e refletem sobre a própria atividade jornalística. O *corpus* revela, portanto, uma comunidade letrada cuja complexidade não pode ser compreendida exclusivamente a partir das obras que posteriormente chegaram ao livro ou foram incorporadas ao cânone.

A análise das Priminhas sobre os "literatos de Pelotas" é particularmente significativa nesse sentido. Ao comparar versos de um poeta local com Bocage, as personagens realizam uma espécie de crítica literária dentro do próprio periódico, confrontando textos, identificando semelhanças e acusando o poeta de imitação. A imprensa não apenas publica literatura, mas também avalia literatura, produz reputações, destrói reputações e estabelece critérios de legitimidade autoral.

É justamente nesse ponto que Abreu (2003), Barbosa (2007, 2011), Burgardt (2018) e Vaz (2013) convergem. Abreu (2003) permite historicizar a categoria literatura e questionar os processos posteriores de seleção e exclusão; Barbosa (2007, 2011) demonstra que a carta integrou efetivamente as práticas literárias e jornalísticas do século XIX e oferece instrumentos para compreender sua polifonia, sua dissimulação, sua relação com o leitor e sua oscilação entre verdade e ficção; Burgardt (2018) evidencia o periódico como espaço de experimentação, transformação e hibridação das pequenas narrativas; e Vaz (2003) demonstra que o retorno às fontes primárias é indispensável para rever uma história literária sul-rio-grandense construída a partir de um *corpus* limitado.

Essa convergência teórica permite sustentar uma das principais conclusões desta tese: Simplício Carapuceiro, João das Mentiras e Visita das Priminhas não devem ser incorporados artificialmente ao cânone por meio de categorias literárias posteriores. Seu valor historiográfico e literário reside justamente na possibilidade de demonstrar que outras formas de existência do literário estavam em funcionamento no século XIX. A escrita epistolar nos periódicos oitocentistas pertencia a um sistema de escrita e leitura que não coincide integralmente com as divisões disciplinares posteriormente estabelecidas.

O retorno ao *Diário do Rio Grande* permite rever também a periodização da literatura sul-rio-grandense e a centralidade historicamente atribuída ao Partenon Literário não precisa ser negada para que se reconheça a existência de práticas literárias anteriores e simultâneas desenvolvidas em outros espaços da província. Como demonstra Vaz (2013, p. 85), o trabalho com arquivos e fontes primárias pode recuperar uma produção que permaneceu "adormecida" e modificar a compreensão da história cultural e literária regional.

A concepção histórica de literatura proposta por Abreu (2003) torna esse deslocamento ainda mais necessário. Se o significado de literatura se transformou e se sua progressiva restrição implicou processos de eleição e exclusão, a ausência dessas séries das histórias literárias não pode ser tomada como prova de sua irrelevância. O esquecimento constitui, ele próprio, um dado histórico. Perguntar por que determinados textos desapareceram da memória literária torna-se tão importante quanto perguntar por que outros permaneceram.

Dessa perspectiva, o trabalho com fontes primárias não significa apenas encontrar textos desconhecidos, implica questionar os mecanismos que determinaram o que seria preservado, reeditado, estudado e transformado em literatura reconhecida. É nesse sentido que esta tese pretende contribuir para os estudos da literatura sul-rio-grandense. A recuperação de Simplício Carapuceiro, João das Mentiras e Visita das Priminhas não acrescenta simplesmente três objetos a uma história previamente estabelecida, esses textos exigem que se revejam as categorias utilizadas para contar essa história. Eles deslocam a atenção do livro para o jornal, da obra isolada para a série, do texto autônomo para o circuito de respostas, da estabilidade genérica para a hibridação e da literatura consagrada para as práticas de escrita efetivamente experimentadas pelos leitores e escritores do Oitocentos.

Um dos resultados mais significativos alcançados ao longo desta pesquisa, ainda que não constituísse seu objetivo inicial, foi a localização de um quinto poema de Maria Clemência da Silveira Sampaio, a descoberta assume especial relevância quando consideramos a reduzida produção conhecida da escritora, apontada pela historiografia como a primeira poeta gaúcha, cuja trajetória literária foi marcada por lacunas documentais e por um processo de apagamento que dificultou, durante décadas, a compreensão mais ampla de sua participação na formação da literatura sul-rio-grandense. A identificação de um novo texto de sua autoria não representa, portanto, apenas o acréscimo quantitativo de mais um poema ao *corpus* conhecido, mas modifica, ainda que pontualmente, o conhecimento disponível acerca de sua produção e reafirma a necessidade de revisão permanente da historiografia literária. Nesse sentido, o achado constitui também um resultado metodológico desta tese: demonstra que o retorno sistemático aos periódicos oitocentistas pode revelar textos que permaneceram à margem das histórias da literatura e ampliar o conhecimento sobre autores e autoras cuja produção chegou ao presente de maneira fragmentária. A localização desse quinto poema evidencia, assim, que os jornais não devem ser consultados apenas como fontes auxiliares para a compreensão do contexto literário, mas como verdadeiros arquivos da literatura brasileira, nos quais ainda permanecem obras, autores e práticas de escrita à espera de recuperação. Dessa forma, a

descoberta contribui particularmente para os estudos sobre Maria Clemência da Silveira Sampaio.

A investigação permitiu ainda avançar na identificação da autoria de uma das produções mais singulares publicadas pelo *Diário do Rio Grande*: o folhetim *Os Mistérios do Rio Grande*, de 1908, atribuído a Tycho Brahe, o nome pode estar associado a Tycho Brahe de Araújo Machado, nascido no Rio de Janeiro, em 1871, identificado por fontes biobibliográficas como poeta, militar, médico e funcionário público, sua trajetória esteve diretamente vinculada à Marinha do Brasil, documentação oficial registra sua atuação como oficial da Armada e sua condição de primeiro-tenente no início do século XX, e mais significativo para a presente pesquisa é o registro, ainda em 1893, de sua nomeação, então como segundo-tenente, para servir na Flotilha do Rio Grande do Sul, informação que estabelece uma relação concreta entre o autor e o espaço geográfico posteriormente transformado em matéria de sua narrativa.

Identificamos também indícios de que a utilização da carta como forma de escrita literária na imprensa rio-grandina oitocentista não esteve circunscrita ao *Diário do Rio Grande*, no jornal *Eco do Sul*, foram localizadas, em 1861, outras produções que apontam para a presença e a circulação desse tipo de escrita, entre elas Correspondência particular – Pacotilha Pelotense, publicada em 23 de junho de 1861, e Palestra das Comadres, de 11 de agosto do mesmo ano. A existência desses textos, anteriores às séries analisadas nesta tese, permite ampliar a compreensão da presença do epistolar na imprensa da região e sugere que Simplício Carapuceiro, João das Mentiras e Visita das Priminhas não constituíram manifestações isoladas, mas estiveram inseridos em um ambiente jornalístico no qual a correspondência podia ultrapassar sua função meramente informativa ou privada e participar de práticas de construção literária. Particularmente significativa é a proximidade temporal dessas publicações com o aparecimento de Simplício Carapuceiro, em 1862, circunstância que abre novas possibilidades de investigação acerca da circulação de modelos de escrita, personagens, pseudônimos, formas de interlocução e procedimentos satíricos entre os periódicos rio-grandinos e pelotenses. Como Correspondência particular – Pacotilha Pelotense e Palestra das Comadres não integram o *corpus* desta tese e permanecem ainda por ser estudadas de maneira sistemática, sua localização não permite estabelecer, neste momento, relações de influência ou filiação entre essas produções. Contudo, sua existência aponta para um campo de investigação que ultrapassa os limites deste trabalho e reforça uma de suas conclusões centrais: o retorno aos periódicos oitocentistas pode revelar uma rede de práticas epistolares e literárias mais extensa do que aquela posteriormente registrada pela historiografia.

A principal conclusão desta pesquisa não consiste simplesmente em afirmar que o *Diário do Rio Grande* "publicava literatura", essa formulação ainda pressuporia que o literário existisse previamente e apenas encontrasse no jornal um veículo de transmissão. O *corpus* analisado permite propor que o jornal participou da produção do literário. Sua materialidade, sua periodicidade, a urgência da novidade, a interação com outros periódicos, a expectativa de resposta e a presença de uma comunidade leitora determinaram formas específicas de escrita que dificilmente poderiam existir da mesma maneira fora desse suporte. Essa afirmação permite reconhecer o *Diário do Rio Grande* não como simples depósito documental, mas como espaço de criação, circulação, sociabilidade e experimentação literária.

Assim, mais do que decidir se Simplício, João e as Priminhas correspondem às categorias pelas quais atualmente organizamos a literatura, esta tese propõe recolocar uma questão anterior: como a literatura existia nas páginas de um jornal sul-rio-grandense do século XIX? As respostas encontradas revelaram um universo no qual os limites entre literatura, jornalismo, correspondência, sátira, notícia, oralidade e comentário social eram móveis; no qual escritores podiam assumir pseudônimos e personas literárias; no qual leitores participavam da construção dos sentidos; e no qual um acontecimento ocorrido nas ruas de Pelotas podia transformar-se, poucos dias depois, em verso, carta, diálogo ou carapuça.

Retornar às fontes permitiu, portanto, encontrar não apenas textos esquecidos, mas modos esquecidos de fazer literatura. Essa talvez seja a contribuição mais significativa desta pesquisa. Se, como demonstra Abreu (2003), o conceito de literatura é histórico; se, conforme Barbosa (2007, 2011), a carta participou efetivamente das práticas responsáveis pela formação da literatura brasileira; se, como sustenta Burgardt (2018), o jornal funcionou como laboratório para experimentações narrativas; e se, segundo Vaz (2013), as fontes primárias são capazes de modificar uma história literária consolidada, então, Simplício Carapuceiro, João das Mentiras e Visita das Priminhas não constituem objetos marginais à história da literatura sul-rio-grandense, ao contrário, sua marginalização posterior constitui justamente uma das questões que sua recuperação permite problematizar.

Desse modo, a pesquisa conclui que uma história da literatura sul-rio-grandense que pretenda compreender a complexidade do século XIX não pode restringir-se às obras que alcançaram o livro, aos autores cuja identidade foi preservada ou às instituições posteriormente transformadas em marcos fundadores. É necessário considerar também os textos efêmeros, anônimos ou pseudônimos, as cartas, as pequenas narrativas, as polêmicas e os diálogos que circularam diariamente diante dos leitores. É nesses materiais que se torna possível observar a

literatura enquanto prática ainda em movimento, antes que processos posteriores de seleção estabilizassem gêneros, autores e obras.

Por fim, a investigação de Simplício Carapuceiro, João das Mentiras e Visita das Priminhas permite compreender o arquivo não como lugar onde repousa uma literatura morta, mas como espaço a partir do qual a própria história literária pode ser interrogada. Retornar ao *Diário do Rio Grande* significou reencontrar vozes que estiveram diante dos leitores oitocentistas e que posteriormente deixaram de integrar a memória literária e recolocá-las em circulação não significa simplesmente preencher uma lacuna, e sim reconhecer que a lacuna foi historicamente produzida. Nas cartas de Simplício, nas mentiras de João e nas conversas das Priminhas permanece registrada uma parte dessa história: uma literatura que nasceu e viveu nas páginas do jornal e que, justamente por isso, precisa retornar a elas para ser historicamente compreendida.

FONTES DE PESQUISA

Aurora Pernambucana – Recife (PE) – (1821)

O Amigo do rei e da Nação – Rio de Janeiro (RJ) – (1821)

Correio Braziliense ou Armazém Literário – Londres – (1808/1822)

Correio do Rio de Janeiro – Rio de Janeiro (RJ) – (1821)

Diário de Porto Alegre – Porto Alegre (RS) – (1827)

Diário do Rio Grande – Rio Grande (RS) - (1848/1910)

Diário do Rio de Janeiro – Rio de Janeiro (RJ) – (1821/1878)

Gazeta de Lisboa – Lisboa – (1833)

Gazeta do Rio de Janeiro – Rio de Janeiro (RJ)– (1808/1821)

Idade do Ouro do Brasil - Salvador (BA) – (1821)

Jornal do Comércio – Rio de Janeiro (RJ) – (1827)

Jornal de anúncios – Rio de Janeiro (RJ) – (1827)

O Noticiador – Rio Grande (RS)– (1831/1836)

O Observador - Rio Grande (RS) – (1831/1835)

O Povo – Piratini/Caçapava do Sul (RS) - (1836/1840)

Periódico do Pobres – Rio de Janeiro (RJ)- (1850)

Rio-Grandense – Rio Grande (RS)– (1855 – 1858)

Semanário Cívico – Salvador (BA)– (1821)

REFERÊNCIAS

ABREU, Márcia. Letras, Belas-letras, Boas Letras. *In*: BOLOGNINI, Car-mem Zink (Org.) **História da literatura**: o discurso fundador. Campinas: Mercado de Letras, ALB, Fapesp, 2003. (Coleção Histórias de Leitura).

ALVES, Francisco das Neves. Nos limiares da civilização: a imprensa literária rio-grandina na década de 1860. *In*: ALVES, Francisco das Neves (org.). **Por uma história multidisciplinar do Rio Grande**. Rio Grande: Universidade Federal do Rio Grande, 1999a. p. 49-52.

ALVES, Francisco das Neves. **A pequena imprensa rio-grandina no século XIX**. Rio Grande: Ed. da FURG, 1999b.

ALVES, Francisco das Neves. **O discurso político e partidário sul-rio-grandense sob o prisma da imprensa Rio-Grandina (1868-1895)**. Rio Grande: Editora FURG, 2002.

ALVES, Francisco das Neves. **A imprensa Rio-Grandina do Século XIX no acervo da Biblioteca Rio-Grandense** (levantamento parcial). 2006.

ALVES, Francisco das Neves. 8 de novembro de 1891: uma "revolução" esquecida no passado do Rio Grande. **Biblos - Revista do Instituto de Ciências Humanas e da Informação**, Rio Grande, v. 19, p. 135-150, 2006.

ALVES, Francisco das Neves. Fontes para o estudo da História do Rio Grande do Sul no acervo da Biblioteca Rio-Grandense: o jornal Sentinella do Sul e a guerra do Paraguai. **Biblos - Revista do Instituto de Ciências Humanas e da Informação**, Rio Grande, v. 20, p. 79-91, 2007.

ALVES, Francisco das Neves. A Guerra do Paraguai na visão de um historiador gaúcho. **Biblos - Revista do Instituto de Ciências Humanas e da Informação**, Rio Grande, v. 15, p. 137-145, 2007. Disponível em: https://periodicos.furg.br/biblos/article/view/400. Acesso em: 14 jan. 2026.

ALVES, Francisco das Neves. O periodismo gaúcho no século XIX: breves impressões históricas. **Biblos - Revista do Instituto de Ciências Humanas e da Informação**, Rio Grande, v. 23, n. 2, p. 137-166, 2009.

ALVES, Francisco das Neves. A transição Monarquia-República brasileira na perspectiva de um semanário português. **Biblos - Revista do Instituto de Ciências Humanas e da Informação**, Rio Grande, v. 24, n. 1, p. 115-126, 2010.

ALVES, Francisco das Neves. A sociedade gaúcha na óptica de um rebelde: breve estudo de caso. **Biblos - Revista do Instituto de Ciências Humanas e da Informação**, Rio Grande, v. 24, n. 1, p. 127-138, 2010.

ALVES, Francisco da Neves. A produção literária de um poeta sul-rio-grandense: uma breve incursão ao pensamento e a à obra de Mário de Artagão. **Cadernos literários**, v. 19, p. 49-58, 2011.

BAHIA, Juarez. **Jornal, história e técnica**. São Paulo: Ática, 1999.

BARBOSA, Marialva Carlos. Circuitos comunicacionais da imprensa no Brasil do século XIX: olhares sobre o momento inicial. **MATRIZes**, São Paulo, Brasil, v. 16, n. 1, p. 77-99, 2022. DOI: 10.11606/issn.1982-8160.v16i1p77-99. Disponível em: https://revistas.usp.br/matrizes/article/view/189390. Acesso em: 31 ago. 2025.

BARBOSA, Marialva Carlos; RIBEIRO, Ana Paula G.; HOHLFELDT, Antônio Carlos (orgs.). **História da Imprensa do Século XIX**. Porto Alegre: ediPUCRS; Rio de Janeiro: PIC-Rio, 2024.

BARBOSA, Socorro de Fátima Pacífico. **Jornal e literatura**: a imprensa brasileira no século XIX. Porto Alegre: Nova Prova, 2007.

BARBOSA, Socorro de Fátima Pacífico. A arte de adaptar livros no século XIX: o novo secretário português ou o código epistolar, por J. I. Roquette. *In*: COLÓQUIO INTERNACIONAL DE HISTÓRIA: FONTES HISTÓRICAS, ENSINO E HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO, 2., 2010. **Anais** [...]. Campina Grande: UFCG, 2010. p. 960-968. Disponível em: https://dspace.sti.ufcg.edu.br/handle/riufcg/34098. Acesso em: 10 jan. 2026.

BARBOSA, Socorro de Fátima Pacífico. A escrita epistolar, a literatura e os jornais do século XIX: uma história. **Revista da Anpoll**, v. 1, n. 30, 2011. Disponível em: https://revistadaanpoll.emnuvens.com.br/revista/article/view/196. Acesso em: 20 fev. 2026.

BARBOSA, Socorro Fátima Pacífico**.** A escrita epistolar como prosa de ficção: as cartas do jornalista Miguel Lopes do Sacramento Gama. **Revista Desenredo**, v. 7, n. 2, 2011.

BARBOSA, Socorro de Fátima Pacífico. Romance e dissimulação na escrita dos periódicos luso-brasileiros do século XIX: Adelaide de Sargans, Asarce e Ismênia e Cartas de uma peruviana. **Miscelânea: Revista de Literatura e Vida Social**, v. 18, p. 59-79, 2015.

BARBOSA, Socorro de Fátima Pacífico. As "Cartas Chilenas" do jornal Minerva Brasiliense e a murmuração da Corte no Segundo Reinado. **Veredas: Revista da Associação Internacional de Lusitanistas**, n. 29, p. 53-78, 2019. DOI: 10.24261/2183-816x0429. Disponível em: https://mail.revistaveredas.org/index.php/ver/article/view/475. Acesso em: 22 abr. 2026.

BARTHES, Roland. Introdução à análise estrutural da narrativa. *In*: BARTHES, Roland *et al.* **Análise estrutural da narrativa**. Petrópolis: Vozes, 1971.

BAUMGARTEN, Carlos Alexandre. **Literatura e crítica na imprensa do Rio Grande do Sul**: 1868 a 1880. Porto Alegre: Escola Superior de Teologia de São Lourenço de Brindes, 1982.

BAUMGARTEN, Carlos Alexandre. As Poesias americanas, de Bernardo Taveira Júnior. **Letras de Hoje**, v. 34, n. 1, 1999.

BELLOMO, Harry Rodrigues; ERTZOGUE, Marina Heinzereder; ARAÚJO, Tiago Nicolau de (Orgs.). **Dicionário sul-rio-grandense**: séculos XVI, XVII, XVIII e XIX. Porto Alegre: EST., 2006.

BISOL, Laísa; PORTO, Luana; LISBOA FILHO, Flavi. **Jornalismo Impresso do século XIX**: a representação da Revolução Farroupilha e a exaltação da cultura gaúcha em O Povo. Santa Maria: ALCAR, 2015.

BRIGGS, Asa; BURKE, Peter. **Uma história social da mídia**. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

BONFIM, Julianna de Souza Cardoso. **A prosa de A. P. Lopes de Mendonça no quadro do romantismo português**: romance, crônica, crítica e escritos biográficos. 2019. 172f. Tese (Doutorado em Letras) – Instituto de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019.

BURGARDT, Camila Machado. **Prosa de ficção oitocentista: revisando práticas de escrita literária da imprensa paraibana**. 2018. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2018.

COELHO, Nelly Novaes. **A obra literária e a expressão linguística**: literatura e linguagem. Rio de Janeiro: Vozes, 1993.

CONWAY, Christopher. Letras combatientes: gênero epistolar y modernida-de en la Gaceta de Caracas, 1808-1822. **Revista Iberoamericana**, v. LXXII, n. 214, p. 77-91, jan./mar. 2006.

CÂNDIDO, Antônio. **Formação da literatura brasileira**: momentos decisivos 1750-1880. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2007.

CARVALHO, José Murilo de. **Forças armadas e política no Brasil**. Rio de Janeiro: Zahar, 2005

CESAR, Guilhermino. **História da literatura do Rio Grande do Sul**. 2. ed. Porto Alegre: Globo, 1971.

CESAR, Guilhermino. **O contrabando no sul do Brasil**. Porto Alegre: Universidade de Caxias do Sul, 1978.

FAUSTO, Boris. **História do Brasil**. 13. ed. São Paulo: EDUSP, 2013.

GEPIAK, Luciana Coutinho. Imprensa caricata e literatura: poemas de Múcio Teixeira no periódico "O Fígaro" (Porto Alegre, 1878-1879). **Cadernos Literários**, v. 27, n. 1, p. 60-70, 2020. Disponível em: https://periodicos.furg.br/cadliter/article/view/12190. Acesso em: 24 ago. 2026.

GONÇALVES, Mariana Couto. "Ao povo rio-grandense entrego as minhas provincianas": a literatura no século XIX e a obra de Bernardo Taveira Junior. **Para Onde!?,** v. 6, n. 2, p. 96-101, 2012.

GROTH, O. **O poder cultural desconhecido**: fundamento da Ciência dos Jornais. Petrópolis: Vozes, 2011.

HOHLFELDT, Antônio. **Deus escreve direito por linhas tortas**: o romance-folhetim dos jornais de Porto Alegre entre 1850 e 1900. Porto Alegre: Edipucrs, 2003.

LOPES, Silvana Fernandes. “Retratos” de mulheres na literatura brasileira do século XIX. **Revista Plures Humanidades**, Ribeirão Preto, ano 12, n. 15, p. 117-140, jan./jun. 2011.

LOURENÇO, Maria Manuela. Poesia feminina do século XIX no Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro. **Navegações**, Porto Alegre, v. 4, n. 2, p. 199-203, jul./dez. 2011.

LUSTOSA, Isabel. **Insultos Impressos**: a guerra dos jornalistas na independência (1821-1823). São Paulo: Cia das Letras, 2000.

LUSTOSA, Isabel. **O Nascimento da Imprensa Brasileira**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

LUSTOSA, Isabel. **O Nascimento da Imprensa Brasileira**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

MATIAS, Ana Cristina Pinto. **Francisco Xavier Ferreira**: primórdios da imprensa rio-grandina. 2014. 238f. Dissertação (Mestrado em História da Literatura) - Universidade Federal do Rio Grande, 2014. Disponível em: https://sistemas.furg.br/sistemas/sab/arquivos/bdtd/0000010744.pdf. Acesso em: 17 ago. 2025.

MELO, José Marques de. **História Social da imprensa**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003.

MELLO, Juliane Cardozo de. **Carlos de Koseritz**: reiluminando sua biografia e suas obras românticas esquecidas. 2013. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal do Rio Grande, Rio Grande, 2013.

MELLO, Juliane Cardozo de. **"Ser ou não ser literatura? Eis a questão", a leitura de folhetins em Rio Grande no século XIX.** 2017. Tese (Doutorado em Letras) - Universidade Federal do Rio Grande, Rio Grande, 2017.

MEYER, Marlyse. **Folhetim**: uma história. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

MONTEIRO, Charles. O Partenon literário e sua revista A formação do campo literário no Rio Grande do Sul na segunda metade do século XIX. *In*: SEMINÁRIO BRASILEIRO DE CRÍTICA LITERÁRIA 31.; SEMINÁRIO DE CRÍTICA LITERÁRIA DO RS, 30.; ENCONTRO NACIONAL DE ESCRITA CRIATIVA, 4. **Anais**... 2019.

MORAES, A. J. Mello. **Elementos de litteratura**. Contendo a arte poetica, a mythologia, a idiologia, a grammatica, a lógica e a rhetorica extraídas, para uso dos seus filhos. Rio de Janeiro: Typographia Americana de José Soares de Pinho, 1856.

MOREIRA, Maria Eunice. Os versos (quase) desconhecidos de Maria Clemência da Silveira Sampaio. **Letras de Hoje**, v. 41, n. 4, 2006.

MÜLLER, D**. "Feliz a População que tantas Diversões e Comodidades Goza"**: espaços de sociabilidade em Pelotas (1840-1870). 2010. 338f. Tese (Doutorado em História) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2010.

MUZART, Zahidé Lupinacci. A questão do cânone. **Anuário de literatura**, n. 3, p. 85, 1995.

NADAF, Yasmin Jamil. **Rodapé das miscelâneas**: o folhetim nos jornais de Mato Grosso, séculos XIX e XX. Rio de Janeiro: 7letras, 2002.

OLIVEIRA, Marcelo França de. Entre a literatura e a história: a apropriação da Guerra do Paraguai nas crônicas de Ângelo Dourado no Jornal Echo do Sul. **Historiæ**, v. 5, n. 1, p. 116-140, 2014. Disponível em: https://periodicos.furg.br/hist/article/view/4808. Acesso em: 14 jan. 2026.

PÉCORA, Alcir. **Máquina de gênero**. São Paulo: Edusp, 2001.

PEREIRA, Christiane. Representantes da imprensa Rio-grandense no período regencial: o Continentino e o Recopilador Liberal. **Almanack**, p. 154-169, 2018.

PEREIRA, Kenia Maria de Almeida; MARÇAL, Emanuelle Amaral Almeida**.** A bruxa e o Barão: reminiscências da heresia e da inquisição na novela a feiticeira, de Antônio Joaquim da Rosa, o Barão de Piratininga. **Letras & Letras**, Uberlândia, v. 39, n. único, e3923, p. 1-17, 2023. DOI: 10.14393/LL63-v39-2023-23. Disponível em: https://seer.ufu.br/index.php/letraseletras/article/view/70947. Acesso em: 31 mar. 2026.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **A Revolução Federalista**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1983.

PÓVOAS, Mauro Nicola. Exaltação mitificadora de personagens históricas em periódicos literários sul-rio-grandenses do século XIX. **Historiæ**, Rio Grande, v. 6, n. 1, p. 268-282, 2015.

PÓVOAS, Mauro Nicola. As primeiras manifestações literárias no Rio Grande do Sul. *In*: FISCHER, Luís Augusto. **História da Literatura no Rio Grande do Sul**. Vol. 1 - A constelação romântica, período formativo. Porto Alegre: Coragem; Rio Grande: Editora da FURG, 2024. p. 53-82.

RIZZINI, Carlos. **O livro, o Jornal e a Tipografia no Brasil (1500-1822)**. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 1988.

RÜDIGER, Francisco. **Tendências do Jornalismo**: Porto Alegre: UFRGS, 1993.

RÜDIGER, Francisco. **Tendências do jornalismo**. Porto Alegre: UFRGS, 2003.

SEIXAS, Netília Silva dos Anjos *et al*. A imprensa em solo amazônico: momentos chave da configuração dos impressos no Pará do século XIX. *In*: BARBOSA, Marialva Carlos; RIBEIRO, Ana Paula G.; HOHLFELDT, Antônio Carlos (Orgs.). **História da Imprensa do Século XIX**. Porto Alegre: ediPUCRS; Rio de Janeiro: PIC-Rio, 2024. p. 29-61.

SILVA, João Pinto da. **História literária do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Globo, 1924.

SILVA, Maria Beatriz Nizza da. Livro e sociedade no Rio de Janeiro (1808-1821). **Revista de História**, São Paulo, v. 46, n. 94, p. 441-457, 1973. Disponível em: https://www.revistas.usp.br/revhistoria/article/view/132003. Acesso em: 17 jan. 2024.

SILVA, Jandira M. M. da; CLEMENTE, Elvo; BARBOSA, Eni. **Breve histórico da imprensa sul rio-grandense**. Porto Alegre: CORAG, 1986.

SIMÕES, Elvis Silveira. Cidades e sociabilidades - Pelotas em construção: um estudo do desenvolvimento do espaço urbano e social pelotense a partir das atas da câmara municipal, de 1846 à 1860. *In*: VIANNA, Marcelo *et al* (Orgs.). **O Historiador e as Novas Tecnologias - reunião de artigos do II Encontro de Pesquisas Históricas- PUCRS**. Porto Alegre: Memorial do Ministério Público do Rio Grande do Sul, 2015. p. 192-206.

SODRÉ, Nelson Werneck. **História da Imprensa no Brasil**. 4. ed. Rio de Janeiro: Mauad, 1999.

SPANNENBERG, Ana *et al*. Desejos de modernidade entre burburinhos da urbanização: a imprensa oitocentista em Minas Gerais. *In*: BARBOSA, Marialva Carlos; RIBEIRO, Ana Paula G.; HOHLFELDT, Antônio Carlos (orgs.). **História da Imprensa do Século XIX**. Porto Alegre: ediPUCRS; Rio de Janeiro: PIC-Rio, 2024. p. 248-262.

STRELOW, Aline *et al*. Apontamentos para uma história da imprensa no Rio Grande do Sul do século XIX. *In*: BARBOSA, Marialva Carlos; RIBEIRO, Ana Paula G.; HOHLFELDT, Antônio Carlos (orgs.). **História da Imprensa do Século XIX**. Porto Alegre: ediPUCRS; Rio de Janeiro: PIC-Rio, 2024. p. 263-310.

VAZ, Artur Emilio Alarcon. Arquivos e fontes primárias do século XIX no extremo sul brasileiro. *In*: CONGRESSO INTERNACIONAL DA ABRALIC, 13., 2013, Campina Grande. **Anais**… Campina Grande: ABRALIC, 2013.

ZILBERMAN, Regina. Periódicos literários e fontes primárias. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISADORES EM PERIÓDICOS LITERÁRIOS BRASILEIROS, 1, 2002. **Anais**... Porto Alegre: PUCRS, 2003. CD-ROM. p. 1-8.

ANEXOS

DIÁRIO DO RIO GRANDE, 17 DE AGOSTO DE 1860, p. 01

Uma tarde

Oh! tarde! tão calmosa!
Que me vens enlanguescer!
E recordar-me saudosa
O que mais não hei de ver!
Como fico fascinada,
E com a mente abrasada,
Cheia de terna emoção!
Ao lembrar-me desses beijos
Que ao voar de mil desejos
Me escaldava o coração!!

E eu que outrora vivi
N'esse mundo de prazeres
E para a tumba sorri
Sem me importar seus dizeres!
Sorri porque tinha amor!
E inda os espinhos da dor
À alma me não pungiam!
E nessa senda de flores
Sem me lembrar amargores
Meus dias ledos corriam!

E hoje? Hoje o que resta
Dessa passada ventura
Que a minha vida molesta?
Entornando nela amargura!
Resta descrença e saudade...

Mais além — a eternidade!
A me apontar o porvir!
Nem sequer uma esperança
Nem uma aura de bonança
Numa estrela a luzir.

Nem essa brisa mimosa,
Me vem na face oscular
Nem se quer vaga queixosa,
Ouço ao longe murmurar!
Como é triste estar assim!
E nesse espaço sem fim
Procurar no pensamento
Uma lembrança — um suspiro
Que venha n'esse retiro,
A nossa alma dar alento!

Rio Grande, 17 agosto de 1860.
Josephina de Alencar.

DIÁRIO DO RIO GRANDE, 25 DE OUTUBRO DE 1860, PÁGINA 1.

Recordações do Uruguai

Uruguai! Uruguai! A ti meus carmes!
A ti que tanta vez me viu sorrir!...
Ébria de prazer, em tuas margens,
A lira que dedilho fiz ouvir!...

Contemplando meu futuro, que risonho
Envolto em rosas nuvens que cingiam
O puro céu de minha pátria,
Nesse vasto horizonte se perdiam!!!

Quanta vez sobre teu leito de pérolas!
Tremula de emoção eu murmurei?...
Delicias que minh'alma então sonhava!
E que só junto a ti eu encontrei?!

Oh! quanto és belo e majestoso!...
Quem é que te contempla sem sentir
Dourada inspiração arder na mente,
E o que tem no coração aos lábios vir?!

Quem é que em tuas margens elevadas
Foi a sombra do salgueiro repousar,
E ouviu do Sabiá os doces quebros,

Sem um hino de amor te dedicar?!

Uruguai! Uruguai! recebe um canto
Perpassado de amor e de saudade!...
Cultivadas no amago do meu peito
Cultivadas por mim na solidade!!

Rio Grande, 25 de outubro de 1860.
Josephina de Alencar.

DIÁRIO DO RIO GRANDE, DOMINGO, 8 DE FEVEREIRO DE 1857, p. 1 e 2.

Descrição de um passeio

Em uma tarde aprazível
De janeiro caloroso,
Com duas boas amigas,
Fui a uma quinta formosa,

Onde fomos de seus donos,
Generosos e polidos,
Com atenção e respeito,
Com agrados recebidos.

O grande portão entramos,
De verde seco assombrado,
Que sombrio, alta alameda,
De seus ramos bem formado.

Aos lados se vêm recintos
De grades, mui bem fechados:
Onde estão os arvoredos,
Com as flores misturados.

Ali se notam jasmins,
De azaléa, e neve cor;
Que exalam na atmosfera,
Um perfume encantador.

Vi pés da flor da pureza,
Que este lugar enfeitavam;
Vi alamos, e ciprestes,
Que a paisagem adornavam.

Vi além o grande poço,
Que serve para regar;
Todas as plantas, e flores,
Que contém este pomar.

Vi diferentes jardins,
Com formosas trepadeiras;
Que vestem as lindas grades,
De florezinhas faceiras.

Vi os alecrins do norte,
Em vasos mui delicados;
E com elegância e gosto,
Mui compostos e aparados.

Ali a linda camélia,
Com as rosas do Japão,
Da sua bela folhagem,
Faziam ostentação

Vi a rainha das flores,
Com seu septo floreado;
Que apresentava à minha vista,
Rumo de flor purpurado.

Onde a resedá cheirosa,
Se veste toda de flores;
Em compostos ramalhetes,
Que espalham cheiros melhores.

Lá vi o jasmim do cabo,
O cheiroso bogari;
E também já florescido,

O jasmim do Chile vi.

O jasmim manga que tem,
Do pêssego o cheiro e cor,
De vistosos ramalhetes,
O enriquece o Criador.

Também o jasmim amelia,
Seja dobrado ou singelo,
Entre os mais fulgura, e brilha,
Com seu aroma tão belo.

Lá se vê o jasmim amêndoa,
Com seu raminho cheiroso;
E a bela rosa que oferece,
Seu botão alvo, e mimoso.

Até por entre as estatuas
Que o jardim aformoseiam,
Se conhece a madressilva,
Que suas grades enfeitavam.

E a mui vistosa hortênsia
Neste sitio aonde mora;
Vai mudando sempre as cores
O que a torna encantadora.

Ali existe a violeta,
Como imagem do pudor,
Ella se oculta e a descobre
Seu aroma encantador.

Ali diversos arbustos
De folha e flor delicadas,

Fazem tão lindos jardins,
De encantos mil, matizados.

O vistoso mongovil,
A verde malva cheirosa,
Fazem suave harmonia,
Com a salvinha mimosa.

A formosa laranjeira
Em seu vaso plantadinha
Deleita o olfato e a vista
Por tão cheirosa verdinha.

Cheirosos manjericões,
Beijos alvos na candura,
Com os beijos matizados
Fazem grata compostura.

As plumas imperiais,
Que tanto sabem brilhar;
Com os seus rubros penachos,
Para o jardim enfeitar.

A mimosa solitária,
A açucena cheirosa,
A bela ervilha da cassia
O arbusto da extremosa.

A planta da flor de cera
Com seus raminhos luzentes,
E as plantas de coral,
Com folhagens diferentes.

Os imensos pés de cravos,
Diversos e bem tratados,
Flores prometem aqueles,
Por quem foram cultivados.

Também as lindas cravinas
De folhas aveludadas;
Bem que humildes e rasteiras,
Sempre são apreciadas.

Pois que direi do formoso,
Elegante amor-perfeito?
Só por ele, a Deus tributo,
Admiração e respeito.

A baunilha perfumada,
Com seus raminhos torcidos;
Tecem laçadas que enlevam,
Com prazeres os sentidos!

D'angelicas o pendão,
Os junquilhos tão mimosos;
Os roxos lírios, que são
Tão lindos, quantos cheirosos.

Também no jardim notei,
Em lindo vaso plantada;
A romeira de jardim
De rubras flores coroada.

Também vimos com prazer,
Buxos e murtas cheirosas;
E de cactos diferentes,
Diversas flores mimosas.

Onde os lindos beija-flores,
De manhã vem adejar,
Para de seus amplos cálices,
O doce néctar libar.

E as formosas borboletas,
Pintadas de várias cores;
E as insetos voadores,
Nas florinhas vão pousar.

Vi muitos pés de morangos,
Lindos no fruto, e na flor;
Que o paladar nos deleita,
Com agridoce sabor.

Também vi o araçá,
O arbusto apreciado;
Do fluido maricá,
O pomar todo cercado.

Lá vi lindas goiabeiras,
Produtivos pessegueiros,
As recostadas figueiras,
Frondosos marmeleiros.

Laranjeiras, vergamotas,
Ali vi com profusão;
Vi também limas da Pérsia,
Laranjas, cidras, limão.

Vi romeira carregada,
Com seu fruto bem crescido,
De mil uteis vegetais,

O sitio vi bem provido.

Os pátios todos guarnecem,
De parreiras as latadas;
Ora em vistosas paredes,
Ora em sombrias arcadas.

Oferecendo a seus senhores,
As sombras, e doces frutos;
A quem os cultiva gratos,
Oferecem os seus produtos.

Lá vi lindas abobreiras,
Vi melancia, melão;
E vi plantados de novo,
Os canteiros de feijão.

Também vi o milho verde,
Muito tenro e adocicado;
Que oferece no verão,
Um saboroso bocado.

E depois de tudo ver,
E de tudo apreciar,
Fomos à D. Ignezinha,
No piano ouvir tocar.

A qual devendo a seus pais,
Esmerada educação;
Hoje enche de amor e gloria,
Seu paternal coração.

E pela boa vontade,
Com que ela nos contentou;
Por gratidão e amizade,
Nosso obsequio ganhou.

E depois de vermos tudo
E de tudo apreciar,
Fomos à mesa sentados,
Bellos frutas desfrutar.

Que o Sr. Cunha, civil,
E sua esposa estimável,
Nos oferecem de mistura,
Com acolhimento afável.

Rodeados dos filhinhos,
Bem gordinhos e formosos,
A par d'eles desfrutamos,
Momentos deliciosos.

Cuja lembrança jamais,
De mim será esquecida;
Porque pela gratidão,
Foi na minha alma esculpida.

E já que tão carinhosos,
E tão agradáveis são,
O céu derrame ventura,
Sobre eles com profusão.

Depois de tantos prazeres,
N'essa tarde desfrutar,
Eu vim na minha cabana,
Em paz a noite passar.

Feliz o vivente humano,
Que cultiva a planta, a flor!
Emita n'este exercício,
Seu divino Criador!

N'elas se poder admira!
A planta lhe alenta a vida;
Seu sabor sua bondade,
E lhe cura a enfermidade.

Por sua atenção e grata veneradora,
Maria Clemência da Silveira Sampaio
Rio Grande, 23 de janeiro de 1857.

DIÁRIO DO RIO GRANDE, DOMINGO, 2 DE OUTUBRO DE 1864, P.1

CISMANDO AO LUAR

(Recitativo)
Astre aux rayons muets, que ta splendeur est douce
Quand tu cours sur les monts, quand tu ders sur le (mous:e,
Que tu trembles sur l'herb ou sur le blanc rameaux,
Or qu'avec l'alcyon tu flottes sur les eaux!
(A. Lamartine.)

Que noite tão linda! A lua surgindo
Se mira sorrindo nas águas do mar,
Oh! como vens bela, da noite rainha,
Tão triste, sozinha; teu rosto mostrar!

O teu reverbero esparges nos montes,
No rio, nas fontes, no mar e no céu:
A tudo dás vida, oh lua formosa,
Se a face mimosa tu mostras seu véu.

A flor se balança, coberta de orvalho,
No seu débil galho parece quebrar;
A brisa passando derrama frescores,
No seio das flores vai triste cismar.

Que lua formosa! que noite de amores!
Nos meus dissabores não devo pensar.
Meu anjo, se ouvires contar o que faço,
Crê que por ti passo — cismando ao luar.

Aqui entre os ramos da verde mangueira
Suspira ligeira meiga juriti;
Além ouço o canto sentido do nauta,
E o som de uma flauta vem triste d'alli.

Que noite sublime! A nuvem dourada
No céu espalhada de negro selim,
Qual virgem celeste que a fronte reclina
Em lira divina de ouro e marfim.

A estrela do dia, de cor prateada
A luz desmaiada vai breve sumir;
A bela princesa também quis formosa,
Qual pálida rosa, seu mimo espargir.

Por entre as montanhas de verde esmeralda
Aurora rosada lá surge a brilhar…
Desprezo teu brilho, só quero esquecida
Passar minha vida cismando ao luar.

Rio, 29 de agosto de 1861.
Augusta Dutra e Silva

DIÁRIO DO RIO GRANDE, SEXTA-FEIRA 3 E SABADO 04 DE FEVEREIRO DE 1865 P. 2

O SOLDADO BRAZILEIRO.

(Ao nosso exército de Montevideo, pela notícia do ataque de Paysandú.)

Ei-lo o soldado valente,
Pedestal da liberdade.
Conquista — o sangue fervente —
Louros a posteridade.
Ei-lo na luta cruenta
Como o trovão que rebenta
Das goelas da tempestade;
Ou corcel que invade os campos
Ao luzir dos pirilampos
Que voam na imensidade.

Doma-los! quem pode? Deus,
Que tem de tudo os destinos;
Mas hão de parar nos céus
Os ferrenhos desatinos.
Se não, lá vae o trovão
Nas asas do furacão
Cuspindo ódio e vingança;
E o suarento corcel
Sorvendo o pó do tropel
A correr, corre e não cansa.

N'um país desconhecido
Anda, em furor que transluz,
O soldado destemido
Da terra de Santa Cruz.
Que vae fazer? Vae lutar,
Novo marco levantar

D’um direito subtraído.
Vae ufanos vencer,
O estulto orgulho abater
D’esse povo fementido.

Ah! quanto esforço devemos
A peitos tão valorosos!
Quando dissermos — vencemos!
Saibamos ser generosos.
Deixando mulher e filhos
Corre o soldado esses trilhos
Que a pátria de longe acena;
Nada lhe impede a carreira.
Seu guia? nossa bandeira,
E sabe morrer na arena.

Hão de vencer. A maldade
Terá um novo ataúde.
Deus protege a liberdade,
Como protege a virtude.
Ha de o anjo da vitória
Depor-lhes coroas de gloria,
D’esse feito o galardão;
E antes de ir-se pra os céus
Ha de abraçar os troféus
Do brasileiro pendão.

Batei-os, bravos, batei-os
A esses povos corruptos.
A pátria dirá — plantei-os,
Agora recolho os frutos —
Se lutas contra inimigos
No calor dos desabrigos
D’esses terrenos de lá;

Tendes em vosso favor
Votos de imenso fervor
Dos vossos irmãos de cá.

Olhai: o viajor estrangeiro
Onde vir uma façanha
— Foi soldado brasileiro
Que fez proeza tamanha.
Aqui ergue-se o estandarte
Auriverde, e o baluarte
D'estes bandidos venceu —
E tenha fé n'essa palma,
E tenha preces pela alma
Do que na luta morreu.

Auriverde! esta aliança
Exprime a nossa grandeza.
O verde diz — esperança —
O ouro traduz — riqueza —
Das nações no alto congresso
A lei do progresso (*)
Espera o Brasil também.
E quanto é, quanto vale
O nosso país natal
Sabem todos que aqui vêm.

Sim, meu Brasil, quanto vales
Sabem todos que aqui vêm;
Seus montes, rios e vales
Que outro país não tem.
Tens um povo hospitaleiro
Mas que sabe ser guerreiro
Quando lhe tocam nos brios;
E se este povo arremessa,

O inimigo então tropeça
A tremer de calafrios.

Luta, meus irmãos, a luta
Enobrece o coração.
A causa não é poluta,
Não temas a perda; não.

Caminha de louro em louro,
Ide aumentando o tesouro
Que herdamos de nossos pais.
Batei esse povo gralha,
Tê que no pó da batalha.
Prostrado diga — não mais! —

Depois de ver abatido
Do inimigo o orgulho vai,
O guerreiro destemido
Sabe atirar o perdão.
E da pátria aos lares voa
A trombeta que apregoa
Os anúncios da vitória;
E as bençãos de um povo inteiro
Dizem que o herói brasileiro
Tem um renome na história.

Um viva ao grande pedal
Em que a pátria recostou-se;
Um pranto, que muito vale,
Ao que na luta finou-se.
Um viva aos filhos do povo
Rebentos do mundo novo,
Colhendo flores além.
Prantos de eterna saudade

Pelos irmãos, que a vaidade
De alheias terras contém.

Jefferson Mirabeau.
(*) Nota: “Não me refiro ao progresso atual.”

DIÁRIO DO RIO GRANDE, 19 DE FEVEREIRO DE 1865, P.1

Poesias brasileiras.
Poesias distribuídas em papel de cor pelas ruas por onde passaram os Voluntários da Pátria, no ato de embarcarem no Rio de Janeiro para Montevidéu no dia 4 de fevereiro do corrente mês:

AOS BRAVOS VOLUNTÁRIOS BAIANOS
Brava gente brasileira,
Longe vá temor servil.
Ou livre a pátria ficar,
Ou morrer pelo Brasil.

Tremei, inimiga corte!
Que honrando a brasileira história,
Entoam sempre vitória
Os bravos de Sul e Norte;
E, se das armas a sorte
Não se apresenta fagueira,
Abraçada com a bandeira
Da pátria que ama e defende,
Morre sim, mas não se rende
Brava gente brasileira.

Ao reclamo da nação,
Corre à guerra, não hesita,
Nobre peito onde palpita
Brasileiro coração;

O rouco som do canhão,
O cintilar do fuzil,
Para um povo varonil
São acentos de harmonia.
Perto venha o marcio dia,

Longe vá temor servil.

Briosa falange aí está,
Nobre, digna descendência
Dos heróis da independência,
Dos bravos de Pirajá;
Juram, invocando Tupã,
A pátria desafrontar,
No contínuo pelejar,
Sem dar trégua aos inimigos,
Ou perecer nos perigos,
Ou livre a pátria ficar.

Lutando quais leões ferozes
Contra a horda vil de escravos,
Juram imitar os bravos
De Paysandú e Caseros;
Valentes, livres, austeros,
Castigar o infame ardil,
Vencer a falange hostil,
Ou morrer cheios de glória,
Dar ao Brasil a vitória
Ou morrer pelo Brasil.

DIÁRIO DO RIO GRANDE, 5 DE MARÇO DE 1865, P.1

POESIAS BRASILEIRAS

AOS VOLUNTÁRIOS DA PÁTRIA

Hino de despedida

Ides, ides, ó bravos da pátria,
Ides, ides, a afronta punir;
Que o déspota López vos lançou às faces,
Com vil arrogância e orgulho servil.

Valentes voluntários,
Paraguai libertar,
Destruindo Assunção
E arrasando Humaitá.

Ides, ides, valentes heróis,
O pendão auriverde estender;
Ides, ides mostrar ao vil López
Que o vosso valor ele deve temer.

Valentes voluntários,
Paraguai libertar,

Ides, ides mostrar em Assunção
O que sois aqui do Brasil;
Ides, ides livrar aquele povo
Que está sujeito a déspota vil.

Valentes voluntários,
Paraguai libertar.

Ides, ides cumprir o mandato
Que a nação vos tem confiado,

De vingar os manes dos nossos
Que vilmente foram imolados.

Valentes voluntários,
Paraguai libertar.

Ides, ides, que a vitória é vossa,
Pois combateis por Pedro II;
Ides, ides, que o mundo vos guarda,
Na história, elogios fecundos.

Valentes voluntários,
Paraguai libertar;

Ides, ides, que os rio-grandenses
Vos confessam a sua gratidão;
Ides, ides, fazer tremular
Em Humaitá o auriverde pendão.

Valentes voluntários,
Paraguai libertar;

Ides, ides, ó bravos da pátria,
Ides, ides, a afronta punir;
Que o déspota López vos lançou às faces,
Com vil arrogância e orgulho servil.

Valentes voluntários,
Paraguai libertar;
Destruindo Assunção
E arrasando Humaitá.

Rio Grande, 18 de março de 1865.
A. M. Ajoir.

DIÁRIO DO RIO GRANDE, 5 DE JANEIRO DE 1879, P.2

SAUDAÇÃO AO POVO

Exulta, nobre povo rio-grandense,
Que vês marchar na senda do futuro,
Desfraldando a bandeira das vitórias
Às auras festivas deste céu puro!

Quando a pátria se viu ameaçada
De ser calcada aos pés do despotismo,
Pressuroso acorreste a seus reclamos,
Não deixaste-a cair em fundo abismo!

Iluminando a fronte ao sol da guerra,
Fizeste a pátria se cobrir de glória!
E como um astro de esplendor fulgente
Brilhou teu nome nos anais da História!

Povo tradicional! Bem haja a pátria
Que deu-te o merecido galardão,
Que te impele ao caminho do progresso,
Das indústrias que rico te farão!

Em breve tu verás teu vasto solo
De opulentas riquezas se cobrir!
Ó sempre heroico povo rio-grandense,
Eu saúdo-te em nome do porvir!

Damasceno Vieira
Rio Grande, 2 de janeiro de 1879.

Folhetim

QUESTÃO LITTERARIA

I

A frase do Pelletan não tem sido uma utopia.

A humanidade, na sua lenta marcha através do tempo, tem sondado todos os abismos, desde a estrutura do planeta que habitamos, até a harmonia cadente e uniforme dos astros que gravitam no espaço.

A tendencia para a perfectibilidade, para o belo, tem arrastado o gênio em uma carreira vertiginosa para as concepções mais sublimes de que pode ser suscetível o espirito humano: poderoso influxo da sua vontade, energia comunicativa e justiça, tem dado a ciência inapreciáveis tesouros.

O mundo efetivamente marcha para um engrandecimento intelectual cujo elevado alcance não se deixa compreender ainda.

O progresso é a força motora que nos impele aos grandiosos cometimentos em prol do máximo aperfeiçoamento das nossas faculdades; e a bandeira vitoriosa que esta geração hasteia no seu itinerário de grandes e incruentas conquistas; é o lábaro do santo dos novos cruzados no futuro.

Por toda parte, nas ciências e nas industrias, nos laboratórios e nas oficinas, a inteligência humana, empenhada nas lutas do trabalho, revela-se em todo o seu esplendor, assinalando para este século verdadeiros prodígios.

Tudo se tem discutido a luz da razão; desde a existência outrora ignorada dos infusorios a existência misteriosa do Autor da criação.

Sobre este segundo assunto, teorias controversas, baseadas em deduções perfeitamente opostas, tem procurando firmar-se no consenso geral, apregoadas por abalizados naturalistas e pelos maiores filósofos da atualidade.

Os argumentos de Carlos Darwin sobre a evolução das espécies, fundada nas descobertas da geologia e paleontologia, têm dado margem ao desenvolvimento do materialismo desta época; e a voz autorizada do sábio inglês, os sectários de Büchner robustecem as suas opiniões, entusiastas das novas ideias, insuflam no grande coração do povo os mais revolucionários princípios sobre a crença religiosa.

O culto de Buda, e de Brahma, e o islamismo dos asiáticos, o maometismo e o fetichismo dos africanos, o judaísmo e o cristianismo dos europeus e americanos, são as palavras vazias de pressão ante a lógica dos livres pensadores, que devassam os domínios da ciência e que pretendem consolidar as suas opiniões com os destroços de todas as crenças.

O homem, para eles, não é senão o resultado da combinação da matéria e das forças da natureza; antes de chegar ao pedestal em que hoje eleva-se, percorreu toda a escala dos seres subalternos da criação, desde a mais imperceptível monada até a mais inteligível chimpanzé!

Como duvidar destas asserções estranhas, senão as afirmam os vultos mais proeminentes nas investigações científicas?

Só um espirito superior, afeito aos subterfúgios da dialética, sabe descobrir no fundo desses argumentos o sofisma habilmente enredado para armar as imaginações apreensivas.

Levado por esta corrente impetuosa de ideias tão novas quão extravagantes, mocidade que nutre sempre entusiasmos por tudo quanto é grande e elevado, sufoca no coração todas as afeições generosas, recalca consigo mesma os mais delicados sentimentos devido a família, a pátria e a Deus, e vem nas praças públicas ou nos livros, pregar ao povo doutrinas materialistas, que fariam empalidecer o próprio Pitágoras.

De tudo isso resulta o seguinte fato deploravelmente significativo:

Ao passo que a inteligência desenvolve-se, pousando como as águias no pícaro dos mais elevados assuntos o coração desce gradativamente das suas altas funções como inspirador do bem e é considerado apenas um insignificante musculo; o talento engrandece-se, é certo, mas a alma despida de afetos, nua de crenças tendo diante de si a terrível voragem do nada sem ver brilhar nas trevas do além tumulo um único raio de esperança, lança-se no pego das más paixões que a fascinam e a conspurca-se ignobilmente sem reabilitação possível.

II

A literatura atual, bafejada pelos progressos da ciência, inten a apresentar uma forma característica do seu adiantamento.

Refundido em mais vastos moldes os seus conhecimentos, o artista moderno parece-nos de todo irrepreensível que procura coadunar os seus sentimentos do homem com os arrebatamentos da sua imaginação inspirada; quando, cheio de nobre ardor da justiça, esmaga o vício, que agrada, e eleva a sagração da apoteose a virtude, que nobiliza.

Infelizmente, nem todos têm conseguido escoimar-se dos novos prejuízos que a nova escola acarreta; cedendo a explosão veemente e da palavra, sem medir o alcance das asserções que enunciam, quantos não tem falseado a missão altamente doutrinária que a si mesmo impuseram?

Quantas vezes a mão que inflige castigo a ignorância e á treva, não vai ludibriar também a verdade e a luz?

A verdadeira escola realista, que poucos ão compreendido, não admite a propaganda de absurdos, nem tem por divisa materializar as nossas aspirações: perfeitamente e destacada da

escola lírica, advoga a grande causa da justiça e do dever, fazendo ressaltar na face dos opressores o sangue dos oprimidos; é respeitável porque pugna pelo grandioso principio da igualdade de direitos perante a razão.

III

Sugerem-nos todas essas ideias que acabamos de expor a leitura do folheto intitulado ANTES DE SOPRAR A LUZ do Sr. Gaspar da Silva.

A simples leitura dessas páginas, reconhecemos que o talentoso escritor, procurando seguir com rapidez os luminosos passos de tantos vultos notáveis nas ciências positivas, só conseguiu apresentar-nos um misto de pálidas e incompletas elucubrações.

Releve-nos a franqueza, S. S. patenteia-nos eivados dos princípios subversivos a ordem social e dos paradoxos que servem os materialistas, quando infelizmente define a sua própria personalidade.

«Ameia—como pode amar um homem sem amigos, sem família, sem religião, a Deus!

A morte do coração trouxe-me o impudor.

«Hoje frequento os bordeis, embriago-me nos restaurantes, canto em versos heroicos as ebrias collarejas e estou escrevendo um poema, do qual a protagonista é a sociedade com o nome de Rigolboche...»

Se o realismo de S. S. é de semelhante espécie, quer-nos parecer que lhe são perfeitamente aplicáveis as palavras com que Guerra Junqueiro satiriza o lirismo:

— o poeta moderno vive fora da ciência e fora da indústria. Não conhece a oficina, conhece o Boulevard e não conhece o laboratório, conhece o restaurante, sabe os escândalos, vê as cocótes, frequenta os teatros, fuma nicotina, bebe conhaque... A originalidade preocupa-o.

A originalidade, neste caso, quer dizer aberração.

É a demagogia artística, o ateísmo literário.

Já vê, pois, S. S. que os extremos tocam-se.

Mas não é pela simples questão de forma, desculpável pela rapidez com que parece ter S. S. escrito o seu pequeno volume, é questão de ideias, que nós desejamos discutir no terreno sempre nobre da crítica elevada e séria, que engrandece e não abate.

E S. S. um verdadeiro adepto da escola realista, que tem por denodados propagadores Guerra Junqueiro, o profeta da MORTE DE D. JOÃO, Guilherme Braga, o fantasista dos FALSOS APOSTOLOS, Guilherme de Azevedo, o sonhador da ALMA NOVA, Anthero de Quental, o

poeta das ODES MODERNAS, e Fontoura Xavier, o arrojado autor do REGIO SALTIMBANO?

É esta a questão que propomos, visto que as ideias de S. S., quer enunciadas na tribuna popular, quer impressas no seu livro, não o provam exuberantemente.

As suas produções A BEATRICE, A MINHA AMADA, ESTATUA, e IMPROVISO, são versos transpirando do fragrantíssimo lirismo; tão injustamente condenado por S. S.; ao passo que AQUELLA MULHER e suas ideias verbalmente emitidas demonstram no distinto escritor pronunciada tendencia para o SATANISMO, de que trata Gomes Leal nas CLARIDADES DO SUL!

Para esta discussão, que será mantida com o cavalheirismo e delicadeza de homens que se prezam, chamamos S. S., bem como o seu modesto defensor, Elpídio, que satirizando os aristachos encapotados, por certo não se eximirá envolto no manto em que se oculta — MAS TERÁ A NOBRE CORAGEM DE ENVOLVER-SE A LUTA ESCUDADO COM AS ASSINATURAS.

DAMASCENO VIEIRA.

DIÁRIO DO RIO GRANDE, QUINTA-FEIRA 28 DE AGOSTO DE 1879, P.1

As novas ideias

(Ao Sr. Damasceno Vieira)

A poesia lírica é a fé, o
entusiasmo, a energia
das convicções revelam-se
nos cantos do coração.
LOPES DE MENDONÇA.

Inspirado poeta, há quinze dias
Recebi vossos versos realistas,
E desde então em cismas, em vigílias,
Correu minha existência.

Muitas vezes
Levanto-me orgulhosa, empunho a pena
Disposta a responder-vos: — Já sou outra,
"Sigo agora outra ideia, vós tivestes
O poder de mudar as minhas crenças;
Pela brilhante estrada do Progresso
(Que chama — errônea — a nossa antiga
crença);

Resoluta caminho, e como outrora
Não me enlevo a cantar ilusões mortais.

Desalentos, suspiros ou saudades:
O lirismo, esse inválido indolente,
Ao abismo arrojei;

Enfim já vivo,
Pois que apenas no mundo eu vegetara!”

Mas após pensamentos tão sublimes
Contra mim me revolto:

Pois é crível
Que eu possa abandonar ideias santas
Que comigo nasceram?

Que eu arroje
Ao frio esquecimento o doce arcanjo
Que tanta, tanta vez me há inspirado?

Não, não quero seguir ideias novas!
Deixo a Pelletan, lá do sepulcro,
A glória de bradar: — o mundo marcha —.
Mais importantes coisas tenho, eu dito,
Sem que por isso o mundo se converta.

Na falta de modéstia com que escrevo
Não deveis reparar; é o único ponto
Que do progresso já ufana eu sigo.

Isto aqui posso expor, mas de passagem,
Pois nada vem ao caso, me parece.

Depois (suponho eu) mulher que sonha
Pode também formar corações meigos,
Não é fera insensível; carinhosa
Pode ser companheira, mãe ou filha,
Extremosa, sujeita e resignada
À sorte que o destino preparar-lhe...

E... sendo assim, perdoa, caro poeta,
A cismar decorreram longos dias,
Em que, sem o querer, a vossos olhos
Por incivil passei:

Mas desculpai-me.
Bem vedes que levei a ver se acaso
Conseguia saber qual o motivo
Por que mais úteis, mais gentis, mais belas

São tais ideias novas.

Rio Grande, 30 de julho de 1879.
Penserosa.

DIÁRIO DO RIO GRANDE, 19 DE JULHO DE 1882, P.1

GARIBALDI

I
Além! na formosa Itália,
Na pátria de Tasso e Dante,
Paira o luto que anuncia
Essa mágoa excruciante
Que avassala uma nação,
Quando a lei da natureza
Impassível se desata
E em seu curso lhe arrebata
Um filho do coração!

II
Vê-se a dor acentuada —
Essa dor que exprimo tanto,
Sem poder ser expressada!...
E naquela explosão
A grande luz que redime
Da opressão os oprimidos,
E que aos povos sucumbidos
Faz nascer um Macabeu!

III
Não chora a Itália somente
Essa perda irreparável —
Que por onde passa a glória
Deixa um rasto inapagável.
Esta América também,
Admirando-lhe a coragem,
Contemplou-a em seus lampejos,
Qual águia que nos adejos

Novos céus divisa — além!

IV

Garibaldi! Garibaldi!
Este nome sublimado
Pela voz da liberdade
Há de ser sempre invocado!...
Nem as asas do tufão,
Nem a voragem do tempo
Poderão levá-lo consigo,
Zombar dele e, num jazigo,
Esconder-lhe a irradiação!

V

Nesse leão de Caprera
Havia rasgos de heroísmo
Que somente eram bebidos
Nos impulsos do civismo!
Recrescia-lhe o fervor
Quando via a tirania
Levantar seu estandarte,
E contra ela em toda a parte
Tinha o povo um lidador!

VI

Contemplava a liberdade
Como a estrela do seu norte,
Por ela a tudo se expunha,
Não sabia o que era a morte.
Era o primeiro a correr
Em auxílio da fraqueza —
Tinha sempre em pensamento
Erguê-la do abatimento,
Seus direitos defender.

VII

Mil perigos e batalhas
Provaram-lhe a valentia,
E ninguém mais generoso
Pelos povos combatia!
Foi o apóstolo sem rival
Da unidade italiana;
Consagrou-lhe em nobre preito
Quanto amor tinha no peito,
A vida inteira — afinal!

VIII

Neste canto rio-grandense,
Cuja história é uma odisseia,
Nesta terra onde o civismo
Altivo e nobre campeia; —
Neste esplêndido alcáçar
Onde um Netto, um Canabarro,
Conquistaram nome e glória,
De Garibaldi a memória
Nunca mais se há de apagar!

Pelotas, 1882.
Bernardo Taveira Júnior

DIÁRIO DO RIO GRANDE, 11 DE ABRIL DE 1886, P.1.

O mosquito

O mosquito infernal! ó vil bichinho!
Vai bem longe tocar tua trombeta;
Com esse teu zunir, parece peteca!
És correto—sim, porém daninho.

Se teimas... ah, maldito! ah diabo!
E te chega a pilhar, adeus cortesia!
Nunca mais a vossa ideia n'este planeta
De novo se ouvirá do gatinho.

Ó biltre! continua zunindo!
Espera! espera! — mal te acerto agora!
Já vais do teu triunfo zombando!

Mas não tomas caminho, ó miserando!
Ainda, incorrigível, impertinente,
Fim... fim... zas! Pilhei-te—cantagora!

Bernardo Taveira Junior.
Pelotas — 1886.

DIÁRIO DO RIO GRANDE, 28 DE JUNHO DE 1892, p.1

Os socialistas

Que ideia fazes tu dos magros operários,
Que tentam esmagar o novo Luz onde?...
São Cristos, carregando as cruzes dos Calvários...
Altivos Protheus, em Cáucasos de bronze!

Eles de longe vêm, exaustos e cansados,
Assim como os heróis que voltam do combate;
Mas ah! os parias vis, os grandes desgraçados,
Não ouvem o clarim mavórcio do resgate...

Eles de longe vêm; famintos e sedentos,
Debalde vão bater às portas da oficina;
Queimados pelo sol, transidos pelos ventos,
Vão da miséria ao crime... e d'este á guilhotina!

E assim passando vão, sombrios, desvairados,
Os filhos, os irmãos, os pais e os maridos...
Deixando, na nudez dos lares apagados,
A prole, sem arrimo, exposta a vis bandidos.

Andando dia e noite a procurar trabalho,
Nos palácios dos reis, nas quintas dos burgueses;
Podiam muito bem, com as cartas de um baralho,
Ter mais sério papel nos nossos entremezes...

Podiam muito bem, à beira de uma estrada,
As bolsas arrancar aos filhos da opulência,
Que costumam passar, às três da madrugada,
De volta dos bordeis, quebrados de indolência...

Podiam muito bem, à moda dos bandidos,

Fazer uma emboscada, á noite, nas esquinas;
Ou seguir o exemplo usado entre os maridos,
Que cedem a mulher por libras esterlinas...

Sim; porque tu bem vês que a barregã da noite
Oculta no seu manto o adultério, e o crime;
Nem falta por aí albergue onde se acoite
O criminoso audaz que às nossas leis se exime.

Podiam, porém—não!... Aquelas grandes almas,
Salamandras da honra em fogo de miséria,
Preferiram colher dos mártires as palmas
A sentir o remorso a lhes queimar a artéria.

E esperaram, de pé, humildes, macilentos,
Com o chapéu na mão, a ferramenta ao lado,
Nas ruas, nos hotéis, nas lojas, nos conventos,
Que lhes dessem trabalho e dessem ordenado.

Esperaram à toa... Os velhos argentários
Passavam na fluidez das segues opulentas;
Sorria a meretriz aos moços milionários,
Cantava a burguesia umas canções sebentas...

Esperar é sofrer! e sofrer é um delírio...
O delírio é loucura; ao louco Deus perdoa!
Como é então que o rei (zombando do martírio
Da triste multidão que espera em vão, à toa)

Condena o desvario esplendido e sublime,
De quem quiz trabalhar para matar a fome,
E, não vendo trabalho, então pensa no crime,
Procurando um alívio á magoa que o consome?...

Fidalgos! padres! reis!... Tremei da ideia nova,
Que vos reduz a isto: INFAMIA e COBARDIA.
Socialistas, avante! Abri a grande cova
Que a de esconder os reis, o clero e a fidalguia!

Mucio Teixeira.

DIÁRIO DO RIO GRANDE, 06 DE ABRIL, 1902, p.1

BERÇO EM FEBRE

(Inédito)

Ao meu irmão Alfredo.

Santa Luzia, imaculada e beata,
Um lampadário rutilo de prata;
Aqui te ponho sobre o branco altar!
Pobre de mim! Também ceguei, um dia,
- A cegueira dos que andam a chorar,
O Mãe dos olhos tristes dos ceguinhos! –
E faz agora um mês:
Foi me filhinho, o Paulo, quem me fez
Cegar de mágoa, quando tudo ria
Pela boca dos cravos e dos ninhos...

Descia a tarde. Havia no arvoredo
O sonolento espasmo do poente;
Em cada canto, a hipótese de um segredo
Em cada lábio, a contricção de um crente...
Naquele instante, tudo
Tinha a harmonia grave e sugestiva
Duma fantástica oração festiva,
Cantada pelo manso olhar de um Mudo!

E eu via o meu filhinho,
Na quietude monástica da tarde,
Pedir água das fontes do caminho,
|(Jesus! como a febre arde!)
Mas água de dilúvios, água benta,
Para a sede dos lábios, cor dos lírios...
Hora soturnas de agonia lenta,

Descendo pela torre dos martírios!
Mentia a medicina;
E a torturada mãe, lavada em prantos;
Do filho ungindo a boca pequenina,
Em cada beijo punha os óleos santos.
As mães tem mais coragem;
E estonteado, a chorar, varzeado em fora,
Fui ter com Deus... e mais, Nossa Senhora.
Ai que bonita imagem
Ali me estava a olhar!

Ninguém na ermida, além das minhas dores,
Só tu me salva, Virgem, se lá fores!
E assim me pus de joelhos a rezar.

Não sei... Não sei depois,
Se ela de mim, no voo, se perdeu,
Ou se andou a seguir-me no caminho...
Mas com certeza, os dois,
Rodeados de anjos, vindos lá do céu,
Velamos toda noite o meu filhinho!
Penso que fora assim:
Pois no outro dia a luz da madrugada
Que é a alva irmã de leite do luar,
Tremi de assombro, ao ver junto a mim,
Pálido, o filho e a mãe, divinizadas,
Sorrindo o filho, e a mão a soluçar!...

Santa Luzia, imaculada e beata!
Um lampadário rutilo de prata
Aqui te ponho sobre o branco altar!

Mario de Artagão

DIÁRIO DO RIO GRANDE, 25 DE DEZEMBRO DE 1902, p.1

Natal
Vinde a mim

Foi isto o que Jesus
Um dia disse as mansas criancinhas;
E deu-lhes o bom céu, cheio de luz,
O calmo céu das velhas crenças minhas...
Por isso mesmo, filhos eu repito
Nesta amorosa noite do Natal!

Há festa no infinito!
Ouço a marcha triunfal
(inelegível)

(...)
Como jesus, filhinhos, eu também
Quisera dar-vos um presente raro:
Mas por desgraça, tudo, tudo é caro,
Para um pobre como eu que nada tem!

Vida é feita assim
No suarento pão de cada dia
Moureja o sonhador em mágoa imerso
Como acontece a mim
Mas também sem a dor, não haveria
Esta musica Sacra do meu verso
Joias, meus filhos, quem me dera tê-las
Somente a fada azul de uma quimera
Nesta noite, o Selika, é quem poderá
Dar-te um colar, mas um colar de estrela
Para a Zuleika, assim tão pequenina,
Falando francamente

Nem mesmo sei que mimo serviria
Talvez que uma asa branca
Franjada de neblina,
Desta que em sonhos a minha alma arranca,
Impiedosamente,
As garças ideais da fantasia!
Resta-me o Paulo - e para o pobrezinho
Apenas tenho o meu castelo antigo,
Onde o noivado santo que bendigo,
Deu-me três filhos para o mesmo ninho!
Neste voo sereno, azul em fora.
Bate tranquilo o coração de um pai
Ide dormir, agora!
Ide dormir, sonha!

Mario de Artagão

DIÁRIO DO RIO GRANDE, 14 MAIO DE 1862, P.1

CARAPUÇAS AEREAS

Primeira carta do Simplicio Carapuceiro a sua filha Conegundes

I.

Há um ditado que diz:
- Depois de velho gaiteiro;
Eu acho que é verdadeiro
Este ditado antigo,
Pois a prova está comigo.

II.

Quem diria, minha filha,
Que teu pai, carapuceiro,
Sendo homem verdadeiro,
Nada tendo de pateta,
Desse agora em ser poeta?

III.

São coisas, dirá alguém;
Eu digo que foi mania,
De querer na poesia
O meu bedelho meter,
-Agora que ei de fazer?

IV.

Quero também como muitos
No tal Pegasso montar:
E quando a Castalia chegar,
De água que lá correr,
Alguma pretendo beber!

V.

Logo então, eu serei vate!

Destes de papo amarelo
E com arte e gosto belo
Contarei cá da cidade,
O que for de novidade!

VI.

Não julgues, filha querida,
Que eu vá bolir na privada;
De certa gente engomada,
Que por aqui vai andando,
E fidalguia intimando!

VII.

Isso não, Deus me defenda!
Não é este meu desejo,
Eu só, queridinha almejo,
Que tu lá fiques sabendo
O que por cá vai havendo.

VIII.

Nada mais ajuntarei
Nas cartas que te escrever,
Porque quem sabe viver,
Bem com todos, minha filha,
É uma grande maravilha.

IX.

Quem tiver o pouco senso
De uma só palavra dar,
Ou pretender censurar
Os desmandos dos mandões
Anda logo aos trambolhões.

X.

A vista disso já vez,
Que eu não quero me ocupar
E em segredos divulgar.
Porque bolir em vida alheia
É uma coisa muito feia!

XI.

O que eu tenho na tensão,
E o que, menina pretendo,
É daquilo que for vendo
Os milagres te dizer
Porém o santo esconder.

XII

Das carapuças que talho
Nenhuma é de encomenda,
Se houver alguém que pretenda
Na cabeça a encaixar
É porque certa há estar.

XIII

Não será, pois, novidade
De quando a obra feita
Alguma ver que se ajeita
Como coisa encomendada
E por medida cortada.

XIV

A culpa não será minha,
Desde já eu vou dizendo:
Porque estou escrevendo
A filha que a mim só ama
E que notícias reclama.

XV.

Para exordio é já bastante,
Entrarei, pois, em matéria,
E será por coisa séria
Que ei de principiar
Para assim não desgostar.

XVI.

Há poucos dias morreu
Um preto que vivo estava!
Quando ele mal pensava
Caiu para trás... E morreu,
E seu senhor o perdeu!

XVII.

Não somos nada, está dito.
Estar um homem perfeito
Mui contente e satisfeito
E, de repente morrer!
É custoso de sofrer!

XVIII.

De continuo eu peço a Deus,
Em minha costumeira oração
Que, quando tiver tensão,
De junto a si me chamar
Com algum tempo me avisar.

XIX

Quero fazer testamento
E meus negócios por a jeito,
Porque pode algum sujeito
Assim em ar de caçoada,
Fazer-me alguma ralada!

XX

Disto, muito se encontra,
Quem faça sem ter receio,
Ponto está saber o meio,
Porque o fim é com certeza
Aumentar maior riqueza.

XXI.

Outra grande pepineira
De avultado valor
É de órfão ser tutor,
(Alguma exceção salvando)
Tudo o mais vai se arranjando.

XXII.

Participo-te filhinha,
Que o baile da aristocracia
Esteve em grande apatia
Porque o sexo querido
Foi pequeno e resumido.

XXIII.

Tu sabes bem que um baile,
Para ser apreciado
Deve estar bastante ornado
Destes anjos sedutores,
Receptáculos de amores!

XXIV.

Um rapaz meu conhecido
Prometeu-me com certeza
Que daria-me clareza
Do que por lá for havendo,

Para eu ir te escrevendo.

XXV.

Ficará, pois, adiado,
Para o baile de outra vez
Que será daqui um mês;
Assim pois é esperar
E de outra coisa tratar.

XXVI.

Para futura pretendo
Ser mais noticioso:
Ainda estou vergonhoso
E com receio de errar,
É necessário apalpar.

XXVII

E como esta já vai
Muito maçante e comprida,
Vou já dar-te a despedida:
E Deus te bote a benção
Filha do meu coração

Pelotas, 11 de maio de 1862

DIÁRIO DO RIO GRANDE, 21 DE MAIO DE 1862, P.1

CARAPUÇAS AEREAS

Segunda carta do Simpliciano Carapuceiro a sua filha Conegundes

I.

De novo pego a pena,
Filhinha do coração,
A cumprir a obrigação
Que tomei de te escrever
E alguma coisa dizer.

II.

Mas a falar a verdade,
Em talas estou metido,
Pois em vão tenho querido
Novidades alcançar:
Nada há para contar.

III.

O meu agente faltou-me
Com o que tinha tratado:
E eu nele estando fiado
No negócio descansei
E... Amolado fiquei!

IV.

Assim já vez, meu amor,
Que a culpa não foi minha,
Porque ele disse que tinha,
Certa notícia a contar
Que te havia de agradar.

V.

Porém, quando o procurei,
Deu-me parte de doente!
Assim faz muita gente,
Com grandes oferecimentos,
Que não passam de fingimentos.

VI.

Mas de lá por onde der,
Em falta não ficarei,
Tais jeitinhos eu darei,
Que alguma coisa hei de achar
Digna de te contar.

VII.

O Albarda e o Maranhense
Em Sevelão disfarçados
Quiseram como engraçados,
A cartinha analisar,
De quem os há de sovar!

VIII.

Eles para cá vem de carro,
Mas voltarão de carroça!
A palha que tenho é grossa,
E eu não tenho tensão
De lhes dar muita ração.

IX.

Porém se eles quiserem,
Eu já estou prevenido:
A te contar no ouvido
Coisinhas muito galantes
Destes dois grandes birbantes!

X.

Quem tem rabo não se assenta,
É ditado muito antigo;
Quem vier bolir comigo
Sem motivos eu lhe dar
Churinada, há de levar!

XI.

A nossa boa polícia
Que está entre duas Cunhas,
Agarrou com suas unhas
O Sarmat Agrimensor
Acusado... matador!

XII.

Segundo o que me disseram.
A prisão foi importante;
Porque este meliante,
Várias vezes tem zombado,
De quem o tem agarrado!

XIII.

Oxalá! Que agora fique,
Preso com segurança:
E que seja sem tardança
Sua sentença lavrada
E a moral desagravada!

XIV.

Ele há de ir a Canguçu,
(Dispense-me a expressão)
Receber a decisão
Que o júri determinar
Daquele belo lugar.

XV.

Eu já tenho como certo
Que por fim, a conclusão,
Será – a absolvição!
Porque um empenho bem feito
Bota muita coisa a jeito.

XVI.

Porém, contudo cuidado!
Pois sendo o preso manhoso,
E o caminho perigoso
Pode que – casualmente...
Sumir-se o réu de repente.

XVII.

Já por aqui há quem diga,
Em boca muito pequena,
Que zombando ele da pena,
E certo da impunidade,
Passeava na cidade!

XVIII.

Dizem mais os faladores,
Que ele deu ocasião,
De ser levado a prisão,
Para com mais brevidade,
Alcançar a liberdade.

XIX.

E quanto a isso, menina
Eu nada digo a respeito;
Sei que há muito jeito
Para pulgas terminar
-Nada faz admirar.

XX.

O relógio da matriz,
Anda louco há muito tempo!
Não sei se é a chuva ou vento,
Ou de ter chegado o frio
A causa deste desvio.

XXI.

Segundo o meu parecer
Deve andar bem regulado
Ou então fique parado,
Porque relógio que é louco
Faltando, perde-se pouco.

XXII.

Antigamente a ilustríssima,
Parece-me que pagava
A quem do bicho cuidava,
E creio que até agora
Este cobre bota fora.

XXIII.

Eu peço que me desculpes
Este meu franco expressar
Porque eu chamo esperdiçar
Quando vejo dar dinheiro
Sem proveito verdadeiro.

XIV.

- O teatro... continua,
Cheio de animação
Embora a desbagação
Cada vez seja mais forte
E traga todos no corte!

XXV.

A benefício do aéreas,
Foi bastante concorrido:
Houve espetáculo escolhido,
E a porfia os atores
De aplausos foram credores.

XXVI.

Os lampiões cá da terra
Tem umas luzes tão finas,
Que parecem lamparinas
E se melhora não há,
Creio que em nada ficará!

XXVII.

Houve tempo que isto era
Com mais cautela tratado;
Torne, pois, ao antigo estado,
E não nos deixem as escuras
Que não terão mais censuras.

XXVIII.

Olha, filha querida,
Se o Albarda pretender
Na minha privada morder,
Grita jogo sem temer
-Sai-te daqui GANHADOR!

XXIV

Se vires o quero-quero,
Que lá é aduaneiro,
Vir também todo lampreiro
Intimando de poeta

Chama-o logo de PATETA!

Pelotas, 18 de maio de 1862

DIÁRIO DO RIO GRANDE, 28 DE MAIO DE 1862, P.1

CARAPUÇAS AEREAS

Terceira carta do Simplicio Carapuceiro de Pelotas, a sua filha Conegundes do Rio Grande

I.

Estou filha, incomodado,
E com bastante razão;
Porque na qualificação,
Que inda ontem terminaram,
Na ativa me botaram!

II.

Quem tal diria, menina;
Eu, que sou já tão idoso,
E além disso gotozo!
Ver-me agora feito criança,
Metido na contradança!

III.

Desde já vou protestar,
Contra um tal atentado!
Eu não posso ser soldado,
Porque fui miliciano,
E hoje sou veterano!

IV.

No conselho de recurso
Vou meter requerimento;
Hão de fazer-me sargento,
Ou então ser dispensado
De pegar no pau furado!

V.

Esse alguém não atender,
Há um tão justo pedido,
Atesto que sou rendido,
E na inspeção agora,
Com certeza pulo fora!

VI.

Tu não deves estranhar,
Em assim eu proceder,
Porque muitos hão de haver
Que nada tendo a alegar,
Para reserva hão de passar.

VII.

Assim pois, não te admires,
Se alcançar o que desejo;
Porque alguns aqui eu vejo,
Já andarem se gabando,
E ao patronato agarrando.

VIII.

Se bem que eu podia agora,
Ser na proposta encartado,
E de um simples soldado
Agarrar uma patente,
Quando menos, de tenente!

IX.

Eles agora pretendem,
Transformarem a seção,
Em luzido batalhão!
E quem quiser figurar,
É tempo de aproveitar.

X.

Mas eu, nada disso quero,
Porque me acho cansado,
E pela idade curvado
Desprezo esses galões,
Que só servem nas eleições!

XI.

Bastante tenho falado,
Na tal guarda nacional,
Não sei se fiz nisto mal,
Em ter só dito o sinto:
Óh! Menina, eu cá não minto.

XII.

Mas antes de concluir,
Inda me resta dizer,
Que uma música vai haver,
Só por menores tocada,
E por bom mestre ensaiada.

XIII.

A polícia cá da terra,
De novo quer estorvar,
De se poder galopar!
Não acho má a medida,
Se ela for bem cumprida!

XIV.

Porém se acaso houver,
Um ou outro afilhado,
Está o caldo entornado;
E então logo hão de ver,

O que o povo há de dizer.

XV.

Dirá cheio de razão,
Que temos leis de borracha,
E que a justiça só acha,
Que deve ser perseguido,
Quem da sorte é esquecido.

XVI.

Para não haver clamores,
E contentar toda agente,
Puna-se o delinquente,
Seja lá ele quem for,
Que terão disto louvor.

XVII.

-Indo há dias visitar
A um rapaz conhecido,
Que na cadeia está metido,
Vi que o tal carcereiro,
Nada tem de cavalheiro.

XVIII.

Segundo aquilo que vi!
Alcancei que este senhor,
É muitíssimo imposto,
E fica todo zangado,
Quando um preso é visitado!

XIX.

Diz que com gente que foge,
É pouco toda a cautela,
E não quer ser sentinela,

Porque tem mais que fazer
Do que aos presos atender.

XX.

E então, o que me dizes,
Ao dizer do tal pimpão?
Ele que tem obrigação
De na cadeia habitar,
Somente quer passear!

XXI.

Outra vou te contar,
Deste ioiô engraçado;
Foi pedir ao delegado,
Todo em mesuras desfeito,
Uma lei lá a seu jeito!

XXII.

Pediu com toda finura,
Que o delegado ordenasse,
Para que só se visitasse,
Os presos, uma vez por dia,
Porque assim ele queria!

XXIII.

Felizmente, a autoridade,
Deu-lhe um grande carão!
Fez-lhe ver a obrigação,
Que ele tem a cumprir,
E a nada quis anuir!

XXIV.

Agora, filha querida,
Para esta terminar,
Alguns conselhos vou te dar,

E se a eles tu atender,
Não te has de arrepender.

XXV.

Se vires bojudo frade,
Com uma cara de santinho;
Chapéu de sol de paninho,
Moral querendo incutir,
Tu dele deves fugir.

XXVI.

Se qualquer um rapazola,
Quiser contigo casar;
E grande luxo ostentar
Não tendo donde lhe vir,
Tu dele deves fugir.

XXVII.

Se vires moça galante
Toda cheia de polvilho,
Dando corda a um peralvilho,
De olhar meigo e sedutor,
Não lhe de muito valor.

XXVIII

Quando qualquer jornalista,
Jogador e caloteiro,
Que se vendo por dinheiro!
Virtudes apregoar,
Não deves acreditar.

XXIX.

Viuvinha que costuma,
Dormir acompanhada,

Com a prima ou a cunhada,
Alegando que tem medo,
Dirás logo – casa cedo -!

XXX.

Se no meio da semana,
Tu vires um remendeiro,
Parolando o dia inteiro,
Deixa a obrigação,
Chama-o logo - Mandrião!

XXXI.

Negociante que arrota,
Muita posta de pescada;
E anda com a bolsa apertada,
Faltando a seus pagamentos,
Tu encontrarás aos centos!

XXXII.

Se com essas carapuças,
Algum mortal se ofender!
Tu logo deves dizer,
Que pode dela dispor
Como seu possuidor!

XXXIII.

Já é tempo, minha filhinha,
Desta carta concluir;
Vou já para rua sair,
E alguns momentos passar,
Vendo os ratos trabalhar!

Pelotas, 25 de maio de 1862.

DIÁRIO DO RIO GRANDE, 7 DE JUNHO DE 1862, P.1

Quarta carta do Simplicio Carapuceiro de Pelotas, a sua filha Conegundes no Rio Grande.

I.

Pela quarta vez, menina,
Notícias minhas vou dar;
Eu continuo a gozar,
Uma perfeita saúde;
Assim sempre Deus me ajude.

II.

O teu cãozinho mimoso,
Tem andado impertinente,
Porque acha-se doente
De uma bola que comeu,
Que por um triz não morreu!

III.

O tal sujeito que está,
Da matança encarregado,
É bastante desalmado!
Ou presta pouca atenção,
A tão nobre obrigação!

IV.

Acho duro de sofrer,
A pagar a gente imposto,
Pra não ter um cão de seu gosto,
E quando menos pensar,
Ver o bichinho expirar!

V.

Se o direito que se paga,

Não serve de garantia,
Acho ser tirania:
É um roubo feito ao povo
Este tal direito novo.

VI.

- Hoje vão principiar
Os leilões do Espirito Santo,
Eu pretendo lá de um canto
Bons pratinhos desfrutar,
Para ao depois te contar.

VII.

O festeiro deste ano
Promete muito fazer;
Ponto está ele querer,
E se for firme no intento,
Teremos festa de espavento.

VIII.

Para a futura semana,
Do que nela se passar,
Fielmente ei de narrar;
Do nada me esquecerei
Tudo a ti eu contarei.

IX

O agente do correio
Já pediu a demissão,
De tão árdua ocupação;
Não quer mais se incomodar,
É velho vai descansar.

X.

Muitos são os pretendentes
Que desejam a fatia,
Eu também, bela, queria,
Tão bom emprego obter,
Que por força a de render.

XI.

Um nobre cá da terra,
Com quem amizade tenho,
Já meti o meu empenho;
E se não ficar logrado,
Serei em breve nomeado!

XII.

Mas como a melhor bolota
Para o mais ruim porco é,
Talvez me deixem a pé,
E vão largar o emprego,
Na mão de algum torto ou cego!

XIII.

Mas eu que estou prevenido,
E como tal despeitado,
Trarei sempre num cortado,
O novo administrador
Se digno disto não for.

XIV.

O emprego do correio,
Não deve ser concedido,
Sem ser primeiro atendido,
Se o pretendente merece,
O lugar que se lhe oferece.

XV.

- As nossas ruas estão
Em muito péssimo estado!
A não ser pouco cuidado,
Que neste serviço há,
Não sei então o que será.

XVI.

Aves e cachorros mortos,
Com o seu cisco a mistura,
Mesmo quem não procura
Encontra sem dificuldade
Na nossa boa cidade!

XVII.

Não sei de quem é a culpa,
Porém o mal esta patente;
Seja o fiscal diligente,
E tenha mais atenção,
Com a sua obrigação.

XVIII.

- No domingo que passou,
Fui ver os ratos brincar,
É coisa de admirar,
Ver um rato em corda tesa,
Entender língua francesa.

XIX.

Os tais atores quadrupedes
São bicho endiabrados,
Estão muito bem ensaiados,
E obedecem sem rigor,
A voz do seu diretor!

XX.

Não há mais que descobrir,
Para o dinheiro obter;
Estou, menina, a dizer,
Que inda tempo há de chegar,
Que os bichos hão de falar!

XXI.

O progresso a largos passos,
Sem parar vai caminhando!
Tudo se vai apurando!
E aquele que for vivendo,
Coisas novas a de ir vendo!

XXII.

-De novo, filha querida,
Alguns conselhos vou dar-te,
Tu não deves zangar-te,
Desta minha mania,
Que cresce de dia em dia!

XXIII.

De mulher que fala grosso,
De homem que fala fino,
De velho feito menino:
Que em tudo quer bulir,
Tu deves filha, fugir.

XXIV.

Se qualquer um figurão,
Destes de comenda ao peito,
Cheio de caricia e jeito,
Te pretender seduzir,
Tu deves dele fugir.

XXV.

Se vires algum Barão,
Maculando-se literário;
Qual outro plagiário,
Dizendo ser dramaturgo;
Chama-se logo de matungo.

XXVI.

Se qualquer um agiota,
Ou mesmo rebatedor,
Dizer que é só por favor,
Que vai dinheiro emprestar,
Não deves nisso acreditar.

XXVII.

Se leres em fofo anuncio,
Remédio que tudo cura,
Desde a leve arranhadura,
Até o grave estupor!
Não lhe dês nenhum valor.

XXVIII.

Se tu vires criançolas,
Alvoroçadas em escritores;
Que lançam a sua rede,
Porque do cobre tem sede!

XXIX.

Se algum dia cá vieres,
E vires o pobre velho,
Que a todos dá conselhos,
Com carapução na mão,
É teu pai – toma-lhe a benção.

Pelotas, 1 de junho de 1862.

DIÁRIO DO RIO GRANDE
SEXTA-FEIRA E SÁBADO 4 DE JULHO DE 1862, P.1.

Quinta carta do Simplicio Carapuceiro de Pelotas, a sua filha Conegundes no Rio Grande.

I.

Tu deves, filha querida,
Bastante zangada estar,
Porque deixei de contar,
O que por cá se passou,
Na semana que findou.

II.

Porém, menina a preguiça,
Foi mais forte que o dever,
Eu bem queria escrever,
Mas a maldita agarrou-me,
E por fim, aniquilou-me!

III.

Não te admires, querida,
De ser eu agora atacado,
Pois este mortal pecado,
Dá em muita gente boa,
Que fará cá na pessoa!

IV.

Encheria mil brochuras,
E bastante volumosos,
Se eu contasse os preguiçosos,
Que por aqui vão vivendo;
- Isto é, como está vendo.

V.

É preguiçoso o fiscal,
E a Ilustríssima também!
Porque cautela não tem,
Em atender com cuidado,
Duas ruas o mau estado.

VI.

Era melhor que o fiscal,
Em vez de ser valentão,
Cuidasse com atenção,
No que tem para fazer,
Já que tão reto quer ser.

VII.

A não ser alguma multa,
Movida pelo despeito!
Nada a que tenha jeito,
Feita pelo empregado,
Que fiscaliza o mercado!

VIII.

As ruas? – é uma lastima!
Causa dó e compaixão!!
Casas a cair no chão!!!
Os terrenos por murar!!!!
E tudo vai neste andar!!!!!...

IX.

Lá na larga rua Augusta,
Canto do da Martins Coelho,
Há um tapamento velho,
Que pelo seu mal estado,
Merece ser reformado!

X.

A na rua dos Coqueiros,
Numa eminente calçada.
Uma ratoeira armada!
Que com qualquer vento forte,
A muitos dará a morte!!

XI.

Se o fiscal lá fosse um dia,
Para com seus olhos ver,
O que acabo de dizer,
Talvez se compadecesse,
E pronto remédio desse.

XII.

Porém qual, o tempo é pouco,
Para atender ao mercado;
Tudo o mais fica olvidado,
Muito embora o povo fale:
Não tem razão que se cale!

XIII.

A festa do Espirito Santo
Só hoje teve lugar,
Porque o tempo a mangar
Tem estado com o festeiro,
Cavalheiro verdadeiro!

XIV.

Os leilões também tiveram
Uma pausa regular,
Mas hão de continuar,
Enquanto houver gente nobre,
Que vá caindo com cobre!

XV.

Hão de haver os benefícios,
Que estão na ordem do dia:
Eu também, menina querida,
Num deles ser contemplado
Porque estou desbagado!

XVI.

Um requerimento já fiz,
Somente neste sentido:
Mas talvez indeferido
Saia a minha petição.
Ou não mereça atenção!

XVII.

Tive também pretensões,
De para o futuro ano,
Ser da festa o Soberano;
Mas por mal de meus pecados,
Meus cálculos foram falhados.

XVIII.

Não tem que ver, estou caipora,
E na maré do caranguejo!
Pois tudo aquilo que almejo,
As avessas logo saem,
E isto muito mal vai.

XIX.

Agora vou te contar,
Que nos leilões que tem havido
Tem muita gente afluído,
Ricos e pobretões

Porém todos figurões!

XX.

Cada qual a porfia,
Trata de arrematar,
Para as belas agradar;
E em troca de uma oferta,
Ter uma olhadela certa! ...

XXI.

É um gosto ver os pios...
Como vão ali caindo!
Elas ficam se rindo,
E gostam da brincadeira,
Que por fim é sempre asneira.

XXII.

Eu vi uma yayasinha,
Muito faceira e dengosa,
Que ao receber uma rosa,
Disse muito baixinho,
Que o sujeito era patinho!

XXIII.

E a falar a verdade,
Se há verdadeiro amor,
Não está em dar uma flor,
Assim tão publicamente,
E na presença de tanta gente!

XXIV.

Quando sente-se no peito
Um amor sincero e grato,
Não se faz espalhafato,

Se não muda a distinção,
Em vaidosa ostentação.

XXV.

Tenho muito pouca fé,
Nos tais protestos de amor
Selados com uma flor,
Ou com um ramo de alfinin:
- Ao menos eu penso assim.

XXVI.

Porém os dundys agora,
Tem diferente pensar;
Querem-se fazer amar
Pondo seu amor patente,
Diante de toda gente!

XXVII.

Que quer dizer um viúvo,
Que por sedutor é tido,
Buscar-se fazer querido!
Raminhos arrematando,
E por vaidade ofertando?

XXVIII.

Será por querer mostrar,
Que uma vítima quer fazer?
Ou somente para dizer:
- Aquela é minha amada!
Como fica tão corada?

XXIX

Se eu fora moça zombaria
Destes que tais adoradores,

Que alardem seus amores:
Eu só mostraria agradado,
A quem fosse reservado...

XXX.

Tem cuidado, minha filha,
Toma bastante cautela,
Em não caíres na esparrela;
Repara com atenção,
Dos homens o coração!

XXXI.

Alguns a que tem por gosto,
Aparências demonstrar,
Que podem prejudicar;
Estes são mais perigosos
Que os vermes venenosos.

XXXII.

Ainda outros conselhos,
Te dar, menina, querida,
Mas fica para outro dia,
Se deus ainda me ajudar,
E a vida prolongar.

XXXIII.

Basta, por hoje já basta,
É tempo de concluir;
Sem demora vou dormir,
E se preguiça não tiver,
Pra semana hei de escrever.

Pelotas, 15 de junho de 1862.

DIÁRIO DO RIO GRANDE, SEXTA-FEIRA 4 DE JULHO DE 1862, P.1.

Sexta carta do Simplicio Carapuceiro de Pelotas, a sua filha Conegundes no Rio Grande.

I.

Tu não fazes uma ideia,
Nem podes avaliar,
O quanto é duro de ocupar
O grau de correspondente,
No meio de certa gente.

II.

Se um triste escrevinhador
Quer ser reto e verdadeiro,
Chama-o logo de brejeiro,
E dizem que é mal feito
Criticar qualquer defeito!

III.

Se não conta com certeza
Aquilo que tem havido,
E passa despercebido.
Ficando mudo e calado,
Dizem logo – é combinado.

IV.

Bolindo nalguma chaga,
De qualquer um figurão,
Ai! Jesus! Temos função.
Falam em dar um costeio,
Como quem vai de passeio.

V.

Finalmente, minha filha,
Seria um nunca acabar
Se eu fosse a mencionar
O quanto sujeito esta
Aquele que notícias dá.

VI.

E quando falta o assunto,
Nada havendo de dizer,
Tendo a gente por dever
Alguma coisa contar?
-Isto que é um amolar –

VII.

Porém, felizmente agora,
Isso assim a mim não acontece,
Pois muita coisa se oferece
Digna de se mencionar
Que por força há de agradar.

VIII.

Por exemplo: os ratoneiros,
Dão matéria muito vasta,
Porque esta nobre casta
Cresce de dia em dia,
Com mais garbo e bizarria!

IX.

Na semana que passou
Alguns deles visitaram,
Uma casa onde encontraram,
Dentro de uma secretaria
Uma sofrível diária.

X.

O roubado foi ligeiro,
Livre de toda malicia,
Dar parte disso a polícia,
E ela logo em continente
Fez perder muita gente.

XI.

Porém qual! até agora
Nada se tem descoberto,
E o que há de mais certo,
É o dono ficar roubado
E tudo no mesmo estado!

XII.

Numa loja de fazendas,
Foi alguém experimentar,
Se as portas davam lugar.
E se ofereciam passagem
Para noturna pilhagem.

XIII.

Houve quem ouvisse a bulha.
E não tardasse a gritar
Dando isso lugar,
A escapula do sujeito,
Que é ratoneiro imperfeito!

XIV.

Não deve causar surpresa
Estes acontecimentos;
Podiam haver aos centos
Porque as patrulhas descansam,
E um passo não avançam!

XV.

Elas também têm razão,
O tempo anda invernoso,
E além disto chuvoso;
Como se pode rondar
Sem risco de constipar!

XVI.

Agora menina vou
Dos leilões inda falar,
Tenho muito que te contar
Desta agradável função
De minha veneração.

XVII.

Obtiveram beneficio
Caridade, luz e asilo,
- Eu não concordo com aquilo,
E não cesso de gritar
Que isto não tem lugar.

XVIII.

Haja festa do Divino
Porém não com patacoadas,
De leilões e caçoadas,
Porque muda a devoção
Em vil especulação!...

XIX.

A religião vai perdendo
Muito de seu primor,
Porque o especulador
Com a mira no interesse
De tudo o que é Santo esquece!

XX.

Mas como ia contando,
A respeito dos leilões;
Houveram rematações
De todo preço e valor
A bem do Imperador.

XXI.

Grande foi a concorrência
Do belo sexo amado,
Muito rostinho engraçado
Mas também alguns haviam,
Que jiboia pareciam!

XXII.

Eu então que ao pé das belas
Fio logo derretido!...
Do mundo estava esquecido
E noite e dia pensava
Nas horas que ali passava.

XXIII.

Porém não era só eu
O único admirador
Dos anjinhos do senhor,
Muitos rapazes lá estavam
Que das meninas gostavam.

XXIV.

Até houve uma noite
Junto a elas, no leilão,
Renhida e forte eleição.
Movida pelos marmanjos

Sobre a beleza dos anjos!

XXV.

Duas belas ostentavam,
Todo garbo e gentileza:
Iguais eram a beleza,
Nos olhares sedutores,
Inspiravam mil amores!

XXVI.

Lembram-se então alguns,
Em apurar a perfeição,
E fazendo uma eleição,
Buscaram desta maneira
Ver qual seria a primeira.

XXVII.

Tinham que dar o seu voto.
Todos que ali passavam,
Uns logo se agradavam.
Da romântica mimosa,
Outros, porém da dona da rosa!

XXVIII.

Finalmente, o Braz Mimoso,
Quando ali apareceu
Também o seu voto deu!
Com voz de cana rachada,
Que causou muita risada!

XXIX.

Logo após, um grande zum-zum,
Levantando dentre o povo,
Fez-se crer que não haveria fogo,
Porque o nosso delegado,

Assim o tinha o DECRETADO! ...

XXX.

Ao princípio duvidei,
De tamanha caçoada!
Mas o povo em debandada
Pra suas casas marchou
E tudo assim acabou!...

XXXI.

A causa deste sucesso,
Eu não te posso explicar,
Pois tenho medo de errar;
Ficarei então calado,
E acho mais acertado!

XXXII.

Quem quiser que se encarregue
De dar uma explicação,
De tamanha logração,
Que a falar a verdade,
Não acredita a cidade.

XXXIII.

Saúde, fortuna e paz,
É filha, o que te desejo,
Dá na prima Rosa um beijo,
E um abraço apertado,
No teu cãozinho adorado.

Pelotas, 22 de junho de 1862.

DIÁRIO DO RIO GRANDE

Sétima carta do Simplicio Carapuceiro de Pelotas, a sua filha Conegundes no Rio Grande.

I.

Lá na torre da Matriz,
Dez horas eu ouço dar;
Uns, já buscam se deitar,
Para o descanso obter;
Eu cá... procuro escrever!

II.

Não sei qual seja o motivo,
Desta mania constante,
Que sem para um instante,
Mostra-me da gloria a meta,
Dizendo que eu sou Poeta!

III.

Eita! Avante! Brada ela;
Tens o futuro formado,
Teu nome será levado,
Além da posteridade,
Como farol da verdade.

IV.

Eu que sendo mortal,
Não sou dos menos vaidosos,
Com tais sons harmoniosos,
Fico que não me conheço,
E julgo que mais mereço!

V.

E é por isso que agora,

Guiado pela vaidade,
Desprezo a comodidade,
Dando-lhe volta ao miolo,
E por fim sempre sou tolo!

VI.

Porém vamos, ao que serve,
Que é, de noticia tratar;
Tudo o mais é abusar,
Do tempo tão precioso,
Que caminha pressuroso.

VII.

O júri já concluiu,
Com seus trabalhos honrosos,
Houveram alguns criminosos
Que foram sentenciados;
Outros, dos crimes purgados.

VIII.

O amigo senhor Peixoto,
Foi o mais martirizado!
Por cair no desagrado,
De nosso jovem doutor,
Nomeado... acusador!

IX.

Tão exaltado estava ele,
Que chamou de aventureiro,
A todos os estrangeiros,
Que as nossas plagas vêm,
Em busca de algum vintém!!...

X.

E querendo a todo custo,
Do réu a condenação,
Do que pode lançou mão;
E até do que não podia
Também ele se serviu!...

XI.

Só do que trata o processo,
Pode o acusador falar;
Escusado e levantar,
O véu que cobre o passado,
E ofender o acusado.

XII.

Como o réu declarou,
Que não tinha defensor;
Então com todo o furor,
Descarregou sem piedade,
Na vitima a odiosidade!...

XIII.

Inda mais: - foi desumano,
Quando o réu triste chorava,
E sua fronte curvava;
Das lágrimas escarnecia,
Que eram falsas dizia!

XIV.

- O S. João e S. Pedro,
Foram aqui bem festejados;
Muitos foguetes queimados,
E também Soirées houveram,
Que famoso estiveram.

XV.

Na noite de S. João,
E fiz a sorte do ovo,
A ver se para o ano novo,
Alcançava mais ventura,
Ou ia pra sepultura!

XVI.

Quando a risonha aurora,
Radiante despontava,
Já alerta eu estava,
Indagando qual seria,
A sorte que me saia.

XVII.

Porém o maldito gato,
Pulo dentro da gamela,
E entornou-me a tigela,
Onde estava o meu futuro,
Deixou-me inda no escuro!

XVIII.

Houve festa de S. Pedro,
Feita na Beneficência,
Com luxo, gosto e decência,
Onde foi muita gente,
Que de lá veio contente.

XIX.

Cada vez, de dia em dia,
Aquele estabelecimento,
Toma mais luzimento;
E merecem mais louvores,
Os seus firmes protetores.

XX.

Querendo a nobre juíza
Mais a festa abrilhantar,
Mandou um fogo aprontar,
O qual foi hoje queimado
Segundo o programa dado.

XXI.

Apesar das ruas estarem,
Em estado lastimoso,
O povo foi pressuroso,
Buscar um divertimento,
Que o distraísse um momento.

XXII.

Eu também pelo costume
De nada querer faltar,
Tomei lá um bom lugar
Para ver o fogo arder,
E depois ter que dizer.

XXIII.

Para falar-te a verdade
Do tal fogo não gostei
Porque, eu, menina pensei,
Que o fogueteiro fizesse,
Coisa que melhor estivesse.

XXIV.

Vi arder algumas rodas,
Todas do mesmo feitio.
Que já causavam fastio;
- O fogo para agradar
Deve em tudo variar.

XXV.

Se o artista não soubesse
Fazer coisa mais perfeita,
A desculpa estava feita;
Mas como ele é sublime
Aí é que está o crime.

XXVI.

O importe não foi pouco,
Que ele levou pela obra;
Tendo dinheiro de sobra
Para fazer um bom fogo?
Como assim engana o povo?

XXVII.

Há poucos dias contou-me,
Um rapaz, meu conhecido,
Que tinha desaparecido,
Um processo de cartório,
- Isto já está notório –

XXVIII.

Se o caso é verdadeiro;
Oh! Que revoltante!
Sumir-se de uma estante,
Papeis que devem estar
Em reservado lugar?!...

XXIX.

Dizem uns que foi dinheiro
Que ajeitou a mão do gato;
Outros, que o patronato
Foi quem fez todo o empenho,
Mas... certeza disso não tenho!

XXX.

Fosse qual fosse o motivo,
Que há tanto aconselhasse;
Jamais, de tão vil trapasse,
Em assunto tão melindroso,
Passará impune o criminoso.

XXXI.

Quando antes deve ser,
Por quem for abalizado,
Este negócio declarado;
Mesmo para o inocente,
Não sofrer injustamente.

XXXII.

- Para a semana pretendo
Com a Ilustríssima falar,
Tenho que lhe perguntar;
Hoje estou cansado
E termino o meu recado

Pelotas, 29 de junho de 1862.

DIÁRIO DO RIO GRANDE, 12 DE JULHO DE 1862, P.1.

Oitava carta do Simplicio Carapuceiro de Pelotas, a sua filha Conegundes no Rio Grande.

I.

Prometi na minha última,
Da Ilustríssima tratar;
Não devo, pois, olvidar,
Nem se quer, um só momento,
Este meu prometimento.

II.

Mas são tantas as perguntas,
Que tenho de endereçar,
Que não posso combinar,
Qual deve ser a primeira,
Que ocupe a dianteira.

III.

Das ruas, pontes, estradas?
Falar disto é escusado,
Porque o seu mau estado,
Há muito que já é sabido.
E por todos conhecido.

IV.

Da limpeza da cidade,
O que poderia dizer?
Quem não sabe compreender,
Como deve ser feito,
Este serviço imperfeito?

V.

A câmara, paga por ano,
Dinheiral exorbitante,

Ao senhor arrematante,
Da limpeza encarregado,
Que eu acho mal empregado.

VI.

Não fiques surpreendida,
De tanto franco me expressar,
Pois eu já vou explicar
Em mui simples expressão,
Minha humilde opinião.

VII.

Se a câmara paga bastante,
Para as ruas se limpar,
Pra que deixa conservar,
Como guarnições dos muros,
Inumeráveis monturos?

VIII.

Não será obrigação,
De quem for arrematante,
Levar tudo por diante?
Ou a limpeza só se encerra,
Em limpar montes de terra?

IX.

Somente o cisco que é posto,
Em sólida acomodação,
É quem tem a distinção,
De ser (as vezes) levado,
Pelo tal encarregado!

X.

Não faz mal que a cada canto,

Hajam volumes de ciscos,
Para isso não olha o fiscal,
E deixa que o arrematante,
No abuso siga avante.

XI.

Uma limpeza geral,
Era melhor que ordenassem,
Muitos embora mais pagassem,
Porque o povo conhecia,
Que um dever se cumpria.

XII.

Inda maior abuso
Tem o mesmo cometido;
Que quanto antes atendido
Deve ser pelo fiscal
Para assim cortar o mal.

XIII.

O cisco que é recebido
Pelo carro da limpeza
É com toda a presteza
Por um particular agarrado...
E com aterro empregado!

XIV.

Isto é dentro da cidade
E nada tem de segredo:
Quem julgar que eu faço enredo
Pode ir averiguar
E não se há de enganar.

XV.

- Agora mudo de assunto
E alguma coisa direi
De uma noite que passei
Cheia de gosto e prazer
Quase até o amanhecer.

XVI.

Foi no dia dois de julho
Que é assaz memorado
Por ter o jugo quebrado
Do grilhão do cativeiro
De um torrão brasileiro.

XVII.

Estava eu em minha casa
E já na cama espichado
Mui quieto e sossegado,
Quando ouço de repente
Pela rua mui gente.

XVIII.

Prestando mais atenção,
Vi musica tocar
E foguetes rebentar,
Alguns – vivas - eu ouvi
Que logo não percebi.

XIX.

Eu que sou assustadinho
Já de raça e condição,
Fiquei com o coração
Que no peito não cabia,
Com a força com que batia.

XX.

Pensei, que o polvo exaltado
Não podendo mais sofrer
O tirânico poder
E as muitas tropelias
Que dão-se todos os dias.

XXI.

Enfurecido buscava
Com seu poder soberano
Aniquilar o tirano,
- Quem tem medo de um ergueiro,
Faz um grande cavalheiro!

XXII.

Quando nessas reflexões
Debaixo da cama estava,
Ouço o povo que bradando
Eis aqui um homem morto!
Fiquei logo sem conforto!

XXIII.

Julguei que tinha chegado
O meu dia derradeiro;
Como cristão verdadeiro
Já minha alma encomendava
Quando um assim falava:

XXIV

Viva! a nossa independência!
Viva! o dia dois de julho!
Viva! quem cheio de orgulho!
Quebrou o grilhão pesado
Do nosso Brasil amado!

XXV.

Então qual outro Sansão
Com coragem e com vigor,
Sai daquele torpor,
Que o medo tinha incutido
E fiquei logo destemido!

XXVI.

Nesta ocasião tocavam,
O hino da Independência
Que com toda a reverencia,
E com prazer era ouvido,
Pelo povo reunido.

XXVII.

Apesar de já ser velho,
Como meu julgo do pote,
Também peguei num archote
E dei vivas prazenteiros
A todos os brasileiros!

XXVIII.

Depois de estar sossegado,
Tentei logo de indagar,
Para depois te contar
O que é que tinha havido
E se tinha alguém morrido.

XXIX.

Foi D. Pepe Guterres,
(Disse um da comitiva,)
Que com bebida excessiva,
Os seus dias terminou,
E morto há pouco se achou!

XXX.

Deus aceite sua alma,
Lá na celeste morada,
Já que pouco afortunada
Foi sua vida na terra,
Que tanta maldade encerra.

XXXI.

A respeito do teatro,
Nada posso te dizer,
Por inda não fui ver,
A companhia trabalhar,
- Assim, pois, é esperar.

XXXII.

Eu pouco influído sou,
Pela tal escola antiga,
O costume da cantiga,
Usado em declamação,
É de minha embirração.

XXXIII.

Quero antes ver trajado,
O que se vê hoje em dia,
Com o manto da hipocrisia,
Do que bolir no passado,
Que deve ser respeitado.

XXXIV.

Se não achares de teu gosto,
As notícias que te dou,
Culpado disso não sou:
Eu cá só dou o que tenho,
Segundo o meu fraco engenho.

Pelotas, 6 de julho de 1862.

DIÁRIO DO RIO GRANDE

Nona carta do Simplicio Carapuceiro de Pelotas, a sua filha Conegundes no Rio Grande.

I.

Desculpa, filha querida,
O me ter eu olvidado,
De enviar-te o meu recado,
Na semana que passou:
- O frio a isso me obrigou.

II.

Por várias vezes tentei,
A costumada escrever,
Mas os dedos a tremer,
Na pena não seguravam,
E quase sem tato estavam.

III.

Julguei ser mais acertado,
Adiar a missiva;
E mesmo já a musa esquiva,
Com o frio se mostrava,
E o metro me negava!

IV.

Se bem que nada de novo,
Havia para contar,
A não ser o recordar,
Dos leilões da caridade,
Que já não são novidade.

V.

Mas, pra não passar por alto,

Alguma coisa direi,
Do que lá presenciei,
Embora fora do tempo,
Venha o meu argumento.

VI.

Sendo a casa do senhor,
Digna de todo o respeito,
Acho não ter direito,
O ser ela transformada,
Em club de caçoada!

VII.

Que dirá o estrangeiro,
Que não segue a nossa seita,
Vendo que não se respeita,
O lugar santificado,
Que deve ser acatado?

VIII.

A igreja é destinada,
Para preces e orações,
De todos os fiéis cristãos,
E não para ser maculada,
Com tamanha palhaçada.

IX.

Que significa um arlequim,
Mesmo em frente ao altar,
Pão de lós a pregoar?
E com o seu pouco sizo,
Ao povo causando o riso?

X.

Acaso é esta a doutrina,
Que um Santo Deus nos deixou,
Quando se sacrificou?
Ou será nova invenção,
Pra outra religião?

XI.

Ao som da profana música,
Apregoam-se manjares,
Que com ávidos olhares,
E com ardor disputados,
São por fim arrematados.

XII.

Nada mais que um espetáculo,
Aquele lugar apresenta,
E o ator que representa,
É o lépido leiloeiro,
Com seu todo galhofeiro.

XIII.

Ei-lo agora que grita:
Quatro mil réis me dão,
Por este lindo S. João!
E o povo, em sua demência,
Ride tanta eloquência!

XIV.

Mas além outro apregoa:
Eis um ramo delicado,
Para qualquer namorado,
Dar de mimo a sua amada,
Quero oferta avantajada.

XV.

E os gamenhos tocados,
Na sua corda sensível,
Buscam todo o possível,
Para o raminho obter,
De lá por onde der.

XVI.

Acolá rapaz imberbe,
Diz, que nos Santos não crê!
Mas é porque o exemplo vê,
Em quem deve exemplo dar,
De bom cristão se mostrar.

XVII.

O que dirá, indago pergunto?
Todo e qualquer estrangeiro,
Que for católico verdadeiro,
Vendo o templo sagrado,
Em um circo transformado?

XVIII.

Talvez que lá no teatro,
O povo mais sossegado,
Queira passar por ilustrado,
E mostre que tem mais sizo,
Apresentando menos riso.

XIX.

Com tão revoltante abuso,
É tempo pois de acabar;
Não deve mais ter lugar,
Leilões desta qualidade,
A título de caridade.

XX.

Com o lucro que a casa tira,
De um centos de mil réis,
Desmoralizam-se os fiéis,
Calcando divos preceitos,
Que são dignos de respeitos.

XXI.

Longe de nós tal pensar,
Que com a mira no interesse,
A religião se entorpece;
É um velho que fala,
E que, o que sente, não cala.

XXII.

Que proveito pode ter,
O dinheiro que é ganhado,
Com egoísmo requintado?
A caridade do cristão
Não carece ostentação.

XXIII.

Sobre assunto melindroso,
Sem querer fui divagando,
Talvez pragas já rogando,
Contra mim alguém esteja,
Oxalá que assim não seja.

XXIV

Do que serve um pobre velho,
Nestas coisas divagar?
E no deserto pregar;
E talvez perguntarão,
Quem lhe encomendou o sermão?

XXV.

Mas eu estou no meu direito,
De declarar o que sinto,
E se alguém julgar que minto,
E no que digo ando errado,
Penso serei desculpado.

XXVI.

- Agora, filhinha amada,
Tu ha de me dispensar,
De notícias não te dar,
Porque a falar a verdade,
Nada há de novidade.

XXVII.

Bem pode que para outra semana,
Alguma coisa apareça,
Que publicação mereça,
É o remédio que há,
É esperar até lá.

XXVIII.

- O arrematante da limpeza,
Pede que eu o deixe em paz,
E diz se algum erro faz,
É porque no emprego é novo,
E que isso, eu diga ao povo.

Pelotas, 22 de julho de 1862

DIÁRIO DO RIO GRANDE, DOMINGO, 3 DE AGOSTO DE 1862, P.1.

Carapuças aéreas

Décima carta do Simplicio Carapuceiro de Pelotas, a sua filha Conegundes no Rio Grande.

I.

Queres saber, Conegundes?
Já me vai aborrecendo,
O estar sempre escrevendo,
Em tempo determinado,
Sem alcançar resultado.

II.

E que glória pode ter,
O que escreve escondido,
E não quer ser conhecido?
Nem por lisonja ouve dizer,
Que é guapo no escrever?

III.

A vantagem que inda tira,
É quando menos o espera,
Ouvir critica severa,
De algum sábio mal dizente,
Que em tudo ferra o dente.

IV.

Inda não há muito tempo,
Que em uma distinta roda,
Deram terrível poda,
E até chamaram brejeiro,
Ao velho carapuceiro!

V.

Dentre eles um janota,
Que tem nariz mui cumprido,
E bigode retorcido,
Fazendo grande barulho,
Dizia cheio de orgulho:

VI.

Ao autor das carapuças,
Ser descoberto carece,
E o que ele merece,
É um forte soador,
Para não ser falador.

VII.

Apoiado! (Disse um outro
Que tem figura de anão,
E a quem chamam Barão):
Deve uma sova levar,
Para assim não mais falar.

VIII.

E eu que no artigo força,
Nada imito a Sansão,
Fiquei com o coração,
Sumamente aniquilado,
Julgando já estar sovado!

IX.

Não penses que estou brincando,
Eu costumo falar sério,
Tem em mim grande poderio,
Do cacete a dura lei,
A causa disso não sei.

X.

Mas, enquanto empunho a pena,
E não para de escrever,
Tenho por santo dever
De tudo te por ciente,
Em estilo mui decente.

XI.

- O Noticiador cá da terra,
Em longa correspondência,
Descarregou sem clemencia,
Uma forte acusação,
Muito digna de atenção.

XII.

O ofendido se queixa,
Da grande arbitrariedade,
Que com suma crueldade,
O nosso delegado,
Tem com ele praticado.

XIII.

Segundo o que me contaram,
Não é digna de razão,
Tamanha perseguição,
E o que a isso deu lugar,
Eu já passo a explicar:

XIV.

Indo o queixoso a cavalo,
Por certa rua passando,
Viu estarem maltratando,
A dois míseros tropeiros,
Alguns valentes guerreiros.

XV.

Com a espada em punho,
Os da polícia estavam,
E com rigor maltratavam,
E denotada braveza,
A dois entes sem defesa.

XVI.

Alto lá! – o jovem disse,
Já basta de crueldade,
Tenham mais humanidade;
Pra ser soldado fiel,
Não precisa ser cruel.

XVII.

Maltratar desta maneira,
A quem não fez resistência,
É requintada insolência,
E o soldado que assim pratica,
Sujeito ao castigo fica.

XVIII.

Chega o subdelegado,
E em vez de com prontidão,
Ver quem tinha razão,
Só aos policiais atendendo,
Foi logo a todos prendendo.

XIX.

O tenente mais cordato,
Logo atendendo a razão,
Mandou meter na prisão,
Naquele mesmo momento,
Ao soldado turbulento.

XX.

Poucas horas somente,
Apenas tinham passado,
Mandou o subdelegado,
Que dessem a liberdade,
A vítima da crueldade.

XXI.

Porém, o pobre rapaz,
Que com razão estava sentindo,
Do que havia acontecido,
Apelando para imprensa,
Na mesma, contou a ofensa.

XXII.

Sabes o que resultou,
Desta temeridade?
Foi a mesma autoridade,
De nobre vingança cheia,
Meter o moço na cadeia.

XXIII.

E lá na prisão está,
O pobre moço metido,
E talvez que removido,
Seja em breve pra marinha!
Ou para tropa de linha!!

XXIV.

Muito embora na reserva,
Esteja há muito alistado,
Deve já ir pra soldado,
Porque teve a ousadia,

De contar a tropelia.

XXV.

Inda mais outro defeito,
Tem este moço exaltado;
É votar no outro lado,
E por este mau comportamento,
Caiu no recrutamento...

XXVI.

Tudo assim vai caminhando.
Neste pelago de horrores!
Os que não são aduladores,
E não tem sorte propicia,
Tornam-se réus da polícia!

XXVII.

Talvez que eu mesmo, menina,
Pode ser franco em demasia,
Vá parar na enxovia,
De calabouço empestado,
Ou então feito soldado.

XXVIII.

- Há dias um estrangeiro,
Que é aqui estabelecido,
Quis passar divertido,
O dia em que batizava,
Uma filhinha que amava.

XXIX.

Convidou várias famílias,
Para de noite dançarem,
E assim alegres passarem,
Com aquele divertimento,

Um agradável momento.

XXX.

Quando no melhor da festa,
Chegando a polícia austera,
Perguntou quem licença dera,
E qual o consentimento,
Para tal divertimento?

XXXI

O estrangeiro, porém,
Sendo muito prudente,
Disse que em casa decente,
Licença não precisava,
Para quando se dançava.

XXXII.

E o que tinha a polícia,
Para assim ir varejar,
A casa do particular?
Muitas dessas tropelias,
Se fazem todos os dias!

XXXIII.

- Para a futura pretendo,
Se até lá deus me ajudar,
Alguma coisa te contar,
Que nova atenção mereça,
E mais novidade ofereça,

XXXIV.

E o que tiver ocorrido,
A respeito da prisão,
Eu também tenho tensão,

De te contar com clareza,
Para não estares na incerteza.

Pelotas, 28 de julho de 1862.

DIÁRIO DO RIO GRANDE, SEXTA-FEIRA 22 DE AGOSTO DE 1862, P.1

CARAPUÇAS AEREAS

Décima primeira carta do Simplicio Carapuceiro de Pelotas, a sua filha Conegundes no Rio Grande.

I.

Há muito, filha querida,
Que tu não sabes como vai
Este já teu velho pai,
Agora te vou contar
O que a isso deu lugar.

II.

Estive mais de quinze dias,
Entre os lençóis embrulhado,
E quase que transportado
Para o Fragata eu iria
Do que nada gostaria!

III.

Não foi nada, por um triz,
De ser defunto escapei!
Quando incauto escorreguei,
E o equilíbrio perdi,
No buraco onde cai!

IV.

Andava em certa noite
Pela praça passeando,
Novidades buscando,
E... quando menos pensava,
Já pela terra rolava!

V.

A câmara mandou fazer,
Muitas covas na tal praça,
E pra maior graça,
De arvoredo vai cercar,
Aquele belo lugar.

VI.

Eu que de nada sabia,
Ia andando descuidado,
A recordar no passado,
De repente... tropecei,
E no buraco me achei!

VII.

Porém, na horrível queda,
Eu fui bastante infeliz,
Porque meu nobre nariz,
Além de excessiva dor,
Tomou forma de tambor!

VIII.

Leve o demo a tal lembrança,
Bradei eu enfurecido,
Achava mais bem cabido,
Que a câmara desse atenção,
Ao que é de mais precisão.

IX.

Quando as nossas débeis pontes,
Não oferecem segurança,
É que surgiu a lembrança,
De gastar de tanto dinheiro
Sem ´proveito verdadeiro.

X.

Era melhor que a Ilustríssima,
Em vez de arvores plantar,
Tratasse antes calçar,
As ruas com prontidão,
Esta é minha opinião.

XI.

Porém qual! Ela só quer
Vaidade, luxo ostentar!
Embora o povo a gritar,
Mostre qual é seu dever,
A nada quer atender!

XII.

Muito embora no verão,
Não haja fartura de água;
Ela disse não tem mágoa,
Nem ordena ao seu fiscal,
Que vá prevenindo o mal.

XIII.

Mande fazer cacimbas,
E as que há – Concertar,
Porque se vai neste andar,
Dentro em poucos nós veremos.
Sem ter onde bebermos.

XIV.

As quatro que apenas há,
Estão todas desmanchadas,
E quase inutilizadas! ....
Mas do que serve falar,

Se é no deserto pregar?

XV.

A câmara do que precisa,
É de um padrão de glória,
Para que fique notória,
A maneira sublimada.
De tão brilhante cruzada.

XVI.

E pra isso conseguir,
É necessário aparato,
E que o povo fique ao fato,
Que ela muito trabalhou,
Durante o tempo que reinou!

XVII.

- Há tempo alguns rapazes,
Tiveram a feliz lembrança,
De procurarem na dança,
Momentos de distração,
Da penosa obrigação.

XVIII.

Fizeram sociedade.
Para tal fim destinada,
Onde a rapaziada,
Contente e alegre pulando,
Vá o tempo assim passando.

XIX.

Houve então outra lembrança,
Mais sublime e grandiosa,
Foi a ideia luminosa,

De uma sociedade fazer,
Que lhes desse algum saber.

XX.

Da ideia a execução,
Muito tempo não levou,
Porque ela já se instalou,
E funcionado também está,
Disse-me um sócio de lá.

XXI.

Além do ensino de dança,
Há lições de francês,
De escrituração, de inglês,
E no jogo da preta espada,
Também da sua estocada.

XXII.

Além disto, tem jornais,
E muitos livros de valor,
Que os sócios fazem favor,
De a sociedade oferecer,
Para assim engrandecer.

XXIII.

Deus queira que vá avante,
Tão nobre associação,
Onde a ilustração,
Pode ali ser cultivada,
A bem da rapaziada.

XXIV.

Com muitas dificuldades
Ela terá de lutar.

E para algum dia alcançar,
Aonde tem por dever,
Deve não esmorecer.

XXV.

Se quereis oh! Jovens ver,
A sociedade não cair,
Buscar sempre reunir,
Com prazer e alegria,
A doce paz e harmonia.

XXVI.

Trabalhem todos reunidos,
Somente para um fim justo,
Que vereis com pouco custo,
Vencida a dificuldade,
De qualquer sociedade.

XXVII.

- Agora, filhinha amada,
O que me resta dizer,
Que te possa dar prazer?...
Nada encontro capaz,
De botar no meu cartaz!

XVIII.

O que por aqui mais se fala,
E tem causado sensação,
Foi a forte logração,
Que lá de um beco saiu,
E que a muito aturdiu! ...

XXIX.

Felizmente, quem é pobre,

Escusa andar assustado,
Porque não será logrado,
Nem receio pode ter,
De seus capitais perder.

Pelotas, 18 de agosto de 1862.

DIÁRIO DO RIO GRANDE, QUINTA-FEIRA 25 DE SETEMBRO DE 1862, P.1.

CARAPUÇAS AEREAS

Décima segunda carta do Simplicio Carapuceiro de Pelotas, a sua filha Conegundes do Rio Grande.

I.

De novo, filha querida,
A débil pena empunhando
Pretendo ir relatando
Tudo o que for novidade
Cá da mimosa cidade.

II.

Talvez que tu já pensasses
Que eu me tinha esquecido
Do que havia prometido,
E que assim de pé para mão
Terminasse o meu sermão.

III.

Porém qual outro motivo
Mais justo e verdadeiro
Fez deixar no tinteiro
Muita coisinha engraçada,
Digna de ser contada.

IV.

Aborrecido que estava
De viver no santo ócio,
Tratei de pôr um negócio,
Que me desse resultado
Sumamente avantajado.

V.

Nesta firme tensão
Mudei-me para Cerrito
Por ser um lugar bonito
E fiz constar ao bom povo
Que ia por um banco novo!

VI.

Logo assim que cheguei
Fui dizendo aos que encontrava,
Que dinheiro a prêmio dava
Com solida garantia,
E sem ela recebia.

VII.

Os dias foram passando
Sem nada ter recebido,
Te que enfim aborrecido,
Mudando de pensamento
Dei logo as costas ao vento.

VIII.

Quando eu me despedi
De um velho sisudo e reto
Que por lá se julga esperto,
Num abraço me apertou
E nestes termos falou:

IX.

No meu tempo, meu patrício,
Em que bancos não haviam
Aqueles que pretendiam
Algum dinheiro alcançar
Não faltava onde encontrar;

X.

Se por qualquer circunstância,
No dia do vencimento,
Não se fazia o pagamento,
Era o papel reformado
E o apuro terminado;

XI.

Hoje em dia, fia-se fino,
São precisas firmas boas
E não há muitas pessoas
Que sirvam de garantia
Para qualquer ninharia.

XII.

Não são bancos, são tripeças
Ou tropeços, que inventaram,
Os que as tais casas formam
Que só dão bom resultado
Pra quem os há instalado.

XIII.

Se o comércio pede trocos
Para suas transações,
Logo os espertalhões
Que no banco tem poleiro
O mandam vir do estrangeiro.

XIV.

Em paga de seu trabalho
Tiram de emolumento
Só vinte e cinco por cento

E botam em circulação
Avantajada porção.

XV.

Depois de terem recolhido
Com bom calculo previdente
O belo metal luzente
Prestam ao povo um favor
Diminuindo-lhe o valor!!

XVI.

E assim sem mais nem menos
Prejudicam ao comercio,
Que ao meu ver inda é bem nescio
Por estar pronto em atender
Ao que eles querem fazer.

XVII.

E o triste proletário
Que tem o seu patacão
Vê a diminuição
Que sofre no seu dinheiro
Com semblante presenteio.

XVIII.

Seria bom que o governo
Com esta farsa acabasse,
E algum meio buscasse,
Pra o comércio não sofrer
E o povo não perder.

XIX.

- Muito mais ele diria,
Mas eu já estava cansado

Dum sermão tão prolongado,
Disse adeus ao bom velho
Agradecendo-lhe o conselho.

XX.

Agora que já me acho
De novo neste lugar
Prometo não me esquecer
De carapuças fazer
Se isto te dá prazer.

XXI.

- A quadra que atravessamos
Não pode ser mais cruel;
Não há moeda papel,
E o ouro anda vasqueiro
Pois vai todo para o estrangeiro.

XXII.

Alguma prata miúda
Que para trocos havia
Já perdeu a simpatia,
E o povo encabriado
Receia ser mais logrado.

XXIII.

O que hoje vale vinte e cinco
Vale amanhã vinte e dois
E talvez que para depois
Só vinte venha a valer
Isto é já muito descer!

XXIV.

Apesar de tudo isso

De dia em dia aparecem
Sociedades que oferecem
Emprego certo e infalível
Ao dinheiro disponível!

XXV.

No dia sete de setembro
A Beneficência Brasileira,
Ergueu a sua bandeira
E com coragem caminha
Sobre o plano que já tinha.

XXVI.

O Recreio da mocidade,
Cheio de nobre orgulho,
Vai fazendo barulho,
Com o seu luxo pomposo
Já assaz dispendioso.

XXVII.

A Instrução Juvenil,
Devagar vai caminhando;
Muitas aulas lecionando,
E, segundo o meu pensar,
Deve sempre assim marchar.

XXVIII.

O Club, também funciona,
Porém este é da nobreza
Onde toda a realeza
De sangue azul reunida
Vai passando distraída.

XXIX.

A Beneficência Portuguesa,
O Asilo e a Caridade,
E tudo que é irmandade,
Não cessam de pedir dinheiro
Pra fim santo e verdadeiro.

XXX.

Além disso um beneficio
De quando em quando aparece,
E de pedir não se esquecem
A acostumada proteção
O autor da tal função.

XXXI.

Álbum, Comercio, Mosaico,
E o velho Noticiador,
Também pedem por favor,
Para que o povo se convença
Do valor que tem a imprensa!

XXXII.

O autor das Carapuças,
Tem tenção de requerer,
Para bem poder viver
Um concerto instrumental
Que lhe renda capital.

XXXIII.

Mas enquanto não alcanço
Este tão justo desejo,
Pra ti, menina, almejo,
Saúde, paz e gordura,
Para minha maior ventura.

Pelotas, 22 de setembro de 1862.

DIÁRIO DO RIO GRANDE, QUINTA-FEIRA 25 DE SETEMBRO DE 1862, P.1.

Carapuças aéreas

Decima terceira carta do Simplicio Carapuceiro de Pelotas, a sua filha Conegundes, no Rio Grande.

I.

Isto vai mal, minha filha,
O negócio está parado,
O comércio aniquilado;
Se isto assim continuar
Não sei onde irá parar.

II.

Para o centro da campanha,
Inda o caso está mais feio!
Teu primo, que de lá veio,
Disse-me que de repente
Quebra por lá muita gente!

III.

Não fiquei admirado,
Dá com esta novidade,
Porque cá pela cidade
Quebram em cada canto
Sem isto causar espanto!

IV.

Eu também já me lembrei
De convocar aos credores,
Mas temo que estes senhores
Não queiram atender,
Ao que eu tentar fazer.

V.

Minha avó sempre dizia
O que nunca se arriscou
Nunca perdeu, nem ganhou;
Não será mau por tentar,
Tudo é negociar.

VI.

Para fazer bem a limpo
O que eu tenho na tenção,
Farei uma avaliação
De valor mais elevado,
Do que o preço do mercado.

VII.

Depois de assim praticar
Peço um prazo de dez anos,
Se eles não forem tiranos
E queiram algo receber
Terão de condescender.

VIII.

Só assim ficarei nobre
Com bastante dinheiro!
Não sou por certo o primeiro
Inventor de tal lembrança,
Isto é já de antiga usança.

IX.

Mas enquanto não me apronto
Para bem dar este passo,
Algumas carapuças faço,
Somente por distração,

Sem certeira direção.

X.

- Desta vez creio que é certo,
O mudar-se em batalhão
A nossa antiga seção;
Havemos de ter um comandante
Valente, guapo e chibante!

XI.

Eu desconfio, menina,
Que me querem nomear
Para o corpo comandar;
Oh! Que pechincha seria,
Se tal coisa acontecia!

XII.

Com certeza eu te prometo
Que nem um dos afilhados
Hão de ficar logrados,
Com a proposta que arranjar,
Há todos hei de contentar!

XIII.

Os que daqui há dois anos
Companheiros queiram ser,
Deles não me ei de esquecer,
E só com esta condição
Alcançarão o galão.

XIV.

Ao contrário hão de ficar
Marcando passo na fileira,
Porque é grande maroteira,
Até passa a ser tratante

Quem não segue ao comandante.

XV.

Lá enquanto a elevar
A qualquer sargento antigo,
Isso lá não é comigo;
Quero uma oficialidade
Só da nata da cidade.

XVI.

Hoje a guarda nacional
É quase tudo impostura,
E só gente que figura,
E que é afidalgada
Deve ser a empregada.

XVII.

Tudo mais é patarata
Que não passa de palanfrorio,
E se há algum simplório
Que de outra maneira pensa
É já tempo que se convença.

XVIII.

Inda não sei com certeza
Se eu serei o nomeado
A botar chapéu armado,
Mas se tal acontecer
Muito teremos que dizer.

XIX.

- Os da praça do Comercio
Com a nova lei que formaram,
O meu oculo furaram,

E o meu lucro futuro
Perdeu-se com o tal furo!

XX.

Querendo eu ver se podia
Um ganho certo alcançar,
Tratei de mandar buscar
Lá de país estrangeiro
Uma porção de dinheiro!

XXI.

Veio em prata miúda
Uma avultada quantia,
Procurei ver então se podia
Tirar um bom resultado
Desse meu novo mercado.

XXII.

Mas quando me preparava
Todo alegre e contente,
Eis que surge de repetente
Um nós abaixo assinado
Que me deixou derrotado!

XXIII.

Os mesmo que inda pouco
Cheios de ingenuidade,
A espalharam na cidade,
As suas contas pagando
Estão agora recusando.

XXIV.

E o povo que é pateta,
Fica cheio de aflição,
Vendo a diminuição

Que eles querem fazer
E nada ousa dizer! ...

XXV.

Daqui mais algum tempo
Tornar a moeda a subir
E depois tornar a cair!
E assim neste vai e vem
Vai dando lucros à alguém.

XXVI

Embora o povo miúdo
Tenha nisto prejuízo
Se ele não tem juízo
Que vá sofrendo calado
E engorde ao avisado.

XXVII.

- Nada mais há que mereça
Ter aqui nobre menção
Tudo é desbagação,
Todos andam a cobrar
E um só não quer pagar!

XXVIII.

-Está provado que o sol
É um fiscal bem diligente,
Pois esgota de repente
O mais imundo atoleiro
Mesmo sem gastar dinheiro.

XXIX.

Devido, pois, a este agente,
As ruas limpas estão!

Mas de pouca duração
A de ser esta melhora,
Porque a chuva não demora.

XXX.

A ilustríssima também
Não pode ser liberal,
Porque o cofre municipal
Muito magro deve estar
Com o luxo que quer ostentar.

XXXI.

Lá no seu sábio entender
Julgaram ser bem cabida
A importante medida,
De uma alameda fazer
Que nos desse algum prazer.

XXXII.

E com efeito, lá estão,
Muitos pauzinhos plantados,
Os quais foram transportados
De lugar muito distante
Para a praça tornar brilhante.

XXXIII.

Mas para esse fim foi preciso
Muito cobrinho gastar,
Não é, pois, de admirar
Que falta agora dinheiro
Para comprar algum bueiro.

XXXIV.

E com esta, filha amada,
Eu termino o meu recado;

Já estou bastante cansado,
E com vontade de dormir,
Assim pois, vou concluir.

Pelotas, 28 de setembro de 1862

DIÁRIO DO RIO GRANDE, 24 DE OUTUBRO DE 1862, P.1.

Carapuças aéreas

Décima quarta carta do Simplicio Carapuceiro de Pelotas, a sua filha Conegundes, no Rio Grande.

I.

Participo-te, menina,
Que temos muita novidade
Cá pela vasta cidade
E pra nenhum escapar,
Passo já a relatar.

II.

No que mais se tem falado,
E tem chamado a atenção,
Foi a desaparição
De um distinto cavaleiro
Que é diplomata estrangeiro.

III.

Se é verdade o que dizem,
O caso foi bem pensado,
Porque talvez que apertado
Inda este senhor se visse
Quando alguém contar pedisse.

IV.

A quem diga que o homem volta
E que só por doente esta
Foi Buenos Aires tomar;
Eu para não falar errado
Por enquanto fico calado.

V.

Segundo diz o Diário,
Lá para as províncias do Norte
Anda acesa a negra morte
Com o cólera morbus na frente,
Para assim ser mais potente.

VI.

Há um ditado que diz:
Se as barbas do vizinho arder
Vai na água as tuas meter;
A este antigo rifão
É bom prestar atenção.

VII.

Enquanto a parca cruel
Nosso irmão vai ceifando,
Vamos nós nos preparando
Para bem a receber
Se ela cá aparecer.

VIII.

A tal cólera infernal
É senhora aristocrata,
E quando ela mais mata,
Com denotada braveza,
É não achando limpeza.

IX.

Não será, pois, de estranhar
Se maior for a mortandade,
Quando a municipalidade
Não cuida com prontidão
No que é de obrigação.

X.

Compete, portanto, agora
Antes que o mal apareça
Cortar-lhe já a cabeça;
Antes hajam precauções
Que justas criminações.

XI.

Quando o fogo se aproxima
Alguma coisa queimando
Que logo se vá tirando
Toda a matéria inflamável
Isto é muito provável.

XII.

Neste caso está a cólera,
Pois queima mais do que o fogo;
Assim convém tirar logo
Tudo que a faz aumentar
E só limpeza mostrar.

XIII.

É preciso que o fiscal
Fique já disto ciente,
E que mande incontinente
Todas as ruas limpar
Para o ar purificar.

XIV.

Não seja, pois, necessário
O flagelo aparecer
Para então isto se fazer;
Depois da casa roubada

Não precisa ser trancada.

XV.

Compete também a Câmara
Fazer ver a seu fiscal
Que seja mais pontual,
E que preste mais atenção
Para a sua obrigação.

XVI.

Por exemplo: - ordenar
Que o arrematante da limpeza
Trabalhe com mais presteza
Já que o dinheiro ganha
E o cisco não apanha.

XVII.

O cisco e mais imundices
Que dá rua é retirado
Todo ele é colocado,
Por ordem do arrematante
Em lugar pouco distante.

XVIII.

Depois quando alguém precise
Algum aterro fazer,
Torna o cisco a se vender
Em estado de putrefação!
Não está má especulação!

XIX.

É tempo de proibir
Ilustre senhor fiscal
Um tão desmarcado mal;

Termine com este abuso
Botando a postura em uso.

XX.

Uma lei que proíba
Terrenos ser cercados
Houve em tempos atrasados,
Mas esta lei terminou...
Ou dispensada ficou.

XXI.

Agora estes terrenos,
São depósitos de cisco,
Que os empregados do fisco
Tem para padrão de glória
De sua incúria notória!

XXII.

Enquanto é tempo é preciso
Com tudo isto acabar,
Pode o cólera chegar
E depois com mais razão
Fazer maior devastação!

XXIII.

O arroio Santa Barbara
É lugar para despejos
Como eu as vezes vejo;
Não se pode privar
Deste abuso continuar?

XXIV.

Há tempos já proibiram
Da lã a simples lavagem
De Santa Barbara na margem;

E a razão que apresentaram
É que as águas se toldavam.

XXV.

Já não lava-se mais lã
Porque não querem os fiscais,
Porém materiais fecais
Podem-se ali botar
Que ninguém ousa estorvar!

XXVI.

Se qualquer proprietário,
De seu terreno se servir,
E algum aterro extrair,
Ai! Jesus, temos função,
Vem logo a condenação.

XXVII.

Chega o fiscal pressuroso,
Rodeado de testemunhas,
E vai logo passando as unhas,
E manda para cadeia,
Quem não bole em coisa alheia.

XXVIII.

Mas se qualquer açougueiro,
Para maior segurança,
Empurra a jeito a balança,
E vai pesando a carne mal,
Isso não vê o fiscal! ...

XXIX.

Se o espertalhão de balcão,
Que não é escrupuloso,

Faz o café mais gostoso,
Milho ou feijão misturado,
O fiscal vai se calando!...

XXX.

Haja uma comissão,
De pessoas entendidas,
Que examinem as bebidas,
Sejam os gêneros provados,
A ver se estão estragados.

XXXI.

Se por acaso não acharem,
Tudo em muita limpeza,
Haja logo com presteza,
A multa bem aplicada,
Pra ter a casa asseada.

XXXII.

Já são horas, minha filha,
Do discurso terminar,
Vou pra cama me deitar,
E se assim Deus for servido,
Pra semana sou contigo.

Pelotas, 19 de outubro de 1862.

DIÁRIO DO RIO GRANDE, SÁBADO 1 DE NOVEMBRO DE 1862, P.1.

Carapuças aéreas

Decima quinta carta do Simplicio Carapuceiro de Pelotas, a sua filha Conegundes, no Rio Grande.

I.

No que mais hoje se fala
É num baile de espavento
Que com todo luzimento,
O recreio da mocidade
Oferece a nossa cidade.

II.

Se digo que é oferecido
A nossa boa cidade,
É pela grande imensidade
De convites que se tem feito
Mesmo a torto e a direito.

III.

Até eu, filhinha amada,
Tive grande satisfação
De receber um cartão!!
Assinado por dois senhores
Com tintas de duas cores!

IV.

E como no meu cartão
Vem o luxo proibido,
Não sei como irei vestido,
Se de casaca ou palito
Ou com simples rocloró!

V.

Porém de qualquer maneira
Lá me ei de apresentar;
E para nada me escapar
Vou munido de um canhenho
Que para isso já tenho.

VI.

Dizem que a maior parte
Das nossas fadas mimosas,
Irão todas graciosas
Honrar aqueles salões
Com seus imensos balões.

VII.

Eu, como velho que sou,
Vou lá só apreciar,
Para depois te contar;
Muita coisinha engraçada
Que há de ser praticada.

VIII.

Das damas, a mais formosa,
Por mim será decantada,
E como rainha tratada
Porque também a beleza
Tem trono de realeza.

IX.

O rapaz que for lapuz,
E que não soube dançar
Ei de a ele me agarrar
E bem alto lhe dizer
Que deve ir aprender...

X.

Enquanto a diretoria,
Como teve a atenção
De me mandar um cartão
Sempre a ei de elogiar
Para não a desgostar.

XI.

- Corre por cá como certo
Que a antiga bailante
Já está agonizante!...
E que de repente morre
Se alguém não a socorre!

XII.

Disse-me o primo Roque
Que esta última partida
Esteve muito esmorecida,
E que assim continuar
Não pode muito durar.

XIII.

Pois se tal acontecer
É uma calamidade,
Porque a nossa cidade
Já tinha tempo bastante
De ter um bailante.

XIV.

Quando qualquer figurão
Venha entre nós passear
E alguém o queira honrar
Dando um baile chibante,

Como farão sem bailante?

XV.

Se o nosso chefe de polícia,
Ou até mesmo o presidente,
Vier por cá de repente
Como de pé para mão
Arranjarão um salão?

XVI.

No dia Sete de Setembro
Onde havemos de dançar
Se a bailante terminar?
Ou darão em qualquer casa
Um baile em grande gala?

XVII.

Eu julgo estar bem patente
Ser uma necessidade,
O haver nesta cidade
Sempre um salão reservado
Para um caso inesperado.

XVIII.

Porém a alta nobreza
Em sua mente sobranceira,
Julgando ser isto asneira
Vão dando parte de ausentes
Ou dizem que estão doentes!

XIX.

O Club também se queixa,
E da sua antiga influencia
Há muito perdeu a essência,

Hoje apenas vegetando
Vai com custo caminhando.

XX.

Eis aqui uma outra casa
Que na minha opinião
Merece mais atenção
E que devem se empenhar
Para assim não acabar.

XXI.

Que o Club é muito preciso,
Todos devem compreender;
Serve para o tempo entreter
E é ponto de reunião
Para qualquer transação.

XXII.

- O meu vizinho, da esquina,
Que aqui ao meu lado tenho,
Pediu-me com muito empenho,
Que na polícia falasse
Quando as carapuças talhasse.

XXIII.

Quer o homem que eu pergunte
Se qualquer um galopar
Deve a multa pagar?
Ou se agora está em uso
Consentir-se neste abuso.

XXIV.

Sobre uma coisa tão séria
Eu não desejo falar;
Porque não quero ir parar

Preso, para indagações,
Em algumas das prisões!

XXV.

A razão do meu vizinho
Estar assim tão zangado,
Foi o seu afilhado
Por um milagre escapar
De esmagado ficar!

XXVI.

Que o tal rapaz é travesso
Sabe toda vizinhança,
Porém coitado, é criança,
É deve ser desculpado
De ser assim estouvado.

XXVII.

Estava ele, coitadinho,
Mui sossegado brincando,
Sua pandorga empinando,
E quando menos pensou
Por terra no chão ficou!

XXVIII.

Era um cá da terra
Que por andar sempre a trote
Vinha agora a galope
E no pequeno esbarrando
Foi no chão o atirando.

XXIX

Eis aí que por um triz
Ia havendo uma desgraça;

Porque não há ninguém que faça,
Ou que queira se importar
Deste abuso terminar.

XXX.

- O costume das bolinhas
Deve já ser proibido,
Pois está muito conhecido
Que tem inconvenientes
Que incomodam os transeuntes.

XXXI.

Inda não há muito tempo
(Creio que na segunda-feira),
Que quis dar um mimo a caseira,
E mandei o meu moleque
Buscar para amostra um leque.

XXXII.

O tempo ia passando
E nada de moleque,
O que me fez dar pelo beque
Julgando ter sido agarrado,
E para os menores enviado!

XXXIII.

A procura do crioulo
Sai de casa assustado,
Eis que o vejo agachado
Qual menino que engatinha
Jogando a sua bolinha! ...

XXXIV.

E agora, minha filha,

Adeus até a semana,
Vou convidar a pestana
Para ir comigo ao baile
Impossível é que ele falhe.

Pelotas, 26 de outubro de 1862

DIÁRIO DO RIO GRANDE, SÁBADO 11 DE ABRIL DE 1863, P.2.

Primeira carta noticiosa de João das Mentiras ao seu compadre Juca Chalaça.

Antes de principiar cumpre dizer que as minhas inocentes epistolas, para aqui transplantadas com o amplo consentimento do senhor proprietário e redator do Diário do Rio Grande, não tem outro fim, mais que entreter ao meu bom amigo e compadre Chalaça; pelo que antecipo-me em pedir a todos os assinantes e leitores do já uma vez referido Diário do Rio Grande, que não as leiam, porque elas só devem interessar aquele meu compadre: escrevo só e unicamente para ele, e sendo assim uma correspondência de mera afeição e em caráter particular, não devo por isso ser responsável pelos seus erros e falta de estilo.

Agora nós, caríssimo compadre:

Eis assim sem mais nem menos arvorado em relator de notícias. Quem tal diria, compadre, que depois dos meus cinquenta (teimando a minha Gertrudes em dizer que são cinquenta e quatro) tomasse essa deliberação? Porém coisas se dão cá pela estância como lá pelas aéreas chamam Pelotas, que seria mesmo uma calamidade deixar passar despercebido; razão esta que fez com que eu me constituísse seu correspondente nesta cidade.

A minha Gertrudes bastante tem ralhado por esta minha determinação não cessa de dizer-me que eu faço mal em bolir com quem está quieto e que a melhor recompensa que poderei ter será alguma escovadela.

Até já o seu afilhado Simpliciano está completamente proibido de dar-me notícias, e grande seria o meu apuro se não fosse o peticinho das cantigas ter se oferecido para o meu agente; aquisição esta que não podia ser melhor, por que além de ser ele um descobridor de mel de pau tem a vantagem de farejar quase todas as casas.

O meu Simpliciano enganou-se com isto, por ele lhe ter tirado o direito de noticiador, já me disse que o peticinho não é brasileiro como se inculca e sim maranhense de sangue azul; mas como tem aspirações de galões da nacional, deixou-se qualificar. Mas eu creio que o Simpliciano fala assim por estar despeitado, fica, porém, ao meu cuidado indagar da verdade e com mais vagar lhe darei conta.

Na terça-feira próxima passada teve lugar a procissão do encontro: seria um nunca acabar se eu fosse relatar tudo que vi e ouvi nesta ocasião.

Cada vez embirro mais com a procissões; meu compadre, ao meu ver elas para poucos mais servem do que para fazer arrefecer o pouco respeito religioso que ainda existe entre nós.

Deseja que me dissesse se tem espirito religioso, aquele que recostado dentro do seu carro tirando fumaças ao lançante, vê passar uma procissão? E quando o pregador emprega todo o seu saber mostrando-nos a humildade de Jesus Cristo, o figurão elevado na sua fofa presunção, mando com desdém o seu lacaio arredar o carro para mais longe daqueles que não tem uma casaca tão bem acabada como a dele?!

A polícia, compadre, devia expressamente proibir o ver-se procissão de carro ou de ônibus, porque além de ser uma falta de respeito, é muito arriscado a haver qualquer desgraça porque inda bem não acaba de passar o andor, já os carros cruzam-se em todas as direções por entre o povo, atropelando a torto e a direito.

Quarta, quinta e sexta-feira Santa, o concurso foi imenso na igreja, tendo o último dia excedido a todos!

Ah! Compadre cada vez a falta de respeito vai aumentando no tempo sagrado.

Aqui, temos um menino malereado, com fumaças de moço, dirigindo graças tão sem graças, capazes de fazerem corar a um granadeiro, quanto mais as famílias decentes; e não contentes com isso, por divertimento entretém se espetar com alfinetes os que estão perto de si.

Mais ali, um moço delicado, de cabelos grisados, que foge de ir a formatura para não juntar-se com a canalha (segundo diz ele) mostra que tem uma apurada educação, puxando com a bengala os balões e as saias dos vestidos de todas aquelas que tiveram a infelicidade de ficar perto de um inferior tão inferior.

Acolá, vê-se uma multidão de dandys, fazendo da igreja lugar apropriado para os seus namoros, entregando-se a este belo passatempo em corpo e alma e com eles o belo sexo também os coadjuva (com algumas exceções) a colorir este quadro de falta de respeito; e enquanto algumas magnetizam os tais dandys com os seus feiticeiros olhares, outras buscam em indagar qual o molde mais moderno, para fazer um vestido de caça, ao mesmo tempo que mamãe ensina a vizinha o meio mais fácil de fazer marmelada e aprender como se deve criar pintos conchichinos.

O sapateiro discute calorosamente sobre a questão inglesa, como se estivesse fazendo botas, e até o homem que masca aranhas sendo ali uma espécie de criado, grita mais que o preto do leite.

É assim, compadre, que na igreja muita gente está não falando nos empurrões nas entradas de procissão e até em espadas desembainhadas ameaçando o povo.

Antes que me esqueça, compadre vou participar-lhe que me contou o meu Simpliciano, porém isto é segredo, o caso é digno de atenção: e se não fosse eu ter prometido ao rapaz completo silencio, não poria duvida em dizer a polícia, porque o negócio não é para

brincadeiras. Trata-se nada menos que um amável joguinho coisa papafina, diz o Simpliciano, que ouviu dizer que em certo café que tem portas para a frente e para os fundos, mas que não lhe souberam explicara rua, que se joga todas as noites, quer chova ou faça vento, o tal trinta é um de gloriosa memória (para alguns) e já se sabe acompanhado do inocente ponto maior.

Não é nada, compadre, dizem que não há dinheiro, porém vão lá e verão como correm as onças.

Se bem informam ao rapaz, estancieiros, negociantes, artistas e caixeiros todos buscam ansiosos ver se pilharem os cobres, ou para melhor dizer, as onças dos seus parceiros. É uma maravilha se é assim: ali não há distinção de jerarchia nem de idade! O adolescente quer seja gato ou leão, bate-se taco a taco com o mais duro penedo, e não recua, e enquanto o pai do rei dos animais procura em seu negócio licito e honrado, ganhar com que aumente a fortuna, o filho imberbe, porém sobre o tabuleiro verde num jogo de azar, como é o ponto maio e o trinta e um, perde em poucos momentos quantias enormes!

Já disse, compadre, se não tivesse dito ao rapaz que nada diria a respeito, ia direitinho em casa de nosso digno e ativo delegado e dizia-lhe tudo, mas como esta notícia foi me dada em reserva, e o meu Simpliciano não estava dela bem informado não quero levantar a lebre; guardando-me para na segunda carta vos ser mais explícito.

No sábado a noite percorreu as ruas da cidade a banda de musica do Carlos, acompanhado de mais de cem guardas nacionais todos em uniforme; casualmente andava a minha Gertrudes apreciando a bela noite quando de repente, encontra-se com a musica ficou bastante assustada, julgando ser já a fuga dos ingleses, e como ela é muito nervosa vi-me bastante atrapalhado para convence-la do contrário, e como já ia lhe dando o faniquito do costume fiz logo cheirar um cartucho de pimenta que tinha comprado na venda da esquina; felizmente ficou melhor e eu fui ver o que era aquilo.

Soube então que os guardas nacionais festejavam a volta do Capitão Costa para a seção, visto ter ficado sem efeitos as acusações que lhe fizeram, os rapazes estavam verdadeiramente satisfeitos, foram a casa do dito Capitão Costa e depois de ter a musica tocado algumas peças um dos guardas fez ver qual o motivo que os levavam ali ouvindo-se logo após alegres vivas à S. M. o L. ao Exm. Sr. Presidente da Provincia e a seção da Guarda Nacional de Pelotas, os quais foram freneticamente aplaudidos.

Depois de terem ido um por um, todos os guardas cumprimentar a quem era oferecido a serenata, foram eles a casa do Alferes Silvinha, e lá fizeram o mesmo, e em seguida a casa do primeiro Sargento Pinho; percorrendo depois todas as ruas da cidade, dando frenéticos e aplaudidos vivas aos oficiais da guarda nacional que sabiam sustentar o seu direito.

Escusado era dizer que tudo isso era acompanhado de grande porção de foguetes que não cessavam de subir ao ar; e devido a aprazível noite de luar grande era o número de pessoas que acompanhavam este folguedo, que terminou depois da meia noite!

Não lhe falo em bailes porque sei que abomina este escândalo das sociedades do universo, e que eu também não desgosto porque sou solteiro, quando não muito teria que dizer-lhe da última partida do Recreio Pelotense!

Até a primeira

Pelotas, 07 de abril de 1863

João das Mentiras.

DIÁRIO DO RIO GRANDE, QUINTA-FEIRA 25 DE ABRIL DE 1863, P. 1 E 2.

CORRESPONDÊNCIA

PELOTAS

Segunda carta noticiosa de João das Mentiras a seu compadre Juca Chalaça

Respeitável compadre: Dou começa a esta participando-lhe que a minha Gertrudes anda bastante impressionada em consequência de uma notícia que lhe transmitiu uma sua vizinha, eis o caso: Fulano de tal, casado, e estabelecido nesta cidade, tomou para seu escrituário um desses bonecos adamados, dos que por cá há muitos, ora o bom do tal rapaz que emprega todo o seu gênio habilidoso em conservar os seus frisados cabelos sujeito as leis do pente, entendeu que como era guarda-livros da casa devia também guardar mais alguma coisa e tais jeitos empregou que alcançou seus fins reprovados!

A minha Gertrudes, compadre, diz que a mulher do patrão é a culpada dos desvarios do caixeiro, porém que o budameco é um tratante de grosso calibre; e na verdade é triste ir um homem aos pés do altar, dar e receber o juramento de mutua fidelidade e quando julga que goza a doce paz junto aquela que escolheu para esposa, ser assim traído tão indignamente. E mais triste e revoltante é quando essa desgraça é motivada por um homem indigno, que abusando da confiança daquele lhe dava dinheiro a ganhar lança a vergonha e o próprio no meio de uma família.

E quer saber o compadre, como este mundo avalia as coisas? Escute: ri e escarnece do esposo ultrajado, olha para a mulher infiel com vistas luxuriosas e diz que o sedutor é um rapaz de fina educação, que tem jeito para pôr cabeleiras, etc.

As nossas leis são muito mesquinhas a este respeito. Todas as provas são poucas e quando o homem enfurecido vê sua honra manchada pelo adultério e faz a justiça por suas mãos, afrontam-no com cada falso e com os galés, ficando impune o principal criminoso!

Se a lei pune severamente o ladrão que rouba qualquer objeto inda que insignificante, o que deveria fazer para aquele que rouba a paz doméstica, e com ela a honra e a dignidade de uma família?

Mas já que não há punição para estes delitos, não devemos também protege-lo com o indiferentismo: seja desprezado e corrido da sociedade o homem que comete a vileza de seduzir o sexo frágil e irresistível as tentações satânicas, seja ele ao menos apontado com o dedo como o miserável que um só golpe fez duas vítimas, cobrindo uma de ignomínia e lançando a outra a prostituição.

Outro grande prejuízo existe entre nós, compadre. A opinião pública, esta senhora que não tolera a mínima falta, condena a infeliz que a teve a desgraça de esquecer-se por um momento de seus deveres, e deixa desapercebido o infame sedutor, a vangloriar-se de suas façanhas; e quantos dias depois essa mulher pertence a número das infelizes, a sociedade volta-lhe as costas e recebe com os braços abertos o seu verdugo, oferecendo-lhe novas ocasiões para fazer novas vítimas.

Já basta compadre de divagações sobre o assunto, há muito ao alcance de todos.

Não lhe digo o nome da tal criança, que seduziu a mulher do patrão, porque até tenho asco de escreve-lo! É bastante que fique sabendo que é um inferior muito inferior!

O seu afilhado compadre está ficando um refinado gaiato. A semana passada o teve o desaforo de ir a um baile destes dados por crioulos, e aos quais lhe dão o nome de machiche, ralhei muito com ele por ter ido ao tal baile, porém o rapaz me disse que lá foi muita gente boa citando-me entre outros um negociante que não é qualquer coisa porque também tem carro, uma rainha com calças disfarçada em alfaiate, e outras muitas altas personagens que não envergonham-se de danças nesses lupanares. Acrescenta o rapaz que era um gosto ver um outro personagem de bandeirinhas e com toda formalidade fazer as honras de mestre sala, marcando as quadrilhas!

Pelo meu agente da rua do Comércio fui sabedor que a dias escapou de ser roubada por um preto que me dizem já foi escravo da casa e tem por costume não observar o quino mandamento, e por causa desse mesmo indiscreto costume foi vendido a um moço.

Não há muito tempo que o tal sujeitinho fez uma revista em ordem de marcha ao cofre de um parente, removendo-o contra vontade do seu dono para outro lugar mais ao seu jeito, o que deu lugar ao que o crime fosse descoberto, e que o senhor teve que paga-lo, mas não sei se por diferença ou por empenho, o criminoso não foi castigado, o que ocasionou a que voltasse a cometer novo crime.

O amigo Conceição teve o desgosto de perder um conto de réis assim a moda de fósforos. O habilidoso ladrão chegou ao pé da mesa onde estava o dinheiro, e disse lá com seus botões: um, dois, três, passe, e passou o pacote que continha as louras de cima da mesa para o bolso dele, porém de uma maneira tão chistosa que empenerou a todos os circunstantes porque nenhum deles viu a viagem mágica! Safa que este sujeito é capaz de dar lições ao Agostinho Abella.

A minha Gertrudes tem por costume quando certo sujeito vem na repartição de pôr-se a escutar a conversa por trás da cortina da alcova. Ralhando eu com ela por essa curiosidade própria das mulheres, a boa da velha ficou zangada e disse que não era por bisbilhoteira que

fazia aquilo, e sim para ver se alguém leva por engano qualquer coisa de cima da mesa, visto estar em moda essa gentileza.

O Simpliciano contou-me que certo agente de uma recebedoria, não podendo acertar com a maneira de fazer o balanço anual, recorreu ao seu compadre Leolpoldino, lá do Porto dos Casais para obter um arquivo um balanço de anos anteriores, afim de guiar-se, razão porque até o presente não foram remetidos os livros que cessaram seu exercício em 31 de dezembro de 1862.

Se isso é verdade compadre, eu não sei, mas não acredito...

No domingo teve lugar a festa do nosso padroeiro, que foi feita com toda pompa e magnificência.

O festeiro esmerou-se, honra lhe seja feita. A tarde houve procissão que esteve muito boa, notando-se apenas que alguns bolieiros imprudentes queriam caminhar apressado por entre o povo, como nos outros dias em que vão a ajuntamentos. Um vi eu na rua da Igreja, que deu com o chicote em uma preta que conduzia uma criança.

A polícia deve tomar sérias providencias a respeito, porque mais vale prevenir o mal do que puni-lo.

O arreigado costume de quererem ver a procissões de carro, creio que não se acabe mais entre nós.

Nas cortes quando passam os Monarcas e Pachás pelas ruas, é costume apear-se os que estão de carro ou a cavalo, em sinal de respeito; aqui em Pelotas quando passa o Santíssimo Sacramento, que representa o nosso Redentor, que nos remiu e salvou, , os que não querem se misturar com a plebe ficam em seus carros muito bem repimpados como se estivessem em suas casas!

Compadre nos teatros há muito respeito, mas é porque receiam que o povo da plateia o chame a ordem. A polícia compadre não deve consentir a continuação desses abusos, porque tem direito para mais. Se bem que eu acho o negócio uma coisa complicada, porque se fosse ao xadrez algum simples mortal o negócio seria fácil; porém bolir com os ateus, Deus nos defenda, eram até capazes de faltar ao respeito a própria autoridade, como já aconteceu; e por conseguinte o melhor mesmo é ficar as coisas no mesmo estado atual.

Na procissão iam muitos anjinhos. Pena que se vá abusando tanto o título de promessa: Via-se ali um São Francisquinho chorando mais que uma criança de peito; mais além um guerreiro em miniatura, de espada em punho, capacete e luvas como se fosse nas antigas cruzadas; depois travessos cupidinhos, qual outros filhos de Cintera também fazem parte da procissão, resultado de tudo isso, uma mistura de religioso – profano – mitológico! É preciso

que o povo se convença que na religião não há modas nem se admite caricatura; ao contrário tornar-se-ia uma mascarada de carnaval. Concedo que haja promessas, porém de outra maneira e que estas revertam em proveito do culto divino.

A minha Gertrudes reparou em não ser a imagem de Nossa Senhora do Carmo carregada pelos irmãos; talvez também já não esteja em moda isto; assim como ela também reparou que a seção da G. N. ia sem a sua bandeira, o que o Simpliciano desculpou dizendo que a seção inda não tem bandeira, e que a que as vezes tem aparecido já tinha ido para o corpo de cavalaria a que pertence por certos motivos.

Disse-me o meu tocaio João Manuel das Mentiras, que a presidência da Província mandara pedir ao comando superior informações do estado dos oficiais da seção. O negócio esta complicado, porque o mano major anda há dois nãos lá pelas Oropeias (como diz minha Getrudes); o primo-capitão com parte de doente há quatro anos, só apresentou agora me nomine e dizem que a pedido; o amigo-alferes, que além de nunca se ter apresentado, está agora feito capitão de popa a prôa, etc, etc,.

Fora dos meus costumes fui ao cantante ver o efeito que tinha produzido a bomba por mim lançada naquele acampamento.

Assentei-me assim como quem não quer a coisa e mandei vir café; eis senão quando entra um enfurecido Leão e calorosamente discute sobre a minha primeira carta. Venha o dicionário, diz ele, quero ver o que é penedo alto (lá diz baixo); já sei donde parte tudo isso, mas eu prometo que o alemão há de se arrepender.

Um velho que também e freguês da casa recebeu a carapuça e ei-la travada, do que resultou alguns empurrões de parte a parte, ficando tudo depois em paz e harmonia; constatando-me que cessara o joguinho do trinta e um.

O Simpliciano contou-me que todas as pessoas que tiveram a imprudência de beber água na igreja no domingo a noite, sofreram mais ou menos o efeito de um vomitório, o rapaz desconfia ser isso alguma brincadeira de crianças, pelo que convém haver mais cuidado; porque assim como a graçola só produziu um incomodo passageiro, podia trazer sérias consequências.

Basta de massada, até o fim do mês, que então farei a resenha dos trinta dias.

Pelotas, 20 de abril de 1863

João das Mentiras

DIÁRIO DO RIO GRANDE, DOMINGO 10 DE MAIO DE 1863, P.2.

Terceira carta noticiosa de João das Mentiras ao seu compadre Juca Chalaça

Compadre e amigo

Prometi na minha última relatar-lhe o que por cá tem havido nestes últimos dias, porém a falar-lhe a verdade pouco ou nada tenho a contar-lhe.

No que presentemente mais se fala é na Companhia Grande Oceano; A minha Gertrudes como gosta de tudo, está que não cabe na pele; Diz ela que quer ver o tal cavalo Hiran no seu andor, quando no domingo foi ao lírico e viu no salão do teatro os cartazes que representam as diversas posições, difíceis e arriscadas, a boa mulher benzeu-se, e depois de rezar o credo disse, que os homens ou eram pedreiros livros, ou tinham trato com o tinhoso; e na verdade compadre, pela amostra se vê que os tais senhores do Grande Oceano são verdadeiros artistas. Vamos em breve apreciar esses maravilhosos trabalhos e na seguinte carta lhe darei minha franca opinião.

- Tem havido por cá uma sucia de benefícios, dado pela companhia lírica que é um Deus nos acuda; se vai assim até o apagador das velas não ficará sem um quinhão.

O Marquês do Botequim disse-me que a Sociedade Beneficência Portuguesa obteve também um benefício, o qual será no domingo próximo futuro.

- Há dias mandou a minha Gertrudes comprar uma libra de sabão na venda e venho a tal coisa embrulhada em um Noticiador, eu nem caso fiz do papel d embrulho, porém o meu Simpliciano como mais curioso pegou nele e através das partículas sebáceas e dos imensos erros tipográficos, viu um artigo debaixo da rubrica Noticiário, dirigiu cá a este seu criado; o rapaz veio logo mostrar-me e despertado pelas linhas, já que temos que encher algumas tiras para jornal, li-o até o cabo.

Diz o colega (permita-me a expressão) que o correspondente do Diário deu grande importância a serenata oferecida aos dois oficiais da G. N.

Perdão, colega, eu apenas contei o que se passou, e apesar de você chamar insuspeito (tendo o cuidado de grifar a palavra) não tapei o sol com a peneira.

Disse mais o colega que fica prejudicado a clareza e lucidez de seu escrito, por querer usar indulgencia para com quem nada merece!

É pena ficar perdida tão estupenda peça de arquitetura.

Não pretendo fazer convencer ao colega que a tocada foi oferecida a este ou aquele, porque o pior cego é o que não quer ver; tenho certeza que o nobre colega tem consciência que

a serenata foi oferecida a quem eu já disse, embora agora negue, talvez que o colega não seja insuspeito.

Termina o artiguito, dizendo que este seu ninguém nunca foi, não é e nunca será Guarda Nacional.

Buff! Isto também é demais colega; é muito positivismo; porque nasci livre, e apesar de estar na reserva, sinjo uma banda de tenente, e ainda estou no gozo de todos os meus direitos políticos e sociais.

- Haverá quinze dias pouco mais ou menos, andava eu no passeio da tarde do costume, eis se não quando ouço tocar música em funeral, apreso os passos já pensando que tinha morrido algum defensor da pátria e de repente esbarro com uma multidão de pretinhos, destes de cara lanhada, que conduziam o cadáver de um seu parente! A minha admiração chegou ao seu auge, quando vi que a música que acompanhava o préstito era da guarda nacional, e toda uniformizada.

Ora que a música fosse tocar no enterro concedo; tocar é o seu oficio; e demais foram ganhar dinheiro, mas o que não posso concordar é que ela fosse em uniforme, acompanhar o enterro de um paisano, e de que paisano, de um preto Mina!

Dirá alguém: deixou dinheiro para pagar tudo; mas embora o dinheiro compre tudo, devemos respeitar certas dignidades.

- Participo-lhe compadre, que o Simpliciano quase morreu de morte matada como lá dizem. Estava ele todo entretido a ver e ouvir as honras fúnebres que faziam ao pai José; quando de repente zás... caiu o badalo do sino, e por um triz que lhe pilha o órgão das ideias (está frase não é minha), o rapaz ficou assustado e pediu que não deixasse de falar no badalo; isto é que pedisse a quem compete que cuide o quanto antes de remediar aquele mal, porque pode de repente acontecer alguma desgraça de maior vulto.

Pelo meu novo correspondente da rua das Flores, soube que um médio e rechunxudo mercador recebeu de um seu devedor que mora em S. Gabriel, uma porção de fazendas para serem vendidas e o importante dividido por todos os credores; mas dizem os vizinhos que o inocente maninho não querendo estar com este trabalho, ou talvez por não saber dividir, ficou com todo dinheiro apurado, e os outros credores a chuxarem no dedo! Tudo são meios de vida, os negócios estão bastante bicudos, e por tanto lança-se mão de todos os meios lícitos e ilícitos; mais tarde, porém veremos como se fará esta inocente criatura; é bom estar com Deus e com Diabo.

- Os fregueses do café cantante já não jogam mais o trinta e um, senão depois da porta fechada, já por duas vezes, andando eu ao passeio, deu a casualidade de passar por ali, parei-

me um pouco e ouvi aquele infernal ritintin, não do embate das armas, como diz o nosso Magalhães, mas sim o das diabólicas bolas numeradas, prestei mais atenção e então ouvi o tal dito favorito de chovisca, que lá na gíria deles quer dizer venha o dinheiro!

Quisera ser mais extenso, porém a minha Gertrudes já por duas vezes chamou-me para o chá, e eu não quero que ela se zangue, por cujo motivo dou hoje o assunto por concluído.

João da Mentiras

Pelotas, 30 de abril de 1863.

DIÁRIO DO RIO GRANDE, QUARTA-FEIRA 3 DE JUNHO DE 1863, P.2.

Quarta carta noticiosa de João das Mentiras a seu companheiro Juca Chalaça

Amigo e compadre.

Dizia minha avó, que Deus haja: - Dias de nada véspera de muito -; é justamente o que me acontece agora. Pouco a pouco fui retardando esta missiva a espera de mais alguma novidade e acho-me hoje com canhenho cheio. São tantas e são tão boas que não sei por onde ei de principiar; Cá a minha Gertrudes, que ao princípio estava zangada, por eu ter me metido em calças pardas, como diz ela; já vai gostando da caçoada, e até é a primeira a pedir ao Simpliciano notícias; sendo que pela vontade dela estaria eu todos os dias escrevendo. Chega a tal ponto o seu entusiasmo, que se meteu na cabeça o querer rabiscar; e se vai assim breve a teremos escrevendo alguma semana!

Quisera dar-lhe uma descrição exata do Grande Oceano, olhe que falo do circo que tem esse nome, não vá pensar agora que vou apresentar algum tratado geográfico; mas como ia dizendo a respeito do tal circo, o que poderei eu relatar que já não seja sabido e discutido? Creio que cá por Pelotas não ficou velho nem moço, feio ou bonito, pobre ou rico, nobre ou plebeu que não fosse apreciar tão decantados trabalhos. Muitas são as opiniões; uns conformaram-se com a fama, outros negam-lhe a sublimidade; e outros mais difíceis de contentar, dizem que não é lá essas coisas; todos, porém rendem cultos ao célebre cavalo Hiram. O que a de positivo é que eles lá se foram levando boa quantidade de pecetas; mas antes de retirarem-se ofereceram um benefício para ser dividido entre o Asilo e a Caridade, que rendeu (segundo diz o colega do Noticiador) um conto e seiscentos mil réis, que acho pouco, porém ele que diz, é porque sabe. Há dias esteve para haver aqui um casamento importante; era uma viúva de mais de sessenta anos com um alto e corpulento mancebo de meio século. Dirá o compadre que nada encontra nessa união de extraordinária, porque tendo a noiva genres que em seu alto saber não concordam com este enlace, talvez por motivos pecuniários; embargaram o casamento e deixaram o futuro par com água na boca. Dizem que ao princípio a velha noiva embirrou e que estava renitente em contrair novos laços matrimoniais, mas agora já se vai conformando com a vontade dos parentes, enquanto que o noivo creio que tornou a ir cuidar da plantação do seu milho e feijão.

O meu Simpliciano pediu para eu perguntar ao compadre, que é rabula de aldeia, se é compatível ser comandante da seção da G. N. e suplente juramentado de subdelegado; mas eu como não quero que o colega do Noticiador me chame de suspeito, não faço essa pergunta, embora o rapaz me diga que a vara da subdelegacia esteve em poder do mesmo comandante em

fins de abril; já disse não quero ser tachado de suspeito e por isso pulo por cima dessas coisas como um gato por brasas e deixo ir Deus com o seu mundo!

Acha-se funcionando o conselho de qualificação. O meu tocaio Joca disse-me que já estão qualificados 1665 nomes! ... mas como ele é muito amigo de pregar mentiras, julgo que é peta esta notícia, ao menos eu não garanto e não me dou por responsável.

Já que saiu este assunto dos bicos da pena, saiba que o colega do Noticiador viu-se por aqui meio atarantado por causa de um pedido que publicou; o caso esteve feio; queriam a todo risco saber quem foi que teve a lembrança de dizer que tinha havido um envenenamento na pessoa de João Francisco Pereira, tudo porém ficou em nada, e quem morreu, morreu. Eu nada digo a tal respeito porque também tenho medo das responsabilidades e cá pelo torrão pelotense é mais fácil perseguir se quem pretende levantar a ponta do véu que encobre algum mistério, do que fazer-se a precisas averiguações para descobrir-se a verdade.

Anda por aqui um zumzum de meus pecados a respeito da mala posta; dizem uns que ela quebrou apesar de subvencionada e outros dizem que já alguém foi a Porto Alegre abrir-lhe a falência; enquanto que outros asseveram que é tudo falso. Eu nada, porém afirmo ao compadre o que é certo é que ela não goza boa saúde; e que ainda não deu uma só viagem dentro do contrato escrito e anunciado!!! Isto, porém pertence à presidência; S Ex. não desprezará o direito do público.

Pelotas, compadre é terra das esquisitices; lá vai aprova desta verdade. Há diz um negociante mandou citar a um seu freguês; o bom do homem em vez de pagar e calar-se, correu para imprensa e arengou uma mixórdia de grelos ao que deu o nome de a pedido, e em sua justa indignação vez ver ao povo que tinha sido citado! Oh! Caro estupido! Uma tal revelação causou um abalo extraordinário. O cambio baixou ter quartos por cento. Pelas ruas da cidade não se falava outra coisa; até o astro luminoso, ao qual os antigos poetas apelidaram de Phebo, como que admirado, parou por momentos a sua carreira, do que resultou um eclipse total.

O nosso Comercio (papel) tem ultimamente apresentado uma bem elaborada revista, a qual dá o nome de Semana. A pena é de mestre; e pelas rabanadas latinorias que apresenta bem mostra que seu autor não deixa de ser algum desses que tem queimado as pestanas nas academias, inutilmente. Pena é que o novo Messias se pronunciasse tão desabridamente contra o Recreio Pelotense. Ao meu ver o homem está despeitado com a sociedade e por isso falou daquela maneira.

Este Comércio é um grande jornal! Só aqueles bem escritos artigos de entradas e saídas de carretas é quanto basta para imortaliza-lo! E sua nítida impressão emplastada? E aquele rico papel cetim de cigarro elegantemente emendado a grude como se não houvesse papel no Rio

Grande para vender? Tudo ali é grande! O próprio noticiário, escrito a maior parte da cidade vizinha, bem deixa ver a força do famoso literato entregador de cartas e de seu digno colaborador da semana, a caveira! Uma única coisa boa trás de vez enquanto o seboso e sujo Comércio, é a correspondência do Rio Grande; mas está mesmo, com quanto regularmente redigida quase nunca nos adianta as folhas diárias dali que aqui são distribuídas a tarde do mesmo dia que saem a luz.

Anda por aqui uma febre teatral diabólica. Temos uma sociedade particular de alemães e duas ou três de curiosos nacionais. Tem já havido algumas representações e disse-me o Simpliciano que os rapazes vão se saindo menos mal. É de lastimar, porém, que alguns dos espectadores, esquecendo que estão em uma sociedade pratiquem ações reprovadas; e em tais casos é preciso que se convençam que em uma representação desta ordem deve-se estar com tanto respeito como em qualquer reunião que não é pública.

Mas como as pessoas que fazem parte deste passatempo não são das da primeira classe, talvez julguem algum deste senhores que se tem por civilizados e decentes que podem ali estar como em qualquer seboso botequim. O nosso subdelegado, porém, fez ver ao contrário, e disse muito positivamente que estava disposto a fazer se retirar todo aquele que se esquecesse do lugar onde estava.

Não relato aqui os nomes dos amotinadores, por ser a primeira vez, que delinquiram, mas prometo faze-lo se o abuso continuar.

Hoje teve lugar a festa do Divino Espirito Santo que foi feita com toda pompa e decência. Sendo o Imperador um completo cavalheiro, empregou todos os esforços a bem de nada faltar. A jovem e interessante Imperatriz, com todo o seu estado maior, produziu um efeito brilhante. Há quem censure o haver só três noites de leilão; Eu porém louvo muito esta determinação do digno festeiro, não só porque não voto para botar-se dinheiro fora, como memos porque já era tempo acabar-se com antigas usanças; que haja festa como outra qualquer, concordo; porém leilões, imperadores e outras que tais patacoadas já cheira a carrancismo e mesma não é própria da quadra que atravessou.

A minha Gertrudes pensa ao contrário, e diz que não há nada melhor do que um leilão do Divino; e estou certo compadre, que a maior parte dessas vaporosas criaturas que são conhecidas com o nome de moças, pensarão da mesma maneira. Para outra que lhe escrever (que será breve) lhe retarei o que elos leilões vi e ouvi mais digno de atenção e por hoje retiro-me a quartei porque a minha cara metade já esta pronta e ataviada para ir aos tais leilões e só espera pela minha respeitável pessoa e você sabe compadre que isso de gente que veste saia não gosta de espera e por conseguinte até a primeira.

João das Mentiras

Pelotas, 24 de maio de 1863.

N. B. já tinha eu fechado está no seu competente envelope, quando me aparece botando os bofes pela boca o meu Simpliciano dizendo-me que tinha encontrado na calçada da casa da Câmara uma carta muito interessante, que revela alguns segredinhos, não amorosos como aqueles que o Mosaico da minha brade tem apresentado já desta cidade, já de outros lugares, mas que era uma carta digna de toda a publicidade. Tomei-a então do rapaz, li-a: e na verdade recriei-me com as revelações contidas.

Foi este um grande achado do Simpliciano, apesar de toda a sua simplicidade; e como o compadre é um dos maiores apreciadores da crônica do próximo, apesar de ter mesmo uma bem escandalosa, aqui a remeto para que leia só para si, tornando-a a devolver-me com toda segurança, a fim que não se extravie e apareça no rodapé do Ecos do Sul.

Eis carta: Mas... segredo:

Um individuo cujo nome aqui suprimo, tendo comido e bebido por longo tempo a custa de seus credores e não tendo habilitações nem préstimos para tratar dos interesses que lhe foram confiados, lembrou-se procurar um meio para com mais demora pagar as dividas e teve a feliz ideia de mandar ao Rio de Janeiro um encarregado pedir aos credores espera e abatimento, estes que já estavam ao fato da capacidade de seus devedor não quiseram anuir, sem que este lhe desse uma garantia; assim é que encarregaram a um respeitável negociante desta praça para entrar em arranjo, sempre que lhes apresentasse a garantia. Este negociante entendeu-se com o tal indivíduo e este consta-me que recorreu a um outro negociante do Rio Grande para que lhe afiançasse as letras ou por outra garantisse por ele a dívida que tinha com seus credores, ao que o amigo não quis prestar-se, dizendo-lhe que já tinha lhe emprestado sete contos e quinhentos mil réis e que sabia que desta quantia não existia, senão quatro contos e quinhentos dos quais não tinha garantia, e que portanto não estava disposto a dar-lhe a sua firma para que ele a fosse comprometer, pois que não sabia que tinha aptidão para coisa alguma.

Este cavajero é aquele mesmo que, tendo um sujeito por esquecimento deixado em sua casa um livro de poesia, mandou por diversas vezes busca-lo e só teve por resposta que ali não tinha deixado livro algum e se tinha deixado que o tinham roubado. Passado talvez quatro meses o próprio caixeiro foi dizer ao dono do livro que seu patrão o tinha guardado na burra e que lhe havia dado ordem para que dissesse que em casa dele não havia semelhante livro, o dono aproveitou esta declaração e mandou dizer ao tal cujo que não fosse assim e que lhe mandasse o livro, do contrário que iria dar parte a polícia; a vista disso o indivíduo tomou por melhor partido mandar levar o livro pelo próprio caixeiro.

DIÁRIO DO RIO GRANDE, SEGUNDA-FEIRA 22 E TERÇA-FEIRA 23 DE JUNHO DE 1863, P.2.

Quinta carta noticiosa de João das Mentiras ao seu compadre Juca Chalaça

Principiarei esta queixando-me do compadre pela grande demora em que leva a fazer parecer na imprensa as minhas missivas, pedindo-lhe mais pontualidade na entrega das mesmas na tipografia, pois estou bem certo que aí não haverá demora nenhuma, pela constante falta que há nessas casas de matéria nova para loja; certo que, se assim continuar, passarei a dirigir-me ao Artista, ou ao Cruzeiro, de quem já tive convite para colaborador mediante uma assinatura, que não é lá qualquer coisa! Fique, portanto, cientificado desta minha formal resolução, si ni quanon.

- Saberá agora o compadre que estou completamente desapontado com o colega do Comércio, papel, mas não é com o literato das cartas e sim com o seu Sancho Pança, redator da Ilustrada semana!

Que o home era das arábias eu já sabia, porém nunca pensei que tivesse tanta penetração, a ponto de conhecer que este seu ninguém é o mesmo que fabrica as carapuças aéreas e mais ainda a diabólica palestra das priminhas de saudosa memória; Hirra! Hurra! Com tal descobridor! Eu, que pensava conservar-me envolvido no denso manto do mistério, - Confesso-lhe, seriamente, compadre, que não gostei da brincadeira; porém agora que já estou com a calva amostra, é mister não recuar e fazei-me de forte!

O tal colega, por ocasião de dizer que a minha crítica é severa, botou um versinho de excerto, e por esquecimento não citou de onde sairá, querendo assim fazer passar como obra de casa, não lhe quero mal por isso porque muita gente boa assim pratica; a seu tempo lhe pagarei com usura, falta-me tempo por hoje.

- O júri que aqui tivemos não pode ser tachado de indulgente: colocou-se na altura que o competia; foi reto em suas deliberações, pelo que merece elogios deste humilde pigmeu.

Há muito tempo em Pelotas não apresentava tantos processos importantes para serem julgados e de cujos trabalhos eu o quisera dar uma descrição; mas tendo o ilustrado correspondente do Diário se adiantado e feito de modo mais minucioso possível, deixo aqui de repetir aquilo de que sem dúvida já estará o fato. Todavia direi, quanto ao infeliz João Ribeiro, que por maior que seja a ofensa recebida, não é o sangue que a diminuirá e principalmente num caso desses, quando a falta cometida não tinha recente data.

Ao esposo ultrajado em seus direitos de honra, não há dor que se compare, mormente quando julga possuir um anjo de candura; mas, quando militam certas circunstancias, e se conhece com muita antecedência que se está prejudicado em sua dignidade de marido, e depois, sem ser em flagrante, se dá um passo de tal desespero, já não é o ciúme, e se pode classificar de assassino quem o cometer e neste caso não merece desculpa. Eis o que se deu com esse infeliz, cuja sorte lamento, mas que nem por isso posso acompanhar aqueles que pensam que Ribeiro deveria ser de todo absolvido.

- Agora, compadre, outro assunto.

Com quem então temos eleições em agosto? Está bem bom, gosto disso: O colega bacharel reprovado, creio que desta vez apresenta-se candidato a deputação geral, e como não quer puxar pelos cordões da bolsa, está contra os pataqueiros que mete medo! Não faz se não gritar que é falta de dignidade votar por dinheiro! Pois, meu amigo, se quiser ser deportado, digo deputado, tem que gasta, e gastar bastante, porque dizia minha vó que – Não se apanham trutas as barbas enxutas.

Mas, falando sério, direi que a dois dias que fui convidado para assistir a uma reunião política, a fim de se organizar a chapa para os futuros eleitores, e como sou liberal e também conservador não faltei.

O que ali se passou é segredo, por isso nada lhe direi por hoje. As discussões multiplicaram-se; falou-se muito; disse – se muita coisinha que não se deveria dizer e afinal ficou a chapa composta dos seguintes e respeitáveis nomes, que depende ainda de certa excelentíssima aprovação, a saber:

1. Barão de Piratini
2. Coronel Anibal Antunes Maciel
3. Coronel Joaquim de Sá Araujo
4. Capitão José Rafael Vieira Cunha da Cunha
5. Comendador José Alexandre Vieira da Cunha
6. Dr. Amaro José Avila da Silveira
7. Antônio Rafael dos Anjos
8. Dr. Joaquim José Afonso Alves

Escusado é dizer-lhe que neguei-me de fazer parte da chapa, mas não obstante sou companheiro e trabalharei para seu triunfo.

Pelo que aí e discutido não teremos oposicionistas e assim fácil será a luta. Os candidatos apresentados são como já devas saber:

Barão de Mauá

Dr. Amaro

Dr. Pinheiro Machado

Aos quais auguro um bom resultado em todo o segundo círculo eleitoral, porque todas as probabilidades estão deste lado, como lhe passo a demonstrar:

Aqui vencem impreterivelmente os baronistas (que é o meu lado e o mesmo de quem acima falo); - No Rio Grande, tenho que haverá mescla, é dizer metade baronistas, metade Pio; -Jaguarão, mescla, cabendo maior número de baronistas; - Canguçu vencem os baronistas a chapa inteira; - Piratini, mescla, metendo inda que pela 1ª vez o Lima (baronista) maior número; - Bagé, é tudo baronista; - Dom Pedrito onde é majestade o Mercio, não há nem oposição; - Santana do Livramento, é que está em dúvida, e , apesar mesmo de vencer ali o Canabarro, os baronistas hão de ter os seus votinhos, pelo menos o Amaro, por parte do Major Frazão, irmão do Capitão Nascimento; - Alegrete está sabido que vence o Severino com o João Brasil, que também são em corpo e alma baronistas; - Uruguaiana, idem, idem, porque o triunfo será do Feliciano Ribeiro com o Dr. Wenceslau; - Temos o Itaqui que é, e será do Coronel Baronista Fernandes Lima; - resta pois Cruz Alta e seus arrabaldes, que é já sabido ganharão em todas as freguesias o Dr. Pinheiro Machado de combinação com o Major Novaes, que são antigos e fortes sustentadores naquela parte da província do partido baronista.

Ergo, os candidatos Felix Xavier e Gaspar Silveira Martins ficarão a ver navios!

O Barão chefe do partido baronista, S. Tenente General Barão de Porto Alegre tem hoje muito partido em toda a província, tanto que desde já lhe damos o triunfo em ambos os círculos eleitorais para deputados, sendo que no primeiro sairão eleitos ele Barão, Dr. Luiz Flores e tenente Coronel Felipe Betebzé de Oliveira Nery.

Muito já tenho lhe dito de política, passarei adiante.

- Uma pequena tropilha se deu nestes últimos dias. Um moço morador na Serra, sargento da guarda nacional de cavalaria recrutado para marinha e como tal ia para o Rio Grande; porém felizmente para ele, pode lograr a vigilância de seus guardas e safou-se a nado para o outro lado do arroio! Perguntou eu agora; pode-se por acaso perder um guarda nacional qualificado e manda-lo para marinha sem consentimento do seu comandante? Julgo que não, digam muito embora que por más informações de seu comportamento deu-se este passo; eu não me satisfaço com isso, porque se o homem é criminoso seja processado, que para isso temos leis; mas agarrar se assim sem mais nem menos, um sargento da guarda nacional e manda-lo para marinha, não concordo, e principalmente em tempo de eleição!

- Contou-me o homem que masca aranhas, aquele seu antigo vizinho, que tinha roubado as caixinhas das esmolas que estão na igreja! Isto assim vai mal; é preciso acabar com estes

ratos de sacristia e descobrir-se os larápios; e como o tal mascador de aranhas, está quase sempre no templo de Deus a rezar, talvez que possa dar algumas informações a respeito.

- Não lhe falei hoje na minha Gertrudes e nem no bom Simpliciano, porque foram ambos para Serra, passar ali alguns dias e por cujo motivo esta é falha de maiores novidades, o que prometo recuperar na primeira que lhe escrever.

Disponha com franqueza de seu humilde servo.

João das Mentiras.

Pelotas, 18 de junho de 1863.

DIÁRIO DO RIO GRANDE, QUINTA-FEIRA 09 DE JULHO DE 1863, P.1 E 2.

Sexta carta noticiosa de João das Mentiras a seu compadre Juca Chalaça.

E ao som do trombar dos foguetes, bombas e busca-pés que hoje faço esta, a minha Gertrudes já toda preparada, por mais de uma vez me tem feito ver que são horas para irmos a um pequeno *soieree*, para o qual fomos convidados, eu, porém como tenho que lhe escrever, vou manda-la com o Simpliciano, e quando terminar esta, então irei, e do que lá houver lhe darei parte na minha primeira.

- O s. João foi por aqui muito festejado. Como é de costume houveram alguns divertimentos particulares; e eu como nada falto fui a dois, porém comprometi-me a nada dizer; se bem que não seria mal fazer ver a certos marmanjos que em uma reunião onde damas tem, não é o mesmo que estar vendendo copinhos da Patrícia: é preciso mais delicadeza, e demais quem não sabe dançar deve aprender e não martirizar os engraçados e dengosos pares a ponto de rasgarem vestidos; é também muito prudente lavar-se as mãos para não tisnar a roupa de quem por infelicidade dançar com tais selvagens. Costume de logo de chegada par para todas as marcas deve ser abolido e mesmo não é próprio em uma reunião de família, onde não há luva nem casaca.

- Já que falei de bailes, aproveito o ensejo para tratar de partida do Recreio Pelotense que teve lugar ontem. A falar a verdade notei bastante desanimação. Poucas foram as fadas que se dignaram a abrilhantar o sagrado templo da Terpsicora (como diz um poeta cá da terra); creio até que não chegaram à dúzia e meia: e você sabe compadre, que um baile sem moças, é o mesmo que feijão sem toucinho.

Não vá agora achar essa minha comparação esdruxula; bem vê que já sou velho e para mim acabou-se a poesia e demais sou muito amigo do positivismo. Mas como ia dizendo achei o baile sem saborico e desenxabido, já me vai aborrecendo essas coisas, e o que vou eu lá ver? Aqui um oficial reformado muito capaz de ter netos, preso e rendido ao desinquieto cupido ou por outra, cativo por uma interessante menina de vestido preto; ali uma outra de idade que com o seu fascinante olhar torna de cera o coração mais empedrecido, tudo são finezas e galanteios! Mil protestos fingidos, enfim destes ditos que nada ganham pela invenção; acolá um mano Juca que julgando talvez estar em seus pagos pita no salão como quem vai de caminho! E um pouco mais retirado nunca assaz decantado joguinho, ao qual muitos prestam mais atenção que as próprias moças! Eis aqui o que vi e o que se vê sempre nos bailes.

- A companhia Arêas por enquanto não tem sido feliz; pouca concorrência tem tido nos dois espetáculos que deu; e para lastimar esta desanimação, porque a companhia está muito regularmente organizada, tem bons atores e dispõem de uma rica coleção de dramas importantes. Há quem diga que a quadra que atravessamos é péssima, porém não há muito tempo que o circo Grande Oceano cá esteve e sempre teve grandes enchentes; o povo compadre é assim mesmo, gosta de tudo que é patacoada e espalhafato e despreza o que é bom, a prova mais evidente está na improvisada companhia coreográfica do charlatão... que com pernadas e pinotes, muito obteve um colaborador; desde já prometo o futuro colega seguir seus passos.

O amável Comércio (papel) continuará como sempre cheio de erros e barbarismos, apesar de ter dois revisores, o literato editor e o redator da semana.

Dos prelos do Noticiador saiu também um outro jornal domingueiro, que pouco mais terá de quatro polegadas de comprido o qual intitula-se Estrela.

E o Comércio do Nunes não querendo ficar por baixo, também fez publicar um outro papelucho com nome de Espião de Polícia! E qualquer dia aparecerá um outro jornal, porém dizem que será do formato dos do Rio Grande e muito bem impresso, porque o dono da tipografia é perfeito oficial; dito esmo pelo literato das cartas; e creio que o nome destinado para esse novo jornal é Atualidade! Já vê, pois, compadre, que só o que falta é dinheiro, que enquanto os jornais a com (palavra cortada) resta ver se poderão todos eles continuar a viver e isto só o futuro nos poderá mostrar.

- Há dias entrou uma pobre preta doida, vagando pelas ruas da cidade, consta-me que é cativa e que seu desapiedado senhor, vez de ter toda a consideração para com esta infeliz, mandou castigar barbaramente na cadeia! Dizendo que era manhã; o asseguro o fato porque não gosto de responsabilidades, porém se é verdade é lastimar tanta crueldade. Que a preta louca, creio que não padece duvida e isto torna-se perigoso andar pelas ruas da cidade e mesmo ofende a moral porque a tal doida costuma pronunciar palavras indecentes. Não sei se a (palavra cortada) pode esquivar-se de receber, o que sei, porém é que não se tem ido receber, alegando-se falta de meios e cômodos.

Não desejava mais falar a respeito de tais companhias dramáticas particulares, mesmo não vale a pena tratar objeto tão insignificantes; porém deu-se há muito um qui-pro-co alguma coisa engraçado por isso lá vai. Uma pessoa de respeito por suas qualidades e posição comprou um meio bilhete de loteria, a um dos piores que por cá temos; neste mesmo mandaram a mesma pessoa um bilhete para o espetáculo particular, daí a pouco tempo apareceu um rapazola dizendo que ia cobrar o bilhete; prontamente entregue doze mil réis, e o rapaz safou-se elogiando tanta

prodigalidade; chega finalmente a lista e o vendedor dos bilhetes de loteria vai em continente ver em casa do freguês qual o prêmio que lhe tinha saído, - estava branco!

- Não quer outro?

- Não, mas para outra loteria pode ser.

O homem ainda esperou algum tempo, a ver se receberia o importante bilhete, mas como isso não acontece, anima-se com todo o respeito a pedir. -Eu já paguei a um moço que venho aqui receber, disse o doutor.

Retorquio o vendedor, dizendo que nada tinha recebido, porém nunca duvidando da verdade; sai para averiguar o fato e com efeito achou o nó da meada, ouvindo uma conversa em que se tratava da generosidade do doutor, volta a casa do mesmo e conta-lhe o fato. É verdade diz este, que aqui me trouxeram um bilhete muito seboso, para um espetáculo, ao qual pouca atenção prestei e como disseram-me que era particular, julguei que me tinha oferecido, e por consequência entendi que não se pagava.

- Um discípulo do S. Benedicto batizou ou mandou batizar o filho de uma mascava que tem em casa; e para tornar mais esplendido este ato ofereceu um magnifico baile a seus amigos.

O Simpliciano que não perde estes pagodes lá se apresentou. Ourives, alfaiates e pintores, mascates, caixeiros e libertos!! Tudo pulava; ali o carrancudo inverso não transpunha o limiar da porta porque o excesso das danças levou o calor a uma temperatura alta, e fez com que os belos pares cor de canela e de ébano, exalassem de si um almíscar tão agradável que causaria inveja ao mais apreciável zorrilho! Era um gosto ver que aqueles cavalheiros tratarem a seus elegantes pares; dos quais seguindo rapaz, tenho visto alguns deles em reunião de família mais desinquietos e com menos atenção o respeito! E são este os janotas da época!

- O dia 2 de julho ou dos baianos como vulgarmente se diz, não passou desapercebido entre nós; uma banda de música percorreu as ruas da cidade e queimaram-se alguns foguetes; e ouve espetáculo particular (de que particular não tem nada) no qual a música do maestro Carlos, enterrou completamente a batalha de Moron. Este senhor a tempos a esta parte tem desenvolvido uma guerra encarniçada contra a música do Santos, a ponto de se ir oferecer para tocar em vários lugares quase que de graça. A minha Gertrudes diz que a ocasião vai se tornando favorável para darmos um baile, visto a música ser barata, mas desde já me pede que não convide os apreciadores de machiche, e se tal fizer seja com a condição, deles lavarem bem as mãos para não trazerem partículas catingosas.

A Companhia Arêas luta com dificuldade, inda não teve uma boa casa e há dias como para variar apresentou um ventrículo, o qual passou pelo dissabor de ser pateado.

A companhia tem levado alguns dramas antigos que pouco tem agradado, o último Pedro Cem também não agradou a exceção do Mota e Rosinha, o papel de Lourenço não estava a caráter, e o Bento não pode desempenhar bem por que o exagera muito.

A minha Gertrudes tem achado muito feio o constante namoro de um sapateiro com certa camélia, que quase sempre fica no camarote da boca; e diz que morando eles juntos escusam darem mais escândalos ao público.

Notou ela também que um senhor de boa figura e que já não é criança e tem família, gosta muito, de no intervalo ir conversar com certa senhorita, que está debaixo da proteção de alguém que lhe dá importância.

Quer também a Gertrudes que eu peça a certo jovem muito amante de seus deveres, para não continuar a dirigir a luneta para uma outra infeliz, e diz que estas ações além de serem feias parecem mal.

- A semana passada foi bastante azigada para muitos; uma carreta passou por cima de uma infeliz preta que a deixou as portas da morte: um mascate que vendia fazendas em uma carretinha, caiu da mesma e foi arrastado pelo animal do que resultou ficar bastante maltratado; um escravo de Israel Paiva tentou suicidar-se, e o teria feito se não fosse prontamente socorrido, Manuel Mascarenhas, negociante; perdeu sua esposa, vítima de uma longa enfermidade, e para concluir este quadro de fatalidades, o jovem e esperançoso oficial de nossa marinha, o simpático José Vicente de Maia, suicidou-se com um tiro de pistola! Em um círculo tão pequeno como Pelotas, é raro dar-se no curto espaço de uma semana, tantas fatalidades: Oxalá elas não se reproduzam.

- Está finalmente descoberto o motivo pelo qual a ilustre caveira não se dignou baixar a responder a esta seu ninguém. Fiquem sabendo por tanto todos quanto está virem que o homem é nada menos que um dramaturgo! Sim, compadre, aquele vasto talento engarrafado acaba de desenrolar-se! E vai mostrar aos seus contemporâneos para quando presta um gênio vasto e uma inteligência aguda!

Breve os pelotenses, terão o prazer de apreciarem o interessante drama que se intitula Aventuras de um Estudante em S. Paulo. Eu apesar do meu reumatismo não perderei ocasião tão favorável de apreciar tão importante peça de literatura!! ! Puf!

No Comércio de domingo, vem debaixo da rubrica -Gazetilha-, (que é o mesmo que dizer coisa da redação) uma carta falando a respeito de uma sociedade de dança que temos cá em Pelotas; Ao meu ver o autor da tal carta pretende lançar o pomo da discórdia entre os sócios da mesma sociedade, talvez despeitado por não ter sido convidado para lecionar algumas das

aulas na dita sociedade; ou talvez buscando deste modo ver se desmorona aquela associação, para ver se obtém a casa para alugar da qual já a muito tempo é candidato.

Aminha Gertrudes chama-me para tomar café, e para não esfriar, termino esta, pedindo-lhe que haja de a não demorar em dar-lhe publicidade como é seu costume.

Pelotas, 20 de julho de 1863.

João das Mentiras

DIÁRIO DO RIO GRANDE, QUINTA-FEIRA, 23 DE JULHO DE 1863, P.1 E 2.

Sétima Carta noticiosa de João das Mentiras a seu Compadre Juca Chalaça

Viva o progresso compadre! Pelotas se vai neste andar tão avantajado no caminho das luzes, em pouco tempo pode pegar fogo! De cada canto surge um farol que promete fazer e acontecer a bem do próximo.

Nada menos de quatro jornais e cada qual mais importante: O vovô Noticiador na forma do antigo costume continua a anunciar tulhas de madeira, o colégio da rua Augusta, e mais não disse, agora, porém promete uma revista semanal para o qual nem ciência levantou deste bom povo boas onças, ao passo que a companhia dramática Arêas, e a lírica Ebendinger, que é outra coisa e outra civilização, sofreram e sofrem cruel o mau gosto e indiferentismo do nosso público, que como acima fica dito, tão prodígio foi para os cavalinhos e os bailarinos, similibus com simulibus, isto é , ambos trabalham de pés!

Mas o que também muito tem prejudicado os interesses da companhia dramática Arêas, é a grande febre teatral particular que por aqui temos atualmente; todos querem ser cômicos! Qualquer aprendiz de sapateiro torna-se empresário de uma companhia particular, e ei-lo aqui dar representação a torto e direito. Já fede tanto dramático particular e mesmo já parece mal, ver-se meia dúzia de rapazes, sem gosto, sem jeito e sem arte, presentarem-se ao ridículo daquela maneira. Cada dia aparece uma nova companhia, e a título de particular vendem os bilhetes, lesando assim o interesse dos verdadeiros artistas. Onde é que em uma associação que deve ser composta de pessoas decentes, vai todo o bicho careta que tem a sua moedinha (peceta) para ser sócio? Se é para quem quer, paguem os direitos que a lei exige e mostrem-se como tal, e se com efeito são companhias particulares não admitam certa gente, que só pode ir em lugares públicos. A nossa sociedade me geral tem muitos preconceitos; é preciso seguir e respeita-los; porque se eu for a um teatro público já sei que estou sujeito a encontrar-me com toda classe de gente, porém se vou a um divertimento particular, conto que todos serão iguais e escolhidos, e jamais passar pelo desgosto de ali encontrar uma dessas infelizes que em vez de procurarem no retiro o seu arrependimento, fazem por ostentar os olhos de todos a falta de sentimento e de dignidade que perderam, o que, infelizmente, comumente se dá hoje nas tais sociedades.

Competem, pois, as autoridades tomarem isto em consideração; ver se com efeito são companhias particulares ou se em especulação que guia a esses moços a esquecerem-se de seus deveres sociais para se entreterem com teatrinhos próprios da gentalha.

Fala-se muito por aqui de uma nova quebra que houve pelo Paraiso; quebra e grossa ruptura e que consigo arrastou muita gente qual a do Hugentobler, Jacinto, Heleodoro, etc, etc; mas eu compadre não sei de certo o quantum da falência, porque o negócio não está ao alcance de qualquer rustico, apesar mesmo das circunstâncias dirigidas aos numerosos credores.

- Tudo é progresso! Até meninos das jogatinas (31 e ponto maior) da rua de S. Miguel, já criaram um novo ponto de reunião que nada interessa dizer ao compadre e que a polícia sem dúvida não deve de ignorar.

- Tudo é progresso repito ainda. Ultimamente descobriu-se nesta nossa boa terra um novo sistema de examinar se o leite tem água sem ser preciso maiores aparelhos, graduadores etc; isto viu eu praticar-se no mercado, hoje, em presença dos fiscais, o qual de chapéu de sol e bengala e com óculos no nariz assistia há operação; e dizem que o progresso não caminha, aparecendo cada dia novas descobertas!

- Há oito dias teve lugar a festa de Santo Antônio na sua capelinha na Costa, a qual foi alguma coisa concorrida pelos moradores daquele lugar. Notei ali mais atenção e respeito do que se vê cá na Matriz, provavelmente devido a falta de certos rapazolas que fazem da igreja teatro de suas façanhas. O sermão não esteve bom; a má pronuncia do pregador e a esterilidade de assunto em um sermão ao milagroso Santo Antônio torneou-se muito palpável, a ponto de ser classificado pela minha Gertrudes, de sermão de aldeia.

No fim da festa o digno festeiro ofereceu a todas as pessoas que estavam presentes um magnifico e suculento jantar.

- O meu colega da semana do Comércio achou mais prudente retirar-se aos bastidores, fez bem; uma boa retirada é uma batalha vencida e diz a minha Gertrudes, que quem não pode com o tempo não inventa modas; o Simpliciano disse-me que ouviu o caveira dizer que não quer baixar de sua dignidade respondendo a João das Mentiras! Puf! Que arrogância; quem sabe se será medo de sair mal da ação? O que lhe posso asseverar é que não fui à S. Paulo, e por isso não seria admiração ser eu suplantado por tão abalizado colosso. Eu, porém, deixarei de mão esta distinta personagem por que não acho com quem discutir e é fraqueza entre ovelhas ser leão.

- Antes de rematar peço-lhe desculpa de nada ter tido sobre eleição. Isto por aqui vai muito murcho nem parece que Pelotas é habitado por tantos e distintos caracteres políticos e inteligentes. Parece-me que a recusa de um candidato foi que venho por tudo em adormecimento... o negócio é de bico, e eu não me quero comprometer, por isso nem mais uma palavra a tal respeito.

Adeus, até a primeira. Vosso Compadre.

João das Mentiras.

Pelotas, 30 de julho de 1863.

DIÁRIO DO RIO GRANDE, 2 DE JUNHO DE 1864, P.2.

Palestra Pelotense

Visita das Priminhas.

(Primeira visita).

Cesse tudo quanto a antiga musa canta,
Que outro valor mais alto se levanta.

- Bravo! Bravíssimo!! Muito bem... A priminha é sempre a mesma. Ora diga-me, qual foi o benigno vento que a trouxe para cá?

- O desejo de a ver e de tagarelarmos foi a causa que me conduziu até aqui.

- Deveras? Ora vejam só! Eu que já pensava que não tornaria mais a ter o gosto de dar o que fazer ao nosso taquigrafo. Você não tem medo priminha de levar alguma sova ou de ser perseguida pelos nossos antigos desafetos?

- Qual, o tinhoso não é tão mal como pintam, - eles só assustam os marinheiros de primeira viagem, porém, nós que já sabemos de que pau é a canoa, nada temos a recear; e mesmo porque os homens ainda não sabem com quem lidam.

- Você verá como logo se põe tudo em campo para nos descobrirem, e não faltarão ameaças, perseguições e insultos para nos fazer calar.

- Você priminha não serve para essas coisas, é mais medrosa do que aquele copidinho da rua do Comércio, que não sai à rua de noite senão acompanhado: é por isso que pouco a pouco vão os mandões da terra tomando conta da gente; e se não houver quem grite em alto e bom som, adeus minhas encomendas.

- Mas eu, priminha, não quero ser palmatoria do mundo, mesmo porque tenho pena que pague o justo pelo pecador.

- Deixe priminha, quem não deve não teme; e se houver algum vaidoso que se queira dar por pai da criança, lá se avenha.

- Contudo, é triste que algum pobre diabo acarrete com a culpa e sofra alguns incômodos por nossa causa.

- O que poderá acontecer? Alguma escovadela de lombo, tanto melhor, porque mais motivos teremos para gritar e quanto maior for o atentado mais razão teremos para o acusar perante a opinião pública.

-Porém, priminha, você está disposta a seguir o nosso antigo programa, de não se perdoar a pessoa alguma quando ela se tornar merecedora das nossas censuras?

- Isto é velho e é somente com essa condição que eu tornarei a continuar a nossa palestra, tudo o que estiver no domínio público será por nós averiguado. Os funcionários públicos terão em nós um terrível fantasma que os perseguirá sem cessar e não os deixará pôr o pé em ramo verde.

- Devem também estar sempre debaixo de nossa proteção, os gandulos e certos patetas que giram em todas as direções; e que não se ocupando eles de coisa alguma, são os infalíveis frequentadores do teatro, dos hotéis, tornando-se assim não só suspeitos como o flagelo dos alfaiates e sapateiros.

- Ouça, priminha, já que falou em sapateiro. Saiba que o tal sapateiro pedante vai casar no asilo.

- O que me diz? Pois ele não tinha já levado com o não pelas ventas?

- Foi certo, porém de novo lançaram mão dele; e segundo me consta, é muito breve. Mas, diga-me, priminha, não foi deliberado em mesa que o homem era indigno de contrair aquela união?

- Foi sim, porém... tem havido uma tal contradança, que é melhor não se falar nisso. O que é certo é, que quem o apresentou a primeira vez como um homem muito de bem foi o mesmo que dia depois empregou toda a força de sua eloquência para provar que o seu ex protegido era indigno; e é o mesmo que agora quer que se efetue o casamento.

- Ora entendam lá uma geringonça.

- São coisas.

- Sim... sim... diz o ditado, -Que o que faz com as mãos desmancha com os pés.

- Você o quer dizer com isso?

- Nada – Isto é cá outra coisa.

- Você, priminha, já começa: Olhe que tem uma tal linguinha, faça-me o favor...

- Não sou eu que falo, é a voz pública.

- Pois sim... Você pelo que vejo quer trazer tudo em uma poeira; assim levamos mal princípio, depois não teremos quem seja por nós.

- Você está enganada, priminha, aqueles que estiverem com a consciência livre de culpa e pena gostam e louvam a palestra: Os nossos inimigos são só os que praticam ações ridículas, e os que tem onde se lhe buta.

- Mas você não sabe que deste a muito maior número? Desengane-se priminha, hoje em dia o tempo é dos tratantes e estes estando em boa posição tem tudo o que querem!

- Boa posição... a custa alheia, não é assim priminha? Não me faça falar, quando não vai tudo raso.

- Basta... Basta já você quer uma biografia geral de todos os espertos da terra das moscas.

- Nesta não caiu eu; seria preciso para uma tal empresa, o mesmo que disse o espanhol a sua bela: Que se toda terra fosse papel, a plumagem das aves penas e todo o mar tinta, não seria bastante para louvar os seus encantos.

- Safa! Também não é tanto assim, priminha... Você pinta tudo com cores muito carregadas; se vamos neste andar, não havemos de encontrar agentes para notícias.

- Aí está como você se engana é bastante aparecer a palestra e verá como eles aparecem; e o viuvinho das barbas à inglesa já se ofereceu, e promete das boas notícias. Eu mostrei-lhe a carta com que o primo da fábrica nos pedia a reaparição da palestra, e ele logo pediu para ter a honra de ser um dos nossos agentes.

- Não sei que lhe diga; enfim vá, porém se ele não cumprir bem a sua obrigação, rua.

- Para rua vou eu agora, antes que fique mais escuro.

- Já vai então priminha? Inda é tão cedo.

- Você não vê que está chovendo? E enquanto não tivermos todas as ruas calçadas pelo novo sistema de ladeira, não se pode andar na rua a noite.

- Talvez que depois seja ainda pior. A falar a verdade não sei de quem foi a lembrança em fazer escavações tão fundas nas ruas: Hão de haver casas que para se alcançar a porta será preciso uma escada!

- Inda bem que os profetas que ascendem os lampiões andam sempre munidos da competente escadinha; e com esta faço ponto final.

- Agora quando vem priminha?

- Domingo sem falta, salve força maior.

- Então até lá, vá direitinha para casa, cuidado não escorregue, agasalhe-se para não se constipar, bem vê que nossa saudade agora tornar-se mais preciosa, a fim de não haver falha na palestra.

- Não há novidade; Até domingo:

- Boa noite!

Pelotas, 31 de maio de 1864.

DIÁRIO DO RIO GRANDE, 10 DE JULHO DE 1864, P.2.

Palestra Pelotense

Visita das Priminhas.

(Segunda visita).

"Cantando espalharei por toda parte
Se a tanto me chegar o engenho e arte".

-Não faça isto, priminha, você bem vê que o tempo está arruinado, e se vai a cantar então teremos mais chuva.

- Sim? Ora vejam como está engraçada; não diz isso o primo Juca, porque não cessa de repetir – tenho uma voz encantadora!

- Ora qual! Ele é muito lisonjeiro, e se tal disse foi para caçoar com você.

- Muito lhe agradeço o elogio, já vejo que ninguém pode ter boa voz sem sua licença.

- Você já quer subir a serra, priminha, eu nunca vi, já vejo que não posso caçoar com a sua pessoa, eu não disse isso para ofender, e se por acaso, se incomodou eu lhe peço perdão.

- O caso não é para tanto, e nem eu ia me por a cantar por ai a toa, apenas citando parte de uma instancia do imortal Camões – quis dizer que nós com a nossa palestra levaríamos a todas as partes as novidades de Pelotas.

- Eu já me tinha esquecido que você gosta de falar figuradamente.

- Isto agora é moda, porém vamos ver o que há de novo. Diga-me, priminha, como foi recebida a nossa palestra?

- chi... Você não faz ideia, priminha, o que tem havido lá no club, - houve grande discussão a nosso respeito, uns diziam que o nosso taquigrafo é o mesmo da última palestra, outros opinam que seja outro, alguns apontam já o autor, e já sabem quem são as priminhas.

- Deixe, priminha, correr o barco, quem quiser saber que adivinhe. E quanto ao belo sexo o que diz ela a nosso respeito?

- Por enquanto nada, tive apenas um pedido para tratarmos de modas.

- Por enquanto não; o respeitável gosta mais das novidades.

- É justamente o que não há abundância; o que há de mais novo é o casamento do sapateiro pedante com a asilada, o que teve lugar ontem na Capela do Asilo....

- Deus permita que sejam felizes, e que este rapaz faça por desmentir o que dizem em seu desabono.

- Olhe, priminha, se eu fosse ele havia de empregar todo do possível para fazer mais de quatro ficar com a cara a uma banda, não só por dever, como também por capricho.

- Deus assim o queira, priminha...

- Sabe priminha, que morreu o infeliz João Pinto Ribeiro.

- Deus quis minoraras os seus sofrimentos, já que os homens foram tão inexoráveis para com ele.

- é verdade, na mais pequena coisa se revela a sabedoria do Altíssimo, aquele homem, priminha, não merecia uma punição tão severa, concordo que ele não fez bem, porém é triste a posição em que aquela outra infeliz colocou aquele desgraçado.

- A prova que ele não tinha mau coração, está patente, porque o home arraigado na carreira dos crimes, não fica acabrunhado com a lembrança do delito a ponto de sucumbir!

- O primo Luciano foi despronunciado?

- Diz um jornal cá da terra, e na verdade não posso deixar de pronunciar e na verdade não posso deixar de louvar o juiz que o absolveu, principalmente em uma quadra destas em que os moralistas bancarroteiros gritam que é preciso dar-se um exemplo, para não continuar a haver quebras (insignificantes).

- De repente os de alta escala pedem privilégio para se arranjarem.

- Não é preciso pedir porque eles já têm, já viu você algum desses de gravata limpa fazer os seus arranjos e ficar mal? Uns obtém esperas de quatro a cinco anos, outros alcançam abatimentos fabulosos e alguns há que ainda em cima fazem uma subscrição ou conseguem abatimento total!

- E são esses que gritam mais e quando algum infeliz pobretão tem a desgraça de ficar devendo meia pataca, chamam-no logo de tratante, velho, caloteiro; e quando não pagam o que

eles querem, o Ferrão vai logo dar a sua ferroada, e não tenha medo que alguém se dê por suspeito, todos querem cumprir com os seus deveres.

- Porém quando algum figurão dá o seu trambulhão fantástico e faz cair deveras dezenas de tolos que depositaram o fruto de suas economias em suas mãos, ninguém faz justiça, os próprios credores de grossas somas são os primeiros a favorece-los...

- São coisas, priminhas!

- Já que falei em fantasmagorias, diga-me, foi ver o mágico, nosso patrício?

- Farta de magicaturas ando eu, a cada canto aparecem mágicos, e que mágicos, destes que com três viravoltas fazem desaparecer casas, terrenos e tudo que há de valor e com tal jeito e perfeição que se o próprio Hermann visse, ficava em completa pasmaceira.

- O que me diz a respeito da tropa de linha que temos por cá?

- Que todos são dignos de louvores, tanto oficiais como soldados, pois não consta que tenha havido ato nenhum desagradável, promovido por eles; é um gosto vê-los passear em grupos por esta cidades, sempre contentes, alegres e satisfeitos; entre os quais me consta que há um cadete poeta.

- Sim... querem vê que você já gosta dele, e que já recebeu algumas declarações amorosas em versos?

- Eu não, se digo que há um poeta é porque o primo Nunes publicou uns versos muito regulares feito por um cadete.

- Você não me engana, priminha, embora me diga que não tem derrimos eu não acredito.

- O bom julgador por si se julga, como você sempre trás quatro a corda, julga que os mais são os mesmos.

- Eu não sabia que estava destinada para freira, queira perdoar minha santinha.

- Já você começa, sabe que mais, boa noite.

- Não vá zangada comigo, priminha, e por tão pouco, saiba que eu não lhe quis ofender.

- Boa noite priminha.

- Até domingo.

Pelotas, 05 de junho de 1964.

DIÁRIO DO RIO GRANDE, 23 DE JUNHO DE 1864, P.1 E 2.

Visita das Priminhas.

(Terceira visita).

“Que se espalhe e secante no universo
Se tão sublime apreço cabe em verso”

- Olá você, priminha, sempre aparece envolvida em versos de Camões.

- Não sou eu só, aquele certo sujeito da rua Sete... também gosta de emprega-los, e então é a torto e a direito; aos meus eu procuro ocasiões apropriadas.

- Isto agora peço visita.

- Não foi para dar essas explicações que hoje vim visitar. Temos novidades de vulto, e por isso, deixemos de preâmbulos.

- E qual foi o motivo porque não venho no domingo?

- Tive muito que fazer, você não sabia que o primo Rocha empenhou-se comigo para eu arranjar votos para Camélia, e como fui a Costa com a minha lista de assinaturas, foi por isso que não pude cá vir.

- Pois você votou com a Camélia? Já vejo que já não é de bom gosto; eu cá sou pelo Jasmim, e não há quem me convença do contrário.

- Ora, priminha, deixe-me disso; quem despreza a Camélia pelo Jasmim é porque não sabe o que é bom; Jasmins há por aí a qualquer canto. Olhes, aquela preta mina que vende angu tem um cachorro muito leproso que chama Jasmim.

- Ora, qual! Priminha, a Camélia é que não presta, se vamos a isto, também chamam de Camélias essas infelizes que o vício lançou no caminho do crime.

- Não é com essas priminhas, porque também há muitas Marias que são dignas de todo o desprezo, e, no entanto, que a nossa padroeira e muitas rainhas tem esse nome. Quero que me convença de outra maneira; haverá por acaso flor que se assemelha a rosa Camélia de boniteza e perfeição? Diga, priminha, fale sem paixão, qual é a flor que tem um colorido mais bem combinado que a Camélia?

- E do que serve isto se a flor sem cheiro? Haverá quem desconheça o agradável aroma do Jasmim? Que importa a cor se não tem odor? Priminha, as Camélias mais bonitas são brancas, porque assemelham-se aos Jasmins; a Camélia parece flor de pano, porque não tem a suave fragrância que embalsama a atmosfera.

- Pode limpar a mão a parede com o tal cheiro, ao qual eu comparo com o do zorrilho.

- Lá isso não, priminha, você agora me ofendeu, e por isso mesmo vou já me retirar antes que me dê algum desmaio de raiva. Ora, vejam só, comparar o aroma do Jasmim com o manzebundo fétido do zorrilho!

- Basta! Basta! Priminha, não precisa ficar tão enraivecida; você quis dizer o que lhe veio a boca e não quer que a gente responda, o melhor é não falarmos mais nisto; trataremos de outra coisa.

- Mas há de ser com a condição de você não chamar mais a Camélia de flor de pano.

- Então fazemos as pazes?

- Vá que seja, não quero quebrar a amizade por tão pouco.

- O que me diz a respeito do primo Arthur?

- Que tem se portado indignamente priminha; eu sempre pensei que ele fosse outra qualidade de homem.

- Não diga isso, eu até acho bem razoável o que tem feito.

- Longe de nós semelhante ideia. Desde o princípio que ele não marchou como cavalheiro, porque quando apresentou-se candidato a mão de jovem à que deseja unir-se, enganou o respeitável pai da mesma dizendo que tinha mundos e fundos, alardeando de senhor e possuidor de grossas quantias, e quando o iludido ancião soube ao certo do embuste do pretendente, negou-lhe com razão a mão de sua filha, porque não é com palavras que se adubam sopas.

- Mas para que consentiu que as coisas chegassem quase que ao ultimo desfecho.

- Porque o cavalheiro soube até o fim fingir-se de grande senhor, e quer a todo custo passar como até agora sem trabalhar. Não foi paixão foi o negro e vil interesse que lhe guiou os passos!

- Mas priminha, ele a amava tanto...

- Qual história; se ele verdadeiramente a amasse, não daria o passo degradante que deu.

- Não sei de nada priminha.

- é porque você anda no mundo da lua; escute, diga-me, se esse menino bonito e digno de desculpa; como é que o pai da moça negando-a, por não querer entregar sua filha a um valdevino sem eira nem beira, ele a tirou por justiça em sendo depositada em uma casa de todo respeito, raptou a inexperiente moça e até agora não se pode descobrir para onde foram? Você já viu priminha? Ato mais errôneo do que este? Se houvesse o verdadeiro amor, por certo que aquele rapaz não obrigaria a sua futura esposa a dar um passo tão indigno, e não abusava da confiança da pessoa que a recebera em sua casa. Não é procurando desgostos e dessabores para os autores de nossos dias, que podemos obter do ente supremo paz e sossego.

- *Mas, priminha, o Carapuceiro do Noticiador* dá razão ao moço.

- Das duas uma, ou o tal Carapuceiro está mal informado, ou advoga as ideias da rebelião filial, e haverá pai desalmado que não deseje o bem de sua filha? Por certo que não se o respeitável ancião recusou a entregar sua filha ao tal menino protestante, é porque com os olhos de pai via um futuro triste para essa menina! E porque razão não esperou o noivo que a justiça decidisse tão melindrosa questão? É porque já antevia o mal resultado para seus cálculos ambiciosos. Quem não tem meios, não pode casar, a lei é bem clara.

- Diga-me agora o que sabe a respeito do que disse o tal Carapuceiro sobre aquele moço sócio do Vieira?

- Que ele está mal informado, porque se nesta questão está queixoso, é por certo o sócio, porque foi completamente enganado, e a prova está no grande credito que goza no comércio.

- Conte-me como foi esta história.

- Ouça, quando morreu o marido da que hoje é viúva, ela mandou chamar o então caixeiro, propôs-lhe sociedade, e toda lagrimosa, disse que só ele (caixeiro) poderia salvar a casa. O rapaz aceitou o convite da viúva, e com o que fazia anova firma desencalacrou a firma do defunto patrão, a viúva dá bens a inventário, e os lucros imaginários, isto é, dividas perdidas entram como bens e o órfão fica arranjado com bons reais.

- E agora inda em cima dizem que o moço se arranjou, ah mundo, mundo, o que não sabe nada vai ao fundo.

- Mas o Carapuceiro disse que ele queria casar com a viúva!

-É falso, priminha, e a prova é que no espaço de três anos ele só foi em casa da viúva uma ou duas vezes...

- O ti-tio Maia já se acha recolhido a prisão?

- É verdade priminha, está tão certo de sua inocência que não receia ser julgado, e quis apresentar-se apesar dos seus graves problemas de saúde, só para mostrar aos seus vis detratores como triunfará a causa da razão e da justiça.

- Em Pelotas inda há homens que sabem apreciar o quanto o Sr. Maia tem razão nesta infame maquinação urdida por aqueles que querem aproveitar-se do suor do home honrado e laborioso que sem cessar trabalhou para o engrandecimento de Pelotas.

- É certo que o primo Rios quebrou o braço?

- Infelizmente é verdade, porém não é o braço direito como disse o Comércio e sim o esquerdo.

- Você foi, priminha, ao pequeno *Soiré*, em casa do primo Vasco.

- Não era possível deixar de aceitar o convite com que fui honrada, e mesmo você sabe que eu por baile sou o mesmo que macaco por banana, e principalmente os defensores da pátria, com quanto sejam discípulos de Marte não deixam de tributar seus cultos é Terpsichore.

- Então vá dizendo o que viu, que mais mereceu sua atenção.

- Ora priminha, o que se passa em uma reunião de famílias digno de ser mencionado?

- Cantou-se, dançou-se e... namorou-se.

- Sendo você uma de tantas.

- Também pode ser.

- Qual foi das moças que mereceu mais a sua atenção?

- Entre o magnifico buquê das mais elegantes flores primaram as três irmãs da rua do Comércio.

- Não viu por lá algum derriço.

- Uma elegante rosa muito entretida em um colóquio amoroso com um galhardo cavalheiro, mas falavam baixinho que nada pude perceber o que diziam, apena solvi o

cavalheiro que se julgava muito feliz por ter a dita de estar naquela noite perto de quem tanto idolatrava.

- Pelo que vejo o rapaz está de queixo caído pela menina.

- Um amor perfeito um pouco murcho, talvez devido a pouca atenção que lhes prestava o cavalheiro do colóquio amoroso.

- Mas o que tinha ela com cavalheiro amoroso?

- Talvez se julgasse com direitos antigos... Vi também uma mimosa violeta de rosto encantador a quem um de nossos recém chegados despendia todas as suas atenções. A julgar pelo que presenciei, não resta a menor dúvida que ambos estavam mordidos da cobra.

- Você priminha é muito maliciosa.

- Olhe, eu cá pelos olhos conheço quem tem lombrigas.

- O que mais me contas do baile?

- Que dancei muito e que tive o gosto de ouvir cantar. A mimosa violeta dançou mais de três vezes com o seu belo par uniformizado.

- Diga-me uma coisa priminha, o primo Antônio da unha está doente?

- Boa pergunta, pois você não vê como ele esta gordo e rechonchudo; mas pelo que me fez esta pergunta?

- Porque me consta que ele costuma ir quase todos os dias a Beneficência tomar calde galinha.

- Olé! Desta não sabia eu, como é que o tal marreco está fraquito; não está má vadiação, oral primo unha você pode não vai tomar os caldinhos em casa de sua parenta que mora tão perto da Beneficência? Sabe que mais não seja gaudério que isto é feio, senão eu mando dizer ao primo da fábrica que o enfarde na palestra, e depois não se queixe.

- E porque é que o diretor não tem acabado com este abuso?

- Talvez inda não tivesse conhecimento deste freguês que gosta de tomar caldo sem pagar.

- Priminha, é preciso pedirmos ao nosso delegado de polícia que de alguma maneira faça com que um tal Linhas deixe de cometar alguns abusos.

- Deixe o próprio priminho, você não sabe o que ele é gira.

- Não está má a tal gira que lhe dá para enganar o próximo. Escute uma que ele fez; há poucos dias, fui a casa do primo Moutier e apartou várias fazendas no valor de trezentos e tantos mil réis, e na ocasião do pagamento disse que no outro dia pagaria, o caixeiro respondeu que não podia fiar, sem falar com o amo, e enquanto foi dentro para perguntar se podia entregar as fazendas à aquele freguês sem dinheiro, o tal gira raspou-se com tudo que tinha apartado; e quando voltou o caixeiro só encontrou o lugar onde havia estado o amável freguês, foi logo em casa do cujo reclamar as fazendas, porém o sujeito, qual vilão em casa do sogro, respondeu que não lhes entregava! O moço foi logo em casa do delegado e esse ordenou que fossem duas praças de polícia: Os heróis da brincadeira inda querem ficar com o alheio, porém tinha de esconder, ou entregar os objetos ou ir morar com Paroba, e por fim entregou, não deixando de fazer ameaças, porque este meliante tem cisma de valentão.

- Não está mal o modo de fazer compras.

- Já não é a primeira que ele faz dessas, segundo consta, e com a capa de maluco vai lesando o comércio.

- Então ele é mais velhaco que doido?

- Por isso mesmo é que precisava ser corrigido, porém para este há sempre a bandeira da misericórdia que os cobre, se fosse algum pobre que não pagasse logo qualquer ninharia que devesse, era intimado para pagar ou ir para cadeia; porém como o sujeito tem bago, tudo se revela, inda não há muito tempo que ele quebrou a cabeça de um pobre carroceiro e nada lhe aconteceu.

- São coisas do tempo, priminha, e você não se deve admirar.

- Sabe que destacou o G.N.

- É com triste verdade: Triste porque obriga muitas vezes o chefe de família que é pobre a abandonar seu trabalho para vir fazer o seu destacamento, em quanto o nobre zomba das ordens que lhe são dirigidas e só lembra se que há G. N. quando quer um galão e quatro divisas para o braço, e o caso está no querer deles, porque são logo servidos e lá vai uma prova: Há poucos dias havendo vaga na 1ª Companhia de dois inferiores deixaram de nomear quem competia e foram buscar dois guardas da 3ª para inferiores da 1ª.

- Deveras, priminha, muito pode o quinto poder do estado como diz um parlamentar.

- Qual é priminha?

- O empenho.

- Porém há coisas que se tornaram revoltantes; mas como quem as praticou já foi protegido, foi o mesmo.

- Não entende.

- Pois você não sabe que ele de simples músico deu três saltos e apareceu de banda a cinta e divisas de tenente?

- Isto é que são pulos, priminha, o mais é história.

- É por isso que ele agora faz os guardas de oura companhia pularem por cima de guardas de sua companhia.

- Olhe priminha, se eu fosse da companhia dele, havia de pedir passagem porque foi uma grande desfeita que ele fez a todos. Diga-me o comandante prestar-se a isto?

- Lá são brancos, lá se entendem.

- E querem que a G. N. tenha dignidade!

- Oh! Tem muita, inda não há muito tempo arrancaram um e atiraram com ele na tropa de linha.

- é porque não houve bastante energia da parte daqueles que o reclamam.

- Sabe o que mais, hoje temos falado muito, e já são horas do espetáculo e por isso até a vista.

- Agora não vai deixar de vir cá domingo.

- Pois sim, não falto e até lá.

- Boa noite! Priminha.

Pelotas, 18 de junho de 1864.

DIÁRIO DO RIO GRANDE, 8 DE JULHO DE 1864, P.2.

Palestra Pelotense

Visita das Priminhas.

(Quarta visita).

Qual volúvel borboleta
De flor em flor andejando,
Assim eu em meus amores
Ando sempre variando.

- E é por isso não cumpre seus deveres e tem faltado a nossa palestra, não é assim? Pois olhe. Priminha, isto assim não vai bem, o primo da futrica já está zangado e nos chama de preguiçosas; e muitos dos que apreciavam a palestra já não lhe acham aquela graça que tinha antigamente, dizendo até que nós não somos as mesmas. – E tudo isso por sua causa Sra. Priminha.

- Oh homem! Tanta lamuria só porque faltei domingo, lhe prometo que serei pontual nas minhas visitas, e você não terá mais razão de queixas.

- Ora vamos, a ver se cumpre a sua palavra; você bem sabe que havendo interrupção na palestra ficam as notícias velhas e fora do tempo.

- Lá isso é verdade, pois eu queria contar-lhe um grande derriço que vi em um dos espetáculos atrasados, e agora já não tem graça.

- Conte sempre, priminha.

- Não tinha eu mais o que fazer, que estar sempre contado que o primo que mora na rua dos Canários por baixo do sobrado do tio Thomaz prestava mais atenção a uma das flores da rua de Hercules do que a ver cortar o nariz do jocoso Lulu dos foguetes.

- E quem era ela?

- chi...chi.. priminha, isto eu não sou capaz de dizer.

- E disse sem querer com a exclamação que fez.

- Mas não são todos que entendem.

- Foi o espetáculo em benefício das vítimas de Cabo Verde?

- O papai diz que não vai mais ao espetáculo enquanto andar a rivalidade das duas músicas.

- Então porquê?

- Ele diz que acha muito feio andarem os artistas guerreando-se mutuamente e lançando mão de todos os meios para suplantarem uma à outra, e que devido ao tal Marques sem nobreza é que isto tem tomado maior vulto.

- Este homem priminha, que não passa de criado do clube, não seio o que pensa; fala de todo o mundo e é por todos odiado.

- Dizem que toda a guerra que ele faz ao primo Santos, é porque não foi atendido como cantor de orquestra.

- E como podia haver tal consentimento se ele está trás tudo enredado com a suas vis intrigas!

- A culpa tem quem lhe dá importância!

- Ele é que a toma por sus mãos.

- Basta já de falarmos em tão insignificante criatura. Diga-me priminha, foi ao baile do primo Brito, na noite de S. João.

- Tive o prazer de ser convidada.

- Então conte-me, que tal este, mas fale a verdade.

- Quem sabe se eu sou mentirosa como o tal Carapuceiro do *Noticiador*.

- Sobre esta fofa personagem temos que tratar com mais vagar, mas vamos ao que serve a respeito do baile.

- Não podia desejar-se melhor, a escolha de convidados, agradáveis maneiras dos donos da casa, boa música e ótimo serviço, junte-se tudo e terá por conclusão uma noite passada com satisfação e alegria.

- Não é isto que eu quero saber; eu pergunto qual foi a moça mais bonita que lá esteve, e se houveram muitos derriços.

- Você bem sabe priminha, que eu não gosto de fazer estas seleções, não só porque descontenta como pela dificuldade que há; assim como em um jardim torna-se difícil a escolha de uma flor; porque uns gradam-se mais de uma, pelo aroma, outros dão preferência a diversa pelo colorido, alguns presam as mais delicadas nas formas; assim também em uma reunião de interessantes deidades, onde todas são belas e amáveis, é muito custoso dar-se a preferência a alguma; e eu jamais serei capaz disto; contudo direi que a simpática moreninha lá da Palma, estava muito cheia de atrativos. A mimosa da rua das Flores também é digna de menção; Ah, priminha, aquela moça tem um olhar tão meigo que é capaz de cativar pedras, quanto mais corações!...

- Sim, se você fosse moço eu era capaz de dizer que estava apaixonado por ela.

- Não vê que eu queria ficar mal com o primo João.

- Então ele...

- Dançou sempre de par efetivo junto com ela! O primo Miguel também arrastou o seu cambão; porém soube disfarçar melhor; O primo Teixeira do Rio Grande deu-se um bocadinho ao desfrute, assim como a amável paz preta.

- E o que mais houve digno de menção?

- Dois filhos pequenos do tio Custódio recitaram poesias análogas ao dia, e foram coroadas pelas filhinhas do dono da casa.

- E que mais?

- Que todos retiraram-se com agradáveis recordações de terem passado uma nite tão bem empregada.

- Finalmente casou-se o primo Arthur!

- É verdade, algumas pessoas dignas de respeito trataram de terminar esta questão, que infelizmente não podia ter outro resultado mais honroso; porém não foi cobrindo de insultos ao respeitável ancião pai da inexperiente moça, como fez o tal Carapuceiro do *Noticiador* do Campos.

- Agora priminha nem mais uma palavra sobre este assunto; O Ente Supremo que perdoe a filha desobediente e faça com que para o futuro, o esquecimento da ofensa traga o perdão da culpa cometida, embora o matrimonio a viesse minorar.

- Permita-me, porém, priminha que lhe note que esta terra se tem celebrizado em casamentos tumultuados! O do tio Antonico Cordeiro deu o que fazer e o que falar! Todas pelotas se abalou e afinal sofreu o padre que os casou, e penso que até os padrinhos porque eram um deles militar. Veio depois o do primo Silvinha, que fez a noiva viajar por Seca e Meca e ao final o pai extremoso não podendo conseguir desvanecer o amor da filha, consentiu a união eterna, e casaram-se. O casamento do primo Machadinho também foi notável pela severidade do respeitável pai da noiva, a interessante priminha, filha do tio Dr. França do Rio Grande; e agora o primo Arthur...

- Basta. Não prossiga mais; mudemos de assunto.

- O Carapuceiro continua a insultar o sócio da viúva e diz que não sabendo ao certo da verdade, ainda há de averiguar.

- Ele quer incutir respeito com descompostura, ou por outra quer ser um carijó pelotense em miniatura.

- Em uma de suas mal alinhadas carapuças, buscou ele ridicularizar um moço alfaiate que goza de estima e consideração; dizendo que ele tinha ido a um baile lá para o estaleiro sem ser sócio. A não ser mal informado, é falta de verdade, porque este moço foi convidado pelo dono da casa. Enquanto a decepção por que passou em não deixarem dançar, ninguém está livre de levar um coice, principalmente tendo a infelicidade de estar perto de quem os costuma dar. Quanto a parte dele não dar importância a meia dúzia de badamecos que desacreditam a classe que pertencem, faz muito bem porque diz o ditado que quem se junta com porcos, farelo come!

- Sabe de uma nova gentileza da tal maluco velhaco!

- Não sei de nada.

- Contou-me o Juca do Ribeirinho que agora presta se para ser nosso agente, que o tal Linhas foi abotica do primo Souza comprar um remédio, e como visse em cima de uma mesa uma onça em ouro julgou que estava mal guardada e ... achando-se com ela entre os dedos deu meia volta à direita e raspou-se. A polícia quis prendê-lo, porém ele como é maluco disse que na casa do Paroba lhe falta o ar, e foi correndo agarrar-se com o papai, o qual logo obteve outra ordem e ficou a impunidade acoroçoando a vício!

- Disto é que o Carapuceiro devia falar, já que se mostra reto em querer demonstrar os abusos que em Pelotas se cometem.

- Não vai hoje aos leilões da Caridade?

- Não, priminha, cá na minha opinião não consentia em tais atos, que vão pouco a pouco desmoralizando o povo.

- Não sei em que.

- Não posso concordar que com a capa de caridade transformem o templo do senhor em armazém de comestíveis onde os leiloeiros sem patente são os caixeiros que apresentam as mercadorias aos fregueses, e é em presença de um deus crucificado onde todo o respeito e devoção e pouco, que se comerceia sem acatamento ao lugar sagrado, muitas vezes no mesmo altar onde o sacerdote horas antes celebra o santo sacrifício da missa o tresloucado pregador pede um lance para um delicioso manjar; e os fregueses, uns guiados pela gula, (porém nunca com pensamentos religiosos) vão esvaziando os bolsos.

- Porém, priminha, você não vê que é para um fim útil!

- Se o fim é útil os meios são baixos e não é a troco de algumas moedas que se deve acabar de desmoralizar o povo. Se querem fazer leilões a título de caridade vejam um armazém qualquer e ali façam exposição dos gêneros.

- Pois olhe priminha, eu gosto bem dos leilões, porque sempre que vejo o primo Juca, recebo dele ofertas.

- É muito bonito os pais levarem para lá suas filhas, como objeto de amostra, as quais se não vão lá para receber tais ofertas das mãos dos leiloeiros, que fazem neste negócio o papel de alcoviteiros amorosos, vão tratar de modas, de bailes e de outras tantas frioleiras impróprias daquele lugar; o papai procura ocasião favorável para comprar baratinho (por caridade) algum suculento pão de ló; enquanto a filha conquista o coração de seu adorador com seu sedutor.

- Você, priminha, com estas suas ideias, parece uma velha de cinquenta anos.

- Priminha, você foi a festa de S. Pedro, na Beneficência?

- Fui. Tudo esteve muito bom, menos o sermão que não agradou; faltou assunto, má expressão, e mal decorado, tudo enfim ajudou para o mau efeito que produziu. Pelotas já não é

pouca coisa, é preciso que o pregador seja bom para agradar; e será bom que não tornem a chamar semelhante pregador que já não é a primeira vez que não satisfaz ao auditório.

- Será verdade priminha, que este ilustre reverendo também tributa culto ao Deus Baco e que não se reserva de entrar a qualquer hora do dia nas capelas próprias de tal devoção?

- Os meninos do colégio do Polegada assim dizem.

- Quem sabe se eles são faladores com o mestre?

- É preciso fazer-se ver ao menino da bandeira, que mora na rua sete, que tenha mais respeito para com seus vizinhos e não ofenda tanto amoral pública.

- Então o que fez ele priminha?

- Alugou uns casebres ao lado do seu importante estabelecimento para dar pousada aos fregueses de fora, e como é rapaz compadecido e não quer que os seus fregueses fiquem sem companhia, faz com que algumas almas caridosas destas infelizes que nada tem a perder vão a acompanhar seus fregueses, do que resulta sempre grande algazarra, e mesmo é muito feio para os vizinhos a saída daqueles anjos todos os dias já depois do sol fora.

- Você já foi comprar o sei bilhetinho de rifa em casa do primo Vaz Teixeira?

- Ainda não, mas não faltarei; e para não me esquecer já vou lá.

- Não vá hoje, deixe para outro dia.

- Não, que posso deixar de tirar a sorte; adeus até domingo.

Pelotas, 4 de julho de 1864

DIÁRIO DO RIO GRANDE, 22 DE JULHO DE 1864, P.2.

Palestra Pelotense

Visita das Priminhas.

(Quinta visita).

- Dá licença, priminha!

- Suba.

- Oh, homem, que olhos que deita!

- Pensa que estou muito contente com você? Então, Sra. Preguiçosa, porque não venho no domingo passado?

- Estive muito incomodada, e por isso não a vim visitar.

- Qual incomodada; diga antes que teve muita soma de preguiça, e por esta razão faltou a sua palavra.

- Ora, priminha, você também não dá desconto a nada; olhe, mesmo que eu tivesse vindo domingo, não tinha nada d enovo para lhe contar.

- Então já sei que hoje, temos muita coisa! Vá, não demore-se, conte-me o que sabe; bem vê que estou ansiosa por saber o que tem havido nesta quinzena.

- A notícia de mais vulto e que por todos é sabida, é o incêndio na casa do primo Joaquim Gomes.

- Ah! Priminha, você não faz ideia do susto que eu tive, quando tal aconteceu, só em lembrar-me o grande risco em que estava aquela quadra toda de casas.

- É verdade, priminha, foi providencia divina que valeu, tanto o dono da casa incendiada como todos os vizinhos.

- Foram grandes os estragos causados pelo fogo?

-Não foi nada para o que podia ser, contudo, pessoa habilitada diz que estão calculados os prejuízos em 5 contos de réis.

- Conte-me priminha, os pormenores deste acontecimento.

- Das participações que tive dos diversos agentes que nos dão notícias, pude apenas colher o seguinte: - Estavam dois caixeiros acertuxando pólvora, por um descuido a vela caiu dentro da bacia onde estava a pólvora e resultou a explosão, que ocasionou o incêndio; o estampido chamou atenção dos vizinhos, e a voz de – fogo -, os transeuntes guiados por um instinto divino precipitaram-se para debelar o terrível inimigo que ameaçava aniquilar vida e propriedade de muitas pessoas. Ninguém lembrou se que de um momento a outro podiam ser vítimas, se por acaso o fogo pegasse na grande quantidade de pólvora e outros materiais inflamáveis que haviam em casa.

- O primo Gomes deve estar grato a todas as pessoas que prestaram-se naquela ocasião.

- Ele já agradeceu publicamente.

- Quais foram os que se distinguiram mais!

- Seria impossível nomear os seus nomes, porque todos trabalham com dedicação e coragem, e a não ser assim, o primo Gomes teria perdido a seu importante casa de negócio.

- O primo Frederico de Freitas muito contribuiu com as suas bombas para extinção do incêndio.

- É verdade, priminha, e já falemos em bombas, aproveito a ocasião para pedir a câmara municipal para de alguma maneira fazer com que Pelotas possua ao menos duas bombas; é triste, priminha, que em um lugar como este, não haja, bombas próprias para apagar incêndios.

- Talvez a Câmara não as possa comprar por falta de meios.

- Lá isso não, porque em primeiro lugar está o necessário, depois o luxo. Diga antes que é falta de lembrança; porque quem tem dinheiro para calçamentos supérfluos, onde se gastam alguns contos de réis, não pode deixar de ter também para emprega-lo ao menos duas bombas, que se tornam tão precisas de um momento para outro. Há de haver dois para três anos que o estabelecimento de carros do Sr. Barbier ardeu completamente por falta de recursos e por ter sido o incêndio alta noite; e o memso aconteceria agora se por infelicidade pegasse fogo quatro horas mais tarde; porque está completamente provado que se não fossem as rápidas providencias que houveram teríamos hoje que lastimar grandes perdas; e acaso não seria a Câmara responsável por não ter bombas para acudir aos incêndios?!

- Não é só a Câmara que merece nossa senhora; a Matriz, a Caridade, o Asilo e o Teatro também pecam por tal falta; façam-se subscrições; hajam benefícios ou mesmo os tais nunca

assaz louvados leilões, porém de qualquer maneira façam aparecer bombas e mais utensílios próprios para a extinção dos incêndios; hajam estações para estes objetos, que o povo mesmo saberá servir-se deles, enquanto não se pode organizar este serviço em completa ordem como se observa em muitos outros lugares.

- Roma não se fez em um dia, priminha, não vamos também querer tudo a um tempo.

- Muito mais precisa Pelotas, e eu vejo impossíveis para o que acabo de pedir. A nossa Matriz podia entre todas as irmandades obter uma bomba sem muito custo; e não era de mais que todas as irmandades contribuíssem, porque todas estão no caso de precisar dela. A Caridade, o Asilo e o Teatro podiam também obter outra bomba sem dificuldade: era bastante que os membros das diretorias desses estabelecimentos se cotizassem entre si para um fim tão justo e necessário.

- Pois sim, você verá como nada se faz; e quando o acaso permitir outra desgraça desta ordem, tornar-se-á a falar no assunto por alguns dias, e depois ficará novamente no esquecimento.

- Se fosse para dar um jantar a qualquer figurão que viesse a Pelotas, inda mesmo que ele fosse rebelde; ou para oferecer bailes, etc. Você veria como haveriam de chover onças, e talvez muitos ficassem refastelados por não serem convidados para contribuir.

- E agora, priminha, o quer você? O mundo está torto, e quem o quiser endireitar perde seu tempo e passará por tolo ou por doido.

- Já basta de falarmos a respeito de fogo. Diga-me, priminha, será certo que o primo deputado não continua a ser presidente do Asilo?

- Dizem que sim, não porque ele queira deixar de velar por aquela casa, porém, como tem mais que cuidar, e já tem prestado os seus valiosos serviços desde o começo daquele estabelecimento, é bem que agora descanse, e deixe que outros também trabalhem.

- Acho isto justo, priminha, e mesmo para ver se aquele que tiver de ocupar tão importante e melindroso cargo desenvolve tanto zelo e dedicação como tem mostrado o atual presidente.

- Sabe priminha, do grande carapetão que o primo Sampaio pregou a meia dúzia de rapazes?

- Não, apenas me consta que ele tirou a sorte grande.

- Qual sorte grande, eu lhe conto o caso: o primo Sampaio que nada tem de paio, fez capacitar a várias pessoas que tinha um bilhete com a bixa, e apar melhor compor o ramalhete convidou alguns amigos para o regozijo tomarem parte numa ceiata que dava na Aliança; alguns mais palpavos caíram na corriola e lá se apresentaram, e foi então que conheceram o logro.

- Bem pregado, priminha, se não fosse por ser feio eu era capaz de lhe dar um abraço pela lembrança que teve.

- Tive um sonho há dias bem esquisito, priminha.

- Então conte-me.

- Sonhei que tinha visto os nossos fiscais atolados naquele grande lameirão da rua de S. Jerônimo ao sair da praça.

- Ora priminha está agora é sua: Você quer chegar aos homens e lembrar-lhes mais este dever por eles desprezado.

- É exato o sonho; vi o primo Galdino atolado até os olhos, e o primo Diniz, como é mais alto, inda se podia ver em uma mão a bengala e na outra o chapéu de sol. Nesta ocasião passava um carreteiro de longo curso, e disse que era bem feito para ver se assim havia mais cuidado em reparem com medidas prontos as estradas.

- É mesmo uma miséria o estado de nossas ruas, priminha.

- Quando aqui dentro da cidade está assim que fará pelas estradas; seria bom que a Câmara tratasse de mandar fazer algumas composturas, a ver se terminam estes grandes atoleiros que por ali se encontram a cada passo.

- Saberá que se casou Vitor Manoel com a prima Adelaide!

- Ora priminha, deixe de caçoadas, você bem sabe que eu gosto de tratar sério.

- Não vá pensar que é o sogro de D. Luiz, olhe que é o filho do falecido D. Benito.

- Você priminha, tem lembranças que parecem esquecimentos.

- O que me diz do amável Carapuceiro?

-Oh! É muito jocoso, não sei porque nos chama de invejosas e quer talhar carapuças; seria melhor que principiasse por casa porque não perdia tempo!...

- Nós cá o esperamos firmes e resolutas.

- Acho mais prudente me retirar e o espera-lo em casa.

- Então já! Provavelmente vai hoje ao espetáculo?

- Não estou resolvida. Consta-me que anda grande desinteligência a respeito de músicas, e por isso não vou lá enquanto as coisas não tomarem o seu verdadeiro caminho.

- Apoiado, priminha, eu também faço o mesmo.

- Boa noite.

- Até mais ver.

Pelotas, 17 de julho de 1864.

DIÁRIO DO RIO GRANDE, 30 DE JULHO DE 1864, P.2

Palestra Pelotense

Visita das Priminhas.

(sexta visita).

- Vou entrando sem pedir licença; hoje não é dia santo, e por isso não a quero incomodar nos seus afazeres.

- Olá, priminha, você por aqui na segunda-feira, que novidade é essa?

- O que não se faz no dia da Santa Luzia faz-se no outro dia. No domingo não pude vir porque fui as carreiras, e como hoje sai para fazer umas compras, não quis deixar de vir vela só para você não tornar a me passar outra capina e chamar-me de preguiçosa.

- Já que foram as carreiras conte-me o que viu por lá e qual foi o pingo que ganhou.

- Perdeu o malacara do primo Galvão, e ganhou o zaino do primo Feliciano.

- Não sei como você teve coragem de ir as carreiras com o dia tão frio.

- E antes eu não fosse, porque não teria presenciado as cenas desagradáveis como as que lá se deram.

- E você estava caladinha, sem me dizer nada; onde priminha, que você já não é a mesma...

- Então porquê?

- Acho agora mais reservada; e é por isso que a nossa palestra vai perdendo a influência que tinha, porque já se diz que a palestra das priminhas está muito fria.

- Pois deixe estar que eu lhe prometo que ei de aquecer; você bem sabe que eu não tenho papas na língua, e se não tenho sido mais frisante é porque não tem sido preciso, e mesmo não quero espantar a caça.

- Já sei que você quando quer é capaz de falar pelos cotovelos.

- Não admira, porque o primo Juvenal também toca piano com os cotovelos.

- Porém não vai esquecer-se de contar o que houve lá pelas carreiras.

- É verdade, um moço (creio que sapateiro) apostou com um soldado de polícia a favor de um dos cavalos não ocasião, porém do recebimento do importante aposta, houve desinteligência entre ambos, do que resultou travarem-se algumas palavras ofensivas de parte a parte; um terceiro que não era mais do que expectador, apanhou o peão na unha o zás, dizem que deu uma bofetada no moço sapateiro; houveram facas arrancadas. Alguns relhaços e muita descompostura, porém ninguém foi preso, porque, coo já disse, a rusga foi travada entre um paisano e um polícia, e você bem sabe, priminha, que lobo não como lobo.

- Com o que então a polícia vai para não consentir desordens, e é a mesma polícia a primeira a provoca-las? Está bem bom andar; depois não digam que as priminhas são faladeiras, elas só pugnam pelo bem estar de todos em geral, e em um caso como este não podem ficar caladas.

- Foi ontem ao espetáculo priminha?

- Fui. Há muito tempo eu ouvia elogiar aquele drama, *as joias de família*, e por isso aproveitei a ocasião para vela. Do seu desempenho nada direi, porque agora tem um telescópio na terra, quero ver o que ele diz a respeito; e mesmo porque entendo que a nossa palestra não é a mais própria para tratar de crônicas teatrais.

- A análise de um espetáculo dramático, não é para qualquer um telescópio de vidro de vidraça, quanto mais para as priminhas do *Diário;* eu entendo que quem toma sobre si este trabalho, deve não só demonstrar o enredo da peça na parte literária como também dizer a razão porque o artista desempenhou bem ou mal o papel; porque o dizer-se fulano esteve bom, sicrano não prestou, não é suficiente; é preciso esclarecer qual a razão porque agradou ou desagradou.

- E o que me diz você a respeito da música.

- Coisa excelente! A empresa não podia fazer melhor aquisição; consta-me que tal musica vai ser contratada para uma companhia lírica da corte!

- Ora priminha não caçoe.

- Ela é tão sublime que me disseram que tinha suprimido alguma coisa da peça, porque o maestro não tinha músicos capazes de desempenhar o que era preciso.

- Lá isso eu não sei, o que posso assegurar é que a empresa tem perdido muito com tão acertada escolha!

- É certo que o Lacerda foi acompanhado até a casa de sua residência com música e foguetes?

- É verdade, sim priminha, o que para lastimar é que ele fosse saudado pelas pessoas que foi.

- Como assim?

- Pois não, priminha. O que quer dize rum analfabeto tributar homenagens ao trabalho literário de qualquer pessoa?

- Mas então quem foi?

- Nada menos que o sapateiro pedante e um tal Mulher Conde, que gritou com todas as forças de seus pulmões viva o distinto autor Cezar de Lacerda!

- Falo com franqueza, priminha, que estou bastante sensibilizada por ver o pouco apreço que os pelotenses tributam a tão distinto ator; porque além, de seu trabalho em cena ser superior, é um dos melhores dramaturgos da escola moderna, e os seus dramas já são por nós há muito conhecidos e admirados!

- É para você ver o que faz dar atenção as vis maquinações de um ente que por todos é desprezado e aborrecido, porque está provado que se não fosse a desinteligência a respeito dos músicos nada disto haveria.

- Mas, priminha, o que tem uma coisa com a outra.

- Tem muito; porque alguns desgostosos de ver o papel pouco airoso que fez um do da empresa, respeito a música, tornaram-se mudos e quietos e deixaram de tributar homenagem ao mérito; resultando aqui o que aconteceu no domingo; isto é o vir mais supino ignorante insultar uma capacidade artística, porque eu entendo que o senhor Lacerda deve estar bastante descontente; e muito má ideia fará dos pelotenses, sabendo que aquele único que ergueu a voz para saudá-lo era o mais insuficiente que podia ser para tal fim, um analfabeto!

- Mas, priminha, eu não acho justo que uma só música ganhe, e por isso julgo que o Carlos também deve ser contemplado.

- Quando o alferes instrutor do 29 andou por aqui obtendo assinantes, dizia que a música era a dos Santos; não é só isso, a música do Carlos tem apenas três sou quatro músicos propriamente dito, os mais são uma súcia de guris que ele os contenta com meia pataca de

doces; o mesmo não acontece com a música do Santos porque são todos músicos de primeira classe; e chefes de família, muitos dos quais só vivem daquilo; já você vê, priminha, é bastante para haver quem se interesse pela razão unicamente, e você bem sabe que toda essa intriga por quem é movida. Aqui não há nacionalidades, nem mais nada se não o gênio do mal que procura uma vingança vil e mesquinha.

- Basta, priminha, já vejo que você tem razão; vamos agora tratar de outras coisas, não vão por ai pensar que nós somos interessadas para que a música dos Santos vá tocar no teatro.

- Eu tanto se me dá que vá uma como outra, só o que digo é que há grande diferença entre as duas, e quem paga quer bom.

- Não diz isto o amável Marques.

- Lá o que ele diz não regula.

- Sabe o motivo porque o primo Fabião brigou no hotel da Aliança?

- Disseram-me que foi por causa de uma mantinha ou coisa que o valha.

- É preciso pedir a este cupido que não seja tão exaltado, porque além de feio parece mal.

- Sabe se já está boa aquela nossa prima da rua dos Canários que teve um ataque na loja do primo das prendas?

- Ficou logo boa, não foi coisa de cuidado, foi maior o susto que o incomodo.

- Ainda bem.

- É preciso pedirmos a um dos mocinhos do sobrado que não olhe tanto no teatro para aquele camarote; porque é muito feio e pode ficar vesgo.

- Você o que, priminha, são gostos.

- É certo que o netinho da preta saiu da casa do papai?

- Você está se fazendo de boa, priminha, pois não viu que o velho até participou pelo jornal este importante acontecimento.

- E por que seria, priminha?

- Dizem os faladores que foi por causa de uma macaca.

- Gente ou bicho?

- Não sei dizer com certeza; só me disseram que era oriunda de Bagé.

- Ah! Já sei... não bote mais na carta.

- Ontem, priminha, atolou-se uma carreta até os eixos, ao pé da ponte de Santa Barbara e todo devido ao bom estado das estradas.

- Na rua da igreja, esquina da rua do padeiro, também outra carreta teve avaria grossa, pelo mesmo motivo.

- Isto é um nunca acabar de calamidades.

- O Clube vai se mudar do teatro para o sobrado da Viscondessa de Jaguari?

- Dizem que sim.

- Já o Marques principia a ver o resultado gênio mal e turbulento.

- Olhe, priminha, não fale deste homem, porque ele já disse publicamente que havia de dar uma sova nas priminhas do *Diário*.

- Diz bem, não falaremos mais neste personagem, porém não é por termos receio dele, e sim porque nos causa asco e compaixão.

- Apoiado, muito bem; priminha se você estivesse na assembleia seria cumprimentada por toda Câmara.

- Sabe alguma coisa a respeito dos masques, disseram que o salão está muito bem armado, com lustre, cortinas, espelhos, etc, etc...

- Poderá não, se tudo aquilo foi arranjando com baixo custo.

- Não a entendo!

- Pois você não sabe de uma sociedade que houve a tempos a imitação da *Instrução* e *Recreio* do Rio Grande?

- Tenho ideia disto; até parece-me que era lá na rua dos Canários em um sobradinho.

- Justamente, o tal diretor dos masques dizem que era socio da sociedade, porém que só contribuía com o seu bom modo; tais coisas arranjou que foi desgostando os outros sócios e quase todos saíram, e ele como é vivaracho, ofereceu a casa em que morava para servir de

depósito de todos os trastes e adornos e livros da sociedade; o presidente era bom moço, porém deixou-se embuçalar pelo canto da sereia, e..., o que sei dizer é que o Mestre Ricardo Ginga, apossou-se de tudo e faça Deus bom tempo.

- Então os outros sócios não reclamam nada?

- Como são moços do comércio não se importam, e mesmo creio que o presidente está a espera que só figure dois com o nome de sócio para depois repartirem irmanamente os desejos de tão nobre ação.

- E você sabia disse e estava calada?

- Não, priminha, quem me contou essa interessante gentileza há poucos dias foi o Zeca Afonso que também foi sócio dessa aripuca.

- Eu achava melhor que para estes dois moços ficarem livres de qualquer acusação era bastante fazerem um leilão e oferecerem o produto para qualquer estabelecimento pio do lugar, e não deixarem assim roubarem a sociedade.

- Nesta não caiu o finório do Ricardinho porque diz que ele acha tudo mais bem empregado em sua casa, porque além de adornar a mesma, tem ali um valor nada menor que vinte onças, e esta razão porque ele nada se move.

- Ah! Priminha, neste tempo o que mais esperto é vive a custa alheia.

- Sempre foi assim.

- Sabe que mais, já são horas, até outra vista. Boas noites, priminha.

Pelotas, 25 de julho de 1864.

DIÁRIO DO RIO GRANDE 7 DE AGOSTO DE 1864, P.2 E 3.

Palestra Pelotense

Visita das Priminhas.

(sétima visita).

- Aqui estou querida prima dá licença?

- É preciso que a menina se convença

E tenha disto uma sólida certeza;

Que na minha casa sempre com franqueza

Quando quiser pode entrar a qualquer hora

- Então venha de lá e sem demora

Um abraço já muito apertado,

E um beijinho também açucarado.

- Bravos, priminha, muito bem... se assim continuarmos, em pouco tempo podemos fazer a nossa palestra em verso.

- Nesta não caiu eu, porque além de serem pouco os apreciadores da poesia, eu não tenho queda para rima.

- Então você vem na quarta-feira?

- Você não viu como teve o domingo todo desfeito em água? E mesmo eu acho que é mais aristocrático a gente sair nos dias de semana para fazer suas visitas, porque isto de passear aos domingos é só para sapateiros.

- Porém o pedante é sapateiro, e anda sempre passeando de petiço nos dias de semana!

- Você não sabe que ele fez uma sociedade com o Marques na compra do bucéfalo, para ver se assim descobrem quem são as priminhas do *Diário*.

- Ah, ah, ah, ora priminha, eles que se esqueçam disso.

- Não são eles os únicos que desejam saber quem nós sejamos; há por aí muito menino bonito que ambiciona dar apontamentos para a nossa palestra.

- Pois quem quiser nos comunicar alguma coisa digna de ser apreciada, não tem mais que dirigir-se em carta fechada ao agente do *Diário,* em Pelotas, que ele fará com que o primo da futrica nos envie qualquer apontamento, para depois nós então o apresentar na palestra.

- Você já foi, priminha, ao salão das Belas Artes?

- Fui e estou bastante arrependida de lá ter ido.

- Então porquê?

- Por que alguns senhores que se tem por grados, e gente da primeira classe, cometem ações só próprias de preto de cesto. Há dias fui lá e encontrei as primas Cecília, Columbia, Luinota e a irmã desta última, e sabe o que fez um senhor? Mandou pelo neto do tio Ferreira comprar uma carta de foguetinhos e deu a um outro menino para acender lá mesmo dentro do salão; faça você ideia priminha, o efeito que produziu; as primas que acima mencionei saíram na disparada, e com a velocidade que iam levaram o primo G. aos trambolhões até a porta da rua. A dona da Cosmorama ficou zangada e ralhou bastante com toda aquela aristocracia.

- E quem foi o cavalheiro que mandou atacar os foguetes?

- Escute aqui ao ouvido priminha...

- Virgem!

- Foi ele?... Ora vejam só isto... um homem que finge dar se tanto ao respeito; estou admirada!

- Você admira-se de pouco; e o Barão petiço que foi repreendido creio que pelo subdelegado por não estar lá no tal salão com a decência que era necessária?

- E são esses os moços que diziam pertencer a primeira sociedade de Pelotas? Ah, priminha, isto vai mal.

- Você não sabe, que – nasce de cima a corrupção dos povos - ?

- Diga-me, priminha, o primo S. está doente? Não o tenho visto!

- Só se for de amores, por uma jovem a quem ele já deu o retrato...

- Quem sabe se é um que eu vi na mão do Bentinho cômico?

- Há de ser este mesmo priminha, porque me conta que o tal já deu esse retrato não sei a quem.

- Como as coisas se sabem priminha!

- Você acaso ignora que a polícia da palestra é mais ativa do que outra qualquer. Lá vai uma prova: Eu não fui ao baile na Costa em casa do primo B... e sei que o primo João das prendas arrastou um formidável! Cambão, sendo causadora a simpática priminha da rua de Santa Barbara; Sei também que o primo Juca da rebeca com a sua futura nada deixou a desejar; assim como o sonambulo do maninho... sei mais que três moças caíram quase simultaneamente, e que todo o mais esteve na melhor ordem possível.

- Priminha se vamos assim, em pouco tempo não se h de fazer nada em Pelotas, que nós não sejamos sabedoras.

- Você bem sabe, priminha, que eu embirro completamente com tudo que é derriço, e por isso é preciso perguntarmos ao primo Marçal se é deveras ou brincando que ele tributa homenagens ao travesso Deus Cupido: E se a origem deste culto é por causa da priminha Antoninha que costuma ir em casa daquele seu vizinho que nunca tem a barriga cheia!

- Você o que tem é inveja, priminha, deixe o moço arrastar o seu cambão porque está no seu tempo.

- E cá da minha parte não lhe pego.

- Casou-se o primo Vicente com a filha do lombilheiro?

- É verdade priminha foi um verdadeiro casamento de amor.

- A outro! Como dizem os rapazes; diga antes que foi o dinheiro que acendeu o facho do interesse e fez com que o nosso herói

Por louca paixão alucinado

Ao jugo de cupido se entregasse!

- Já que você falou neste poderoso motor de todas as

coisas; neste Deus infernal que toda a humanidade curva-se a seus ditames, - É bem que aprecie uma poesia do primo Francisco Gomes de Amorim, que se acha nos seus cantos matutinos; preste-lhe toda a atenção porque é digna disto, são verdades nuas e cruas como lá dizem, lá vai poesia:

O Dinheiro.

(Sátira).

Dinheiro, invicto dinheiro
Só em ti que eu me fundo:
Tens o direito da força
És o tirano do mundo.

(Tolentino.)

Povos e reis inclinai-vos,
Meus escravos todos sois!
Diante de mim prostai-vos,
Artistas, sábios, heróis!
Eu inspiro a paz e a guerra,
E posso tanto na terra
Como Deus pode no céu!
Do vício faço virtude
Não preciso quem me ajude,
O cetro do mundo é meu!!

O anjo do mal no inferno
Por vingança me gerou,
Quando a justiça do eterno
Dos céus o precipitou,
Contra a suma sapiência
A minha infernal potência
Antepor na terra vim;
Os humanos por mim choram
Se a Deus nem todos adoram,
Todos me adoram a mim!

Vinde ver no meu cortejo
O que Deus fez, o que eu fiz;

Vede tudo como eu vejo,
E direi se – Deus o quis.
Eis a graça formosura,
Que nasceu cândida e pura
Mas que cede ao meu poder...
E depois, sendo eu por ela,
Mais inocente e mais bela,
Para todos volve a ser.

Nunca lhe falta um marido,
Fácil em tudo olvidar,
Que de falso do rendido,
Por mim a quer desposar.
A feia faço formosa,
Faço a modéstia vaidosa,
Dou as loucas descrição;
E, o meu poder antepondo,
Ao rosto mais hediondo
Dou da beleza o condão.
Nem a virtude resiste
Ao meu domínio fatal:
Na minha voz só existe
A voz do gênio do mal?
Eu tudo compro e domino
Tudo seduzo e fascino
Quando meu desejo quer:
Tudo comigo é vitória,
Para o homem sou a glória,
Dou a paixão à mulher.

Do ministro tenho a graça,
Do magistrado o perdão,

Na igreja, como na praça
Eu ponho tudo em leilão,
Tudo comigo é vencido
Neste tempo corrompido
A justiça em mim só crê.
E aí da miséria inocência
Faltando-lhe a providência
Que o meu povo em mim só vê.

Que vedes por todo a parte?
Só homens a calcular
Mulheres de engenho e arte
A vender-se ou a comprar,
Só ambição e torpeza:
Lá onde existe a beleza,
Vereis a especulação,
Lá onde existe o talento,
Os que tem honra o momento
Mais caros se venderão.

Andam os pais contratando
As filhas que vão casar,
E os noivos regateando
Para sem honra as levar.
Além, o marido infame
Recebe alegre um enxame
Dos amantes da mulher
Um vende-a por conhece-la
E o outro para vende-la
Nem a consulta se quer!

Até novos hemisférios

Vai meu nome descobrir;
E vastíssimos impérios
Eu faço erguer ou cair
Por mim se afrontam as vagas
Por mim as remotas plagas
Se vai a morte afrontar;
Por mim é grande a ciência
Que só com minha existência.
Abre a terra, o céu e o mar.

Para mim não há segredos
Nem de povos nem de reis,
Eu faço e desfaço enredos,
E faço e desfaço leis,
Tudo cede ao meu Império
E é simples o mistério
Que me dá todo poder;
- Ouro, mais ouro, e mais ouro! –
O que não cede a um tesouro
Há de a tesouros ceder.

Honestidade ou vergonha
- Nomes vão que fazem dó! –
Eu lavo toda a peçonha,
Fama, infâmia, dou eu só.
Eu dou virtude e nobreza
Poder, glória e nobreza
Gozo, prazeres e amor
- Dinheiro! Dinheiro e tudo!
A todos sirvo de escudo
A ninguém peço um favor.

Assim fala o Deus erguido
Nas asas da corrupção,
E o século convencido
Adora-o com mais paixão;
Outro Deus já não conhece,
E se o Deus do céu esquece
De tais erros castigar
Verá um dia o dinheiro,
Rival de Deus verdadeiro
Tendo a terra por altar.

- Muito bem, estão excelentes e não deixam de serem infelizmente verdades amargas.

- Porém próprias da quadra que atravessamos, não é assim?

- Qual história, priminha, todos os tempos foram assim nós e que temos por costume chorarmos pelos tempos passados e sempre acharmos hoje pior do que ontem.

- Então priminha o primo Juvenal vai dar o concerto só?

- é verdade, o tal caixa de óculos que gosta de fazer o devoto de Baco tem feito papeis dignos de sua pessoa, prometeu ao moço trabalhar com ele e agora roeu-lhe a corda.

- Não admira que o mesmo fez ele com o primo Santos da música. E está arrogante e impostor que parece alguém.

- Diz ele que o povo vai para onde o levam e que quanto mais vontades se faz é pior, e por isso a de mostrar que só se a de fazer o que ele quer.

- Consta-me priminha que o Lacerda não está muito contente com ele.

- é não é para menos, porque um homem bem educado custa muito a acostumar-se com grosserias e malcriações.

- Vou lhe dizer a razão porque o devoto de Baco busca todos os meios para a empresa não agradar; a ele não lhe convém que o Lacerda seja aplaudido e admirado, porque é muito invejoso, e por isso trata de contrariar o respeitável para não haver animação nem grandes ovações nos espetáculos.

- Ah! Priminha, que homem mal; não pensei que o tal marquinhas de judas tivesse tão maus bofes.

- Aquilo é pássaro bisnao, quem não o conhece que o compre.

- Ele também pouco vale.

- Peço-me que me dê as suas ordens porque já me retiro.

- Só desejo que que saiba de grandes novidades para me contar.

- Adeusinho, priminha, até a primeira.

Pelotas, 03 de agosto de 1864.

DIÁRIO DO RIO GRANDE, 21 DE AGOSTO DE 1864, P.2.

Palestra Pelotense

Visita das Priminhas.

(oitava visita).

- Dá licença? – Quem está aí?

- Sou eu, meu amor perfeito!

- Seja bem aparecida

Com a sua flor no peito.

- Está flor eu arranquei

Para lhe dar de presente;

Tem um cheiro tão mimoso,

Veja, priminha, não sente?

- Basta, basta, priminha, já chega de versos, vamos tratar do que serve; há quinze dias que você não aparece, e por isso temos muita novidade boa.

- Antes que esqueça é preciso que fique sabendo, que devido as priminhas do *Diário* deram fim a sociedade em que o amável Ricardinho figurava como único possuidor.

- Resta saber qual destino que os sócios vão dar aquele dinheiro tão mal adquirido.

- Consta que a maioria quer oferece-lo para ser dividido entre a Caridade, o Asilo e a Beneficência; porém que o home das masques não quer anuir, dizendo que ainda é pouco para ele!

- Em quanto importou o produto de tudo?

- Dizem que andou por doze onças, porém como o tesoureiro ainda não apresentou contas não se sabe ao certo.

- Pois era tempo de se acabar com isto, porque já basta de abafamentos.

- Não seja faladora, priminha.

- Quem não quer ser lobo não lhe veste a pele -; E como o novo forriel diz com estupida arrogância que não tem de dar contas a ninguém, nem se importa com o que dizem os jornais, é bom que vá levando para seu tabaco.

- E o que diz você a nova maneira de fazer anúncios do menino Ricardo?

- Você o quer priminha, o homem deseja a todo risco que seus masques sejam concorridos.

- E é por isso que botou o retrato dele pelas calçadas, dando parte que havia baile mascarado?

- Ele não sabe mais que a de inventar para ganhar o dinheiro do próximo sem trabalhar.

- Que vá carregar pedra.

- O que me conta do mundo teatral?

- Pouco ou nada; - Domingo passado o menino Areas (o que sente os efeitos do vinho novo), levou uma solene pateada, que o deixou a tinir. Primo Juca ralhou muito lá de seu camarote do meio e falando as tarbas em estilo mavioso, quis fazer convencer que as pateadas não são compatíveis entre o expectador e o ator; porém o respeitável pouco convencido, repetiu de novo a dose; do que resultou serem chamados a polícia alguns inocentes e outros criminosos e ouviram uma formidável catalinada.

- Pelotas está se tornando um povo de cordeiros adormecidos.

- Oxalá! Que no despertar não se transformem em bravos leões!

- Ora qual Pelotas! Sempre foi e a de ser a terra da união e concordia.

- O irmão do Caetaninho e o Bicudo, ambos da rua dos Canários, pedem para ser agentes da palestra! Você que diz a tal respeito?

- O primeiro não tem tempo; e se faz este oferecimento é unicamente para saber quem nós somos.

- É melhor que ele vá derreter a pesetas para as transformar em estribros, bocais, etc.

- E outro ainda é muito pequeno para aparecer; não a muito tempo que era caixeirinho de vassouras, e por conseguinte dê tempo ao tempo.

- Pois olhe, priminha, ele já pensa que é alguma coisa.

- É agora, porque no tempo do falecido patrão nem piava.

- O sócio lhe fará as contas.

- Diga-me uma coisa, priminha, a pedra dura vai ser cômico?

- Pelo que pergunta?

- Por vários motivos; primeiro porque em toda parte defende a companhia; segundo por ter rapado as elegantes suíças, e terceiro, por ter perdido a pepineira de vender bilhetes de loteria; e como agora não tem emprego...

- Já me disseram que ele vai para caixeiro do novo clube do Marques.

- Oh que dois! Deus os faz eles se juntam e o diabo que carregue a todos.

- Não me dirá, priminha, qual a razão porque a diretoria do teatro não convida os seus sócios para apresentar contas, e se nomear outra diretoria, porque creio que já vai em quatro anos que nada se faz a respeito.

- Você não sabe como são as coisas de Pelotas?

- Pois deixe estar que as coisas hão de ficar a meu cuidado; e tanto bate agua em pedra dura até que fura.

- Creio que será malhar em ferro frio priminha.

- Vou lhe contar, priminha, o que aconteceu há dias com um respeitável cavalheiro que se tem por grande coisa na ordem das coisas.

- Quando menos alguma tratantada?

- Ouça, e cale-se, um dos maiores demandistas cá da terra viu e gostou de uma pardinha filha de uma rapariga que tinha criado pessoa de sua família, e como o cujo gosta do que é bom, propôs um comércio amantetico amã, da qual pardinha, prometendo mundos e fundos; porém ela teve a constância de não anuir no tal negócio, do que resultou alterar a cólera do moço a ponto de querer tirá-la da casa da mãe para sua casa, alegando que onde ela estava podia perder-se!

- Que tal o menino! E depois priminha, em quem ficou o negócio?

- A pequena foi para casa de outra família, creio que da madrinha dela, e o nosso herói ficou com água no bico!...

- Destes há muitos, priminha, que com a capa da caridade andam sempre a procura d elevar água a seu moinho.

- Sei de outro que tem caldeira com sinais de bexigas que recebeu a prêmio o dinheiro de uma estancieira sem estância e agora nega-o...

- Quem sabe ele precisa do dinheiro para comprar as divisas de sargento?

- Qual? Priminha são arranjos destes que se costuma fazer.

- Será certo que o primo Marçal mandou vir alguns fardos da casa de Maria das Luvas moradora na cidade invicta?

- Foi uma caçoada bastante pesada feita pela União Comercial.

- Você já ficou com algum bilhete da rifa?

- Não vê que sou do Manguel, e este é um negócio assim como outros muitos que a polícia devi tomar conhecimento; de cada canto surge uma rifa; aqui um irregular relógio; ali um cavalo rengo, acolá algumas prendas de ouro e finalmente, o que se quer desfazer das pinoias que tem, é bastante botar em pedacinhos de papel – AÇÃO ENTRE AMIGOS- E faze-los correr, porque entre amigos, e inimigos, conhecidos por conhecer, irão os tais papelinhos transformarem-se em sonantes pesetas.

- Eu de repente vou rifar também uma porção de botinhas velhas que tenho.

- Eu entendo que estas rifas não são mais que subscrições, porém com mudança de nome, e quanto antes se deveriam tomar providências a respeito.

- Ora priminha tudo é meio de vida.

- Também será meio de vida ter uma casa de jogos proibidos com o modesto nome de café; ter alguns bilhares para engodo e depois das nove horas da noite principiarem no terrível cai na água e no fim da brincadeira todos perderem e ficar o morador do sobrado rindo-se de todos!

- E você acha priminha que este meio de vida não é dor melhores? Oh se é!

- Como que o Barriga ou Boca Grande, como alguns lhe chamavam, bateu as asas e voou?

- E lá se foi o Gerente para o Rio de Janeiro, segundo dizem, deixando mulher e uma filhinha.

- Creio que o mau estado de seus negócios a isto o obrigou.

- Diga antes o pouco juízo ou falta de caráter, priminha, porque não são as dívidas que obrigam a pessoa alguma abandonar sua família.

- O *Noticiador* de hoje diz que os credores fizeram donativo a mulher dele do que podiam receber, e que o primo Dr. Alexandre, foi quem conseguiu isso dos credores; a ser assim uma ação dessa digna de elogio.

- Apesar da quadra que atravessamos, ainda há corações bem formados que se compadecem dos infortúnios alheios.

- Ai de nós, priminha, se assim não fosse!

- Foi ontem a festa?

- Não fui, porem me dissera que esteve tudo muito bom, com exceto por um menino de barbas grandes ruivas, empregado na mala-posta que pelo que mostrou, teve vergonha de se ajoelhar em ocasião em que todos os mais fieis estavam ajoelhados.

- São efeitos da educação, priminha.

- Saberá me dizer porque razão o Tenente Barriguinha participou ao público que o seu morgado tinha deixado de ser caixeiro dos primos S. G. e C.?

- Quem sabe se receava que a casa fizesse alguma transação em nome do menino?

- Não foi por isso; foi apenas uma ingenuidade!

- Eu gigo que é andar o carro adiante dos bois.

- E aquela meia dúzia de simplórios que agradeceram pelo Noticiador o terem sido bem tratados em um baile.

- Eu agora lhe participo que me vou retirar.

- Então já, priminha?

- Já são horas até mais ver.

Pelotas, 16 de agosto de 1864.

DIÁRIO DO RIO GRANDE, 31 DE AGOSTO DE 1864, P.2.

Palestra Pelotense

Visita das Priminhas.

(nona visita).

- Posso falar a senhora Queiroz?

- Não porque está no seu estado interessante; e além disso, tem esperanças de apresentar um fidalguinho ao ilustre fidalgote.

- Você, priminha não lhe escapa nada!

- Sei de uma mais importante que me contou o devoto de Baco, porém guardo para a melhor de espadas...

- Diga-me, priminha, será certo que o menino Arêas e todo o resto da companhia levaram no domingo uma formidável pateada?

- Pois você inda duvida? Saiba mais que o primo Juca, desta vez não fez o seu discurso ao respeitável, porém mandou chamar o caixeiro do primo Antero, e disse-lhe pérolas, mesmo digna de uma autoridade, o homem teima em querer proibir que o povo dê sua opinião a respeito do trabalho dos cômicos e agora que quer que se lhe faça?

- Diga-me mais uma coisa, priminha, nós estamos em um país constitucional, onde cada qual tem a liberdade de expressar a sua opinião; ou estamos na Rússia, pertencendo Czar que é um senhor de braço e cutelo?

- Não fale assim, priminha, depois não se queixe...

- Nada receio, o mais que poderão fazer é pagarem ao assassino para nos insultarem; porém não será com esse procedimento que purificarão seus atos irregulares, acima de tudo está a opinião pública, e esta está do nosso lado.

- Eu acho que o mais prudente é calar-nos, e deixar ir Deus com o seu mundo...

- E eu entendo que quanto mais elevada é a posição de qualquer pessoa, mais deve atender as justas observações que faz a imprensa; e não é com vis ameaças e nem com fanfarronices que se faz calar aqueles que tomam por tarefa mostrar os erros e desvios dos

mandões. Estamos em um país livre, onde podemos apresentar nossos pensamentos; e se a autoridade quer ser respeitada em nome da lei, deve só fazer aquilo que a mesma lei lhe faculta, ao contrário, é arbitraria.

- Porém o que vemos nós todos os dias? Se alguém faz um escrito censurado este ou aquele funcionário público, é logo chamado e insultado; se outro vai ao teatro, é porque não gostou do que viu ou qualquer outro motivo que não é dado averiguar. – é logo chamado e publicamente admoestado!

- Ora, priminha, eu vejo que você tem razão, porém o que havemos de fazer?

- Gritar em alto e bom som que já basta de arbitrariedade.

- Basta, priminha, eu não quero saber disto; se você vê que tem razão, vá dizer a eles mesmo, porque você bem sabe que não lhe posso dar remédio; conte-me o que mais ouve lá pelo espetáculo.

- O menino Arêas, no – Devoto de Baco-, esteve magnifico, nem há papel que ele represente melhor.

- Não admira, porque está muito a caráter.

- Teve a ousadia de falar nas priminhas!...

- E depois não quer ser pateado. Um cômico nunca deve dizer mais que o que está no papel que representa; ao contrário, comete um grande abuso, ou mesmo um crime que cumpre a autoridade não albardar.

- Vamos tratar de outra coisa porque já basta de falar de CÔMICOS e autoridades; e AUTORIDADES e cômicos.

- Sabe em que ficou a questão do fiscal Diniz com o ti-tio arruador?

- Creio que foi aquele despedido.

- E aquela questão do Horácio com o Barão?

- Também em nada ficará; você bem sabe que Pelotas é a terra dos compadres...

- Porém me disseram que as coisas não estavam em muito boa harmonia.

- No princípio o Horário estava muito fanfarão, porém quando o caso ficou preto, baixou a orelha, (uma porque a outra esta reiuna) e pediu misericórdia.

- Deus queira que este lhe sirva para lição.

- É preciso pedirmos ao primo fiscal que dê algumas providências para não estarem por muitos dias expostos os cães mortos pelas ruas.

- Você não me dirá o que quererá dizer o primo *Veneral* na sua *Lanterna Mágica* (que de mágica não tem nada) a respeito das priminhas do *Diário*?

- Por mais de desse voltas ao miolo, não atinei com o que o homem queria dizer; de duas uma, ou o artigo é feito em estilo sublimado, que eu não compreendo, ou então é uma grande carregação de asneiras que nem o diabo dá volta.

- Quem sabe se ele fez aquilo com os cotovelos?

- O que eu sei é que o primo Nunes dá aquela cataplasma aos fregueses, e pensa que faz muito em apresentar aquela imundice.

- Quem não sabe é como quem não vê, e por isso é desculpável o pobre carteiro.

- O que me diz a respeito do glorioso dia sete de setembro?

- Digo-lhe que nunca vi tanta desanimação, e nem parece que o dia se aproxima, o que é mais para admirar é que neste dia tem de haver eleições para vereadores e juízes de paz, e até o presente ninguém trabalha, só apenas

Um tenente, um capitão e um doutor
Tem pedido alguns votinhos por favor.

- Chegou finalmente o tempo do voto livre, priminha!...

- Até ver não é tarde; só o que digo é que na escolha de vereadores está o progresso ou atraso do município; nós precisamos de homens que tenham conhecimentos, aptidão e boa vontade, ao contrário nada se faz, porque o ser vereador não é somente para comparecer na procissão de Corpus Cristi de chapéu armado. É necessário que compreendam as necessidades do município, e que trabalhe par ao seu bem estar.

- Está você agora, priminha, pregando no deserto; o povo é quem menos compreende os seus direitos e sempre se deixa guiar como cego.

- Já que você falou em pregar no deserto, ouça uma bonita poesia do primo Novaes, mas note que não é do Novaes que tem uma grande careca e casaca de botões amarelos.

- Você, priminha, anda sempre com poesias alheias as voltas.

- Já que não posso apresentar obra de casa, apresento dos vizinhos, lá vai a dita:

PREGAR NO DESERTO

Se eu fora janota com pouco dinheiro

Com fumos de grande, com meu pergaminho,

Buscará um fidalgo polido ou grosseiro,

E fora contente, seu manso cãozinho.

Em vez de vergonha
Só tenho paciência,
De graça jantará,
Teatros gozará,
Chupará excelência.

Se eu fora escritor de saber conhecido

Ninguém aos corruptos mais guerra acendera,

E os pobres e humildes sorrindo, atrevido,

Aos ricos, às grandes zumbaias fizera.

Embora os colegas
Me dessem massadas,
Tivera presentes,
Metais reluzentes
E mil barretadas

Se eu fora soldado, mas não destemido,

Seria em revoltas a entrar o primeiro;

E os meus juramentos havendo traído

E já capitão, general, conselheiro;

Barão, deputado
Mais graças pediria

E assim atrepando,
Riquezas juntando
Dos outros me rira.

Se eu fora um labroste, que lá por Angola

Vendendo irmãos meus, ajuntasse riquezas,

Viera na pátria fingir-me carola,

E assim sepultará as antigas torpezas;

E tendo lacaios,
E um trem majestoso
Palácios e alfaiais,
Tivera zumbaias
Vivera ditoso

Se eu fora doutor, por empenhos formado

Aos sábios colegas chamará pedantes;

E as ruas correndo, num burro montado

Palavras soltando das mais retumbantes;

Tornando incurável
O mal de um momento.
Visitas contando,
Mil vidas ceifando
Ficará opulento.

Se eu fora Manel, em Visconde crismado,

De pobres parentes nem mais me lembraria;

E, já da nobreza no tronco enxertado,

Até os Monarcas meus primos chamarão;

E o pejo a vergonha
De casa expulsando
A sombra das garsos

Fizera trapaças,
Tesouros juntando.

Se eu fora um mancebo – com quem me dotasse.

Casara e seria da esposa vassalo;

E embora o pai dela de mim se informasse

Como usa na feira quem compra um cavalo;

D'amor e virtude
Constante zombando
Vivera contente,
Fingira ser gente
De pé caminhando.

Se eu fora empregado, mas bem protegido,

Com pouco trabalho, com grande ordenado

Com todos, na rua, cortes e polido,

Seria um Kalifa, na banca apoiado;

E entrando bem tarde,
Saindo bem cedo,
Comera e dormira,
E nunca eu sentira
Nem pejo nem medo.

Mas não sou janota – escritor ou soldado

Labroste – doutor – nem agiota também

Manel ou mancebo – nem mesmo empregado

E então – longos braços quisera ter cem;

E em cada um sustentando
Bem grosso azorrague,
No mundo, ir voando
Zurzindo e bradando;

“Quem deve que pague”.

- Agora, priminha, dê-me licença.

- Pois já?

- Para outra vez me demorarei mais.

- Então boa noite, priminha.

Pelotas, 23 de agosto de 1864.

DIÁRIO DO RIO GRANDE, 15 DE SETEMBRO DE 1864, P.2.

Palestra Pelotense

Visita das Priminhas.

(décima visita).

Mais vale tarde do que nunca.

- Ora, priminha, você é meus pecados, pois então isto modos? Há mais de quinze dias que não dá o ar de sua graça; e logo agora que tem havido tanta coisinha boa.

- Você o que quer. – O homem põe e Deus dispõe -; estive doente, e por isso deixei de cumpri o meu dever.

- Se você estivesse classificada votante (como diz uma personagem cá da terra), você não havia de estar doente; porém como não vota, qualquer pequeno incomodo a impossibilita de sair à rua.

- Você também não dá desconto a nada, nunca vi!

- Não é por mim, porém como prometemos ao primo da prensa sermos pontuais, eu não desejava nunca faltar-lhe com a nossa palestra, e mesmo você bem sabe o quanto ela é apreciada, e por cujo motivo eu não quero que os nossos afeiçoados tenham razão de nos chamar de preguiçosas; até já houve alguém que afiançou que a palestra tinha findado.

- Esse gostinho não havemos de dar por ora; trataremos dos fatos ocorridos.

- Muita coisa há que já não ganha pela novidade; mas, contudo, eu lhe contarei o que sei, embora seja já tão sabido como o pouco caso que os fiscais fazem de cumprirem com os seus deveres respeito ao mal estado das ruas, tanto em limpeza como nos grandes atoleiros que há em diferentes pontos da cidade.

- Isto, priminha, já é matéria velha, que nem vale a pena falar-se.

- Então vamos tratar da fruta da época – ELEIÇÕES-.

- Nada...nada, priminha, neste labirinto não me meto, principalmente agora com a tal da anulação! Safa!... os homens não são de caçoadas.

- Então, visto isso, não me dá o seu parecer, não me diz –

Se o povo da liga, ou a gente do Barão

Foram a causa de haver anulação?

- Não sei se foi da liga ou da perna, porém tenho ouvido dizer

Que aliga foi simples em facilitar

.....

- E nada mais me diz a respeito?

- Por enquanto nada.

- Então mudemos de assunto.

- O dia 7 passou quase desapercebido; apenas houve espetáculo.

- Será certo que um cômico recitou de casaca encarnada?

- Não diga assim, foi um artista distinto; não merece o insulto de cômico.

- Diga-me então uma coisa, priminha, a senhora Queiroz também é fidalga?

- Creio que não, porém se o é nesta noite apresentou-se incógnita.

- Faço esta pergunta porque sempre as vejo andar juntos de braço dado...

- É porque nasceram um para o outro...

- Com o que então o *Barriga* voltou, não fugiu como diziam?

- Foi prestar ao governo um importantíssimo serviço.

- Sim?!

- É verdade; constatando ao homem que os paraguaios estavam em numero de vinte mil para invadirem o império, foi em continente a Santa Catarina ver se aquela povoação estava bem fortificada e capaz de resistir o tal exército de *chiripa*!

- Então ele é engenheiro?

- E matemático.

- Um...

- Diga-me, priminha, você foi ao baile da rua Augusta?

- Escusado é perguntar; você bem sabe que eu nunca falho a estes divertimentos, principalmente depois que tenho de lhe dar parte das novidades mais dignas de menção.

- Pois então vá dizendo o que viu por lá.

- Principalmente dizendo que o primo P. se refastelou lá com o primo G.

- Então porquê?

- O primo P. foi o mestre sala, e como quisesse dançar os lanceiros com o par que o primo G. já estava com ele no quadro, ficou zangado e mandou parar a música que já tinha principiado a tocar, e do que resultou ficar bastante desgostoso o primo louro.

O F. quis tornar-se engraçado com seus trejeitos e visagens, porém caiu no ridículo, porque o lugar não era próprio para aquilo.

O primo Gustavo e o seu companheiro seriam mais convenientes que tomassem mais algumas lições para não rasgarem tantos vestidos dos pares com quem dançam.

O primo P. sentiu bastante não poder dançar um chote com a menina dos seus encantos.

Tudo foi servido em boa ordem, esmerando-se os respeitáveis donos da casa em tratarem seus convidados com aquela franqueza e amabilidade com que são dotados.

O baile terminou como Hino Nacional, cantado por umas das que abrilhantaram aquela reunião.

- Sabe, priminha, que é preciso pedirmos à prima Marucas que mora no Rio Grande e que as vezes nos vem visitar cá em Pelotas, que não ande na rua em dias de vento, porque além de ser feio, não parece bem... porque arriscar-se a deixar patente mais do que o sou delicado e mimoso pezinho...

- Mas eu não sei com quem você está falando priminha.

- É com aquela que rapou a testa para se afazer à moda, porque diz ela que quem não tem testa grande e bico na frente, não tem merecimento!

- Então ela é da que dizem que quem rapa a testa não vai a festa?

- Qual! Faz aquilo de vaidosa.

- Mas olhe que inda não sei de quem você está falando.

- É porque você não se lembra, priminha, porque todas nós conhecemos muito bem a prima Marucas, do primo Joaquim.

- Cada vez conheço menos.

- Pois então adivinhe!

- É preciso pedirmos ao nosso digno delegado de polícia que quanto antes proíba ao estrangeiro Ricardo de em dias que dá seu baile masque, arvorar a bandeira brasileira da janela da casa de onde costuma haver o tal baile: não sei que analogia terá uma coisa com outra.

- Talvez que ele pense que assim serão mais concorridos os tais batuques; que para pouco mais serve do que para os inexperientes jovens irem ali tomar lições de imoralidade e gastarem aquilo que não possuem.

- A meu ver, priminha, os masques deviam ter um tempo certo e não todas as semanas.

- E o tal carro de mascaras que percorre as ruas da cidade nos dias que há baile?

- Acho muito ridículo e sim próprio para o carnaval.

- Eu entendo que o Sr. Delegado prestaria um grande serviço à moral pública, proibindo aquela casa de devassidão.

- Porém primeiro que tudo, não se deve consentir que na porta de um masque se arvore as bandeiras brasileira e portuguesa, porque ao meu ver o lugar não é digno disto.

- Você não sabe, priminha, que aqui é a terra das raridades.

- Participo-me que vou retirar-me a quarteis.

- Então já, priminha?

- Tenho que ir hoje fazer outras visitas; até domingo.

- Então até lá.

Pelotas, 11 de setembro de 1864.

DIÁRIO DO RIO GRANDE, 12 DE OUTUBRO DE 1864, P.2 E 3.

Palestra Pelotense

Visita das Priminhas.

- Dá licença priminha?

- Olá! Pensei que não queria mais aparecer!

- Não sei qual seja o motivo; agora mais que nunca estou resolvida a não desamparar o posto; embora os cães ladrem até se esgoelarem.

- Mas você não tem medo que o tal capitão da boceta a mande esbordoar? Ele assim tem dito que a de dar uma sova nas priminhas que as nós a de pôr em lençóis de vinho; diz ele que o pedaço maior que há de nos deixar serão as orelhas!

- Ah! Ah! Ah! Ora, priminha, o negociante das prateleiras não se enxerga, ele que se cale, e não ande por aí apregoando valentias, porque senão...

- Senão o que, priminha?

- Ele bem entende... e não se deve esquecer daquele ditado que diz – Quem tem rabo não se assenta.

- Você já sabe, priminha, quem é que faz a nossa palestra?

- Essa pergunta agora vem a tempo, porque quem a de ser senão nós mesmos?

- Está você enganada, priminha, o fabricante d apalestra é o capoeira!

- O capoeira? Ora priminha, não caçoe.

- É o que lhe digo; e se você duvida pergunte ao rodapé do *Eco,* e então verá que eu não minto.

- Não deixa de ser engraçada esta bonita história; já não somos qualquer coisa; temos uma testa de ferro, ou por outra, um editor responsável que nos acobertará e por conseguinte é dar-lhe para frente como diz o devoto de *Baco*.

- Mas, priminha, essa gente julgará mesmo que o tal rapaz seja o primo das priminhas.

- Qual, histórias! Os homens andam as apalpadelas, e como não acham outro alvo mais a jeito, atiram sobre ele toda a culpabilidade.

- Mas segundo me disseram, o tal capoeira não desgosta que lhe chamem pai da criança.

- Segue-se daqui que ele vai com isto recebendo uma importância que a meu ver não a merece, porque já não é a primeira vez que ele é apontado como autor de diversos escritos.

- Cada um tem a sua mania, talvez que a dele seja está.

- Pois então, priminha, já que estamos descobertas, vamos continuando.

- O Benguela já, mandou anunciar no seu pasquim que brevemente teríamos as comadres de gloriosa memória.

- Deixe que venham essas velhas regaleiras, difamadoras da honra alheia, porque já está sabido qual é o seu fim e quem elas são!

- Será para fazer calar a palestra?

- É justamente, priminha, mas eu lhe explico isto mais por miúdo. Ao Benguela não convém a palestra do *Diário*, porque ele sabe que o público em geral gosta dela e de alguma maneira afeta os seus interesses; aos rabudos da terra também não convém a palestra das priminhas, porque ela pouco a pouco vai lhes pondo a calva a mostra, e por isso é preciso a todo custo acabar com ela; o meio que eles acham mais apropriado é o insulto, porém o insulto vil e calunioso, hoje ferem um, amanhã outro e assim vão levando o desgosto a muitos , para por este meio haver quem se empenhem em dar fim dela, que para eles é maior *cabrion* que aquele que afligia os inofensivos Pipilets dos Mistérios de Paris.

- Deixe o tacho, priminha, que eu lhe botarei as asas. Eu cá estou resolvida a não arrear, e você?

- Isto não se pergunta!

- Pois então – fogo neles.

- É verdade, priminha, e o que me diz você da morte da macaca da *Cruzeiro* do priminho Braguinha do Rio Grande?

- Eu nunca pensei! Quem diria que um moço tão bem aparentado não tivesse recurso para fazer face as despesas com que luta uma folha diária em seu começo.

- São coisas, como diz carijó de gloriosa memória e que apesar de tratante, falador da vida e honra alheia, ai vai vivendo, vida larga e folgazona, enquanto que o moço como o primo Juca morre mirrado, abandonado pelos seus e pelos homens!

- Também não é tanto assim, priminha; o Juca tem sido um perdulário; tem gasto muito dinheiro, e o tio Domingos lhe avisou com muita antecedência, quando ele em 1862 andava com furor de ser redator, que uma folha periódica não é para todos, que ele meditasse no que ia fazer; que se lembrasse que no Rio Grande já haviam três Gazetas diárias, e que a criação de mais uma seria demais, por que o povo e o comércio já estavam muito onerados de despesas com jornais.

- Lá isso é outra coisa. Mas não me diga que lhe faltam habilitações, porque o Nunes do *Comércio* não sabe mais do que o Juca, e, no entanto, que vai indo.

- Vai indo... mas como vai o Nunes, - endividado até as orelhas, com a tipografia hipotecada e pedindo que todo mundo que lhe escrevam para folha, porque ele não sabe fazer nem um anuncio de três linhas. E o Braguinha, com quanto enxergue mais que o Nunes, já não podia subsistir, porque estava também muito empenhado, e se me não engano tem a tipografia hipotecada.

- Foi uma lição mestra!

- Resta que ele aproveite e que isso sirva de exemplo para certos especuladores, poetas da água doce, que gostam de rabiscar, mas que não sabem, ler sem soletrar!

- Mas, priminha, o que fará agora o Juca da tipografia do *Cruzeiro*?

- Dizem tanta coisa que eu mesmo nem sei. Ouvi dizer que ele tinha-a vendido aos liberais puros (farroupilhas) cá do sul; e que um redator especial, deve vir d eporto alegre para fazer aparecer uma folha- pega fogo -, que sustente as ideias do partido; mas eu ponho dúvida, porque entendo que isso tudo são patranhas do Juca, porque é coisa que não conheço são partidos na província.

- Eu também ouvi dizer que um Sr. Eudoro, filho do falecido Berlink, é que viria tomar conta da nova folha, mas que não virá amis porque não aceitaram a sua proposta, que era fazer o que bem quisesse e ganhar dez onças por mês!

- Apre! ... dez onças já é um ordenão, e tanto dinheiro por mês não apurou o Braguinha em todo o tempo que teve jornal. Por 40$000 se encontra um redator em cada canto; se não, o *Comércio* e o *Times* do Campos, que digam quanto pagam aos seus redatores.

- Mas então que fará ele dá tipografia?

- Não sei, mas eu no caso dele levava- a para o Boqueirão e fazia reaparecer o *Camponês!!!*

- Não brinque. Mas se ele se mudasse para Canguçu talvez que acertasse.

- Neste caso, mais antes aqui para Pelotas, que, a falar a verdade não temos um jornal que preste.

- Mas em que era o *Cruzeiro* melhor que as nossas folhas? Ora Sra. Minha priminha pelo amor de Deus! Pois o Braguinha estar a par em inteligência com o primo Antônio Joaquim do *Noticiador* nunca e nunca. O *Cruzeiro* era pessimamente redigido, alguma coisinha melhor que apresentou no principio era tudo escrito pelo Dr. Emilio, com quem ele depois brigou por causa da questão do cordeiro com o tio Maia.

- Mas, prima, você não me entendeu, eu disse que aqui não temos jornais GRANDES e bem IMPRESSOS, não falei da redação apenas me referi ao tamanho.

- Isto agora é outra coisa, mas assim mesmo ainda voto contra a opinião do Juca se mudar para esta cidade porque terá que morrer como no Rio Grande; primeiro porque o *Cruzeiro* muito pouco maior que o *Comercio*, e segundo porque os jornais grandes aqui não duram – está o *Pelotense* do Melo, *O Diário de Pelotas* do Izidoro; e o *Regenerador* do Silveira, que todos eram grandes e foram de curta vida. Pelotas não oferece material bastante para um jornal grande, porque aqui as folhas do Rio Grande sempre se adiantam nas notícias de barra a fora, se nós também tivéssemos barra franca e estrada de ferro, então sim, as coisas tomariam outra face, e o Rio Grande receberia as notícias de Pelotas.

- Não desesperemos, já vi as coisas mais toldadas, hoje tenho muita esperança no futuro. Mas o Juca o que fará então de si ou da sua futrica?

- Basta, priminha, basta de Braguinha temos mais de que nos ocupar.

- Tinha muito que dizer-lhe que nosso Teatro, mas não o faço a pedido de um camarada a quem devo alguma finesa.

- Eu também tenho ouvido dizer tanta coisa, que já tenho nojo.

- É uma intrigalhada dos diabos. O Arêas fala do Lacerda, este daquele e assim todos os outros, que é um nunca acabar.

- Ainda bem que eles estão a deixar-nos.

- Que alivio, tanto para nós como para o povo que já vive fadigado d gastar dinheiro.

- E dos cavalinhos o que diz a Sra. minha priminha?

- Aquela repartição de irracionais parece-me que marcha melhor com mais união e ordem, mas também há sua ciumada de meus pecados.

- é celebre esta gente sempre anda brigando. São os mesmo que músicos e diretores de colégio, que nenhum se dá com outro e afinal sempre se ligam.

- E os masques da famosa – fama?

- Os masques continua como sempre, a servir o covil onde se reúne o que há de mais inferior. N a ultima função houve por lá mosquitos por cordas. Um cômico brigou com um tal Corrêa. Um outro do circo também teve suas desavenças; finalmente aquilo vai de mal a pior. O dono daquele importante estabelecimento pessoa já muito conhecida em Pelotas pelos seus precedentes, era melhor que cuidasse de seu ofício, no qual pode tirar um bom resultado, do que ter aquela casa de devassidão, onde alguns caixeiros inexperientes vão cortar em feliz futuro a sua carreira comercial; porém prometo de apresentar os nomes daqueles que ainda estão em tempo de arrepiarem a péssima estrada que seguramente os levará ao precipício.

- Bravos! Priminha, você fala como um deputado novo em matéria velha!

- Enquanto a bandeira nacional alvorada a porta do tal covil, ainda não houve quem a fizesse arriar...

- Você o que quer, priminha, são dessas coisas que eu não posso explicar.

- O que me conta você a briga do Zeca Santos, Fabião e Tatão Carvalho?

- Qual briga, então você pensa que moços civilizados, rapazes do pote eram capazes de brigar no meio da rua como moleques?

- Quem me contou foi o primo Henrique, e até me disse que o Zeca tinha corrido, e que o Fabião quebrou o chapéu de sol do Tatão com as costelas!

- Tudo é falso, priminha, eu conto a história; o Zeca foi avisado para entrar no destacamento, porém como é rapaz do pote quer reservar os seus bons serviços só para quando vierem os paraguaios, e por conseguinte não quis lá ir; o Fabião como todos sabem, discípulo de Marte em tempo de paz, quis dar uma lição ao Zeca, para ele ficar sabendo como deve tratar os paraguaios quando cá chegarem. Nesta ocasião passa o Tatão e como ele anda já há muito

tempo com as aduelas frouxas, ou para melhor dizer, tem pancada no realejo, quis medir com o chapéu de sol a distância que havia de um a outro, do que resultou, por causalidade, a quebra de tal improvisada medida; ora ai esta como foi o negócio!

- Eu logo vi, priminha, que homens tão valentes não haviam de dar tamanho espetáculo.

- Já que estamos pela rua dos Canários é preciso pedirmos ao primo Henrique que não olhe tanto para a taboleta daquele ourives que mora quase em frente, porque pode ficar vesgo.

- E ao mesmo tempo dizer ao palhaço da companhia dos cavalinhos, que não junte as suas graças sem graça, nomes de pessoas a quem deve respeitar, ao contrario, talvez se arrependa!... lembre-se sempre que é palhaço.

- Já agora, vamos com pequenos lembretes: O Sr. que comprou ao Lulu o beneficio para a irmandade de N. S. da B. M. que não passe os bilhetes na igreja, porque o lugar não é nada próprio para esse negócio.

- Bem, priminha, todos os seus pedidos serão levados em consideração, e por hoje está fechada a sessão.

- Boas noites, até a primeira.

Pelotas, 8 de outubro de 1864.

DIÁRIO DO RIO GRANDE, 2 E 3 DE NOVEMNRO DE 1864, P.2 E 3

Palestra Pelotense

Visita das Priminhas.

O anu é pássaro preto
E tem o bico rombudo;
Foi praga que Deus deixou,
De todo o negro ser beiçudo!

- Ora, priminha, isto já é mais velho que o azeite e vinagre. Está você tanto tempo sem aparecer e no fim vem com versinho da tirana.

- Por alguma coisa se a de principiar; e para lhe falar a verdade, priminha, eu nado sei de novo; tem estado tudo em completa pasmaceira! Apenas o roubo feito aos artistas do Circo – Estrela do Sul – que não se soube quem foi o autor; e o ferimento feito no alemão morador nas – Três Vendas- tudo o mais é matéria velha.

- Você não está muito atrasada, priminha, se não sabe mais nada que isso.

- É verdade, ia me esquecendo... houve um grande recrutamento esses dias...

- Provavelmente para irem guarnecer as fronteiras e esperarem os paraguaios.

- Qual, priminha! Há poucos dias chegou um leitão da fronteira, que lá estava comandando um destacamento de duzentos praças.

- Já você começa, priminha... este que você diz é leitão gente e os outros dos quais eu falo são daqueles bichinhos que tem as orelhas compridas.

- Hum! Mas é por isso que os tais bichinhos andam agora arregimentados? Provavelmente aprendendo o manejo...

- E o instrutor deve ser o fiscal.

- Será por isso que ele anda com bengala em uma mão e o chapéu de sol na outra?

- Não, porque este costume já é velho nele.

- Diga-me, priminha, as posturas da Câmara não proíbem de andarem pelas ruas da cidade cobras e cabritos?

- Olá se proíbem!

- E porque será que o fiscal não cumpre com a sua obrigação em tais casos?

- Não sei nem me importa saber.

- Não diga assim, priminha, nós devemos sempre pugnar pelos melhoramentos do lugar.

- Então você acha que é melhoramento o proibir que os cabritinhos passeiem ao seu bel prazer? Eu entendo que é até útil, porque já que a carroça do cisco não trata de seus deveres, é junto que estes animais tratem da limpeza da cidade.

- Se o caso é esse, então eu voto para que os donos da bicharada, em vez de pagarem multas receberam ordenados da Ilustríssima.

- Pois eles que requeiram para ver se são atendidos.

- Até o final vão todos os atoleiros da cidade ficar compostos e as ruas em estado de serem transitadas em todas as direções, graças aos incansáveis cuidados dos nossos fiscais?

- Diga antes, priminha, graças ao sol de outubro, porque, a meu ver, é este astro o fiscal que com mais zelo cuida de encobrir a negligências dos outros fiscais terrestres.

- Você, priminha, parece que embirrou com os homens?

- E de agora em diante não os hei de deixar pôr o pé em ramo verde; assim como também ao encarregado da limpeza, desde já os avisos, que é preciso serem mais cuidadosos, senão cuidado com as priminhas... porque quem ganha o dinheiro da nação não deve abusar.

- Então, priminha, tem se divertido muito no Circo?

- Já a muito tempo que lá não vou, entendo que já era tempo deles nos favorecerem com a sua ausência. Pelotas não pode com tantos espetáculos de cavalinhos e os benefícios?

- Oh! Isso é pior que uma praga de gafanhotos.

- Olhes, priminha, e se nós obtivéssemos um benefício?

- Seria uma grande pechincha porque estou certa que ninguém recusaria em aceitar um bilhetinho para o benefício das priminhas; tenho certeza que as despesas haviam de ser poucas ou nenhumas, o aluguel do teatro seria de meia cara os homens não haviam de querer inimizar-se com as primas para ver se assim não lhe perguntamos se aqueles empregos são agora vitalícios, visto que há quatro anos não haver eleição para nova diretoria.

- A música não se falha; o maestro Carlos ia logo ao nosso escritório e muito lampeiro na sua meia língua, dizia: - Oh! Eu vou tocar de graça e fica muito brigada, só quer receber um alfinete de peito para mi é rapadura que eu vou dar aos meninos que toca comigo.

- Então também o – Marquez – nesta noite havia de consentir que houvesse água de graça para o respeitável?

- Até o Doutor Bezerro se lá fosse não tornaria a dar-se ao desfrute por causa de um copo de água.

- E eu sou capaz de apostar que o primo Gaspar

Mandaria de kerosine
Dobrada luminação,
Para tornar mais pomposa
A nossa bela função!

- O nhônhô das Arêas cantaria nesta noite pela primeira vez o Devoto de Baco e os efeitos do vinho novo!!!

- Bravos, priminha boa lembrança!!!

- Para não faltar nada D. Polícia podia nesta noite faze ruma colheita de vadios que já não deixam de fazer falta no exército.

- Para isso era bastante que ela fosse para certos botequins de meia tigela, que aí encontraria a qualquer hora do dia ou da noite uma sucia destes meliantes, que só tem por ocupação, fazerem girar as bolas no tabuleiro verde.

- Sabe, priminha, que estou resolvida a fazer um requerimento ao presidente da província, a respeito do armamento da guarda nacional?

- Sim?... Então temos alguma novidade no armamento?

- Não, todo ele é velho e tão velho que para nada serve porque segundo me disseram o sargento Má Cara, a arma que tem baioneta não tem fechos; a que tem fechos falta-lhe a vareta, e muita há que não tem nem vareta nem fechos. Diz ele que quando a formatura para seção acompanhar alguma procissão ou para qualquer outra coisa por falta de armas, e as poucas que inda tem aparência regular, estão incapazes de se fazer fogo com elas!!!

- Há nisso um grande desleixo, e é preciso o quanto antes que a priminha trate de indagar de onde parte o mal, para nós pedirmos providências prontas, porque você bem sabe, priminha, que o caso está alguma coisa melindroso, e não convém abusar tanto.

- Ao menos para exercitar os guardas deviam haver todos os domingos revista, e mais para ver quem são os mais remissos, porque há ali sujeitos que estão guardas da ativa e dizem que será mais fácil o rei dos colchões deixar de pregar o seu carapetão do que eles comparecerem fardados.

- Priminha, do que serve haver exército se não há armas?

- O João dos bonecos tem muitas e para remediar servem...

- Ora, priminha, deixe de caçoadas; você não pode conversar seria com a gente.

- Neste mundo de ilusões,
Tudo é pura patacoada,
Eu detesto a hipocrisia,
Quero só a caçoada,
Tem seu dia para morrer;
Assim pois nada de choro,
Enquanto por cá viver.

- Consta que breve vamos ter retreta nos domingos de tarde noutro lado de Santa Barbara.

- E eu lá vou, você bem sabe que por música sou o mesmo que paraguaio por mate e chimarrão.

- Há poucos dias faleceu um moço que que pertencia a música do Carlos, os seus amigos e colegas fizeram-lhe um enterro muito descente; e o primo Santos compareceu com toda a sua música no funeral.

- E fez muito bem, priminha, prestou ao seu irmão de arte o ultimo tributo que estava ao seu alcance, e mostrou que junto do esquife da morte não há rivalidades mundanas e que todos são iguais! Oxalá todos soubessem compreender esta verdade!

- Basta, priminha, de coisas tristes; vamos oferecer um buquet ao autor do interessante romance Os últimos três meses da minha vida.

- Só se for de ortigas, para não ser pateta em dar-se ao desfrute daquela maneira.

- Você o que quer, priminha, talvez que ele julgue que fez uma grande coisa.

- E não diga brincando, porque eu nunca vi tantas asneiras em tão poucas palavras, e por isso, na ordem das toleimas, é a maior toleima que tenho visto.

- Brevemente teremos os Mistérios de Pelotas, pelo mesmo autor.

- Era melhor que ele fosse pentear monos, do que ser romancista.

- Antes isso do que atirar pedras.

- Mas, contudo, não deixa de ser um louco manso, com fumaças de literato.

- Por hoje basta, vou pregar em outra freguesia.

- Agora não faça como desta vez, que teve mais de quinze dias sem dar ar de sua graça.

- Estive ocupada ao fazer o enxoval para uma noiva.

- Quando chegará também o nosso dia priminha?!!!

- Quem sabe dizem os velhos, que o casamento e a mortalha que no céu se talha.

- Qual talha num pote, vamos nós tratando de ver se botamos algum de jeito, e diga que eu lhe engano.

- Pois, sim priminha, até a vista.

- Boa noite!

Pelotas, 28 de outubro de 1864.

DIÁRIO DO RIO GRANDE, 20 DE NOVEMBRO DE 1864, P.2.

Palestra Pelotense

Visita das Priminhas.

- Dá licença priminha?

- Deixe de cerimonias; você bem sabe que entre nós há toda a franqueza.

- Quem sabe? Podia estar fazendo alguma coisa em particular que não quisesse que eu visse... por exemplo limando algumas onças, como faz certo taberneiro da rua sete, que não é nenhum Mané Coco...

- Sim, Oh! Que tratante! Diga-me, diga-me, priminha, é esta inocente criatura?

- Por enquanto basta o que fica dito, prometi não dizer, o nome do tal cujo, porém se ele continuar na mesma ocupação é

Eu lhe prometo priminha,
(Que para isto sou boa)
De mostrar ao tal sujeito
De que pau é a canoa

- Olhe, priminha, tudo que é lesar ao próximo é mal feito e não deve haver piedade nem contemplação.

Se nós fossemos registrar todos os abafamentos que continuadamente se fazem; não tínhamos mãos a medir; hoje em dia, priminha, andam dez para enganar cinco.

- Oh! Que quadra que atravessamos! Como diz o homem que queria ser deputado provincial, e que a meu ver já a muito tempo devia estar deportado para fora do Império.

- Só assim os baralhos de cartas ficariam mais baratos!

- Porém vamos ao que serve, priminha, quero saber para meu governo: onde está

(Falta parte superior da folha do jornal)

DIÁRIO DO RIO GRANDE, 5 E 6 DE DEZEMNRO DE 1864, P.2 E 3.

Palestra Pelotense

Visita das Priminhas.

- Faz calor, priminha!

- Então é por isso que os guardas nacionais da cavalaria banham-se no arroio de Santa Barbara de dia claro, em pelo, como nosso pai Adão andava antes do pecado!

- Para isso não olha o reto comandante!

- É porque a sua atividade é toda gasta nos guardas de infantaria, e a tal ponto, que chega quase a perseguição.

- Pois olhe, priminha, nem com tanta sede ao pote.

- Deixe o homem que talvez queira alcançar o comando de alguma brigada, e por isso se mostra tão incansável na defesa da pátria!

- Qual, priminha, o que ele quer é fazer constar que não ganha o cobre – n´el dulce farn ente.

- Já que estamos envolvidas nas altas questões militares, será bem saber que os guardas da seção prepararam uma brilhante recepção para quando aparecer na formatura o muito alto, nobre e poderoso sargento. Dizem que o Paroba recitará um discurso que principia assim:

Bem-vindo sejas
De noite e de dia,
Oh tu que alcançaste,
Ter a alforria!

- Basta, priminha, de falarmos na militância, os frequentadores do leite estão reclamando uma poda em regra; por exemplo: o desfrutável Condessa seria bom que em lugares públicos porte-se com mais dignidade.

- Quem sabe, priminha, se ele anda em busca de novas aventuras para compor outro romance igual aos – últimos três meses de minha vida -?

- O peixe frito também quer passar por engraçado e gosta de dirigir graça sem graça a torto e direito.

- Mas eu não sei quem é o tal peixe frito priminha.

- Não sabe você outra coisa, é aquele moço alto muito bonito que anda sempre de chapéu de sol e todo quebrado.

- Então é o pau preto?

- É esse mesmo, priminha.

- O primo Henrique já não olha mais para taboleta do vizinho anda triste e pensativo porque a deusa de seus dourados ou o sol que abrilhantava aqueles aprazíveis lugares – eclipsou-se!

- Pobre moço, priminha, tenho pena de quem o vê, isto é, quando eu olho para ele.

- Você fala assim é porque não sabe que uma paixão é capaz de matar!

- E se a paixão for reciproca nos dois e produzir os mesmos efeitos, morre um pelo outro e ficam sendo dois morrões.

- A firma social de Botiá & Bilhetes, que tem negócio de formigas, deram o cavaco quando souberam que o coelho queria entrar de carancho na tal sociedade do formigueiro; porém o homem, para mostrar sua inocência, dedicou-se agora a domesticar uma macaca e tornou-se acérrimo da mesma nos negócios de mão preta e anda de porta em porta mostrando o tal recibo do abafamento dos trezentos mil réis!

- Você, priminha, sabe coisas!

- Ouça mais esta: o Zéca quer tomar o direito do Monteiro, no juizado da festa de Santa Manoela, porém os barbarças sai a embargos com direito de antiguidade.

- Sabe, priminha, que a casa do primo Joaquim Gomes ia outra vez sendo vitima da chamas?

- Deveras? Provavelmente devido a algum descuido?

- Isso é velho; há naquela casa uma sucia de guris que nada fazem com jeito; junte-se a isto grandes porções de materiais inflamáveis e diga-me se de um momento para outro não está toda aquela quadra sujeita a uma grande desgraça?

- A polícia ou a câmara devis olhar para estas coisas, priminha, e proibir que dentro da cidade houvessem depósitos de pólvora e outros combustíveis inflamáveis.

- Ao menos que não se vendesse de noite objetos que possa promover o incêndio.

- E a respeito das bombas, já não se fala mais desta bacatela.

- Quando por fatalidade algum sinistro maior vier mostrar a falta que ela faz em, então tornaria a aparecer outro objeto para as fabricarem, para logo depois tornar a cair no esquecimento!

- Os proprietários é que deviam entre si fazer uma subscrição para tal fim, porque eu entendo que são eles os mais interessados neste negócio.

- Porém eles não pensam assim, só o que querem é receber os aluguéis, e no mais faça Deus bom tempo.

- Então, priminha, o primo P. da rua sete levou de taboa?

- Qual, história! O papai é que não quer união ibérica em casa...

- Diga antes, priminha, que é porque o moço não tem aquela coisa com que se compram os melões.

- Pois então que viva triste.

- Será certo, priminha, que o mascate cheiroso vai casar com a querida e interessante deidade?

- Ora, priminha, não faça pouco no moço, veja que ele é negociante de trato, mora na rua... e recebe grandes sortimentos de fazendas em direituras.

- Sim, só se forem em direituras da rua do Comércio, porque é de lá que ele tem recebido todas as fazendas que tem.

- Mas, priminha, eu tenho visto ele desencaixotar!

- Deixe-se disso, todo aquele espalhafato é feito para constar que na realidade as fazendas vêm debaixo, porém eu sei com certeza do contrário.

- Oh! Que especulador priminha!

- Ele sempre foi assim e não é só ele:

Neste mundo de impostura,
Todos querem figurar;

Os pobres fazem gaifonas,

Para os ricos imitar.

- O herói do cavalo, com a sua engraçada, é mais modesto e recatado: só vai lá três vezes por dia, porém é para levar costuras, as quais ficam a troco do bem querer.

- Sabe, priminha, que venho ordem para organizarem uma seção de moças das mais fortes e corajosas?

- Então lá estou eu e quero ser manjora!

- Sim? Você não é tola, como vê que pode tirar daqui uma boa pepineira, por isso é que quer ser manjora, pois veja se alcança essa fatia, que não é das piores.

- Eu penso que não será difícil; a falar a verdade a outros muitos mais habilitados do que eu; porém agora é moda dispensar os que estão no caso e lançar mão dos afilhados.

- Então você, priminha, tem-se na conta da nulidade?

- É porque eu não sou como muitos que não se conhecem e julgam ser grande coisa.

- Olhe, priminha, se com efeito se organizar a seção, é preciso haver muita escolha nas sargentas, porque eu não quero ser mandada por alguma liberta.

- Não se há de admitir que se pague para músicos, porque seção não tem música; e mesmo acho que é abuso, principalmente agora que se precisa fazer destacamentos.

- Então faz mal que se pague pela música?

- Não faz mal, porém sobrecarrega os guardas prontos, fazendo assim aumentar o serviço e mesmo tendo entendido que isso de pagar para musica é uma pepineira assas vantajosa! ...

- Sabe, priminha, que Frei Manduca vai retirar-se de Pelotas?

- Deveras! Pois ele por aqui não lhe ia mal; tem um rendimento de ministro de estado; é proprietário e capitalista...

- Dizem que é receio de receber os agradecimentos pelas boas ações que tem por aqui praticado e é causa de sua pronta partida.

- Então ele é assim tão modesto que se esquiva as demonstrações de afeto e simpatia que lhe querem prodigalizar.

- Ele, priminha, não é mais que um lobo transformado em pastor; porém se o feroz animal que habita as selvas é faminto pelo sangue de suas vítimas; este miserável tem por único prazer, tisnar as reputações de famílias respeitáveis!

- Que me diz, priminha, pois ele não é servo de Deus, que só deve ter na boca palavras de consolação e respeito?

- Você o que quer, priminha, a desmoralização está no seu auge e aqueles que deviam com seus bons exemplos e salutares conselhos fazerem com que o povo acreditasse mais na nossa religião, são os primeiros a menoscaba-la, levando ao seio das famílias a desonra e o crime!

- O salteador que na estrada espera o viajante para o roubar, não é tão funesto a sociedade, como o sacerdote que introduzindo-se no centro de uma família, como um verdadeiro ministro do altar, esquece-se do que é, abusando da confiança que tem e calça aos pés sem dignidade os mais santos preceitos da honra, do dever e da religião!

- Não prossiga, priminha, vamos as novas coisas.

- É que eu não posso me demorar porque tenho que fazer em casa.

- Está dito, adeus, até a primeira.

Pelotas, 28 de novembro de 1864.

DIÁRIO DO RIO GRANDE, 5 DE JANEIRO DE 1865, P.2.

Palestra Pelotense

Visita das Priminhas.

- Cada vez, querida prima,
Que um ano novo aparece,
Sinto amargo pesar,
Porque meu todo envelhece!

- Deixe-se disso, priminha, que eu cá penso de outra maneira, e tenho tensão de nunca me fazer velha; positivamente já fiz o propósito de nunca ter mais de 22 anos! E olhe que não sou eu que tiro o privilégio de invenção; muitas conheço que seguem o mesmo sistema, e quando o tempo com a sua mão de ferro deixa os visíveis sinais de sua passagem, há ainda nas boticas muito carmim, etc...

- Não são os arrepiques que fazem reaparecer os recantos da mocidade.

- Não foi para tratar dos estragos que faz o tempo do gênero humano, que hoje a vim visitar; em primeiro lugar vim cumprimenta-la e pedir-lhe meus nãos bons, e ao mesmo tempo participar-lhe que...

O tenente camaradinha,
Bravo e herói por distinção
Teve em festas do ano novo
Patente de Capitão!

- Olá! Fique desde já convidada para irmos em comissão dar-lhe os parabéns por tão fausto motivo.

- O titio da casa dos nove está descontente por ter no rol do esquecimento, e quer que seja certo o adágio que diz que a melhor bolota é sempre para o mais ruim porco.

- Isso agora nele é despeito; eu conheço muita gente que, quando não pode obter o que deseja, dá-se ao diabo, e fazendo como a raposa, dizem estão verdes.

-Com quem então a reserva vai fardar-se toda e entrar em serviço?

- Assim dizem, se bem que muitos que deviam estar na ativa ou mesmo em tropa de linha, andam com presunção de cão magro, dizem que não se fardarão nem irão lá, e outros a que também querem ser oficiais e não sabem engatilhar uma arma! E até há sujeitinhos destes fidalgos de sangue azul, que são o flagelo dos alfaiates e sapateiros, que só se apresentarão, (dizem eles) se lhes derem alguma patente!!!

- Bem diz o ditado, priminha, quanto mais roto mais maroto.

- Lá na capital do Império está a G. N. fazendo todo o serviço, até o da guarnição das fortalezas, e segundo cartas que o papai recebeu de lá, não há quem se esquive ao serviço, antes pelo contrário, todos apresentam-se contentes e satisfeitos, e

Até o nosso monarca,
Guiado de puro ardor,
Vai mostrar ao vil gaúcho
Seu destemido valor!

E qual será o brasileiro
Que vendo a pátria ultrajada
Não contribua também
Para tão nobre cruzada?

- E principalmente os rio-grandenses, porque é devido a eles toda essa questão, apesar de não serem culpados dos desmandos e tropelias dos gaúchos masorqueiros.

- Você a de ver, priminha, que muito menino bobo não há de prestar serviço algum, ao passo que hão de ser perseguidos aqueles de quem só no último caso se devia lançar mão deles.

- Eu sei de alguns que dizem que vão pagar para música, só para não se fardarem.

- Eis ai mais um abuso que deve ser terminado o quanto antes, e que o nosso digno presidente, reto como é, devia fazer com que, estes meus senhores, perdessem estas regalias. No tempo de paz concordo que haja essa contribuição, porém agora, no estado crítico em que estamos, não é justo que se sobrecarregue o serviço aos guardas prontos e fiquem os fidalgos de perna alçada, zombando e ridicularizando os seus próprios companheiros!

- Você também fala antes do tempo e do que serviria haver muita gente pronta para o serviço se inda não há armamento? Há dias foram ao Rio Grande buscar algumas armas, porém consta-me que tornaram a voltar pelo mesmo caminho de mãos abanando!

- E porque sabem que os pelotenses são tão corajosos e valentes que para brigarem não precisam de armas.

A Luzitana história diz,
Que uma padeira destemida,
Armada com a pá do forno,
Sete espanhóis deixou sem vida!

- E o que me diz a respeito dos tais paraguaios?

- Que lá estão com o vapor do Marques de Olinda e com o nosso Deputado Carneiro de Campos; e segundo consta, eles pretendem, a imitação dos Estados Unidos, virem com uma esquadra e levarem a reboque a ilha dos Marinheiros.

- Talvez que estes selvagens se arrependam do que tem feito e paguem com usura tanta ousadia.

- Sabe alguma coisa digna da nossa palestra?

- Se eu fosse a contar tudo o que há digno de menção, talvez que falando uma semana inteira não concluísse, porém enfim, nós não somos palmatoria do mando, e mesmo não podemos regenera-lo.

- Que notícia me dá das vizinhas?

- Creio que morreram do mal dos sete dias!

- Nem era de esperar outra coisa.

- Quem sabe se estão de férias?

- Qual férias? Nos também, tomemos férias, e no entanto, já aparecemos, você bem sabe que em tempo de guerra não se limpam armas.

- Fez você bem me lembrar, priminha, vou agora mesmo limpar um pistolão, uma adaga e um trabuco.

- Para que tanta coisa, priminha!

- Não, que eu de tola não tenho nada; os paraguaios não dormem, e eu não quero estar desprevenida.

- Deus queira que com qualquer espirro você não se vá logo esconder. Eu conheço muita gente boa que prosea mais do que dez castelhanos e com qualquer grito pede logo misericórdia!

- Sabe, prima que acabou-se a empáfia do Dr. Balastraca?

- Porque?

- Ora, porque já não pode gritar com todos e fazer asneira, já não é juiz de direito!

- Talvez, prima, que ele se desse por feliz de sair dessa posição visto que é difícil desempenha-la com retidão quem não tem prática nem inteligência.

- Eu creio, prima, que mais de um cá da terra não gostou muito disso; por exemplo o primo da geral que era o seu mentor apesar de sofrer nisso prejuízos!

- Olhe, prima, a cada uma criancinha por aqui... e o primo da província do Dr. Navalha, como vai?

- Ora, contente, muito mais que agora não sai das ruas estreitas e dos becos; creio que breve ficará engasgado com alguma traíra

- Eu creio que este menino é uma das inocentes miniaturas cá da terra, mas que já não faz época, foi aqui uma espécie de meteoro, porém com pouca claridade um tanto opaca foi sempre a sua luz e depois a maldita mania de casamentos ricos! ... o procedimento péssimo para com a prima do sobrado da esquina... etc, etc.

- Olhe, prima, esses meninos são das arábias!

- Se são, intimadores as deveras. V. não vê que todos querem ser grandes e impostores, até fedelhos, meirinhos e escrivães?

- Por falar em meirinho, como vai o Xiquinho?

- Qual Xiquinho?

- Ora aquele dos três mil réis que você disse que o viu questionando com o primo Tatão?

- Ah! Si, não vai muito bem, é agora arrematante dos passaportes, e todo aquele que não lhe vai logo a casa pagar o selozinho e a presteza, não sai daqui nem que se pinte de azul! Um dia um pobre diabo até saiu de casa com a cabeça quebrada!

- Pois deveras, até aquilo quebra a cabeça assim à moda de fósforos?

- Ora, ainda mais o fará se quiser, visto ele ser o totozinho de quem pode e manda! E depois com aqueles bigodões é capaz de meter medo até a dois ou três ratinhos.

- Prima, V. de repente chupa uma furiosa camada de pau.

- Eu? Pois não é o nosso responsável, o capoeira? Não é ele que tem toda a responsabilidade de tudo que nós escrevemos? E demais, isto que lhe tenho dito é a pura verdade e eu cá pão pão queijo queijo.

- Com que então o tal meirinho Xiquinho já quebrou a cabeça de um pobre diabo? Nada mais me resta ver.

- Prima, eu lhe contarei depois uma bonita história em que figura um outro herói, que por aqui vive, e também o passa porteiro etc, etc.

- Prima, você já ouviu falar porque suicidou-se o pobre Moitinho?

- Já, e até demais; diversos juízos se formam sempre em tais casos e não faltam sujeitos que apontem a causa primordial do fatal acontecimento; e quantas vezes um juízo temerário apresenta um culpado sem o ser, e este sofre perante o público, e o pesar remorde-lhe o coração pela injustiça! Eu lhe direi prima; é mau sempre que se dão tais casos apresentar ao público os juízos comentados que se formaram, e por isso calo-me; dia virá que aluz meridiana apresente ao publico o motivo que levou a esse infeliz velho a cortar o fio da sua já gasta existência. Devemos lamentar e mais nada.

- Mas, prima, fala-se em um tal dinheiro que ele deu a certo agente de negócios, etc, etc.

- Não sei, prima, digam os sábios da escritura que segredos são esses da natura; se estes sábios descobrissem algum segredo, talvez entrasse no baile algum padrezinho da mão furada, algum conquistador e...e..

- Prima, seria bom pedir ao senhor delegado ou subdelegado que trate de evitar as carreiras e galopes pelo centro da cidade. Há dias encontrei eu um tal alemão da fábrica de velas

em um cavalo oveiro a fazer o diabo pelas ruas e ia pisando a uma criancinha que vinha pela mão de uma negra.

- Ora, prima, a polícia não se importa com isso, eu tenho visto até bois de carretas soltos e os peões a laçarem no meio das ruas da cidade!

- Prima, a única resposta é: está xox clamantis in deserto, e não repare, não sou literata.

- Tem razão prima... grande razão! Oh! Nós vamos a passos de gigantes pela estrada da civilização! Isto vai bem; bem e muito bem.

- Pois como não ser assim, tudo por aqui são caprichos, ódios e vinganças, viu quem é guiado pelo dedo da razão e da justiça, o serviço público sofre, o povo geme os tratos do indiferentismo dos que tinham de velar pela sua garantia, e entretanto os relatórios dos ministros apresentam sempre todo este povo do Brasil baseado nas solidas colunas de um regime real e verdadeiro, neles se vê o povo caminhando para o progresso com passos de gigante; entretanto, mais dois passos de criança bastam para o precipício. Realmente uma política sem nexo, cheia de confusões e de apelidos, homens que tomam um nome e uma forma diferente à proporção que se aproxima o baile mascarado das aberturas das câmaras; é a marcha do pobre Brasil!

- Oh! Prima, isso não é linguagem da época, parece-me que estou ouvindo algum grande cabalista pregar as massas!... entretanto, eu tenho um modo de pensar bem diferente. O país nunca esteve tão bem amparado como atualmente! Vejo ao longe desfilar o nosso exército composto pelo menos de trinta a quarenta mil homens, vejo a nossa marinha enriquecida de corvetas, fragatas, canhoneiras, etc, etc... como se me figura a ela está hora a esta hora a balouçar-se nas límpidas águas do grande Rio Prata! Os nossos arsenais, estão cheios até não mais poder de maravilhosos artigos bélicos, são tantos prima, que na Bahia quando houve o conflito do vapor Flórida as balas que forma para as fortalezas não couberam nas peças! Veja que grandeza! Nós vamos para a glória, nem Inglaterra, nem Prússias e nem mesmo o Japão seriam capazes de se pararem em frente a marcha deste nosso país. Você não vê que os soldados chegam no Rio Grande para a guerra e o armamento ainda estava ao momento do desembarque ENCAIXOTADO!!! Oh! Ditosa geração... ditosa gente!...

- Mas para que ocuparmos dessas misérias, não são os seus amigalhões liberais que estão no poder? Larguem eles a pasta e já que não a sabem manejar, entreguem-nas aos nosso verdadeiros – pais da pátria – os conservadores moderados como Saraiva e outros, que o país

há de sair deste torpor, o exército tomará vulto, a armada animar-se-á e tudo melhorará consideravelmente.

- Recurso não faltam; o que nos faltam são homens de peso, patriotas mantes do país, que trabalhem e vivam para glória da pátria, e não para si e para os seus parentes e amigos como temos visto nesses últimos tempos!...

- Nada de profundarmos um assunto tão importante, deixemos isso para os politicões da terra; nós pobres priminhas, não devemos sair da nossa esteira, terminaremos, pois, com a palestra por hoje, porque já se vai azedando muito o diálogo.

- Eu lhe mostrarei para quanto presto. Até a vista.

- Boa viagem, priminha, recomenda-me ao mata sete.

Pelotas, 1º de janeiro de 1865.

DIÁRIO DO RIO GRANDE, 21 DE JANEIRO DE 1865, P.2.

Palestra Pelotense

Visita das Priminhas.

Alerta! Rapaziada!
Que o fidalgo já chegou,
Com novos dramas e farsas
Que inda pouco plagiou!

- Que é isso, priminha? Já você quer principiar a debicar no homem.

- Já nada lhe faz mossa, está tão calejado, que é o mesmo que malhar em ferro frio.

- Será certo, priminha, que o homem está compondo um novo drama que se intitula *O amigo ingrato ou o roubo da Queiroz*?

- Qual! Isso é caçoada; o que é exato é um catalogo que ele está organizando de todas as tragédias, drama, comédias e farsas que tem composto, aumentado e plagiado.

- Pois então, enquanto não aparece esse importante trabalho, vamos tratar de outro assunto.

- Diga-me, priminha, foi ao primeiro espetáculo da companhia?

- Fui, e por sinal levei um susto bastante grande.

- Você, também, priminha, é bastante assustadíssima.

- O caso não era menos correu uma noticia que os negrinhos queriam se levantar, e deixe o meu povo atrapalhado, o primo que gosta de leitão reuniu sua gente, e todos de lança em punho, já pensaram que os paraguaios estavam entrincheirados nos alicerces da igreja nova; ao mesmo tempo era distribuído cartuxame pela infantaria, e isto com grande alarme. Os da secção guapos e destemidos, cada um estava capaz de matar sete, - e

No fim de tanto espalhafato,

Eis a montanha que pariu um rato!

- Mas, priminha, quem foi que deu esta notícia?

- Dizem que a patrulha, que rondava lá no caminho da lomba, vira um grande número de negros, todos armados, encaminhando-se para cidade, e logo deram parte; porém depois verificou-se ser uma ponta de gado que mansamente pastava por aqueles lugares! As armas eram as guampas...

- É bom que haja cautela, porém que esta não seja no extremo, porque então toca ao ridículo.

- Você o que quer, priminha, em Pelotas tudo é assim!

- Em quem ficou a ordem para a reserva entrar em serviço?

- Creio que em nada. Há quem diga que tudo aquilo foi só para haver acesso de patentes e novos oficiais.

- Mas deveras, priminha, a reserva não será chamada a serviço?

- Pois você inda dúvida? Quando a ativa que está a muito tempo apertando, como eles dizem, não tem ninguém, que fará a reserva. Olhe, priminha, eu conheço muitos rapazes que dizem que lá não vão, dê por onde der; e o caso é que vão se escapando, só aqueles que não tem cunho ou algum empenho, é que estão sendo massacrados.

- Porém agora, o novo major diz que há de mostrar para o quanto presta, que há de acabar com a pepineira de pagar para música; e que há de fazer com que os figurões se apresentem com o pau furado.

- Ora qual... todos calçam pela mesma forma, ou hão de calçar mais tarde. Desengane-se, priminha, guarda nacional como no tempo do Faria, não havemos de ter mais; aquele sim, é que não era de gaifonas, e fez muito menino bonito pegar na reiuna.

- Olhes, priminha, a secção mais de cinco anos que nada tem aumentado, devido a falta de comandante, porque hoje está o comando na mão de um oficial, e amanhã na de outro; e, portanto, pode-se dizer que a secção agora é que vai principiar sua vida militar. O primo Manoel jurou por S. Lourenço que a G. N. de infantaria de Pelotas teria agora um nascimento brilhante!

- Deus o ouça, priminha, eu porem direi como S. Tomé: ver para crer!

- Pois olhe, está em pouco; não precisa mais do que caminhar de braço dado com alei, e guiar-se por ela.

- Teremos ou não instrutor na secção?

- Ouvi dizer que não era preciso.

- Não diga isso, priminha, você bem vê como estão as coisas, e de um momento para outro é preciso gente bem exercitada; os nossos irmãos lá estão no campo da batalha barateando a vida em troca de glória; ninguém sabe o fim destas coisas, e nós devemos estar prevenidos; não é na ocasião que se há de preparar a guarda nacional para poder rechaçar o inimigo! Oxalá não seja preciso, porém, contudo, é uma precaução bem acertada.

- Quando o caso estiver preto eu corro para a serra, o pior é estarem as pontes em um estado tão lastimoso que não pode passar por elas nem um gato.

- Pois acredite, priminha, que bastantes contos de réis tem-se gasto com elas.

- E o que resulta de obras mal administradas; ficam os cofres da municipalidade exaustos e o povo sem livre trânsito. A ponte do Retiro está que é uma miséria, a do Fragata está da mesma maneira; e as estradas quase todas precisam grandes composturas.

- Vamos a ver agora, a nova Câmara o que faz.

- O primeiro passo foi um acertado; falo da demissão que deram ao Galdino.

- Sim, a Câmara resolveu que era bastante dois fiscais, por conseguinte tinha que demitir um.

- Estou mimada das mais lisonjeiras esperanças com a atual municipalidade. Seus membros são todos homens de vontade, conhecedores das necessidades do lugar, hão pois de fazer muito em seu abono.

- Não a contesto, você sabe que essa é minha gente, por isso também tudo espero da nova Câmara.

- Prima, você já sabe do que ultimamente se deu lá para o lado da gente azul.

- Ora você se faz de tola... então você não sabe que o macaquinho cheiroso, há dias sofreu uma desfeita por se fazer tolo e abusar da posição que ocupa para até desrespeitar famílias? Olhe, prima, vejo cada tratante com forma de homem de bem cá por essa nossa terra... e até são tidos e havidos por homens de primeira força. Ah! Se eu pudesse, com o Castilho, mete-los em uma nau, então o caso era outro.

- Mas, prima, como é que você sabe de tudo isso?

- Ora, sei de mais ainda, até já descobri que o home tem certa... mesmo pela frente, o que se resulta muitas vezes até se fazerem vereadores. Por falar em vereadores, você já soube de uma questão que o primo Doutro José Vieira teve com o Primo Afonso?

- Não, prima, não soube disso, sou apreciador do caráter do primo Dr. Vieira, e se ele teve questão foi por causa justa.

- Tal e qual. Apareceu na câmara velha uma certa conta para ser paga, mas esta era de um inimigo político do Dr. Letrado; o que pensa V. que o home haveria de fazer? Quis impugnar como presidente que era, e com isto pôr em embaraços a cobrança de tal quantia, mas o primo Vieira apresentou-se em campo e fez com que saísse o negócio de uma forma airosa.

- Ora, prima, isto não me admira, quando eu vi a câmara velha pedir para si um benefício ao Sant'Ana, e anunciar – Grande espetáculo em benefício da municipalidade da cidade de Pelotas... nada mais tenho que ver.

- Você, prima, não sabe do melhor, depois algumas pessoas cesuraram tal pedido aos saltimbancos, e por isso, em lugar de ser a função em nome da edilidade, foi como espetáculo da companhia, mas como só rendeu noventa mil réis, houve um dos da câmara que ficou furioso com o Sant'Ana e quis derrubar lhe a força armada o circo, e se o não fez foi devido a integridade do distinto delegado que não quis assumir tal responsabilidade!

- Ora, priminha, você ainda se admira de asneiras que não vale a pena falar-se.

- Diga-me, já falou com o delegado, a fim de providenciar ele, com policiais a cavalo, sobre os galopes pelas ruas da cidade?

- Eu creio que tratar-se disso é asneira, é o mesmo que clamar-se no deserto, mas enfim, sempre é bom lembrar-se que apesar de cheirar a campanha nossa Pelotas, contudo não é para se consentir carreiras pela rua, e outras muitas coisas que pouco acreditam a civilidade do povo que se tem na conta de ilustrado.

- Por falar em ilustrado, como vai o Ilustradíssimo Dr. Navalha?

- Não sei, mas creio que anda meio carrancudo, e disposto logo que ficar rico a mandar degolar-nos de um só golpe; isto já vem de trás, todos são valentes, e cheios de certa influencia AFRANCESADA que os coloca acima dos homens sinceros e verdadeiros; mas eles logam se amoldam, porque olham sempre para o passado e para os papeis que representam em certo banquete quando se tratava de eleições e julgavam que o primo da capital seria o candidato.

- Mas, prima, o Navalha já pagou tudo isso, votando em um candidato contrário ao seu partido; e depois você não vê que ele mais ou menos é quem dirige aqui certos negócios, assim com jeitos de coadjuvar ao mano Xiquinho que para terror da humanidade vai mandar para a exposição de London aquela formidável bigodeira!

- Ah! Prima, se o tal Navalha se sair bem daquele negócio que o primo Juca arranjou, então o negócio é outro, por força será o candidato.

- Mas, prima, não se fazem assim negócios tais, um candidato da geral não é brinquedo e demais agora mudaram muito os negócios políticos daqui.

- Não há bem que sempre dure, nem mal que não se acabe; isto é ditado muito antigo.

- Eu não vejo, prima, em que mudou a política da terra.

- Você verá em pouco tempo a verdade do que lhe digo, verá que os *conservadores* hão de querer erguer-se, e que de alguma forma criarão algumas posições e mais tarde uma eleição será causa de uma vitória para um lado perdido. Você verá que os *baronistas* puros também se erguerão com mais vigor, e mais uma vez, e mais uma vez se farão ver puros e verdadeiros, e este *liberais* de papo amarelo, procurarão os mortos e velhos conservadores para ornarem com penas de velhas gralhas.

- Oh! Prima, você fala como um deputado, parece gente de certa categoria!

- Eu sou assim digo o que penso a respeito de certos sujeitos que apresentam-se dourados por fora e podres por dentro.

- Você foi, priminha, no domingo ao teatro, ver a *Probidade*?

- Fui e não gostei. O único que agradou foi o Simões que foi chamado a cena e freneticamente aplaudido, veio depois a companhia sem ninguém a chamar, e o fidalgo apareceu muito lampeiro, dizendo-se em cortesias. O homem queria por força apresentar ao público o fidalguinho, porém o alferes instrutor do 29 fez ver que a ocasião não era própria, e que esperasse para quando fizessem a sua despedida.

- Você, priminha, não perde a oportunidade de flagelar o homem da farda encarnada. Diga-me, priminha, o que mais viu por lá que chamasse atenção.

- O sapateiro da medalha, assim como mandou as botas para a exposição, faz no teatro exposição de sua romântica e cambai paixão, ele e a sua *Dulcinéia* parecem dois amantes, pouco antes d alua de mel.

- Admira, priminha, que aquele fidalgo preste-se a dar espetáculo no espetáculo!

- Pois é o que lhe digo, eu acho muito feio em um lugar público como aquele, qualquer borra botas não respeitar, nem ao menos as famílias.

- Priminha, se ele continuar, a poda será maior, e até sou capaz de dizer que o grande afeto que o bom homem dedica aquela ninfa, é devido o ter ela o cuidado de escovar-lhe o fato com um cabo de vassoura!

- Um! Um... então a tal gorda Yáyá não é para graças?

- Preciso dizer ao P. da U. C. que não seja tão terneiro para quela sua vizinha da travessa.

- Não sei quem seja ela, priminha?

- É aquela santa protetora dos músicos.

- Dizem que se vai casar...

- Qual, histórias... o rapaz diz ao contrário, e que só tem aquele derriço por passa tempo.

- Eu acho isso muito, e muito mal feito, priminha. E você?

- Eu ainda não procurei...

- Já principia a priminha... pois então acha que é bonito qualquer marmanjo mostrar-se muito derretido por uma moça e andar dizendo que é só por caçoada não é assim que se faz, porque sempre de alguma maneira compromete; você sabe como é Pelotas, eu entendo que é muito feio uma moça prestar atenção hoje a um moço e amanhã a outro.

- Nós é que temos a culpa de dar importância a certos *badamecos*.

- Você parece que está despeitada, priminha, com os rapazes do bom tom, quem sabe se algum deles lhe deu de tábua?

- Não vê que eu sou tola em dar importância a estes meteoros de pouca duração! Bem fez o titio que mora lá pelas imediações do mercado, em não querer dar a filha em casamento ao Dr. Balastraca.

- Deverás! Priminha, pois aquela lesma teve tanto arrojo?

- Você o que quer, ele não se enxerga levou um carão maior do que a cabeça de um burro.

- Conte-me, priminha, como foi esta história.

- O Balastraca viu a moça e calculou logo uma boa aquisição para acudir ao estado de suas finanças, tratou de ver se podia co0nquistar o coração da jovem, porém como ela não gosta de esquisitice; não lhe deu palha; o homenzinho não desanimou e mudou de plano, principiou então a fazer muita zambaia ao titio e de repetente, expõe-lhe o estado do seu pobre coração, o titio que de tolo não tem nada deu uma daquelas costumadas risadinhas e disse-lhe: minha filha ainda está muito moça e por conseguinte ainda não é tempo de ocupar-se dessas coisas. *Não sinhô meu amigo sua filha já pode casar, e eu se não me caso com ela sou capaz di morrê; eu sou dotor e quando mi casa ei de tratar bem minha mulhé porque eu não sô tão pobri como você pensa, lá na minha terra meu pai tem uma casa de teia e uma gande palantação de mio, e também um engenho de mel.*

- Sabe que mais, disse-lhe o titio, minha filha creio que não lhe dá muita atenção, e por isso não podemos fazer nada; e mesmo que ela quisesse eu não a daria a você, sua língua de trapo, vá trabalhar se quer ter dinheiro.

- Deverás, priminha, o Balastraca do Rio Grande passou por esta decepção?

- E ficou fresco como alface! Pois se ele é maluco - que admira!

- E eu também já me vou pondo ao fresco; hoje a palestra foi bastante longa.

- Qual, priminha, nem por isso.

- Boas noites, e até a vista.

Pelotas, 17 de janeiro de 1865.

DIÁRIO DO RIO GRANDE, 28 DE FEVEREIO DE 1865, P.1 E 2.

Palestra Pelotense

Visita das Priminhas.

- Dá licença, priminha.

- Oh! Homem! Pensei que você não queria mais aparecer! Você, priminha, é medrosa como um paraguaio; aposto que tem estado metida na concha com medo das ameaças do tio Ignácio?

- Não vê que tenho o corpo para despique de raivosos; o homem agarrou o peão na unha, e, tomando as dores pelo sócio, diz que há de esfolar as priminhas do *Diário*, só porque elas tiveram o desaforo de disserem que ti-tio era achado de dores de barriga!

- Não tenha medo, priminha, deixe falar quem fala, que o que ele quer é que nós lhe ponhamos a calva a mostra; talvez que já se esquecesse das brilhaturas que fez lá por Piratini e agora quer aqui intimar consequências.

- Ele diz que tem um vergalho para nós e algumas onças para gastar!

- Ora qual! Tudo aquilo são presunções tolas; ele que se cale e veja se de alguma maneira faz o mesmo que fez com o outro sócio que teve, e deixe correr o barco.

- Mas então, priminha, o que é que ele fez?

- Por enquanto fica reservado; é bastante que ele se lembre do rifão que diz: Quem tem rabo não se assenta.

- E o que me diz você de uma declaração que fez o oficial da briosa?

- São coisas muito fáceis de se fazerem; você bem vê que o espirito da classe pode muito em certas classes e o mesmo porque estava na dignidade de todos darem aquele passo e bem vê que entre colegas... e mesmo há pedidos que não se podem recusar... você bem me entende, priminha!... o que é certo é que alguns que assinaram só souberam da marcha da força para Jaguarão no outro dia, no entanto declararam que tinham consciência do que faziam! Ah! Se

eles todos tivessem conciencia do que fizeram, aparecendo a imprensa por uma banalidade, de certo que tal não fariam; agora o remédio é chorar!

- Você que quer, o mundo é assim mesmo, e tolo é quem quiser regenerá-lo.

- Com que então o *Comércio*, qual outra fênix, tornou a aparecer?

- é verdade, priminha, e com uma diabólica Lima transformada em crônica que mente mais que um CAPITÃO arvorado por si mesmo em instrutor de inválidos.

- O primo Nunes é porque não conhece aquelas coisas, senão mandava-o matar defuntos lá para os campos de Moron.

- É preciso, priminha, dizer a ele que é muito feio, e até ridículo, andar mostrando os artigos que escreve antes de os mandar publicar.

- Pois ele é tão presumido assim?

- Julga que com aquilo, admire mais importância e saiba que não é só a tal crônica que ele tem mostrado a diversos; há em Pelotas algumas pessoas que tem visto correspondências antes de serem publicadas, escritas em Pelotas, mas que aparecem no *Comércio* como feitas em Canguçu! Que habilidade! Que importância não terão elas...

- Ora, achou-se a folgança dos *mira ustedes,* e já não se fala destes amáveis que bem nos afilaram por aqui, que até fedores de barriga a muita gente; eu cá pela minha parte não conto muito com tais pazes, são mínimos finórios e daqui a pouco aí vem eles com novas finezas, mesmo porque esta gente é firme de caráter *e tiene honor*!

- Mas, cara prima, você acha que está gente revoltosa ainda entrará em dança cá com a nossa rapaziada.

- Eu não acho nada; o que penso é que nosso governo mesmo é e será o culpado de todas as bandalheiras que nós sofremos e sofreremos destes ingratos, que sem nada terem a perder, aqui temos de quando em quando brinquedo de lambança! Olhe, prima, eu sou mulher, é verdade, mas tenho vontade de abrir a boca, atirar com o diabo a toda a futrica de governo, governadores e até governados.

- Parece-me que você hoje está nos seus dias aziagos, pois a coisa não é tão feia assim, bem se vê que toda essa folia foi bem manejada e tudo nos saiu mesmo a pintar.

- Sim eu já vejo em todos os jornais da corte o Tamandaré levando sovas furiosas porque... porque,,, porque o diabo que entenda essa gente.

- Pois deveras, priminha, o Tamandaré está sendo sovado na corte?

- Ora, ainda pensa que os homens que prestam atenção aos negócios do estado e se portam com dignidade são apreciados.

- Priminha, realmente V. está hoje azeda como um tamarindo, com efeito! Diga-me como se foi de festejos?

- Eu muito bem; na primeira noite já sabe andaram a berrar a rapaziada e disse-me o Marçal que nem molharam a goela andaram a gritar e depois para o cubículo, mas que os grandes se ajuntaram uns com os outros e entraram em grande festim!

- Pois é crível, priminha, que além das duas bandas militares aparecesse pela primeira vez a sociedade EUTERPE, com seu formidável *Zabumba* e que nem um copo de água oferecesse tanta gente potente aonde ela tocou!

- Não a tal, prima, ela só tocou em frente ao palácio, no quartel da cívica e um pouco na delegacia; em palácio o Dr. Alexandre disse que S. Exc. oferecia para subirem e que foi agradecido por todos com a maior urbanidade e delicadeza, tocando-se ainda algumas peças, em frente ao quartel, não podia mesmo receber finezas, agora o delegado seria possível se estivesse prevenido ele e não andasse na rua sem o povo; portanto, já vê a prima que foi mal informada.

- Minha prima eu não digo as coisas por mal, apenas refiro-me ao que me informa o velhote Coelho.

- Pois diga-lhe que não seja bobo, que meta-se com a sua vida e macaquê a seu gosto, mas que nos deixe em paz.

- A prima parece que não é muito afeita a ele, não vê que ele tem a mania de conquistador.

- Qual conquistador nem meio conquistador, eu cá sou as deveras franca como poucas; esse tal é muito falador, bem deve se lembrar o que ele disse há dias com respeito ao copo d'agua oferecido ao coronel quando chegou, que não foi por tal assunto e sim por terem os três doutores feito as pazes com o *vis-a-vis!!!*

- Não tratemos, portanto, disto priminha, vamos aos festejos.

- Sim pelo mesmo Marçal estou bem enfronhada que no terceiro dia o primo, nosso amigo da geral, apresentou-se também com toda a música do Carlos a festejar; ainda mais: que mandará convidar a EUTERPE sem faltar o zabumba para o copo d'água, o que foi aceito pela rapaziada e lá compareceram, onde se tocou e cantou o hino da pátria, esteve bela a folia, melhor seria se o primo (que não perde ocasião de dar a tudo visos de partido) proibisse que um guarda nacional em completo desorientamento talvez pelo fogo ou gás de patriotismo, um grandíssimo pataqueiro, não se metesse a tralão e dissesse tanta asneira até feder! Entretanto, rapaziada molhou a goela.

- Mas, priminha V que tem tanta birra do C. porque diz que é falador, para que lhe admite que lhe vão também com tanta novidade?

- Está muito enganada V. senhora prima, eu só digo a verdade, não sou hipócrita, e dou credito a quem merece e em quem reconheço dignidade, não sou como outras sujeitas por ai que mentirosas e namoradeiras, apregoam-se grande coisas, entretanto que fazem delas e delas, até mesmo, até penteiam os pobres regularmente, depois com cara de cão aí aparecem sem poder bufar, porque andam pelas gavetas dos rapazes as cartas, os retratos, os cabelos e até as ligas. Nada eu cá sou pão e queijo; e nem admito que venham para o meu lado de focinho arrebitado porque não fazem farinha.

- Com efeito, prima, V. é uma espada de dois gumes, por isso é que o Ribeiro, aquele celebre das repúblicas vizinhas e do Rio Grande, aqueles heróis daquele negócio que nós sabemos, aquele finalmente, tem tanto medo de V.!

- Prima, medo só tem da imprensa quem tem rabo de palha; olhe por falar em rabo, lembrei-me da Guarda Nacional!! Oh realmente parece incrível que entre gente séria se deem tais casos.

- Mas o que é, prima?

- Ora, o que há de ser, os oficiais, além de três costa, todos estão em oposição ao Major comandante da secção; veja V. se isto tem lugar, deviam tratar melhor a seu chefe e não assim procederem! Eu lhe contarei depois de amanhã o que sei com respeito a eles lá da militância.

- Mas, diga-me prima, V. sabe se é verdade o que se tem dito com respeito a G. N. ?

- Eu não sei se é verdade ou se é mentira, o que sei é que se fala por toda a parte nesse negócio.

- Prima, V. fale por último ao delegado a fim de evitar as carreiras a cavalo pelas ruas! É uma vergonha; parece que Pelotas é uma estância, com pouco se evitaria esse abuso.

- Prima, eu já estou cansada e vejo que é malhar em ferro frio; portanto, é deixar para diante; quando acontecer alguma desgraça, então eles gritarão a que *delrei*.

- Mas realmente, é vergonhoso que se ande na disparada pelas ruas da cidade, e dar má ideia de nossa civilização.

- Ora, prima, deixe-se disso, V. não viu o que fez a dias o Márquez?

- Não, o que foi?

- Pois você não sabe que ele gritou lá perto do exercício da cívica, dizendo que ia combinar a fim de não aparecer português algum a nosso favor quando tivéssemos dele necessidade e nos utilizássemos de sua oferta?

- Pois aquele xumbregas teve tal lembrança? Bem diz o ditado – quanto mais roto mais maroto.

- Diga-me, prima, que diabo de ideia é essa virar-se de repente em doutor o Santiago?

- Não, prima, creio que foi um engano de composição ou revisão, estou certa que ele nunca pensou em tal.

- Está claro, faço-lhe esta justiça.

- Você tem ido as retretas, priminha?

- Eu? Deus me livre; além de ser o lugar onde toca a música muito acanhada, acresce que os moços que se intitulam da moda ali se portam como verdadeiros moleques. É uma falta de respeito extraordinária e merecia que a autoridade olhasse para isso.

- Por falar em retretas, prima, você já sabe que acabado este semestre, em março, também se acabam as retretas?

- Por força, pois o Santos abusou completamente dos seus assinantes.

- Ora, priminha, considerações...

- Qual considerações, - Quem se aluga a S. Miguel não se senta quando quer.

- Deixemos isso prima, e diga-me: você aqui há tempos não se lembra que me falou em um achado de um pacote de cartas, retratos, cabelos, etc, tudo amarrado em uma liga encarnada?

- Ah! Priminha, não me mortifique trataremos disso na outra palestra, se não houver algum corte.

- E se houver, prima, até mais nunca, e com esta até depois de amanhã.

- Venha cá, priminha, você foi ao baile, foi o Te-Deum, foi ao jantar que houve no dia 2 deste mês lá para os lados do estaleiro? Inda está embirrante em não querer falar no casório daquele amigo, e mesmo do outro?

- Prima, você sabe que prometemos não falar em tal; portanto, adeus. Amanhã está a minha espera, e eu não quero por aqui algum sabonete.

- Diga-me primeiro o que sabe V. com respeito ao processo que corre pela subdelegacia contra o capitão mandante, em consequência de não querer pagar a multa de 20$000 à câmara?

- Já lhe disse que depois de amanhã temos muita coisa boa. Adeus.

Pelotas, 28 de fevereiro de 1865.

DIÁRIO DO RIO GRANDE, 17 DE MARÇO DE 1865, P.2.

Palestra Pelotense

Visita das Priminhas.

- Aí, minha rica prima, estamos perdidas, vamos a fazer ato de contrição, acabou-se a nossa triste peregrinação neste mundo de misérias e enganos, já parece-me que estou vendo as portas da eternidade se abrirem para nos chupitarem... e então...ah! ricos bailes, ricas quadrilhas lanceiros que tantas dancei com o Franklim, belas retretas que ouvi ao lado do Bernardo; tudo vai se acabar...

- Mas o que tem, minha prima, que vem assim chorosa?

- Pois você não viu que o Lima encordoou-se, e que ele é homem levadinho da mandinga?

- Ora, priminha, você tem medo daquele multicor?

-Ora, não ei de ter pois o homem que tem um olho de cada cor é para se brincar?

- Não tenha medo, prima, aquilo não vale nada, é uma aranha que entendeu dever fazer dos exercícios negócios, pois leva por cada invalido cinco mil réis para aprendizagem!

- Mas, meu coração, dizem que ele é valente... e...

- Qual se fosse valente não pagava vale em Sant'Ana do Livramento quando se meteu de gorra com o finado Fontoura, conhecido por Xico da Vovó.

- Então como foi isso?

- Eu lhe conto: O Xico da Vovó era um sujeito também levado da breca, teve lá suas razões com o tal capetão e este que tem gênio fogoso e um tanto tirado a francês, logo propôs um duelo perto do Morro do Chapéu, a espada. O meu Fontoura a hora marcada lá se foi postar de chanfalho ao lado, e toca a esperar o pimpão; esperou, esperou, esperou até que desesperou e veio para vila a contar a todos.

- E o que disse o multicor?

- Que tinha feito por caçoada o Fontoura esperar em vão.

- Então você acha, prima, que desta vez ainda não vamos pedir licença a S. Pedro para entrar no paraíso?

- Garanto-lhe. Mas vamos ao que serve; então, prima, o que temos de bom?

- Trago um saco cheio. Em primeiro lugar vamos a Guarda Nacional. Como sabe, está aquela corporação em completo desarranjo; falo a secção, porque realmente logo que os membros do corpo se agitam, a cabeça sofre; os oficiais entenderam fazer a guerra ao comandante, fazem mal, porque nada mais triste que a falta de harmonia em qualquer corporação. Por outro lado, também se a procedido pouco uniforme, pois tem havido abusos e vingancinhas; e mais ainda tem cooperado para desmoralização da secção uma certa companha de cadetes, isto é, de janotas que se não quiseram unir com a bagagem, como eles dizem, e por causa do que tiveram de criar uma quarta companhia só de moços limpos, mas que muitos tem as mãos bem sujas.

- Mas, priminha, você bem sabe que tudo isso não garante o procedimento nos próprios que tem tido alguns senhores oficiais, pois além de tudo está a subordinação, e os galões não garantem abusos!

- Eu, prima, não acuso nem ao comandante nem aos oficiais, vou-lhes dando com imparcialidades, digo a verdade sem condenar o procedimento deste ou daquele.

- Prima, diga-me por que não se juntam esses janotas de meia tigela com os outros guardas que formam a secção?

- Ora porque; o Marçal disse-me que os janotas são todos rapazinhos de bom gosto e que não se querem juntar com os moleques!

- Que indignidade! E se sanciona tão mal princípio de distinção entre os cidadãos que ocupam o mesmo lugar! Pois então não será para indignar os demais guardas tanta especialidade?

- Ora, prima, tudo é assim neste mundo, uns gozam das belezas da vida, e outros nasceram até para serem tratados como porcos.

- Diga-me, então já saíram dos destacamentos os guardas e toda a secção?

- Felizmente, diz Quincas Ferreira, que quase desmaiou de gostos com a notícia.

- Também não sei aquele bobo como não desmaiou até por ver um gato agarrar um rato!

- O Zabumba também não gostou muito de aparecer na nossa palestra, ora o que quer, todos gostam de tocar a sua rabeca, mas não gostam de dar a rezina.

- Então já está disposta a tratar daquele negócio dos vales passados aos soldados e depois descontados por duas terças partes em uma venda já a propósito?

- Homem, eu não sei se dê ou não acredito nessas coisas, mas dizem que é verdade, outros que não, há meninos finórios e que não tem nenhuma aversão ao dinheiro, finalmente, e que eu creio é que há grande ladroeira em tudo neste mundo.

- Em que está o processo do mandante?

- Não sei, ei de falar com o Xiquinho no primeiro dia em que for lá para o estaleiro visitar as minhas camaradas; ele deve saber, é o escrivão da subdelegacia e nos dirá o que sabe.

- Eu creio, prima, que o mandante fazia melhor negócio pagando 20$000 da multa e se deixar de demandas.

- Por falar em demandas lhe direi, o Leão não anda muito em harmonia com o Gaspar, por causa da iluminação.

- Prima, você já sabe que se vão arranjar as estradas por ordem da Ilustríssima e que agora já podemos ir até o Fragata passear?

- Eu duvido muito que isso aconteça pois creio que não haverá dinheiro para tal obra.

- Você já leu o *Comércio* papel e a carta do tal cronista?

- Ora, quem faz caso do que diz o Comercio e o Lima mentiroso, pois você não vê que ele até diz que é honrado!

- Pode ser que seja, não devemos duvidar do que dizem os outros.

- Mas se ele mente tanto.

- Você foi ver atirar ao alvo na quinta-feira da rapaziada?

- Não, mas me disse o gordo que esteve muito bom e que só ele meteu cento e quatro balas na cabeça da figura.

- Foi muita gente?

- Alguns rapazes e uma família curiosa em um ônibus.

- Ora, priminha, você já teve notícia das grandes folias que se preparam para obsequiar ao primo Osório, que dizem, vem muito breve até cá?

- Nem tenho ouvido falar em tal, é a primeira vez.

- Pois lá pelo estaleiro não se fala em outra coisa, até se tem falado em música, coroas de louros e o diabo a quatro.

- Qual, isso é caçoada.

- Priminha, está ficando tarde e você não se esqueça de falar com o primo Xico com respeito ao processo.

- Deixe que não me esqueço e se não falar com o Xico falarei com o Sebastião que é o advogado da câmara.

- Pois não se esqueça, tenho o maio desejo em saber deste negócio.

- Não me esqueço. É verdade, você já soube, prima, das ladroeiras que se estão fazendo com certa quebra.

- Não, de nada sei, não tem aparecido o tio... e por isso não sei de novidades.

- Pois, para a nossa seguinte palestra, lhe comunicarei, entretanto se falhar com o primo A. ele que lhe conte.

Pelotas, 14 de março de 1865.

DIÁRIO DO RIO GRANDE, 1 DE ABRIL DE 1865, P.2.

Palestra Pelotense

Visita das Priminhas.

- Prima do coração, como vai?

- Oh! minha querida! Como passa? Como vai a nossa tia, e o Lima multicor, não visse depois da nossa última palestra?

- Vi-o assim com cara de tolo, ou de cachorro que comeu bola, ele fez-me uma cara assim um tanto enfurrascada, abanou as orelhas, e depois de mosquear um pouco sempre me cortejou com o olho pardo escondeu o verde!

- Ah! Priminha! V. vem disposta hoje, já sei que temos folia.

- Duvido, pois não estou contente; lá pelo Rio Grande cortam todos os tópicos de nossa palestra que falam de algum sujeito, mais ou menos da gente fina. Ora, V. já v~e que isso desgosta e vejo-me obrigada a não continuar, quando se diz: O P. é um multista dos diabos sem dó nem compaixão e quando pode me dobro! Já vê que isto não é dizer mal. Que o G. disse-me que a Guarda Nacional está toda desmantelada e que o negócio dos vales tem dado o que fazer, até que já, S. Exc. presidente da província está bem ao fato e que mandará o comando superior nomear um conselho para examinar a escrituração da secção. Também não é falar mal!

- Mas, prima, quem sabe se é verdade isso?

- Pois, o G. tinha necessidade de mentir?

- Pois, minha prima, lhe previno que V. está muito enganada e que estando eu ontem com o Theodoro em casa das primas da rua das Flores, ele garantiu que o comandante da secção não se lhe importava com isso e que já estava em harmonia com o Baptista.

- Pois, minha prima, tenho a dizer-lhe que o Theodoro é bobo, mentiroso, e que tanto é verdade o que lhe disse que até já estão nomeados os membros da comissão que tem de ver os livros e que jamais o comandante major fará fazer com o capitão Baptista, tanto que a *polegada* mandou do Rio Grande certos papeis que muito fará contra o Baptista.

- Ah! Minha prima, isto quem sabe em que parará, vejo tanta porcaria que nem mesmo compreendo. Cá por mim enquanto não dançar o meu querido futuro, o Bernardo, pouco me importa ou mais, pois, já conheço essas coisas.

- Então dou-lhe os parabéns, não sabia que tinha tão boas razões de amor ao Bernardo; então fica ele no lugar do *balastraca*.

- Qual *balastraca* nem meio *balastraca*, nem mesmo o Bernardo me convém, é para não estar de balde e ter sempre um bobo com quem debicar e a custa de quem me rio.

- Priminha, eu acho mal esse modo de pensar, uma moça deve ser séria e dedicada, ao menos eu assim o entendo.

- Bravo, engraçada como está tão cheia de prosa, e de dedicações; onde bota o seu chinelo velho? Então sua mercê já não é a mesma que há bem pouco tempo namorava de um só golpe de vista a três, - ao Tito, ao Balbino guarda-livros e o Ferragista F.?!! ora, minha amiga, eu cá por estar toda entregue ao meu Bernardo, não nego ele mesmo sabe que tenho tido minha boa dúzia de namoricos, e é preciso que nos entendamos, eu vejo até casadinhas bem reviradinhas para os rapazes, quanto mais nós que somos solteiras e estamos em nosso direito uma vez que não venha nos dai descredito algum.

- Prima, sempre se vê nesse continuo namoricar alguma coisa de descredito, e quer saber que mais, vamos ao que serve.

- Sim, é melhor, porque se você continuar eu boto-lhe os podres na rua, porque eu cá não tenho rabo de palha e por isso não tenho medo de fogo.

- Ora isso de rabo de palha é o que todos dizem, até os Reis colchoeiro diz que não tem!

- Sim, prima, eu não sou como certa gente, não tenho realmente nada que você possa lançar-me em rosto, de mal.

- Ora, prima, deixemos disso! Quem te conheceu, pau de laranjeira. Há sujeitinhas que vivem, aqui tal como Deus sabe e só porque se chegam alguma sombrinha já querem ser fidalgas; comigo não, que não gosto de intimações.

- Bem, minha prima, vamos a mudar de conversa.

- E o que me diz do baile do Club?

- Dizem que são bem bons e que os rapazes portam-se com toda civilidade.

- Lá isso é verdade, o João da Silveira é incansável Maruel, também o mais aparvalhado da diretoria é o josé Souza, e mesmo assim é bem bom o moço, é pena que esteja agora entregue ao cavalheirismo e só procurando comendas! Entretanto, que temos nós com isso? Eu cá pela minha parte ainda ontem disse que se não fosse porque largava o Bernardo para filar-me a ele.

- é verdade, prima, você já leu o *Comercio*, do literato entregador de cartas, Nunes?

- Já, diz o Lima mentiroso que nós somos safadas; (que bonita expressão!) e infames!

- Ui!... prima, esta foi forte é que ele ignora que nós saímos sempre a...a... mamãe e que se fossemos parentes não tínhamos tanta parecença quanto a safadez. O Lima é um pobre louco a quem o coronel Victorino tratou de curar, mas que não pode porque burro velho não aprende a puxar senão carroça de água. O Lima é um home mesmo, prima, a quem não posso descrever; ele não é feio, tem assim uma cara de saltimbanco que está caído da vara, um corpinho de boleiro de carro de defuntos, e quanto ao falar é um preto do leite! Você não viu que ele, caiu no toco do tamanqueiro; toco precisa ele, mas não acha tolo algum que lhe confie um toco.

- Ora, minha prima, não fale mais nesse borra botas. Diga-me como foi esse negócio de quebra da viúva Viana?

- Não sei, mas creio e tenho certeza que tudo marcha as mil maravilhas.

Ora poderá não, enfim tudo é assim, uns ditos e outros *bolotritos*...

- Você, priminha, já nada me diz de la polícia?

- Nessa não caiu eu, eles agora andam vivos como um *argos*, não dão cancha, mas não obstante, já arrefeceu a grande influência de rondas, patrulhas, &, &, &; enfim tudo agora é um louvar a Deus.

- Então o seu noticiador Marçal nada lhe tem contado do que tem havido nesses últimos dias?

- Só me falou na fúria com que anda o velhote *maqueador*, contra nós; forte idiota, aquilo é uma alma de gato.

- Mas ele não tem razão de se zangar pois só por se falar no amor que ele consagra a sua... não nos deve odiar e mesmo a nos pode responder.

“Existe sobre la tierra
Esse amor firme y sincero

Por el cual el mundo entero

Em um corazon se encierra!”

- Olá, minha priminha, você como já sabe castelhanar, parece que tem aprendido muito nesses últimos tempos; quem é o seu mestre?

- Não sei, eu cá sou assim; não é qualquer Lima, nem qualquer borra botas que me a *coquina*. Sou moça da moda e sei dar de rijo nesses mariolas *empelicados* com fumaça de sabichões, e já que você gostou de me ver *hablar* lhe direi:

- *De algun tempo a cá, la potência que se encuentra mas empenada em excitar el Pueblo de Pelotas anos hacer guerra em los cochino Lima! Pero no hay necesidad de combatiruna ideia tan eronea.*

- Oh! Minha prima, isto é metido ai a martelo!

- Faço como o Lima que arruma nas crônicas cada um latinório, que é mesmo um latir sem compaixão.

- Prima, deixe o pobre diabo e vamos ao que vale a pena.

- Qual pobre diabo, é dar-lhe a matar para que se vá para o inferno e não venha com suas mentiras incomodar o próximo. Entretanto temos negócio sério a tratar.

- Você vai ao Te-Deum no dia 25 de março?

- Não sei, mas é provável, se for é para apreciar a briosa em grande formatura.

- Eu estou certa que não se apresentarão os tais cadetes.

- O Franklim vai, que disse lá no estaleiro a minha tia.

- Então pode ser que a rapaziada vá para se mostrar, ai! Eu aqui bem descansada tendo ainda de ir como prometi a loja do Joaquim das prendas comprar umas bichas para Semana Santa, e mesmo ver se o Joãozinho me troca este dedal.

- Pois então veja se pesca por lá alguma novidade, poia ali se reúne certa roda afiladora.

- Deixe estar que não me descuidarei. Adeus até a primeira.

Pelotas, 22 de março de 1865.

P.S

- Prima, ia me esquecendo de perguntar-lhe uma coisa. Que diabo de casa é uma na rua do Comercio, que embaixo é uma venda, em cima é escola e mais ao lado é deposito de bixas? O que me admira é ser a casinha um *cuxicholo* e ter tanta coisa! Não se sabe onde existem bixas, os meninos ou a caninha da tasca!

- Pois minha prima, sou obrigada a dizer-lhe que não sabia dessa ENCICLOPEDIA!

- O bonito é que na mesma frente da casa se lê – COLÉGIO, em taboa azul celeste com letras d'ouro, e a um lado desse charlatanismo vê-se – bixas, deposito e amola-se todo e qualquer instrumento.!

- Ora, priminha, isto não será assim e você está debicando.

- Qual, eu sou capaz de tal, pois você passe por lá que verá que eu falo a verdade... passe por lá e verá.

- Não, prima, não é tanto assim, logo se conhece aonde estão os meninos, porque logo se vê um dos batatas em mangas de camisa na janela.

- Prima, você é o diabo.

- Vá ver as bixas, minha inocente, e depois volte.

DIÁRIO DO RIO GRANDE, 1 E 2 DE MAIO DE 1865, P.2.

Palestra Pelotense

Visita das Priminhas.

- Ah! Ah! Ah! – Ah! Ah! Ah!

- Quem é essa aqui?

- Ah! Ah! Ah! Ah!

- O crioula, vê quem está ali na porta.

- Não se assuste, priminha, não é ninguém.

- Você por aqui?

- Não me esperava? Ah! Ah! Ah! Ah!!

- Admira-me há alguma novidade?

- Ah! Ah! Ah! Ah!

- O que tem que está tão alegre, só a rir-se?

- Ora deixe-me: não lhe conto. Ah! Ah! Ah! Ah! Isto é um pagode! Oh! Que vida, delicias, que grandeza o ser palestreira!

- Senhora, você enlouqueceu. Diga-me.

- Que gaiato; Que brejeiro!

- Mal vai essa. Minha prima hoje está fora do comum.

- Ora ouça-me: ia passando em frente do Hotel da Aliança, eis que esbarro com o primo Guimarães do bigode e pera montado no seu petiço, e na forma do costume, fiz-lhe os cumprimentos devidos...

- Ao Guimarães ou ao petiço?

- Deixe-me acabar; o moço quando me viu não atinou mais nada com os estribos, e meio querendo montar e meio não querendo, separou-se do animal e me veio cumprimentar como também a uma menina da escola da esquina, tu sabes: trocamos algumas palavras, o rapaz todo

derretido de finezas vai senão quando nos convida sem mais nem menos para tomar um cálice de conhaque!

Ah! Ah! Ah! Ah! Eu disse que não podia porque vinha para a palestra: “Nesse caso, disse ele, é forçosamente necessário a senhora tomar alguma coisa; pois o meu amigo poeta conde, padeiro assiz faz quando se quer inspirar.” Ah! Ah! Ah! Ah!

- Você tem ideias, prima! Pois o moço lhe havia de oferecer para entrar no hotel!

- Não se admire porque ele saia de lá. E já sabe...eim?

-Vamos a um caso: a senhora na última visita me disse despedindo-se, até depois da festa: como é isto?

- Vim e não vim.

- Explique-se.

- Vim porque a festa da igreja já teve lugar, não vim porque a procissão que faz parte da festa só terá lugar no domingo.

- Foi a festa?

- Não, a chuva era tão abundante que não pude ir, se tiver alguma novidade dela ficará para outra visita que ajuntarei com a da procissão, pois até agora não recebi notícias à esse respeito de um só agente. Mas fora disso temos muito assunto. Não me posso esquecer do moço com o seu conhaque. Ah! Ah! Ah! Ah!

- Você está hoje tão alegre e eu tão triste.

- O que tem, priminha?

- Nada.

- Diga-me: diviso em seu semblante uma nuvem plúmbea, que parece correr veloz para desaguar o balsamo da consolação, você quer chorar. Será possível que hoje veja correr as lágrimas de minha santa amiga, sem ao menos dirigir-lhe uma só palavra que como sudário limpe algumas gotas amargas do desgosto ressumbrado de um sentimento oculto? Escute: abrace-se comigo derrame um tanto de suas dores; os sentimentos quaisquer que sejam expandidos, murmurados, segredados mesmo, abatem-se, aliviam-se.

- Pois bem eu vou lhe dizer-lhe, mas isto será como segredo do *xarope de penedo*. Eu amo, estou apaixonada!!

- Oh! Não me fales, é um sentir ardente que me escalda. Um querer e não querer, um possível e impossível, nem sei; ora arrebato-me num aluvião de prazer, ora abato-me numa terrível tristeza. É assim uma opressão... não sei dize-lo, só sei senti-lo! Eu amo!

- E esta? E quem assim te mereceu o coração?

-Ah! Se soubesses! Não é ente da terra, não é do céu, é mais do que anjo. Belo como a estrela da tarde retratada na planície do lago, belo como a estrela d'aurora servindo de encanto ao madrugador! Belo como o céu esplêndido, como brilhante toda natureza. Aquelas barbas semi-ruivas inglesadas, aqueles olhos cor de flor de laranjeira; aquele falar galopando; aquele porte esbelto e o corpo qual pirâmide do Egito que não se dobra nem ao mais forte sopro do *simoun* dos desertos africanos, semelhante ao minuano sul americano! Que majestade! Que beleza! Até a Marco seria capaz de render!

- Pobre moça. Desta vez não escapa*. Estas filado por mim homem da Holanda vais sofrer o castigo que a lei manda.*

- Não zombes.

- Baste razão tinha Bocage no seu verso que agora lhe proporciono. Escute:

Amor doce flama acesa
Vibrando por mão de Jove,
Agita, transporta e move
O sei da natureza;
O leão despe a braveza.
Se o vem leoa animar,
No amplo bojo do mar
Arde o mundo nadador,
O mundo todo é amor
Quem pode deixar de amar?

- Bravos!

- Mas quem é o venturoso?

- Quem é, oh! Segredo... Segredo! É o Bernardo!

-Ah! Ah! Ah! Ah! Eu morro de riso. Tudo hoje se conspira para me fazer rir!

- Priminha, bem eu digo: Você não tem alma poética.

- Por falar agora me poética, você que é meia literata, diga-me alguma coisa sobre a nova folha literária, publicada no Rio Grande – a *Estreia*.

- Achei o programa de gelo, e mesmo os demais assuntos da folha não foram boa escolha como principiantes. Contudo não deixarei de a proteger.

- Pois eu não, devolvi o número que me mandaram. Poderia fazer como o primo João Guilherme que lê os jornais a custa dos vizinhos, e, portanto, a priminha me enviará sempre se quiser-me fazer esse favor.

- Pois não, com muito gosto.

- Sabe, priminha, que tenho uma novidade.

- Conte-me.

- Um dos nossos leiloeiros andou dando bofetadas a torto e a direito.

- Diga-me isso tim-tim por tim-tim.

- Hoje não o negócio tem sua gravidade.

- Não foi ao baile?

- Oh se fui, pois então pensa que deixaria de frequentar uma tão bela reunião.

- Não trouxe alguma novidade digna de se ouvir?

- Muitíssimas. Primeira que a priminha lá da praia rasgou o vestido duas vezes. Uma delas foi o Ribeirinho com todo o seu *san-façon* (como ele diz). Ouvi ele dizer lá no baile que tinha logrado ao sócio; essa importante criatura este hospedada no seu manequim que honrando-se reciprocamente, fez-me o segundo *vis-a-vis* do primeiro e levemos uma contra dança toda errada. Os homens estavam a três por duas moças – quase que jogava aos empurrões.

- O que deploro, prima, é que lá não estivesse o maníaco para assumir o comando dos tolos.

- O Leão de S. José que lá foi saiu apelidado por Senador Quati d'uma rosa de amigos. Foi espirituoso o protolo. Ia ele passando junto a um grupo quando diz um moço a outro "Que Senador. Que Quaty", diz o outro "Que Senador Quaty", diz terceiro.

Ah! Ah! Ah! Não lhe cabe, priminha.

- Porque?

- Os quatis tem dentes muito afiados; e ele não os tem.

- Mandou-os buscar a França.

- Ou a Inglaterra?

- Talvez.

- Priminha, é preciso acabar com a palestra.

- Mas ainda temos alguma coisa do baile. Inda não lhe disse que o primo F. fez uma declaração a uma beleza da rua Augusta.

- Qual?

- Não lhe digo, o cunhado é assinante do Diário e se vê tal nome aqui, deiza a assinatura. A outro. Enfim, para concluir com as notícias do baile digo-lhe que este esteve muito bom, a mesa esplêndida, o presidente obsequiado e os empregados da presidência todos risonhos.

- Que música foi essa ontem à noite?

- Dizem que esta serenata foi de dedicada ao Dr. Garcez, por ter sido reconduzido no termo.

- Bem merecida. Provas de demonstração como esta merecem a nossa aprovação.

- Apoiado.

- Priminha, já vou. Adeus!

- Espere, olhe que não falemos ainda no amigo Marçal.

- Esse fica de hoje em diante feito lampião de esquina, pelas suas boas prendas.

-Ah! Ah! Ah! Ah! Você é dos diabos. Adeus.

- Não vá correndo que pode cair.

- Até outro dia.

Pelotas, 28 de abril de 1865.

DIÁRIO DO RIO GRANDE, 20 DE ABRIL DE 1865, P.2.

Palestra Pelotense

Visita das Priminhas.

Aleluia! Aleluia!

Peixe no prato, farinha na cuia!

- Que isso, priminha, você com ditos de moleque?

- Está enganada, eu vi essa galante frase a uma moça muito faceira na procissão da Ressureição.

- Se nós fossemos repetir todas as asneiras que ouvimos estávamos bem servidas.

- Sabe, priminha, que vim disposta a tagarelarmos a respeito da Semana Santa; você dirá o que viu, e eu da minha parte farei outro tanto.

- A Semana Santa, priminha, é a cerimônia mais sublime da nossa religião, porém são poucos os que lhe dão o justo valor, a maior parte do povo que vai a igreja, vai mais por luxo, ostentação, vaidade ou passatempo do que por devoção, e a prova é a falta de respeito que se observa em todas as classes da sociedade, (com raríssimas exceções), aqui o potentado, deseja que todos tenham cem olhos para melhor poderem ver a *teteia* que traz ao peito; ali o agiota em vez de contrito pedir ao redentor misericórdia e perdão, discute sobre a última quebra, e conta aos seus amigos em alto e bom som a estratégia que fez para sair-se bem da *rascada;* acolá rapaz imberbe fala de suas conquistas amorosas, como se estivessem em algum botequim, nós outras, priminha, olhamos com indignação para todas aquelas que tiveram a ousadia de apresentar-se com atrativos mais custosos e de melhor gosto do que em nossos e rimos com galhofa zombeteira daquelas que não podem igualar ao nosso belo e esmerado trajar.

- Porém, priminha, isso já é tão velho e sabido que não vale a pena falar-se.

- Antigamente não era assim, havia mais respeito e religião, o povo tinha mais contrição e recato, raro era aquele que não se confessava, porém hoje tudo está mudado, já ninguém procura o confessionário a não ser o adamado janota que em falta de banco ou cadeira para dar algum alívio aos t*erneiros* quando a apertada bota os incomoda, busca o confessionário para descanso.

- Oh! Gentes não querem ver não? A priminha a pregar moral como um rabugento capuchino, você que é uma de tantas que também faz por lá o que pode; mas olha que eu não vim cá para ouvir sermões.

- Foi a procissão do encontro?

- Fui, e fiquei bastante zangada em ver a falta de respeito de certa gente. Por várias vezes tenho falado no abuso que há de ver-se procissões de carro; já era tempo de acabar-se com tamanho escanda-lo.

- Porém, priminha você o que quer que faça?

- Eu entendo que a polícia, se quisesse, podia acabar com este abuso.

- Lá isso é verdade, priminha, eu também acho muito feio este costume, porém como geralmente e a gente grada do lugar que assim pratica, talvez seja difícil.

- Pois eu prometo, que para procissão de nosso padroeiro ei de tomar nota dos que não podem ver procissão a pé e apresenta-los todos na palestra.

- Apoiado, priminha, porém o melhor era fazermos um pedido ao nosso delegado, e estou certa que se ele nos atendesse fazia um grande serviço, porque evitava um grave abuso que se comete contra a religião e a civilização dos povos.

- Acho boa a procissão do enterro?

- Não esteve má. A Verônica cantou muito bem; tanto ela como a Magdalena e as Beús são órfãs do asilo.

- A prima Maruca me disse que antigamente a Magdalena ia com os cabelos caídos, porém como agora já não se usa, talvez mude a moda... Notei também uma grande quantidade de guris que iam com opas, ao passo que deixaram de dá-las a muitos irmãos que desejavam ir fazendo parte da procissão; eu acho que é melhor irem homens na procissão do que crianças, porque não só caminham com mais ordem e respeito, como não é tão feio.

- Não é tanto assim, priminha, os encarregados das procissões veem-se em talas para obterem quem receba uma opa, e por isso lançam mão da rapaziada miúda, quando algum destes janotas cá da terrinha passam pela sacristia e o irmão caríssimo lhe oferece uma opa, eles dão uma risadinha de mofa, fazem meia volta e põem-se ao fresco.

- Na procissão do enterro é que aparece a devoção, porque um quer apreciar a voz da Verônica e ver bem de perto seus ademanes, e de que maneira trás o penteado; outro que não aprecia o canto deseja ver com atenção se o S. João é bonito, e como Magdalena vai junto do mesmo. Aproveita a ocasião e vê ambos; a curiosidade é parto da humanidade e o devoto que acompanha a procissão por devoção quer ver desde a cor dos sapatos até o tamanho do véu da Magdalena (Porque agora é moda ir a Magdalena de véu); eis ai a razão porque nesta procissão são procuradas as opas.

- Diga-me, priminha, quem foi que lhe contou tudo isso?

- Para dizer-se o que está ao alcance de todos não precisa mentor. As procissões deveriam terminar, porque a corrupção do século assim o exige. Quando no templo não há respeito, que fará nas ruas? Aqui um fuma no seu aromático Havana (que não passa de péssimo Bahia), outro recostado no seu elegante carro, do qual o segeiro ainda espera o importe, vê passar o SS. SS. Com menos reverencia do que se fosse uma dama de tom; mas além ditos grosseiros, chalaças pesadas, e toda a qualidade de indignidades se praticam na ocasião que passam as santas imagens; era melhor que tanto dinheiro gasto para arrefecer o espirito religioso do povo se empregasse nos melhoramentos da igreja, que precisa de um retábulo, já a longo tempo reclamado N. S. das Dores precisa de um novo vestuário, porque o que tem já está incapaz de aparecer pelo seu estado de velhice.

- Está bom, priminha, você tem razão, porém vamos tratar de outras coisas, porque a respeito de igreja você hoje está mais rabugenta que a velha Ludoviana. O que me conta a respeito dos acampados no potreiro?

- Disse-me o primo Antonico que o major não se tem importado com a fiscalização do corpo, e que, desde que foi nomeado instrutor, só tem havido cinco revistas; diz mais que, - desde que chegou só vai ao acampamento de manhã e de tarde para dar milho aos pingos, que está preparando para uma carreirita!

- Disse-me o primo Marçal, que é vizinho de ambos, que foi por causa de um cachorro.

- Então, priminha, se a questão é de cão, passa *fora*!

- Foi ao baile do Club?

- O primo Couto teve a bondade de nos convidar.

- E que tal, priminha? Provavelmente como no antigo costume: grande enchente de bancos!

- Você está enganada; foi um baile foi um baile digno de todo o elogio, honrado com a presença de S. Exc. o Sr. presidente e com mais de cinquenta belas e engraçadas deidades. O primo Couto esmerou-se; foi o primeiro diretor de mês e quis mostrar para quanto prestava; e com efeito conseguiu tudo em muito boa ordem e bem determinado; dançou-se até quase três horas da madrugada. Todos ficaram contentes, alegres e satisfeitos. Eu só que desejo é que os outros diretores sejam o exemplo do primo Couto, para assim podermos ter outros divertimentos iguais aquele.

- Então, deveras não ouve nada nessa grande reunião que mereça debique?

- Nada, priminha, apenas alguns vestidos rasgados, porém isto não quer dizer nada, as culpadas são as donas em faze-los tão compridos e em demasia caldosos.

- Ao menos tem eles a vantagem de limpar as botas dos cavalheiros.

- Priminha, quando encontrar com aquele moço bonito que usa bigode, diga-lhe que quando for ao club tenha mais cuidado com as cartas e com a água da Colônia, ao contrário serei mais explicita... Ele bem me entende.

- Sabe que o capitão reformado José Antônio de Lima vai para a corte apresentar-se voluntário da pátria.

- Faz ele muito bem, Deus o preteja e permita que ele volte são e salvo e coberto de glória!

- Amém!

- Por hoje está fechada a palestra. Agora até depois da festa de S. Francisco, nosso padroeiro que é domingo:

E tudo que houver lhe darei parte,

Se a tanto me ajudar o engenho e arte.

Pelotas, 17 de abril de 1865.

DIÁRIO DO RIO GRANDE, 7 D EMAIO DE 1865, P.2.

Palestra Pelotense

Visita das Priminhas.

- Se eu não lhe tivesse prometido de lhe vir visitar depois da procissão do nosso padroeiro, por certo que tão cedo não lhe havia de aparecer.

- Então porque, priminha, acaso está zangada comigo?

- Não é esse o motivo, e sim o já ir me aborrecendo de palestrar, houve tempo que a nossa palestra era procurada e desejada como nunca foi artigo algum noticioso cá da nossa boa terra, hoje, porém vejo que já não é buscada com o mesmo interesse, e até há por aqui línguas danadas que dizem que a palestra já tem outros palestreiros e que agora está muito desenxabida.

- Você quer ver como ela torna outra vez a ficar na ordem do dia? Não tenha contemplação, e vá lhe dando rijo e parelho, e você verá, priminha, como logo a tornam a achar chistosa e prasenteira, desengane-se menina, o nosso povo não quer panos quentes, diga por exemplo que o Paroba não deve maltratar o infeliz Marinho tão desumanamente; que as autoridades não deviam consentir nem tão pouco ordenar que se arregue de ferros até ao pescoço, um infeliz que a sorte ou destino o impeliu para o caminho do crime.

- Porém, priminha, este moço diz que falsificou a firma do Paroba.

- É falso, o mesmo Paroba o reconhece verdadeira, porém diz foi obtida com estratégia, isto contudo não está completamente provado, não quero com isso defender Marinho, só o que digo é que não é justo o estarem martirizando aquele infeliz sem estar julgado e condenado por este novo crime, e mesmo assim não há condenação que sujeite o criminoso a tortura, o tempo da inquisição já se acabou, estamos em um pais livre e jamais devemos consentir que se calquem aos pés as leis da humanidade; além disso daquele moço é estrangeiro e de maneira alguma devemos procurar novas complicações, seja embora assassino ou ladrão; temos leis no pais para condenar ou absolver, não é preciso que a autoridade ou o carcereiro se constituam verdugos e flageladores; respeitem ao menos a desgraça!

- Porém, priminha, o Paroba está quente, querem lhe abiscoitar a modo de fosforo um cobre tão grande!

- Razão mais que suficiente para não maltratar aquele que está debaixo das garras, espere que o tempo e as circunstâncias o justifiquem.

- Basta, priminha, de falar mais a este respeito; diga-me que tal achou a procissão de S. Francisco?

- Você bem sabe qual a minha opinião a este respeito; não gosto de ver os santos na rua, porque no meu fraco entender não são as procissões que infundem mais religião no povo, luxo e vaidade e nada mais, aqui um S. João muito pequeno com um carneiro muito grande, ali um S. Francisco de botes e outro quase de pé no chão, a grande comitiva dos anjos com mais joias que a taboleta de um ourives, junte-se a isto a grande infinidade de carros, ônibus e carrinhos que em todas as esquinas e praças aglomeram-se repletos de madamismo e cavalheiros de bom tom.

- Então, priminha, quem foram os que viram a procissão de carro?

- Foram tantos que nem me dei trabalho de reparar, porém o que chamou mais atenção foi o meirinho Jaques que de paletó de brim e com aqueles olhos muitos espantados não quis deixar de ver a procissão recostado e com menos respeito do que quando vai a audiência de juiz de paz, porque quando lá vai sempre enverga o velho robição de cor duvidosa e está de pé.

- Há quem diga, priminha, que ele nem para meirinho serve.

- Eu seja freira se duvido.

- Então, priminha, a castanheira acabou com o negócio?

- São negócios. Porem eu não sei como lhe irá de amores; há por aqui sujeitinho mais fino que cabelo de sapo, mas os credores não estão lá muito satisfeitos com ele, e dizem que – nem tão calva que lhe apareça os miolos-, mas eu creio que nossa senhora da paz se metera no meio, e por fim de contas quem perdeu, perdeu; e faça Deos bom tempo.

- Pelo que vejo, a moda vai pegando, e pouco a pouco vão aparecendo novos rendidos que sararão milagrosamente com uma funda de 50% de abatimento.

- A moda já vem de longa data, e quase diariamente é repetida, e sempre com bom êxito, apenas duas vitimas (as mais inocentes: Antônio Granja e Fontes) sofreram todo o peso rigoroso das iras dos desalmados credores.

- Eles diziam que queriam dar um exemplo forte e horripilantes, para que os outros, com medo dos sérios resultados, deixassem de fazer os seus arranjos.

- Qual, história, priminha, os tais exemplos produziram efeito contrário, porque agora estes meus meninos tem o cuidado de arranjarem as coisas de maneira que se lhe não possa pegar.

- Então quer você dizer que a *castanheira*...

- Eu não digo nada, priminha, o tempo nos mostrará; só o que digo é que o tempo não está para tantas facilidades; hoje aparece aqui um rapazola que não diz donde veio, e que ele mesmo não sabe para onde vai, arranja-se em qualquer casa de caixeiro e as duas por três aluga uma casa, vai ao Rio Grande e volta com um carregamento de fazendas ou molhados, conforme lhe pede a esperançosa inclinação. Alguns até se lembram de serem padeiros e de lá trazem um carregamento de farinha! Naqueles primeiros dias é uma safa safa de meus pecados, porque o que eles querem é botar para fora os objetos que custaram pouco a entrar em casa, depois cavalo na estribaria, pagodes nos hotéis, bailes, o infalível joguinho, e lá vai tudo quanto Marta fiou.

- Você, priminha, é severa demais, não dá desconto a nada, nem ao menos quer que os rapazes se divirtam...

- É por isso que o comercio definha lentamente com essa ameia dúzia de vampiros que o rodeiam; e fique certa, priminha, que não para aqui o estado dessas coisas; olhe que não são só os esbanjadores que flagelam os negociantes de grosso trato, há também os especuladores, e estes são os mais perigosos, porque não comem só por uma vez... há sujeitinhos por cá que já tem sofrido três rupturas, e inda não usam funda; apenas aumentam as propriedades e compõem as velhas a proporção que vão arranjando os seus arranjos.

- Priminha, você sabe tanta coisa, não me ensinará o meio para eu fazer o mesmo?

- Para tudo precisa jeito, saber, valor e arte, e você, priminha, é uma desengonçada que não tem jeito para nada.

- Mas, enfim, sempre é bom dar-me algumas explicações.

- Nada, priminha, não quero que digam que eu ando dando lições de cartilha do padre Antônio Vieira.

- Qual, priminha, há por aqui cada mestre jubilado, mais versado nessas coisas do que nós em palestras.

- Façam como fez o primo Domingos do burrico, que não lesou os credores, e em menos de três anos obteve uma regular fortuna.

- Há outro que diz que há de fazer o mesmo.

- Quem é, priminha?

- O menino da bandeira.

- Ora, qual, não lhe vejo jeito, só se for dando quatro balastradas por um patacão.

- Olá! Pois ele tem tão belos costumes?

- Diga-me uma coisa, priminha, ele é Guarda Nacional?

- Não sei, pelo que pergunta?

- Como ele é tão patriota e gosta de desdenhar, é justo que mostre o seu patriotismo prestando serviços à pátria, porque não faz nada demais.

- Infelizmente, priminha, não é ele só que nutre esses maus sentimentos, muitos há que em posição mais elevada não se pejam de insultar com atos oficiais, a grande porção de estrangeiros que habitam a nossa boa terra!

- Você o que quer, priminha, são coisas, diz lá o ditado – *quem boa cama fizer nela se deitará* –

- O que me conta a respeito da G. N?

- Pouco ou nada. Aquele fogo de entusiasmo que apareceu quando major tomou conta, já acabou-se; a rapaziada do pote correu as armas, já pensando que o inimigo estava em Santa Barbara, porém como conheceram o contrário voltaram para concha. Os rapazes queriam fazer uma companhia separada e apelidaram-se voluntários! E dizem que só vão lá com essas e aquelas regalias, ao contrário que não se juntam com a bagage!

- Ai está, priminha, o que eu não posso ver, são todos guardas nacionais, brasileiros e gostam das mesmas garantias, no entanto uns querem ser mais fidalgos que os outros, aqui o homem casado em com filhos, que vive do seu trabalho, é obrigado a ser reto no seu serviço; ali o filho do rico, e muitas vezes o janota pobre, porém como tem seus conhecimentos, é dispensado dos destacamentos e pode faltar as revistas que nada lhe acontecerá!

- Você então, priminha, quer regenerar o mundo? Deixe-se disso porque perde o tempo e não arranja nada; olhe, priminha, inda ontem na procissão algum dos tais janotas derma o cavaco porque houve quem tivesse a ousadia de se misturar pelas outras companhias.

- Sabe, priminha, que precisamos de agentes para nossa palestra?

- Pois eu já sei de muitos que nos desejam ajudar, e que não sabem a quem se devem dirigir.

- A coisa é simples: o Diário tem agente em Pelotas o qual em carta fechada remete tudo para o primo lá do Rio Grande, e por isso, quem nos quiser fornecer alguns apontamentos já sabem onde hão de se dirigir. Porém muitos o que querem é entrar no segredo da abelha para conhecer o nosso físico.

- Eles que esqueçam-se disso, porque é do que deus os há de livrar.

- Participo-lhe que temos mais um jornal novo cá da terra, o qual chama-se Progresso! Oxalá que a sua duração seja longa.

- Pode ser, priminha, porém o povo já está tão escaldado que só por muita felicidade de poderá aguentar.

- São horas e eu vou me retirar.

- Já, priminha, quando volta?

- Quem sabe... talvez domingo se Deus e o frio não mandar o contrário.

Pelotas, 4 de maio de 1865.

DIÁRIO DO RIO GRANDE 20 DE MAIO DE 1865, P.2.

Palestra Pelotense

Visita das Priminhas.

Riam-se leitores!

O redator da palestra

- Dones-moi la permision?

- Si vous avez medo de boi brabo entrez.

- Como eide entré si la porte está feche?

- Bem vinda!

- Bem vinda? Então já se esqueceu o meu nome?

- Ora! Deixe-se de graças, priminha.

- Então como vai o estado dessa saúde?

- Belíssimo, priminha.

- Não grite... Silencio! Silencio!

- Então, o que há?

- Ando com muito medo, vim por aqui escafedendo como se fosse atropelada; porque... você não sabe?

- O que é, priminha.

- É negócio de muito segredo, veja que não esteja alguém nos escutando.

- Estou sozinha em casa. A mamãe foi dar os parabéns ao senhor vigário da pessoa do coadjutor. A tia Pulcheria foi a missa, e as crianças foram com a crioula ao mercado ver o dentista e químico, um desses tantos filantes que nos envia a Europa. Mas vamos ao que há, priminha.

- É coisa de segredo, e tenho muito medo, priminha, muito medo!

- Mas o que é?

- É...

- Diga, homem.

- O primo Guimarães está furioso! O álcool chegou a 45 graus!

- Irra! Não vai lhe dar algum ataque apoplético.

- Pois o homem anda por ai a berrar, que nunca se viu maior atrevimento acompanhando de mentira.

- Coitadinho!

- O caso é que nós o tratemos de bigode e pera, e talvez por isso está deixando crescer a braba.

- Isso há de ser porque a menina da escola disse que não é mais bonito.

- Não duvido, priminha, ela é tão espirituosa. Diga-me como vão os *reminiquoquios desse* coração?

- Ora, priminha, você bem sabe que a gente tem um pouco de amor próprio. Além de ter uma rival preferível e bonitinha, passei a três ou quatro dias pela loja e o vi em flardas, digo em mangas de camisa, à lidar com caixões, foi água fria na fervura.

- Você é, muito volúvel, qual pretende agora?

- Eu andava com vontade de guindar-me ao Manequim, porém ele vai muito ao Rio Grande ver a prima, e, portanto, vou ver se pesco o João Rasgado.

- Pois quer se rebaixar, priminha? Você não se lembra que a prima C. disse que ele foi pajem do vice cônsul?

- Pois então verei outro.

- Lembra aquele cágado da rua das Flores.

- Esse já tem o seu – que - béque! Tendo ele mesmo um béque excelentíssimo.

- Nariz de espantar mosquitos, priminha.

- É formidável! Unido as barbas à inglesa, ninguém pode com ele.

- Ora, a respeito ao béque, sei um Soneto de Quevedo Junior, que é bem apropriado para o moço. Escute: É em espanhol:

Erase um hombre à una nariz pegado,
Erase una nariz superlativa,
Erase una nariz sayon y escriba,
Erase um peje espada muy barbado;

Erase un reloj de sol mal encarado,
Erase un alquitará pensativa,
Erase un elefante boca arriba
Erase Ovidio Nason mas narisado;

Erase un espolon de una galera,
Erase una pirâmide del Egito
Las doces tribos de narices de era.

Erase un naricisimo infinito,
Muchissimo naris, nariz tan fiera,
Que en la cara de Anaz fuera delito

- Bem aplicado, priminha, e serve a ambos a epigrama.

- Vito isso; deve escolher outro, priminha.

- Com o tempo há de aparecer. Temos alguma novidade agradável?

- Sim, priminha, há ainda alguma coisa da procissão, comunicada por agentes; mais vale tarde do que nunca.

- O que há, priminha?

- Disseram-me que o andor da N. S. da Conceição ao sair da igreja ia caindo.

- Notei isso: não sei bem porque, ouvi dizer que era um parafuso que faltava ou qualquer coisa semelhante.

- Seja o que for, prova isso que a ausência do vigário promoveu desleixo. Contaram-me também uma coisa importante e que não tinha reparado. O senador Quaty junto com B., quando começou-se a convocar gente para a guarda nacional a torto e direito, foram dois acérrimos

lidadores para que *tout le monde* aí se apresentasse. Em vésperas de procissão fez-se avisos e pedidos aos cadetes, alguns compareceram, porém os tais senhores andavam de fora fazendo parte da guarda somente com a vista.

- Ora, priminha, você bem sabe, que os postos não chegaram a eles, portanto adeus minhas encomendas.

- Quanto à igreja, no alto junto do altar mor estiveram colocadas umas santinhas... isto é, as Nereidas juntas com a tua rival.

- Que vem a ser Nereidas?

- Não sabe mitologia, priminha?

- Compreendo: queres dizer que eram as primas lá de baixo.

- Tal e qual. As meninas quiseram se mostrar, tem razão; são flores que desabrocham a par da primavera da vida, e que devem perfumar os lugares de mais esplêndido luxo, ornando corações da mocidade que lhes incensa os altares dos encantos.

- Mas, priminha, a igreja não é lugar de quererem sobressair.

- Os tolos em qualquer parte acham palco para suas cenas.

- Vamos as notícias mais modernas, priminha.

- Então me diz a *Estreia* que saiu fora do programa já tão cedo, publicando artigos críticos? Que tal a tua protegida?

- Ora, priminha, ela pretende amesquinhar o *Diário*; mas como é criança (assim diz o programa) desculpa-se; ninguém está livre de inundar-se quando pega um *nenê* no colo.

- Ah! Ah! Ah! A priminha hoje está gaiata.

- Leu uma poesia que venho no Progresso de domingo? A coisa mais asnática que tenho visto.

- Não sei quem tenha coragem de publicar semelhantes linhas sem significação, sem mesmo saber o que diz.

- Olhe, priminha, você se lembra quando há tempos falemos em certo sujeito que parodiava versos das folhinhas? Foi o mesmo que ele fez, agora se quiser ver recorda ao 1º número de *Aurora do Sul*.

- Não duvido. *Numerul Stultorum est infinitus*.

- Olé! Olá! Temos l*atinórios* por cá?

- Ora qual, disso não pesco eu. Esta frase é predileta de Padre Manoel, que diz leu em um romance de Paulo de Kock.

- Pois ele gosta?

- O hábito não faz o monge, senhora priminha.

- No sábado houveram três casamentos, você não foi a nenhuma?

- Fui a um, priminha.

- Que tal esteve?

- Tudo muito bom, embora não houvesse baile. Só estranhei que fizeram a noiva casar de véu pelo rosto, mas talvez seja moda.

- Não me consta, ao menos nenhum figurino vi que estivesse assim. Não houve mais nada?

- Só pude apanhar um espiritosinho engraçado num dos Sete Infantes de Lara, como lhes chama o Augusto.

- Pois conte, priminha.

- O causo foi assim: a prima Minerva, estava muito melancólica, talvez lembrando que tão cedo não passará pelo mesmo ato; quando chegando-se a ela uma outra prima lhe disse: "Que tem, que está tão triste?" responde-lhe o cujo muito apressado: "Deve ser, minha senhora, saudades dos tempos vindouros".

- Olhe como o moço é brejeiro!

- Qual, priminha, ele julgou que havia um acertado gracejo. É tanto que como ninguém espera destas coisas de tais pessoas, não perceberam como eu, que ri-me a fartar.

- E a respeito do noivo, que me diz, priminha?

- Honra ao homem que não rendeu-se aos caprichos da família e só deixou-se guiar pelo coração e a palavra. Ações vencidas como esta, são brilhantes! Foi o - *quero* – mais sublime de uma alma grande e nobre.

- Um futuro venturoso coroe a vida dos noivos.

- Muito bem, priminha.

- Agora vou lhe dar depois de uma notícia alegre, uma bem triste e desagradável.

- O que será, priminha?

- Estamos com uma epidemia terrível em Pelotas.

- Qual? As bexigas?

- Ainda mais terrível.

- Febre Amarela?

- Ainda mais, priminha.

- O cólera morbus?

- Ainda mais, priminha.

- Diga, diga, que eu não posso adivinhar.

- Pois olhe, é um cão danado que infesta as ruas da cidade.

- Para que os fiscais não lhe dão boas?

- Já é curado do veneno. E dizem que veio descobrir quem são os da palestra.

- A esse respeito toda cidade já sabe que é o Pereirinha da Coletoria com os seus óculos imutáveis.

- Isto é boato espalhado pelo taberneiro.

- Vamos ao que serve: participo-lhe que estou formando um Olimpo Pelotense.

- Homem, isto é, de muita utilidade para nossa palestra. Me diga, quem é a Vênus?

- Isso com o tempo, priminha, você já sabe quem são as Nereidas, a Minerva e pouco a pouco saberá tudo. O Bacho já hoje entra nesta visita, não tratei por mal, mas de hoje em diante assim será.

- Então é o primo Guimarães.

- Sim, priminha, você sabe que conhecimento com um moço que caindo assentado não pisa os ossos?

- Quem é?

- É um tocaio de N. S.

- Que homem feio, cruzes!

- Lá pelas bandas do estaleiro há quem o ache bem bonito e *Cadaval*.

- Pois deveras?

- É tal e qual, todas as noites ele faz esse itinerário que deve ser bem maçante.

- Que cargo terá ele no Olimpo?

- É Vulcano

- Só concorda na fealdade, pois não é ferreiro.

- Mas já foi ferragista que é a mesma coisa.

- Porém não é coxo.

- Pois então você quer tudo igualzinho? Irá alguma coisa do físico e do moral, porém tudo completo é impossível.

- Estou ansiada por saber quem é Saturno.

- Oh! Priminha, não adivinhou quem é o João?

- A respeito de filhos... hein?

- Com esta minha lembrança vai aparecer muita gente boa em cena. Você me convidou na visita passada à cascar de duro, porém eu acho melhor é irmos por pagode e assim seremos mais divertidas.

- Não sei, pensarei a respeito, e ei de responder na próxima visita.

- A secretaria regressou a Porto Alegre no sábado; os empregados iam bem contentes, porém o Camarguinho deixou uma prima da rua do Comércio bem triste e desejosa que ele volte em breve, ou que a guerra envie outra vez a presidência para aqui.

- Coitadinha!

- Então a prima *Mamaselle Roche*, dizem os vizinhos que a viram chorar abraçada com o velho Germano.

- Pobre *Mamaselle*! Como vai ela a respeito dos faniquitos e ataques? Não teve algum?

- Julgo que não, porque não estava na loja do *Lampião*.

- S. Exc. também partiu na quarta-feira?

- É verdade, priminha, teve um numeroso acompanhamento por despedida, além de que parte da secção acompanhada de música, postou-se no porto em guarda de honra.

- Priminha, para a seguinte palestra temos que tratar alguma coisa sobre o vis- para o *Restaurante de Paris*. Por agora tenho a lhe dizer que é melhor você ir-se embora que são nove horas e eu estou com muito sono.

- Muito agradecida, priminha, é muito agradável essa política.

- Não se zangue... Sim? Eu lhe digo isso é porque tenho de mandar participar ao primo Braguinha (do Rio de Janeiro) que os apontamentos que nos enviou não podem ser mencionados, por serem inconvenientes a instituição da palestra.

- Peça desculpa de lhe termos conhecido a letra.

- Está bom, puxe com a trouxa.

- Tenho mesmo de me ir; vou passar pela loja do pau-preto, que recebi recomendação. Sobre – maneiras afáveis – que se vendem muito baratas.

- Ah! Venha cá, priminha, eu li esse anuncio no Noticiador. Deixe-me rir. Ah! Ah! Ah!

- Cá está o jornal por acaso.

- Leia, priminha.

- Escute: “Os anunciantes possuem sempre em sua casa um completo sortimento de fazendas e miudezas, assim como a boa disposição! E maneiras as mais afáveis para em tudo bem servirem as pessoas que se dignarem concorrer ao seu estabelecimento”!

- Ah! Ah! Ah! Priminha, que fatuidade! Que ridículo!

- Louvor em boca própria é vitupério, diz o ditado.

- Não sei como os homens não anunciaram, que além disso os serventes, (pois, isso é anuncio a imitação de hotel); são duas carinhas bem simpáticas dignas dos beijos de lábios femininos e belos.

- Eu grito pelos homens: “Cheguem-se fregueses, a boa disposição e as maneiras afáveis (com um f só); unidas a uma Pomba de Ouro o quanto há de mais belo, sublime e asnático”.

- Priminha, de quem será a ideia?

- Acho que o anunciante escreveu dormindo.

- Acertadíssimo, priminha.

- Estes ficam no Olimpo firmados por Prometeu & Cupido, adeus.

- Au revoir.

Pelotas, 14 de maio de 1865.

DIÁRIO DO RIO GRANDE, 26 E 27 DE MAIO DE 1865, P.2.

Palestra Pelotense

Visita das Priminhas.

- Etxim! Etxin!

- Que é isso, priminha, está constipada?

O insuportável defluxo
Fez-me tão grande pigarro,
Que até mesmo dormindo
Espirro, tusso e escarro!

- Oh! Oh! Já vejo que vem hoje com a veia poética afiada, e por conseguinte temos versaria por dê cá aquela palha.

- Qual? Já a longo tempo que tenho a lira quebrada e por conseguinte não posso versejar.

- Cuidado! Não lhe vão abrir alguma falência, como fizeram ao ti-tio da preta; olhe que agora o caso não está para descuido.

- Nada há de recear, a minha lira não está comprometida nem faço transação alguma com ela, você bem sabe que quando eu andei pelo ELICON, as Musas consentiram que eu tomasse alguns tragos das águas de CASTÁLIA, os quais fizeram germinar esta veia poética que me inspira a dedilhar na lira algumas modulações; já vê, pois, tendo nestas condições, não a posso vender nem hipotecar, sob pena de sujeitar-me a algum embargo.

- Foi justamente o que aconteceu com o ti-tio, quis desfazer-se daquilo que só era dele de fato, mas não de direito, e ei-lo agora em camisa de onze varas!

- E como se sairá agora dessa rascada!

- O caso está mesmo preto, porém o filhinho trobetinha, como de tolo não tem nada, há de dar algum jeito ao negócio, e mesmo o ti-tio já é vaqueano, nesses arranjos e por cujo motivo a de lhe dar alguma saída.

- Ele é que já por causa das dúvidas saiu de Pelotas até ver em que param as modas; e mesmo porque não quer agora muitos negócios com Plutão nem com a casa do pouco pão.

- Quem é Plutão, cá no nosso Olimpo!

- Ora, priminha, você agora está se fazendo de sonsa; você então não sabe que a Mitologia diz que este Deus não era dos mais claros e que trazia sempre grande porção de chaves nas mãos?

- E que nome compete ao ti-tio?

- Creio que é acertado o de Mercúrio, e como falta-lhe o Caduceu, pode servir de um *pot de chambreda* comandita.

- Já que você, priminha, falou neste objeto de tanta serventia, saiba que o Janjão quis também vender as quinquilharias para assim depois os credores não terem em que lhe pegar.

Que este pássaro é mui finório
Já é público e notório.

- Porém o ex-sócio teve quem lhe assoprasse ao ouvido, e protestou contra este arranjo.

- Então desta vez não foi tão feliz como quando fez aquele abafamento na letra que passou a seu Vênus que mora lá para banda da serra, dentro de uma caldeira, por ter ela servido de medianeira no casamento daquele sujeito que embora não veja ninguém, sempre diz Vi Ana!

- Bote já, priminha, este marreco no Olimpo com o nome de Narciso, não só por ele ser muito formoso como porque reúne na sua tenda todas as noites grandes número de Ninfas, as quais vão lá para verem a luneta do patrão ou então o idiotismo do caixeiro.

- Este, priminha, já não está lá, e por sinal o tal Narciso não lhe quis pagar e salário.

- Sabe, priminha, que prenderam a uma nota de música que mia muito?

- Provavelmente é algum si-mi-ão.

- Creio que sim, e dizem que por nada, apenas unicamente por jogar o ponto maior.

- E diz você que isso não é nada, priminha, louvores sejam dados a quem tal praticou, porém é preciso que a lei seja igual, não é só lá que se comete este abuso contra a lei, a moral e os bons costumes; há por ai imensidades destas casas que só servem para perdição e descredito de muita gente; a polícia, priminha, devia proibir os tais jogos de visporas, porque a sombra deles é que se botam os outros em pratica; entrai, priminha, em uma casa de vispora, e lá vereis o que há de mais repugnante, imensidade de homens a maior parte mal vestidos, porque geralmente (salvo raríssimas exceções) é a classe mais necessitada que lá vai, todos ávidos em ganhar o dinheiro dos parceiros, esquecendo-se que o único que ganha é o dono da *traficância*,

aqui o oficial de oficio que todo o dia curva-se ao peso do trabalho lá vai deixar o fruto do seu suor; ali o incauto tropeiro que depois de mil vigias e arriscados trabalhos, também deixa cair uma a uma as moedas que traz na guaiaca e que as poderia empregar com mais proveito, mais além o pai de família inexperiente deixa de comprar o necessário para mulher e os filhos e lá esbanja muitas vezes o dinheiro que mão caridosa lhe emprestou para suas maiores necessidades. Depois o tal que apregoa as bolas para dar mais chiste ou negócio, inverte os números com palavras indecentes que são recebidas pelos circunstantes com asnática galhofa, e que são ouvidas pelos transeuntes a quase uma quadra de distância fora daquele lugar! Junte-se a isto as bebidas espirituosas que o dono da casa com economia distribui pelos fregueses para lhe dar mais animo e faze-los esquecer que à proporção que vão aquentando a cabeça vão esfriando os bolsos. – Venha mais canha, diz um dos convivas quase descalço, cor de jacarandá, ao qual o dono da brincadeira não tratou de indagar se era forro ou cativo. – Eu quero misturada com capilé! Grita rapasito esfarrapado com o seu cigarro ao lançante, o qual apesar de sua pouca idade, mostra estar mais versado nos usos e costumes da casa do que ler a doutrina! O copo gira de um lado para outro! Todos bebem, e insensivelmente vão se enraizando dos infernais vícios em toda aquela gente, - jogar e beber!

- Você também, priminha, carrega muito nas cores e faz com que o quadro que acaba de desenhar fique escuro demais.

- Está enganada o quadro ainda não está concluído, porque quando chega a hora de fechar os estabelecimentos e do povo retirar-se as suas casas, se pensa, priminha, que toda aquela gente ali reunida faz o mesmo, engana-se; retiram-se ao mais recôndito esconderijo da casa e principiam no infernal ponto maior, ai é que dão-se episódios grotescos e desagradáveis, todos se amontoam em roda de uma mesa, sobre a qual está a *trapizonga* e junto a ela o tal apregoador de imoralidades, - tomem seus lugares e falem baixo, diz ele, e pergunta: quem quer bola? Eu, eu, dizem todos a um tempo, - pois então cai na água.

- O que quer dizer, cai na água, priminha?

- É uma gíria de jogador que significa pouco mais ou menos pedir esmola de trabuco engatilhado; porém como ia dizendo, todos maquinalmente levam as mãos aos bolsos e vão tirando o dinheiro que lá encontram para assim estar mais pronto a ficar sem ele, o dinheiro cai sobre o tabuleiro, contam-se as moedas, abre-se a BOCETA DE PANDORA o lá sai igual número de bolas, e quem tem número alto fica contente, mas inda receoso que lhe matem o ponto espera com ansiedade que todos se digam, aquilo é obra de um momento, o que ganhou

recebe o bolo já dizimado pelo EPÍMETEO. A cena repete-se, é o que teve bola baixa muda de lugar em busca da melhor sorte. – Você não estava ali, diz o número três que ficou sendo quarto com a mudança do companheiro. – Tudo é lugar, redargue o outro, a terceira bola é minha. – é minha, diz o outro e aí começa a algazarra. – Falem baixo senhores, a patrulha pode passar. – Pois eu tenho razão, repete o tal número três, estava aqui sossegado e vem esta tranca tirar-me a sorte, - tranca não, veja como fala, olhe que dou-lhe com este castiçal pelas trombas. – Você não é capaz, diz o outro levando já a mão a cintura em busca do ferrinho companheiro inseparável de todos que frequentam aqueles lugares; e ali trava-se uma desordem, tudo grita, embora o BOCETA repita que não falem alto, os ânimos sossegam, mas de repente aparecem novas dúvidas, um desconfia que o companheiro da esquerda ficou com a bola, ordena que se conte todas, outra dúvida de número alto da bola do vizinho da direita e quer vê-lo, este quer comprar mais de uma, aquele não consente e finalmente seria um nunca acabar se eu fosse repetir tudo o que se passa naquele recinto com tais ocasiões. O divertimento acaba alta noite, e todos retiram-se com a cabeça pesada e os bolsos leves, a chuva e o frio transpassam-lhe a pouca roupa que os envolve, e depois mais tarde, as constipações e os defluxos acarretam moléstias que deteriorando a saúde, privam de ganhar o necessário para os arranjos da vida!

- Você, priminha, é uma moralista terrível.

- Porém tenho consciência que tudo que digo infelizmente é verdade e não cessaria de bradar: *Autoridades de Pelotas! Proíbe o quanto antes estes focos de perdição da mocidade! Atendei, e vede que com isto prestai um relevante serviço à sociedade em geral; extirpai destes antros de perdição esta cáfila de vadios e vagabundos; e exercito precisa de gente e lá eles prestarão serviço da pátria!*

- Bravo, priminha! Venha de lá um abraço bem apertado, você hoje falou com cabeça. Que importa que meia dúzia de vampiros conspirem-se contra nós temos os homens sensatos que aprovarão nossas palavras, e com isto estamos satisfeitos.

- Acho-me bastante fadigada, e por hoje retiro-me, terminado a nossa palestra, agora prometo-lhe ser pontual todas as semanas.

- sim... sim, você sempre está com estes prometimentos e sempre fica em falta.

- Não, priminha, agora por certos motivos não ei de faltar, o que é preciso é que o primo lá de baixo não demore muito com as tirinhas sem as publicar.

- Isso fica a meu cuidado.

Pelotas, 21 de maio de 1865.

DIÁRIO DO RIO GRANDE 2 DE JUNHO DE 1865, P. 1 E 2.

Palestra Pelotense

Visita das Priminhas.

Truz... truz...truz...

- Ó Quitéria, vai ver quem bate na porta com tanta força; se for o padeiro diz-lhe que para outra vez seja mais moderado.

- Sou eu, priminha, pois já são essas horas e você metida entre lençóis? Sempre você é muito preguiçosa.

- Você por cá hoje é novidade; o que foi que a obrigou a sair de casa quase de madrugada e em dia de semana.

- Unicamente para cumprir a minha palavra, tinha lhe prometido na minha última visita vir todas as semanas, e como não pude vir cá no domingo, venho hoje.

- Qual não pode vir, a priminha o que teve foi preguiça.

- Eu já vou lhe expor o motivo que me privou de a visitar no domingo; no sábado fui ao baile do Club; no domingo levantei-me tarde e nem tempo tive de ir a missa; de tarde fui ver a ponte nova e o enterro do preto mina!

- Então já sei que hoje temos o saco cheio de novidades, vá, principie pelo baile, e diga-me que tal esteve.

- Um baile é sempre como todos os outros, dança-se, joga-se, fala-se em política, na vida alheia, rasgam-se vestidos, os rapazitos da moda fazem declarações amorosas, sempre no mesmo gosto e estilo, todos julgam que são bonitos e amáveis, e que dançam maravilhosamente, embora patinem como uma cagado; os glotões tomam chá e comem doce a nunca fartar, e as moças dengosas apenas por cortesia umedecem os lábios e tiram da bandeja com a pontinha dos dedos o mais diminuto docinho, dão um jeitinho na cabeça e ficam satisfeitas.

- Não é isso que eu pergunto, priminha, eu quero saber se o baile esteve bom, se foi muita gente e se houve alguma coisa digna de menção.

- Não esteve mal, caminhou tudo na maior ordem possível, houveram seus derriços, porém isso não é de estranhar, você bem sabe que onde se reúnem damas e cavalheiros, e principalmente num baile, o travesso Deus vendado, qual herói:

Que com a ponta do seu gladio

No mapa das nações traçava raias.

Assim ele apesar de menino vai com a ponta da sua flexa fazendo cócegas nos corações da juventude; e as vezes o tal rapaz é tão maligno que faz arranhões profundos, os quais só podem ser curados com banhos de igreja!

- Quem sabe, priminha, se você já sofre o efeito de algum arranhão, e deseja ser curada pelo mesmo sistema que acaba de expor?

- Isso agora a Deus pertence; porém, como eu ia dizendo, a respeito do baile, é preciso perguntar-se aos diretores de mês se é permitido fazer-se tantos convites a pessoas moradoras no lugar, porque aquilo assim não tem jeito.

- Mas, priminha, eu pensava que só iam sócios.

- Qual histórias, os homens querem fazer número, lançam a rede e tudo que cai nela é peixe!

- Quem sabe se é para ver se obtém maior número de sócios?

- O sistema não é dos melhores, por que há por aí muito gandulo que só gosta de divertir-se de meia cara, e assim que o negócio cheira a cobre, mudam de assunto.

- Ollé, olá! Você está hoje toda inspiradinha como um bicho cabeludo.

- Fora a comparação, priminha, diga antes como o primo A. A. que quando fala ninguém da licença para mover os lábios.

- Lá isso é verdade, priminha, tem uma língua!

- Por falar em língua, temos um quidam aqui nesta boa terra, que não é nenhum alfaiate, mas sim um Ministro, que deseja vê-lo enforcado.

- Que diz, priminha, pois você é tão má?

- Não, porém, queria ter o gosto de ver o comprimento daquela língua de serpente difamadora.

- Aposto que terá uma braça ou até mais.

- Quem duvida? Fique com ele no Olimpo.

- Não sei bem se é digno disso, a imortal divindade não é para todos.

- Ora, deixe-se disso, o homem bem merece ser Midas; você bem sabe a fabula do barbeiro (Alexandre) que também é outro falador; proibido de dizer que Midas tinha orelhas de asno, foi desafogar num poço a sua ansiedade...

- Sim, sim; sei isso tudo, porém Midas foi rico, e ele...

- Ah! Ah! Você está enganada um Ministro sempre é rico e além disso ele mesmo o diz.

- Como vamos a respeito do mussiu Vulcano?

- Sempre o mesmo, forjando os raios de sua ira contra nós; e armando-se de faca, punhal, espada, revolveres e cacete todas as noites para fazer o seu perigoso passeio.

- Pobre ente, todos esses fracalhões são sempre uns Martes no ponto de armaduras, porém se forem surpreendidos recorrem as pernas que são armas mais seguras.

- Assim acontece sempre, priminha. Mas o que me admira é que as autoridades não façam cumprir a lei que proíbe andar-se armado dentro das povoações.

- A esse respeito a coisas piores que elas revelam, por exemplo, um cão que mordeu a um menino e deveria ser logo morto, ainda vive...

- Priminha, sabe se o *Restaurant* já foi visitado?

- Não sei. Se as nossas palavras foram vans, os garantidores da ordem, descreem da humanidade.

- Estou achando você hoje muito religiosa, priminha.

- Você ainda não viu nada.

- Já sei que me quer falar sobre as esmolas para a Festa do Espirito Santo.

- É verdade: eis outros abusos, sempre contrário ao bom senso.

- O que é isso, priminha?

- Pois o que quer? Dinheiro para igreja não falta, chega no dia 7 de setembro, não se vê um festejo. Porque em vez de fazerem leilões de Espirito Santo, não o fazem no Natalício da Independência, para libertar escravos?

- Oh! Isso é bonito, memorar um dia de liberdade com uma ou duas liberdades.

- Você pensa que alguém se aproveitar da nossa ideia?

- Creio que não.

- E o que me diz você ao louco projeto de lei do Visconde de Jequitinhonha, libertando a escravatura dentro de 15 anos?

- Aquela é uma loucura, só própria da cabeça escaldada daquele velho caduco e desmoralizado na alta região política.

- Na verdade! Libertar os parceiros... sem que os proprietários sejam embolsados seria uma imposição que traria revolução ao império!

- Mas eu tenho fé que projeto cairá e que seu autor...

- Vamos a outro assunto, priminha, o povo quer notícias; e notícias é o nosso dever dar-lhes.

- É também o que eu gosto, acompanhadas de bastante crítica e com todo seu espírito.

- Alto, não pensem por aí que eu uso o espírito; isto é lá com o primo Baccho.

- Por falar nesse jovem que tão celebre tem se tornado; sei outra cena cômica dele. Contou-me o primo Pedro que o encontrou há dias no caminho da Costa, num fandango cantando acompanhado de viola:

Bebendo cachaça
Comendo feijão
A vida se passa
Com satisfação!

- Pois, priminha, a mim me contaram outra a que dei mais crédito, do que dou a essa. Era uma conversa dele com o petiço.

Dizia o petiço:

Meu sinhô, meu sinhô
Que vida é a sua?
Respondia o primo:

-Bebendo conhaque
Caindo na rua!
-Ai! Gentes que moço!

- Então, priminha, não leu na quinta-feira outro verso do tal poeta – o sonoro Orfeu?

- Ora esse homem! Pois ainda continua? De onde foi parodiado ou furtado este último?

- O Bocage tem um soneto, que o sentido, algumas rimas e mesmo a expressão assemelham-se a essa espécie de Ode; em alguns lugares principalmente como estes:

No soneto:

Louca, cega, iludida humanidade.

Na ode:

No delírio que vives mutuamente

No soneto:

Homem caduco e frágil não ponderas,

Na ode:

Homem, ó homem...

A caso não ponderas:

Ambos os versos, trovão – que esperas?

No soneto:

Miserável de ti

Na ode:

.. e tu miserante.

No soneto:

Que teus bens, teus brasões, tuas quimeras

Na ode:

O que julgas que vale essa nobreza esse ouro...

No soneto:

Ah! Volta, volta olhos mais sisudos

Na ode:

Olha, prevê teu futuro com clareza.

- Está bom, basta priminha, vê-se perfeitamente que o jovem cantor é uma imitação completa; é um eco de Bocage entrelaçado com o sibilar do vento.

- Priminha, é necessário arrancar a máscara a estes literatos de Pelotas, e havemos de faze-lo a todos; com o tempo mais algum cairá na rede.

- Este agora fica com permissão de publicar quantas vezes quiser, ninguém mais crerá nele.

- Porque também que a *Estreia* não mencionou que extraiu do antigo *Álbum Pelotense* o verso – *Adeus à vida*; da *Semana Ilustrada, - O Marido* e outro, que não me lembra de donde, - uma *asneirola* que vem antes do C*avaquinho* que me parece um fio de capim onde terão bastante mastigado?

- Conte-me como vão as obras da ponte nova?

- Estão trabalhando com vontade; o que é preciso é que seja feita de maneira que na primeira enxurrada não aconteça o mesmo que dá outra vez. Aquele lugar tornou-se agora o passeio favorito de muita gente. No domingo então, você não faz ideia do povo que lá estava; eu também fazia parte do ajuntamento. De repente vejo grande número de gente descer pela rua de Hercules e encaminhar-se para a ponte velha; a princípio julguei que era alguma procissão extraordinária, porque vi padres a cantarem e a música a tocar, aproximei-me e conheci então que era um enterro de um paizinho mina. Vi aquele ato, reunido o sagrado, o profano e o bárbaro! Os padres cantavam as orações do finados, a música executava um funeral respeitoso! (não reparei se levavam os tambores cobertos de preto), o povo acompanhava o préstito como quem acompanha um bando de arlequins que andam anunciando o espetáculo, e a negrada julgando estar lá nos confins da África, dava expansão aos seus primeiros sentimentos, que os seus maiores lhe ensinaram naqueles ardentes lugares! Uns gritavam, outros cantavam, alguns dançavam, e os que levavam os tambores e chocalhos próprios para o batuque já os iam preparando para os botar em serviço, de modo que, assim que passaram a ponte, as cenas mudaram-se porque retiraram-se as músicas e os padres, ficaram os pretinhos senhores do terreno e lá foram até o cemitério, onde é costume repetir-se aquelas cenas estupidas e barbaras.

- As autoridades, priminha, devia proibir os enterros de batuque no cemitério.

- Eu assim o entendo, ou bem somos cristãos sou bárbaro; acho muito indigno e até revoltante que em lugar como aquele, digno de respeito e acatamento, vão centenas de negros

e negras fazerem seus batuques por ocasião da morte algum parente; lá o ir música e padres concedo, porque pagam, e aqueles luxos é só para quem quer, gosta e tem dinheiro.

- é mesmo uma coisa incompreensível, priminha, e que eu desejava que me explicasse, porque se o defunto é cristão e recebe da igreja os sufrágios como tais, como vão depois dançar e cantar sobre sua sepultura? Ou bem é cristão ou bárbaro, e se é cristão não pode admitir sufrágios de outra religião, e se não o é, também não pode ir à igreja, nem ser enterrado em cemitério sagrado.

- Já basta de tratarmos de coisas tristes, sabe que a Festa do Divino Espirito Santo está breve e por conseguinte teremos matéria para palestramos a grande.

- E eu, priminha, que gosto dos leilões, porque nestas ocasiões é que a gente recebe demonstrações de amor e simpatia.

- - Ra, qual, são meia dúzia de bobos que vão lá alardear conquistas, e que ficam pensando que por nós recebermos qualquer ramito já estamos morrendo por eles.

- Ande lá, priminha, que você também não desgosta da brincadeira, todos nós temos o nosso bocadinho de vaidade.

- Os que não gostam de festa são, meus senhores, dos visporas, porque dizem que ficam sem fregueses.

- Sem licença para jogarem é que parece que todos eles vão ficar!

- A autoridade presta um grande serviço com esta medida, porque nem no Rio Grande, nem em Porto Alegre há visporas, só aqui é que todos os anos por este tempo aparece esta praga, mais terrível que os gafanhotos no Egito.

- Não é só, priminha, acabar com o jogo do vispora, precisa também terminar com uma sucia de vadios que desde as segundas-feiras até ao domingo de todas as semanas, não fazem outra coisa que estrem por esses bodegões ou hotéis de meia tigela. A polícia que vá a esses lugares... e entre imprevista e lá verá se eu erro. Faça essa gente toda trabalhar, porque a ociosidade em que vivem é que é a causa de muitas vezes de graves delitos.

- Você, priminha, embirrou com os homens da jogatina.

- Creio que presto um grande serviço a eles mesmos; e não só os taludos que são vadios, priminha, anda por aí também um grande número de crianças sem emprego, ótimos para os

menores, que se vão acostumando a vadiação, uns vendendo cigarros, outros servem de condutores de cegos, e muitos nem isso fazem porque passam os dias pelas esquinas a jogarem a bolinha; no entanto que a armada e o exército necessitam de gente.

- Então, você quer que os mandem todos para um barco de guerra?

- Não digo tanto, porém seria bom que a autoridade tratasse de procurar emprego para essas crianças que por ali levam vida de vagabundos, já em tão tenra idade; no tempo do nosso tio Xandoca não se via tanta criança sem ocupação pelas ruas, porque ele tratava logo de as botar em algum oficio e arrumá-los de maneira que ganhassem a vida sem serem pesados à sociedade!

- lá isso é verdade, priminha, e quantos hoje que por hoje andam que se tem um oficio e vivem com decência a ele o devem?

- Quanto então as boas maneiras e os meios brandos não alcançavam felizes resultados, lá iam tocando ao viatico para os menores.

- Você já viu o Almirante?

- Ai está outro infeliz que a seu mau fado o precipitou na loucura depois de o conduzir por quase todos os vícios; inda não há muito tempo que aqui chegou creio que de Porto Alegre bem trajado e ocupava-se trabalhando pelo seu ofício, pouco a pouco foi deixando de trabalhar, entregou-se as bebidas e eis ali o resultado! A fomo e frio transtornou-lhe o juízo e agora vaga pelas ruas da cidade noite e dia servindo de galhofa a muitos que já suciaram com ele.

- Não seria justo que a polícia o que alguma alma caridosa fizesse com que ele fosse recebido na caridade, porque além da falta de juízo, aquele infeliz anda muito doente; e a fome; a má vida que leva o levarão breve a sepultura se continuar a andar assim.

- Oxalá que sirva de exemplo aquele triste espetáculo para os vadios e malandros, que desprezam o trabalho pela ociosidade.

- A nossa palestra hoje esteve muito sem graça, priminha, e por isso não me demoro mais.

- Para a semana teremos matéria vasta; leilões; festa do Divino; fogos; etc.

- Será certo que o primo Marçal vai ser feito imperador este ano?

- Qual, priminha, isto é caçoada.

- Então adeus se encontrar por aí os Santinhos digam-lhe que está nomeado o principal agente das priminhas.

- Qual deles?

- Aquele que escreveu a carta pedindo a viúva em casamento, e...

- Ah! Já sei, priminha. Para a semana sem falta aqui estou...

- Boa noite!

Pelotas, 30 de maio de 1865.

DIÁRIO DO RIO GRANDE, 21 DE JUNHO DE 1865, P.2.

Palestra Pelotense

Visita das Priminhas.

- Saiba, priminha, que estou hoje muito zangada! Irra! É uma falta de atenção, é um desaforo; isto não tem lugar, nós não merecemos ser tratadas dessa maneira.

- Mas o que é priminha? O que lhe fizeram? Quem foi que matou o seu cachorrinho?

- Pois não é assim; torno a dizer, isso não tem lugar, e se continua assim, eu de repente meto a viola no saco e depois adeus as minhas encomendas.

- Eu não compreendo; acomode este mau gênio; oh! Quiteria, traz um copo com água, anda ligeira que a sinhá-moça está afrontada.

- Ora, priminha, não caçoe, deixe-me desabafar, senão arrebento!

- Desabafe, priminha, com seiscentos mil paraguaios, e conte-me as suas mágoas, você bem sabe que eu quero ser sua companheira nos pesares e alegrias.

- Qual paraguaios ou qual carapuça, a minha raiva toda é com o primo lá de baixo.

- Então o que é que ele lhe fez?

- Você inda pergunta? Acha que foi pouca a caçoada em ter lá a nossa última palestra mais de oito dias sem a publicar e depois inda em cima fazer enxertos daquela maneira?

-Ah! Ah! Ah! Deixe-me rir, priminha, eu pensei que o negócio era outro, ah! Ah! Ah! Ora a menina inda é muito criança, você também não dá desconto a nada; ora eu lhe explicou como foi o negócio; em primeiro lugar a respeito da demora, ele deu logo a satisfação ; enquanto aos enxertos, nós é que somos as culpadas em termos declarado que, quem tivesse alguma coisinha boa mandasse para baixo lá para o primo, e ele como já tinha as nossas tirinhas retardadas, julgou que nos fazia grande favor em juntar mais alguma coisa que lhe mandaram como apontamento, e eis ai como foi a história, escusa você estar contra ele dessa maneira.

- Enfim, priminha, se lá como você quiser, eu, porém não estou lá muito conforme com essa razão.

- Acomode esse mau gênio, priminha, já lhe disse, e conte-me alguma coisa a respeito da festa do Espirito Santo.

- Mesmo assim vem a tempo, agora é como lá dizem, caldo requentado, o melhor é não dizer nada, mesmo porque já não me lembra.

- Ora, qual! Não se faça de rogada, lembre-se do que me prometeu...

- Você, priminha, é capaz de comover ruma pedra dura quanto mais corações; pois então fique sabendo que a festa foi regular, não houve sermão; dizem que não houve tempo de ver pregador.

- Está agora é sua, pois então o espaço de um ano não era suficiente? Diga você que aqui só lembram-se do que é preciso na última hora e depois vai tudo aferventando; e o não haver *Imperador* ou Imperatriz, como é costume, também foi por falta de tempo?

- Lá isso não, foi bom acabar-se com essa patacoada que já não é própria para o nosso estado de civilização, inda, porém existem algumas coisas que também deviam terminar, por exemplo, os tais, leilões de gloriosa memória que a título de ofertas transformam a devoção em escandalosa especulação.

- Diga, priminha, o que se havia de fazer então das ofertas que os devotos fazem ao Divino?

- Concede que se fizesse leilão, porém só das ofertas, uma noite era bastante; mas há sujeitinho que manda par aí objetos com preço marcado como se mandasse para o leilão do Geraldo ou do Pedruca.

- Você, priminha, não perde o costume de querer ser palmatoria do mundo.

- Toda vez que eu ver destas coisas, ei de falar, eu já me tenho admirado, como inda a coletora não cobra o imposto destas casas de negócio.

- Então também seria preciso que os leiloeiros pagassem a patente e dessem um fiador.

- Só assim se acabaria por uma vez com o tal barracão que serve de armadilha aos cobres dos palpavos que ali vão alardear a sua toleima.

- Você, priminha, está despeitada porque desta vez o seu querido não a obsequiou com algum raminho, isto é costume dos descontentes, até nas altas regiões políticas há gente desse pensar; gritam e bravejam como endemoniados, porém assim que, alcançam alguma fatia do cofre das graças tornam-se mansos e pacíficos como cordeiros.

- Está enganada, priminha, eu sou firme nas minhas opiniões.

- Sim, sim... eu faço ideia; porém conte-me o que viu lá pelos leilões.

- O que sempre se vê: rapazes janotas, ou por outra, moleques de casaca que acham que qualquer lugar é próprio para praticarem asneiras; um remata uma cara de massa e manda entregar a qualquer senhora que não dá apreço as seus asnáticos galanteios, outros; julgam fazer uma finesa a alguma sinhá de seu gosto – remata uma flor por alto preço e manda o alcoviteiro amoroso daquele lugar, quero dizer, manda um dos tais engraçados fazer a entrega, e vai a menina, guiada pelo efeito da educação, faz a flor em pedaços e atira longe de si; aquele não quer que mortal nenhum tenha a ousadia de mimosear a maninha, e quer logo dar bordoada de cego, (mas é porque vê muita gente ao pé dele); um outro para fazer constar a todo o auditório que tem grande intimidade com qualquer moça, não sai de ao pé dela, trata-a por tu em voz alta, sustenta uma grande conversação que espremida não vale nada; o pregoeiro dança o *Kanka*, dá vivas a rapaziada e pede que o ajudem a viver!

- Oh que quadro interessante, priminha, você tem jeito para descrever estas coisas! Diga-me você foi a todos os leilões?

- Fui, e faço tensão de não perder o de hoje, que, segundo dizem as gazetas, cá da terra, é em benefício da boa morte!

- O tacão, aquele que anda de beiço caído pela filha do major fornecedor, me disse que o delegado tinha posto embargos à ligeireza e proibido a continuação dos leilões.

- A falar a verdade, já basta de folia, nestas ocasiões todos querem benefício.

- Até eu tinha resolvido pedir um benefício para as *Priminhas do Diário*; você o que diz, alcançaria?

- Quem sabe, não seria mau experimento, porém agora gorou o ovo, não é desacertado desde já fazer a petição ao novo *Imperador*.

- Sabe, priminha, vamos ter eleição para nova municipalidade? Porque dizem que há possibilidade de ser anulada a eleição passada! Se é verdade essa notícia, havemos ter mosquitos por cordas; você de que lado é, priminha?

- Eu cá sou sempre da maioria, isto é, do lado que vence; o sistema não é mau; e olhe que não sou eu só que o sigo, temos por cá muito menino bonito da mesma opinião.

- Os *Lordes* cá da terra já andam se desfazendo em cortesias; uns falam em novas nomeações, outros em demissões, os candidatos para diversos empregos já vão aparecendo aos

pares; não tem que ver, teremos os meninos órfãos a cavalo, como diz o Lima, que acaba de chegar da Côrte, dizem que nomeado agente do nosso correio!

- Deveras, priminha? E o primo Diofanes que vai fazer?

- Ouvi dizer que vai organizar uma companhia de voluntários para reserva.

- Com que então, assim sem mais nem menos, tira-se um emprego de um cidadão para dar-se a outro.

- São coisas, porém deixe estar o tacho que nós lhe botaremos as asas. Não o havemos deixar pôr o pé em ramo verde.

- Porém, priminha, o primo Diofanes cumpria bem com a sua obrigação.

- Você o que quer, são efeitos da política.

= Sabe priminha, que o nosso José Antônio de ora avante será conhecido agora no nosso Olimpo pelo nome de POLIFENO.

- Mas não, priminha, ele hoje dá as cartas, e se for imparcial como era o ex administrador, lhe faremos justiça; tempo a tempo.

- Vou me retirar, priminha, para outra visita lhe contarei uma história a respeito de uma letra que é coisa muito interessante.

- Então não se esqueça, que eu desejo saber de todas essas geringonças.

- Até domingo, priminha; olhe só passar pela loja do *Pomba*, diga ao paio que guarda os livros da casa, que não fale tanto na *Palestra das Priminhas*, senão vai direitinho em carne e osso o *Pindo* transformando em PEGASO; diga a ele, priminha, que quem me avisa meu amigo é.

Pelotas, 11 de junho de 1865.

DIÁRIO DO RIO GRANDE, 5 DE ABRIL DE 1865, P.2.

Palestra Pelotense

Visita das Priminhas.

Truz...truz...truz..

- Quem bate à porta?

- Sou eu, priminha Carlota.

- Olá! Bons olhos a vejam; pensei que você não queria mais me visitar.

- A priminha deve saber que eu fui com meu tio para a estância e como ele tomou conta de um fornecimento, esteve lá até se concluir aquele negócio.

- E, é verdade, priminha, os tais fornecimentos são mesmo negócio gordo, o nosso ti-tio não perdeu tempo, hein? Que diz?

- Qual o que, priminha, ele disse que não vale a pena, e que não ganha nem para um par de botas.

- Isto agora é modesta, ele que conte estes *maranhões* a outro, porque comigo não cola; então você pensou que eu não sei que ele já pagou a estância que tinha comprado com o pequeno ganho do tal negócio?

- Xii! Priminha, que mentira tamanha, meu Deus do céu!

- Basta, priminha, não precisa ficar zangada, você bem sabe que com isso eu não tenho nada, é um negócio como qualquer outro, antes ganhar assim do que fazendo quebras fantásticas somente para amolar os credores e ficar habilitado como uma boa fortuna e a prova está naquele figurão lá de fora que tão placidamente arranjou-se de maneira que já dizem por ai que os credores dar-se-ão por satisfeitos se reveberam quinze por cento!

- Você o que quer, priminha, são coisas, como diz o Benguela.

- E você há de ver que a este não acontece nada.

- Isso é velho; no entanto que o Castanheira lá está em companhia do Paroba.

- Quem mandou ele ser tolo por duas vezes, primeiro por apresentar rotura só com a insignificante quantia de doze contos de réis, porque é bem certo este ditado:

Quem rouba pouco é ladrão,

Quem rouba muito é Barão;

E segundo por se deixar agarrar, pois teve bastante tempo de pôr-se ao fresco.

- Você há de ver, priminha, que o vão crucificar no júri.

- Nem a de duvidar, é para servir de exemplo aos tolos que se cansam em quebrar com pequenas quantias.

- Mas, priminha, se ele não quebrou em mais foi porque não pode, a vontade talvez fosse boa.

- Bem faz o *Panela de Chumbo*, que não podendo fazer uma quebra gorda, vai fazendo os seus arranjos, mas o pior é nem sempre sair bem deles.

- Então esse *inocente menino* fez uma das dele?

- Pois você não sabe de um abafamento que ele queria fazer ao Primo Monteiro?

- Não, priminha. Conte-me isso que a de ser importante; aquela *panela de chumbo* não tem mais compostura.

- Ora vá ouvindo: o primo Monteiro comprou ao tal meliante umas pratas e passou uma letra não sei a que prazo; antes porém do vencimento de tal letra, o meu panela vai em casa do primo Monteiro dizendo querer lhe comprar uns adereços, porém baratinho, (e bem barato que ele queria, porque não os quer pagar); mas como ia contando, aparta os adereços e os leva, dizendo que iam para amostra; não os levou mais ao dono e no dia do vencimento da letra desconta-a e nega a divida dos adereços, dizendo que não devia nada!

- O que me diz, priminha? Eu pensava que ele estava emendado dos antigos erros.

- Qual, história, - o que o berço dá a tumba tira.

- O melhor da festa é ele agora querer alegar de homem de bem; o que vale ao primo Monteiro é ele ter testemunhas que viram o negocio dos adereços.

- Embora, não as tivesse, priminha, entre um e outro há grande diferença. O primo Monteiro, durante o longo tempo que negocia, não consta que tenha querido cobrar o que se lhe não deve; a respeito da tal *panela*, todo povo de Pelotas inda se lembra de uma salva de prata que por ocasião de um baile dado na casa da câmara desapareceu de cima de uma mesa foi achada no bolso do cujo dito.

- Foi achada não, priminha, diga quem a visse a salva *pular* de cima da mesa no bolso do tal marreco!

- Então se é por isso, também há quem saiba de cor e salteado a acusação feita pelo promotor, quando ele foi a júri por causa de umas pratas com que arranjou-se.

- Isso também é basofia sua, priminha, uma coisa passada há tanto tempo...

- Pois então, escute, fala o promotor: "Senhores jurados o réu que hoje está a vossa presença é um ladrão! Olhai para aquelas faces onde nem a barra desse tribunal a fazem corar"!!!

- Basta! Basta, priminha, já vejo que você tem uma memória espantosa!

- E é este miserável que inda vem todo lampeiro intimar de homem de bem!

- A culpa não o tem priminha, aqueles que lhe dão importância e que não se desejam associar com ele, que são os culpados; porém o mundo é assim: é bastante saber-se que qualquer individuo tem dinheiro, já não falta quem lhe faça barretadas, embora seja um imoral.

- Você está enganada, priminha, o ter dinheiro equivale a tudo, e é bastante possui-lo para ser homem de bem; e até a quem diga que isso agora é da época, porém eu creio que sempre foi e há de ser assim; é uma das imperfeições da humanidade!

- Diga-me, priminha, sabe se o Manoel do carro já está melhor?

- A última vez que o fui visitar achei muito melhor.

- Deus permita que ele fique bom; dizem que já há empenhos a favor do que lhe deu a facada?

- De nada me admira, resta ver o que fazem; no meu fraco entender julgo que não deveria haver empenhos para um crime desta ordem.

- Há quem diga que foi por engano...

- Razão mais forte para ser castigado o criminoso; o home que a sangue frio espera seu semelhante em uma esquina para o assassinar, não merece gozar da liberdade, e quando o braço que se ergue, para cometer um crime é assalariado para este fim, inda maior devia ser a punição.

- Veremos o júri o que decide.

- O que me diz a respeito do espancamento feito numa infeliz na rua dos Voluntários?

- Que o refinador está na gaiola e o taberneiro escapou-se.

- Consta também que já fervem os empenhos para este negócio ficar em nada.

- Pois eu entendo que devia ser punido, ao contrário, qualquer se julgará com direito de espancar quem lhe aprouver. Estes dois sujeitinhos já não é a primeira em que se metem, tem presunção de valentes e toca a fazer justiça de caboclo.

- Mesmo assim é grande a valentia dos homens darem um uma mulher! Nada de contemplação, Sr. delegado, atraque estes dois valentões lá na casa do Paroba.

- Isto, assim vai mal, priminha, é preciso castigar os que erram, porque além de ser uma das obras de misericórdia, a impunidade faz aumentar os delitos.

- Agora é que preciso eu retirar-me porque já são horas.

- Até quando, priminha?

- Até breve, agora temos muito do que tratar, a festa da Semana Santa não tarda e eu pretendo não perder nada.

- Boas noites!

Pelotas, 24 de março de 1866.

O taquigrafo

DIÁRIO DO RIO GRANDE, 16 E 17 DE ABRIL DE 1866, P.1 E 2.

Palestra Pelotense

Visita das Priminhas.

Brigam-se as comadres, descobrem-se verdades!

- Ora, priminha, isso é mais velho do que os plágios do capitão.

- É mesmo a respeito desse mimoso que eu quero falar e mais do primo literato; o que me diz você destas duas personagens tão importantes?

- Que nem vale a pena falar nestas insignificâncias; porém, enfim, vamos debicar um pouco a tal respeito; direi que nem um nem outro marcham bem, deviam respeitar-se reciprocamente; o literato fazia um grilo gordo com os selos, e por conseguinte não devia dizer que o home que já matou defuntos em Mouron é que está à espera da patente de major para o batalhão, era pirata de produções alheias.

- Mas, priminha, não há quem não saiba que o homem é profundo nestas coisas.

- Você o que quer, não sabe que ninguém gosta que lhe deem em balda certa; o literato foi mesmo pisar no calo que ele mais estimava e por isso refestelou-se, o futuro major não deveria ter tão aferventado, tudo quer tempo, com aquele espalhafato mostrou que estava despeitado, porque há longo tempo que o literato tem o seu negócio de cartas e nunca foi chamado de contrabandista.

- E qual será o resultado de tudo isso?

- Está tão claro como o dia, tudo tornará a seu antigo estado.

- Há gente, priminha, que sempre está pronta para fazer toda a qualidade de papeis.

- É certo que o homem das cartas com selo prendeu ao das cartas sem selo a ordem do chefe de polícia?

- Dizem que sim... se é verdade, eu acredito, e até consta que ele está arrependido de não o ter prendido à ordem.

- Então era melhor ser a ordem do Padre Santo ou do Lopez do Paraguai.

- Já basta de cartas; diga-me alguma coisa respeito da Semana Santa.

- Agora já não tem graça, porque é fora de tempo, o primo da tipografia demorou-se muito na publicação da nossa ultima palestra e por conseguinte já é tarde, a irmandade do S. S. está muito atrasada e deveria primeiro atender a seus de veres do que fazer festa. Assim como ela é reta na cobrança de seus anuais também deveria cumprir as suas obrigações para com seus irmãos. Há muitos anos que a irmandade não tem catacumbas, e quando há necessidade, estas estão em primeiro lugar para isto diz o ditado: primeiro está a obrigação do que a devoção.

- Porém priminha, a festa da Semana Santa é feita de esmolas.

- Não quero saber disso, o papai está zangado com estas coisas e diz que quem é pobre não tem vícios, a nossa igreja precisa de um retablo, porque o que existe provisoriamente não é digno do templo; queixam-se que comparecem poucos irmãos para tomarem opas na ocasião das procissões, e como querem que se apresentem, se a irmandade só tem uma meia dúzia delas já muito usadas?

Se algum devoto quer acompanhar um anjinho, vai sem ela, (o que acho ridículo) porque não as encontra, há ocasiões que nem há irmãos para pegarem nas varas do palio! Olhe, priminha, quando qualquer pessoa quer dar um banquete em sua casa...

- Na minha mão!

- Já você começa, eu agora estou falando sério, porém como ia dizendo, prepara-se primeiro de utensílios para que seus hospedes não sintam faltas; o mesmo deve ser nas festas da igreja; cumpra irmandade com que promete aos irmãos, e depois façam festas, não é todos os anos cobrarem os anuais, pedirem esmola, e depois (pelo menos) dizerem no fim; tanto para armação, tanto para a música, tanto para bombas e foguetes, tanto para padres, e com estes tantos e quantos lá se vão três ou quatro contos de réis assim à moda de fósforos.

- Porém, priminha, é dinheiro que gira.

- Qual história, não é com isso que me convence; da mesma maneira girava e com mais proveito; e finalmente, estou nos meus princípios, como diz o papai – Quem é pobre não tem vícios – paga o que deve e vê o que te fica – primeiro a obrigação depois a devoção...

- Basta, basta priminha, se vai assim, não acaba hoje com os seus provérbios, conta-me o que viu na festa do padroeiro.

- Ora, o que vi, muita coisa que não devia ver na igreja: aqui uma moça benzendo-se de luvas, ali uma outra que nem benzer-se sabia, duas a tagarelarem em toda festa como se estivessem no mercado comprando flores, algumas nas tribunas mais a seu gosto do que quando vão repimpadas nos seus acolchoados carros, até velhas havia que devendo ter mais juízo e respeito ao lugar tratavam dos arranjos da casa como se estivessem na dispensa, uma ouvi eu queixar-se pesarosa porque a escrava quebrou-lhe o vidro de conservas, e tempo depois perguntar a vizinha se já tinha desocupado o tacho, porque ainda queria aproveitar um resto de marmelos. Na sacristia falava-se calorosamente a respeito das eleições (fruta do tempo, apesar de ser temporona); um rapazote que entende tanto de geografia como nós de dizer missa, traçava com a ponta da chibatinha o mapa geral do teatro da guerra, e lá no seu alto entender dizia, que o Tamandaré era um pateta em não ter feito já voar pelos ares Humaita, Assunção e até o próprio Lopez...

- Safa! Que você não é de caçoadas, então deverás viu tudo isso?

- De pouco se admira, na procissão então o caso esteve melhor, por todas as esquinas e na praça do teatro, viam-se carros, seges, ônibus e caleches cheios de povo, a verem a procissão passar, tão a seu gosto como se estivessem num circo de cavalinhos, passar o S. S. e não passar ninguém, para certa gente é a mesma coisa; não sei quando acabar-se-ão esses abusos irreligiosos; o povo entrevera-se de tal maneira na procissão, que não deixa ver os que estão nas janelas.

- Então, priminha, está decifrado o enigma, é por isso que os mais aristocratas procuram os carros e carroças, para verem mais a seu gosto!

- Depois os que se julgam alguma coisa na ordem das coisas, vão atrás do palio, querendo assim intimar de notabilidade.

- Isto é asneira, priminha, pois diz bem certo o ditado que: tão vil é o pó elevando-se as nuvens, como valioso é o brilhante no mais imundo charco!

- Você, priminha, é positiva de mais.

- Há chagas que só bem cauterizadas podem sarar!

- Já que estamos em maré de moralização, será bom avisar ao menino que tome cautela com os seus galanteios; cuidado com o tirapé!!! Olhe que já um outro não se saiu bem de igual empresa.

- Já que estamos na rua das Flores andaremos mais duas quadras, para perguntar ao jovem que não teve bexigas, se já tem arranjado muitas assinaturas para o jornal das suas afeições, e como vai a respeito de casamento.

- Agora, priminha, volte a rua Sete de Setembro e pergunte ao Carlos se já apareceu o sócio e como vai ele de amores com a D. Polícia, a respeito daquele espancamento na rua dos Voluntários.

- O negócio está intrincado, porque apesar dos empenhos, o delegado conserva-se firme.

- E faz muito bem, priminha, é preciso exemplos destes, quando não o negócio vai mal; se vai-se a fazer tudo por empenhos e pagando-se as ofensas com dinheiro, torna-se isso um negócio como outro qualquer; o confeiteiro companheiro nas aventuras noturnas do tal taverneiro, lá está com o Paroba e dizem que todas as noites o sócio do Carlos vem passear a Pelotas, se isto é verdade, é preciso que as autoridades trancafiem este sujeitinho a sombra, para não se constipar.

- Você sabe, priminha, que a quadra vai sendo dos valentes; o peralta dá sopapos a duzentos mil réis, e nada mais lhe acontece; um outro de mesma rua, taverneiro e tamanqueiro, lá destes visporas de gloriosa memória, também incomodam-se com outro da sua bitola e vai aos queixos com vento fresco, testemunha-se, dá-se começo ao processo e no fim de contas, sete onças de ouro abafam tudo.

- Então este vendeu mais caro o seu gênero, quero dizer, deu a cara para apanhar sopapos por mais alto preço do que o decantado Espindola!

- É porque tinha mais dignidade.

- Pois é preciso que a polícia acabe com essas dignidades, que vá metendo entes negociantes de nova espécie na cadeia, e que não consinta que a parte ofendida receba o dinheiro para lavar a ofensa; a sociedade ganha muito com isso, porque só assim se acabarão os abusos.

- Nós, priminha, é que estamos abusando hoje a pachorra do nosso taquigrafo e das colunas do *Diário* vamos dar ponto final que já não é sem tempo.

- Espere, priminha, antes de fechar a mala, mais uma cartinha, porém, cuidado com o major em perspectiva, diga por ai a alguns sujeitinhos que dizem que nós não somos as mesmas priminhas antigas do Diário, que se quiserem a palestra com mais chiste, que nos forneçam apontamentos e que por isso temos o nosso agente mor lá na antiga rua dos Coqueiros, depois

Alegre e agora não sei mais... Porque está claro que assim sem temperos não se pode fazer bom guisado, assim também sem notícias não se pode ser noticioso.

Enquanto a carta do primo Quintiliano do Rio Grande, que seja mais explicito no que diz relativo a nós, eu não sei se foi ameaça ou conselho, porém, de qualquer maneira conte com o Taquigrafo.

Pelotas, 10 de abril de 1866.

DIÁRIO DO RIO GRANDE, 6 DE OUTUBRO DE 1866, P.2.

Palestra Pelotense

Visita das Priminhas.

- Dá licença, priminha?

- Estava mesmo pensando em você, porque tenho muito que lhe contar; os nossos antigos agentes vão se chegando e por isso hoje temos pano para mangas.

- Então nada de preâmbulos, porque eu também não ficarei atras e mesmo é preciso satisfazer o pedido do primo da *Gazeta*.

- Então o que é que ele quer?

- Que as priminhas sejam noticiosas agradáveis, porém siga *la porsicione* e nada de broma; tenho a lhe participar que a sociedade comanditária de que lhe falei na semana passada a respeito da diminuição das onças está quase descoberta.

Então priminha não poupe
Esta cáfila de tratantes,
Este bando de alerifes,
Essa sucia de filantes.

- Disse-me o Bicudo (seja dito aqui em particular que depois que usa as barbinhas à inglês está ficando um ratão de bom gosto), porém, como ia dizendo: disse-me ele que desconfia muito de dois sapateiros de prata que moram na rua dos santos das balanças, disse que um além de fazer os seus consertos e de dar corda na imensidade de relógios que tem na tenda, e também sócio da tal comandita, e que o outro nas horas vagas quando não faz guinchar o manhoso realejo dos macacos que fazem caretas aos transeuntes, também se ocupa no tal inocente negócio.

- Porém, priminha, estes dois meninos trabalham de lima, mas na tal sociedade deve haver os fornecedores do gênero.

- O Bicudo não quer nomear o nome de um, para não comprometer o sócio patrão, e não quer dizer que o outro mora lá perto do mercado, porque prometeu a santo Adolfo guardar segredo...

- Neste caso, o ladrão como o consentidor, assim diz o adagio, mas isto será certo, priminha?

- Inda não estava verdadeiramente provado, porque os cujos trabalham com muita cautela e segurança, porém diz o ditado – tanto vai o cão ao moinho que lá deixa o focinho – e por isso, mais dia menos dia, eles são agarrados com a boca na botija, como se diz.

- O que me conta você, priminha, de uma letra que se quer cobrar pela terceira vez?

- Está história é muito galante, ora vá ouvindo: um ferreiro pediu a prêmio a um aguadeiro um conto e quatro centos mil réis: o ferreiro ficou doente e quis se retirar par a sua terra natal ao tratar de sua saúde: o aguadeiro quer receber o seu dinheiro, o ferreiro tira mais quatro contos de réis a prêmio, hipotecando um sobrado que tinha paga com este dinheiro a letra do aguadeiro; o ferreiro morre na Europa e o ourives apresenta uma conta de Grão Capitão, na qual figura um conto e tanto de comedorias que diz dever o finado, o dinheiro para o pagamento de tal letra; para mais segurança o ourives quis que o aguadeiro lhe passasse um recibo como o pagamento da letra foi feito por ele ourives, porém não conseguiu seus intentos, agora aparece um chapeleiro, querendo de novo cobrar a mesma letra, a qual já foi paga duas vezes!!!

- Oh! Que gente, priminha! E qual será o desfecho dessa contradança?

- Trata de se provar com testemunhas toda essa geringonça e desmascarar o ladrão ou ladrões desta festança.

- E o chapeleiro quem é, priminha, que se presta para essas brincadeiras?

- Dizem que é um que venho do Rio, assinado um termo em como tinha cera nas unhas!

- Não sei quem é priminha.

- Não conhece você outra coisa, é um sujeito de face figura, que todas as madrugadas e depois das dez da noite, vagueja por toda a cidade em busca de novidade e que até tem sido visto a escutar pelos corredores e a expiar pelas fechaduras das portas o que se passa no interior das casas.

- Convide ele, priminha, para nosso agente, creio que não seria má aquisição.

- Deus me livre de tal peste.

- Há homens, priminha, que são indignos de ocupar até o chão que pisam.

- Porém você, priminha, não me disse o nome do tal ourives que deu a letra ao chapeleiro para ser cobrada pela terceira vez?

- Não digo, porque prometi ao Tibério guardar segredo, e você bem sabe, priminha, que apesar de eu ser *mulher*, não quero que se me aplique o rilão que diz: *segredo em boca de mulher é o mesmo que manteiga em focinho de cão.*

- Basta, priminha, já que você disse que ele pediu segredo, respeito muito os seus bons desejos. Conte-me então algo da questão *Linguado* e *Cristóvão*.

- Consta-me que o *Linguado* quis arrombar ou arrombou alta noite a casa onde mora o seu contendor e creio que foi por causa da preferência de uma camélia.

- Pois por causa de uma flor arromba-se portas?

- E se fosse flor ora pão com mel, priminha, porém a questão foi por causa mais insignificante.

- Admiro que o *YôYô Linguado*, querendo ser moço do pote, pratique estas ações, bom será que tudo isso dê em cada.

- é como estar vendo, priminha, muito espalhafato no princípio e por fim Nossa Senhora da Paz mete-se no meio.

- Ainda bem que assim seja, ao contrário poderia o moço suicidar-se pela segunda vez.

- Sabe priminha, que fiz aquisição de quatro agentes superiores que prometem auxiliar a nossa palestra.

- Quem são esses bravos campeões?

- Quatro priminhos bem bonitos: o Barbadinho, o Manequim, o Morteiro e o Quimquim.

- Já que os quatro são vizinhos, priminha, faça eles carregarem a *zabumba* num andor...

- Não entendo o que você quer dizer, priminha?

- Diga- lhe isto, que eles hão de entender...

- O que me diz do Club, priminha, já a há muito tempo que não ouço falar nesta casa.

- Disse-me o Taveira que aquilo está no *deprofundia*!

- O que me diz, priminha, pois aquela casa organiza com tanta ordem, luxo e magnificência, se vai concluir!

- Você o que quer, são coisas de Pelotas; você bem sabe que aqui nada vigora.

- Porém qual é a causa que faz aniquilar-se aquela associação tão *útil* e agradável?

- Muitas: a primeira falta de *Plata* e a segunda...

- Basta, basta, priminha, já fiquei inteirada de todos os porquês; não precisa botar mais na carta; basta que diga que falta a mola real que faz mover todos os machismos.

- Creio que breve teremos que assistir ao funeral do Club; e apesar de ser a encomendação cantada, por um só sacerdote dos três que cá temos do martelo, o fará guiar ao caminho da bem aventurança e em vez do dobre do campanário só fara a chamada dos fiéis ao som dos clássicos foguetes.

- A terra lhe seja leve!

- Amém!

- A sociedade dramática particular deu pela espora, e já anunciou convidado os interessados a se apresentarem.

- E breve teremos o gosto de ver os nomes dos filantropos que aceitaram bilhetes para o benefício e que agora recusam-se a paga-los.

- E haverá gente, priminha, que aceitando um bilhete para qualquer benefício deixe depois de pagá-lo?

- Haverá em dúvida: fique sabendo que há com certeza e são destes de gravata lavada, como se costuma dizer.

- Então não publicaram os nomes dos tais, porque, enfim, você bem sabe priminha que nem todas as verdades se dizem.

- Porém os homens prometeram publicar, e agora se assim não fizerem.

- Eu quero ver para crer.

- Você prometeu na nossa última conversa com nossos amáveis fiscais.

- E já ia me esquecendo: é preciso dizer ao fiscal do mercado que trate de averiguar se os açougueiros além de nos venderem carne magra pesam-na em regra: tenho ouvido várias queixas a tal respeito e também que examinem bem de tempos em tempos se naquelas bodegas que existem de muros a dentro há a necessária limpeza e boa qualidade de gêneros comíveis e bebíveis (como diz o Chimbézinho), porque a obrigação do fiscal no mercado não é só receber

os emolumentos e sim cuidar também no asseio e limpeza do edifício e que o povo não seja logrado.

- Será cumprido fielmente o seu pedido, priminha.

- Dirá também o outro fiscal que é preciso mais cuidado e dedicação com a limpeza da cidade; faça-lhe ver que há muitos lugares que com qualquer aguaceiro ficam intransitáveis, que quando fizeram a matança da cachorrada tiatina haja cuidado na remoção dos falecidos para lugar conveniente, afim de não ficarem em estado de putrefação, como já tem acontecido algumas vezes. Diga-lhe mais que ainda há bem no centro da cidade terrenos por murar e que são verdadeiros esconderijos para qualquer espera, e como as *priminhas* do *Diário* não tem cisma de valentes e andam de noite pelas ruas, não se querem expor as algumas brincadeira de mau gosto.

- Você, priminha, está hoje dando mais ordens que um presidente da província.

- Pergunta também ao fiscal, ou a quem competir, que lhe explique qual a razão porque estando a câmara mandando abrir ruas para facilitar o trânsito público se consente que um particular tape um terreno desde o fim da rua sete de setembro até quase o porto da cidade, obrigando o imenso povo que continuamente transita para as charqueadas a darem uma longa volta.

- Ouvi dizer, priminha, que era para obrigar aos donos de cavalo que pastam na vargem a botá-los no potreiro, pagando, já se sabe.

- Também quero que pergunte aos fiscais se os cavalos que pastam na vargem estão sujeitos a irem parar no curral do conselho, e se a lei é igual para todos ou há exceções.

- Já acabou de dar as suas ordens, priminha?

- Por hoje já.

- Irra! Pensei que não terminava. A maçada tem sido grande e portanto até a primeira.

- Pois já, priminha?

- Se lhe parece, fiquemos a tagarelar até o dia do juízo.

- Então até domingo.

- S e Deus não mandar o contrário.

Pelotas, 30 de setembro de 1866

DIÁRIO DO RIO GRANDE, 19 DE OUTUBRO DE 1866, P.2.

Palestra Pelotense

Visita das Priminhas.

- A priminha da licença que a cumprimente??

- Oh! Pois não, sem mais aquela, você pensa que eu estou muito contente com a menina? Diga-me: porque motivo você deixou de vir semana passada, conforme tínhamos convencionado?

- A gente propõe e Deus dispõe; é verdade que essa era a minha tensão, porém circunstancias houveram que me privaram de a vir cumprimentar, e mesmo pouco tinha que lhe contar e você bem sabe, priminha, que não havendo coisas de vulto, depois os nossos apreciadores dizem que a palestra não presta.

- Quem sabe se você está com medo dos homens das onças ou da letra?

- Qual história, quanto mais eles ganirem mais levarão para o seu tabaco, porque *quem não quer ser lobo não lhe veste a pele*, e não será com vis ameaças que nos farão calar; o direito de conquista já acabou desde o tratado de 1815, e por isso, quem tiver muita força que vá carregar pedra, não é dizendo ai pelas esquinas que hão de quebrar as costelas das *priminhas* que se reabilitam na opinião pública.

- Deixe ladrar esses perros, priminha, e vá lhe dando para a frente, o que poderá resultar é algum pobre diabo levar alguma esfregadela de lombo, porém não faz mal, *há males que vem para o bem*, é dar-lhe com o ano de N. S. Jesus Cristo para a frente, porque os procuradores e escrivães não vivem de outra coisa.

- Então quer você dizer que a ocasião é favorável para alguém mandar fazer casaca nova, porém em tal caso sempre será bom que os homens tenham uma certeza certa e não se guiem pelas aparências, para não pagar o justo pelo pegador.

- Eu com isso é que não tenho nada, porque conforme diz o ditado *enquanto o pau vai e vem folgam as costas,* e, portanto, enquanto os cujos buscam resolver o problema ou julgam já o terem resolvido, nós vamos tirando a sardinha com a mão do gato; e para mostrar que não temos medo, lá vai lenha: o procurador do defunto acomodou-se com o homem que faz batuques pela ninharia de três contos e mais alguns pós.

- O que me diz, priminha?

- Quem me contou foi o chapeleiro que, aqui para nós, seja dito em abono da verdade, é uma excelente criatura.

- Não fale assim, priminha, olhe que o homem está furioso contra nós.

- Diga ele que se cale, ao contrario terá o prazer de ver a sua brilhante biografia em letras garrafais que não é ameaçando o céu e a terra que inspira pavor. O outro freguês das onças (o do realejo) será bom dizer que se acautele, porque me consta que a polícia tem dados certos em como ele é um perfeito oficial de lima...

- Diga, priminha ao Conde dos Arcos que seja mais comedido no seu falar porque ele é um dos menos habilitados para *bufa*r, que se lembre do que foi e do que é e meta a viola no saco, e lembre-se do antigo rifão que diz *quem tem rabo não se assenta*, e outro que diz *quem me avisa meu amigo é*.

- Já que o negócio vai por avisos será bom também dizer a certo menino lá da *estranja* que ele está avisado para ser nosso agente.

- Há poucos dias me disse o Espindola que o Leão de S. José além de ter uma aduela de menos, era um refinadíssimo vadio, e que o pai não podia com ele, e ainda disse mais, que se não fosse filho de quem é, já há muito tempo estaria em um barco de guerra.

- Oh! Que *injustiça*, priminha, aquilo é coisa muito *boa*, é nata da nossa rapaziada pelotense.

- Se aquele é a nata não sei qual será o soro!

- Já basta de nos ocupar com malucos, tratemos agora dos finórios, porque a raça é muito vasta; por exemplo, que sociedade é uma que aqui se intitula H.. H..?! pelo pomposo nome que tem não pode deixar de ser grande coisa.

- É uma máquina de cardar a lã dos patetas, promete mundos e fundos, e quando vê exaustos os fundos dos pios manda-os pregar a outra freguesia, e para provar ali está o primo da ilha que enquanto tinha que cardar, não lhe deixaram um fiapo, agora a família dele pede aos tais da humanidade, que se lembrem do seu antigo companheiro e o favoreçam com alguma coisa... fazem ouvidos de mercador.

- O Espindola também já pertence ao grêmio da dita casa, porém, anda ali como gato por brasas, porque ainda *não sabe dar o primeiro passo no ângulo de um quadrado*.

- Hein? Provavelmente houve bródio?

- Isto é sabido, pólvora forte não faltou, assim como barricas e canhões e consta-me que atiraram muitos canhonaços, o que não tenho certeza é se serviram de alforje e picareta, porque não sei a qualidade dos materiais, assim como não sei se andaime havia bandeira e telhas.

- Participo-lhe, priminha, que não entendo de todo esse aranzel nem meia palavra.

- Pergunte aos meninos do colégio... porque como ele quer representar o pilar da sabedoria, talvez lhe possam explicar.

- É célebre! Cada vez entendo menos!

- Pois então mudemos de assunto. O primo Pessola vai levantar o preço da carne, porque a câmara não quer mais que ele mande os seus escravos venderem a carne nos açougues.

- E é justa essa proibição, porque assim determina o artigo das posturas.

- Porém a Ilustríssima deveria te rum pouco de condescendência com ele, visto ser o único que vendia a carne a cinquenta réis a libra.

- Mas, priminha, consta que os pretinhos faziam seus arranjos com os pesos.

- Isto é questão a parte, multem os infratores, porque para isso há fiscais, e se estes cumprissem com a suas obrigações não haveriam tantos abusos, o que sei é que por causa dessas coisas já hoje o papai pagou a carne a cem réis a libra, e por fim de contas quem vem a sofrer com isso é o pobre povo, e outras coisas de maior necessidade que não se faz caso.

- Isto agora, priminha, é lá com eles.

- Já sabe que chegaram parte das propostas do batalhão?

- Parte, diz você, priminha, se vai assim breve serão todos oficiais.

- E o que tem isso, você bem sabe que a campanha de fevereiro está prestes, e por conseguinte é preciso preparar o terreno.

- Teremos também mudanças de autoridades, como disse o *Comércio* (de papel).

- Isto ainda há de ser o que disseram dois boticários; até ver não é tarde.

- Conte-me alguma coisa a respeito de um pai que foi pedir a outro pai para fazer com que o filho casasse com a filha!!

- É segredo de gabinete, portanto um véu sobre estas fraquezas humanas, acima de nós temos um Deus, que nos castiga e premia segundo nossas ações.

- Saberá, priminha, que vi o eis João dos bonecos com uma barba tamanha, que parecia um monge da terra santa.

- Talvez ande agora em penitencia purgando-se das boas ações que praticou.

- Participo-lhe que me vou chegando a quartéis; e desde já fica convidada para no domingo próximo irmos passear nas ruinas de Itapiru.

- Lá não vou eu, sou como muitos rapazes da moda que não gostam do cheiro da pólvora, e só proseiam atras dos bastidores.

- Olhe que eu chamo as ruinas de Itapiru a ponte nova do arroio de Santa Barbará.

- Isto agora é vinho de outra pipa, priminha, fique, portanto, sabendo que já estou pronta e lá iremos se não chover.

Pelotas, 14 de outubro de 1866.

O Taquigrafo

DIÁRIO DO RIO GRANDE, 1 DE NOVEMBRO DE 1866, P.2.

Palestra Pelotense

Visita das Priminhas.

- Ontem, antes da chegada do vapor do Rio Grande, andava um esturdio de porta em porta noticiando todo glorioso a queda total do ministério e dizia entusiasmado: "- Agora sim: o partido baronista leva trambolhão na província", e até consta que tencionavam botar na rua música e foguetes, porém com a chegada do vapor moderaram os ânimos.

- E haveria licença para a música tocar? Dizem que a gora está proibida de sair na rua, para de maneira alguma não passar em julgado a vontade do povo, como diz o primo Quinca.

- Como o fim era justo, e o que fez a proibição, da mesma panela, se bem que muita gente cá da terra tem o privilégio de capivara, que se assusta quando ouve tocar.

E o que me diz das reuniões populares e patrióticas?

- Nada.

- Pois não sabe nada?

- Sei de muito, tanto como a priminha, mas renego falar nisso para não dar mais vulto a intrigalhada que por aí vai.

- Ah! Como esta reservada! Faz bem. Porque assim ninguém sabe para o lado que V. pende. Pois eu, sou pelo povo.

- Estimo muito: também eu sou do povo, mas em tais casos direi sempre – *do povo tudo, pelo povo nada.*

- Bonito! Como esta aristocrata!

- Sou sempre a mesma *Joana*; mas em certas circunstâncias, prefiro o silêncio. Tenho parentes implicados num e no outro lado, e não desejo mortifica-los com a minha isolada opinião.

- Oh! Vejo que V. está com medo por isso tanta delicadeza.

- Faça o juízo que quiser: estou com minha consciência - *é quanto basta*.

- Quem sabe se V. já foi pedida em casamento por algum fidalgo?

- Sabe que mais, mudemos de conversa; há muito de que nos ocupar.

- Mas eu hoje estava disposta a tratar largamente das reuniões populares.

- Então retirar-me-ei;

- Mão vá não, não se enfade, fique; e prometo não falar mais nisso.

-Está dito, assim fico.

- Ora, tomará mate, que tenho boa erva.

- Ora, primeiro que tudo, diga-me priminha, sabe onde é o Alcázar de Pelotas?

- Pois também temos por cá disso?

- Contou-me o novo agente da Es... um dos frequentadores, que é coisa sublime!

- Então, priminha, se não é negócio de segredo, também quero saber.

- Disse-me ele que é lá para as bandas da igreja, em uma casita de pouca aparência, onde mora uma velha, uma moça e duas meninas, segundo diz ela mesmo, é a mais bonita cá de Pelotas.

- Talvez o espelho que ela tenha seja embaciado: porém vamos ao caso.

- Como ia dizendo, na tal casa reúne-se grande porção de rapaziada do *pote*, e depois das tantas começa o samba.

- Não entendo, priminha, o que você quer dizer.

- Digo, começa a dançarola: e é um barulho dos meus pecados, todos falam e ninguém se entende, o B. recita poesias e discursos de arroba, e até as vezes na falta de rabeca, toca música num pente, a velha já capaz de ter netos, dança o cancã mesmo de tamancos e a filha bota um turbante de mil cores que lhe fica mesmo a matar...

- Com que então...

- Ouça o resto: quando os cavalheiros estão com calor, vem a rua tomar fresco, e para não perderem tempo apostam carreiras a pé e fazem uma estropiada capaz de fazer ressuscitar o mais pacífico defunto, e depois voltam a folia.

- Porém, priminha, sendo a casa pequena, como você diz, pode admitir tantos dançadores?

- é porque a rapaziada evade quartos, carregador, varanda e creio que dançam até na cozinha.

- Safa! Priminha, que furor dançante! E quem são os da comitiva?

- Tudo rapaziada *limpa*: e o primo ramo de alfavaca, o petit Diogenes e seu companheiro Carlos que tem pesos, e outros muitos que depois lhe direi.

- E costuma durar até tarde este folguedo?

- Somente até o amanhecer do dia, e depois vão todos e todas tomar o saboroso leite, ver raiar a madrugada e ouvir trinar os passarinhos. Diga-me agora, priminha, é ou não um Alcazar em ponto pequeno?

- Verdadeiramente não lhe sei o nome que lhe deva dar, só direi que quem boa cama fizer *nela se deita*, há gente, priminha, que de tudo tira partido, abusam da simplicidade do seu semelhante sem dó nem compaixão, é bem certo o ditado que diz: *Quem acha mola carrega.*

- Sabe que mais, priminha, deixe Deus com o seu mundo, porque *quem é lerdo não como guisado.*

- Diga-me o que se diz do novo *carapuceiro* do *Comércio* de papel? O tal cujo parece que quer conversa com as *priminhas* do *Diário*?

- Porém nós não costumamos gastar cera com ruins defuntos. Diga a ele que não se mete em camisa de onze varas. Que tem havido muito menino bonito que deseja saber quem nós somos e que até hoje ainda estão em jejum, que mude de bordo porque o que ele quis dizer já é muito velho e se assim continuar por certo não ganhará as alvissaras; por hoje não digo mais nada, porém que se lembre que nunca é bom pôr a luz (embora seja insignificante) ao pé da pólvora.

- Priminha, você deu um cavaco mais do que merecia o tal *carapuceiro gracioso*...

É porque a nossa palestra embora seja *graciosa*... como ele diz já conta quase seis anos de duração e não é para ser chamada de oferecida por qualquer rabiscador das dúzias; a nossa palestra, priminha, tem sido sempre apreciada, porque além de ser decente só fustiga aqueles que não cumprem com seus deveres e aos pedantes que caem no ridículo com seu mau comportamento, e finalmente, priminha, a palestra tem feito mais bem do que mal.

- Ora, quem a de favor a noiva! Você é suspeita, priminha.

- Estou no meu direito, ao menos não faço como muitos que se elogiam a si mesmos.

- Fazem-nos muito bem, não querem ver a sua reputação perdida e por isso tratam de a sustentar.

- E eu vou tratar de ir ver a procissão, porque já são horas.

- Vai de carro, priminha?

- Deus me livre, você bem sabe o quanto eu sou contra os que veem as procissões de carro e mesmo contra as autoridades porque não proíbem esses abusos.

- Então veja o que houver de mais notável para me contar no domingo.

Pelotas, 27 de outubro de 1866.

O Taquigrafo

TABELA DE FOLHETINS:

TÍTULO	AUTOR	ANO
Piquillo Alliaga ou Os Mouros no Reinado de Felipe III	Eugène Scribe	1849 - 1850
Os sete pecados Mortais ou Frederico Bastien	Eugène Sue	1850 - 1851
Os Mistérios do Povo	Eugène Sue	1851
Lucia de Miranda	Cândido Batista de Oliveira	1851
Miss Mary ou A Mestra	Eugene Sue	1852
Bela Rosa	Amedíe Archard	1852
Olimpia de Cleves	Alexandre Dumas	1853
Rosa	Joaquim Manoel de Macedo	1853
A Buena Dicha	Eugène Sue	1853
A mão do Finado	Alexandre Dumas	1853
Branca D'orbe	hipplolyte Castille	1854
A dama das pérolas	Alexandre Dumas Filho	1854
Vicentina	Joaquim Manoel de Macedo	1855
O Forasteiro	Joaquim Manoel de Macedo	1855
Recordações de Viagem	George Bisse	1855
Antes a morte do que a escravidão	Moreli	1855
Pensa e Ama	Sem autoria	1855
A mulher	Adadus Calpe (Brasileiro)	1855
Uma vítima da felicidade	Sem autoria	1856
Memórias da viagem de SS. MM. Imperiais a Petrópolis	Sem autoria	1861
Os Miseráveis	Vitor Hugo	1862
O ouro é uma quimera	Sem autoria	1862
A três irmãs	Sem autoria	1862
Armandina	Charles Deslys	1869
O tesouro fatal	Ernest Daudet	1870
A mulher imortal	Pierri Alexis Ponson du Terrail	1869-1870
A família do jesuíta	José Maria de Andrade	1871
O conde de Mansfeldt	Alexander de Lavergne	1871
Margarida	Fred Soulié	1871-1872
História de um tabelião e de uma pipa de ouro em pó	Paul Féval.	1872-1873
Vida infernal	Émile Gaboriau	1873-1874

O primeiro amor de Carlos Nodier	Paul Féval	1875
O ninho dos rouxinóis	Théophile Gautier	1875
Oh! Que apuros!...	Leopoldo Marchal	1875
Porque?	Mathilde Stev	1875
O castelo das três torres	Mery, traduzido por J. N. do Cruzeiro Seixas	1878
Um Tipo de Mulher	Jorge de Andrade	1878
Duas almas transmigrada	Mery	1878-1879
A mulher do joalheiro	Paul Saunière	1880-1881
Margarida	Lúcio de Castro	1880
O segredo da viúva	A Mathey	1881
Os doidos de Paris	Jules Lermina	1881
A idiota	Émile Richebourg	1882
Um amor de mulher	Lucio de Castro	1882
O casamento de uma atriz	Henry Gréville	1882-1883
O segredo do jesuíta	Eugênio Morete	1883
O grilheta	Georges Pradel	1883-1884
A viúva	Octavio Feuillet	1884
Margot	Fortuné du Boisgobey	1884
O caminho do crime	Alexis Bouvier	1885
A padeira	Xavier de Montépin	1885
Ângela	Xavier de Montépin	1886
Rigolo	Xavier de Montépin	1887
O caixão negro	Georges Padrel	1887
casamento a revolver	Jules Mary	1887
Lise fleuron	Georges Ohne	1888
A avó	Émile Richebourg	1888
Os autos n° 113	Émile Gaboriau	1888-1889
Decapitada	Fortuné du Boisgobey	1889
Os selvagens de Paris	Gustave Aimard	1890
O livro verde	Maurice Jokai	1891
Padres e Beatos	Hector Malot	1900
Dever e Haver	Gustav Freytag	1901
O Trapeiro de Paris	Felix Pyat	1902
A San Felice	Alexandre Dumas	1904
Cadeia Eterna	Carolina Invernizio	1907
A Caixeira	Ernesto Daudet	1907
Cadeia Eterna	Carolina Invernizio	1907

A Sereia	Camilo Castelo Branco	1908
O Rei Peste	Edgard Poe	1908
Os Mistérios do Rio Grande	Tycho Brahe	1908
O correio de Lyão	Pierre Zacone	1908
Ker-Poc	M. Aigueperse	1909
O capitão Dreyfus	Eduardo de Bray e Ramon Sempau	1910